

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

CARLOS ALEXANDRE DA SILVA NASCIMENTO

**CARTAS AO EDITOR: DISCUTINDO O UNIVERSO RACIAL
TRABALHISTA NORTE-AMERICANO EM *THE CRISIS*
MAGAZINE, 1910-1920**

Doutorado

Versão Corrigida

São Paulo
2023

CARLOS ALEXANDRE DA SILVA NASCIMENTO

**CARTAS AO EDITOR: DISCUTINDO O UNIVERSO RACIAL
TRABALHISTA NORTE-AMERICANO EM *THE CRISIS*
MAGAZINE, 1910-1920**

Doutorado

Versão Corrigida

Tese apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Doutor em
Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Robert Sean Purdy

São Paulo

2023

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

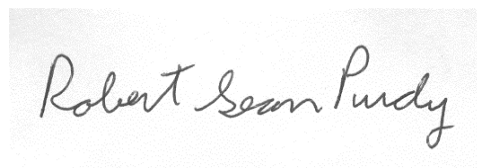
Nome do (a) aluno (a): Carlos Alexandre da Silva Nascimento

Data da defesa: 01/09/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Robert Sean Purdy

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 31/ 10 /2023



(Assinatura do (a)orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

N244c Nascimento, Carlos
Cartas ao Editor: Discutindo o Universo Racial
Trabalhista Norte-Americano em The Crisis Magazine,
1910-1920 / Carlos Nascimento; orientador Robert
Purdy - São Paulo, 2023.
356 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. História dos Estados Unidos . 2. Direitos Civis
. 3. Imprensa Afro-Americana . 4. W. E. B. Du Bois.
5. NAACP. I. Purdy, Robert, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

CARLOS ALEXANDRE DA SILVA NASCIMENTO

CARTAS AO EDITOR: DISCUTINDO O UNIVERSO RACIAL TRABALHISTA NORTE-AMERICANO EM *THE CRISIS MAGAZINE*, 1910-1920

Tese apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Doutor em
Ciências.

Aprovado em 1º de Setembro de 2023

Presidente da Banca:

Prof. Dr. Robert Sean Purdy
Departamento de História da Universidade de São Paulo

Banca Julgadora:

Prof^a. Dr^a. Mary Anne Junqueira
Departamento de História – Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Flavio Thales Ribeiro Francisco
Departamento de Relações Internacionais – Universidade Federal do ABC

Prof. Dr. Sávio Machado Cavalcante
Departamento de Sociologia – Universidade de Campinas

Say ‘nigger’ you have said lots more than a brute should say. Come down; we will show you where the El Person tree is. No fire there now – just plenty rope. Come nigger, easy. We will see to it”. (Anonymous)¹

The following letter was sent to a colored undertaker of Charleston, S. C, under the mistaken impression that he was white:

As a leading citizen of your community, and having confidence in your patriotism, I take the liberty of bringing to your attention a matter which cannot fail to appeal to every real American.

Its need today, when the fourteen million people of the colored race of America are organizing, and when the Anarchist and Bolshevik forces are encroaching daily upon the basic principles of Americanism, cannot fail to be apparent to the thinking man.

If you are interested in this matter I would be glad to hear from you at once.

Yours very truly,
Edw. Yaz Clark.²

¹ “Diga ‘negro’, você tem dito muito mais coisas do que um bruto deveria dizer. Desça aqui; nós te mostraremos onde a árvore de El Person está. Não há fogo lá agora – apenas corda. Venha negro, com calma. Nós cuidaremos disso”. Carta anônima referente ao linchamento do afro-americano Ell Persons, ocorrido em 22 de maio de 1917. THE CRISIS, New York, v. 15, n. 3, p. 127, Jan., 1918.

² “A seguinte carta foi enviada a um agente funerário de cor de Charleston, S. C., sob a impressão equivocada de que ele era branco: ‘Como cidadão líder da sua comunidade, e tendo confiança no seu patriotismo, tomo a liberdade de chamar a vossa atenção para um assunto que não pode deixar de apelar a todos os verdadeiros americanos. Sua necessidade hoje, quando os quatorze milhões de pessoas da raça negra da América estão se organizando, e quando as forças anarquistas e bolcheviques estão invadindo diariamente os princípios básicos do americanismo, não pode deixar de ser aparente para o homem pensante. Se você está interessado neste assunto, eu ficaria feliz em ouvi-lo imediatamente. Atenciosamente, Edw. Yaz Clark’.” Fragmento de uma correspondência enviada por um membro da Ku Klux Klan para um empresário afro-americano. THE CRISIS, New York, v. 21, n.1, p. 22, Nov. 1920.

AGRADECIMENTOS

A longa trajetória que trouxe esse trabalho até aqui se mostrou árdua. Mais árdua do que todas as previsões sobre ele. Durante seu desenvolvimento, não apenas esse trabalho de História, mas todos aqueles, das mais variadas áreas do conhecimento, produzidos durante os últimos anos, fizeram parte da própria história.

As nações, limitadas por suas fronteiras, tiveram que enfrentar uma situação e, porque não dizer, um risco em comum. Nesse processo, países se sobressaíram melhor do que outros. Como uma pesquisa que não ficou alheia a todos os eventos que estiveram presentes em seu tempo, ela precisou se adaptar e percorrer outros caminhos que, ao contrário do que se possa pensar, fazem com que ela seja ainda mais significativa graças ao apoio direto e/ou indireto de todos os envolvidos com ela.

Primeiramente, quero agradecer à minha família. Ainda que a maioria dos integrantes não saiba detalhar sobre o que se trata o trabalho, seus pensamentos e sentimentos estiveram centrados em sua concretização. Um dos que mais se interessou por ele dentro desse ambiente familiar, foi meu pai, Raimundo. Durante boa parte de seu desenvolvimento, meu pai me indagava toda semana, por vezes mais de uma vez, sobre o seu andamento. Não foram poucas as ocorrências em que o autor parecia enviar uma mensagem por telepatia como que se dissesse “não me pergunte sobre isso”. Mas eu entendo o interesse e a vontade de sucesso do filho e agradeço muito por isso. Minha irmã, Érika, um pouco distante em meio aos seus próprios afazeres, mas, da mesma forma, desejando a realização da melhor maneira possível. Em especial, quero agradecer à minha mãe, Maria Lúcia, e ao meu irmão, Danilo, pela paciência demonstrada durante o último ano de escrita do trabalho. O estilo de vida calmo e rotineiro que tinham foi um pouco modificado pelas diversas impressões de artigos e fontes que ficavam espalhados pela casa. São nesses momentos que percebemos que não realizamos trabalhos apenas para nós mesmos ou para a academia, mas para uma rede mais ampla de pessoas que tem na família os primeiros elementos.

Devo agradecer também à minha tia, Ana e ao seu filho, Daniel pelo acolhimento e convívio na grande metrópole. Tal atitude fez com que nossas relações de parentesco ficassem mais fortes por meio de ajuda e engrandecimento mútuos. Agradeço da mesma forma meus familiares Vera, Amarildo, Rafael, Franciele e Yuri pelo convívio e desejos de sucesso no processo de escrita.

Ainda que não compartilhando os mesmos laços sanguíneos, os amigos podem ser considerados como, no mínimo, familiares. Dentre os que mais estiveram presentes, não apenas nos anos que compreenderam o trabalho, mas anteriormente, Michel Gomes da Rocha tem destaque. Essa relação de confidencialidade remonta à época de mestrado e espero que se estenda por mais longos anos. Em nossas trocas de informações sobre as pesquisas que estavam sendo desenvolvidas, devo confessar que fui um melhor ouvinte que um falante. Em nossos diálogos que se assemelhavam a desabafos, Michel soube entender e expor suas opiniões sobre os próximos passos na escrita de alguns dos capítulos desse trabalho. Sou muito grato a isso e espero estar disponível sempre que ele precisar. Outro que, mesmo não fazendo parte da área de pesquisas, mas que se mostrou atento ao que estava sendo desenvolvido foi Edson Spitaletti. Nossas conversas sobre o universo cinematográfico foram uma válvula de escape para que o autor não estivesse apenas centrado nas questões que envolvem trabalhos dessa magnitude.

Tenho que mencionar os amigos da cidade de Montes Claros/MG, Wicliff (sim, escreve-se assim mesmo), Samuel, Marcos, Esley, Ednei, Denio por todas às vezes que me convidaram para beber uma cerveja e precisei recusar por ter que adiantar alguma atividade na escrita do trabalho. Obrigado pela cooperação e espero passar bons momentos e suas companhias.

Agradeço à Juliana Jamilles pelo apoio e convívio em boa parte da elaboração da pesquisa e por estar junto nos diversos momentos estressantes. Obrigado Leia e Frodo por serem esses gatos maravilhosos e travessos bem como eu queria. Agradeço por vocês terem derrubado objetos no chão poucas vezes durante o processo de escrita.

Devo agradecer imensamente aos profissionais com quem tive o prazer de conviver e aprender nesse período. Aos professores Flávio Francisco e Wanderson Chaves pelas significativas considerações expostas no Exame de Qualificação e que contribuíram para uma nova direção na abordagem a ser trabalhada. A Rafael de Bivar Marquese e a Luiz Sérgio Repa pela maestria na condução das disciplinas ministradas e que auxiliaram em novas perspectivas na discussão de determinadas questões. À professora Leila Leite Hernandez, sempre interessada na questão africana e de seus descendentes. Durante o período, fui convidado e tive o prazer de integrar o grupo de estudos organizado pela professora Mary Anne Junqueira e os professores Robert Sean Purdy e Flávio Francisco “História dos Estados Unidos: regional, nacional e global

(séculos XVIII ao XXI) onde pude entrar em contato com diversas abordagens que regem às múltiplas nuances do país norte-americano.

Preciso agradecer também aos professores da época de graduação. Gostaria de nomear um por um, mas as limitações aqui impostas não me permitem. Dessa forma, espero que todos se sintam representados por meio dos professores Marta Sayago, Jânio Marques, Jonice Reis. Um agradecimento especial está na figura de César Porto, que representa para mim uma inspiração e cuja forma de expor o conteúdo ainda continua em minhas memórias.

A execução desse trabalho não teria sido possível, nesse momento, se não contasse com o financiamento do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico³ que permitiu, durante a sua maior parte, a dedicação em tempo integral. Sou extremamente grato pela oportunidade e confiança depositada em mim para desenvolver a discussão proposta.

Da mesma maneira como assinalado na Dissertação de Mestrado, tenho que fazer uma referência a todos que se empenham na conservação e digitalização de fontes e permitem o acesso à pesquisa. A maioria das fontes históricas utilizadas nesse trabalho, como as edições da revista *The Crisis*, correspondências e outros materiais foi obtida através dessa forma. Por isso, meu agradecimento especial vai para o The Modernist Journal Projects, desenvolvido pela Brown University, The University of Tulsa e pelo National Endowment for the Humanities. Outras fontes sobre o trabalho do editor da revista *The Crisis* durante o período trabalhado, W. E. B. Du Bois, foram obtidas por meio da coleção W. E. B. Du Bois Papers, 1803-1999 (bulk 1877-1963) localizada na University of Massachusetts Amherst. Fontes sobre a NAACP foram conseguidas por meio do website da Library of Congress, mais especificamente no tópico NAACP: A Century in the Fight for Freedom, 1909-2009. Sem essa inestimável contribuição, o trabalho não teria sido realizado.

Agradecimento mais que especial deve ser feito ao meu orientador, Robert Sean Purdy. A trajetória que nos trouxe até aqui começou ainda no mestrado ou um pouco antes se contarmos os diversos processos seletivos que tive que realizar para ingressar no programa. Em nossa primeira conversa me apresentei com mais formalidade, pensando que iria encontrar um professor como os retratados em filmes de Hollywood em que os

³ Processo N°. 142138/2018-5. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Modalidade-Categoria: Doutorado – GD.

mestres usam gravata e blazer. Ao chegar, encontrei um homem extremamente erudito e que usava um brinco de argola maior do que eu estava acostumado a usar. Dali em diante, começava uma história profissional e de amizade que espero levar para toda a vida. O Prof. Sean, sempre confiou no meu trabalho e de como eu conseguia me virar com as limitações que eu tinha. Por diversas vezes, ele me dizia que era preciso pontuar o quanto os trabalhos que estávamos desenvolvendo eram inéditos e importantes. Por meio de suas valiosas sugestões, pude me tornar um pesquisador melhor e me aprofundar nos esforços realizados por um determinado grupo de seres humanos marginalizados para conquistarem uma vida mais digna. Talvez isso tenha sido intensificado pelo fato de orientador e orientando terem sentido um pouco disso em suas próprias vidas. Junto dos agradecimentos, também estão os pedidos de desculpas por todas as vezes que estivesse ausente tentando adiantar o trabalho o máximo que podia. Dedico esse trabalho também ao orientador Robert Sean Purdy.

Escrever tópicos como o de agradecimentos sempre é complicado, pois existe o risco de não incluir alguma pessoa ou instituição que tenha contribuído, mesmo que minimamente, para a realização da obra. Caso isso tenha acontecido, peço desculpas. Não é essa minha intenção. De igual maneira, nossas vidas são feitas de ciclos e o dessa pesquisa precisa ter um ponto final. Isso não quer dizer que seu tema tenha se encerrado, mas que outras interpretações podem ser possíveis. A não ampliação do debate e do que poderia ser feito é de minha responsabilidade e terei de conviver com ela.

RESUMO

A pesquisa tem como intuito analisar a percepção e o engajamento dos leitores da revista voltada para a comunidade afro-americana *The Crisis – A Record of the Darker Races*, durante sua primeira década de existência (1910-1920), quanto ao que se refere principalmente ao mercado de trabalho estadunidense e como as relações raciais limitavam a ascensão do trabalhador negro no país. Por meio das cartas que os leitores enviavam para os organizadores da revista e notadamente para seu editor, o ativista e pesquisador, dentre outras denominações, W. E. B. Du Bois, pode-se ter em mente que a constante exposição de situações vivenciadas pelos trabalhadores teria contribuído para uma maior abertura, ainda que lenta, do mercado de trabalho para os afro-americanos. Outro objetivo que foi se configurando durante o processo de escrita está na exposição de que, desde seu início, a instituição para a promoção de direitos civis *National Association for the Advancement of Colored People – NAACP* esteve engajada em discutir e contribuir para o desenvolvimento do afro-americano como um todo e não, como ficou popularizado, apenas para a classe média negra. A atuação direta e indireta de integrantes e simpatizantes da NAACP que contava com uma considerável rede de conexões pessoais e comerciais permitiu a ampliação do discurso acarretando em uma maior divulgação de questões que não se limitou ao periódico da Associação. Por meio das ações da NAACP, *The Crisis* e dos leitores que também exerciam o papel de escritores, mesmo que eventualmente, foi criada uma ampla rede de discussão que tinha na melhoria da condição do negro norte-americano seu principal objetivo.

Palavras-chave: *The Crisis*; NAACP; W. E. B. Du Bois; afro-americano; mercado de trabalho; cartas dos leitores.

ABSTRACT

The research aims to analyze the perception and engagement of readers of the magazine aimed at the African-American community *The Crisis – A Record of the Darker Races*, during its first decade of existence (1910-1920), with regard mainly to the American labor market and how race relations limited the rise of the black workers in the country. Through the letters that readers sent to the magazine's organizers and specially to its editor, the activist and researcher, among other denominations, W. E. B. Du Bois, it can be seen that the constant exposure of situations experienced by workers would have contributed to a greater opening up, albeit slowly, of the labor market for African Americans. Another objective that took shape during the writing process is the fact that, since its inception, the institution for the promotion of civil rights, *National Association for the Advancement of Colored People – NAACP*, has been engaged in discussing and contributing to the development of the African American as a whole and not, as has become popularized, only for the black middle class. The direct and indirect work of NAACP members and sympathizers, who had a considerable network of personal and business connections, allowed the discourse to be broadened, resulting in a greater dissemination of issues that was not limited to the Association's periodical. Through the actions of the NAACP, *The Crisis* and the readers who also played the role of writers, albeit eventually, a wide network of discussion was created that had the improvement of the condition of the African-American as its main objective.

Keywords: *The Crisis*; NAACP; W. E. B. Du Bois; African-American; labor market; readers' letters.

RESUMEN

La investigación tiene como objetivo analizar la percepción y el compromiso de los lectores de la revista dirigida a la comunidad afroamericana *The Crisis – A Record of the Darker Races*, durante su primera década de existencia (1910-1920), respecto a lo que se refiere principalmente al mercado laboral estadounidense y cómo las relaciones raciales limitaron el ascenso del trabajador negro en el país. A través de las cartas que los lectores enviaron a los organizadores de la revista y, especialmente, a su editor, el activista e investigador, entre otros nombres, W. E. B. Du Bois, se observa que la exposición constante de situaciones vividas por los trabajadores habría contribuido a una mayor apertura, aunque lenta, del mercado laboral para los afroamericanos. Otro objetivo que surgió durante el proceso de redacción es el hecho de que, desde su creación, la institución de defensa de los derechos civiles *National Association for the Advancement of Colored People – NAACP* se ha dedicado a debatir y contribuir al desarrollo de los afroamericanos en su conjunto y no, como se ha popularizado, sólo de la clase media negra. La acción directa e indirecta de los miembros y simpatizantes de la NAACP, que contaban con una considerable red de conexiones personales y empresariales, permitió ampliar el discurso, lo que dio lugar a una mayor difusión de los temas que no se limitaban a la publicación periódica de la Asociación. A través de las acciones de la NAACP, *The Crisis* y lectores que también desempeñaron el papel de escritores, aunque eventualmente, se creó una amplia red de discusión que tenía como principal objetivo mejorar la condición de los estadounidenses negros.

Palabras clave: *The Crisis*; NAACP; W. E. B. Du Bois; Afroamericano; mercado de trabajo; Cartas de los lectores.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Capa da primeira edição da revista *The Crisis*.

Imagem 2: Capa da segunda edição da revista *The Crisis* e primeira indicação da seção destinada à publicação de cartas dos leitores.

Imagem 3: Primeira parte da primeira publicação do espaço reservado às cartas dos leitores.

Imagem 4: Segunda parte da primeira publicação do espaço reservado às cartas dos leitores.

Imagem 5: Fotografia do editor W. E. B. Du Bois no escritório em que editava *The Crisis*, por volta de 1920.

Imagem 6: Primeiro texto do Editorial da edição de setembro de 1911.

Imagem 7: Editorial em que Du Bois responde críticas e tece comentários sobre outros órgãos da imprensa afro-americana.

Imagem 8: Continuação do Editorial sobre as críticas de Du Bois para determinados órgãos da imprensa afro-americana.

Imagem 9: Editorial em que Du Bois solicita aos seus leitores que interrompessem suas demandas momentaneamente enquanto o país participava da Primeira Guerra Mundial.

Imagem 10: Publicação de cartas em apoio e criticando a posição do editor em solicitar a interrupção do ativismo no tempo de guerra.

Imagem 11: Carta enviada por um leitor (clérigo) solicitando informações de oportunidades de trabalho para a filha de uma paroquiana.

Imagem 12: Carta anônima de um leitor (agricultor) solicitando informações sobre como transportar suas mercadorias para fora da Região Sul com a intermediação de mercadores negros.

Imagem 13: Carta anônima enviada por um leitor (agricultor) solicitando que o editor de *The Crisis* intermediasse a negociação de sua produção de algodão devido ao risco de não obter lucro com o trabalho realizado.

Imagem 14: Carta enviada por um trabalhador solicitando ajuda do editor para deixar a sua situação desesperadora no estado da Geórgia.

Imagem 15: Primeira parte da carta enviada pelo afro-americano Pink Franklin para a secretária da NAACP, Frances Blascoer, em 05/12/1910, solicitando informações sobre sua situação após ter sido preso por matar um policial do estado da Carolina do Sul.

Imagem 16: Continuação da carta de Pink Franklin para a secretária da NAACP, Frances Blascoer, em 05/12/1910.

Imagem 17: Carta enviada pela secretária da NAACP, Frances Blascoer, para Pink Franklin, em 24/12/1910, informando que a Associação estava se empenhando em sua soltura.

Imagem 18: Carta enviada pelo integrante da NAACP, Albert E. Pillsbury, para Du Bois, em 26/07/1910, para que elaborasse uma petição a ser utilizada para tentativa de comutação da pena do afro-americano Pink Franklin de pena de morte para perpétua.

Imagem 19: Matéria em *The Crisis* informando sobre o êxito na comutação da pena de Pink Franklin.

Imagem 20 e 21: Carta enviada por um escritor anônimo relatando como acontecia o esquema de peonagem no Sul dos Estados Unidos.

Imagem 22: Relato de um observador relatando como o sistema de peonagem funcionava para submeter o trabalhador afro-americano aos interesses dos fazendeiros do estado da Geórgia.

Imagem 23: Notícia impressa em *The Crisis* reportando a libertação definitiva de Pink Franklin.

Imagem 24: Carta reproduzida do jornal *Savannah Tribune* relatando a ação de policiais em prender afro-americanos por suposta alegação de vadiagem contribuindo, assim, para a ampliação do esquema de peonagem na Região Sul dos Estados Unidos.

Imagem 25: Carta endereçada ao membro da NAACP, Oswald Garrison Villard, relatando a diferença de tratamento entre brancos e negros durante as inundações do Rio Mississippi, em 1912.

Imagem 26: Carta de um trabalhador branco afirmando que o estado do Alabama apresentava as piores leis trabalhistas do país.

Imagens 27 e 28: Carta enviada pelo Superintendente de Imigração do Canadá desencorajando a migração de afro-americanos para o país.

Imagem 29 e 30: Carta enviada por um leitor relatando a história de um amigo injustiçado pelo mercado de trabalho por ser negro e aconselhando os jovens a tirarem vantagem do processo de migração para o Norte.

Imagem 31: Carta reimpressa da revista *Literary Digest* relatando a experiência positiva do empresário M. Van Gelder sobre a substituição de trabalhadores russos e poloneses por afro-americanos.

Imagem 32: Correspondência enviada pela AFL para Du Bois em resposta a sua solicitação para que a Federação resolvesse um conflito envolvendo um trabalhador afro-americano afiliado a ela.

Imagem 33: Carta em que o autor sugere que os demais leitores financiassem a revista *The Crisis* por um ano e doassem os volumes para as bibliotecas de suas cidades.

Imagem 34: Primeira parte da seção de cartas de janeiro de 1918. A primeira carta exigiu mais ação dos afro-americanos em casos que envolvessem violência.

Imagem 35: Continuação da seção de cartas de janeiro de 1918 em que diversas correspondências apresentaram os mais diversos temas desde situações de opressão até perspectivas de um futuro melhor para a comunidade negra ao redor do mundo.

Imagem 36 e 37: Carta enviada por um homem asiático expressando sua indignação ao tratamento dispensado aos afro-americanos e ao seu próprio povo em seu país de origem.

Imagem 38: Carta enviada por um leitor em que demonstrava apoio ao líder revolucionário irlandês Roger Casement que tinha contribuído para expor os maus-tratos contra os negros no Congo.

Imagem 39: Carta enviada por um escritor de Cabo Verde reconhecendo a luta da NAACP e *The Crisis* e demonstrando seu apoio.

Imagem 40: Carta enviada para o editor solicitando sua opinião sobre o processo de colonização afro-americana entre os países da América Central e do Sul.

Imagem 41 e 42: Carta enviada por um veterano da Guerra de Independência de Cuba ressaltando a coragem do general cubano negro Antonio Maceo.

Imagem 43: Matéria sobre as ações de militares negros para a história mundial. O Brasil foi referenciado com Henrique Dias e João Cândido.

Imagem 44: Primeira das três páginas de uma correspondência enviada por José Clarana detalhando as relações raciais no Brasil.

Imagem 45: Primeira parte de um Editorial irônico relacionando a desordem causada pela Revolução Mexicana e as situações vivenciadas no estado da Geórgia.

Imagem 46: Carta enviada por Marrie R. Perrin comentando o Editorial de novembro de 1914 e expressando seu apoio e respeito às tropas constituídas por negros na guerra que se iniciava.

Imagem 47 e 48: Carta da leitora-escritora Eleonora A. Smith expressando a necessidade de construção de um monumento em homenagem aos soldados negros que serviram na guerra mundial.

Lista de Siglas

ABA – American Bar Association

AFL – American Federation of Labor

CIO – Congress of Industrial Organizations

CNLU – Colored National Labor Union

IWW – Industrial Workers of the World

KOL – Knights of Labor

NAACP – National Association for the Advancement of Colored People

NLU – National Labor Union

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
Capítulo 1 - Cartas para <i>The Crisis</i> : uma percepção sobre a questão racial no início do século XX.....	32
1.1 – <i>The Crisis</i> : uma longa trajetória	32
1.2 - W. E. B. Du Bois: o editor.....	45
1.3 - <i>The Crisis</i> : uma revista coletiva	59
1.4 – Alguns temas abordados por <i>The Crisis</i> e a participação do público: aspectos gerais.....	62
Capítulo 2 - Novo século, “novas” queixas: o trabalhador afro-americano e o retrato de suas condições nas páginas de <i>The Crisis</i>	79
2.1 – O foco trabalhista em <i>The Crisis</i>	81
2.2 – O foco trabalhista nos escritos de Du Bois: atenções voltadas para o mercado de trabalho	96
2.2.1 – O editor Du Bois e a questão trabalhista: tópicos recorrentes	106
2.3 – Cartas para o editor: o apelo dos trabalhadores	113
Capítulo 3 - O trabalhador afro-americano no Sul: cartas de desespero e esperança	138
3.1 – Peonagem: os persistentes grilhões da escravidão.....	138
3.1.1 – Peonagem em destaque: Pink Franklin e outros relatos de uma questão nacional.....	145
3.1.2 – Peonagem: militância e crítica	155
3.2 – Convict-Lease System e Chain Gang System: “um morre, pegue outro”	172
3.3 – Convict-Lease e Chain Gang em <i>The Crisis</i>	183
Capítulo 4 - O trabalhador afro-americano e a grande jornada para o Norte	196
4.1 – Trabalhando em novos ares	196
4.2 – O afro-americano e a Grande Migração: reflexos de uma guerra interna.....	198
4.3 – Artigos de migração: propaganda e repercussão sobre causas e efeitos.....	208
Capítulo 5 - O trabalhador afro-americano no Norte: o duplo sentido de deslocamento	219
5.1 – Migração em debate: cartas sobre a mobilidade do povo negro.....	219
5.2 – O afro-americano e o mercado de trabalho organizado: algumas considerações	233
5.3 - O afro-americano, a American Federation of Labor e o trabalho organizado em <i>The Crisis</i>	240
5.4 – East St. Louis: a questão do trabalho em um distúrbio racial.....	252
Capítulo 6 - Trabalhadores Negros do Mundo, Uni-vos!	276

6.1 – Trabalhadores negros do mundo: uma preocupação internacional.....	276
6.2 – O trabalhador negro nas Américas.....	285
6.3 – A questão do trabalho negro na Primeira Guerra Mundial em The Crisis: raça e trabalho	303
6.3.1 – A questão do trabalho negro no Pós-Primeira Guerra Mundial em The Crisis: raça e trabalho	319
CONSIDERAÇÕES FINAIS	338
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	343

INTRODUÇÃO

O trabalho visa apresentar e demonstrar a interação e o engajamento do público leitor da revista voltada para a discussão das problemáticas envolvendo o afro-americano *The Crisis: A Record of the Darker Races* durante sua primeira década de existência, 1910-1920. Dessa forma, propõe-se uma contribuição sobre as maneiras como os leitores negros exercendo também o papel de escritores, contribuíram para o debate público e manifestaram seus desejos de mudanças, seja em âmbito individual ou coletivo, tendo as questões relacionadas ao mercado de trabalho como seu elemento de destaque.

Durante o período que a pesquisa se debruça, a segunda década do século XX, *The Crisis* esteve, embora não exclusivamente, sobre o controle editorial do intelectual e militante negro W. E. B. Du Bois. Conhecido como um dos maiores porta-vozes da comunidade negra dos Estados Unidos, Du Bois, há longa data, manifestava suas concepções sobre as relações raciais no país, ficando conhecido por obras escritas como “*The Souls of Black Folk*”, de 1903, onde popularizou o termo de que o principal problema do século XX era o problema da barreira racial e em trabalhos de militância como o exercido no Niagara Movement, que vigorou de 1905 a 1910.

Para expandir ainda mais suas visões sobre a convivência entre brancos e negros no país, o intelectual estabeleceu também seus próprios veículos de imprensa. O primeiro deles foi o *The Moon Illustrated Weekly* que publicou com os dois sócios, Edward L. Simon e Harry H. Pace, entre os anos de 1905 e 1906, que, apesar do curto período em que esteve operando, destacou-se por ser considerada a primeira revista semanal dedicada à população afro-americana e por ser um ensaio para empreendimentos futuros como *The Crisis*.⁴ Outro periódico em que Du Bois esteve envolvido, antes da criação de *The Crisis*, foi o jornal *The Horizon: A Journal of the Color Line*, editado por ele em colaboração com Freeman H. M. Murray e L. N. Hernshaw, durante os anos de 1907 e 1910. O projeto era o órgão de divulgação de ideias e propaganda do Niagara Movement e, além de comentar sobre os mais diversificados tópicos que eram impressos de outros veículos de publicidade, procurou discutir as questões raciais por mais difíceis que elas poderiam

⁴ Cf. PARTINGTON, Paul G. The Moon Illustrated Weekly – The Precursor of The Crisis. In: *THE JOURNAL OF NEGRO HISTORY*, v. 48, n. 3, July 1963, p. 206. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2716341>. Acesso em: 24/03/2012.

parecer.⁵ A rigidez tanto da instituição quanto de seu veículo de publicidade contribuiu para o surgimento de desavenças, acarretando seu rápido fim.

A virada do século XIX para o século XX e suas primeiras décadas, apesar de ser vista como uma das mais tensas da história do país, no geral, mas principalmente para os afro-americanos, com a existência de um sistema legal de segregação conhecido como Leis Jim Crow⁶, os altos índices de linchamentos e a segregação no mercado de trabalho, para citar alguns, também presenciou a ascensão de indivíduos e organizações que buscavam discutir o estado de coisas da sociedade norte-americana e a implementação de medidas para possíveis mudanças.⁷ Dentre as instituições que surgiram estava a National Association of the Advancement of Colored People ou NAACP.⁸ A NAACP, surgida em 1909 após um dos muitos tumultos de caráter racial conhecidos por *race riots* que se espalhavam pelo território estadunidense, procurou unir personalidades dos mais diversos ramos de atividades em prol da construção de um entendimento comum para se eliminar as tensões existentes entre brancos e negros, principalmente, no país.⁹

Surgida em um período conhecido como Era Progressista, a NAACP faz parte de um processo em que uma parcela da sociedade estadunidense, com destaque para a classe média, articulou-se para redefinir os setores do país, no campo social, político e

⁵ Para saber mais ver: ASTHON, Susanna. Du Bois's "Horizon": Documenting Movements of the Color Line. In: *MELUS*, v. 26, n. 4, Winter, 2001 (African American Literature). Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3185539>. Acesso em: 24/03/2012.

⁶ As Leis Jim Crow são conhecidas como um sistema de segregação e opressão racial que vigoraram principalmente no sul dos Estados Unidos entre os anos de 1877 e a primeira metade da década de 1960. Apesar de não ficarem restritas àquela área do país, apresentando práticas discriminatórias em outras regiões, foram nos antigos estados confederados que a estruturação de leis visando excluir os afro-americanos do convívio social se fez presente. Essa forma de segregação sustentada por uma legislação, mais conhecida como *de jure*, determinou, dentre outros, o não compartilhamento de bebedouros, salas de repouso, assentos em transporte público, restaurantes, etc. Contudo, práticas sociais contribuíram para fortalecer a ideia de que brancos e negros não poderiam ter um contato mais íntimo. Tal segregação, conhecido como *de facto* foi representada em medidas que proibiam os afro-americanos de entrarem pela porta da frente das casas de pessoas brancas ou de dar passagem para elas nas calçadas. Com a militância que se fortaleceu após a Segunda Guerra Mundial, o Congresso estabeleceu a mais forte legislação para combater a discriminação no país com a promulgação da Civil Rights Act (Lei dos Direitos Civis), em 1964, proibindo a existência de práticas segregacionistas. Para saber mais, ver: RING, Natalie J. Jim Crow. BROWN, Nikki L. M.; STENTIFORD, Barry M. (Eds.). *The Jim Crow Encyclopedia*. Westport, Connecticut; London: Greenwood Press, 2008, v. 1, p. 416-419 e WONHAM, Henry B. *Playing the races: ethnic caricature and American literary realism*. New York: Oxford University Press, 2004.

⁷ Para saber mais sobre o período conhecido com Era Progressista e as formas de combate à segregação desenvolvidas pelos afro-americanos, ver: NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. Uma Era de contradições: segregação e resistência afro-americana no período progressista, 1890-1920. In: *REVISTA ELETRÔNICA DA ANPHLAC*, n. 27, p. 103-143, Ago./, Dez., 2019. Disponível em: <http://revista.anphlac.org.br>.

⁸ Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor.

⁹ Com o passar o tempo, o interesse da Associação sobre o que acontecia com os demais povos considerados não brancos se expandiu para diversos outros locais do planeta.

econômico. O movimento progressista, de início do século XX, foi abordado por alguns estudiosos que apontaram para um esfarelamento da imagem de país de prosperidade atribuída aos Estados Unidos.¹⁰ Nesse processo, os membros que se reuniram para discutir o que foi entendido por eles como a expansão da violência causada pelas questões raciais entenderam que o problema deveria ser duramente discutido para que não atingisse um ponto sem volta. A NAACP, foi interpretada como um movimento de reforma focado em programas e na alteração na forma de se pensar a questão racial em uma sociedade em rápida transformação, em termos de política e economia e, embora não tão rápida assim, na maneira como os brancos se relacionavam com as minorias. Além disso, até mesmo, a forma de relacionamento entre os próprios negros também esteve em pauta.¹¹

Em um ambiente que possibilitava o diálogo e a aproximação entre brancos e negros na discussão séria das mazelas que assolavam a sociedade, mas que tinha no afro-americano o seu integrante mais fragilizado, a NAACP se desenvolveu. Dentre os afro-americanos que aceitaram o convite para se juntar aos cidadãos brancos entusiasmados para discutirem o problema racial estava Du Bois. Sendo um dos afro-americanos mais conhecidos de seu tempo, sua presença seria um elementantíssimo para a efetividade da Associação, já que ela encontrou forte resistência de Booker T. Washington, o cidadão negro mais conhecido e influente do país. Com a configuração da NAACP, Du Bois foi o único negro a ter sob seu controle um setor recebendo o título de Diretor de Publicidade e Pesquisa, alterado pouco tempo depois para Diretor de Publicações e Pesquisa, tendo como uma de suas atribuições a divulgação das realizações e futuras atividades relacionadas ao trabalho da Associação. A partir de então, tem-se um relacionamento relativamente longo e, por vezes, turbulento com a NAACP.

Segundo alguns trabalhos historiográficos que trataram da relação entre Du Bois e a NAACP, foi estabelecido que ela tinha características de ser baseada mais em um acordo de conveniência, pois ambos tinham muito a ganhar um com o outro. No caso da Associação, a organização teria cedido mais pelo fato de Du Bois ser visto como uma figura que poderia contribuir mais para o empreendimento. Por sua vez, a energia de Du

¹⁰ NICHOLS, Christopher McKnight; UNGER, Nancy C. (Eds.). *A companion to the Gilded Age and Progressive Era*. Chichester, West Sussex, UK: Wiley Blackwell, 2017, p. 17. Ver também: CROLY, Herbert. *The Promise of American Life*. New York: Cosimo Classics, 2005.

¹¹ MEIER, August; BRACEY JR., John H. The NAACP as a Reform Movement, 1909-1965: To Reach the Conscience of America". In: *THE JOURNAL OF SOUTHERN HISTORY*, v. 59, n. 1, Feb., 1993, p. 3-30. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2210346>. Acesso em: 04/03/2012.

Bois em discutir a questão racial com criatividade e cientificidade foi mais um elemento que durante muito tempo fez a balança pender a seu favor.¹² Nesse processo, Du Bois entendeu como essencial o estabelecimento de um meio de publicidade para espalhar o que foi primeiramente visto como as diretrizes da NAACP, mas que passou a ser compreendido como um instrumento para divulgar suas próprias ideias. A partir dessa premissa, três proposições foram estabelecidas. Elas se resumem na ideia de que *The Crisis* refletia a personalidade de seu editor, a de que Du Bois usou a revista como um palanque para suas mutáveis ideias e que o desvio de algumas metas impostas pela NAACP causou conflitos entre o editor e a organização.¹³

O estabelecimento da revista *The Crisis* foi interpretado como uma forma de manter certo controle sobre as atividades de Du Bois, visando evitar que ele agisse de maneira considerada radical demais para os parâmetros da NAACP. Contudo, a própria personalidade do editor que, por diversas vezes, duvidou da capacidade ou do interesse de alguns contribuidores brancos em trabalhar com afro-americanos dificultou tal prática. Um dos que pensou ser possível controlar as possíveis ações radicais de Du Bois foi um dos principais nomes da instituição: Oswald Garrison Villard, autor do texto que convocou aqueles interessados na Democracia a discutir o problema das relações raciais. No fim das contas, como expressou Lewis (1993, p. 409), essa intenção se mostrou um erro de cálculo monumental.¹⁴ Contudo, a liberdade que Du Bois teve em seus quase vinte e cinco anos editando a revista se explica pelo fato de que ele, como afro-americano, tinha mais capacidade de proporcionar um alcance efetivo até a comunidade negra.¹⁵

Essas interpretações, que apontam Du Bois como um indivíduo mais interessado na oportunidade de publicar um periódico de alcance nacional do que focado nas atividades da NAACP, poderiam ser vistas como exageradas se não tivessem como parâmetro as próprias palavras do editor. De acordo com Du Bois, em uma de suas autobiografias publicada postumamente, seu principal esforço estava dedicado à edição e publicação de *The Crisis* que ele alegava ter fundado sob sua própria responsabilidade e

¹² Cf. ARNDT, Murray Dennis. *The Crisis Years of W. E. B. Du Bois, 1910-1934*. Dissertation (Language and Literature, modern), Duke University, Ph.D., 1971, p. 27-28.

¹³ KIMBROUGH, Marvin Gordon. *W. E. B. DUBOIS as Editor of The Crisis*. Dissertation (Doctor of Philosophy), The University of Texas at Austin, Ph. D., 1974, p. iv-v.

¹⁴ LEWIS, David Levering. *W. E. B. Du Bois: biography of a race, 1868-1919*. New York: Owl Books, 1993, p. 409.

¹⁵ ARNDT, op. cit., p. 28.

em meio a protestos de alguns de seus associados.¹⁶ Apesar de ter realmente enfrentado questionamentos sobre a necessidade de levar em frente um periódico como uma revista, talvez, o editor possa ter exagerado em sua responsabilidade sobre o sucesso da mesma e da NAACP, como um todo, também comentado em sua autobiografia.¹⁷ Contudo, é inquestionável o sucesso da revista *The Crisis* no período em que Du Bois foi seu editor e por meio desse veículo de imprensa o afro-americano pode expor suas ideias e compreender melhor o universo racial que o circundava.

Uma incipiente historiografia sobre a participação do público leitor de *The Crisis* manifestando suas considerações através de cartas foi esboçada por poucos autores. No já mencionado trabalho de Kimbrough, catorze páginas de sua dissertação são reservadas a apresentar determinadas características do espaço editorial. Divididas em dois tópicos, “Communicator and Reader” e “Reader Involvement”, Kimbrough identificou quem eram as pessoas que utilizavam as páginas reservadas à seção editorial para expressar suas ideias e o que fez o editor para envolver e conseguir a participação dos leitores. Dentre os elementos apresentados, podem ser verificados a existência de correspondências vindas não só do país, mas de diversos lugares do mundo; cartas abertas direcionadas principalmente a funcionários do governo e instituições; cartas escritas por funcionários governamentais, escritores renomados e membros da NAACP. O objetivo de Kimbrough não foi aprofundar sua pesquisa no estudo do envolvimento entre Du Bois e os leitores da revista. Como mencionado no subtítulo de seu primeiro capítulo, a abordagem do editorial tratou de apresentar uma descrição geral acerca de determinados elementos presentes na seção reservada ao editor.¹⁸

Outro profissional que se debruçou pelas correspondências relacionadas ao primeiro editor de *The Crisis* foi o historiador Herbert Aptheker. Porém, ao contrário de Kimbrough, Aptheker procurou apresentar o contexto de forma mais íntima. Em três livros volumosos, o autor revelou experiências vividas por Du Bois durante a maior parte de sua vida. Trocas de mensagens entre Du Bois e instituições, funcionários do governo, apoiadores e críticos apresentam parte do caminho por ele percorrido e as situações que

¹⁶ DU BOIS, W. E. B. *The Autobiography of W. E. B. Du Bois: A Soliloquy on Viewing My Life from the Last Decade of Its First Century*. New York: International Publishers, 1988, p. 256. Du Bois possui ao todo três autobiografias. As outras duas, publicadas ainda em vida são “*Darkwater: Voices from Within the Veil*”, de 1921, e “*Dusk of Dawn: An Essay Toward an Autobiography of a Race Concept*”, publicada em 1940.

¹⁷ Cf. DU BOIS, op. cit., p. 260.

¹⁸ KIMBROUGH, op. cit., p. 20.

moldaram sua maneira de pensar e agir. Embora o interesse de Aptheker estivesse relacionado a questões mais pontuais e não tanto vinculadas à revista da NAACP, é possível conferir uma troca de mensagens entre Du Bois e uma assinante. A carta teria sido enviada por ela em julho de 1923 e, apesar de elogiar a revista, não achou adequado dois poemas do escritor Langston Hughes intitulados “The Cabaret” (“O Cabaret”) e “Young Prostitute” (“Jovem Prostituta”), pois sua filha também costumava ler a revista. Du Bois respondeu a assinante, no início do mês de agosto, e defendeu o poeta informando que ele apenas escrevia a realidade como ela era e que Hughes estava ensinando às crianças a realidade que os pais faziam de tudo para esconder.¹⁹

Dzanouni, Le Dantec-Lowry e Parfait também mencionaram em seus trabalhos a utilização de cartas recebidas ou enviadas em respostas sobre as atividades de Du Bois em *The Crisis*. No trabalho das autoras, o interesse foi discutir o papel da literatura e as ligações entre literatura, reportagem e história na condução da revista entre os anos de 1910 e os primeiros anos de 1920.²⁰

Como pode ser visto, embora existam produções que mencionam correspondências relacionadas ao editor de *The Crisis*, nenhuma procurou trabalhar cartas especificamente enviadas para o editor, focando em um aspecto recorrente na revista, tal como a questão trabalhista que nos propomos a realizar. A escolha por esse tópico está relacionada com a própria essência da seção reservada a publicação de cartas em *The Crisis*. A primeira correspondência a ser veiculada na seção foi enviada por um grupo de trabalhadores de origem holandesa que se compadeceu com a situação não apenas dos trabalhadores afro-americanos, mas do grupo em geral. Essa correspondência apareceu no segundo número da revista e evidencia, além do interesse para com o trabalhador negro, a conectividade e ausência de fronteiras quando se trata de discutir melhores condições de vida para grupos menos favorecidos. A disposição em saber o que acontecia aos negros, principalmente em nível global também se mostrou uma característica da revista.

¹⁹ APTHEKER, Herbert (Ed.). *The correspondence of W. E. B. Du Bois*: Volume 1, selections 1877-1934. Amherst, Massachusetts: The University of Massachusetts Press, 1973, p. 276.

²⁰ DZANOUNI, Lamia; LE DANTEC-LOWRY, Hélène; PARFAIT, Claire. From One Crisis to the Other: History and Literature in *The Crisis* from 1910 to the Early 1920s. In: *EUROPEAN JOURNAL OF AMERICAN STUDIES*, v. 11, n. 1, 2016, p. 1-24. (Special Issue: Intimate Frictions: History and Literature in the United States from the 19th to 21st Century). Disponível em: <http://ejas.revues.org/11432>. Acesso em: 18/12/2016.

A questão envolvendo o trabalhador negro nos Estados Unidos sempre foi uma das mais problemáticas do país. Ela se tornou evidente, ainda, durante a Guerra Civil Americana, quando a perspectiva de acréscimo de mais de 4.000.000 de trabalhadores negros no mercado de trabalho interno acirrou os ânimos dos demais trabalhadores brancos, ocasionando perturbações que mesclavam questões trabalhistas e raciais em cidades como Nova Iorque.²¹ A inserção desse grande contingente de trabalhadores, após o conflito civil, foi tentado por algumas associações trabalhistas que tinham em sua estrutura não apenas a busca pelos direitos dos trabalhadores, mas metas relacionadas às questões políticas e mudanças sociais. A falha em definir com mais clareza seus propósitos provocou o fim rápido dessas primeiras tentativas. Contudo, algumas exceções podem ser mencionadas. Dentre elas está a United Miner Workers, estabelecida em 1890, e que contava com uma quantidade expressiva de trabalhadores negros nas minas de carvão por todo o país.

Na época em que *The Crisis* foi estabelecida, a mais importante organização trabalhista do período era a American Federation of Labor, fundada em 1886. Durante seus anos iniciais, a AFL procurou através de seus discursos e algumas poucas ações promover a organização dos trabalhadores negros nos sindicatos trabalhistas majoritariamente ocupados por trabalhadores brancos. Porém, na virada do século XIX para o XX, presenciava-se um gradual abandono de suas políticas de sindicalização, tendo brancos e negros nos mesmos espaços. O acirramento das manifestações segregacionistas e a aversão dos trabalhadores brancos em exercer suas atividades ao lado dos afro-americanos contribuíram para a diminuição das tentativas da AFL de juntar os dois grupos com a alegação de que a instituição não se envolvia em questões internas de suas afiliadas. Por esse período, diversas críticas dos membros relacionados com a NAACP e de leitores de *The Crisis*, estiveram presentes nas páginas do órgão de publicidade da Associação.

Deixamos claro que não é nossa intenção realizar um trabalho sobre a classe trabalhadora negra dos Estados Unidos. Ainda que sempre exista espaço para a ampliação das abordagens, pesquisas do tipo já foram brilhantemente realizadas por historiadores como Philip S. Foner, citado ao longo do texto. Em escritos como “*Organized Labor and the Black Worker*”, o tema principal abordado por Foner foi traçar a longa história de exclusão de afro-americanos tanto do mercado de trabalho quanto dos sindicatos. Porém,

²¹ Cf. HARRIS, Leslie M. *In the shadow of slavery: African Americans in New York City, 1626-1863*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2004.

outros temas considerados menores, como a união entre trabalhadores brancos e negros em determinadas situações e a constante luta dos afro-americanos para conseguir igualdade como membros do trabalho organizado também fazem parte do projeto.²² Num contexto mais específico, Foner em *“The Policies and Practices of the American Federation of Labor, 1900-1909”* apresentou, dentre outras coisas, a maneira de atuação da AFL para com os trabalhadores negros e outras minorias, como as mulheres. Em relação aos afro-americanos, Foner deixou evidente que para o presidente da Federação, Samuel Gompers, “a segregação dos trabalhadores negros e brancos era o melhor para ambos e para o movimento trabalhista, pois isso evitaria a intensificação de conflitos”.²³ Esses e outros procedimentos revelam um pouco da situação que os trabalhadores afro-americanos tinham que enfrentar para poderem exercer suas atividades e garantir meios de sobrevivência.

Nossa intenção com o trabalho, embora utilize muitos dos escritos sobre o trabalhador afro-americano, é expor e discutir a participação dos leitores da revista *The Crisis* sobre as diversas situações de que tinham conhecimento tanto em eventos próximos a eles quanto em comentários sobre matérias publicadas na própria revista ou em outros periódicos. Em muitos dos relatos enviados para a publicação, tendo na figura do editor seu principal destinatário, os leitores do órgão de publicidade da NAACP a utilizaram como veículo para tentarem sair da situação de exploração em que estavam submetidos, pediram e manifestaram conselhos para o editor e os demais leitores, procuraram explicar como determinada situação de exploração se estruturava e se mantinha ao longo do tempo, a participação de agentes do governo para fazer com que o afro-americano tivesse seu direito de escolher como vender sua força de trabalho cerceada foram algumas das manifestações enviadas para a revista.

Para a realização do trabalho, as fontes principais e quase exclusivas giravam em torno das cartas que foram enviadas para *The Crisis* nas edições obtidas pelo projeto *The Modernist Journals Projects*. Contudo, fez-se necessário ampliarmos o escopo para podermos englobar, da mesma forma, artigos e editoriais escritos por Du Bois e outros membros ligados à NAACP para que associações entre os contextos dos artigos e

²² FONER, Philip S. *Organized Labor and the Black Worker, 1619-1981*. Chicago, Illinois: Haymarket Books, 2017, p. xxi.

²³ FONER, Philip S. *History of the Labor Movement in The United States, Volume III: The Policies and Practices of the American Federation of Labor, 1900-1909*. New York: International Publishers, 1977, p. 235.

correspondências pudessem ser estabelecidas. *The Crisis*, assim como outros projetos desenvolvidos por Du Bois, reproduzia e, algumas vezes, comentava matérias de outros jornais e revistas de todo o país. Sendo assim, tornou-se importante e uma grata surpresa expormos as notícias relacionadas aos afro-americanos de outros veículos de imprensa que traziam informações positivas sobre os trabalhadores negros, bem como a intenção de diversos outros de manter a dominação sobre a força de trabalho dos afro-americanos. Situações curiosas também podem ser verificadas, como a manifestação de um jornal defensor da supremacia branca e que advogava o desenvolvimento econômico da cidade de Charlotte, na Carolina do Norte, de elogiar o sucesso de um agricultor negro, demonstrando assim que o interesse econômico, nesse caso, tornou-se mais significativo que a questão racial. Como pode ser visto ao longo do texto, esse não foi um caso isolado.

Outras fontes também vieram de artigos escritos por membros vinculados à NAACP em outros jornais e revistas e que tiveram partes reimpressas em *The Crisis*. A leitura completa dos textos possibilitou ter uma visão mais ampla sobre a forma de pensamento de figuras como Booker T. Washington e sua percepção sobre conceitos como superioridade, por exemplo. Correspondências relacionadas à Du Bois e outros membros da NAACP, não diretamente vinculadas em *The Crisis*, também contribuem para o enriquecimento da pesquisa.

Por se tratar da temática de seleção de cartas para publicação em periódicos, a contribuição da pesquisa para o campo também é relevante e, para isso, atentamo-nos aos mais destacados nomes da historiografia sobre o tema. Para Hynds (1991, p. 124), o processo de enviar cartas para os editores é de suma importância para a efetiva operação do jogo democrático. Embora elas não possam medir de forma precisa a opinião pública, ajudam a identificar questões e preocupações do público, podendo promover trocas de ideias e informações sobre ações do governo. O espaço reservado às cartas nos periódicos forma uma espécie de fórum público em que seus contribuidores, os leitores, sentem-se representados.²⁴

Marisa Torres da Silva, em trabalhos realizados com jornais portugueses, procurou delimitar alguns parâmetros que definem a conveniência para que algumas cartas fossem publicadas e outras não. Para a pesquisadora, fatores como a extensão do

²⁴ HYNDS, Ernest C. Editorial Page Editors Discuss Use of Letters. In: *NEWSPAPER RESEARCH JOURNAL*, Fall 1991, p. 124. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/073953299201300111>. Acesso em: 04/05/2019.

texto podem ser utilizados como determinante, desde que a quantidade ou o número de cartas que os editores considerem adequadas para publicação sejam escassos. Dentre outros itens, a linguagem utilizada, ortografia e temas que se assemelham a linha editorial do periódico apresentam-se como mais propensos a estarem na sessão de cartas para o editor.²⁵ Ainda que a maioria dos estudiosos se refira ao público que tem o hábito de enviar correspondências para jornais e revistas, apenas, como “letters writers” (escritores de cartas), Silva, denomina esse público com o termo “leitores-escritores”. Ao que parece, a prática é tão séria, em Portugal, que ela menciona a realização de um evento realizado, em 2014, para celebrar o relevante papel de expor opiniões chegando mesmo a ser comparado como um dever cívico.²⁶ Por considerarmos a expressão adequada para a nossa discussão, faremos uso do termo, também, para nos referirmos aos cidadãos e cidadãs que se sentiram motivados a enviar cartas para a revista *The Crisis*.

Atualmente um dos nomes mais conhecidos sobre o tema é o da pesquisadora Karin Wahl-Jorgensen. Provavelmente seus trabalhos são as melhores referências quando o assunto é a relação entre editores e leitores-escritores. Para Wahl-Jorgensen, editores reconhecem a seção de cartas como um local para o debate público de forma que os leitores possam expressar suas ideias. No entanto, esses mesmos editores promovem um trabalho de filtragem que vai além do “descarte” de cartas com erros ortográficos, por exemplo. A fim de manter um bom relacionamento com seus consumidores, os profissionais põem em prática diferentes métodos para a escolha das cartas enviadas para a edição. Correspondências com falta de informação dos remetentes, que procuram transmitir mensagens caluniosas ou de ódio e que não deem continuidade à discussão tendem a não serem publicadas. Em “*Letters to the Editor as a Forum for Public Deliberation*”, a autora argumenta que editores preferem publicar histórias que transmitem a individualidade de quem escreve. Além disso, questões emocionais desses indivíduos possuem maior capacidade de estarem na seção.²⁷

²⁵ SILVA, Marisa Torres da. As cartas dos leitores no Público e no Diário de Notícias. In: *OBSERVATÓRIO*, n. 5, 2008, p. 263-279. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/117/159>. Acesso em: 23/01/2017.

²⁶ SILVA, Marisa Torres da. As cartas dos leitores na imprensa portuguesa: uma forma de comunicação e debate do público. Covilhã: UBI LabCom, 2014, p. 2. Série Pesquisas em Comunicação. Disponível em: <https://www.labcom.ubi.pt/livro/117>. Acesso em: 04/05/2019.

²⁷ WAHL-JORGENSEN, Karin. Letters to the Editor as a Forum for Public Deliberation: Modes of Publicity and Democratic Debate. In: *CRITICAL STUDIES IN MEDIA COMMUNICATION*, v. 18, n. 3, Sep. 2001, p. 311. Disponível em: https://www.academia.edu/522118/Wahl-Jorgensen_K_2001_-_Letters_to_the_editor_as_a_forum_for_public_deliberation_Modes_of_publicity_

A argumentação apresentada por Wahl-Jorgensen coloca em questionamento o conceito de democracia deliberativa com a qual trabalha. Segundo a pesquisadora, os editores procuram relacionar a seção de cartas como um escancarado fórum público para seus leitores. No entanto, a ação de selecionar as cartas de acordo com seus interesses minimiza a livre circulação de ideias, dando destaque para alguns indivíduos, ou grupos, e mitigando a participação de outros. Tendo em vista este referencial teórico, procederemos a uma análise das cartas publicadas na revista *The Crisis*, indagando sobre os discursos presentes nas páginas da publicação e o papel do editor Du Bois como um influenciador do debate público.

No processo metodológico a ser empregado, atuaremos de forma crítica às cartas publicadas nas páginas da revista. Este procedimento deve-se ao fato de considerarmos que, embora Du Bois buscasse a exposição da verdade a todo instante, sua trajetória de vida, trabalho acadêmico e preferências teriam contribuído para moldar a maneira como procurou apresentar as problemáticas vivenciadas pelos negros naquele período histórico. Deixamos evidente com isso que, uma pretensa imparcialidade em apresentar “dois lados da mesma moeda” quanto ao tema e discutir as relações raciais, em início do século XX nos Estados Unidos, não deve ser empregada à risca. No que se refere ao trabalho da imprensa levamos em conta a tão famosa argumentação de descrita por Capelato e Prado (1980, p. xix), de que “nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere”.²⁸ No momento de sua fundação, *The Crisis* expressou um objetivo claro que era, e de certa forma ainda é, “expor os fatos e argumentos que mostram o preconceito racial, particularmente como manifestado hoje em relação às pessoas de cor”.²⁹

Outro objetivo a que se propõe o trabalho é contribuir para reformular a imagem de que a NAACP sempre teve em suas intenções proporcionar a melhoria de condições de vida para todos os afro-americanos. Durante os anos, convencionou-se associar a instituição como tendo preferência por questões ligadas à classe média negra, principalmente por meio de casos jurídicos. Tal percepção teria ganhado força com a

[and_democratic_debate._Critical_Studies_In_Media_Communication_18_3_303-320?auto=download](#).

Acesso em: 03/05/2019.

²⁸ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, MARIA Lígia. *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de São Paulo”*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980, p. XIX.

²⁹ DU BOIS, W. E. B. *The Crisis*. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 1, p. 10, Nov., 1910.

vitória obtida no caso *Brown v. Board of Education of Topeka*, em 1954, que colocou fim a prática de segregação no ensino público. Além disso, a publicidade dada ao NAACP Legal Defense Fund em termos de relações públicas somou-se ao que o historiador Gilbert Jonas descreveu como uma “percepção imprecisa de que a maior parte dos recursos da NAACP foi gasta em processos judiciais.”³⁰ Críticas foram recaindo sobre a Associação devido à configuração de seus membros, grande parte ligada a profissões tidas de elite, tais como juristas, educadores e filantropos. A lentidão em alcançar mudanças positivas ocasionada nos processos de litígios irritou toda uma geração de jovens que procurava alterações rápidas na sociedade e que estava disposta a colocar suas vidas em risco para atingir seus objetivos.³¹

As interpretações que resumiram o trabalho executado pela NAACP como um que visava quase que exclusivamente a classe média afro-americana, não fazem jus as atividades desempenhadas pela Associação. Nessa perspectiva, somos levados a concordar com Eisenberg (1982, p. 110) de que “no processo de crítica e dúvida, entretanto, muitos esqueceram, ou nunca perceberam, que a NAACP primitiva, de fato, era considerada uma organização radical.”³² O autor ainda esclarece que a classe média era importante para o início da Associação, mas um considerável e surpreende número de recrutas vinha da classe trabalhadora urbana, além de não seguirem um programa claro com tendências burguesas.³³ Com relação ao financiamento da instituição, foi demonstrado que somente a partir da década de 1960, doações corporativas e grandes contribuições vindas de indivíduos ricos, praticamente todos brancos, chegaram à Associação. Até então, os poucos centavos dos afro-americanos forneciam quase todo o apoio financeiro da NAACP.³⁴ Para Eisenberg (1982, p. 113), é irônica a ideia de que a NAACP, criada e desenvolvida por indivíduos declaradamente socialistas, ganhasse a

³⁰ JONAS, Gilbert. *Freedom's sword: the NAACP and the struggle against racism in America, 1909-1969*. New York; London: Routledge, 2005, p. 32.

³¹ FRANKLIN, V. P. Introduction: Documenting The NAACP'S First Century – From Combating Racial Injustices to Challenging Racial Inequalities. In: *THE JOURNAL OF AFRICAN AMERICAN HISTORY*, v. 94, n. 4, Fall, 2009, p. 453. (Special Issue: “Documenting the NAACP’s First Century”). Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25653973>. Acesso em: 26/06/2014.

³² EISENBERG, Bernard. Only for the Bourgeois? James Weldon Johnson and the NAACP, 1916-1930. In: *PHYLON (1960-)*, v. 43, n. 2, 2nd Qtr., 1982, p. 110. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/274461>. Acesso em: 22/12/2022.

³³ Idem, p. 113.

³⁴ JONAS, op. cit., p. 14.

reputação de conservadora e orientada para a classe média. Segundo ele, “a Associação estava profundamente comprometida com o trabalhador negro.”³⁵

Durante a produção do trabalho, podemos observar como os integrantes da Associação estavam realmente interessados na questão do trabalhador negro, não só nos Estados Unidos, mas ao redor do planeta. Suas ações e discursos, por vezes, extrapolaram os procedimentos descritos e estabelecidos em reuniões oficiais e se expandiram para o âmbito fora da NAACP alcançando outros empreendimentos pessoais e profissionais. Imbuídos no estabelecimento de uma causa comum, seus integrantes publicaram textos e vincularam notícias em seus próprios veículos de imprensa, articularam-se com outras organizações e entraram em contato com amigos ou pessoas influentes para atingirem determinado objetivo. Essa vontade de mudança precisa ser mais reconhecida e esperamos que esse trabalho auxilie nessa questão.

³⁵ EISENBERG, op. cit., p. 113.

Capítulo 1 - Cartas para *The Crisis*: uma percepção sobre a questão racial no início do século XX

1.1 – *The Crisis*: uma longa trajetória

Na virada do século XIX para o XX, os Estados Unidos presenciavam uma onda de violência que parecia conduzir o país para uma guerra de cunho racial sem proporções. Diante daquele cenário, diversos indivíduos e instituições se empenhavam, apesar das adversidades, para debaterem o estado de coisas e procurar soluções para se evitar que o problema se alastrasse a um ponto sem volta. Dentre essas instituições estava a National Association for the Advancement of Colored People - NAACP.

O acontecimento imediato que proporcionou a união de indivíduos de tendências progressistas a estabelecerem uma organização como a NAACP foi o distúrbio racial ocorrido em Springfield, estado de Illinois, em agosto de 1908. Notícias sensacionalistas de um possível estupro de uma mulher branca por um homem negro, divulgadas por determinados veículos de imprensa, instigaram uma multidão de cidadãos brancos a fazer justiça com as próprias mãos. Os resultados foram ao menos dezesseis pessoas mortas, oito delas afro-americanas sendo que duas foram linchadas. Após o ocorrido, milhares tiveram que deixar a cidade. Indignado, o jornalista, escritor e socialista William English Walling escreveu o artigo “The Race War in the North” (“A Guerra Racial no Norte”), publicado no jornal *The Independent*, em 03 setembro do mesmo ano. O artigo chamou a atenção da ativista pela causa dos direitos dos afro-americanos Mary White Ovington que também se engajou na estruturação da NAACP.³⁶

Um ano e nove meses após a fundação da NAACP, oficialmente reconhecida como o dia 12 de fevereiro de 1909, vinha a público o primeiro número da revista *The Crisis: A Record of the Darker Races*.³⁷ Seu nome parece ter surgido de uma conversa

³⁶ Para saber mais, ver: SENECHAL DE LA ROCHE, Roberta. *In Lincoln's shadow: the 1908 race riot in Springfield, Illinois*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2008.

³⁷ Embora uma reunião entre três dos fundadores – William English Walling, Mary White Ovington e Henry Moskowitz – tenha se realizado na primeira semana de janeiro daquele ano, o convite para que um encontro de maior escala acontecesse foi elaborado pelo editor jornalístico Oswald Garrison Villard e lançado em 12 de fevereiro. “*The Call*” (“O Chamado”), como o documento ficou conhecido, convocava aqueles que acreditavam nos preceitos democráticos a discutirem as ameaças aos direitos políticos e civis que o país vivenciava. A data de seu lançamento e que estabelece a criação da NAACP não se deu por acaso, pois marca o aniversário de 100 anos de nascimento do ex-presidente Abraham Lincoln, conhecido como o “Grande Emancipador” do negro norte-americano. Para ter acesso ao conteúdo do documento, ver: <https://www.loc.gov/exhibits/naacp/founding-and-early-years.html#obj2>.

informal em que Mary White Ovington, William English Walling e o intelectual, ativista e futuro editor da revista, o afro-americano William Edward Burghardt Du Bois estavam tendo sobre a estruturação da mesma. Ao se deparar com o poema do escritor e abolicionista James Russel Lowell, “The Present Crisis”, de 1844, Ovington teria se pronunciado dizendo que aquele poema significava mais para ela, naquele momento, do que qualquer outro escrito do gênero. Foi então que Walling teria dito que aquele era o nome ideal para a revista.³⁸

Antes mesmo de sua fundação, a revista enfrentou questionamentos acerca de sua utilidade vindos, até mesmo, de membros simpáticos ao estabelecimento de uma organização de caráter nacional como a NAACP. Albert E. Pillsbury, Ex-Procurador-Geral do estado de Massachusetts, em correspondência enviada para Du Bois comentou que periódicos estavam se tornando tão numerosos e nocivos quanto as moscas no Egito. Esta foi uma clara referência a uma das pragas dos tempos bíblicos do Velho Testamento.³⁹ De acordo com Pillsbury, trabalho mais efetivo poderia ser realizado através de jornais, enquanto empreendimentos como o que estava sendo proposto alcançavam poucas pessoas. Contudo, Du Bois acreditava que a existência de um periódico como o que ele tinha em mente era de suma importância para se alcançar o público afro-americano e difundir as propostas da NAACP. Nesse sentido, é comumente aceito que a organização predecessora da NAACP, o Movimento Niágara (1905-1910), não tenha alcançado o êxito esperado devido à rigidez em sua estrutura organizacional menos propensa ao diálogo com elementos brancos da população.⁴⁰ Essa nova oportunidade, surgida com a criação da NAACP, mostraria para a sociedade estadunidense que membros renomados estavam dispostos a discutirem e apresentarem

³⁸ Cf. OVINGTON, M. W. How the National Association for the Advancement of Colored People Began. *THE CRISIS*, New York, v. 8, n. 4, p. 184-188, Aug. 1914. Ver também: KELLOGG, Charles Flint. *NAACP: a history of the National Association for the Advancement of Colored People*. Vol. 1 (1909-1920), Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press, 1973, p. 51.

³⁹ Cf. Letter from Albert E. Pillsbury to W. E. B. Du Bois, July 26, 1910. In: W. E. B. Du Bois Papers/UMassAmherst. Disponível em: <https://credo.library.umass.edu/view/full/mums312-b004-i007>.

⁴⁰ O Movimento Niágara foi uma junção de influentes afro-americanos que se reuniram para discutir a situação do negro estadunidense, no início do século XX, e exigir o completo usufruto de seus direitos como autênticos cidadãos americanos. Seus métodos divergiam das propostas difundidas pelo educador e industrial Booker T. Washington, o afro-americano mais influente de sua época, que pregava uma política de não enfrentamento com os brancos e a abdicação momentânea de seus direitos até que fossem reconhecidos por eles. O movimento pode ser considerado radical para sua época se considerarmos a situação subalterna à qual o negro estava submetido. Para os membros do grupo, nada menos que o total reconhecimento de seus direitos deveria ser aceito. Para saber mais, ver: JONES, Angela. *African American civil rights: early activism and the Niagara Movement*. Santa Barbara, California: Praeger, 2011.

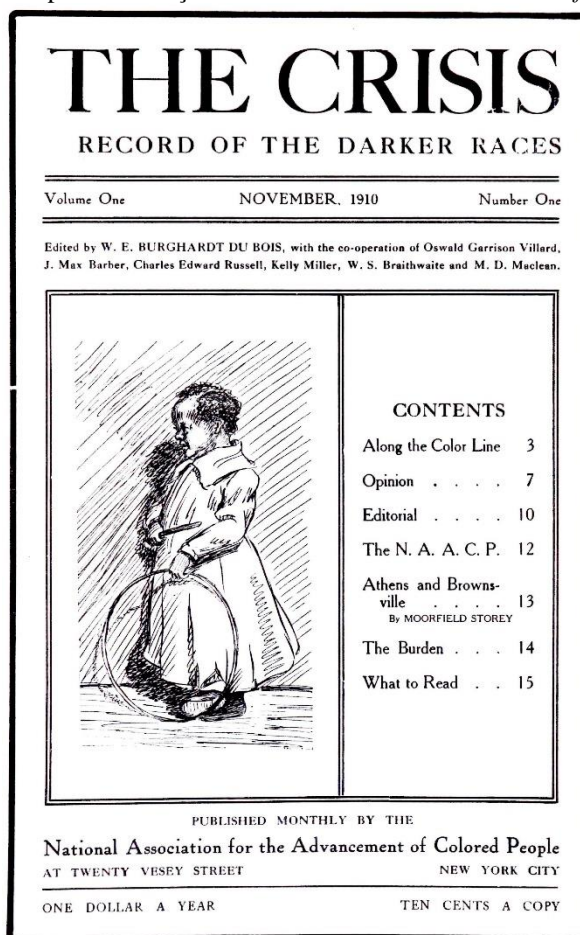
soluções para o terrível dilema da questão racial que, segundo suas interpretações, parecia dividir o país. Tal oportunidade de ajuda mútua não poderia ser perdida.

Ignorando tais prognósticos nada animadores, os trabalhos continuaram e, em novembro de 1910, o público pôde se deparar com a revista da NAACP. O pequeno editorial de apenas vinte páginas estava dividido em seis seções e trouxe, além disso, um texto elaborado pelo advogado, pacifista, anti-imperialista e primeiro presidente da associação Moorfield Storey, bem como quatro páginas e meia de propagandas publicitárias.⁴¹ A capa trazia uma figura infantil que se acredita tenha sido elaborada por Du Bois, embora outras suposições não descartem que o desenho tenha sido feito por sua filha, Yolande, na época com 10 anos. Outros elementos visíveis fazem referência à instituição responsável pela publicação mensal, endereço, valor unitário e índice.

Ainda que Du Bois, por várias vezes, tenha confessado que o seu interesse pela Associação se baseava quase que exclusivamente na possibilidade de publicar uma revista de alcance nacional, praticamente tomando para si o desenvolvimento do projeto, o editor de *The Crisis* pôde dispor do auxílio de outros profissionais qualificados. Dentre os nomes que apareceram na capa estavam os de Oswald Garrison Villard, um dos fundadores da NAACP, editor do jornal *New York Evening Post* e do semanal *Nation* e neto do abolicionista William Lloyd Garrison; J. Max Barber, ex-editor da revista literária *Voice of the Negro*; o jornalista e escritor Charles Edward Russell; o sociólogo e ensaísta Kelly Miller; W. S. Braithwaite que foi poeta, escritor e crítico literário e Mary Dunlop Maclean, escritora e jornalista que trabalhava no *The New York Times* e que era a única mulher na junta de editores tendo prestado seus serviços até sua morte, em 1912.

⁴¹ O texto elaborado por Storey fazia referência a dois casos envolvendo soldados brancos e negros nas cidades de Athens, estado de Ohio, em 1904, e Brownsville, Texas, em 1906. No primeiro evento, um grupo de aproximadamente setenta soldados se dirigiu até a cadeia local com o objetivo de libertar um companheiro que tinha sido acusado de uma ofensa, não especificada no texto. Vários disparos foram realizados pelas ruas ocasionando a morte de um homem e ferindo no mínimo dois cidadãos. Por interferência do governo federal, apenas um dos soldados foi sentenciado a um ano em uma penitenciária e um outro recebeu uma multa. Em Brownsville, tiros foram disparados pelas ruas da cidade, mas a existência de poucas provas dificultava a punição para os infratores. Todo o batalhão foi considerado inocente, mas os soldados negros foram dispensados sem um julgamento. Storey questionou o posicionamento do presidente Theodore Roosevelt nos dois casos e expôs que o que determinou a decisão foi o fato dos soldados em Brownsville serem negros. STOREY, Moorfield. Athens and Brownsville. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 1, p. 13, Nov. 1910.

Imagem 1: Capa da primeira edição da revista *The Crisis: A Record of the Darker Races*



Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 1, Nov. 1910.

As seções faziam referências às diversas temáticas e problemáticas que circundavam a vida dos afro-americanos. A primeira a aparecer nessa edição foi “*Along the Color Line*” (“Ao Longo da Linha de Cor”) que estava dividida em subseções que tratavam de política, educação, instituições negras como a igreja, o que estava sendo desenvolvido por outras organizações e clubes sociais para proporcionar uma vida melhor para o negro no país, encontros realizados para discutir a situação racial, o desenvolvimento econômico do grupo, tópicos sobre arte, dentre outros conteúdos. “Opinion” (“Opinião”) que tinha como função expor matérias sobre a questão racial que estavam sendo apresentadas em outros periódicos ao redor do país, grande parte das vezes, contendo cartas enviadas para aqueles veículos de imprensa. “Editorial” (“Editorial”), espaço reservado para que o editor pudesse discutir determinados fatos com certa dose de liberdade. Por meio dele, ficou evidente a forma, muitas vezes, ácida e irônica de se tratar eventos que chocavam boa parcela da população. Um exemplo disso,

foi o relato de linchamento de dois italianos, naturalizados americanos, ocorrido na Flórida quando terminou a nota revelando que “todo cidadão americano livre tinha o direito de ser linchando sem a necessidade de uma enfadonha investigação e penalidades”. Embora possa se ter a ideia de que esse espaço tenha sido caracterizado como sendo de “exclusividade” do editor, pelo fato de que Du Bois agiu para que assim fosse, outros membros do corpo editorial fizeram uso da seção.

A seção reservada à “N.A.A.C.P” (“NAACP”) consistia em apresentar os feitos, a quantidade de escritórios operando, reuniões e as diretrizes que regiam a instituição. Nessa primeira edição, pode-se ver, por exemplo, a data da primeira conferência realizada, evento ocorrido entre os dias 31 de maio e 01 de junho de 1909, e os membros que compunham o Comitê Geral e Executivo. Esse último totalizando vinte e dois signatários. O departamento denominado “The Burden” (“O Fardo”), pode ser considerado o mais angustiante da revista por apresentar diversos relatos aviltantes que faziam parte do cotidiano dos afro-americanos nos primeiros anos do século XX. Histórias de segregação, brutalidade policial, desrespeito aos direitos civis eram elementos constantes em suas páginas. “What to Read” (“O Que Ler”) foi um tópico em que era sugerida a leitura de publicações que tratavam de assuntos relacionados à questão racial não apenas nos Estados Unidos, mas em outras partes do mundo. No primeiro número da revista, pode-se visualizar, além de sugestões de livros sobre a questão dentro do país, artigos sobre a África e livros que tinham sido publicados recentemente.⁴²

O primeiro número foi um sucesso e para a edição de dezembro tanto a quantidade de páginas quanto a tiragem aumentaram. Embora tenha enfrentado vários problemas financeiros, o que fez com que a revista levasse um tempo considerável para se manter apenas com as suas vendas por meio do número de inscritos, ao final de sua primeira década a circulação mensal estava em torno de mais de 90.000 cópias para o ano de 1919, sendo a edição de junho a de maior tiragem vendendo 105.000 exemplares. Vale ressaltar que esse número expressivo de exemplares vendidos estava intimamente relacionado com o retorno dos veteranos que voltavam da Europa com o fim da Primeira Guerra Mundial

⁴² Demais seções foram acrescentadas nas edições e anos subsequentes. Dentre elas, “Talks About Women” (“Conversar Sobre as Mulheres”), presente no número de dezembro de 1910, e renomeada para “Women’s Club” (“Clube de Mulheres”), em outubro de 1911, demonstrava interesse em relação ao direito das mulheres e “Men of the Month” (“Homens do Mês”), trazendo pessoas que se destacavam para o avanço das relações raciais, negócios e ciências.

em que grande ênfase foi atribuída à participação dos negros tanto dos Estados Unidos como de outras partes do mundo foi digna de destaque.⁴³

Durante suas primeiras décadas, alguns meses específicos ficaram conhecidos pelos temas que compreendiam grande parte das matérias que a publicação apresentava. Dentre elas, a edição de janeiro era a de Ano Novo, a de fevereiro trazia dados sobre o ano anterior como as reuniões realizadas pela NAACP, métodos para o combate à segregação, propostas para o ano que começava e uma informação, na maioria das vezes, nada otimista: a quantidade de afro-americanos mortos violentamente e sem o devido processo legal. A edição de abril era conhecida como a de Páscoa e atrelava a narrativa da ressurreição de Cristo com novos tempos mais otimistas para a sociedade americana e o tratamento para com os negros e demais minorias. As edições do mês de julho eram dedicadas aos feitos realizados pelos alunos e universidades dedicadas ao ensino dos negros trazendo notícias sobre ligas esportivas, quantidade de graduandos, a importância da educação infantil de qualidade, feitos consideráveis de estudantes negros e tópicos do tipo.⁴⁴ A edição de outubro era geralmente dedicada às crianças e apresentava indicações de livros para aquele público, histórias reproduzidas na própria edição do mês, além de diversas fotos de crianças negras, na maior parte das vezes, da classe média nacional. O número de novembro era a publicação de aniversário trazendo relatos sobre os feitos da revista, o convite para mais inscrições e críticas que não eram poupadas, mesmo nesse número de aniversário, aos governantes e a população em geral, principalmente do Sul do país, sobre sua hesitação em apoiar a causa da NAACP e da revista. E por fim, a edição de dezembro era a de Natal, em que se mesclava a história de nascimento de um salvador para a humanidade, retratando não só Jesus, como a Sagrada Família, composta por pessoas negras e a hipocrisia de alguns cristãos e da sociedade Ocidental que ainda subjugavam os negros e demais povos não brancos.

⁴³ De acordo com os dados apresentados na edição de fevereiro de 1920, a média de vendas do ano de 1919 foi de 94.908 cópias. Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 19, n. 4, p. 198, Feb. 1920.

⁴⁴ Quando a publicação de uma matéria tinha a perspectiva de quebrar o clima de celebração de algum número da revista, ela era deixada para o número seguinte ou era feita uma edição suplementar como o que ocorreu em julho de 1916. A edição suplementar de julho relatava a sucessão de acontecimentos que ocasionou o brutal linchamento do jovem negro de dezessete anos, Jesse Washington, na cidade de Waco, estado do Texas, ocorrido em 15 de maio. O exemplar foi distribuído para aproximadamente 42.000 assinantes, 700 jornais da grande imprensa, 50 semanais negros, para todos os membros do Congresso e 500 homens de negócios de Nova Iorque como incentivo para se engajarem na luta contra aquela prática ilegal. Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 3, p. 1-8, Supplement to the Crisis, July 1916. Ver também: KELLOGG, op. cit., p. 218.

Na década seguinte ao seu lançamento os índices de venda da publicação começaram a reduzir e não mais alcançaram as vendas e lucros tão expressivos quanto, por exemplo, aqueles de meados de 1919. Durante a década de 1920, as vendas mensais ficaram abaixo de 65.000 exemplares e em 1930 a marca foi para menos de 30.000.⁴⁵ Segundo Du Bois, fatores como a falta de predisposição do público leitor em pagar pelos periódicos que liam, os anunciantes que começaram a procurar outros veículos de imprensa com maior circulação visando atingir um mercado que podia pagar pelos produtos oferecidos, perseguições políticas e o receio dos negros em serem vistos lendo seus exemplares contribuíram para as quedas nas vendas.⁴⁶ Contudo, interpretações apontam que a forma de conduzir a revista com o objetivo de alcançar um público mais abastado e sofisticado afastou a publicação das camadas mais populares.⁴⁷

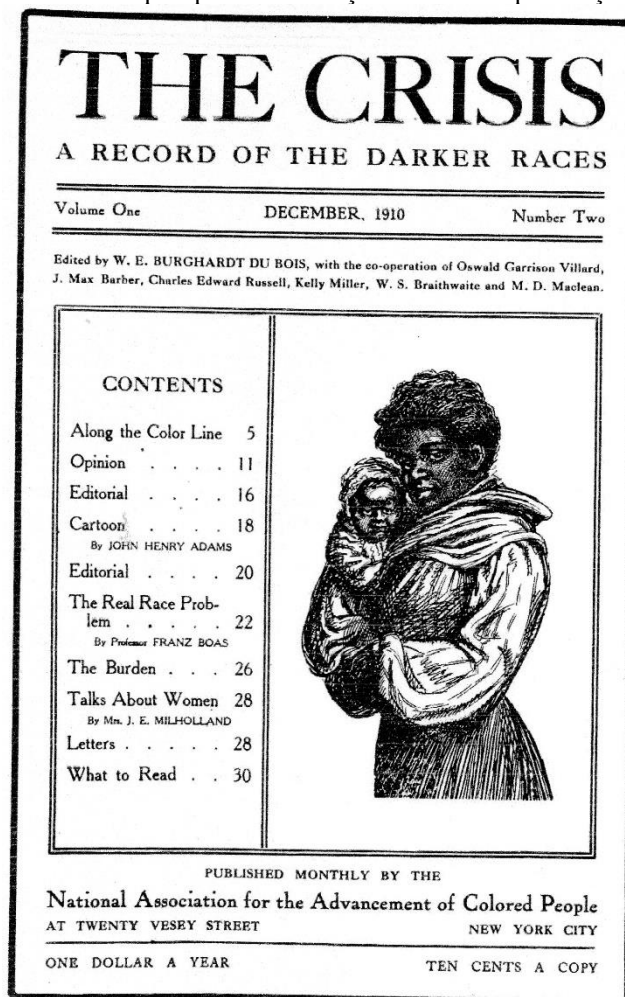
A história da revista *The Crisis* com uma seção destinada ao recebimento e publicação de cartas se evidenciou a partir do segundo número da revista. Em dezembro de 1910, o periódico, publicou suas primeiras correspondências, num total de cinco. Essas primeiras cartas publicadas faziam referência ao empreendimento que estava começando, geralmente, passando uma mensagem positiva e a possibilidade de que as relações raciais poderiam ser melhoradas. Deve-se considerar que a seleção dessas cartas com temas que parecem convergir para uma luta com o intuito de se alterar o *status quo*, tenha se dado de forma proposital como uma maneira de chamar a atenção do público e da população, em geral, para a manifestação de pessoas que acreditavam ser possível atingir aquele feito. De igual maneira, a exposição de cartas de autores que expunham sua indiferença ou, até mesmo, sua posição reacionária acerca de mudanças sociais, nessa primeira plataforma de discussão, poderia causar um impacto desanimador na sociedade, atizando grupos conservadores e ser um fator de decisão entre aqueles que ainda apresentavam um posicionamento neutro sobre a situação. Pode-se presumir que a seleção dessas primeiras correspondências obedeceu a um propósito bem definido que se alinhava com os parâmetros de criação da NAACP e da revista.

⁴⁵ RUDWICK, Elliott M. W. E. B. Du Bois in the Role of Crisis Editor. In: *THE JOURNAL OF NEGRO HISTORY*, v. 43, n. 3, Jul., 1958a, p. 234. Disponível: <https://www.jstor.org/stable/2715984>. Acesso: 04/03/2012.

⁴⁶ WILSON, Sondra Kathryn (Ed.). *The Crisis Reader: stories, poetry, and essays from N.A.A.C.P.'s Crisis magazine*. New York: The Modern Library, 1999, p. xxx.

⁴⁷ RUDWICK, op. cit., p. 235.

Imagem 2: Capa da segunda edição da revista *The Crisis: A Record of the Darker Races*. Esse é o primeiro número em que aparece uma seção destinada a publicação de cartas.



Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 2, Dec. 1910

As primeiras cinco cartas enviadas compunham o tópico “Letters” (“Cartas”) e estiveram presentes nas páginas 28 e 29 da edição do mês de dezembro. Tais mensagens não apresentavam o nome dos remetentes, o que era uma prática aceitável do jornalismo no início do século XX, pois a exibição dos nomes dos autores poderia incorrer no risco para suas vidas dependendo de onde moravam e de como eram as relações raciais e sociais na localidade. As cartas receberam as nomenclaturas de “From Dutch Workingmen” (“De Trabalhadores Holandeses”), “From a Russian Revolutionist” (“De um Revolucionário Russo”), “From a Northern White Man” (“De um Homem Branco do Norte”), “From a Southern White Man” (“De um Homem Branco do Sul”) e “From a Colored Man” (“De um Homem Negro”), respectivamente. A primeira correspondência é interessante, pois demonstra o início de uma relação íntima da NAACP e da revista em expor problemáticas

relacionadas ao universo trabalhista não apenas nos Estados Unidos, mas ao redor do mundo.

Os assuntos de algumas dessas correspondências são bem emblemáticos, pois revelaram significativas percepções sobre os negros e do tratamento dispensado aos negros no país. “From Dutch Workingmen”, atribuída a um grupo de trabalhadores holandeses, prestou solidariedade aos negros dos Estados Unidos e relatou o entendimento da falta de interesse em mudar, não só o seu *status*, mas as próprias relações humanas. A correspondência terminou com a sugestão, até ingênua, dependendo do ponto de vista, de que corporações e pessoas influentes fossem convocadas para o esforço e iniciativa de formar um comitê internacional com o objetivo de se erradicar os males sociais.⁴⁸ De maneira semelhante, “From a Russian Revolutionist”, apresentou uma empatia pelas lutas empreendidas na Rússia contra a opressão czarista e as batalhas travadas pelos negros durante séculos. O autor pareceu apresentar certo conhecimento sobre os negros, em geral, afirmando que o teria adquirido por meio de relatos de viagens sobre a África que lia quando criança. Mesmo não se sentindo qualificado para falar sobre o grupo negro, criticava as pessoas mais influentes e tidas como seus líderes que advogavam a ideia de submissão. Segundo ele, nenhuma pessoa deveria desistir do orgulho e do autorrespeito. No que pareceu ser uma referência aos discursos empreendidos pelo líder industrial e educador Booker T. Washington, argumentou que quando a parcela mais inteligente do grupo desistia daqueles preceitos cometia um crime contra todo o seu povo que nunca poderia ser remediado.⁴⁹

As duas cartas apresentadas demonstravam uma perspectiva de solidariedade e, até mesmo, um interesse pelo socialismo ao questionar as condições de vida da época, e o estabelecimento de uma organização aos moldes da Association Internationale pour la lutte contre le chomâge (Associação Internacional Pela Luta Contra o Desemprego), destinada ao combate ao desemprego.⁵⁰ Vale ressaltar também que, por essa época, Du

⁴⁸ *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 2, p. 29, Dec. 1910.

⁴⁹ Idem. No primeiro número de *The Crisis*, a revista publicou uma pequena nota sobre a visita de Booker T. Washington pela Europa e que teria recebido muita atenção. Na ocasião, Washington teria dito que o problema racial no Sul do país estava se tornando mais reconfortante e assim que voltou para os Estados Unidos, teria pronunciado que os afro-americanos estavam em uma posição muito melhor que as classes mais pobres da Europa. A presença de Washington na Europa teria influenciado a manifestação de opiniões dos dois autores das cartas. Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 1, p. 5, Nov. 1910.

⁵⁰ Durante os primeiros anos do século XX, a preocupação com a situação dos trabalhadores despertou a atenção de ativistas, estudiosos e diversos outros indivíduos em grande parte do mundo. Dessa forma, encontros e congressos foram estabelecidos para se debater a questão do desemprego que avançava pela sociedade industrial. Oriunda de um comitê estabelecido em Paris, em 1909, a Association Internationale

Bois e vários outros membros da Associação eram adeptos e defensores dessa doutrina tendo contribuído para a seleção dessas cartas em particular.

Os temas das outras correspondências publicadas também parecem conversar entre si seguindo as diretrizes editoriais da revista e as políticas da NAACP. “From a Northern White Man” trouxe o relato de um homem que durante muito tempo nutriu aversão por negros e judeus. No entanto, a religião teria aberto seus olhos no que se referia a rejeitar a diferenciação de classes. Para o autor, o preconceito racial contra minorias era um dos mais persistentes traços selvagens que o ser humano carregava, embora existissem outros que eram são encontrados tanto nos brancos quanto nos negros. “O homem branco do Norte” concluiu sua mensagem afirmando que o problema não é como se pode mudar o mundo, mas como se pode mudar o ser humano.⁵¹ “From a Southern White Man” apresentou semelhanças claras em relação à escrita pelo seu compatriota nortista. A questão do preconceito do homem branco pelas “raças” mais escuras, o lamento por ainda existir esse elemento dentro do ser humano e, da mesma maneira, como a religião tinha mudado a forma de pensar do escritor do Norte, a experiência o tinha ensinado que a cor da pele não era um parâmetro para se definir um homem e que estava se esforçando por ensinar isso para seus três filhos. Um detalhe que chama atenção está presente em sua surpresa ao descrever sua experiência quando esteve no Norte do país onde, segundo ele, apresentava exemplos de preconceito racial mais intensos que os vivenciados pelos negros no Sul.⁵² Nesse aspecto, pode ser considerado uma pena não estar presente o registro do estado do país de onde o autor se encontrava, pois como declarado por ele, os seus três filhos frequentavam a mesma escola que crianças negras, o que no Sul do país, na primeira década do século XX, era um dado raro.

Esses relatos, como exposto introdutoriamente acima, parecem conduzir os leitores para o fato de que mudanças no *status quo* que regia os Estados Unidos, em inícios do século XX, eram ocorrências passíveis de acontecer. Elas evidenciam que tanto no

pour la lutte contre le chômage, procurou formular procedimentos a serem reivindicados com a finalidade de se obter maiores garantias para os trabalhadores. Dentre as diretrizes discutidas para se entender e combater o fenômeno do desemprego estipulados em um congresso realizado em Paris, em 1910, estavam a organização de um escritório permanente para centralizar, classificar e manter à disposição dos interessados documentos relativos aos vários aspectos do combate ao desemprego em diferentes países e negociações com instituições privadas ou autoridades públicas de cada país com o objetivo de se avançar legislações sobre o desemprego. Para saber mais, ver: Publications of the International Association of Unemployment and of Its National Sections. *MONTHLY REVIEW OF THE U.S. BUREAU OF LABOR STATISTICS*, v. 2, n. 4, Apr. 1916, pp. 85-91. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41822968>.

⁵¹ *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 2, p. 29, Dec. 1910.

⁵² Idem.

Norte como no Sul, pessoas estavam abertas a se empenharem para atingir o bem comum que pode ser traduzido na garantia de direitos para todos e no reconhecimento dos seres humanos como seres humanos. Se no primeiro exemplo o autor terminou com uma indagação sobre como mudar o ser humano, na segunda carta, o autor, sulista, exemplificou apresentando que estava ensinando os filhos que a cor da pele é um elemento apenas superficial e que homens e mulheres não pertenciam a uma raça em particular. Sua última frase é um elemento positivo ao afirmar que acreditava estar sendo bem-sucedido em fazer o que estava se prontificando a fazer.

Na primeira carta, pode-se verificar que além da menção aos negros e judeus, dois dos grupos que compunham grande parte da NAACP, outros grupos não brancos são representados por denominações pejorativas. “Chink”, para se referir às pessoas de origem chinesa, “Jap”, que se empregava às de origem japonesa, e “Hindu”, geralmente relacionados à religião, hinduísmo, mas que de forma genérica se referia a todos aqueles de descendência indiana. A correspondência do “homem branco sulista” fez referência às “raças mais escuras da família humana”, como brevemente mencionado acima. O aparecimento dessas cartas, especificamente, revela novamente um dos parâmetros adotados pela revista que era a discussão dos problemas envolvendo os perigos do preconceito racial, mesmo que o destaque recaia sobre as “pessoas de cor”, como apresentado no *Editorial* sobre o objetivo da criação da revista.⁵³

A última correspondência publicada, que completou essa primeira aparição da seção, foi atribuída a um homem negro. O autor de “From a Colored Man” relatou sua experiência em Oklahoma City, o serviço prestado pelas companhias ferroviárias que operavam na área e sua indignação com o próprio povo negro.⁵⁴ Para ele, o estado de coisas que se expressava na discriminação e no desdém com que o negro norte-americano era tratado pelas empresas ferroviárias era, em grande medida, atribuída ao próprio negro por não se posicionar mais firmemente contra aquela situação. Pode-se verificar na correspondência uma série de proposições que fazia referência a um dos casos mais conhecidos e vergonhosos da jurisprudência norte-americana: a decisão da Suprema Corte, em 1896, no caso *Plessy v. Ferguson* que sancionou a segregação racial nos

⁵³ *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 1, p. 10, Nov. 1910. De acordo com o historiador Gerald Horne, o subtítulo da revista fazia referência de que a discussão não ficaria restrita ao afro-americano. Cf. HORNE, Gerald. *W.E.B. Du Bois: a biography*. Santa Barbara, Ca. Greenwood Press, 2010, p. 62.

⁵⁴ *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 2, p. 29, Dec.1910.

transportes públicos. No início de seu relato, o autor duvidava que algum tribunal respeitável sustentasse a discriminação escancarada que se observava por todo o Sul do país, seja no que se referia aos locais de descanso ou de vendas de passagens. Adiante, evidenciou que o combate àquela situação deveria ser um empreendimento coletivo e não individual. Segundo ele, os negros do país tinham inteligência e dinheiro suficiente para demandar por melhor atendimento nos transportes ferroviários citando, até mesmo, a companhia Pullman, que por sinal, era uma das empresas que mais empregava afro-americanos. Ao finalizar seu relato, demonstrou interesse em saber se a NAACP realizaria um esforço organizado e um apelo aos negros para levantar fundos e se engajarem no questionamento e combate à situação, ressaltando que a luta precisava ser de todos.

A explanação evidenciada nessa carta demonstra que uma prática mais combativa estava se estruturando. Ela pode ser entendida como uma mensagem para os adeptos do discurso de apaziguamento, que discussões mais sérias na busca pelo reconhecimento de direitos, seria o objetivo a ser alcançado. A exposição de seu conteúdo traz implícita o esforço organizado que buscava a completa cidadania do afro-americano, ainda que nos tribunais, sugerindo que era preciso combater decisões considerada injustas.

A escolha e seleção de cartas pode ser caracterizada como obedecendo ao que determinados grupos de mídia pretendem angariar com sua política editorial. Da mesma forma que a escolha de fotografias para uma exposição, a seleção de cartas não se dá de forma aleatória, mas segue um papel ideológico com intenções políticas e clamores específicos.⁵⁵ Observam-se nessas primeiras cartas selecionadas e publicadas, as políticas adotadas com a criação da NAACP e *The Crisis*, a solidariedade que deveria existir para se atingir as propostas elencadas, o entendimento de que nenhuma distinção deveria existir para a classificação dos seres humanos e a prerrogativa de que mais ações seriam o novo foco no combate à discriminação.

⁵⁵ Aqui, fazemos uma analogia com o trabalho da professora Shawn Michelle Smith em *Photography on the Color Line*. Nesse trabalho, ela discute a seleção de fotografias selecionadas por Du Bois, quando lecionava na Universidade de Atlanta, e seus alunos para a Exposição Universal de Paris, em 1900. O objetivo da seleção, retratando em grande parte a classe média local, era evidenciar a ascensão econômica e social do afro-americano e transmitir uma ideia que desmistificasse os valores preconcebidos sobre os negros nos Estados Unidos. Du Bois, desta forma, pretendia realizar um projeto de nova representação para o grupo afro-americano. Cf. SMITH, Shawn Michelle. *Photography on the Color Line: W. E. B. Du Bois, Race, and Visual Culture*. Durham; London: Duke University Press, 2004.

Imagem 3 – Aparecimento da seção de cartas enviadas pelos leitores.

LETTERS

FROM DUTCH WORKINGMEN.

The Protestant Laboring Men's Association, "Francisco Ferrer," of Amsterdam, adopted the following motion in their meeting of November 1st last:

Having taken due note of the circular issued by the National Negro Committee, which was brought to the attention of the people of Great Britain and Europe, and considering that the existing conditions of

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 2, Dec. 1910, p. 28.

Imagem 4: Continuação da seção de cartas enviadas pelos leitores.

LETTERS

29

the Negro in America, as described in the circular above mentioned, are mainly due to the apathy in regard to similar affairs of other people and to the general absence of interest of the world at large in humane affairs, we are of the opinion that everybody who means well and who wishes to change present living conditions and circumstances must realize that the interest in humanity must find its foundation in the depths of his own heart; that such social evils must be attacked at their source, and overcome there.

Influential corporations and persons should be asked humbly but earnestly to take the initiative in establishing an international committee (such, for instance, as the "Association Internationale pour la lutte contre le chômage"), and we request the press to be so kind as to publish this motion.

FROM A RUSSIAN REVOLUTIONIST.

"I was arrested for intellectual and cultural influence upon my fellow exiles and transported to the wild banks of the River Peepora, near the North Pole. Have we not to struggle with the same inaccessible wall of prejudice and hatred, nursed by centuries? I shall try to know better the history and modern condition of your race, whose good nature and ingenuous beauty of a good and open heart I admired from childhood, reading descriptions of voyages into Africa. Perhaps it does not suit me, as a stranger, to criticise the words of some honorable men of your race, but they are not right who speak about the spiritual submission of the Negroes. There is something that nobody of us can give up—it's the manly pride and self-respect. And when the intelligent part of a people is given up they commit a crime toward their nation. And never will it be redeemed."

FROM A NORTHERN WHITE MAN.

I grew up with a personal repugnance to black folks and Jews. Since I learned to recognize the groundlessness of all class distinctions I have never come sufficiently close to either Negroes or Jews to entirely rid myself of this physical feeling. But that religion, any real religion which accepts the Golden Rule and the law of love, must reject all class and race distinctions is beyond doubt. The old saying ran, "Scratch a civilized man and you find a savage." The race prejudice against "Chink" and "Jap" and "Hindu," almost as strongly as against "Nigger," is one of the most persistent of our savage traits; but there are a lot of others that are found in the Negro as in the White. And isn't the problem with all of us, after all, not how we can reform the world, but how we can reform ourselves, individually, and live our individual lives in accordance with the law of love, and the Golden Rule?

FROM A SOUTHERN WHITE MAN.

"I know that we white, or so-called white people, are prejudiced against the darker races of the human family. It is, indeed, unfortunate that we are so. I am a native of a Southern State. I was much surprised to find, when I went north of the Mason and Dixon line, to find, in some instances, the prejudice stronger against the black man than it was in the South.

"Experience has long since taught me that color does not make the man. I have three sons all of whom have attended the same school with black boys. We have endeavored to teach them that color was only 'skin deep,' and that true manhood and womanhood does not belong to any particular race, and I think that we have succeeded in doing so."

FROM A COLORED MAN.

"The unjust discriminations which are imposed upon Negro travelers I believe are due largely to our own failure to do what we can to ward off such. Now I do not believe that there is any respectable court that would sustain the open, flagrant discrimination that can be established all over the South. For example, I was visiting in Oklahoma City. There are three waiting rooms, namely, one each for white ladies, white men, and Negroes; but a casual glance will show one is for respectable white people, one is for white toughs, foreigners, Indians, etc., and the other for Negroes. There are two ticket offices: one for respectable white people, and one for the white toughs in that room labeled for white men, where all kinds of white people, foreigners, Indians, and everything deemed improper to be in the room labeled 'White Ladies,' are, and there the best, most refined colored lady has to go in and get a ticket. There could be no question about the unfair discrimination there, and others might be mentioned. But it is useless to speak to you about this, because you know better than I can tell you how easily we can establish the practice of unfair discrimination by the railroad companies.

"Now I am satisfied no one Negro ought to make this fight against these corporations. It is not an individual fight, it is a race fight. I am also satisfied that the race has the intelligence and the money necessary to vigorously prosecute the practice of manifest unjust discrimination. It seems to me that until we do this, we ourselves are largely responsible for the inequality in railroad travel: for the refusal in so many cases of allowing the Negro to take advantage of the Pullman service. I am deeply interested, and I thought possibly making this suggestion to you, you might be able to suggest or work out a way by which we could make an organized effort and appeal to the race and get the necessary fund that the race and not an individual may make this fight."

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 2, Dec. 1910, p. 29.

A seção de cartas na revista *The Crisis* não era uma constante, ou seja, não se dava em todas as edições da revista. Após o aparecimento da seção, em seu segundo número, seu nome modificou-se por diversas vezes em sua primeira década de existência e a quantidade de cartas publicadas também não obedecia a um número específico. Pode ser verificado que durante esses primeiros anos, as nomenclaturas que mais tiveram correspondências divulgadas foram “Letters” (“Cartas”), lançada em dezembro de 1910 e que compreende 6 aparições, “Letter Box” (“Caixa de Cartas”), cuja primeira aparição foi em junho de 1912 com 8 ocorrências e “The Outer Pocket” (“O Bolso Externo”) com 18 ocorrências e aparecendo pela primeira vez em agosto de 1916. Ao todo, 218 correspondências foram divulgadas apenas na seção com essas nomenclaturas. Algumas vezes, outros nomes foram empregados para designar a seção tais como “Little Letters” (“Pequenas Cartas”) e “Some Letters” (“Algumas Cartas”).

Após mais de um século de existência, mudanças aconteceram e adaptações foram necessárias. Durante um considerável espaço de tempo, de 1997 a 2003, o subtítulo da revista passou de *A Record of the Darker Races* (Um Registro das Raças Mais Escuras) para *The Magazine of Opportunities and Ideas* (A Revista de Oportunidades e Ideias).⁵⁶ A partir de então, o subtítulo foi suprimido. A publicação que inicialmente era mensal, passou a ser trimestral. Suas edições podem ser obtidas de forma digital ou impressa e sua sede passou de Nova Iorque para Baltimore, estado de Maryland. É considerada a mais antiga publicação voltada para o público negro. A revista é ativa em diversas redes sociais e discute as mais diversas questões que dizem respeito aos povos não brancos.⁵⁷

1.2 - W. E. B. Du Bois: o editor

W. E. B. Du Bois, primeiro afro-americano a obter o título de doutorado pela Universidade Harvard, em 1895, é mais reconhecido pelos seus trabalhos na área da História – *The Suppression of African Slave-Trade to the United States of America, 1638-1870* (1895), *Black Reconstruction in America, 1860-1880* (1935) e da Sociologia – *The Study of the Negro Problems* (1898) e *The Philadelphia Negro: A Social Study* (1899) – tendo gravitado também pela literatura e teatro. Contudo, um dos mais significativos períodos de sua vida foi quando esteve diretamente envolvido na estruturação e

⁵⁶ Cf. <https://www.britannica.com/topic/The-Crisis-American-magazine>.

⁵⁷ Cf. <https://www.thecrisismagazine.com/>.

publicação da revista que era o órgão de propaganda das políticas estabelecidas pela NAACP.

Imagem 5: W. E. B. Du Bois em seu escritório em Nova Iorque onde editava a revista *The Crisis*.



Fonte: <https://credo.library.umass.edu/view/full/mums312-i0421>.

Como editor de *The Crisis*, cargo que exerceu por aproximadamente vinte e cinco anos, Du Bois pôde se consolidar como um dos mais, aclamados porta-vozes dos negros norte-americanos. Obviamente que com o prestígio vieram também responsabilidades, questionamentos e divergências que se tornaram incontornáveis acarretando em sua saída da NAACP, em 1934.

Em seus anos iniciais como editor da revista, o público percebeu o caráter combativo e, às vezes, intransigente com que discutia os temas que grande parte do jornalismo do país não estava disposta a debater. Com um dom refinado para a escrita, seus artigos e editoriais comoveram e criaram indignação em seus leitores como poucas vezes tinha acontecido no país. Essa profusão de sentimentos gerada por suas palavras, contribuiu para evidenciar a necessidade de se debater o que foi pronunciado por ele, em

1903, no seu livro mais famoso, *The Souls of Black Folk* que “o problema do século XX é o problema da barreira racial”.⁵⁸

Antes de se engajar em um empreendimento jornalístico mais duradouro como foi o da revista *The Crisis*, Du Bois esteve ligado a outros trabalhos de divulgação de notícias. Em sua juventude, em Great Barrington, estado de Massachusetts, era correspondente local do jornal *New York Globe*, editado pelo jornalista, escritor e ativista T. Thomas Fortune. Ao passo que se tornava mais reconhecido pelos seus trabalhos e como parte de uma elite intelectual negra, tornou-se contribuinte de outros periódicos, tais como o *Atlantic Monthly*, escrevendo ensaios e artigos que tratavam da realidade vivenciada pelos afro-americanos e o turbulento jogo que era o das relações raciais no país.

Ao passo que suas ideias eram difundidas por meio de órgãos de imprensa, procurou estabelecer seu próprio veículo de comunicação. Daí surgiram dois breves empreendimentos: o *The Moon Illustrated Weekly* (*Semanal Ilustrado The Moon*) e *The Horizon: a Journal of the Color Line* (*O Horizonte: Um Jornal da Linha de Cor*). *The Moon*, que permaneceu em atividade por quase um ano, de dezembro de 1905 a agosto de 1906, pode ser considerada a primeira revista ilustrada destinada aos afro-americanos e foi apontada por Partington (1963, p. 213), como uma experiência para a publicação de *The Crisis* por conter semelhanças em termos de formato e conteúdo.⁵⁹ *The Horizon*, que teve uma vida um pouco maior que a anterior, em atividade de 1907 a 1910, foi o instrumento de divulgação do Movimento Niágara e tratava basicamente em tecer comentários sobre os conteúdos referente aos negros norte-americanos que saíam em outros jornais. Sua postura mais crítica, o questionamento aos métodos adotados por Booker T. Washington e a falta de recursos financeiros levaram *The Horizon* a encerrar suas atividades. Além disso, as atenções de Du Bois começavam a estar mais voltadas para a estruturação da NAACP e de seu futuro veículo de propagação de notícias.⁶⁰

Como editor da revista *The Crisis*, Du Bois tinha a oportunidade de alcançar mais lares americanos espalhando seus pontos de vista, muitas vezes, mesclados com suas

⁵⁸ DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*: Tradução: Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed. 1999, p. 49.

⁵⁹ PARTINGTON, Paul G. *The Moon Illustrated Weekly – The Precursor of the Crisis*. In: *THE JOURNAL OF NEGRO HISTORY*, v. 48, n. 3, July, 1963, p. 213. Disponível em: <https://jstor.org/stable/2716341>. Acesso em: 24/03/2012.

⁶⁰ Para saber mais sobre *The Horizon*, ver: ASHTON, Susanna. Du Bois's “Horizon”: Documenting Movements of the Color Line. In: *MELUS*, v. 26, n. 4, Winter, 2001, p. 3-23. African American Literature. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3185539>. Acesso em: 24/03/2012.

dúvidas sobre a possibilidade de mudanças concretas nas relações sociais estadunidenses. No início de suas atividades, no texto “Agitation” (“Agitação”), que esteve presente na primeira edição da revista, Du Bois parecia dar o recado sobre o que os leitores veriam em suas páginas. Para ele, até mesmo pessoas engajadas na luta por uma sociedade melhor alimentavam uma concepção errônea sobre o significado da palavra agitação compreendida como uma palavra negativa. De acordo com sua explicação, a agitação era um mal necessário que tinha como objetivo alertar a sociedade para uma doença que precisava de uma cura.⁶¹ Dois anos depois, o tema ainda estava vivo e presente no número de janeiro de 1913. Na ocasião, o editor exaltava o poder da agitação e do protesto que não precisava ser necessariamente físico. Caso o opressor sentisse que algo estava sendo feito para questionar a sua autoridade os efeitos sobre ele já seriam significativos. Por isso, conclamava a todos para a agitação e que não se calassem, pois a pior doença do país era o tratamento que era dispensado ao negro.⁶²

Ainda que Du Bois seja considerado um radical para sua época, como pode ser visto nestes e em diversos textos que publicou ao longo de sua passagem pela NAACP, algumas interpretações questionam tal imagem. Arndt, por exemplo, escrevendo na década de 1970, dividiu o trabalho de Du Bois em três períodos em sua dissertação *The Crisis Years of W. E. B. Du Bois, 1910-1934*. Para ele, o primeiro desses períodos, entre os anos de 1910-1918, foram anos de exploração e investigação no qual procurou agir dentro das políticas da NAACP evitando expor opiniões mais conflitantes que pudessem ocasionar problemas para a associação.⁶³ Contudo, em boa parte de seus escritos, Du Bois parece não se conter em discutir determinadas questões e acontecimentos que faziam ferver o caldeirão em que as relações raciais no país estavam inseridas. Exemplo disso se encontra no texto “Triumph” (“Triunfo”), de setembro de 1911.

⁶¹ DU BOIS, W. E. B. Agitation. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 1, p. 11, Nov. 1910.

⁶² DU BOIS, W. E. B. Our Own Consent. *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 3, p. 129, Jan. 1913.

⁶³ Cf. ARNDT, Murray Dennis. *The Crisis Years of W. E. B. Du Bois, 1910-1934*. Dissertation (Language and Literature, modern), Duke University, Ph. D., 1971.

Imagem 6: Primeiro texto do Editorial de setembro de 1911.

EDITORIAL

TRIUMPH.

LET the eagle scream! Again the burden of upholding the best traditions of Anglo-Saxon civilization has fallen on the sturdy shoulders of the American republic. Once more a howling mob of the best citizens in a foremost State of the Union has vindicated the self-evident superiority of the white race. The case was perfectly clear; it was not that murder had been done, for we Americans are not squeamish at mere murder. Off and on we do more of that kind of thing than most folk. Moreover, there was not much of a murder—only the crazed act of a drunken man quite unpremeditated. The point is he was black.

Blackness must be punished. Blackness is the crime of crimes, as the opeta-bouffe senator-elect from Mississippi has amply proven. Why is it a crime? Because it threatens white supremacy. A black might—why, civilization might be black! It is therefore necessary, as every white scoundrel in the nation knows, to let slip no opportunity of punishing this crime of crimes. Of course, if possible, the pretext should be great and overwhelming—some awful stunning crime, made even more horrible by reporters' imaginations. Failing this, mere murder, arson, barn burning or impudence may do; indeed, must do.

Once the pretext given, then let loose the majesty of American culture. It must warm the hearts of every true son of the republic to read how the brawn and sinew of Coatesville rallied to the great and glorious deed. It deserves a poem; think of the hoary farmers, toilworn with the light of a holy purpose in their eyes and pitchforks in their hands. "The churches were nearly deserted," say the papers. Splendid! Was it not fitting that Coatesville religion should lend its deacons and Sunday-school superintendents to the holy crusade? Did they

not choose a noble day? Sunday, the festival of the risen Prince of Peace.

Ah, the splendor of that Sunday night dance. The flames beat and curled against the moonlit sky. The church bells chimed. The scorched and crooked thing, self-wounded and chained to his cot, crawled to the edge of the ash with a stifled groan, but the brave and sturdy farmers pricked him back with the bloody pitchforks until the deed was done.

Let the eagle scream!

Civilization is again safe.

"Oh, say, can you see by the dawn's early light" that soap box of blackened bones and dust, standing in the dew and sunlight on the King's highway to the City of Brotherly Love, while, as the press reports, "all day long, not only from Coatesville, but from all Chester County, and even from Philadelphia, people walked and drove out to the scene of the burning. Men and women poked the ashes and a shout of glee would signalize the finding of a blackened tooth or mere portions of unrecognizable bones. By noon the black heap had been leveled and only the scorched ground was left to tell what had happened there."

Some foolish people talk of punishing the heroic mob, and the Governor of Pennsylvania seems to be real provoked. We hasten to assure our readers that nothing will be done. There may be a few formal arrests, but the men will be promptly released by the mob sitting as jury—perhaps even as judge.

America knows her true heroes.

Again, let the eagle scream!

But let every black American gird up his loins. The great day is coming. We have crawled and pleaded for justice and we have been cheerfully spit upon and murdered and burned. We will not endure it forever. If we are to die, in God's name let us perish like men and not like bales of hay.

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 5, p. 195, Set. 1911.

O contexto no qual se insere o artigo está relacionado ao linchamento de um homem negro na localidade de Coatesville, Pensilvânia, no mês de agosto. O brutal acontecimento, que será discutido mais à frente, indignou grande parte do país e foi notícia durante vários meses. Em seu texto, Du Bois se pronunciou fazendo uma referência a um dos maiores símbolos americanos que é a águia. A expressão "Deixe a águia gritar!", usada algumas vezes no decorrer do artigo, representava a salvaguarda e manutenção das tradições americanas identificadas na pretensa superioridade racial branca. A negritude significava uma ameaça a essa tal superioridade e, por isso, era vista

como um crime que deveria ser punido por qualquer pretexto. Ao longo do texto, o editor fez proposições sobre a premeditação do ato, o papel dos repórteres e o interesse da população acerca da punição.⁶⁴ Embora o escrito de Du Bois tenha sido recheado de uma ironia, até mesmo, um pouco ácida sobre as instituições americanas, nenhum questionamento foi publicado na revista sobre sua forma de se pronunciar, muito devido a repercussão que o caso tomou no país. Em outras ocasiões isso não foi possível.

Em março de 1914, o texto “Booming The Crisis” (“Estrondando The Crisis”), despertou questionamentos não apenas de leitores, mas de outros órgãos de imprensa. Respondendo uma matéria do semanal também voltado para o público afro-americano *Washington Bee*, que tinha declarado que grande parte do dinheiro arrecadado no escritório local da NAACP e em demais localidades era destinada à manutenção da revista, Du Bois fez alguns comentários que não apenas iam de encontro àquele semanal, mas a outras publicações da imprensa negra. Diretamente ao *Washington Bee*, o editor de *The Crisis* explicou que nenhum montante em dinheiro era destinado à revista que podia se manter sozinha. A exceção, era o pagamento de seu editor. Além disso, informou que *The Crisis* e a NAACP sempre deram publicidade às matérias que outros periódicos negros publicavam. Contudo, declarou que muito do que o *Washington Bee* e outros jornais escreviam não eram dignos de serem reimpressos ou lidos. O editor de *The Crisis* fez ainda questionamentos sobre os fatos apresentados pela maioria daqueles veículos de imprensa descrevendo-os como parciais ou incompletos, além de não tomarem cuidado com a linguagem empregada e de desviarem de seus princípios de justiça para com o negro.⁶⁵

⁶⁴ DU BOIS, W. E. B. Triumph. *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 5, p. 195, Set. 1911.

⁶⁵ DU BOIS, W. E. B. Booming The Crisis. *THE CRISIS*, New York, v. 7, n. 5, p. 239-240, Mar. 1914.

Imagem 7: Editorial de Du Bois respondendo as críticas e tecendo seus próprios comentários sobre alguns veículos de imprensa voltados para o público afro-americano.

EDITORIAL

239

ing" Booker T. Washington. We are fighting slavery, caste and cowardice in black men and white; nothing more and nothing less.



LYNCHING.



WE do not blame the people of the United States for being ashamed of lynching, but we have serious doubts if recent methods of curing the evil are going to be really efficacious. We do not refer now to the unjust and dangerous hastening of the trials of accused persons, nor even to the proposed lessening of the penalty for mob murder; but rather to an attempt, deliberate or unintentional, to suppress the truth concerning the present extent of lynching in this land.

THE CRISIS noted this last year. The first reports suggested that only thirty-four persons had been lynched during 1912. The second report published in other papers raised the amount to fifty or more while THE CRISIS' record was "sixty-three, possibly sixty-eight."

As this, however, was our first attempt to keep a record, we let the matter go without comment; but we note for the year 1913 precisely the same phenomena, namely, an early syndicated report in certain papers with thirty-odd lynchings; next comes the *Chicago Tribune*, which has hitherto been looked upon as an authority on lynching statistics, and reports forty-four lynchings for the year. Then comes Mr. B. T. Washington's report saying there were fifty-one.

God knows THE CRISIS is not anxious to increase the red record nor to revel in the spread of this most disgraceful blot upon our civilization. But nevertheless THE CRISIS has counted during the year 1913 seventy-nine and possibly eighty lynchings. There is, of course, much difficulty in determining just the number of lynchings. News agencies in the South often deliberately suppress

these reports and in nearly all cases are vague as to names, places and details. It is always possible, therefore, that the same lynching may be reported twice; then, too, there is evident difficulty in determining what constitutes a lynching. Ordinary murders, even though by mobs, have usually not been included. Making all due allowances for these things, THE CRISIS is unable to see any reason for believing that lynching decreased last year. On the contrary, the evidence of a substantial increase seems very strong. We would be only too glad to have our conclusions disproved.



BOOMING THE CRISIS.



THE *Washington Bee*, a weekly colored periodical has been stirred to its vitals by the fear that the money collected in Washington and elsewhere for the National Association for the Advancement of Colored People is going to be used for the support of THE CRISIS. We assure the editor that not a single cent of such moneys goes to the support of THE CRISIS. THE CRISIS supports itself, and has from the beginning, with the single exception that the association provides an editor for it.

Even this, however, does not apparently suit the nimble *Bee*. "But the National Association for the Advancement of Colored People ignores the splendid, vitalizing work of the race newspapers already established, and established and financed by their editors, while concentrating its efforts and giving of its funds exclusively to make THE CRISIS, a very late comer, the real and only organ of the race." Here again the editor is mistaken. Far from displacing the colored weekly newspapers, THE CRISIS is giving them all possible publicity and full and careful credit for everything which it reprints.

THE CRISIS regrets, however, that the amount of matter published in the *Bee* and in many other papers, which is

Imagem 8: Continuação do Editorial "Booming The Crisis".

240

THE CRISIS

worth reprinting or even reading, is not nearly as large as it ought to be. Moreover, THE CRISIS is convinced that more careful attention to some of the very things which this editor denounces would bring larger success to the colored weekly papers.

First: *Facts*. Of the newspapers mentioned only one, the *Afro-American Ledger*, makes a careful and valuable attempt to present the facts concerning the Negro. The others present some of the facts, but in a partial and incomplete way.

Second: *English*. Some of the best of colored papers are so wretchedly careless in their use of the English language and sense of the value of words that when they see English they are apt to mistake it for something which the *Bee* mysteriously characterizes as "Oscar Wilde atomized sentences," whatever that may be.

But third and most important: Few of the colored weekly papers have stood staunch for *principle*. Outside the *Guardian* and the *Cleveland Gazette* there have not been more than one or two colored papers from whom the Negro people could expect year in and year out strong, staunch advocacy of the fundamental principles of freedom and justice. Small wonder that they welcome a periodical which (whatever its many faults may be) at least tries to give the facts, talk English and stand as an unpurchasable advocate of justice and right.

☒
TAXATION WITHOUT REPRESENTATION, PLUS THEFT.

NEGROES form 40 per cent. of the population of Memphis, Tenn. The city laid the following taxes during the year 1912:

For General Purposes.....	\$1.32 on \$100
For Public Schools.....	.25 on \$100
Total City Rate.....	1.57
State Levy for Parks.....	.15 on \$100
State Levy for Cossett Library.....	.03 on \$100
Total Rate for City.....	\$1.75 on \$100

State and County Taxes.

State35 on \$100
County21 on \$100
Schools32 on \$100
High Schools01 on \$100
Bolton College01 on \$100
Industrial School01 on \$100
Industrial School Apportionment.....	.01½ on \$100
M. & O. R. R. Sinking Fund..	.01 on \$100
County Bonds Sinking Fund..	.01 on \$100
Levee Bonds Sinking Fund..	.01 on \$100
Interest05 on \$100
Bridge08 on \$100
Turnpike15 on \$100
Normal School01 on \$100

From this taxation the Negroes get less than half their proportionate share for public schools and not one-fourth their share of public improvements; they cannot enter the parks for which they paid, but in 1913 they were given a small plot of land for a park. They are denied all access whatsoever to the following places which they support by taxation:

The Cossett Library.

The high school.

Bolton College.

The industrial school.

The normal school.

And Negroes have not a single representative in the city government.

Not only this, but they are large renters of real estate. Everybody knows that the renter of real estate pays the taxes on it because the owner invariably charges him enough to pay the taxes and repairs and a reasonable (or unreasonable) return in addition.

Who is supporting Memphis?

Who is supporting the South?

Taxation without representation is tyranny.

☒
THE SURVEY.

THE editor of the *Survey* expresses to us his dissatisfaction with an editorial in our last issue, because of the omission of a paragraph which was in the first draft of the statement referred to, and because an official of this organization also objected to paragraph six. The omitted paragraph

Os comentários de Du Bois não foram bem aceitos por diversos órgãos de imprensa e suas queixas estiveram presentes na seção “Opinion”, do mês de maio, com o título “A Tempest in a Teapot” (“Uma Tempestade em um Bule de Chá”).⁶⁶ O *St. Luke's Herald*, classificou como exageradas e monstruosas as afirmações de Du Bois de que de todos os jornais voltados para o público negro existentes no país, apenas dois, o *Boston Guardian* e o *Cleveland Gazette*, permaneciam fiéis aos seus princípios de liberdade e justiça.⁶⁷ Até mesmo T. Thomas Fortune teceu críticas aos pronunciamentos de Du Bois afirmando que de todos os profissionais do grupo afro-americano, os editores eram os que mais tinham feito sacrifícios para manter os seus princípios. Embora possa se verificar outras críticas, o *Utica Press*, jornal do *mainstream*, entendeu os comentários como positivos e, talvez, uma “benção disfarçada” para que o trabalho da imprensa negra fosse melhorado.⁶⁸

Apesar das opiniões a favor e contra no meio jornalístico, o estrago já estava feito e transitou para o público leitor. Nessa mesma edição, duas cartas evidenciaram tal divisão. A primeira, intitulada “From a northern white woman” (“De uma Mulher Branca do Norte”), informava que a assinante não renovaria a assinatura, pois, segundo seu entendimento, o teor da revista era inflamado e longe de trazer benefícios para o grupo negro. A outra carta, “From a southern white man” (“De um Homem Branco do Sul”), expôs que o lado do problema que dizia respeito ao afro-americano, contado pelo editor, deveria ser ouvido pelos homens brancos do Sul e acreditava que vários assinantes poderiam ser conseguidos na região.⁶⁹ A escolha dessas cartas simbolicamente representava as divisões existentes no país e o fato de uma carta de um sulista apreciar a revista e acreditar no trabalho que estava sendo realizado, reforçava a ideia de que a forma de agir do editor deveria continuar. Mesmo assim, a NAACP se pronunciou sobre o editorial escrito por Du Bois em março.

Em um encontro realizado em Baltimore, a Associação lançou uma nota em que reconhecia o valioso trabalho realizado pelos órgãos de imprensa comandados e destinados aos afro-americanos. A revista *The Crisis* apresentou parte da nota, mas não na seção destinada a NAACP e sim como uma reimpressão do *Journal and Guide*, de

⁶⁶ O mesmo em português para “Uma tempestade em copo d’água”. Cf. DU BOIS, W. E. B. A Tempest in a Teapot. *THE CRISIS*, New York, v. 8, n. 1, p. 17-19, May 1914.

⁶⁷ *Idem*, p. 18.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 19.

⁶⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 22.

Norfolk, estado da Virgínia. De acordo com Rudwick (1958a), essa artimanha realizada pelo editor tinha um objetivo claro: não deixar transparecer ao público de *The Crisis* e nem aos seus rivais, caso o termo seja válido, que Du Bois sofreu algum tipo de repreensão.⁷⁰ Após todos esses anos, é entendido que Du Bois pretendia estabelecer uma independência da revista em relação à organização da qual fazia parte. Como ele explicitou em uma de suas autobiografias, seu intuito era fazer as opiniões expressas em *The Crisis* uma opinião pessoal.⁷¹ Contudo, mesmo quando os pensamentos de Du Bois e da NAACP estavam articulados na obtenção de uma mesma causa, algumas situações constrangedoras recaíram sobre o editor. Exemplo disso diz respeito à participação dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial e sua relação com a busca pelos direitos civis.

Em julho de 1918, um artigo em *The Crisis* foi entendido por algumas pessoas como um posicionamento racional em tempos de guerra, mas outras o viram como um abandono às lutas pela melhoria das condições dos afro-americanos. “Close Ranks” (“Fileiras Próximas”), o breve e mais impactante e conhecido editorial de Du Bois, recomendava que os afro-americanos “esquecessem” momentaneamente as reivindicações por melhorias nas relações raciais enquanto a guerra durasse.⁷² Após o alarde feito com a sua solicitação, o editor de *The Crisis* tentou se explicar na edição de agosto com o texto “A Philosophy in Time of War” (“Uma Filosofia em Tempo de Guerra”), passando a ideia de que a Alemanha ameaçava mais a existência dos negros do que os Estados Unidos e que, naquele momento, ele estava pedindo apenas um pouco de paciência.⁷³

Além da imprensa, os próprios leitores da revista demonstraram suas opiniões sobre os posicionamentos do editor de *The Crisis*. George W. Ford, escrevendo de Springfield, Illinois, concordou com o editor e enxergou aquele momento como uma oportunidade para o negro, mais uma vez, demonstrar sua lealdade e seu patriotismo. Outras opiniões favoráveis podem ser verificadas na seção “The Outer Pocket”, no número de setembro. No entanto, posicionamentos contrários também podem ser

⁷⁰ RUDWICK, 1958a, p. 221.

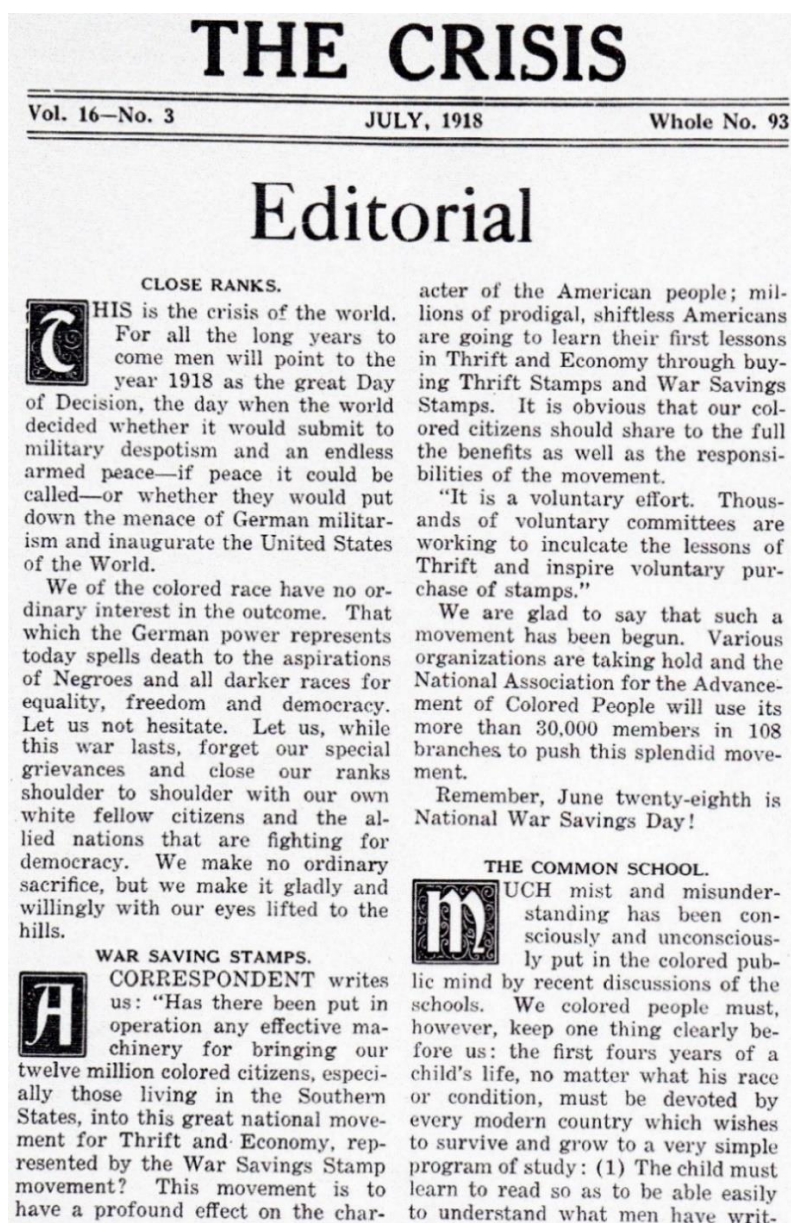
⁷¹ DU BOIS, W. E. B. *The autobiography of W. E. B. Du Bois: a soliloquy on viewing my life from the last decade of its first century*. New York: International Publishers, 1988, p. 261.

⁷² DU BOIS, W. E. B. Close Ranks. *THE CRISIS*, New York, v. 16, n. 3, p. 111, July 1918.

⁷³ DU BOIS, W. E. B. A Philosophy in a Time of War. *THE CRISIS*, New York, v. 16, n. 4, p. 164-165, Aug. 1918.

confirmados. William H. Wilson, escrevendo de Washington, D. C., revelou que estava impressionado e confuso com as palavras do editor considerando o editorial de julho como uma rendição passiva e uma atitude desprezível. Até mesmo o escritório da NAACP em Washington, D. C. se pronunciou afirmando que os afro-americanos deveriam apoiar o presidente e o país na guerra, mas que não havia necessidade de interromper a busca por justiça.⁷⁴

Imagem 9: Editorial “Close Ranks” em que Du Bois solicita que a luta por direitos civis fosse momentaneamente “esquecida” enquanto o país estivesse em guerra.



Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 16, n. 3, p. 111, July 1918.

⁷⁴ *THE CRISIS*, New York, v. 16, n. 5, p. 218-219, Sept. 1918.

Imagem 10: Reações ao editorial do mês de julho sobre abandonar momentaneamente a busca por direitos.

The Outer Pocket

I THINK you can render very important service to the Association by accepting the position which is offered you, and that you should be able to rely on as large an income as you now have. In my office and others, young men have gone to the war and received from their employers enough money to assure them no loss of income by going into the service of the Government, and I think you are entitled to the same treatment from the Association.

MOORFIELD STOREY,
Boston, Mass.

* * *

I think the race would be extremely favored in having you connected with the Military Intelligence Bureau during the war. I trust that the plan will be carried through.

JOHN HURST,
Baltimore, Md.

* * *

This is not only a splendid opportunity and great gain for the Association, but a most significant vindication of your unfaltering position in matters vitally affecting the race. I trust the matter will go through.

HUTCHINS C. BISHOP,
New York City.

* * *

You must know that it is the personal esteem we have for you, the confidence we have in your integrity, the belief we have in your sincerity of purpose, our knowledge of your possession of high ideals, all these qualities reflected through the pages of *THE CRISIS* allied with a literary merit of its own which has given that magazine a place in our affections and has made it the most popular and influential magazine published today.

I trust you have no thought of throwing it away.

The words in your July editorial which seemingly have given offense to Mr. Trotter appear to me eminently wise. If he were at that gathering of editors in Washington, and understood the import of that meeting, he could hardly doubt the prudence of their utterance.

D. R. LEWIS,
Pittsburgh, Pa.

* * *

I want to commend you for the splendid editorials in the July and August numbers

of *THE CRISIS*, and for the stand you take regarding the attitude of our people while our country is at war.

No one feels more keenly than I the bitter humiliations to which we are subjected. I believe that we are entitled to, and should receive every right and privilege common to all other American citizens; but, while our country is at war with an intolerant and brutal foe, we must not waver in our loyalty by quibbling for redress, but rather welcome and seize the opportunity to again show our loyalty and patriotism, and that we are worthy of these rights.

GEORGE W. FORD,
Camp Butler, Springfield, Ill.

* * *

"Whereas, there appeared in the July number of *THE CRISIS* an editorial in which the Editor used the expression: "Let us, while this war lasts, forget our special grievances," etc.,

"Be It Resolved, That we, the members of the District of Columbia Branch of the National Association for the Advancement of Colored People, hereby express our opinion that such an appeal as this is not timely and is inconsistent with the work and spirit of the Association.

"Resolved, Second, That we solemnly and unreservedly declare our fidelity and allegiance to our own country and flag, and cheerfully and willingly offer the best there is of us in life and fortune to help win victory for the cause of freedom against the tyranny which the allied armies are fighting, and that we appeal to the colored people to support the President and the United States in every war measure adopted; but at the same time, we see no reason for stultifying our consciences by pretending or professing to be ignorant of, or indifferent to the acts of indignity and injustice continually heaped upon us, or by admitting that they are to be excused or forgotten until they are discontinued."

*Resolutions of Washington
Branch, N.A.A.C.P.*

* * *

I hope your poise will not be disturbed by the noise made over the "Close Ranks" editorial in *THE CRISIS*. I have read the stories written about it only to regret to see we still have among us men who, unprin-

A seção de cartas, na revista *The Crisis*, bem como em demais periódicos, era um local em que os leitores se sentiam representados e onde suas queixas podiam ser ouvidas por um número maior de pessoas dando a sensação de comunidade. Sendo Du Bois reconhecido pelo seu público leitor como mais que um editor e sim como um membro do grupo negro norte-americano que sofria e entendia o que o racismo representava, sua interação com seus leitores, algumas vezes, extrapolava aquela relação distante que se emprega na maioria dos grupos de mídia. Durante seus dez primeiros anos como editor de *The Crisis*, as mais diversas solicitações foram enviadas para ele por meio de cartas confirmando o que Rudwick já havia comentado, ainda na década de 1950, que Du Bois podia ser visto como uma espécie de conselheiro quando o assunto era a sobrevivência do negro em um universo em que as relações entre os seres humanos eram dominadas pelo racismo.⁷⁵

Dentre as diversas cartas enviadas diretamente para o editor de *The Crisis*, podemos destacar algumas que apareceram na seção “Letters” do número de abril de 1913. A seção foi dividida em duas partes com os subtítulos “From White Folk” (“Do Povo Branco”), contendo três correspondências e “From Colored Folk” (“Do Povo Negro”) com seis cartas impressas. A primeira carta da seção escrita por pessoas brancas se referiu a uma mulher que se dizia apaixonada pelo povo negro desde a infância. Ao ter acesso a uma cópia da revista se disse chocada com a inclinação adotada. Em um comentário, até desanimador, afirmou que igualdade social nunca seria alcançada pelo povo negro, mas que melhorias significativas poderiam ser conseguidas sem aquela igualdade.⁷⁶ No que se refere aos conselhos e uma atuação mais direta do editor, uma carta de um autor anônimo, atribuída a um morador do estado da Carolina do Norte, explicava que a produção de produtos agrícolas estava sendo transportada por brancos que ficavam com boa parte dos redimentos. O autor da carta indagou Du Bois se ele conhecia alguma companhia de transportes gerenciada por afro-americanos para levar seus produtos para locais como Nova Iorque, Filadélfia e Boston e que pudesse colocá-lo em contato com eles.⁷⁷ Além dessas correspondências, podem ser verificadas elogios, manifestações de solidariedade e críticas ao editor. Outras correspondências solicitando

⁷⁵ RUDWICK, 1958a, p. 216.

⁷⁶ *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 6, p. 301, Apr. 1913.

⁷⁷ Idem.

algum tipo de favor eram constantes nas páginas da revista e, comumente, direcionadas ao editor.

Uma correspondência, divulgada na seção “The Burden”, em setembro de 1914, fazia referência a um comentário do editorial do mês de janeiro daquele ano. Na ocasião, o texto “Join or Die!” (“Junte-se ou Morra!”) demandava mais engajamento das pessoas detalhando que a revista não apenas era uma peça de entretenimento, mas sobretudo que buscava informar o público com notícias do momento bem como com aquelas esquecidas ou negligenciadas.⁷⁸ A carta que fazia menção ao edital de janeiro recebeu o subtítulo de “A Letter” (“Uma Carta”) e era de um rapaz de dezenove anos que tinha perdido o pai entre os dez e onze anos assassinado por dois homens brancos. Sua mãe teria ficado com seis filhos e sem amparo. A lei do estado do Alabama pouco fez para resolver o caso, mas ele conhecia o nome de um dos assassinos e entrou em contato com a revista para saber se algo poderia ser feito.⁷⁹ De Cordele, estado da Geórgia, o afro-americano J. F. Wright, enviou uma carta que recebeu o título de “An Appeal” (“Um Apelo”). O homem, que nasceu e cresceu em uma fazenda, dizia se encontrar em situação financeira difícil e solicitou ao editor espaço na revista para explicar sua condição. Além dessas informações, revelou que tinha trinta e quatro anos de idade, era casado e muito disposto a trabalhar. Segundo o teor da correspondência, gozava de boas referências entre os brancos e os negros da região. Naquele momento, dizia estar acometido pelo pânico e pediu humildemente por uma resposta.⁸⁰

Essas eram algumas das correspondências que demonstram como o afro-americano, em situação quase que desesperadora, ultrapassava a linha que associava a publicação de cartas como um espaço para exposição de queixas e elogios e descambava para uma relação mais íntima com o editor ou outros membros da revista e da NAACP. Nessa concepção, pode-se entender que seus leitores viam a revista como algo que era seu, não apenas em termos de propriedade unitária, mas como membro de um grupo mais amplo e que, talvez ingenuamente, poderia trazer soluções para os problemas que enfrentavam.

⁷⁸ *THE CRISIS*, New York, v. 7, n. 3, p. 133-134, Jan. 1914.

⁷⁹ *THE CRISIS*, New York, v. 8, n. 5, p. 249, Sept. 1914.

⁸⁰ *THE CRISIS*, New York, v. 10, n. 2, p. 94, June 1915. Após análise dos dois anos de publicação das edições de *The Crisis*, desde a impressão da carta de J. F. Wright, e de verificação de correspondências pessoais do editor, nenhuma resposta foi encontrada. Se houve alguma resposta de Du Bois ou da NAACP, não temos conhecimento, até o momento, ou talvez tenha permanecido em anonimato.

Como foi comentado previamente, Du Bois deixou a revista *The Crisis* na primeira metade da década de 1930 em meio a questionamentos sobre a efetividade de uma convivência com os brancos, o que ia totalmente contra as políticas e aos trabalhos da NAACP. Após deixar o editorial, Du Bois continuou como contribuinte em diversos periódicos pelo país com artigos e colunas semanais tais como no *Pittsburgh Courier*, *The Amsterdam News*, *Chicago Defender* e *The People's Voice*. Fundou, em 1940, em Atlanta, a revista sociológica *Phylon*. Ainda que essas contribuições tenham sido significativas, nenhuma representou o impacto e a força dos anos vividos por Du Bois como editor de *The Crisis*.⁸¹

1.3 - *The Crisis*: uma revista coletiva

Apesar de Du Bois ser o membro da NAACP que mais se utilizava das páginas de *The Crisis* para expor opiniões e que, conseqüentemente, recebia a maior quantidade de correspondências enviada pelos leitores, outros associados também se utilizaram de suas páginas e tinham cartas endereçadas a eles. Nesse aspecto, observaremos algumas cartas destinadas a esses membros e o seu teor.⁸²

Um dos membros da Associação que mais recebeu cartas durante esses primeiros anos foi Oswald Garrison Villard. Como dito anteriormente, Villard era um ativista pelos direitos civis, influente jornalista e editor do *New York Evening Post* e do *The Nation*. Vinha de uma tradicional família de ativistas. Seu avô, William Lloyd Garrison, era um ferrenho defensor das ideias abolicionistas e fundador do jornal *The Liberator* e sua mãe, Helen Frances Garrison Villard, foi uma sufragista, pacifista e contribuiu para dar vida a NAACP.

Após a Terceira Conferência Anual da Associação, entre 30 e 31 de março de 1911, Villard, um dos palestrantes do evento, teve seu discurso comentado pela imprensa de Boston, local do encontro. Em relação ao teor do pronunciamento, que era a educação do afro-americano, duas cartas provenientes do Sul do país foram impressas com o título

⁸¹ Para saber mais, ver: FRANKLIN, V. P. W. E. B. Du Bois as a Journalist. In: *THE JOURNAL OF NEGRO EDUCATION*, v. 56, n. 2, Spring, 1987, p. 240-244. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2295179>.

⁸² Para saber mais sobre as manifestações de alguns membros da NAACP nas páginas de *The Crisis*, ver: KIMBROUGH, Marvin Gordon. *W. E. B. DUBOIS as Editor of The Crisis*. Dissertation (Doctor of Philosophy), The University of Texas at Austin, Ph. D., 1974, p. 36-50.

“Little Letters from the South” (“Pequenas Cartas do Sul”), no número de maio. A primeira carta foi enviada de Newberry, Flórida e dizia respeito ao motivo da exclusão de negros das bibliotecas da região que estava na ideia de que não valia a pena educá-los. Além de outros pontos, o autor relatou que os crimes mais aviltantes eram cometidos por negros educados e se utilizou da Bíblia para justificar porque brancos e negros não eram iguais. O autor terminou sua carta mostrando-se irredutível quanto a alterar sua concepção sobre os afro-americanos. A segunda correspondência foi enviada de Orangeburg, Carolina do Sul, e recomendava que deixassem os sulistas cuidarem de suas próprias questões raciais.⁸³ Os dois autores não fizeram questão de esconder seus nomes.

No mês seguinte à publicação dessas cartas, veio impressa uma correspondência que mereceu destaque figurando, até mesmo, na página de índice da revista. A correspondência era do major-general Granville M. Dodge, que serviu no exército da União durante a Guerra Civil Americana.⁸⁴ A carta enviada por Dodge recebeu o título de “The Black Soldier – A Letter from a Friend” (“O Soldado Negro – Uma Carta de um Amigo”) e tecia comentários positivos sobre a participação dos soldados negros durante a conflito. Relatando detalhes sobre sua função na guerra, Dodge afirmou que foi um dos primeiros a recrutar negros para servirem no exército federal e que os soldados fizeram um trabalho louvável combatendo, vigiando ferrovias e auxiliando no serviço secreto por meio da espionagem. Terminou sua carta desejando, dentre outros pontos, sucesso para a NAACP.⁸⁵ A escolha e publicação dessa carta segue provavelmente a mesma concepção de apresentar contrapontos de que, embora existissem pessoas que eram quase que inalteráveis em seus pontos de vista, existiam outras que apoiavam o trabalho que estava sendo feito. Além disso, a revelação do pensamento de um veterano da guerra civil dava

⁸³ *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 1, p. 32, May 1911.

⁸⁴ Grenville Mellen Dodge foi um militar, político e homem de negócios que serviu no Exército da União, durante a Guerra Civil Americana. Em 1851, se formou em engenharia e se especializou na construção de ferrovias. Suas habilidades contribuíram para seu importante papel no conflito civil em relação à reconstrução de ferrovias, pontes e linhas de telégrafos que eram constantemente destruídas pelas forças confederadas. Dodge, além disso, exerceu importante papel no serviço de inteligência durante a guerra principalmente no teatro ocidental. Após o conflito, continuou seu trabalho como engenheiro e consultor para importantes companhias ferroviárias. Esteve presente em um dos mais emblemáticos eventos da industrialização representada pelos Estados Unidos: a cerimônia de inauguração da primeira linha ferroviária transcontinental ligando o estado de Iowa à Califórnia, em 10 de maio de 1869. Para saber mais, ver: HIRSHSON, Stanley P. *Grenville M. Dodge: Soldier, Politician, Railroad Pioneer*. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

⁸⁵ DODGE, Grenville M. The Black Soldier: A Letter from a Friend. *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 2, p. 77, June 1911.

mais força e apreço que a de indivíduos que não reconheciam o valor do negro para o país.

Dentre outras cartas recebidas por Villard, pode-se citar uma enviada da escola Chestnut Hill em que os alunos fizeram uma doação de 4 dólares e desejavam que melhores condições de vida fossem alcançadas pelos afro-americanos.⁸⁶ Outra carta, de um autor anônimo, foi publicada na edição de outubro de 1914, na seção “The Letter Box”. Ela traz a indignação de alguém que observava como o negro era tratado no Sul. A pessoa, provavelmente branca, pois confessa que seu avô teria, em 1853, concedido a liberdade para setenta homens e mulheres negros, afirmou que a grande força industrial da região vinha do negro e não aguentava a hipocrisia dos sulistas.⁸⁷

Outro membro que recebeu correspondências foi o líder religioso John Haynes Homes.⁸⁸ Uma das correspondências recebidas insere-se no contexto de protestos contra linchamentos de afro-americanos que aconteciam pelo país e que eram duramente criticados por Homes. Reunindo-se em novembro de 1911, no Ethical Culture Hall, em Nova Iorque, membros da NAACP, incluindo Villard, Du Bois, Florence Kelley e Homes, fizeram pronunciamentos condenando a prática. Antes disso, no mês de outubro, Holmes teve publicado, em *The Crisis*, um texto sobre o fenômeno do linchamento que parecia se alastrar por todas as regiões. Uma crítica aos seus pronunciamentos veio do Alabama. No número de janeiro de 1912, foi publicado na revista um cartão postal endereçado ao Reverendo Holmes. Nele, pode-se ver um homem que tinha acabado de ser linchado e uma multidão em volta com aparente satisfação em seus rostos. As palavras escritas no cartão revelam o árduo desafio que era combater aquela situação. Dentre as frases está “O último linchamento ainda não foi posto em um cartão”. Fato curioso é que o cartão foi impresso em meio a um texto de Holmes intitulado “Holmes on Lynching” (“Holmes sobre Linchamento”) na seção destinada a NAACP.⁸⁹ Segundo Kirschke (2007, p.67), o objetivo de inserir uma imagem tão cruel em um texto tão emotivo era fazer com

⁸⁶ Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 5, p. 194, Sept. 1911.

⁸⁷ Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 8, n. 6, p. 301-302, Oct. 1914.

⁸⁸ John Haynes Holmes foi um reverendo da Igreja Unitária muito reconhecido por suas atividades ligadas ao pacifismo e a busca por demandas políticas e sociais. Holmes não apenas ajudou a fundar a NAACP, mas outras instituições como a *American Civil Liberty Union*, em 1920. Holmes apresentava uma postura progressista e amistosa no que se refere as outras vertentes religiosas incluindo o judaísmo e às práticas pacifistas adotadas por Mahatma Gandhi, dando origem ao livro *My Gandhi*, de 1953. Para saber mais, ver: VOSS, Carl Hermann. *A Summons unto Men: An Anthology of the Writings of John Haynes Holmes*. New York: Simon and Shuster, 1972.

⁸⁹ Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 3, p. 109-111, Jan. 1912.

que os leitores, principalmente aqueles que não moravam no Sul do país, tivessem noção da realidade de terrorismo, do local, tempo e das pessoas que agiam daquela forma.⁹⁰

Cartas destinadas a outros integrantes da NAACP, apesar de existirem, eram relativamente escassas. O que pode ser verificado com mais frequência é a troca de informações entre os próprios membros da instituição com a finalidade de dar explicações sobre o andamento das atividades nos diversos escritórios espalhados pelo país. Outra prática era a troca de comunicações entre esses membros e diversas autoridades de outras instituições. Dentre alguns exemplos, podem-se citar a carta de Joel E. Spingarn para uma mulher sulista cuja identidade permaneceu anônima, na edição de fevereiro de 1913, em resposta a comentários sobre as percepções que ela tinha acerca dos negros estadunidenses, provavelmente em uma conversa particular; a mensagem de Albert E. Pillsbury para o tesoureiro da American Bar Association (ABA)⁹¹, Frederick E. Wadham, queixando-se sobre a possível intenção dessa Associação de advogados de não tratar os magistrados negros com a mesma integridade que tratavam os brancos e informando sobre seu desligamento da ABA e a carta de Philip G. Peabody para o secretário da NAACP, Roy Nash, relatando sua disposição em manter sua doação para a campanha anti-linchamento de 1916.⁹²

1.4 – Alguns temas abordados por *The Crisis* e a participação do público: aspectos gerais

Durante seus dez primeiros anos, a revista precisou lidar não apenas com o fantasma constante de recursos financeiros limitados, mas com problemas que colocaram em xeque sua existência. Ainda que o escopo desse trabalho não seja uma descrição detalhada sobre os incontáveis temas discutidos pela revista, vale a pena mencionar algumas abordagens que estiveram em voga durante seus primeiros anos de trabalho e outras que se estenderam por décadas e como o público reagiu a elas.

⁹⁰ KIRSCHKE, Amy Helene. *Art in crisis: W. E. B. Du Bois and the struggle for African American identity and memory*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2007, p. 67.

⁹¹ Organização fundada, em 1878, por advogados que procuravam estabelecer padrões de excelência para a função bem como garantir códigos éticos a serem seguidos pelos profissionais de direito.

⁹² *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 4, p. 186, Feb. 1913, *THE CRISIS*, New York, v. 6, n. 4, p. 191, Aug. 1913 e *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 5, p. 220, Sept. 1916, respectivamente.

Uma das primeiras missões que a NAACP e *The Crisis* precisaram enfrentar estava relacionada a escalada constante de números de linchamentos no país. Esses acontecimentos inicialmente mais caracterizados como justiças rápidas perpetradas contra indivíduos que, de alguma forma, quebravam o protocolo social não faziam distinção entre pessoas consideradas brancas ou não brancas.⁹³ Contudo, em fins do século XIX e nas décadas iniciais do século XX, observa-se uma inversão desses parâmetros tendo no indivíduo negro seu principal alvo e na Região Sul do país seu principal foco.⁹⁴ Sensível a esse fato e trazendo em seu ser elementos que impulsionaram seus fundadores a discutirem o tema, a NAACP utilizou-se de diversos meios para combater essa mazela que assolava a sociedade estadunidense.

Dentre os métodos utilizados pela organização para combater o fenômeno encontravam-se a investigação e defesa de casos particulares, a pressão sobre políticos regionais, notadamente sulistas e o estabelecimento de uma lei federal que o tornasse efetivamente punível.⁹⁵ Um corpo de advogados também foi reunido para tratar não só dessas ocorrências, mas de qualquer outro tipo de injustiças que acometiam os negros e que fossem passíveis de serem debatidas juridicamente. Com o passar dos anos, os métodos se tornaram mais efetivos a ponto de, em 1916, a NAACP empreender uma campanha com a finalidade de se efetivar um compromisso duradouro para a completa erradicação dos casos envolvendo o assassinato indiscriminado de negros pela população branca. A Campanha Antilinchamento, seu fundo financeiro e seu comitê estipularam três principais campos de ação para gerenciar suas práticas. Esses foram concentrados na reunião e compilação dos fatos, na investigação de casos específicos e na tentativa de atrair apoio de líderes comerciais e políticos da Região Sul que deveriam expressar abertamente suas opiniões contrárias aos casos de violência que vitimavam os negros.⁹⁶

⁹³ Como definido por Carrigan e Webb, podem ser destacadas duas categorias para a violência perpetrada por grupos de pessoas: aquela que persegue e mata indivíduos por crimes específicos tais como assassinato ou outro comportamento social impróprio e aquela que mata indiscriminadamente indivíduos tendo como base sua identidade de grupo. Para saber mais, ver: CARRIGAN, William D.; WEBB, Clive. *Forgotten dead: mob violence against Mexicans in the United States, 1848-1928*. New York: Oxford University Press, 2013, p. xii.

⁹⁴ De acordo com Brundage, durante os anos que compreendem as décadas de 1880 e 1920, o Meio-Oeste americano registrou o linchamento de 181 pessoas brancas e 79 pessoas negras, enquanto nos estados do Sul 723 brancos e 3220 negros foram assassinados por essa manifestação popular. Segundo o autor, é nítida a relação entre o fenômeno do linchamento e o problema das relações raciais. Para saber mais, ver: BRUNDAGE, W. Fitzhugh. *Lynching in the New South: Georgia and Virginia, 1880-1930*. Urbana: University of Illinois Press, 1993, p. 8.

⁹⁵ Cf. KELLOGG, op. cit., p. 210.

⁹⁶ Idem, p. 217.

O valor inicialmente estipulado para dar andamento à campanha estava em torno de 10.000 dólares.⁹⁷ Grandes contribuidores eram pessoas diretamente ligadas à Associação. Dentre eles, Philip G. Peabody, advogado e filantropo de Boston, incentivador da campanha que garantiu uma doação de 1.000 dólares⁹⁸, dobrada durante o correr do ano, e do presidente da NAACP, Moorfield Storey, que doou mais 1.000 dólares. Os organizadores pretendiam alcançar o valor estipulado até agosto de 1916. No entanto, os valores das doações nem sempre eram tão vultosos quanto os daqueles homens abastados da sociedade estadunidense. Mesmo assim, boa parte do público se engajou na campanha com doações mais modestas. J. T. Donald, de Atlanta, Geórgia, realizou a sua humilde, porém significativa, doação de 17 dólares. As motivações que impulsionaram Donald a agir daquela forma podem ser verificadas na carta enviada, em 27 de julho. Para ele, caso o propósito fosse alcançado, a garantia das conquistas materiais dos negros que povoavam as cidades e que poderiam retornar para suas fazendas sem serem vítimas de linchamentos seria um trabalho extremamente significativo.⁹⁹ O juiz Julian Mack, de Chicago, Illinois, enviou 25 dólares para a campanha. Escrevendo de Whippany, Nova Jersey, veio a doação de J. A. B. no valor de 1 dólar. Nota-se pelo excerto publicado que o remetente não possuía ou não seguia a norma culta da língua inglesa, apresentando vários equívocos linguísticos. Provavelmente a carta foi enviada de uma área rural, pois trazia na descrição a sigla R. F. D que significa Rural Free Delivery (Entrega Gratuita Rural), um sistema de correios que atendia áreas rurais remotas. Dessa forma, verifica-se que pessoas de diversas camadas se sentiram sensibilizadas em poder contribuir, cada uma de acordo com suas condições, para alterar o status das relações raciais no país. Diversas outras contribuições individuais e coletivas podem ser atestadas nessa edição de setembro.¹⁰⁰

Ainda que desde seus primórdios o tema linchamento estivesse presente em suas páginas, vide o relato de linchamento de dois italianos naturalizados americanos que

⁹⁷ Embora diversos fatores sejam utilizados para medir quanto seria o valor atualmente, a estimativa está em mais de 280.000 dólares ou, mais especificamente, 289.275,38 dólares. Cf. <https://www.measuringworth.com/dollarvaluetoday/?amount=10000&from=1916>.

⁹⁸ Em torno de 28.927,54 dólares nos dias atuais.

⁹⁹ Cf. NAACP. *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 5, p. 220, Sept. 1916.

¹⁰⁰ O valor pretendido só foi alcançado em meados de setembro e foi divulgado na edição de outubro. O total arrecadado foi de 10.177,50 dólares. No entanto, os membros chegaram à conclusão de que o valor ainda era considerado baixo para se empreender uma campanha com aquelas dimensões e procurou incentivar a arrecadação de mais 5 mil dólares que seriam obtidos principalmente com o aumento no número de assinantes da revista.

apareceu no Editorial da primeira edição da revista, já previamente citado, alguns casos ficaram marcados e foram tratados de forma mais pontual em suas páginas ocasionando reações diversas no público leitor.

No caso das cartas enviadas à revista *The Crisis*, em seus primeiros dez anos de publicação, pode-se verificar que os temas estavam mais voltados para a exposição das manifestações de preconceitos que submetiam os afro-americanos a uma situação desesperadora de sobrevivência no país. As manifestações de preconceito e racismo não apenas estavam evidenciadas na violência física que dizimou milhares de indivíduos negros entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Atitudes direcionadas à subjugação moral e psicológica, exclusão no mercado de trabalho ou qualquer outra oportunidade de crescimento pessoal eram visíveis na sociedade estadunidense e foram sentidas e retratadas pelos mais diversos meios. Passeatas, conferências, concursos incentivando expressões artísticas, estiveram na pauta da luta contra a discriminação que assolou os Estados Unidos daquele período. De igual maneira, as manifestações dos leitores da revista através de suas cartas demonstraram que os problemas vinculados às relações raciais não passavam despercebidos nem pelos indivíduos mais humildes da população. Provavelmente os mais interessados.

No que se trata propriamente à questão do assassinato indiscriminado e ilegal de afro-americanos ou das inúmeras tentativas que atentavam contra suas vidas, as expressões das opiniões constatadas variaram consideravelmente. Nesse processo, não apenas as ocorrências cometidas pelos considerados cidadãos respeitáveis da comunidade eram relatadas nas correspondências. Casos de violência policial desproporcionais a determinadas atitudes de pessoas negras, solicitações de investigação para casos de homicídio e opiniões atônitas acerca de outros casos de violência estão entre os relatos que foram publicados pela revista.

A primeira correspondência divulgada pela revista que tratava de um caso de agressão física que vitimava afro-americanos apareceu na edição de setembro de 1911. De maneira até surpreendente, a correspondência não foi enviada por um cidadão chocado por mais um de tantos casos que aconteciam pelo país naqueles tempos. A carta foi enviada por Jesse Shallcross em resposta a um caso de linchamento ocorrido em Coatesville, estado da Pensilvânia, em agosto daquele ano. O contexto da carta está vinculado ao brutal assassinato de Zachariah Walker, trabalhador de uma siderúrgica local que teria, em uma discussão, ferido mortalmente o guarda Edgar Rice. Mesmo

alegando legítima defesa, Walker foi retirado do hospital em que tratava de ferimentos e levado para um local nos subúrbios da cidade onde uma multidão, incluindo crianças, esperava para o queimar vivo. O incidente é permeado de controvérsias que vão desde indícios de que a força policial local não teria esboçado qualquer intenção para impedir os envolvidos de implementarem a sua própria justiça, até a acusação de que Walker teria ferido a si mesmo para alegar legítima defesa.¹⁰¹ Soma-se ao caso, o fato de Walker ter passado o dia anterior bebendo e, provavelmente, alterado pelo álcool, investido contra um grupo de trabalhadores o que teria despertado a atenção de Rice originando todo o ocorrido.

Praticamente iniciando suas atividades no que se refere à investigação de casos de linchamento de afro-americanos, a NAACP procurou acompanhar de perto os desdobramentos do processo. Para isso, contratou uma equipe particular de detetives que, no seu entender, afirmou que existia ligação entre o promotor distrital e alguns dos acusados de incentivarem o acontecimento.¹⁰² Para além dessa atitude tomada pela instituição, a NAACP atuou enviando telegramas para várias autoridades do estado incluindo o governador, o prefeito da cidade e o chefe de polícia estadual. Foi esse interesse da organização que fez com que Shallcross, um empresário local, manifestasse suas considerações por meio de uma carta.

Como era de se esperar, a carta iniciou relatando que todos os esforços estavam sendo feitos para levar a público os responsáveis pelo ato. O autor especificou, também, que tinham uma boa ideia da identidade de alguns de seus líderes. Contudo, pareceu predizer o fracasso da apuração dos fatos com argumentos de que seria impossível encontrar mais que vinte pessoas que teriam participado do linchamento. Shallcross, provavelmente uma pessoa reconhecida e respeitada da comunidade, descreveu que os possíveis incentivadores do ocorrido eram homens jovens e que o líder não tinha mais de dezoito anos. De igual maneira, minimizou a possível inércia dos oficiais de polícia da localidade em impedirem o acontecimento ao dizer que se ali houve um erro, não foi cometido por eles. Reafirmou que os culpados seriam encontrados e punidos com todo o rigor da lei. Como membro da comunidade e, ainda que não oficialmente falando por seus

¹⁰¹ Para saber mais, ver: DOWNEY, Denny B; HYSER, Raymond M. *Coatesville and the lynching of Zachariah Walker: death in a Pennsylvania steel town*. Charleston: The History Press, 2013 (e-book edition) e DOWNEY, Denny B; HYSER, Raymond M. *No crooked death: Coatesville, Pennsylvania, and the lynching of Zachariah Walker*. Urbana: University of Illinois Press, 1991.

¹⁰² KELLOGG, op. cit., p. 213.

concidadãos, especificou que os moradores estavam se esforçando para se redimirem e que o futuro provaria isso. Adicionalmente, pareceu induzir que a culpa pelo ocorrido teria sido do próprio Walker ao expor, em um adendo, que o “rum foi a causa do assassinato”.¹⁰³

Os argumentos utilizados na exposição de Shallcross, como um importante habitante local, parecem justificar ou minimizar o terrível acontecimento que vitimou Walker. As relações sociais da cidade industrial estavam sofrendo um processo de deterioração devido ao crescente volume de imigrantes que chegavam ao local para trabalhar nas fundições. Além das pessoas do próprio país que iam para a região, dentre elas afro-americanos e trabalhadores sem qualificação de estados como a Virgínia, imigrantes do Sul e Leste europeu contribuía para acirrar a competição por trabalho e a tensão em relação aos indivíduos que viviam ali há gerações, como Edgar Rice. Nesse clima, o afro-americano novamente estava na posição mais desfavorável e pode ser entendido, quase sempre, como a válvula de escape para o expurgo daquele tipo de emoção.¹⁰⁴

Durante o processo de investigação e julgamento, aproximadamente quinze pessoas foram acusadas de participarem do ocorrido, mas, ao contrário do que foi prometido por Shallcross, ninguém foi considerado culpado. O editor da revista *The Crisis* já havia argumentado, na mesma edição de setembro, que os leitores não precisariam esperar que algo fosse feito. Como de rotina, algumas prisões seriam realizadas, pessoas seriam julgadas e posteriormente liberadas pelo júri.¹⁰⁵ Contudo, o que pode ser verificado nas palavras de Du Bois no texto em que procurou tratar do tema, “Triumph”, já comentado acima, é o tom provocativo alegando que, provavelmente, algumas das pessoas sentadas no júri fizessem parte da própria multidão que queimou Walker vivo chegando a levantar a hipótese, exagerada talvez, de que o próprio juiz fosse uma delas.¹⁰⁶ Em texto dessa mesma edição, intitulado “Crime” (“Crime”), situado na seção “Along the Color Line”, uma estratégia possivelmente utilizada pelos organizadores daquele linchamento, e por outros ao redor do país, era a tendência de utilizar como bodes expiatórios jovens que não sofreriam tanto as consequências de um

¹⁰³ Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 5, p. 194, Sept. 1911.

¹⁰⁴ Ver: ExplorePAhistory.com In: <http://explorepahistory.com/hmarker.php?markerId=1-A-3DB>.

¹⁰⁵ NASCIMENTO, op. cit., 2015, p. 145.

¹⁰⁶ DU BOIS, W. E. B. Triumph. *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 5, p. 195, Sept. 1911.

processo judicial.¹⁰⁷ Para os membros da NAACP que acompanharam de perto o desenrolar do caso, os verdadeiros envolvidos eram pessoas adultas e, dentre eles, membros proeminentes da comunidade.¹⁰⁸

Tal questionamento pode ser apontado como uma das causas para o desfecho que o fato tomou e uma observação ao empenho de Shallcross em procurar abafar o ocorrido, antes que provocasse uma perturbação maior nos negócios e na imagem da cidade, revela que tudo realmente se direcionava para aquela conclusão. Como descrito por Downey e Hyser, o empresário estava presente em alguns interrogatórios de suspeitos do crime, incluindo o de Joseph Swartz, de dezenove anos, e teria se pronunciado dizendo que o interrogatório tinha sido exigente e com um tom ameaçador sendo utilizado pelos advogados de defesa para argumentar que as confissões obtidas foram feitas de forma “legalmente imprópria” o que teria contribuído para as absolvições.¹⁰⁹

O caso foi assunto no país e na revista *The Crisis* durante considerável espaço de tempo. Na edição do mês seguinte, outubro de 1911, encontra-se menção ao fato em uma pequena nota que descreveu a ocupação dos negros na região bem como seus ganhos, além do trabalho duro e irregular que exerciam. O relato terminou argumentando que a presença afro-americana tinha contribuído muito para os novos casos de preconceitos naquela parte do estado.¹¹⁰ No texto de nome explícito, “Lynching” (“Linchamento”), que apareceu na seção “Along the Color Line”, pode-se verificar a crença de que as autoridades estavam empenhadas em encontrar e punir os assassinos ao expor o nome de oito pessoas que tinham sido detidas e a função que cada uma exerceu durante o evento. Dentre os nomes estava o de Swartz, grafado no texto que apareceu na revista como Schwartz, que teria auxiliado Oscar Lamping, um pregador e bombeiro local, apontando-o como o organizador do tumulto. O texto, dentre outras coisas, confirmava que policiais em um automóvel chegaram ao hospital após Walker ter sido retirado de lá, mas nem tentaram alcançar a multidão.¹¹¹

Na seção “Opinion”, encontra-se o texto “The Reign of Terror” (“O Reino de Terror”), que relatou a percepção de diversos periódicos sobre a situação do país em

¹⁰⁷ NASCIMENTO, op. cit., p. 145.

¹⁰⁸ DU BOIS, W. E. B. Triumph. *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 5, p. 195, Sept, 1911.

¹⁰⁹ DOWNEY; HYSER, 2013, s. n.

¹¹⁰ *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 6, p. 230, Oct. 1911.

¹¹¹ Idem, p. 232-233. Uma outra nota, um tanto quanto macabra, na página 233, relatou o retorno de um habitante de Waynesboro, também no estado da Pensilvânia, que teria levado consigo pequenos pedaços de ossos do corpo de Walker que ele teria encontrado nos escombros onde o afro-americano foi queimado.

termos de relações raciais. Citando uma matéria no *Pittsburgh Dispatch*, o texto apontou que existia uma falha em apreciar a responsabilidade individual o que possibilitava a ocorrência de atrocidades como aquela. Nesse sentido, a presença de espectadores curiosos reunidos em frente ao local onde a vítima estava serviu como incentivo para que os assassinos fizessem o que fizeram. Outro jornal, o *Lititz Express*, sugeriu que o país deveria se manter em quarentena e que os casos esporádicos de linchamento deveriam ser isolados com a finalidade de se evitar a expansão da barbárie. Nesta edição, verifica-se também o texto de M. D. Maclean, uma das editoras de *The Crisis*, intitulado “The First Bloodshed of the Civil War” (“O Primeiro Derramamento de Sangue da Guerra Civil”). O texto retratava um episódio ocorrido, em 1851, em Christiana, localidade próximo à Coatesville, e destacava a ironia dos dois casos, pois o evento em Christiana, ocorrido em 11 de setembro, contou com a união de negros e brancos para preservar a liberdade de escravos fugitivos que chegavam ao Norte por meio das *Underground Railroad*.¹¹² Segundo o entendimento de Maclean, aquele acontecimento poderia ser considerado tão significativo quanto o episódio conhecido como Massacre de Boston, em 1770, no contexto de acirramento das relações entre colonos e a coroa britânica. O acontecimento em Coatesville, um mês antes do 60^a aniversário do conflito em Christiana, demonstrou como a situação tinha se alterado com o tempo.¹¹³

Em meio a todos esses tópicos, encontra-se a carta de John Haynes Holmes, mencionado anteriormente. Na carta intitulada “The Contagion of the South” (“O Contágio do Sul”), que encontrou espaço de destaque na revista, estando presente no índice como “A Letter” (“Uma Carta”), Holmes iniciou suas argumentações dizendo que o linchamento em Coatesville tinha servido para um propósito útil: o de evidenciar que o problema com o negro não era um problema sulista que não carecia de nenhuma intervenção do Norte.¹¹⁴ O prosseguimento de seu relato mostrou uma pessoa chocada que, quase, não acreditava que o caso tinha acontecido naquela parte do país e do jeito que aconteceu, bem como um indivíduo com uma determinação para avançar na causa

¹¹² Rotas clandestinas que devido a um relativamente sofisticado esquema de espionagem contribuíram para conduzir escravos para áreas livres da escravidão nos Estados Unidos e no Canadá. Para saber mais, ver: BLIGHT, David W (Ed.). *Passages to Freedom: The Underground Railroad in History and Memory*. Washington, D. C.: Smithsonian Books, 2004.

¹¹³ Para saber mais sobre o conflito em Christiana, ver: SLAUGHTER, Thomas P. *Bloody Dawn: the Christiana riot and the racial violence in the antebellum North*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1991.

¹¹⁴ HOLMES, John Haynes. The Contagion of the South. *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 6, p. 251-252, Oct. 1911.

para evitar que ocorrências como aquela se alastrassem por todo território norte-americano. Sua surpresa está evidenciada em passagens no texto em que descreveu a multidão que participou do ato não constituída por forasteiros ou arruaceiros, mas por cidadãos respeitáveis, incluindo mulheres e membros da igreja.¹¹⁵ De acordo com ele, a resposta para acontecimentos como aquele estava relacionada ao “fato psicológico da imitação”, pois a prática, disseminada no Sul do país, estava tendo o efeito de acostumar a mente das pessoas, seja onde for, àquela forma particular de injustiça.

Segundo o pregador, a questão parecia se agravar com o tempo, pois se o caso tivesse acontecido, obedecendo as mesmas circunstâncias, há uma década do ocorrido, o suspeito seria levado a julgamento. Contudo, a situação era diferente e as pessoas da comunidade não eram as mesmas. Holmes pareceu induzir determinada culpabilidade ao trabalho de jornais que inundavam não apenas aquela, mas todas as cidades do Norte com relatos de linchamentos acontecidos no Sul o que fazia com que o ato fosse visto como algo comum de maneira que a palavra negro significasse linchamento. De acordo com seu entendimento, os nortistas estavam face a face com um fenômeno mais psicológico que social, político ou legal.¹¹⁶ Devido à situação, a rapidez nas comunicações fazia com que um problema local alcance proporções maiores. Seguindo uma característica pacifista e humanista, especificou que a injustiça para com o negro não era um problema sulista, mas uma questão mundial e que trabalharia para colocar fim aquele problema.¹¹⁷

Relatos sobre os eventos em Coatesville seguiram-se pelas seis edições seguintes da revista, reaparecendo em junho de 1912. Questões políticas e o “sucesso” da prática do linchamento (novembro e dezembro de 1911), relatos internacionais sobre a pretensa selvageria dos americanos (janeiro, abril e junho de 1912), comparações entre o que ocorreu em Coatesville e em Newark, estado de Ohio, em que nessa última houve a condenação de um suspeito de participar de um linchamento, estavam entre as reações sobre o ocorrido (fevereiro de 1912). No entanto, o jornal *Chicago Tribune* destacou que

¹¹⁵ Em um dos pontos do texto, Holmes pareceu deixar escapar um certo viés preconceituoso ao relacionar o evento, com o que ele descreveu como “rivalizando em horror com as barbaridades dos peles vermelhas da América do Norte ou com os canibais das Ilhas do Mar do Sul”. O termo utilizado por ele, “*redskins*”, é associado à forma pejorativa de como os estadunidenses denominavam os nativos americanos. Para ele, a cidade do acontecimento era sóbria, não conhecia a fundo o problema racial, nunca tinha sido inoculada com o vírus do ódio racial e não era acostumada a injustiça sobre qualquer parcela da população.

¹¹⁶ HOLMES, John Haynes. The Contagion of the South. *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 6, p. 251, Oct. 1911.

¹¹⁷ Idem, p. 252.

em Newark, a vítima era um homem branco.¹¹⁸ Os resultados das investigações apenas confirmaram o que Du Bois tinha previsto e compartilhado com os leitores da revista um mês após o ocorrido.

Outro caso de repercussão nacional foi o brutal assassinato de Jesse Washington, em Waco, Texas, já previamente citado. Tal evento, ocorrido em maio de 1916, foi descrito por Du Bois como, talvez, o mais horrível que aconteceu nos Estados Unidos.¹¹⁹ Seu impacto foi tão marcante que a publicação precisou elaborar uma edição suplementar, de oito páginas, pois as edições do mês de julho, dedicadas a mostrar os feitos educacionais do povo negro no país, não poderia ser manchada com o relato de tamanha barbárie. A execução pública ocorrida na localidade envolveu dois tipos de crimes que “justificaram” a punição: além do assassinato da senhora Fryer, esposa de seu patrão, recaia sobre Washington a recorrente e repetitiva acusação de que teria tentado abusar sexualmente da mulher. Após ser julgado e condenado à morte pelo júri, Washington foi retirado à força do tribunal e arrastado pelas ruas da cidade até um local próximo à prefeitura onde os mais diversos tipos de brutalidades foram cometidos contra ele.

O número suplementar de *The Crisis*, que contou com a colaboração da ativista e sufragista Elisabeth Freeman, que se dirigiu para a cidade a pedido do secretário da NAACP, Roy Nash, trouxe diversas ponderações sobre o ocorrido.¹²⁰ O trabalho realizado por Freeman, embora arriscado, deve ser visto e elogiado como uma peça importante para se revelar como a injustiça para com o afro-americano desrespeitava a premissa de proteção do cidadão perante a lei. Dentre os pontos levantados pela ativista, que permaneceu na cidade durante mais de uma semana conversando com populares e com autoridades locais, estão os fatos de que Washington apresentava um retardo mental e a forma severa como a mulher de seu patrão se dirigia a ele. Além disso, a situação de seu linchamento foi entendida como uma moeda política já que o xerife local, S. S. Fleming, procurava se reeleger para o cargo e aquilo seria uma boa maneira de saciar a “sede de justiça” da população. Indagado por Freeman se não poderia ter esvaziado a corte, o juiz, R. I. Monroe, teria respondido que ela não conhecia o Sul. Ao receber a

¹¹⁸ Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 4, p. 151, Feb. 1912.

¹¹⁹ DU BOIS, W. E. B. Lynching. *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 3, p. 135, July 1912.

¹²⁰ *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 3, Supplement to The Crisis, July 1916 (The Waco Horror).

resposta de que uma pessoa com a posição que ele ocupava poderia parar a maior das multidões, Monroe indagou “se ela queria derramar sangue inocente por um negro”.¹²¹

A ocorrência desse e demais casos que aconteceram pelo país, tais como em Gainesville, estado da Flórida, em agosto, que deixou ao menos cinco mortos e em Abbeville, na Carolina do Sul, no mês de outubro, contribuíram para impulsionar a campanha contra o linchamento lançada em 1916. A repercussão do acontecimento deixou estarecidos os leitores. Comentários sobre o fato permearam não só as páginas de *The Crisis*, mas de jornais e revistas de todo o país. Dentre as correspondências publicadas na revista, que demonstraram o interesse do público em se engajar na campanha empreendida pela Associação, encontram-se a do líder socialista ítalo-americano, Arturo Giovannitti, que se pronunciou afirmando que estava “ferido e horrorizado além de qualquer expressão por aquela narrativa de atrocidade diabólica” e gostaria de dar a mais larga publicidade possível. Por isso, solicitou algumas cópias da edição suplementar e fotografias originais para serem publicadas em periódicos italianos e franceses.¹²² Periódicos como o *San Francisco Bulletin* se referiu ao linchamento como uma instituição americana e os imigrantes que chegavam ao país e procuravam a “americanização” eram ensinados a tomar parte nos eventos e justificá-los.¹²³

Na carta de Sara E. Parson, Superintendente das Enfermeiras do Hospital Geral de Massachusetts, pode-se ter uma ideia de como situações como a da violência contra os negros eram capazes de engajar pessoas a enfrentarem os problemas que perturbam o meio social. Em seu relato, sua contribuição para o fundo da instituição seria de 10 dólares. Contudo, após ler sobre o caso em Waco, subiu o valor para 25 dólares.¹²⁴ A edição do mês de outubro trouxe na seção “The Outer Pocket”, o relato de Raymond Vernimont que escrevendo de Denton, estado do Texas, pronunciou-se afirmando que o número suplementar da revista causava arrepios em qualquer um.¹²⁵ Solicitou que mais exemplares do suplemento fossem enviados para o Texas, a Geórgia e outros estados. O autor afirmou, ainda, que o aspecto do suplemento era doloroso, mas justificou que a cura

¹²¹ O termo utilizado por ele teria sido o termo pejorativo “nigger”. Cf. Idem, p. 3.

¹²² *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 4, p. 191, Aug. 1916.

¹²³ Idem, p. 188.

¹²⁴ *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 5, p. 220, Sept. 1916.

¹²⁵ *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 6, p. 293, Oct. 1916.

não vinha sem dor. Terminou com uma mensagem positiva de que tempos melhores estavam por vir.¹²⁶

Expressão de opiniões sobre o linchamento continuaram em diversas edições e departamentos. Contudo, imbuídos na política de se efetivar uma proposta que procurava criminalizar o ato do linchamento, as correspondências selecionadas trataram do tema num contexto geral expondo ações positivas que estavam sendo tomadas pela NAACP, *The Crisis*, e por todos os envolvidos na luta para melhorar a condição de vida dos negros nos Estados Unidos. A partir de então, a proporção de assassinatos de negros americanos começou a diminuir, também, em virtude dessa campanha.

Como descrito previamente, a maioria dos editores de cartas tem a tendência a considerar o espaço reservado em seus periódicos como um local para a manifestação das pessoas tidas comuns, no caso, aquelas que não são reconhecidas pelos cargos que ocupam ou do público em geral. Em suas atividades, por diversas vezes, a NAACP contou com o auxílio dessas pessoas para dar andamento de suas atividades, seja na promoção de alguma campanha ou nas investigações que promoveu, para tentar esclarecer casos de desigualdades para com o grupo afro-americano. Essas pessoas comuns, muitas vezes, contribuíram para o trabalho da organização com relatos anônimos em meio ao clima, cada vez mais tenso, das relações raciais que se vivenciavam no país. Em um processo de averiguação de incidentes de ameaças contra negros em uma área residencial em Kansas City, estado de Missouri, a NAACP contou com a exposição de narrativas anônimas que descreviam a situação da localidade.

O tópico denominado “Dynamite in Kansas City” (“Dinamite em Kansas City”), que apareceu na edição do mês de fevereiro de 1912, apresentou uma série de correspondências enviadas para a organização que tinham a finalidade de alertá-la e fazer com que tomasse uma atitude para casos de explosões que estavam acontecendo em um setor da cidade cuja ocupação por famílias afro-americanas estava crescendo. Segundo o teor do texto, a primeira correspondência foi remetida em novembro do ano anterior por um bem-conhecido residente negro da cidade cujo nome permaneceu sem ser revelado.¹²⁷ Em seu relato, o correspondente afirmou que os negros, daquela área específica, estavam

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ Pode-se aferir que o remetente era afro-americano, pois no início do texto, os envolvidos com a publicação da revista *The Crisis*, utilizam o termo “colored”, muito utilizado nas primeiras décadas do século XX para se referir aos negros.

sofrendo com constantes ataques à bomba organizados por um grupo de homens brancos que exigiam a saída dos negros de suas casas.¹²⁸ A exposição seguiu com a afirmação de que os moradores afetados solicitaram auxílio do prefeito e do chefe de polícia que pouco estavam fazendo para encontrar os culpados pelos acontecimentos ou para averiguar as ameaças. A sensação que o morador e seus vizinhos afro-americanos tinham era que uma ação judicial contra a cidade poderia ser estabelecida e solicitaram auxílio do departamento legal da NAACP que prontamente passou a acompanhar o caso.

Na investigação sobre os acontecimentos, maiores informações foram obtidas de outros residentes. Um informante, também não identificado, afirmou que há três anos do início dos fatos, diversas famílias viviam pacificamente ali até que rumores de uma “africanização” tinham se espalhado. Reuniões foram feitas para denunciar agentes ou quaisquer um que vendesse propriedades para afro-americanos e chegaram à conclusão de que eles deveriam ir embora, pois, entre outras coisas, depreciavam as propriedades.¹²⁹ Na continuação de seu registro, o escritor afirmou que as notícias que saíram na imprensa sobre o último caso de explosão, ocorrido em 09 de novembro, apontaram que a causa tinha sido provavelmente uma explosão de gás, o que foi desmentido pela companhia de seguros que se negou a ressarcir os moradores da casa afetada. Segundo ele, duas famílias tinham recebido pouco tempo antes cartas ameaçadoras exigindo que as mesmas se mudassem em até 30 dias. As cartas estavam assinadas como “dinamite”. Os jornais da região praticamente tinham se mantido em silêncio sobre as ocorrências.¹³⁰

A NAACP teria entrado em contato com o governador do estado na época, o Republicano Herbert S. Hardley, que respondeu às argumentações da Associação apresentando o andamento das investigações diretamente dos arquivos policiais. Na correspondência enviada pelo governador, dados sobre as datas de diversas ocorrências, no total de seis, podem ser conferidas e a confirmação de que, inicialmente, a linha de investigação trabalhava com a possibilidade de que indivíduos brancos estavam por trás das explosões. Contudo, após uma informação, que pode ser vista como um tanto quanto controversa, um homem afro-americano, Floyd Bullock, foi preso sob a alegação de que

¹²⁸ Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 4, p. 160, Feb. 1912.

¹²⁹ *Idem*, p. 161.

¹³⁰ *Ibidem*.

estava causando as explosões com a finalidade de reduzir os preços das propriedades da vizinhança e por carregar armas escondido.¹³¹

As informações apresentadas não foram bem aceitas por alguns meios de comunicação e por diversas pessoas, incluindo brancos. O jornal *The Kansas City Star* ironicamente taxou a crença do juiz Latshaw, que sentenciou Floyd Bullock a três anos em uma penitenciária, em acreditar na história de que um homem negro arruinando propriedades de outros negros como invejável. Além disso, apontou um viés tendencioso em condenar o afro-americano àquela pena, pois a única acusação que recaía sobre ele era o de omitir o porte de armas, o que daria, no máximo, dois anos de prisão com a possibilidade de evitar a pena com uma repreensão o que não aconteceu, pois o juiz o sentenciou por suspeitar de um outro crime.¹³²

A percepção dos fatos de leitores-escritores anônimos também pode ser conferida por meio de suas cartas. Duas correspondências, nesta mesma edição, identificadas como de remetentes brancos parecem demonstrar empatia pela situação dos indivíduos negros da comunidade. A primeira, que teria sido enviada por um “proeminente homem branco”, afirmou que os detetives não estavam se dedicando tanto quanto deveriam para esclarecer o caso, mas que o corpo policial, no geral, demonstrava empenho em deter os infratores. Sobre a história de que um afro-americano tinha causado os atentados, o escritor demonstrou incredulidade. A outra carta, escrita por uma senhora, demonstrou a intenção em ajudar de alguma maneira os afro-americanos, mas devido ao tecido intrincado das relações entre brancos e negros, tal auxílio tinha de ser feito cuidadosamente ou traria sérios problemas aos próprios negros. A mulher terminou sua nota solicitando que os membros envolvidos com a NAACP e, nesse caso, também o público leitor da revista não pensassem que ela e/ou outras pessoas da região não tinham interesse ou não queriam dar toda a ajuda possível. Contudo, até mesmo encontrar uma forma de ajudar tornava-se uma tarefa difícil.¹³³

Os empreendimentos iniciais da organização tinham como meta o questionamento da situação degradante em que se encontrava o negro e procurou por meios legais, preceitos do reformismo que vigorava na época, reestruturar a sociedade em face do acirramento econômico e social que a corrompia. Estava também em seus objetivos

¹³¹ Idem, *ibidem*, p. 162.

¹³² Idem, *ibidem*.

¹³³ Idem, *ibidem*.

desfazer os estereótipos que dificultavam uma maior empatia por parte dos brancos em relação aos negros do país. Nesse contexto, uma das primeiras batalhas que precisou enfrentar esteve relacionada a exibição do filme *Birth of a Nation* (O Nascimento de uma Nação), lançado em 1915. Baseado na obra literária *The Clansman* (1905), de Thomas Dixon Jr., a produção procurou retratar o que foi considerado o fracasso do período de reconstrução, a decadência sulista e a não aptidão do afro-americano para a participação política. Contudo, o elemento que teria elevado os ânimos dos espectadores do filme foi a tão recorrente luxúria atribuída ao homem negro e sua vontade de “possuir” a mulher branca.

Algumas reações ao filme podem ser vistas como extremas. Segundo Piott (2011, p. 199-200), casos de assassinatos de afro-americanos, gritos solicitando o linchamento de um personagem da produção e panfletagem exigindo mais segregação estavam entre os exemplos.¹³⁴ No entendimento de Woodley (2014, p. 12), para os membros da Associação, o filme não apenas retratava uma imagem negativa dos negros, mas reforçava todo preconceito que os brancos mantinham sobre eles.¹³⁵ A militância empreendida pela NAACP procurou garantir a não exibição do filme, o que foi conseguido em algumas cidades como Atlantic City e St. Louis, embora temporariamente. A estratégia da NAACP em atuar de acordo com os preceitos do progressismo vigentes na época, como a crítica a qualquer tipo de censura e métodos mais radicais, foi interpretada como um dos elementos responsáveis pela falta de sucesso na campanha contra a exibição do filme, além de divisões existentes dentro da comunidade negra.¹³⁶

Nas páginas da revista *The Crisis*, a campanha pela não exibição do filme foi ativa e reuniu as mais diversas opiniões, além de apresentar as medidas que estavam sendo adotadas em várias localidades em que o filme estava para ser exibido. A primeira menção ao filme se deu em maio de 1915 e, até o final de 1917, esteve presente em 22 edições, totalizando 44 referências em cartas, pequenas notas, reproduções de outros periódicos, dentre outros. Dentre as várias manifestações está a do governador de Kansas e membro presidente da filial da NAACP em Topeka, Arthur Capper, que se manifestou afirmando que faria de tudo para que o filme não fosse exposto no estado. De igual maneira, o

¹³⁴ PIOTT, Steven L. *Daily life in the progressive era*. Santa Barbara: Greenwood, 2011, p. 199-200.

¹³⁵ WOODLEY, Jenny. *Art for equality: the NAACP's cultural campaign for civil rights*. Lexington, Kentucky: University Press of Kentucky, 2014, p. 12.

¹³⁶ Ver: *The Year of The Birth of a Nation*. In: CRIPPS, Thomas. *Slow fade to black: the Negro in American film, 1900-1942*. Oxford; New York: Oxford University Press, 1993, p. 41-69.

governador de Ohio, Frank B. Willis, desaconselhou a exibição do filme em um evento afirmando que a obra tinha sido considerada imprópria por uma junta de críticos estaduais e sugeriu que outro tipo de entretenimento o substituísse.¹³⁷

O pastor e líder cívico, apoiador de diversas causas envolvendo os afro-americanos, J. E. Moolard, pronunciou-se afirmando que o filme tinha sido removido da sede de seu clube no Panamá e recebeu apoio de diversas pessoas sobre seu posicionamento contrário a filmes daquele tipo.¹³⁸ Embora a maioria das referências acerca do filme fossem positivas no sentido de discordarem da sua produção, outros indivíduos apoiaram a exibição do filme e sua história. Latham Woodberry, falando de Princeton, Nova Jersey, “um membro da raça anglo-saxã”, como ele se classificou, afirmou que a revista e seu gerenciamento eram inconsistentes. Usando termos pejorativos para se referir aos afro-americanos, concordava com a história do filme, pois, para eles, a obra retratava a verdade. De acordo com seu entendimento, até negros educados, como Du Bois, deveriam ser tratados como crianças e deveriam ir para o Sul para serem cuidados pelos “senhores” como a natureza tinha planejado.¹³⁹

A publicação de depoimentos tão diferentes confirma a proposta da revista de ser um local para exposição e discussão de ideias. Ou como apresentado anteriormente, um fórum público para debates. No entanto, tal estratégia pode servir para revelar e espalhar para a sociedade a existência de “forças” contrárias a uma convivência mais igualitária entre brancos e negros ou, no pior dos casos, o desejo de manter os negros estadunidenses em situações de subserviência negando-lhes o reconhecimento de quaisquer direitos que tinham adquiridos.

Embora o engajamento do público com as questões envolvendo violências contra os afro-americanos fosse o mais notório, muito pelo fato de causar mais indignação e motivar as pessoas a escolherem um lado, um incontável número de temas também esteve presente nas páginas da revista *The Crisis*. Como exemplo, pode-se utilizar a seção de cartas do mês de junho de 1912 em que se verifica elogios ao trabalho editorial quando o autor, W. B. Northrop, fez referência a capa do mês de abril, o assinante, A. L. Weaver, solicitando que suas edições fossem enviadas em nome da filha argumentando que, desde cedo, procurava despertar nela o interesse pelo orgulho racial e periódicos ligados ao

¹³⁷ Governors of two states against photo play libel. *THE CRISIS*, New York, v. 11, n. 3, p. 139, Jan. 1916.

¹³⁸ *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 2, p. 73-74, Dec. 1916.

¹³⁹ *Idem*, p. 74.

tema, afirmações de que a revista procurava ajudar tanto os brancos quanto os negros vindas do prefeito de Toledo, Ohio, Brad Whitlock, dentre outros conteúdos.

Dessa forma, *The Crisis* pode ser considerada como uma das revistas que mais fomentaram o debate e a crítica ao sistema de segregação vigente nos Estados Unidos, durante os primeiros anos do século XX. Suas páginas alcançavam milhares de famílias estadunidenses tanto brancas quanto negras mostrando os acontecimentos mais significativos da época apontando como o perverso problema das relações raciais os moldavam e definiam. *The Crisis* também pode ser vista como umas das publicações que mais atrelava os laços afetivos e de solidariedade proporcionando engajamentos as mais diversas questões que diziam respeito àquelas relações e destacadamente a vida do negro norte-americano.

Capítulo 2 - Novo século, “novas” queixas: o trabalhador afro-americano e o retrato de suas condições nas páginas de *The Crisis*

Nas primeiras décadas do século XX a situação do trabalhador negro norte-americano podia ser considerada como a mais dramática do país. Recebendo salários menores que dos trabalhadores brancos e, na maior parte das vezes, sendo barrados das mais expressivas uniões trabalhistas, esse contingente tornou-se instrumento de manobras de empregadores que se utilizavam da questão racial para seu próprio benefício.

Há um relativamente curto espaço de tempo saídos da escravidão, a inserção dos trabalhadores negros no fervilhante mercado de trabalho estadunidense revelou que sua presença na imensa massa de assalariados não seria reconhecida de maneira fácil.¹⁴⁰ Contudo, após a emancipação, efetivada em 1865, os “homens-livres”, termo utilizado para se referir às pessoas recém-saídas da escravidão, tinham em mente não apenas a completa aceitação de seus direitos como cidadãos, mas, no que se tratava à forma de exercer suas atividades laborais, a busca por autonomia e evitar práticas do tempo da escravidão como a de ser supervisionado por um capataz branco.¹⁴¹ Tal percepção mostrou-se significativa a ponto do recém-liberto atrelar o conceito de trabalho livre principalmente a termos de soberania ou o direito sobre si mesmo.¹⁴²

No Sul do país, onde vivia a grande maioria da população negra, os afro-americanos foram submetidos a métodos coercitivos que marcariam para sempre suas tentativas de desempenhar plenamente suas escolhas quanto à execução de trabalhos.¹⁴³ Ainda que o cidadão negro estadunidense fosse livre, estruturas sociais como o *Black Codes* e, posteriormente, as políticas *Jim Crow* tiveram como consequências reforçar a

¹⁴⁰ De acordo com estimativas, a população negra dos Estados Unidos girava em torno de 4.880,000, em 1870. Na virada para o século XX, em 1900, alcançou o índice de aproximadamente 8.834,000 e, em 1920, a perspectiva estava em torno de 10.463,000 pessoas. As estimativas podem variar de acordo com os órgãos de pesquisa e os critérios utilizados para a classificação de pessoas como negras. Cf. HENDERSON, George; OLASJI, Thompson. *Migrants, immigrants, and slaves: racial and ethnic groups in America*. Lanham, Maryland: University Press of America, 1995, p. 251.

¹⁴¹ RODRIGUE, John C. Emancipation and Reconstruction. In: ARNESEN, Eric (Ed.). *Encyclopedia of U.S. labor and working-class history*. New York; London: Routledge, 2007, p. 401.

¹⁴² MORENO, Paul D. *Black Americans and Organized Labor: a new history*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006, E-book.

¹⁴³ Estimativas apontam que cerca de 90 por cento dos afro-americanos viviam na Região Sul do país, na virada para o século XX. Destes, 75 por cento residiam na zona rural em que 53.5 por cento dos homens e 36.1 por cento das mulheres exerciam suas atividades vinculados à produção agrícola. Cf. MALONEY, Thomas. African Americans in the Twentieth Century. EH.Net Encyclopedia, WHAPLES, Robert (Ed.). 14/01/2002. Disponível em: <http://eh.net/encyclopedia/african-americans-in-the-twentieth-century/>. Acesso: 09/10/2021.

dominação sobre o trabalhador negro.¹⁴⁴ As opções para os negros no Sul mostraram-se extremamente restritas ficando vinculadas às atividades rurais, às indústrias extrativistas como a de *turpentine* (terebintina), utilizada na produção de solventes, e às fundições de ferro e aço de cidades como Birmingham, estado de Alabama. Em qualquer uma dessas atividades, os afro-americanos executavam os trabalhos mais árduos e com os maiores riscos.¹⁴⁵

Em outras regiões do país, os trabalhadores negros enfrentavam condições semelhantes. No Norte, onde os negros começaram a ser libertados gradualmente após a independência, a concorrência com os trabalhadores brancos tinha sido intensa e, mesmo antes da Guerra Civil, tal competição já contribuía para fomentar distúrbios raciais violentos.¹⁴⁶ O fluxo constante de imigrantes europeus que desembarcavam nos Estados Unidos desencadeou disputas por postos de trabalho que, embora não fossem caracterizados como de exclusividade dos afro-americanos, eram protagonizados pelos negros. A maioria dos postos de trabalho ocupados pelos afro-americanos estava concentrada em setores fora da produção manufatureira. Assim, os trabalhos domésticos e ocupações como as de entregadores, ajudantes em lojas, motoristas eram bastante preenchidas pelos afro-americanos. Os trabalhadores negros também encontraram oportunidades na indústria de construção que, num primeiro momento, demonstrou ser avessa a contratação dessa mão-de-obra, mas que, por volta de 1930, empregava metade de seus trabalhadores. Construção e manutenção de estradas, estivadores em cidades como Nova Iorque e Filadélfia e os diversos tipos de afazeres ligados à indústria automobilística foram atividades que abriram seus portões para os trabalhadores negros, embora não em larga escala. Da mesma forma como os afro-americanos tinham oportunidades para ingressar nas minas de carvão do Sul do país, a extração do minério na Pensilvânia contribuiu para oferecer ao negro uma alternativa à segregação e

¹⁴⁴ De acordo com Cuthbert-Kerr, o conjunto de práticas conhecido como Os Códigos Negros, que tomou corpo no final da guerra civil, em 1865, tinha como objetivo principal limitar o poder de barganha dos afro-americanos no que se tratava a futuros contratos trabalhistas. Cf. CUTHBERT-KERR, Simon T. Black Codes. In: BROWN; STENTIFORD, op. cit., p. 78-85.

¹⁴⁵ A indústria de terebintina, por exemplo, uma das atividades tidas como das piores pelas longas horas de serviço em um tempo quente e úmido em pântanos infestados de insetos, empregava, por volta de 1910, 24.647 trabalhadores negros num total de 28.674 trabalhadores. Cf. PIOTT, op. cit., p. 187.

¹⁴⁶ MYRDAL, Gunnar. *An American Dilemma: the negro problem and modern democracy*. New York; London: Harper & Brothers Publishers, 1944, p. 291.

discriminação sulista. Nas indústrias ligadas às siderurgias, as ocupações desenvolvidas pelos trabalhadores negros eram bem parecidas com aquelas do Sul.¹⁴⁷

Embora as oportunidades na diversificação dos trabalhos fossem mais presentes fora da região Sul, determinadas áreas permaneceram praticamente fechadas para a introdução da massa de trabalhadores negros. O setor têxtil foi um dos ramos industriais que tanto no Sul como fora dele adotou uma política de restrição na contratação de afro-americanos.¹⁴⁸ Outras áreas como as de serrarias, fabricação de sapatos e móveis, panificação e material elétrico são exemplos de subcontratação de trabalhadores afro-americanos.¹⁴⁹

As transformações apresentadas pela economia e sociedade norte-americana nas décadas próximas à virada para o século XX demonstraram uma acirrada competição por trabalho. Dentre os indivíduos afetados, os afro-americanos foram os mais relegados às piores condições, sejam em termos salariais ou no exercício de suas funções. Em face de tal situação, suas queixas precisavam ser reconhecidas pela maior parte da sociedade para que uma possível atitude em conjunto pudesse ser empregada. Em uma época em que os meios de comunicação tinham nas formas impressas um grande aliado, propagar suas demandas por meios de veículos de imprensa era uma atitude das mais cruciais para a exposição das diversas situações que oprimiam os cidadãos e trabalhadores negros. Nessa perspectiva, a NAACP por meio de seu órgão de propaganda, a revista *The Crisis*, promoveu investigações e a exposição das ocorrências que envolviam os trabalhadores negros tornando-se um significativo parceiro na conquista por direitos que vieram ao longo dos anos.

2.1 – O foco trabalhista em *The Crisis*

Desde o início da revista, os membros ligados à *The Crisis* estavam atentos às situações que envolviam a ampla gama de trabalhadores do país. Vale frisar, nesse aspecto, que a preocupação sobre as condições de vida e trabalho desse contingente não

¹⁴⁷ Idem, p. 294.

¹⁴⁸ Uma das desculpas utilizadas para a exclusão de afro-americanos das indústrias têxteis era de que os patrões estavam promovendo uma “filantropia de risco” ao reservarem as vagas nesse trabalho para os veteranos confederados empobrecidos ou para suas viúvas e órfãos. Os donos de fábricas que procuravam inserir os trabalhadores negros em seus estabelecimentos, enfrentavam greves promovidas pelos seus funcionários brancos. Cf. MORENO, op. cit., 2006, s. n.

¹⁴⁹ MYRDAL, op. cit., p. 294.

estava restrita apenas aos afro-americanos, embora esses fossem os elementos mais destacados.

As incontáveis matérias produzidas pela revista ou publicadas de outros veículos de imprensa ao redor do país variaram consideravelmente durante seus primeiros dez anos de existência. Os assuntos, que serão analisados nos próximos capítulos, darão uma dimensão específica sobre o questionamento das diversas situações em que os trabalhadores afro-americanos estavam submetidos. Contudo, num aspecto mais geral, pode-se fazer uma abordagem acerca de determinados tópicos que estiveram presentes nas páginas da revista. Os temas englobaram exposições que não tinham uma perspectiva definida. Seu interesse era apresentar tudo que fosse possível sobre as questões que se relacionavam à mão-de-obra negra. Sendo assim, pode-se compreender que durante seus números iniciais o corpo editorial do periódico e dirigentes da NAACP estavam procurando dar uma forma para o mesmo e, talvez, encontrar uma fórmula a ser seguida, mas ficando atentos às transformações apresentadas pelos diversos contextos da sociedade estadunidense. Tal perspectiva pode contribuir para o entendimento das diversas matérias que surgiram em *The Crisis*.

Em seu número de estreia, já se pode verificar a atenção dos membros da revista sobre os mais amplos panoramas que circundavam os trabalhadores negros do país, no início do século XX. Condições de trabalho, notas explicativas para a sociedade sobre o comprometimento do trabalhador afro-americano, desavenças que tem por pano de fundo a questão trabalhista que colocava em lados opostos brancos e negros foram algumas das temáticas que estiveram presentes na edição de novembro de 1910. No que se trata às matérias mencionadas nessa edição, a primeira a fazer uma referência sobre o assunto foi uma pequena nota de quatro linhas na página seis da revista. Contida na seção “Along the Color Line”, o tópico trazia a informação de que a Central Labor Union of New Orleans, no estado da Louisiana, precisou escrever uma carta visando refutar alegações de que o aumento salarial de trabalhadores negros tinha resultado na diminuição de sua eficiência.¹⁵⁰

Outra menção sobre o trabalhador negro esteve presente na seção “Opinion”. Como foi descrito previamente, esta parte da revista *The Crisis* era onde transcrições de outros periódicos eram apresentadas e, algumas vezes, comentadas. Nesse caso, a

¹⁵⁰ *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 1, p. 6, Nov. 1910.

transcrição foi uma matéria contida no jornal *Atlanta Constitution*, da cidade de Atlanta, na Geórgia.¹⁵¹ A nota trouxe a informação de que o indivíduo negro que era treinado para trabalhar com as mãos, focado em seus afazeres, que buscava adquirir propriedades e conquistar uma participação no país estava sendo apresentado a uma política segura contra a vadiagem e o que ela produzia: a criminalidade.

Embora o texto tenha sido elaborado com o intuito de valorizar essas “virtudes” capitalistas e o empenho do trabalhador negro em buscá-las, seu conteúdo apresenta-se, a nosso ver, um pouco ambíguo por parecer uma espécie de ameaça indireta para aqueles afro-americanos que não estavam, de alguma maneira, alinhados com essas prerrogativas. Outra interpretação pode-se relacionar como uma mensagem para que aqueles afro-americanos que já compartilhavam de tal mentalidade, não desviassem do caminho. Isso se dá porque a Região Sul dos Estados Unidos, na qual o jornal fazia parte, era conhecida por ter elaborado leis contra vadiagem e contratos trabalhistas extremamente rígidos e que tinham no indivíduo negro seu principal alvo.¹⁵² O fato do verbo *presente*, contida na nota, poder ser utilizado com mais de um significado, incluindo *apresentar* ou *presentear*, deixa essa incógnita no texto. Não há uma certeza se o fato dessa política contra a vadiagem ser vista como um presente para aqueles trabalhadores negros que se empenhavam em alcançar algo com o esforço de seu trabalho ou se a apresentação daquela política para os membros do grupo ser um alerta de que eles estariam sujeitos à punições por seus desvios de comportamento.

Menções sobre a questão trabalhista envolvendo o afro-americano apareceram, igualmente, na seção “Opinion” e faziam alusão ao trabalho árduo que os socialistas norte-americanos teriam pela frente para libertar o negro do sistema capitalista que buscava mantê-lo em uma condição de desamparo político para de facilitar sua exploração.¹⁵³ Outros dois comentários que estiveram presentes nessa edição, mas que serão melhor trabalhados mais adiante, tratavam das disputas trabalhistas entre patrões e empregados que, por vezes, acabavam em violência. Na seção “The Burden”, foram apresentados os casos de Steve Green e Pink Franklin. O primeiro, ocorrido no Arkansas

¹⁵¹ *Idem*, p. 7.

¹⁵² Devido a uma fusão com o jornal *The Atlanta Journal*, em 2001, o jornal passou a se denominar *The Atlanta Journal-Constitution*.

¹⁵³ *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 1, p. 9, Nov. 1910. A nota foi retirada do periódico *The Call*, um dos órgãos de imprensa do *Socialist Party of America* (Partido Socialista da América), que circulou de 1908 a 1923.

e o segundo, na Carolina do Sul. Segundo as histórias apresentadas, ambos teriam reagido às ações de seus patrões após desavenças trabalhistas.¹⁵⁴

Como previamente assinalado, o segundo número da revista, em dezembro de 1910, foi a primeira a apresentar a seção destinada à publicação de cartas dos leitores. Dentre os cinco registros expostos, a primeira correspondência foi elaborada por uma associação de trabalhadores holandeses que teve acesso a uma circular publicada pelos integrantes da NAACP quando essa ainda se denominava National Negro Committee.¹⁵⁵ Tal atributo contribui para reforçar o interesse de seus membros em ter como uma de suas principais pautas as condições dos trabalhadores negros nos Estados Unidos.

Além da correspondência publicada na seção “Letters”, demais informações sobre os trabalhadores afro-americanos estiveram presentes em sua segunda edição. Dentre os tópicos que podem ser citados, está um caso de rompimento de contrato trabalhista por um negro, posteriormente condenado a 126 dias de trabalho, no estado de Alabama, que chamou a atenção do Departamento de Justiça. De acordo com as suspeitas do órgão, tais leis contratuais tinham o objetivo de fazer com que o trabalhador negro fosse virtualmente escravizado.¹⁵⁶ Os argumentos utilizados pelos tribunais estaduais que sustentavam tal medida com propósito de inviabilizar atitudes fraudulentas estavam sendo questionados, pois, havia evidências de imposição de serviços compulsórios sobre os negros que constituíam a massa de trabalho nas fazendas.¹⁵⁷ Outra questão mencionada foi um discurso de Samuel Gompers, presidente da maior união trabalhista do país, a American Federation of Labor (AFL), em St. Louis, Missouri.¹⁵⁸ Conforme a pequena nota, o discurso foi amplamente relatado, mas desencorajador no que se refere à promoção de afro-americanos em uniões trabalhistas. O texto continuou com a informação de que

¹⁵⁴ Idem, p. 14.

¹⁵⁵ O comitê, que esteve em vigor de 31 maio de 1909 a 12 de maio de 1910, surgiu em decorrência do distúrbio racial ocorrido em Springfield, estado de Illinois, em agosto de 1908. As duas conferências que foram realizadas, a primeira entre 31 de maio e 01 de junho de 1909 e a segunda de 12 a 14 de maio de 1910, procuraram mais enfaticamente estabelecer procedimentos para o combate ao racismo e segregação e maneiras de se efetivar os direitos devidos aos afro-americanos. A segunda conferência estabeleceu o nome definitivo da NAACP. Cf. KELLOGG, op. cit., p. 89 e JONAS, Gilbert. *Freedom's sword: the NAACP and the struggle against racism in America, 1909-1969*. New York; London: Routledge, 2005.

¹⁵⁶ Esse tipo de relação trabalhista meio coercitiva meio livre é conhecido como *peonage*. O trabalhador, geralmente ligado ao setor rural, devido a um processo de endividamento constante torna-se atrelado ao patrão/credor. A prática, mais comum nos estados do Sul dos Estados Unidos, expandiu-se após a emancipação dos escravos e contribuiu para minar as expectativas de melhorias para a população negra do país. Tal forma de relação e seus desdobramentos serão melhor discutidos posteriormente.

¹⁵⁷ *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 2, p. 7, Dec. 1910.

¹⁵⁸ Idem, p. 9.

Gompers teria enviado um telegrama para *The Crisis*, explicando que não se referiu aos negros de forma depreciativa.¹⁵⁹ Outras alusões ao trabalhador negro podem ser verificadas na seção “Opinion”, sobre a necessidade dos negros em Oklahoma de votarem no Partido Socialista, contidas nas páginas onze e doze, a participação das mulheres brancas e negras no mundo dos negócios, página vinte e oito, dicas de artigos e livros, páginas trinta e cursos profissionalizantes na página trinta e cinco.

Com o passar dos anos, algumas temáticas se mostraram mais comuns em meio ao universo de assuntos relacionados aos trabalhadores negros. Dentre eles, que contribuiu para dar uma dimensão sobre como a competição por trabalho associada à questão racial era um elemento intrínseco do país, está a pretensão de expulsar os trabalhadores negros não apenas de postos de trabalho como também de cidades ou demais localidades onde sua presença significava uma ameaça para os trabalhadores brancos. Essas ocorrências, que aconteciam por todo o país, eram elementos que mereceram destaque nas páginas da *The Crisis* sendo reimpressas de outros periódicos ou produzidas pela própria revista.

O texto “The Black Man’s Value” (“O Valor do Homem Negro”), publicado na edição do mês de janeiro de 1912, apareceu na seção “Opinion” e referenciava uma série de situações enfrentadas pelos afro-americanos sendo digna de nota de outros periódicos.¹⁶⁰ O apanhado de nove pequenos relatos apresentou reportagens de sete veículos de imprensa. As três primeiras notas, que tratavam especificamente dos trabalhadores negros, diziam respeito a uma possível tentativa do estado de Oklahoma de se transformar em um estado totalmente branco. Os relatos que apareceram nos veículos *Indianapolis News*, de Indiana, *Antonio Express*, do estado do Texas, e *New York Commercial*, respectivamente, estavam alinhados com o discurso de que tal medida traria um desastre financeiro não apenas para o estado, mas para toda a Região Sul. Embora as matérias criticassem as atitudes das políticas estaduais, o que mais parece interessar é a

¹⁵⁹ Gompers presidiu a AFL de 1886 até sua morte, em 1924, com apenas um ano em que não esteve à frente do órgão, 1894. Seus anos de liderança foram marcados por uma atitude controversa no que concerne ao incentivo da entrada dos afro-americanos nas uniões trabalhistas afiliadas. No momento de sua fundação, em 1886, a AFL parecia empreender uma política contra as práticas de racismo e exclusão adotadas pelos sindicatos menores dirigidos por brancos com Gompers, chegando mesmo a declarar em uma reunião em Mobile, Alabama, em 1895, que não esperava um contato mais íntimo entre brancos e negros, mas que buscava uma organização entre eles. Com o passar do tempo e a resistência dos trabalhadores brancos, a AFL, por volta da virada do século XX, não mais se pronunciava tão avidamente contra os métodos segregacionistas de suas afiliadas. Para saber mais, ver: GREENE, Julie. *Pure and simple politics: the American Federation of Labor and political activism, 1881-1917*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004.

¹⁶⁰ Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 3, p. 107-108, Jan. 1912.

probabilidade da não utilização da mão-de-obra afro-americana na economia regional. Todos os três textos demonstravam preocupação sobre a fuga dos trabalhadores negros tanto para outras partes do país como para o exterior. Segundo o *New York Commercial*, “nenhuma outra raça de trabalhadores sob o sol poderia produzir os resultados que os negros proporcionavam naquela grande região”.¹⁶¹

Diversas outras matérias acerca do mercado de trabalho e relações raciais apareceram na edição de janeiro de 1912, bem como nos meses seguintes.¹⁶² No que se refere às tentativas de expulsão de afro-americanos de localidades, as denúncias dessas ocorrências atravessaram o tempo e, muitas vezes, associaram-se a casos de violência. Contudo, outro elemento que revela como a solução desses conflitos era complicada estava no fato dos donos de terras se posicionarem, de acordo com seus interesses, contra a prática efetuada pela classe trabalhadora branca. Em março de 1912, a edição trouxe na subseção “Crime”, da seção “Along the Color Line”, a informação de que na cidade de Hickman, estado de Kentucky, os brancos pobres estavam determinados a impedir a permanência de trabalhadores afro-americanos, enquanto os fazendeiros esforçavam-se para manter aquele contingente de trabalho barato.¹⁶³ A nota traz, ainda, a informação de que não muito tempo antes desses eventos, dois homens brancos tentaram matar um afro-americano, mas acabaram sendo mortos por ele. O ato obviamente acabou em vingança e dois jovens negros foram gravemente feridos por um grupo de brancos sendo que nenhuma prisão tinha sido feita.¹⁶⁴

De maneira semelhante, na edição de agosto, uma denúncia de que avisos alertavam os afro-americanos contratados por dois fazendeiros, J. H. Whipple e Joe

¹⁶¹ Idem, p. 108.

¹⁶² As temáticas apresentadas, envolviam questões diversas. Como exemplo, na própria edição de janeiro na seção “Along the Color Line”, subseção “Courts”, observa-se uma nota que dizia que as leis trabalhistas contratuais do estado da Geórgia estavam sendo atacadas nos tribunais. O caso se referia a uma garota negra de catorze anos que assinou um contrato para trabalhar colhendo algodão e teria recebido sete dólares de adiantamento. Ao desistir do contrato, ela teria a opção de pagar setenta e cinco dólares de multa mais os custos do processo ou passar 12 meses presa no sistema *chain gang*, onde os prisioneiros ficam acorrentados realizando atividades para o estado. A mãe da garota teria então entrado com uma ação que seria decidida por um tribunal federal. No mês de fevereiro, o texto “Some Labor Complaints” (“Algumas Reclamações Trabalhistas”), trouxe a indignação do jornal afro-americano *Charleston Messenger*, que criticava outro jornal, o *Charleston News and Courier*, para o qual os negros do estado da Carolina do Sul apresentavam uma “indisposição” para o trabalho. De acordo com o *Messenger*, as reclamações do *News and Courier* eram oriundas da independência do produtor afro-americano que não tinha pressa em contribuir para a colheita de algodão dos fazendeiros brancos. Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 3, p. 100, Jan. 1912 e *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 4, p. 149-150, Feb. 1912.

¹⁶³ *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 5, p. 189, Mar. 1912.

¹⁶⁴ Idem.

Stidham, para deixarem o Condado de Craighead, em Arkansas, foi destaque na seção “Along the Color Line”. As informações contidas na nota diziam que os residentes não concordavam com a ação de levar trabalhadores negros para a comunidade sendo que vários deles não se intimidaram em assinar seus nomes nos avisos ameaçadores. Os dois agricultores levaram as denúncias para o procurador regional e quarenta e seis detenções foram realizadas. Conforme os agricultores, eles eram incapazes de contratar trabalhadores brancos e, para manter sua produção, precisavam importar trabalhadores negros. Muitos dos que foram detidos eram indivíduos que não tinham nenhum destaque na localidade, outros eram garotos, mas alguns exerciam papéis relevantes na comunidade, sendo dois pastores, um delegado e um policial.¹⁶⁵

Durante anos, relatos acerca da intenção de trabalhadores brancos de impedir que indivíduos negros exercessem suas atividades em determinadas localidades preencheram as páginas de *The Crisis*. Embora cada um desses eventos apresente um caso e uma experiência única, pode-se dizer que todos contavam com o elemento racial para intensificar a questão trabalhista de forma que as divergências nem sempre ficaram no protesto verbal. Exemplos das tentativas dos brancos de barrar trabalhadores negros podem ser descritos nas localidades de Jonesboro – escrito na edição de julho de 1912, como Jonesborough – estado de Arkansas, Clovis, no Novo México e Clarksdale, Meridian e Laurel, estado de Mississippi.¹⁶⁶

Em fevereiro de 1913, o artigo “The Negro at Work” (“O Negro no Trabalho”) apresentou uma situação ainda mais curiosa sobre as práticas de determinada parcela da população quanto à perspectiva de expulsão de afro-americanos de um território. A nota que apareceu na seção “Opinion”, trouxe uma reportagem do jornal *New York Evening Post*, a qual se referia à saída em massa de trabalhadores negros do estado da Geórgia. O texto descreveu uma “estranha inconsistência” sobre o tratamento dispensado ao negro no Sul. De acordo com a reportagem, homens brancos estavam protestando sobre as ameaças que um grupo terrorista aos moldes da Ku Klux Klan praticava ao “aconselhar” os negros do estado a deixarem seis condados. As críticas de um desses homens se referiam à perspectiva de que as mulheres brancas do estado teriam que começar a fazer as atividades que os empregados negros praticavam e a falta de braços para cuidarem das plantações dos fazendeiros regionais. Nesse aspecto, um dilema parecia se espalhar pelo

¹⁶⁵ *THE CRISIS*, New York, v. 4, n. 4, p. 163, Aug. 1912.

¹⁶⁶ *THE CRISIS*, New York, v. 4, n. 3, p. 116, July 1912.

Sul, pois sendo o negro, em certo sentido, considerado um elemento indesejado, o debate sobre se ele deveria partir ou não era de interesse dos diversos grupos de brancos. O governador do estado sugeriu uma lei proibindo os habitantes de ameaçarem os afro-americanos. Contudo, nada a respeito do sofrimento dos negros foi digno de destaque.¹⁶⁷

Como pode ser observado, o principal interesse demonstrado nesses discursos e reportagens é a possibilidade dos ricos de não usufruírem da mão-de-obra afro-americana. Tal elemento contribui para corroborar as argumentações de Higgs (2008) sobre os padrões estarem mais preocupados com os lucros advindos da exploração do trabalho negro do que nas pregações baseadas na ideologia da supremacia racial branca.¹⁶⁸ Contudo, é possível verificar que mesmo nas matérias apresentadas denunciando as perseguições sofridas pelos trabalhadores negros oriundas de outros meios impressos, pouco é dito sobre isso nesses jornais de maneira mais crítica. As reportagens retiradas de outros periódicos, que compunham a seção “Opinion”, geralmente eram mais diretas e não apresentavam uma sensibilidade em relação ao que os afro-americanos passavam, cabendo esse papel aos integrantes da revista *The Crisis*. Quando as matérias eram produzidas pela revista da NAACP, na maior parte das vezes, compunham os assuntos da seção “Along the Color Line” e eram alocadas em subseções segundo o teor principal dos fatos, tais como “Crime” na nota referente ao caso de Hickman, Kentucky. Isso demonstra que o aspecto econômico dessas relações era importante, mas a falta de discursos como forma de apresentar as necessidades dos afro-americanos era um elemento muito significativo das relações raciais e sua representação na imprensa.

No conturbado mercado de trabalho norte-americano, questões econômicas e raciais somaram-se para intensificar as disputas entre, não apenas, mas primordialmente, brancos e negros por vagas de trabalho. A convivência entre esses trabalhadores sempre foi motivo de desconfiança e discursos de que não poderiam exercer as mesmas ocupações ou estarem em um mesmo local para praticarem suas atividades eram constantes. Mais para o branco que para o negro, executar as mesmas funções, receber salários semelhantes ou trabalhar sob as ordens do outro era motivo de rebaixamento de sua condição, ainda que existisse economicamente uma paridade entre os indivíduos. Nesse aspecto, as diversas tentativas de trabalhadores brancos pobres de forçar a saída de

¹⁶⁷ *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 4, p. 178, Feb. 1913.

¹⁶⁸ HIGGS, Robert. *Competition and coercion: blacks in the American economy, 1865-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 89.

afro-americanos de localidades ou de postos de trabalhos podem ser consideradas como elementos dos mais característicos desse tenso mercado de trabalho e que, embora possa apresentar reduções em períodos em que a economia dava a impressão de estabilidade, sempre houve a possibilidade de vir à tona. Durante o período em que se trata a pesquisa, pode-se mencionar ainda como exemplos desses casos o texto “Work” (“Trabalho”), presente na edição de março de 1913.¹⁶⁹

Em uma sociedade em que as relações sociais tendem a levar em conta as diferenças contidas em discursos que procuram classificar os indivíduos observando características tidas como raciais, determinados acontecimentos que num primeiro momento e, talvez, se nos atentarmos às concepções atuais, poderiam passar sem uma menção na imprensa, foram merecedoras de serem comentadas e de estarem presentes nas páginas de *The Crisis*. Um desses acontecimentos, ou melhor, uma série de acontecimentos, refere-se à contratação de trabalhadores negros.

Os relatos acerca do tópico sobre empregar trabalhadores afro-americanos englobaram uma diversidade de situações que não ficaram restritas aos aspectos econômicos. Sua alçada ultrapassou prerrogativas de interesse político, filantrópico e ativismo social. Pode-se verificar, também, que a mera possibilidade de um indivíduo negro estadunidense de conseguir um trabalho diferente do qual ele era, na maior parte das vezes, associado, como no meio rural ou subalterno, por exemplo, era motivo de contentamento por parte dos outros indivíduos negros, de brancos simpatizantes com as causas dos negros e da imprensa. Algumas matérias que estiveram nas páginas de *The Crisis*, merecem ser comentadas por revelar as situações que a contratação de trabalhadores negros trouxe para a sociedade norte-americana.

Em abril de 1913, *The Crisis* anunciou em seu número que uma das maiores empresas de fundição do país, a Scullin-Gallagher, empregava milhares de afro-americanos em seus estabelecimentos, em St. Louis, Missouri. Além de apresentar a variação de salários pagos para esses trabalhadores, a nota informou com um ar de aparente orgulho que vários trabalhadores estavam se esforçando para entender o ofício e alguns já ocupavam cargos de chefia.¹⁷⁰ Nessa mesma edição, é possível verificar o esforço que estava sendo realizado para que empresários de Chicago ampliassem as oportunidades de trabalho para as pessoas negras do país. O empreendimento estava

¹⁶⁹ *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 5, p. 233, Mar. 1913.

¹⁷⁰ *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 6, p. 268, Apr. 1913.

sendo conduzido pela Frederick Douglass Center e obteve a participação do empresário Julius Rosenwald, dirigente da Sears, Roebuck and Company e conhecido pelo seu engajamento no que se refere ao patrocínio no campo educacional para afro-americanos. Conforme a nota, Rosenwald enxergava o seu ato e de outros membros da empresa com um dever.¹⁷¹

Como previamente explicitado, o ato de buscar empregar afro-americanos para além de outros ramos de atividade que não o vinculado ao agrícola, e, muitas vezes, nem mesmo esse, era motivo de acirramentos nos diversos aspectos que regiam a sociedade do país. No campo político, atritos podem ser constatados novamente na cidade de St. Louis quando o prefeito H. W. Kiel, que tinha ligações com o ramo de construção, decidiu empregar afro-americanos para a realização de um contrato. Consoante a matéria, de maio de 1913, os eleitores negros da cidade apoiaram Kiel, o que irritou um antigo sindicalista e socialista local, Tom Hale, que teria afirmado preferir jogar seu voto fora do que votar em um candidato que não concordava em contratar exclusivamente trabalhadores brancos.¹⁷² Interessante observar que no que se refere aos empreiteiros afro-americanos, esses pareciam não obedecer a uma política que procurava levar em conta aspectos estritamente segregacionistas. Em uma matéria que apareceu na seção “Men of the Month”, na edição de novembro do mesmo ano, os feitos de L. M. Blodgett, arquiteto nascido no estado da Carolina do Sul e que residia na Califórnia, foram ovacionados. Após passar por momentos de incertezas, seus empreendimentos começaram a deslanchar, de modo que se orgulhava em dizer que no ano anterior tinha empregado mais de 1.512 homens com ou sem experiência e de todas as “raças” e denominações.¹⁷³

O esforço estabelecido por várias instituições para proporcionar maiores oportunidades de trabalho para os afro-americanos foi objeto de atenção da revista da NAACP. Nesse aspecto, não apenas as oportunidades de trabalho para indivíduos mais experientes eram levadas em conta. A luta para inserir o jovem negro estadunidense no mercado de trabalho foi constantemente apresentada nas páginas de *The Crisis*. Exemplo dessa estratégia árdua, foi demonstrado no texto “Work”, de maio de 1913.¹⁷⁴ A pequena

¹⁷¹ Idem, p. 269. Para saber mais sobre o trabalho social do empresário, ver: ASCOLI, Peter M. *Julius Rosenwald: the man who built Sears, Roebuck and advanced the cause of Black education in the American South*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2006.

¹⁷² *THE CRISIS*, New York, v. 6, n. 1, p. 11, May 1913.

¹⁷³ *THE CRISIS*, New York, v. 7, n. 1, p. 327, Nov. 1913.

¹⁷⁴ *THE CRISIS*, New York, v. 6, n. 1, p. 40, May 1913.

nota, extraída do *Detroit News*, contida na seção “The Burden”, referia-se às tentativas da Society for the Prevention of Cruelty to Children de conseguir uma ocupação para um jovem de quinze anos que, segundo um dos membros mais destacados da instituição, Ira W. Jayne, posteriormente membro da NAACP, possuía uma capacidade rara para o trabalho fabril.¹⁷⁵ Esse fato captou a atenção dos dirigentes da Sociedade que se empenharam pessoalmente para conseguirem algo. Após seis meses de tentativas, uma oportunidade foi conseguida para o garoto. De acordo com Jayne e outros dirigentes, a cor da pele era um dos principais motivos para a rejeição dos empresários.

Ao se fazer uma análise sobre as matérias que estiveram em foco nas páginas de *The Crisis*, no que se trata a questão trabalhista, os aspectos negativos parecem dominar os assuntos. Por mais que seja difícil admitir, isso dever ser entendido como natural tendo em vista o caráter racista de grande parcela da sociedade estadunidense. Embora existissem na revista da NAACP seções e subseções que procuravam demonstrar as duras e escassas conquistas alcançadas pelos negros, a situação vivenciada pelo grupo pode ser entendida como lastimável. Contudo, situações positivas, por mais simples que possam parecer, mereceram a atenção dos membros ligados à revista. Dentre os tópicos positivos que podem ser argumentados estão os diversos aspectos que se relacionavam às mulheres e ganhos salariais para os trabalhadores como um todo.

O mercado de trabalho em que a mulher afro-americana estava inserida era ainda mais restrito que para o homem negro. Na maior parte das vezes, suas atividades ficavam atreladas ao trabalho exercido na agricultura ou nos diversos afazeres domésticos nas casas de famílias brancas. Outra ocupação em que as mulheres negras tinham considerável participação era o de lavadeira.¹⁷⁶ Contudo, na revista *The Crisis*, os interesses das mulheres, seja nas questões referentes a trabalho ou outras demandas solicitadas, estiveram presentes em suas páginas, principalmente no espaço reservado ao debate sobre suas queixas e conquistas denominado “Talks About Women” renomeado posteriormente para “Women’s Club”.

¹⁷⁵ Para saber um pouco mais sobre a carreira de Ira W. Jayne e seu trabalho na assistência de jovens e conflitos trabalhistas, ver o artigo: KIRVAN, Tom. A ‘friend of friendless’, an advocate for kids. *LegalNews.com*, 2016. Disponível em: <http://www.legalnews.com/detroit/1429501>. Acesso: 15/05/2021.

¹⁷⁶ De acordo com o Censo de 1920, de um total de 385.874 mulheres que exerciam essa atividade no país, 283.557 mulheres negras praticavam esse tipo de trabalho. Cf. Chapter III – Color or Race, Nativity, and Parentage of Occupied Persons. In: *Fourteenth Census of the United States Taken in the Year 1920*. Population 1920, Occupations. Department of Commerce: Bureau of the Census, V. 4, p. 358-359. Disponível em: <https://www2.census.gov/library/publications/decennial/1920/volume-4/41084484v4ch04.pdf>. Acesso em: 23/05/2021.

Na primeira vez em que a seção “Talks About Women” veio à tona, em dezembro de 1910, o artigo foi escrito por Jean Torrey, mulher do empresário e primeiro tesoureiro da NAACP, John E. Milholland. O texto, que tratava primordialmente da luta pelo sufrágio feminino, não deixou de destacar a inserção da mulher no mundo dos negócios e na competição com os homens. Segundo Torrey, o mundo mais competitivo e a busca pelo direito de voto deveriam ser elementos para uma união entre as mulheres brancas e negras como forma de conseguir uma sociedade mais justa para todos.¹⁷⁷

Ainda que os assuntos referentes ao papel das mulheres fossem em grande parte debatidos nas seções referidas, demais notícias apareceram em outras seções ou em artigos específicos. Obviamente que as informações variavam e englobavam incontáveis temáticas. Atentando-nos às questões trabalhistas, algumas matérias dão uma dimensão sobre as alterações vivenciadas pelo mercado de trabalho norte-americano e o lugar ocupado pelas trabalhadoras negras no país.

Em janeiro de 1911, o artigo “Employment of Colored Women in Chicago” (“Emprego da Mulher Negra em Chicago”) veio a público e pode ser entendido como um manifesto que tinha a intenção de pregar a necessidade de treinamento para as mulheres afro-americanas.¹⁷⁸ O texto, oriundo de um estudo realizado pela Chicago School of Civics and Philanthropy, descreveu algumas situações enfrentadas pelas mulheres negras quanto às oportunidades de trabalho. Os tópicos abordados tratavam das mulheres que tinham um grau mais elevado de escolaridade e sua comparação com as mulheres brancas, as dificuldades das afro-americanas com menor nível de escolaridade e a competição com as mulheres brancas no mesmo nível e, até mesmo, alguns entraves causados por membros da própria comunidade negra. Dentre o que foi apresentado, o estudo revelou que aquelas que tinham uma escolaridade mais alta, a ponto de ocupar um cargo de professora, diziam que em apenas dois lugares não encontravam discriminação no exercício de suas funções: nas escolas públicas, onde a maioria dos alunos era negra, e na Civil Service Commission, órgão responsável por coordenar as condições de trabalho dos servidores públicos. No que se refere àquelas mulheres com escolaridade mediana ou abaixo disso, que dificilmente encontravam outra categoria de trabalho fora do ambiente doméstico, algumas das razões para não serem contratadas por empresas ou demais estabelecimentos estavam na estereotipada reputação de desonestidade, preconceito racial

¹⁷⁷ *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 2, p. 28, Dec. 1910.

¹⁷⁸ *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 3, p. 24-25, Jan. 1911.

dos empregadores e dos fregueses.¹⁷⁹ O texto é sincero em apresentar as dificuldades enfrentadas tanto pelas mulheres negras quanto pelas mulheres brancas. Contudo, as mulheres negras precisavam superar suas limitações em habilidades técnicas e o preconceito pela sua cor. O artigo foi finalizado demonstrando a preocupação das lideranças negras da cidade em se empenhar para garantir treinamento adequado para os desafios da vida industrial.¹⁸⁰

A importância da mulher afro-americana para a comunidade negra é inquestionável. Além de ser um de seus pilares em termos sociais, participando de projetos de acolhimento para indivíduos à procura de ocupação, como nas referências às ativistas Grace Campbell¹⁸¹, em abril de 1914, e Carrie K. Bowles¹⁸², em abril de 1917, muitas vezes cabia à mulher não apenas a tarefa de complementação de renda, mas a função de suprir as necessidades de sua família.¹⁸³ Em tempos de mudanças econômicas tão rápidas no país, a mulher negra encontrou um mercado de trabalho com poucas oportunidades, mas que se ampliou com a entrada do país na Primeira Guerra Mundial. Sua participação para o esforço de guerra não foi apenas de proporcionar o aumento da produção nacional, adentrando no espaço das fábricas que estavam sendo implantadas. Por diversas vezes, coube a ela substituir a força de trabalho masculina, seja de brancos, ocupando os cargos de ascensoristas e mensageiras no Hamilton Hotel, em St. Louis, Missouri, ou de negros, trabalhando nos parques municipais de Memphis, Tennessee.¹⁸⁴

Como dito anteriormente, determinadas reportagens que em um primeiro momento poderiam passar sem merecer uma atenção mais significativa foram dignas de estarem nas páginas de *The Crisis*. Tais assuntos, referiam-se às modestas, mas significativas conquistas alcançadas pelos afro-americanos e podem ser vistas como maneiras de incentivar os demais membros do grupo para o fato de que o negro tinha total capacidade de crescer mesmo se deparando constantemente com o racismo e segregação que o subjugava. O fato de divulgar essas informações também pode estar relacionado

¹⁷⁹ Idem, p. 24.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 25.

¹⁸¹ Para saber mais sobre a vida de Campbell, ver: MCDUFFIE, Erik S. *Sojourning for Freedom: Black Women, American Communism, and the Making of the Black Left Feminism*. Durham; London: Duke University Press, 2011.

¹⁸² Para mais informações sobre Bowles, ver: PETTY, Reginald; LEE, Tiffany. *Legendary East St. Louisans*. East St. Louis: TiffanyRose Publishing, 2016.

¹⁸³ *THE CRISIS*, New York, v. 7, n. 6, p. 269, Apr. 1914 e *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 6, p. 293, Apr. 1917.

¹⁸⁴ *THE CRISIS*, New York, v. 16, n. 2, p. 83, Jun. 1918.

visando chamar atenção e simpatia dos indivíduos brancos da sociedade para que acordos e possibilidades de negócios entre os dois grupos pudessem ser empreendidos, de maneira que a união econômica e empresarial também fosse usada como meio para minar as diferenças que os separavam.

Dentre as reportagens que destacavam os ganhos dos cidadãos negros do país, podem ser assinaladas aquelas que englobavam aspectos coletivos e aquelas que mencionavam o sucesso individual. No que se trata as conquistas e a luta para a concretização de demandas coletivas, pode-se citar uma reportagem sobre as conquistas financeiras dos negros na cidade de Bryan, Texas. Conforme a nota, os salários dos trabalhadores negros da localidade estavam crescendo gradualmente, saindo de 1,50 dólares por dia para 2,50 dólares.¹⁸⁵ A exposição continuou apresentando alguns profissionais qualificados que poderiam ser encontrados na cidade, dentre eles corretores de imóveis e um médico. Devido ao fato da constante e crescente aquisição de propriedades pelos afro-americanos, proprietários brancos que tinham a intenção de manter seus inquilinos negros deveriam estabelecer, dentre outras coisas, casas mais confortáveis. O texto terminou informando que nos arredores da localidade, os afro-americanos tinham a posse de 1.000 acres de uma das melhores terras do estado.¹⁸⁶ Durante os primeiros dez anos da revista, são inúmeros os tópicos acerca das conquistas materiais e das oportunidades de trabalho abertas para os negros nos Estados Unidos. Outros exemplos, em meio à imensidão de notícias, podem ser conferidos nas edições de fevereiro de 1915, sobre basicamente a classe média negra da cidade Knoxville, Tennessee, maio de 1916, sobre a contratação de trabalhadores negros pela empresa Ambler Company, de Filadélfia, Pensilvânia, em que o negro H. Green contava com 40 trabalhadores sob sua direção e James G. Lightfoot como o único afro-americano perito em tubulações e o número de setembro de 1919, dedicado inteiramente a situação do trabalhador negro.¹⁸⁷

O esforço estabelecido pelos trabalhadores negros para conseguirem salários mais altos do que recebiam, através de ativismo, também é verificado em algumas edições da revista. Interessante observar que, em determinadas situações, negros e brancos deixavam

¹⁸⁵ *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 1, p. 8, Nov. 1912.

¹⁸⁶ *Idem*.

¹⁸⁷ *THE CRISIS*, New York, v. 9, n. 4, p. 185-187, Feb. 1915, *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 1, p. 11, May 1916 e *THE CRISIS*, New York, v. 18, n. 5, Sept 1919.

suas desavenças, momentaneamente, de lado visando obterem um bem maior. Na edição de dezembro de 1912, um dos tópicos da seção “Along the Color Line”, subseção “Economics”, foi sobre um acordo que definiu um aumento de 10% no salário dos trabalhadores das diversas linhas que formavam a Southeastern Railways. Na ocasião, a medida beneficiaria um total de 13.000 empregados, dos quais 3.000 eram negros.¹⁸⁸ Situação semelhante seria constatada anos mais tarde, na edição de outubro de 1918, quando mais de 500 trabalhadores, brancos e negros, da American Car & Foundry Company, também ligada ao setor de ferrovias, protestavam próximos a Memphis, estado de Tennessee.¹⁸⁹ Conforme o exposto, aumentos salariais foram oferecidos aos trabalhadores brancos que recusaram até que esses acréscimos englobassem também os trabalhadores negros. A nota ainda indicou que desde que os trabalhadores afro-americanos se juntaram ao movimento trabalhista, sua remuneração teria aumentado 100 por cento.¹⁹⁰

Os feitos e conquistas individuais de trabalhadores também chamaram a atenção dos responsáveis pela publicação da NAACP. Homens de negócios como Heman E. Perry, eram citados com orgulho pelos profissionais que editavam a revista. O sucesso profissional de Perry foi descrito na seção “Men of the Month”, de junho de 1915. Presidente de uma companhia de seguros de vida, a Standard Life Insurance Company, Perry seria um “novo homem de negócios negro”, que seguia os métodos dos brancos para obter resultados. Até conquistar o sucesso, precisou encarar situações que pareciam querer retirá-lo dos negócios. Após superar diversos obstáculos, seu empreendimento foi descrito como um dos mais lucrativos já estabelecido por um homem negro.¹⁹¹ As matérias que apareceram nas páginas da revista não apenas destacavam a ascensão financeira de determinados indivíduos. Por vezes, o pioneirismo e vitórias nos tribunais eram elementos valiosos e que mereceram uma menção na revista. Em julho de 1916, uma dessas vitórias foi reportada pela *The Crisis* quando N. Marrable, funcionário da companhia ferroviária Pittsburgh, Cincinnati and St. Louis Railway, ganhou uma ação

¹⁸⁸ *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 2, p. 62, Dec. 1912.

¹⁸⁹ *THE CRISIS*, New York, v. 16, n. 6, p. 293, Oct. 1918.

¹⁹⁰ *Idem*.

¹⁹¹ *THE CRISIS*, New York, v. 10, n. 2, p. 65-66, June 1915. Outros exemplos de afro-americanos que alcançaram determinado sucesso econômico são verificados nas seguintes edições: *THE CRISIS*, New York, v. 11, n. 6, p. 287, Apr. 1916, *THE CRISIS*, New York, v. 15, n. 6, p. 297, Apr. 1918, *THE CRISIS*, New York, v. 16, n. 3, p. 137 e 141, July 1918.

que lhe garantia a quantia de 2.646 dólares em remunerações devidas.¹⁹² Na edição de dezembro de 1920, o pioneirismo coube a Robert S. Lockett, designado como o primeiro negro de Nova Iorque a fazer parte da patrulha montada.¹⁹³

O que foi apresentado até agora, é apenas uma pequena fração do que pode ser discutido sobre a atenção dos membros da revista *The Crisis* e da NAACP acerca do lugar do afro-americano no mercado de trabalho nos Estados Unidos. Na emergência de uma nova organização como a NAACP, pode-se afirmar que suas atenções estavam voltadas não apenas para o destaque da classe média afro-americana. A sucessiva apresentação das dificuldades enfrentadas por todos os membros negros do país demonstra que as mudanças, no sentido de melhorias das condições de vidas desses indivíduos, precisavam abranger a todos de forma que os ganhos econômicos e melhores oportunidades de trabalho fossem elementos essenciais nessa busca. Com essa percepção em mente, todos os seus integrantes estavam atentos às condições de trabalho dos afro-americanos e se empenharam por divulgar essas informações.

2.2 – O foco trabalhista nos escritos de Du Bois: atenções voltadas para o mercado de trabalho

Durante seus longos e produtivos anos, Du Bois pôde se debruçar sobre praticamente todos os aspectos que circundavam a vida dos afro-americanos. Com um interesse voraz para abordar os mais variados temas, as questões envolvendo a vida econômica dos negros nos Estados Unidos não poderiam deixar de fazer parte de suas análises. Em suas pesquisas e na divulgação dos dados encontrados, o impacto do racismo tornou-se um elemento significativo no que se tratava às conquistas financeiras dos negros estadunidenses.¹⁹⁴

Embora seu interesse pelas questões econômicas envolvendo os afro-americanos tenha despertado antes de sua ida para a Universidade de Atlanta, em 1897, foi nessa instituição que desenvolveu trabalhos que discutiam não apenas as condições econômicas

¹⁹² *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 3, p. 118, July 1916.

¹⁹³ *THE CRISIS*, New York, v. 21, n. 2, p. 81, Dec. 1920.

¹⁹⁴ Para saber mais sobre a contribuição de Du Bois para os estudos da área de Economia nos Estados Unidos, ver: PRASCH, Robert E. W. E. B. Du Bois's Contributions to U. S. Economics (1893-1910). In: *DU BOIS REVIEW: SOCIAL SCIENCE RESEARCH ON RACE*, v. 5, n. 2, Fall, 2008, p. 309-324. (W. E. B. Du Bois Institute for African and African American Research). Disponível em: <https://www.cambridge.org/core>. Acesso em: 21/04/2021.

do grupo, como também as maneiras que os negros poderiam agir para melhorar seus índices sociais. Seu trabalho como professor de Economia e História foi até 1910, ainda que sua ligação com a universidade tenha se estendido até 1914. Foi durante esse período que Du Bois desenvolveu um dos mais dinâmicos e arrojados projetos de sua carreira e da intelectualidade do país. A série de conferências coordenada por ele, intitulada *Atlanta University Studies on the Negro*, contribuiu para estruturar o campo da Sociologia nos Estados Unidos ao procurar, através de procedimentos científicos provenientes da área, apresentar as estruturas que regiam a vida dos afro-americanos.¹⁹⁵ Foi por meio dessas conferências, publicadas anualmente, editadas ou coeditadas por Du Bois, que um entendimento mais pontual sobre a vida do negro no país pôde ser revelado.¹⁹⁶

Tais conferências ficaram focadas na compreensão dos aspectos sociais urbanos dos afro-americanos, tanto que as duas primeiras publicações, coordenadas pelo administrador e homem de negócios de Boston, George C. Bradford, *Mortality Among Negroes in Cities*, em 1896, e *Social and Physical Conditions of Negroes in Cities*, de 1897, deixaram explícitas em seus nomes os interesses quanto às condições de saúde dos membros do grupo nas cidades. A terceira conferência, essa contando com a condução efetiva de Du Bois, procurou por meio de questionários apresentar o que os afro-americanos estavam realizando para melhorar suas próprias condições de vida. *Some Efforts of American Negroes For Their Own Social Betterment*, de 1898, destacou o trabalho de organizações benevolentes e reformatórios de nove cidades sulistas e contou com a participação de estudantes das universidades de Atlanta, Fisk e Howard, além de outras instituições de ensino. Dentre as organizações que mais auxiliavam os negros norte-americanos, encontravam-se as instituições religiosas. Como foi apresentado na publicação “a Igreja Negra é a única instituição social dos Negros, a qual começou na

¹⁹⁵ Uma das obras mais significativas que procuraram destacar a contribuição de Du Bois para o campo da Sociologia é o livro *The Scholar Denied*, de Aldo D. Morris. O autor propôs um trabalho de revisão buscando dar o devido valor para o intelectual Du Bois e os desdobramentos provenientes de seus estudos na Universidade de Atlanta demonstrando o pioneirismo de Du Bois na estruturação da área nos Estados Unidos, negado durante muito tempo devido ao preconceito racial. Para saber mais, ver: MORRIS, Aldo D. *The scholar denied: W. E. B. Du Bois and the birth of the modern sociology*. Oakland, California: University of California Press, 2015.

¹⁹⁶ De acordo com Rudwick, ainda que críticas sobre o caráter científico dos estudos tenham aparecido no campo acadêmico e público do país, os resultados dos trabalhos podem ter contribuído para revelar aos brancos que uma instituição de ensino superior destinada a estudantes negros estava desenvolvendo um trabalho intelectual sério e que a busca por melhorias deveria ser implementada. Cf. RUDWICK, Elliott M. W. E. B. Du Bois and the Atlanta University Studies on the Negro. In: *THE JOURNAL OF NEGRO EDUCATION*, v. 26, n. 4, Autumn, 1957b, p. 475. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2293494>. Acesso em: 15/04/2021.

floresta africana e sobreviveu à escravidão”. Dessa forma, essa igreja teria preservado fragmentos da vida tribal africana, tornando-se após a emancipação o centro da vida social do negro.¹⁹⁷ Ainda que Du Bois tenha validado o projeto como um trabalho científico, revelando as diversas associações desenvolvidas pelos afro-americanos para minimizar os impactos que era viver no país, reconheceu as limitações de seu trabalho e críticas caminharam *pari passu* com os elogios.¹⁹⁸

No que se refere propriamente ao trabalhador afro-americano, duas importantes produções procuraram apresentar as condições em que viviam e as perspectivas quanto ao seu lugar no mercado de trabalho.¹⁹⁹ *The Negro Artisan*, 1902, e, posteriormente, *The Negro American Artisan*, 1912, podem ser considerados como os mais significativos trabalhos elaborados pelas conferências por apresentarem uma ampla gama de informações que puderam ser comparadas com dados obtidos de outras pesquisas previamente realizadas por outros órgãos e empreendimentos.²⁰⁰

No estudo de 1902, importantes referências foram repassadas para os possíveis interessados na pesquisa. Na mensagem para o leitor, houve uma divisão com tópicos que chamariam mais a atenção de acordo com determinadas áreas. O estudo, destinado a três categorias de leitores – o leitor geral/comum, o estudante de questões sociais e o estudante especial dos problemas negros – apresentou dicas de onde encontrar informações que poderiam lhes ser úteis. No caso dos “estudantes especiais”, com o auxílio da tabela de conteúdo, índice e bibliografia, o uso dos resultados foi feito da forma mais fácil possível.²⁰¹

¹⁹⁷ Cf. DU BOIS, W. E. B. (Ed.). *Some Efforts of American Negroes For Their Own Social Betterment*. Report of an investigation under the direction of Atlanta University; together with the proceedings of the Third Conference for the study of the Negro Problems, held at Atlanta University, May 25-26, 1898. Atlanta, Ga.: University of Atlanta Press, 1898, p. 4. Disponível em: <http://scua.library.umass.edu/digital/dubois/dubois3.pdf>. Acesso em: 24/04/2021.

¹⁹⁸ Rudwick, em sua análise sobre os estudos sociológicos desenvolvidos por Du Bois na Universidade de Atlanta, apresenta como algumas falhas, no estudo de 1898, a falta de instruções para os entrevistadores e a ausência de métodos para checar os dados obtidos das organizações que respondiam os questionários. Cf. RUDWICK, 1957b, p. 469. De acordo com interpretações, esse primeiro trabalho desenvolvido por Du Bois não teria ficado tão bom, devido a, por exemplo, concessões táticas que precisou realizar em relação ao trabalho de seu predecessor. Ver: LEWIS, David Levering. *W. E. B. Du Bois: biography of a race, 1868-1919*. New York: Owl Books, 1993, p. 219-220.

¹⁹⁹ As demais produções que fizeram parte das conferências na Universidade de Atlanta, até a publicação de 1902, foram *The Negro in Business* (1899), *The College-Bred Negro* (1900) e *The Negro Common School* (1901).

²⁰⁰ LEWIS, op. cit., p. 221-222. Ver também: RUDWICK, 1957b, p. 471.

²⁰¹ DU BOIS, W. E. B. (Ed.). *The Negro Artisan: Report of a Social Study Made under the Direction of Atlanta University; Together with the Proceedings of the Seventh Conference for the Study of Negro Problems, Held at Atlanta University, on May 27th, 1902*. Atlanta, Ga.: Atlanta University Press, 1902, p.

Conforme os procedimentos metodológicos, questionários foram enviados e os organizadores tiveram a resposta de cerca de 1.300 trabalhadores negros qualificados que viviam principalmente no estado da Geórgia. Contudo, resultados foram obtidos de correspondentes e dados também foram conseguidos de mais 32 estados, de Ontário, no Canadá, Costa Rica e Porto Rico.²⁰² Uma definição sobre o que seria um artesão foi acrescentada para distingui-lo dos outros trabalhadores negros. Segundo a explicação “um artesão é um trabalhador hábil – uma pessoa que trabalha com suas mãos, mas obtém um grau de habilidade e eficiência acima de um trabalhador manual comum”. Estavam incluídos nessa seleção, carpinteiros, pedreiros, engenheiros e ferreiros.²⁰³

Dentre as informações reveladas, determinadas características podem ser mencionadas pelo fato das permanências ou alterações que apresentaram durante os anos. Após realizar uma recapitulação histórica, revelando características dos artesãos negros antes e após a guerra civil, três principais classes de trabalhadores entre os negros prevaleceram: os trabalhadores agrícolas, que ficaram temporariamente sob a guarda do Freedmen’s Bureau, os trabalhadores domésticos, que passaram de um serviço meio-livre para uma liberdade meio-servil e os artesãos. Dos três, os artesãos apresentaram características peculiares, pois descobriram rapidamente que teriam que agir por conta própria para sobreviverem. Além disso, três fatos perturbaram ainda mais a situação daqueles trabalhadores negros: a competição com os brancos, os esforços dos negros por autoproteção e o novo desenvolvimento industrial do Sul.²⁰⁴ Toda essa gama de situações acarretou complicações que os seguiram por longos anos, pois, por exemplo, precisaram competir com demais trabalhadores qualificados que tinham preservados seus direitos civis e que pressionavam para mantê-los com salários baixos enquanto era deixado afastado das modernizações tecnológicas que chegavam à Região Sul do país.

Outros elementos do estudo revelaram uma relativamente baixa quantidade de trabalhadores com certo grau de habilidade sendo colocada no mercado de trabalho. De acordo com o material apresentado, instituições de ensino voltadas para cursos profissionalizantes, como Hampton Institute, Tuskegee Institute e Claflin University,

viii. Disponível em: https://openlibrary.org/books/OL6935669M/The_Negro_artisan. Acesso em: 02/05/2021.

²⁰² Idem, p. 9.

²⁰³ Ibidem.

²⁰⁴ Idem, ibidem, p. 21-22.

tinham formado aproximadamente 1.000 estudantes, em 20 anos.²⁰⁵ Essas conclusões, deram margem para que Du Bois, que era um questionador da educação voltada amplamente para o ensino técnico industrial, tivesse mais argumentos para colocar em xeque a validade de tal via para o afro-americano. Em face disso, salientou o que considerou cinco problemáticas desenvolvidas pelas escolas voltadas para o ensino profissional. Elas eram: o trabalho realizado por aquelas instituições era custoso; as linhas de estudo não estavam sendo diferenciadas (grande parte dos alunos recebiam treinamento para serem professores e artesãos, sendo que o “ideal” era ter um currículo próprio); havia uma exagerada insistência no que se referia à “prática”, sendo que a educação deveria ser mais ampla; as constantes mudanças industriais estavam sendo ignoradas e poucos artesãos estavam adentrando no mercado de trabalho. As possíveis respostas para essa última colocação poderiam ser uma instrução pobre, a demanda por professores e o sistema de fábricas e as uniões trabalhistas.²⁰⁶ Elementos positivos também foram levantados, tais como racionalizar os ideais do grupo; iniciou uma coordenação entre mão e cabeça/mente na educação; as escolas industriais alcançaram os condados e os trabalhadores do campo; melhorou os trabalhos domésticos e contribuiu para unir raças e locais em um mesmo ponto.²⁰⁷

A conferência e posterior publicação de 1912 apresentou muito dos elementos utilizados nos trabalhos de 1902. A produção pode ser considerada um desejo de Du Bois de abordar determinados tópicos da vida dos afro-americanos apresentando os resultados a cada dez anos durante o período de um século. O objetivo, grandioso demais e muito custoso, não conseguiu o apoio e o financiamento devido, o que pode ser entendido como uma perda considerável para a verificação das condições de vida dos negros estadunidenses durante um relativamente longo espaço de tempo.

Conforme os dados obtidos, as escolas voltadas para o ensino industrial ainda apresentavam uma defasagem no que se referia a acompanhar os passos trazidos pela modernidade e pelo uso de máquinas. Para os responsáveis pelo relatório, a juventude negra estava aprendendo técnicas de uma era de trabalhos manuais que estava desaparecendo rapidamente.²⁰⁸ Como expressado no escrito de 1902, tais fatos foram

²⁰⁵ Idem, *ibidem*, p. 79.

²⁰⁶ Idem, *ibidem*, p. 79-82.

²⁰⁷ Idem, *ibidem*, p. 83.

²⁰⁸ DU BOIS, W. E. B.; DILL, Augustus G. *The Negro American Artisan: Report of a Social Study made by Atlanta University, under the patronage of the Trustees of the John F. Slater Fund; with the Proceedings*

suficientes para Du Bois e seus colegas questionarem a atenção e os gastos destinados às instituições de ensino técnicas. Deixando claro que sua existência era necessária, mas como uma forma de ganhar a vida, tais procedimentos contribuiriam para manter os salários baixos e estariam completamente alheios à indústria moderna. Contudo, algumas escolas no Sul, como Hampton, Tuskegee e Wilberforce, já estavam começando a empregar cursos observando os avanços tecnológicos.²⁰⁹ Sem deixar a oportunidade passar, Du Bois defendeu novamente a necessidade de se adotar um ensino comum de qualidade.

As conclusões apresentadas pelo estudo salientaram avanços alcançados por meio de árduos desafios enfrentados pelo grupo. Como pontos positivos, estavam presentes o fato de os trabalhadores negros mais qualificados terem conquistado espaço tanto no Sul como no Norte e terem aumentado suas propriedades, o que contribuiu para minimizar a falácia preconceituosa de que os afro-americanos eram preguiçosos. Quanto aos aspectos negativos divulgados pelo estudo, a concepção de que o preconceito era um dos elementos que mais atrapalhava as conquistas dos negros foi reforçada demonstrando que determinados setores excluía trabalhadores não pela qualificação, mas pela cor da pele. As exceções eram os setores em que os trabalhadores negros já estavam inseridos, como na mineração. A ideia de que o treinamento manual e a educação técnica, embora necessária ao grupo negro, apresentava-se como deficiente, também foi outro aspecto exposto. Além disso, questões acerca do ingresso dos trabalhadores negros no movimento trabalhista que, na maior parte das vezes, exercia uma política de exclusão, foram levantadas e o conselho para o artesão negro foi que, apesar das circunstâncias, insistisse em fazer parte das uniões trabalhistas, pois eram elas que garantiam as conquistas dos trabalhadores brancos e negros.²¹⁰

A relação de Du Bois com as uniões trabalhistas e com o movimento trabalhista sempre se mostrou ambígua e cautelosa. Talvez seu posicionamento tenha sido mais rígido e crítico com as uniões trabalhistas do que com o movimento propriamente dito. Nos diversos estudos e escritos que realizou, Du Bois procurou destacar a influência das

of the 17th Annual Conference for the Study of the Negro Problems, held at Atlanta University, on Monday, May 27th, 1912. Atlanta, Ga.: The Atlanta University Press, 1912, p. 121. Disponível em: https://openlibrary.org/works/OL24970358W/The_Negro_American_artisan?edition=key%3A/books/OL33194179M. Acesso em: 14/11/2021.

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰ Ibidem, p. 7-8.

uniões trabalhistas e de seus membros nos avanços e entraves para a ascensão econômica e social dos negros no país.

O intelectual e futuro editor de *The Crisis*, em seu trabalho de 1902, mencionou o papel dos trabalhadores brancos em barrar o desenvolvimento dos trabalhadores negros no que se refere ao ensino de novas tecnologias. Em *The Negro Artisan*, foi salientado que os trabalhadores brancos eram os mais ferrenhos oponentes dos trabalhadores negros, devido ao preconceito racial e pelo fato dos afro-americanos precisarem trabalhar por salários mais baixos.²¹¹ Na seção “Trade Unions and Negro Labor”, são apresentadas algumas características e adversidades enfrentadas por esse grupo de trabalhadores. Descrição de determinados grupos de profissionais e sua relação com os trabalhadores negros foram divulgadas de acordo com seu grau de hostilidade (p. 163), uniões trabalhistas que reportaram a não existência de afro-americanos afiliados (p. 166-167), greves em que o objetivo era impedir a contratação de trabalhadores negros (p. 173) e declarações de representantes de diversas uniões trabalhistas sobre o baixo índice de representação dos afro-americanos também foram expostos (p. 176-179). Exemplos desses relatos, foram os de C. C. Houston, Secretário da Federação do Trabalho da Geórgia, para quem, dentre outras coisas, uma união trabalhista era uma instituição de negócios com pouco sentimentalismo.²¹² Com relação aos artesãos negros afiliados, estes eram considerados beneficiários do movimento, além de encontrarem a assistência dos artesãos brancos que lhes concediam assentos, voz e votos em todas as instâncias dos conselhos de trabalho.²¹³ Contudo, o mais discrepante relato foi do presidente da American Federation of Labor, Samuel Gompers, respondendo à Du Bois sobre não praticar o combate à discriminação nas uniões trabalhistas que criavam restrições para a entrada de afro-americanos. Para Gompers, Du Bois estava sendo muito pessimista acerca da questão e não estava disposto a dar os devidos créditos no empenho da AFL para organizar os trabalhadores negros do país.²¹⁴

Dez anos depois, o baixo número de afro-americanos nas diversas organizações profissionais do país novamente esteve presente no relatório sobre a situação dos

²¹¹ DU BOIS, 1902, p. 23.

²¹² Idem, p. 177.

²¹³ Ibidem.

²¹⁴ Idem, ibidem. Ver também: FONER, Philip S. *History of the Labor Movement in the United States: Volume III: The Policies and Practices of the American Federation of Labor, 1900-1909*. New York: International Publisher, 1977, p. 246.

trabalhadores com certo grau de qualificação. Na seção 31 de *The Negro American Artisan*, o editor foi categórico ao expor que o trabalhador negro tinha se deparado com o preconceito por parte dos seus companheiros brancos desde os tempos coloniais até aqueles dias.²¹⁵ Apesar de apresentar algumas uniões trabalhistas que tinham uma visão positiva sobre os trabalhadores negros, como a Tunnel and Subway Constructors' International Union, que considerava os afro-americanos trabalhadores tão bons quanto os que existiam no mercado e que contava com duzentos membros²¹⁶, outras davam respostas evasivas para a não aceitação dos negros. Argumentos, como os do representante da Gardeners' Protective Unions, de que durante seus longos anos de experiência nunca tinha escutado sobre a existência de um único bom jardineiro negro, não eram raros.²¹⁷

Os escritos de Du Bois sobre as características e dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores afro-americanos não englobaram apenas os aspectos urbanos. Seus estudos também se debruçaram sobre os avanços e as barreiras que se desenrolavam em torno dos trabalhadores rurais. Contribuições entre Du Bois e o Departamento do Trabalho e o Departamento de Comércio e Trabalho deram origem a produções que trataram de expor as condições em que os agricultores negros estavam submetidos e procuraram apresentar contextos mais gerais e pesquisas mais localizadas em determinadas áreas, principalmente no Sul do país.

Em um contexto mais geral, pode-se verificar em *The Negro Farmer*, de 1904, as principais características que compunham a rotina desses trabalhadores. O ensaio foi apresentado no Boletim nº 8 do Departamento de Comércio e Trabalho e contou com os dados obtidos do censo de 1900.²¹⁸ Como principais características dos representantes do

²¹⁵ DU BOIS; DILL, op. cit., p. 82.

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Ibidem, p. 87. Em outros trabalhos, também é possível atestar o posicionamento crítico de Du Bois sobre as uniões trabalhistas e a disposição dos trabalhadores brancos em estar ao lado dos trabalhadores negros em torno de um objetivo comum. No artigo "The Economic Future of the Negro", de 1906, o estudioso apresentou o que seriam os entraves para o desenvolvimento de um grupo restrito de afro-americanos que poderiam ser considerados os líderes do grupo por estarem em uma posição mais confortável que o restante, dentre eles estavam os artesãos, os ajudantes industriais, os serviçais e os locatários rurais. De acordo com o entendimento de Du Bois, os sindicatos vigoravam entre os maiores inimigos dos trabalhadores afro-americanos. Cf. DU BOIS, W. E. B. The Economic Future of the Negro. *PUBLICATIONS OF THE AMERICAN ECONOMIC ASSOCIATION*, v. 7, n. 1, Feb., 1906, 3rd. Series, p. 236-237. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2999974>. Acesso em: 15/04/2021.

²¹⁸ DU BOIS, W. E. B. The Negro Farmer. In: NORTH, S. N. D. (Dir.). *Department of Commerce and Labor. Bureau of Census, Negroes in the United States. Bulletin 8*. Washington: Government Printing Office, 1904, p. 69-98. Disponível em:

setor, podem ser elencadas que aproximadamente 746.717 propriedades rurais eram operadas por afro-americanos, somando um total de \$499.943.734 em valor.²¹⁹ Como era de se esperar, os estados do Sul do país representavam a maioria das fazendas trabalhadas pelos negros estadunidenses, com um percentual de 98 por cento, bem como a extensão total dessas propriedades alcançando uma proporção de 97 por cento.²²⁰ O tamanho mais comum das extensões de terra trabalhadas pelos afro-americanos girava em torno de 20 e 50 acres, sendo necessário o emprego da força de trabalho do produtor rural, sua família e de um animal, geralmente uma mula, para desenvolver a produção.²²¹ No que se refere aos aspectos comparativos, o trabalhador rural negro sulista estava em desvantagem se comparado aos seus companheiros que habitavam o Norte e o Oeste do país, pois três-quartos dos trabalhadores agrícolas negros no Sul eram inquilinos ao invés de proprietários.²²² Em relação aos trabalhadores rurais brancos, o agricultor negro podia ser considerado um pequeno produtor devido ao fato de que a maior parte de sua área de trabalho não passava de 50 acres, enquanto àquela cultivada pelo branco podia chegar a 160 acres, sendo que em determinados locais, como o Texas, a discrepância podia ser ainda maior.²²³

Du Bois também desenvolveu trabalhos em que características rurais foram analisadas de maneira mais restrita. Em pesquisa desenvolvida em parceria com o Departamento do Trabalho, foi incumbido de apresentar as condições em que estavam inseridos os trabalhadores negros que viviam da terra. Com o propósito de descrever os elementos que configuravam os proprietários de terra afro-americanos no estado da Geórgia, *The Negro Landholder of Georgia*, de 1901, é um trabalho minucioso que descreve a longa trajetória de ocupação negra no estado e como parte conseguiu adquirir um montante considerável de riqueza pouco tempo após serem libertos. Para ser mais específico, a pesquisa foi uma tentativa de tornar claro os passos pelos quais 470.000 negros libertos e seus descendentes obtiveram a posse de mais de um milhão de acres de

<https://www2.census.gov/library/publications/decennial/1900/bulletins/demographic/8-negroes-in-us-part-1.pdf>. Acesso em: 06/05/2021.

²¹⁹ Idem, p. 69.

²²⁰ Ibidem, p. 70.

²²¹ Idem, ibidem, p. 71.

²²² Idem, ibidem, p. 72.

²²³ Idem, ibidem, p. 94.

terra, seu valor e situação, condições de propriedade e a interpretação das estatísticas como um fenômeno social.²²⁴

No aspecto geral, podem ser citados a quantidade de indivíduos negros, conforme os condados, entre os anos de 1790 a 1890, o total de negros livres (3.500), o total de escravos (462.198) e o número de donos de escravos (41.084) por volta do momento da emancipação, em 1863.²²⁵ Dados sobre a quantidade da população branca e negra, valores das propriedades rurais, urbanas e outras informações dos 137 condados que o estado possuía na época do trabalho também foram apresentados.²²⁶

Após uma rápida contextualização, foi demonstrado como a presença das forças da União, durante a guerra civil, e seu avanço pelo estado contribuíram para uma primeira distribuição de terras que, na maioria dos casos, foi temporária, mas em outros se mostrou permanente.²²⁷ Ao longo dos anos, uma série de transformações políticas e sociais positivas, como a prática da parcimônia, e negativas, essas mais numerosas, como a ascensão de grupos como a Ku Klux Klan e crises econômicas, proporcionaram a acumulação de bens entre os negros do estado.²²⁸

Diversos outros trabalhos sobre as condições econômicas e sociais dos trabalhadores afro-americanos rurais e urbanos elaborados por Du Bois podem ser mencionados. Quanto aos aspectos rurais, pode ser citada a análise apresentada na pesquisa *The Negroes of Farmville, Virginia: a social study*, de 1898, mais uma

²²⁴ DU BOIS, W. E. B. The Negro Landholder of Georgia. In: *Bulletin of The Department of Labor*, v. 6, n. 35, July, 1901. Washington: Government Print Office, p. 649. Disponível em: <https://fraser.stlouisfed.org/title/3943/item/477591/toc/498059>. Acesso: 09/05/2021.

²²⁵ Idem, p. 662.

²²⁶ O estado conta hoje com 159 condados.

²²⁷ DU BOIS, 1901, p. 665. O abandono e confisco de plantações promovidos pelos exércitos da União, principalmente com a “*Special Field Order N° 15*”, do general William T. Sherman, que reservou uma extensão de terra entre os estados da Carolina do Sul, Geórgia e Flórida, adentrando 30 milhas (aproximadamente 48,2 quilômetros) a partir da costa atlântica, fez com que boatos de que o governo federal pretendia realizar a concessão ao fim da guerra se espalhassem. Após o fim do conflito, o presidente Andrew Johnson restituiu as possessões aos antigos proprietários e o ato foi visto como uma traição cometida contra o povo negro. O termo “40 acres e uma mula”, crença sobre a distribuição de lotes de terra e animais para que os afro-americanos pudessem recomeçar suas vidas, após a emancipação, e que se deu ainda durante o decurso da guerra, sobrevive até hoje na cultura popular como uma forma de demandar uma reparação pelos anos de escravidão no país. Para saber mais, ver: OUBRE, Claude F. *Forty Acres and a Mule: The Freedmen’s Bureau and Black Land Ownership*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1978 e LEE, Anthony A. *Forty Acres and a Mule*. In: ALEXANDER, Leslie M.; RUCKER, Walter C. *Encyclopedia of African American history*. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2010, p. 773-774.

²²⁸ DU BOIS, 1901, p. 666-669.

contribuição com o Departamento do Trabalho.²²⁹ No que se trata à abordagem de questões mais voltadas para os aspectos urbanos, *The Philadelphia Negro* e *The Negro in Business*, ambos de 1899, são dois dos exemplos mais relevantes para se compreender o desenvolvimento do grupo afro-americano nos Estados Unidos, sendo o estudo do negro na Filadélfia, considerado o primeiro estudo importante de sociologia da comunidade negra do país.²³⁰ O já citado *The Economic Future of the Negro* (1906) apresentou elementos que abordavam ambos os aspectos da vida do afro-americano.

2.2.1 – O editor Du Bois e a questão trabalhista: tópicos recorrentes

Os quase 25 anos em que Du Bois foi editor de *The Crisis* proporcionaram a ele um desafio constate na apresentação e discussão de temáticas que assolavam os afro-americanos. Como ele se pronunciaria anos mais tarde de ter deixado a revista, talvez, até mesmo, de maneira um tanto quanto injusta, como pôde ser visto no primeiro capítulo, seu principal esforço foi devotado à editoração e publicação da revista, a qual teria fundado sob sua própria responsabilidade e sob o protesto de muitos de seus associados.²³¹ Foi por meio desse trabalho que Du Bois expôs suas percepções sobre as incoerências que dominavam a sociedade norte-americana e transformava os cidadãos negros em pessoas com direitos constantemente ameaçados.

Nas formas de discutir determinados tópicos, muitas vezes o tom de seus argumentos desencadeou, como previamente assinalado, problemas para ele e para a instituição. Como descrito por Arndt, tais desavenças sempre foram contornadas, pois, tanto Du Bois quanto a NAACP, essa talvez mais, tinham mais a ganhar com tal união do que se agissem em campos separados.²³² Como quase tudo na vida, o fim desse relacionamento chegou quando mudanças na condução de como deveria ser tratada a questão da busca por direitos e reconhecimento do negro na sociedade estadunidense se

²²⁹ DU BOIS, W. E. B. The Negroes of Farmville, Virginia: A social study. In: *Bulletin of the Department of Labor*, n. 14, January, 1898. Washington: Government Printing Office. Disponível em: <https://fraser.stlouisfed.org/title/3943/item/477567/toc/497802>. Acesso em: 09/05/2021.

²³⁰ Cf. DU BOIS, W. E. B. *The Philadelphia Negro: a social study*. New York: Schocken Books, [1899] 1967, p. xxv e DU BOIS, W. E. B. (Ed.). *The Negro in Business. Report of a Social Study Made Under the Direction of Atlanta University; Together with the Proceedings of the Fourth Conference for the Study of the Negro Problems, Held at Atlanta University, May 30-31. Atlanta, Ga., 1899*. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/000442140>. Acesso em: 09/05/2021.

²³¹ DU BOIS, 1988, p. 256.

²³² ARNDT, op. cit., p. 27-28.

tornaram insustentáveis, quiçá antagônicas. Contudo, enquanto esteve envolvido com a revista, seus editoriais discutiram as questões mais importantes do momento e tentaram transmitir da maneira mais simples possível as situações que barravam o desenvolvimento do grupo.

Dos editoriais registrados durante os anos de 1910-1920, tendo Du Bois como o principal autor, alguns apareceram com relativa frequência, variando em conteúdo conforme os contextos interno e externo se alteravam. Um dos tópicos mais discutidos por Du Bois refere-se à questão da migração do afro-americano em busca de novas oportunidades. Seu primeiro editorial a tratar do tema não se referia às ondas migratórias de afro-americanos provenientes do Sul dos Estados Unidos em direção às cidades ou a territórios fora daquela região, mas ainda no país. Sua crítica, presente no texto “Migration” (“Migração”), da edição de fevereiro de 1914, questionava a ideia dos negros norte-americanos de migrarem para o continente africano.²³³ Segundo a visão do editor, o movimento, que estava crescendo em proporção no estado de Oklahoma, não contava com planejamento e tinha tudo para não dar certo. Observando o caráter dos indivíduos que pretendiam se arriscar na empreitada, pequenos fazendeiros e trabalhadores inexperientes, advertiu-os para a possibilidade de não conseguirem se adaptar ao clima extenuante do continente e alertou categoricamente os leitores da revista a desistirem da ideia, advogando que, as conquistas deveriam ser conseguidas no próprio território norte-americano. Da mesma maneira, indicou ser necessário proteger as massas dos enganadores que procuravam retirar o pouco dinheiro que elas possuíam.²³⁴

Ainda que esse texto não se tratasse da questão da migração interna, mais discutida pelo editor, pode-se ver uma das atitudes que fizeram com que autores como Rudwick (1958a) classificassem Du Bois como um conselheiro no que se referia às temáticas raciais. Embora grande função da imprensa seja apresentar os fatos praticando um trabalho o mais imparcial possível, o caráter dessa imprensa voltada, embora não exclusivamente, para um público específico, permitia extrapolar a relação estabelecida entre leitores e escritores de forma que conselhos, compartilhamentos e trocas de opiniões fizessem parte de tal convívio. Soma-se a isso a própria personalidade de Du Bois, que enxergava a revista como uma extensão de si próprio, o que deixava os vínculos, em certo sentido, mais íntimos. Essa sensação de intimidade foi o que surpreendeu Washburn

²³³ DU BOIS, W. E. B. Migration. *THE CRISIS*, New York, v. 7, n. 4, p. 190, Feb. 1914.

²³⁴ Idem.

(2006, p. xvi) quando entrou em contato, pela primeira vez, com um jornal da imprensa negra, no caso, o *Pittsburgh Courier*, na década de 1980. Para o professor de jornalismo, havia uma carência de objetividade, mas um poder e uma paixão na forma de escrita que não era encontrado nos periódicos da denominada grande imprensa ou *mainstream*. De acordo com Washburn, a imprensa negra frequentemente misturava declarações objetivas com opiniões próprias e isso se revelou uma mistura potente e interessante que tinha a função de entreter na mesma medida que era efetiva.²³⁵

Quando se trata dos aspectos da migração interna, a primeira década de seu gerenciamento na revista revelou um homem que não apenas defendia tal atitude como também a advogava com firmeza. No editorial de mesmo nome, publicado mais de dois anos e meio depois do primeiro, mais precisamente em outubro de 1916, reafirmou o seu compromisso com a situação do afro-americano que vivia oprimido no Sul do país e proferiu palavras de incentivo para que deixasse a região. Nesse aspecto, alguns elementos devem ser colocados em contexto para se poder entender a necessidade de pregar a migração como maneira de se escapar da opressão racial que esmagava o negro no Sul do país.

O artigo “Migration” iniciou com uma crítica que objetivava atacar dois grupos que, na visão do editor, contribuía para a permanência da condição degradante em que viviam os negros sulistas. Esses grupos eram os conhecidos líderes negros da região, que eram afro-americanos que exerciam determinada influência sobre os outros membros do grupo, seja no campo econômico ou educacional, por exemplo, e os brancos sulistas que afirmavam ser “os melhores amigos das pessoas de cor”.²³⁶ Nessa perspectiva, o fato de mais conhecido e poderoso afro-americano da época, Booker T. Washington, ter morrido em novembro do ano anterior e ter conduzido seus empreendimentos contando, em grande parte, com auxílio da filantropia de pessoas brancas e, por conta disso, advogado uma estratégia de não enfrentamento entre brancos e negros, num discurso que ficou conhecido como de apaziguamento, constantemente questionado por vários membros da comunidade negra, incluindo Du Bois, pode ser um elemento importantíssimo para a militância acerca da migração. Dentre os argumentos utilizados pelo editor para sustentar seu texto e seu ponto de vista estava a percepção de descrever a Região Sul dos Estados

²³⁵ WASHBURN, Patrick S. *The African American newspaper: voice of freedom*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2006, p. xvi.

²³⁶ DU BOIS, W. E. B. Migration. *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 6, p. 270, Oct. 1916.

Unidos como um local distante do que poderia ser considerado civilizado ao privar os negros da educação e de meios adequados para se ter uma vida mais digna. Após comparar os afro-americanos com outros povos que também se utilizavam da migração para escaparem de atrocidades, tais como os judeus na Rússia, o editor foi categórico ao afirmar que todo negro que tivesse condições, deveria tomar vantagem das oportunidades que estavam sendo abertas no Norte do país.²³⁷ Tais oportunidades eram decorrentes das vagas de trabalho para suprir a produção industrial devido à guerra mundial. Na visão do editor, o ato de migrar era o único protesto efetivo que a massa de indivíduos negros poderia realizar contra as práticas de linchamento e privação de direitos políticos que se expandiam pela região.²³⁸

Em observação ao teor de dois editoriais, “Migration and Help” (“Migração e Ajuda”) e “The Migration” (“A Migração”), de janeiro e maio de 1917, respectivamente, pode-se constatar o posicionamento do editor e dos membros ligados à *The Crisis* em favor do movimento migratório para o norte dos Estados Unidos. Porém, em ambos se nota um discurso que parece apresentar uma preferência por afro-americanos que tivessem alguma experiência ou treinamento. No primeiro texto, além de reafirmar que o mais efetivo protesto contra os males do Sul era encontrar um meio de sair do local, direcionou suas palavras para aqueles trabalhadores que teriam uma probabilidade maior de encontrar trabalho no Norte.²³⁹ No escrito de maio, é novamente apresentado o apoio e a necessidade da migração do negro e, da mesma maneira, apontou alguns elementos que informavam aqueles dispostos a se deslocarem para outras áreas e os leitores da revista sobre o que iriam encontrar fora da Região Sul. Aspectos como a não disponibilidade de trabalho para todos era uma situação constatável, mas aqueles trabalhadores afro-americanos treinados e honestos eram bem-vindos e teriam bons salários.²⁴⁰

Com relação aos elementos apontados, pode ser discutido que a crescente onda de migração, por mais que tenha sido apoiada pelos membros ligados à NAACP e *The Crisis*, também acarretava problemas diversos para as cidades que recebiam o contingente populacional. Atentos ao fato, como salientado em “Migration and Help”, a revista

²³⁷ Idem.

²³⁸ Ibidem.

²³⁹ DU BOIS, W. E. B. Migration and Help. *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 3, p. 115, Jan. 1917.

²⁴⁰ DU BOIS, W. E. B. The Migration. *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 1, p. 8, May 1917.

reconhecia a peculiar responsabilidade que recaía sobre os estados do Norte e as medidas que estavam sendo tomadas com o intuito de amenizar as condições dos que chegavam. Como exemplo, citou a ação do reverendo afro-americano Edward Goin que batalhou para que a empresa New York, New Heaven and Hartford Railroad acomodasse de maneira mais decente os trabalhadores negros recrutados por ela.²⁴¹ Outras sugestões e medidas para os recém-chegados ao Norte do país, também podem ser vistas no editorial “A Plan for the Southern Migrant” (“Um Plano para o Imigrante Sulista”), escrito, desta vez, por G. S. Dickerman.²⁴² Conforme o autor do texto, uma ocupação que poderia ser aplicada ao afro-americano era trabalhar nas áreas rurais do Norte do país. Dickerman comentava uma pesquisa elaborada com recursos da NAACP, escrita por Du Bois e publicada na edição de junho de 1917.²⁴³ Após relacionar alguns dos problemas enfrentados pelos imigrantes que chegavam as grandes cidades, tais como segregação mais evidente, mais ávida competição, moradias mais caras, sugeriu que começassem trabalhando em fazendas até que conseguissem dinheiro suficiente para adquirirem suas propriedades.²⁴⁴

As matérias e artigos sobre migração foram frequentes durante toda a primeira década da revista e Du Bois sempre manteve o mesmo posicionamento de incentivar a saída dos trabalhadores negros do Sul. Em janeiro de 1920, “Brother, Come North” (“Irmão, Venha para o Norte”), revelou-se como mais um discurso panfletário que não apenas defendia a migração como também criticava veementemente as desigualdades sulistas.²⁴⁵ Em observação aos distúrbios raciais que aconteceram em cidades como Washington, D. C. e Chicago no ano anterior, no que ficou conhecido como *Red Summer*²⁴⁶, o editor expressou que apesar daqueles tristes eventos, o Sul era, no melhor

²⁴¹ DU BOIS, W. E. B. Migration and Help. *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 3, p. 115, Jan. 1917. Para saber mais sobre a migração afro-americana para Connecticut e o papel de líderes como Goin, ver: CLOSE, Stacey. *Southern Blacks Transform Connecticut. Connecticut Explored*, 2013. Disponível em: <https://www.ctexplored.org/southern-blacks-transform-connecticut/>. Acesso em: 14/06/2021.

²⁴² DICKERMAN, G. S. A Plan for the Southern Migrant. *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 5, p. 217-218, Sept. 1917.

²⁴³ Cf. DU BOIS, W. E. B. The Migration of Negros. *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 2, p. 63-66, June 1917.

²⁴⁴ DICKERMAN, G. S. A Plan for the Southern Migrant. *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 5, p. 218, Sept. 1917.

²⁴⁵ DU BOIS, W. E. B. Brothers, Come North. *THE CRISIS*, New York, v. 19, n. 3, p. 105-106, Jan. 1920. O texto apareceu em um departamento denominado “Opinion of W. E. B. Du Bois”, que era o equivalente ao departamento Editorial que foi suprimido e que deixa mais evidente o intuito de destacar que determinados discursos eram as formas de pensamento do editor.

²⁴⁶ Inserido no contexto da participação norte-americana na Primeira Guerra Mundial, o *Red Summer*, ou Verão Vermelho, foi uma série de tumultos de caráter racial e competição por trabalho que se alastrou pelos

dos casos, um sistema de castas e insulto e, no pior dos casos, um verdadeiro inferno.²⁴⁷ Dessa forma, dentre outras coisas, Du Bois convocava os negros sulistas para se dirigirem para o Norte, de preferência, após uma prévia investigação e com uma cuidadosa localização.²⁴⁸

Ainda que os editoriais de Du Bois não focassem apenas nas questões envolvendo o trabalhador negro, expandiram as temáticas sobre o tratamento designado ao afro-americano no mercado de trabalho, não só no Sul como fora dele. Quando se tratava em abordar a situação da mão-de-obra negra sulista, determinados tópicos estiveram em evidência durante os primeiros dez anos de sua condução na revista. Alguns discursos se repetiram tantas vezes durante aqueles anos que é possível relacioná-los e os classificar por temáticas. No que se refere às situações de exploração em que os afro-americanos estavam submetidos no Sul do país, determinados artigos podem ser entendidos como verdadeiras denúncias. Exposições sobre a prática que impossibilitava a livre escolha dos pequenos agricultores negros em novos contratos ou novas associações, numa relação mencionada previamente como *peonage*, podem ser vistas nos artigos “The Servant in the South” (“O Servo no Sul”), de abril de 1912, “Anarchism” (“Anarquismo”) de agosto de 1912 e “Peonage” (“Peonagem”), de abril de 1916.²⁴⁹ Críticas acerca das tentativas de privar os trabalhadores negros de adquirir posses de terras também estiveram presentes nos textos “The Negro and the Land” (“O Negro e a Terra”) e “Land Segregation” (“Terra da Segregação”), de fevereiro de 1914 e fevereiro de 1915, respectivamente.²⁵⁰

Discussões sobre a necessidade de uniões trabalhistas abrirem suas portas para a mão-de-obra negra estiveram presentes em artigos como “Organized Labor” (“Trabalho

Estados Unidos no verão de 1919. Como um processo que se desenvolveu por anos até despertar de forma violenta, diversos fatores podem ser caracterizados como seus influenciados. Os efeitos do deslocamento de afro-americanos do sul do país para o norte fizeram com que a elite branca sulista empreendesse diversas formas para evitar a saída de trabalhadores negros e, posteriormente, que conseguissem quaisquer benefícios que ameaçassem a ordem social vigente. No industrializado norte, a disputa por postos de trabalho, habitação e áreas de recreação, militância trabalhista e o questionamento das práticas segregacionistas contribuíram para preparar o terreno para um dos períodos mais violentos da história do país. Para saber mais, ver: BENNETT, Shannon Smith. *Red Summer*. In: BROWN; STENTIFORD, op. cit., p. 674 – 678; MCWHIRTER, Cameron. *Red Summer: the summer of 1919 and the awakening of Black America*. New York: St. Martin’s Griffin, 2012 e NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. O “*Red Summer*”: representações de uma “guerra racial”. In: NASCIMENTO, op. cit., 2015, p. 130-139.

²⁴⁷ DU BOIS, W. E. B. *Brothers, Come North*. *THE CRISIS*, New York, v. 19, n. 3, p. 105, Jan. 1920.

²⁴⁸ *Idem*.

²⁴⁹ Cf. DU BOIS, W. E. B. *The Servant in the South*. *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 6, p. 245, Apr. 1912; DU BOIS, W. E. B. *Anarchism*. *THE CRISIS*, New York, v. 4, n. 4, p. 182, Aug. 1912, e DU BOIS, W. E. B. *Peonage*. *THE CRISIS*, New York, v. 11, n. 6, p. 302, Apr. 1916.

²⁵⁰ Ver: DU BOIS, W. E. B. *The Negro and the Land*. *THE CRISIS*, New York, v. 7, n. 4, p. 189, Feb. 1914 e DU BOIS, W. E. B. *Land Segregation*. *THE CRISIS*, New York, v. 9, n. 4, p. 181, Feb. 1915.

Organizado”), de julho de 1912, “The Black Man and the Unions” (“O Homem Negro e as Uniões”), de março de 1918 e “American Federation of Labor” (“Federação Americana do Trabalho”), novembro de 1918. Nesse último, foram extraídos dois pequenos relatos que demonstravam posicionamentos contraditórios entre si. O primeiro, proveniente do Departamento do Trabalho, indicava que um líder trabalhista negro, G. W. Millner e mais três outros delegados negros, presentes na convenção da AFL, de 1918, eram as provas de que um novo horizonte nas relações trabalhistas estava se despontando e era muito promissor com Millner chegando a afirmar que a condição do trabalho negro tinha melhorado graças ao auxílio da Federação. Em contrapartida, uma matéria que teria sido vinculada ao jornal *Detroit Free Press* demonstrava que a história não parecia ser bem aquela, ao explicar que uma reunião entre líderes sindicais deveria acontecer em poucos dias para discutir algumas determinações que teriam sido endossadas pela AFL. Dentre elas, nenhuma contratação adicional de trabalhadores negros e ou alteração no direito dos empregadores de estabelecerem suas próprias regras contratuais.²⁵¹

O que pode ser notado nessa articulação de discursos é o brilhante uso da ironia demonstrada por Du Bois que, mesmo sem utilizar suas próprias palavras, deixou intrínseco seu posicionamento sobre as recorrentes pretensões de uniões trabalhistas de permitirem maior assimilação de trabalhadores negros em suas afiliadas, mas que a seus olhos não passavam de falácias já que medidas mais sérias nunca foram implementadas.

Interessante observar que, em determinadas vezes, o espaço reservado para as exposições do editor era cedido para que apoiadores da causa também divulgassem suas ideias. Um desses casos apareceu na edição de agosto de 1919, em que a seção “Opinion of W. E. B. Du Bois” contou com nove textos em que sete deles foram escritos por outras pessoas que não Du Bois. Dentre eles, estava E. K. Jones, ativista e dirigente da National Urban League que no texto “Fight the A. F. of L.” (“Combata a AFL”), demonstrava sua descrença sobre resoluções que incentivavam a entrada de negros nas uniões afiliadas à American Federation of Labor. De acordo com Jones, medidas daquele tipo já tinham sido debatidas antes e ficaram apenas no papel.²⁵²

²⁵¹ Cf. DU BOIS, W. E. B. Organized Labor. *THE CRISIS*, New York, v. 4, n. 3, p. 131, July 1912; DU BOIS, W. E. B. The Black Man and the Unions. *THE CRISIS*, New York, v. 15, v. 5, p. 216-217, Mar. 1918; DU BOIS, W. E. B. American Federation of Labor. *THE CRISIS*, New York, v. 17, n. 1, p. 10, Nov. 1918.

²⁵² JONES, E. K. Fight the A. F. of L. *THE CRISIS*, New York, v. 18, n. 4, p. 182, Aug. 1919.

Ao longo dos anos, Du Bois sempre esteve engajado no que considerava a melhor estratégia para que o indivíduo negro alcançasse melhores oportunidades no seio da sociedade norte-americana. Dessa maneira, a militância para que as formas de exploração que caíam sobre o trabalhador afro-americano fossem, de alguma maneira, minimizadas não poderiam ficar de fora de seus discursos e opiniões. As estratégias com as quais o editor de *The Crisis* se engajou variaram consideravelmente, abarcando discursos mais brandos, se é que se pode falar assim quando se trata de Du Bois, até pronunciamentos mais ásperos que causavam mal-estar em todos os indivíduos a sua volta. Como cidadão negro, estudioso das mazelas que assolavam os trabalhadores negros e dirigente de um dos maiores veículos de comunicação voltado para o grupo no país, permitiu que os leitores submetidos as mais diversas situações tivessem em Du Bois e em *The Crisis*, não apenas válvulas de escape que refletiam seus problemas. Esses eram entendidos como confidentes, expositores e, mais esperançosamente, mecanismos para poderem escapar das situações em que estavam submetidos. Foi essa sombra de esperança que impulsionava os leitores da revista a separem um tempo em suas vidas para tecerem palavras como uma prece de socorro e destinassem ao órgão de imprensa da NAACP e fizessem de Du Bois um confidente. Veremos algumas dessas cartas no próximo tópico.

2.3 – Cartas para o editor: o apelo dos trabalhadores

O entendimento que grande parte dos leitores da revista *The Crisis* tinha acerca de Du Bois, como foi assinalado, pode ser comparado como a de um conselheiro. Contudo, em algumas situações observadas nas cartas que foram enviadas e que apareceram nas páginas da revista, a relação parece extrapolar a função da procura e sugestão de recomendações.

Ainda que, como veremos, várias correspondências enviadas especificamente para o editor tivessem o caráter de solicitar procedimentos a serem seguidos, numa associação parecida como “O que você faria no meu lugar?”, os conteúdos revelaram relatos de pessoas que viam em Du Bois um amigo próximo. Para todos os efeitos, um homem negro norte-americano que, como eles, enfrentava muitas das dificuldades e desafios produzidos pela sociedade racista do país. Sua posição de destaque em várias das reuniões e conferências que procuravam discutir a situação dos afro-americanos e das relações raciais, suas pesquisas, escritos literários, diversos artigos e, principalmente, seu

papel na condução de uma grande revista ligada a uma das mais importantes instituições de direitos civis já existente contribuíram para fomentar no afro-americano médio a oportunidade de expor seus problemas por meio de cartas. Todos esses elementos possibilitaram o sucesso inicial do periódico, saltando dos mil exemplares impressos em sua primeira edição para mais de cem mil antes de completar sua primeira década de existência.

Para Du Bois, o nascimento desse projeto, visto com certa descrença por algumas pessoas, proporcionou o aprofundamento nos problemas enfrentados pelos afro-americanos. Como ele expressaria em suas memórias, foi-lhe possibilitado experimentar um novo papel de interpretar para o mundo os entraves e aspirações dos negros norte-americanos.²⁵³ O fato de assumir para si a responsabilidade de procurar desvincular a revista da NAACP, constantemente tentada, tornando-a um órgão que tinha a função de expressar as opiniões de seu editor e sendo conduzida por afro-americanos, também pode ser vista como, ainda que um tanto quanto egoísta, mais uma jogada de Du Bois em aproximá-la cada mais dos seus leitores negros. As diversas vezes em que agiu obedecendo as suas próprias concepções são significativas para tal suposição, sendo preciso medidas dos integrantes da NAACP em estabelecer parâmetros que procuravam minar a expansão de sua ousada autonomia.²⁵⁴ Esses atos tiveram como contribuição, a concepção de Du Bois de que ele, conhecia o “problema negro” mais que qualquer membro branco da organização.²⁵⁵ Tal entendimento fez com que ele utilizasse a revista como um palanque para suas mutáveis ideias.²⁵⁶ Ainda assim, compreende-se que o editor a entendida também como um local em que o afro-americano podia expressar suas demandas e entrar em contato com outros membros do grupo.

Os afro-americanos se sentiram à vontade para expor suas ideias e pedir ajuda ao seu editor. Contudo, como veremos, a liberdade para apresentar as queixas estava amparada na confiança estabelecida entre os dois lados da relação. A variedade de

²⁵³ DU BOIS, 1988, p. 256.

²⁵⁴ Como no caso da crítica ao jornal *Washington Bee* e demais veículos de imprensa afro-americana, já comentado no primeiro capítulo, em que um comitê foi estabelecido para analisar os editoriais que seriam publicados para se evitar demais polêmicas. Quando de sua saída da revista e da NAACP, em 1934, em um momento em que os posicionamentos não mais se convergiam, foi estipulado que nenhum oficial remunerado deveria se declarar contrário as ações da instituição publicando na revista sem prévia análise dos dirigentes. Cf. Minutes of the NAACP. Board of Directors, April 9. 1934. In: RUDWICK, Elliott M. Du Bois' Last Year as Crisis Editor. In: *THE JOURNAL OF NEGRO EDUCATION*, v. 27, n. 4, Autumn 1958b, p. 531. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2293801>. Acesso em: 24/03/2012.

²⁵⁵ DU BOIS, 1988, p. 257.

²⁵⁶ KIMBROUGH, op. cit., p. iv-v.

solicitações ficou encerrada na confiança de que a exposição das situações vivenciadas pelos leitores, também na função de escritores, não lhes traria mais complicações. Em um universo em que os negros estavam confinados às condições limitas de convivência, seus pedidos de ajuda abarcaram todos os tipos de demandas apresentadas nas correspondências.

Em janeiro de 1913, foi publicada uma carta que nos proporciona um parâmetro acerca das dificuldades em encontrar soluções para as, aparentemente, mais simples questões envolvendo as relações raciais entre brancos e afro-americanos.²⁵⁷ No documento, que veio a público com o título de “An Episcopal Clergyman” (“Um Clérigo Episcopal”), contido na seção “Letters”, um líder religioso solicitou qualquer informação que fosse possível de ser repassada para uma das frequentadoras de seus cultos.²⁵⁸ Dentre as notificações, observa-se que a mulher estaria à procura de oportunidade de trabalho remunerada para sua filha que estava por finalizar o curso de secretariado e desejava aprimorar suas habilidades, seja na atividade de assentamento social ou de datilógrafa.²⁵⁹

Determinados pontos da correspondência enviada para a revista nos fazem refletir sobre aspectos que demonstram a complexidade das relações raciais nos Estados Unidos, no início do século XX. Na solicitação escrita pelo pastor, mostra-se evidente o pedido para que, caso o editor tivesse conhecimento de alguma oportunidade de emprego para a garota, o seu empregador deveria tratá-la de forma decente. A estudante já havia tentado uma vaga de emprego, mesmo ligado à filantropia, provavelmente sem remuneração e como uma maneira de adquirir experiência, mas não foi admitida e o motivo seria a cor de sua pele. As visões e previsões do religioso quanto à questão da convivência entre brancos e negros no país não se revelaram nada animadoras. Suas opiniões salientaram o que pode ser entendido como o trágico fato que era nascer negro no país. Expressões como “infortúnio”, “crime” e “execrável” para relacionar a existência do ser afro-

²⁵⁷ Por motivo de conveniência, classificamos as cartas discutidas nesse tópico com a letra *L*, representativo de Letter, e o número de acordo com a cronologia apresentada. Portanto, a correspondência impressa na edição de janeiro de 1913 será a *L-1*, a de abril de 1913, *L-2*, novembro de 1914, *L-3* e junho de 1915, *L-4*.
²⁵⁸ *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 3, p. 131, Jan. 1913.

²⁵⁹ O Movimento de Assentamento ou *Settlement Houses*, foi uma iniciativa reformista de fins do século XIX e início do século XX que tinha como prerrogativa o compartilhamento de experiências com a finalidade de diminuição da pobreza e melhorias nas condições de vida. Em grandes construções, indivíduos de classe média dividiam conhecimentos e aspectos culturais com os mais pobres em prol de se obter uma sociedade mais justa. Para saber mais, ver: CARSON, Mina. *Settlement folk: social thought and the American settlement movement, 1885–1930*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

americano em um país cuja imensa maioria era de brancos demonstram seu entendimento da situação.²⁶⁰

Chama-nos a atenção, em observação as suas falas, o fato de sermos, por vezes, questionados sobre o líder religioso ser negro ou não. Diferentemente de outras correspondências em que é possível, pela leitura do documento publicado, fazer uma dedução sobre a qual grupo pertenciam os escritores das cartas, atentando para determinados momentos da escrita em que informações, por menores que sejam, possibilitam a conclusão, no texto em questão, certas frases contribuem para colocar em dúvida a que grupo “racial” pertencia o líder religioso. Ao expor afirmações como a “crescente dificuldade das pessoas de cor em encontrar ocupações para além de ascensorista...”, utilizando a terceira pessoa do plural, não são suficientes para o incluir ou o excluir, por completo, da identificação como negro. Por um lado, pode-se considerar que, suas afirmações foram expressas tendo em vista um contexto mais amplo, procurando opinar de uma maneira geral, pois tinha noção dos contratempos enfrentados pelos negros estadunidenses. Contudo, devido à prática social dos religiosos congregarem em suas comunidades “raciais” e o leitor-escritor possuir uma ocupação, a de pastor, um dos trabalhos mais característicos entre os afro-americanos e, provavelmente, ser remunerado por isso, somos levados a considerá-lo como um integrante da comunidade negra que realizava a ação de interceder por uma das frequentadoras de seus cultos. Devido a esses elementos, consideraremos o autor como tal.

Outro ponto interessante está vinculado a questão da migração. Embora o tema seja amplamente discutido em *The Crisis*, em diferentes momentos de sua existência, é raramente apresentado uma possibilidade de o afro-americano fazer o caminho considerado inverso. Nesse aspecto, do Norte do país para o Sul. A situação demonstrada na carta revela uma tal descrença quanto as conquistas de oportunidades para os negros nos Estados Unidos, sendo cogitada a intenção da jovem estudante de tentar a sorte na região do país mais problemática para a existência do afro-americano. Em meio às preocupações sentidas pela mãe da garota e de quem escreveu a carta, relatando acontecimentos que teriam ocorrido com outras jovens que se arriscaram em jornadas para o Sul, observa-se o apelo mais evidente da mãe e mais comedido do escritor.²⁶¹

²⁶⁰ Idem.

²⁶¹ Ibidem.

Imagem 11: Carta enviada por um pastor solicitando informações para uma de suas fiéis.

LETTERS

131

be. The only possible seriousness attaching to such an utterance and to the person out of whose mouth it came is that the thoughtless will assume the truthfulness of the only two points which give the aforementioned article any character: First, that you do nothing; and, secondly, that your fundamental sympathies are not with the Negroes. The man who has engineered or inspired the gathering of most of the knowledge we now have respecting the conditions of the American Negro has provided the basis for all activities of a louder and more palpable sort. If there were any comparison, and if knowledge be the basis of intelligent action, such accomplishment is not only first in order of time, but also first in order of importance. The man, furthermore, who has kept before his people the cultural and the human ideal (whether his method of so doing is wise or not is not now the important point) has performed for all time, and particularly for this generation, a service so important as to constitute it a norm of true progress. In my individual opinion your method of service has not been one which I myself would always have chosen; but the method of self-manifestation of any individual is primarily his own, and no one has the right to belie a fact because the method of its discovery or of its realization does not happen to please him.

I would like to call to your attention and to that of readers of *THE CRISIS* the remarkable and deep-voiced article "The Negro Consciousness and Democracy" in the *Public* of August 30. To my mind the great danger of the Negro in America is not that he will not become economically competent and powerful, but that the forces and the motives which play upon and in him will drive him along the same old dreary road which the white man has so long followed, and which, thank God, his conscience is now impelling him to desert for a better, even if a more difficult path. If it were not for the ideals which Dr. Croghan, you, Professor Kelly Miller and many another brave colored man are preaching, the future of the Negro would be much more dubious than if he continued for a time to lack the economic competency and wealth momentum the necessity of which is so insistently dinned into his ears.

Faithfully yours,

SAMUEL H. BISHOP.

Can you give me any information that might help in my advice to one of my parishioners, who is seeking assistance in regard to the possibility of her daughter getting some paid opportunity either in social-settlement work or as a stenographer under somebody who would treat her decently?

You will understand my difficulty when I tell you that my parishioner has the misfortune to be colored. That, you know, in this land of godly enlightenment and human liberty, is a crime! It is a cause for profanity to know that there is increasing difficulty for people of color to find occupation beyond running an elevator or going out to service, just because they are colored. In plain English, it is damnable! And is but sowing the seeds that, one day, will grow a crop of hatred and war.

The girl is now in — College, taking the secretarial course, and she is very competent. She will be ready in a year's time. But in trying to find some little opportunity for her to try her hand at social-settlement work, during last summer's vacation, the fact was revealed that she is not wanted, even in philanthropy, just because she is colored. Therefore her mother is getting anxious for fear that she will have no opportunity to use her gifts after she has trained them at —. She could go South, but that means hell for a colored girl. One was subjected to the indignity, recently, of being compelled to stay all night in the toilet on a journey South. They wouldn't sell her a stateroom. Some colored girls coming up from the South had to stay a while in the railroad station in a large Southern city. The room for colored persons was being repaired. They went, naturally, into the other waiting room. With what result? They were arrested, marched by the officer to the police station and fined! And these are some of the reasons why the mother fears to have her daughter go South and is seeking employment for her in Boston or New York.

AN EPISCOPAL CLERGYMAN.



You have fused new life and vigor to bring together a mighty host that will continue to plead for the advancements and every right the Constitution stands for.

JAMES T. BRADFORD,
Philadelphia, Pa.

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 3, p. 131, Jan. 1913.

Correspondências enviadas para *The Crisis* e especificamente para Du Bois, não trataram apenas de recomendações para terceiros ou no intuito de encontrar algum tipo de atividade remunerada para um leitor. As cartas, em sua maior parte, tinham a função de encontrar soluções rápidas para os problemas dos leitores-escritores que, muitas vezes, não demonstravam intenções de deixarem suas profissões ou o local onde residiam. As próximas correspondências a serem discutidas apresentam algumas duras semelhanças em suas solicitações de auxílio para o editor. Elas foram enviadas do Sul e escritas por

afro-americanos que tinham como ramo de atividade aquela que mais os empregava na região: a atividade rural.

A ordem cronológica em que foram publicadas vão de abril de 1913 a junho de 1915. Esses dados contribuem para evidenciar o prolongamento dos desafios enfrentados pelos negros ao longo do tempo. A correspondência publicada na edição de abril de 1913 teria sido enviada do estado da Carolina do Norte e foi o pedido de um produtor rural que buscava alguma informação para que o transporte de sua produção e da comunidade em que morava fosse realizado por afro-americanos.²⁶² Segundo o autor, o trabalho era feito por brancos, mas os afro-americanos da região estavam começando a ficar inquietos com o fato, de modo que pediram o auxílio do editor para colocá-los em contato com algum grupo de mercadores negros que pudesse fazer o transporte, mesmo que durante poucos meses no ano, para fora do Sul.²⁶³ Da mesma maneira, como foi apresentado na primeira carta, pode ser evidenciada a questão da integridade e da decência no trato das relações, com o acréscimo, nesse caso, de um preço justo nas relações comerciais. Segundo as informações, existia muito potencial no negócio com probabilidade de ganhos consideráveis para ambos os participantes.²⁶⁴

A carta que estampou a seção “The Burden”, em novembro de 1914, foi enviada da Carolina do Sul e, ainda que direcionada especificamente para o editor, procurava “encontrar um amigo que desejasse ajudar outro em necessidade”.²⁶⁵ Na correspondência, o autor iniciou com um sinal de cordialidade e reconheceu a probabilidade de não encontrar uma solução para seus problemas devido à quantidade de correspondências iguais àquela que Du Bois e *The Crisis* deveriam receber. Mesmo assim, ele acreditou na possibilidade de obter algum sucesso. O escritor especificou que não procurava receber esmolas e sim um auxílio para sair da situação em que se encontrava. Proprietário de 110 acres de terra, realizou melhorias em suas posses e, para isso, precisou de empréstimos. Contudo, o tempo seco prejudicou a produção de algodão, cujo preço estava girando em torno de 7 centavos por libra, sendo que a produção o teria custado 9 centavos por libra sem contar o tempo investido.²⁶⁶ Como as contas estavam por vencer, caso uma solução não fosse encontrada, teria que entregar sua produção pelo valor estabelecido, o que seria

²⁶² *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 6, p. 301, Apr. 1913.

²⁶³ *Idem*.

²⁶⁴ *Ibidem*.

²⁶⁵ *THE CRISIS*, New York, v. 9, n. 1, p. 45, Nov. 1914.

²⁶⁶ 1 libra é igual a 0.45359 kg.

insuficiente para quitar seus débitos. Sua intenção ao escrever e enviar a carta era encontrar alguém que pudesse arcar com seus débitos, naquele momento, e que lhe desse uma chance de pagá-lo posteriormente. Para isso, solicitou à ajuda do editor no intuito de que esse apontasse alguém disposto a realizar aquela ação ou que fosse capaz de comprar seu algodão a um preço de 10 centavos a libra.²⁶⁷ O que mais chama a atenção e comove nessa carta, é que mesmo que o editor não encontrasse compradores, o autor pediu que ele enviasse uma carta de encorajamento e deixou a cargo de Du Bois o direito de publicar sua carta ou não. Como adendo, o leitor-escritor informou que o movimento *buy-a-bale* (compre um fardo) não tinha alcançado os negros norte-americanos como ele e que não esperava muita coisa daquele programa, prontificando-se a escrever mais detalhadamente sobre o assunto se o editor assim o desejasse.²⁶⁸

A carta que fecha essa exposição, L-4, tinha o endereço de *Cordele*, no estado da Geórgia, e foi merecedora de receber o título de “An Appeal” (“Um Apelo”). Ela nos apresenta um homem em desespero que se dirigiu diretamente ao editor em suas súplicas por auxílio, agradecendo o espaço concedido a ele no periódico. Diferentemente dos outros escritores, esse demonstrou intenção em se retirar da região onde nasceu e se estabelecer em um local em que pudesse ganhar a vida.²⁶⁹ Após revelar detalhes mais íntimos, como idade, estado civil e disposição para trabalhar, informou, com aparente orgulho, que conseguiu produzir 100 alqueires de milho e 21 fardos de algodão. Porém, mesmo com essas posses, não tinha nada para comer e muito pouco com que se vestir e implorava por ajuda urgente. Segundo seu relato, não havia muito o que fazer naquela parte do país, de modo que se prontificava a trabalhar um ano inteiro para quem se dispusesse a ajudá-lo.²⁷⁰ Dois tópicos nessa carta demandam atenção mais pontual. O primeiro, trata-se da forma como o autor da correspondência procurou aumentar suas

²⁶⁷ *THE CRISIS*, New York, v. 9, n. 1, p. 45, Nov. 1914.

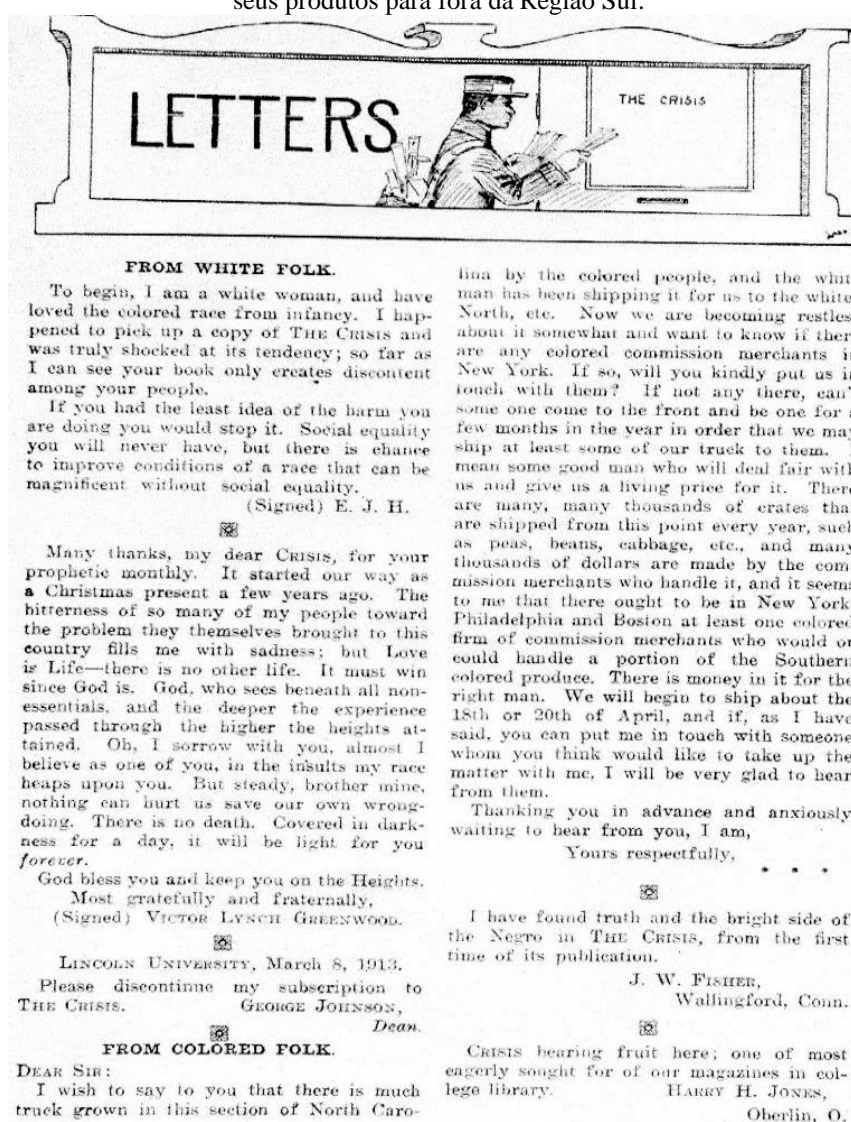
²⁶⁸ Idem. *Buy-a-bale* foi um movimento que surgiu em 1914, em decorrência das dificuldades de comércio advindas com o eclodir da Primeira Guerra Mundial. Fatores como a superprodução de algodão e a interrupção do comércio com a Europa criaram incertezas com relação ao preço a ser pago pelo produto. Como iniciativa para manter os preços razoáveis, compradores se prontificariam a adquirir o produto por 10 centavos a libra na esperança de que em um ano o preço estaria acima desse valor. O investimento médio deveria ser de 50 dólares. Embora esforços tenham sido feitos por todo o país, os preços se mantiveram baixos por mais de dois anos. Para saber mais, ver: MCCORKLE, JR. James L. The Louisiana “Buy-A-Bale” of Cotton Movement, 1914. In: *LOUISIANA HISTORY: THE JOURNAL OF LOUISIANA HISTORICAL ASSOCIATION*, v. 15, n. 2, Spring, 1974, pp. 133-152. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4231390>. Acesso em: 17/05/2021.

²⁶⁹ *THE CRISIS*, New York, v. 10, n. 2, p. 94, June 1915.

²⁷⁰ Idem.

chances em conseguir o que buscava. Para isso, estabeleceu como suas referências, caso precisasse, “algumas das melhores pessoas brancas” da localidade. O segundo, que nos parece evidenciar uma pitada de ingenuidade de sua parte, mas que pode ser compreensível tendo em vista o reduto do Partido Democrata que era o Sul do país, está em sua percepção do mundo dividido entre os dois partidos mais significativos dos Estados Unidos. Seu pedido para o editor era que o ajudasse a chegar na parte Republicana do mundo, dessa forma, auxiliando um honesto homem negro a alcançar um local onde pudesse viver. Terminou o relato solicitando uma resposta do editor.²⁷¹

Imagem 12: Carta anônima enviada por um afro-americano solicitando informações sobre como enviar seus produtos para fora da Região Sul.



Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 6, p. 301, Apr. 1913

²⁷¹ Ibidem.

Imagem 13: Carta enviada por um agricultor afro-americano solicitando intermediação de Du Bois para que o ajudasse a encontrar alguém disposto a arcar momentaneamente com suas despesas. O autor da carta solicita anonimato.


THE BURDEN 45

tions to the group are few because of the hostility of white labor unions.”


✻

The excellent work of Dr. S. C. Fuller, the pathologist of the Westboro Insane Asylum, Massachusetts, is further shown by his latest pamphlet on “Amyloid Degeneration of the Brain,” reprinted from the *American Journal of Insanity* for April, 1914. Dr. Fuller's standing as a scientist is equal to that of Dr. C. H. Turner of St. Louis, and yet J. McKeen Cattell says in *Science* (Vol. 39, No. 1004, P. 5), “There is not a single mulatto who has done creditable scientific work.”

Of course, Mr. Cattell did not know, etc., etc. But it was his business to know.



THE BURDEN



South Carolina, Oct. 7, 1914.

Dear Mr. Editor:

In addressing this letter to you I am endeavoring to find a friend who is willing to aid a worthy one in need. I do not feel that this letter will interest you very much, as, no doubt, you have already received many such letters.

But I realize that there is always a possibility of an honest effort being crowned with success. Hence, my determination to continue. I am not asking alms. I am simply seeking aid to carry me over this crisis, which you will better understand when I explain further on. The situation is this: I am sole owner of 110 acres of good farming land in Cokesburg Township, Greenwood County, this State, 50 acres of which I bought three years ago. I have made improvements on the place to the amount of several hundred dollars, including the drilling of an artesian well, building fences, barn and dwelling house, besides live stock and farming implements. I have been compelled to borrow money to do this. And the last three years have been very unfavorable on account of droughts. Now we can get only 7 cents per pound for cotton, which this year cost me 9 cents to make, not counting my own time. Our notes will be due soon and unless we can get aid from somewhere, will be compelled to give our cotton away for 7 cents, though it would little more than pay the interest. I want to give some one who will give me a chance to pay him, a mortgage on all of my belongings for sufficient money to pay off my indebtedness. Can you point me to such a one? Or, can you point me to one or many who will buy our 15 bales of cotton at 10 cents per pound? If you can, or if you cannot, you will confer a great favor on me to even just write a letter of encouragement in answer to this.

This is not intended for publication, but should you desire to do so, please withhold my name and oblige,

Yours sincerely,

P. S.—The buy-a-bale movement that is advertised so extensively, does not reach we colored people at all. We do not and need not expect any help from that source. Whatever happens, I will be glad to write you more in detail if you so desire.

✻

**COLORED MEN AND WOMEN
LYNCHED WITHOUT TRIAL**

1885.....	78	1900.....	107
1886.....	71	1901.....	107
1887.....	80	1902.....	86
1888.....	95	1903.....	86
1889.....	95	1904.....	83
1890.....	90	1905.....	61
1891.....	121	1906.....	64
1892.....	155	1907.....	60
1893.....	154	1908.....	93
1894.....	134	1909.....	73
1895.....	112	1910.....	65
1896.....	80	1911.....	63
1897.....	122	1912.....	63
1898.....	102	1913.....	79
1899.....	84	1914, 9 months..	35
Total		2,698	

Imagem 14: Em “*An Appeal*”, pode-se verificar a situação desesperadora vivenciada pelo autor que solicitava ajuda para que pudesse sair da Região Sul. Pode-se deduzir que o autor não tinha uma escolaridade tão alta.

and I would be disgraced—a nigger for a niece!”

“God be merciful!” cried the father.

“It is very sad,” said the others.

Outside the Negroes wept as a lover weeps for his lost one.

The cold-hearted youth said, “I do not understand.”



AN APPEAL

Dec. 10-1914.

R No. 4 Box 62 Cordele Ga

Dear Editor. Will you Please allow me to Beg you to help just one hard Working man here in Georgia. By giving me Space in your Paper. to get a home in That Part of the Word Where Proably a Working man can get a Way to make a Living if Nothing else: I am a hard Working man and of a very small family. Bread Born and Raised on a farm and has a Good Rep among all White & Black. Not too yong to Work. Nor too old. Not sickly at all: age 34: Wife 28: We made and Gathered 100 Bushels of Corn and 21 good Bales of Cotton. on one hosre farm. and Now. We are Panic stricken. With Nothing to eat. and Very Little to ware. We Need help. Badly. There is Nothing in this Country to Do Wherein We might make a Living. If there is any concern That Will feed and clothe us I Will Serve all Nex year: 12 months to Pay for Same. I can furnish Good Reference to my self among Some of the Best White People here. No one in family has ever Been arested. No had any cause for such. these Words can easly Be proved. Will you Please help us to get in the Republic part of the World enstead of the Dimaeratic and help one honest Colord man to get wher I can Live: Please answer your most humble

Servant

J. F. Wright.

Of course, we hope that our children are the finest that appear in *THE CRISIS* and, therefore, proud for the world to

see them for they are as fine as they look. We think quite seriously, and shiver when we think of it, and agree with you in speaking of the disgrace, “that the foremost republic on earth should be directing its greatest battle not against war and poverty and prejudice, but against these dark babies. On with *THE CRISIS*.”

Chicago, Ill.

ATLANTA, GA.

Congratulations on this editorial on the war in the new *CRISIS*, and on the one about the Women’s Clubs as well. Some criticise us for a chip-on-the-shoulder attitude. I myself, however, become more and more intolerant of any suggestion of patronage.

B. G. BRAWLEY.

NEW YORK CITY.

I want to express my warm satisfaction with the manly and skillful way in which *THE CRISIS* handled the Trotter-Wilson affair. Your paper is simply splendid in this and in other ways of fighting the good fight.

MOSES OPPENHEIMER.

WASHINGTON, D. C.

THE CRISIS improves with age, and it alone justifies the existence of the N. A. A. C. P.

E. C. WILLIAMS,
Principal Colored High School.

As correspondências apresentam situações de uma época que, aos nossos olhos, parecem ser quase inimagináveis. Contudo, revelam os entraves vividos pelos afro-americanos em um país que já vigorava entre os mais ricos do planeta. Ainda assim, descaso e pressão de todos os lados recaiam sobre os cidadãos negros estadunidenses de uma maneira tão brutal que as páginas de jornais e revistas se tornaram elementos para exporem e compartilharem com outras pessoas o fardo que era viver, ou sobreviver, em terras norte-americanas. Esses relatos traduzem as aspirações de homens e mulheres que buscavam soluções para seus diversos problemas e viam no editor Du Bois, diretamente, e nos demais indivíduos negros, como eles, anônimos, uma ampla rede em que queixas e busca de soluções poderiam ser encontradas. Tais cartas, com destaque para as três últimas, proporcionam, ainda, elementos para que a própria análise do estudo de cartas para periódicos se estabeleça.

Na relativa curta trajetória do debate sobre a seção de cartas para o editor, determinados aspectos observados nas correspondências trabalhadas podem ser assinalados. Provavelmente o aspecto mais nítido seja o *senso de comunidade* que transparece nas cartas. Embora os escritos fossem enviados tendo o editor como o destinatário principal, eles não se limitavam à sua figura e permitiam a estruturação de uma potencial rede de comunicação e ajuda. Ao analisar o conteúdo das correspondências durante os dez primeiros anos da revista, constata-se que a maior quantidade de correspondências publicadas tinha como proposta, tecer elogios ao trabalho feito por *The Crisis* em discutir às diversas situações vivenciadas pelos negros estadunidenses. Como não podia deixar de ser, aquelas que tratavam de discutir e apresentar as difíceis condições enfrentadas pelos afro-americanos são as que demandam atenção e abrem caminho para interpretações ao evidenciarem o ímpeto dos leitores em reservarem um tempo em suas vidas para apresentarem suas queixas. Como descrito por Sotillo e Starace-Nastaci, por meio das cartas ao editor, os leitores articulam suas preocupações, opiniões e frustrações.²⁷²

No processo de exposição de sentimentos e pensamentos, os que se atrevem a empreender um diálogo deixam a condição relativamente cômoda de meros espectadores

²⁷² SOTILLO, Susana M.; STARACE-NASTACI, Dana. Political discourse of a working-class town. In: DISCOURSE & SOCIETY, v. 10, n. 3, 1999, p. 413. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/42888265>. Acesso em: 19/04/2019.

do que acontece no âmbito público e se somam ao processo de discussão. Como argumentado por Hall e outros,

[...] Uma ‘carta ao editor’ marca uma entrada na arena pública: cartas são comunicações públicas, coloridas por ‘motivos públicos’. Sua intenção não é simplesmente dizer ao editor o que elas pensam, mas moldar a política, influenciar a opinião, balançar o curso dos eventos, defender interesses, avançar causas. [...] (Tradução livre)²⁷³

Ideia semelhante é defendida por Reader (2001, p. 3 apud SILVA, 2009, p. 4481) ao apresentar as principais funções derivadas das cartas ao editor em que figuram a possibilidade de facilitar o discurso público, promover o envolvimento cívico, permitir a interação dos leitores com os jornais ou fornecer um local em que os cidadãos possam comentar publicamente a atuação do governo.²⁷⁴

Esse processo de pertencimento a algo maior, que se reflete em sua posição na comunidade, pode ser entendido quando se observa a forma de escrita empregada por determinados participantes do discurso. Ao se prontificar a escrever uma carta e enviá-la ao processo de análise de um jornal, o remetente precisa estar ciente que sua correspondência pode, ou não, ser visualizada por uma massa de pessoas com a qual não tem contato. Ainda assim, isso não impede que, ao não ter sua carta disponível ao público, sinta-se menos membro dessa massa e acredite passar pelos mesmos problemas que a sociedade, pelos menos a sua maioria, esteja passando. Surge daí um contexto de diálogo que se estabelece entre o jornal e os leitores-escritores de cartas e desses entre si. Vale ressaltar que a seção de cartas, de abril de 1913, intitulada “Letters”, foi dividida em três. A primeira recebeu o nome de “From White Folk” (“Do Povo Branco”), representando as correspondências enviadas por pessoas brancas e que continha três relatos. “From Colored Folk” (“Do Povo de Cor”) tinha 5 cartas escritas por cidadãos afro-americanos, incluindo a discutida nesse tópico (L-2). A terceira parte foi uma nota enviada para dar mais informações sobre um poema citado na edição de janeiro, apresentando o autor e ano de publicação. Como pode ser observado, os títulos das duas primeiras partes revelam um senso de comunidade até em seu nome.

²⁷³ HALL, Stuart; CRITCHER, Chas et al. *Policing the crisis: mugging, the State, and law and order*. London: The Macmillan Press Ltd., 1978, p. 121.

²⁷⁴ READER, Bill. “Should ‘a citizen’ have his say? A historical argument for the publication of unsigned commentary in ‘letters to the editor’ forums. In: SILVA, Marisa Torres da. A imprensa e o seu público: a visão dos diretores e jornalistas sobre as cartas dos leitores. In: SOPCOM, 6, 2009, Lisboa, p. 4481. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265163784>. Acesso em: 03/05/2019.

O sentimento de estar vinculado a um grupo mais amplo e não restrito aos limites territoriais das localidades em que viviam, pode ser expresso por meio de cartas num sentido mais abrangente e de diferentes maneiras. Ao se atentar às cartas selecionadas no presente tópico, observa-se a intenção de se estabelecer um diálogo com os indivíduos que teriam acesso às edições da revista. Essa busca pelo diálogo no contexto de cartas para periódicos já foi objeto de pesquisa e demonstra aspectos interessantes e a permanência de elementos ao longo do tempo. Pesquisa conduzida por Novaes (2012) procurou apresentar as diversas formas de comunicação que podem ser reveladas nas cartas ao editor.²⁷⁵ Ao se efetuar a análise de 20 produções de alunos do CNS/ISERJ, verificaram-se algumas características que fundamentaram a existência das cartas. No processo, 15 produções destinavam-se a apresentar reclamações com destaque para o poder público, serviços prestados pela administração ou empresas encarregadas desses serviços, críticas às notícias publicadas nos periódicos ou ao posicionamento de algum leitor, dentre outras. As demais cartas destinavam-se a solicitar algo (2 solicitavam a exibição de programas educativos em horários considerados “nobre”), a concordar com posicionamentos de outros leitores (2 ocorrências) e elogiar uma dada reportagem (1 carta).²⁷⁶ Contudo, o teor das cartas demonstrou a busca pelo estabelecimento de diálogos verificados, na intenção dos remetentes em induzir outros leitores a concordarem com seus pontos de vista (caso do texto 5) e na alteração da pessoa gramatical ao iniciar uma carta no singular e encerrá-la na primeira pessoa do plural demonstrando o compartilhamento de uma posição adotada (como no caso do texto 11).

Com relação às cartas enviadas para *The Crisis*, pode-se verificar determinados aspectos que parecem corroborar as constatações descritas por Novaes em sua pesquisa. Em L-2 e L-3, os autores ao escreverem suas cartas fazem em primeira pessoa e demonstram sua motivação, ou a motivação principal, nas primeiras linhas do texto. Em L-2, por exemplo, o escritor expôs a condição de crescimento das mercadorias em determinada parte do estado da Carolina do Norte como algo que ele desejava contar ao editor. Porém, em vários momentos do texto, o leitor-escritor não se apresentou como um indivíduo isolado, associando primeiramente a classificação do grupo afro-americano

²⁷⁵ NOVAES, Ana Maria Pires. O discurso dialógico no gênero cartas do leitor. In: *e-escrita: REVISTA DO CURSO DE LETRAS DA UNIABEU*, Nilópolis, v. 3, n. 2, Mai.-Ago., 2012. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/505>. Acesso em: 23/01/2017.

²⁷⁶ Idem, p. 5-6.

com o fato de terem suas mercadorias transportadas pelos brancos locais (“... *by the colored people, and the white man has been shipping it for us ...*”), depois expressando que ele e os membros do grupo estavam ficando inquietos com tal situação (“... *Now we are becoming restless about it ...*”). O senso de comunidade e o estabelecimento de diálogo ainda se encontram na carta no momento em que o autor procurou especificamente uma comissão de mercadores negros e quando definiu como deveria ser efetuado a transação comercial visada por ele (“*I mean some good man who will deal fair with us and give us a living price for it.*”). Visando conseguir um contato o mais rápido possível, indicou até mesmo a data em que o transporte das próximas mercadorias iria se realizar e o quão satisfeito ficaria em entrar em contato com os interessados. Outra característica que se destaca nessa correspondência é a ação intentada pelo escritor em mudar a situação em que se encontrava, assumindo, por diversas vezes, que, caso o editor conhecesse alguém disposto a realizar o trabalho de transporte, ele mesmo trataria das negociações.

Em L-3, a procura pelo diálogo e a busca por auxílio, dentro do próprio grupo afro-americano, revelaram-se desde o início. Grande parte do teor dessa correspondência foi comentado previamente. Contudo, ainda que as dificuldades do autor sejam relacionadas a critérios individuais (os dele e de sua família), o chamado por um auxílio engloba proporções mais amplas, abarcando indivíduos que não necessariamente façam parte de seu ciclo de convívio. Embora ao editor tenha se solicitado uma espécie de intermediação com o objetivo de o colocar em contato com pessoas que poderiam aliviar seus problemas, naquele momento, a exposição da correspondência não impedia que outra pessoa, ou pessoas, pela sua própria iniciativa, entrasse em contato com o editor/revista e se dispusesse a ajudar aquele leitor-escritor. O senso de comunidade se revela em alguns pontos do texto, como quando é solicitado que Du Bois realize uma intermediação entre o escritor da carta com uma ou mais pessoas que possam adquirir sua produção de algodão (“*Or, can you point me to one or many who will buy our 15 bales of cotton at 10 cents per pound?*”). Talvez, essa noção seja mais nítida ao se observar a explicação sobre o movimento *buy-a-bale* em que o autor da carta informou que o empreendimento não o tinha alcançado ou qualquer outro afro-americano da região e que duvidava muito que acontecesse (“*P. S. – The buy-a-bale movement that is advertised so extensively, does not reach we colored people at all. We do not and need no expect any help from that source.*”).

No que se refere à L4, embora mais curta e também já comentada anteriormente, o autor em determinados momentos se dirigiu ao editor, mas rogava por ajuda de qualquer outra pessoa que estivesse disposta a ajudá-lo (“*If there is any concern That Will feed and clothe us I will Serve all Next year: 12 months to Pay for Same.*”). A liberdade existente para expor suas queixas e a situação desesperadora em que se encontrava o escritor da carta revelam o impulso para que um primeiro passo fosse dado no intuito de se criar conexões e a ampliar uma rede de contatos entre os afro-americanos em busca de ajuda mútua.

Em L4, devido às características apresentadas, também podem ser discutidos outros elementos para a publicação de cartas em periódicos. A seleção de cartas obedece a alguns parâmetros que contribuem para torná-las mais atrativas ao olhar do público leitor. Com o passar do tempo e a modernização dos meios de comunicação, os aspectos para selecionar cartas para publicação em periódicos sofreram alterações que não se ajustam aos parâmetros utilizados anteriormente. Soma-se a isso, a questão da revista *The Crisis* ser uma revista destinada a expor, questionar e discutir as situações que envolviam a vida dos afro-americanos. Sendo assim, embora atualmente existam critérios para uma maior propensão para que uma correspondência seja publicada, tais procedimentos não necessariamente podem ser encontrados de maneira rígida pelos organizadores de *The Crisis*.²⁷⁷

Dos primeiros pesquisadores a levantarem dados para descrever a prática utilizada pelos jornais, dos Estados Unidos, no seu trato com cartas enviadas para a edição, o então professor de jornalismo, Ernest C. Hynds, no início da década de 1990, publicou os resultados de uma pesquisa que ainda se mostra relevante para se ter uma percepção sobre a importância desse atributo para um periódico.²⁷⁸ Através de um questionário de quatro páginas enviado para editores de diários norte-americanos com tiragem de cem mil cópias ou mais, os aproximadamente 56% de respostas válidas demonstraram características que ainda são vistas hoje em dia. Atentando-se às políticas e procedimentos de edição, verificou-se que 97% das cartas selecionadas para publicação deveriam ser livres de

²⁷⁷ Devido a existência de uma ampla gama de estudiosos que tratam do tema sobre as preferências que levam os editores a selecionarem cartas para publicação, abordaremos com mais detalhes alguns elementos e determinados autores.

²⁷⁸ HYNDS, Ernest C. Editorial Page Editors Discuss Use of Letters. In: *NEWSPAPER RESEARCH JOURNAL*, Fall 1991, p. 124-136. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/073953299201300111>. Acesso em: 04/05/2019.

difamação, 74% deveriam ser de bom gosto, 95% deveriam ser assinadas, 89% dos editores disseram que os nomes dos escritores deveriam ser impressos com as cartas, 29% não usariam cartas de um escritor de fora da área de circulação do jornal. Outros dados interessantes salientam que 45% especificaram muito bem para os possíveis escritores de cartas o limite de palavras para cada uma. Desses, 82% definiram o limite de palavras em 300 e 29% em menos de 200 palavras. Segundo o pesquisador, “virtualmente todos publicavam cartas que criticavam o jornal ou discordavam de suas visões”.²⁷⁹

No debate em torno do universo que abrange o trabalho jornalístico e os procedimentos dos profissionais do jornalismo em conduzir o seu empreendimento, as pesquisas de Karin Wahl-Jorgensen podem ser vistas como as mais explicativas e discutidas atualmente. Wahl-Jorgensen destacou quatro regras utilizadas pelos editores para que uma carta tenha uma probabilidade maior de ser publicada em seus jornais. Procedendo a entrevistas com esses editores e realizando leituras de artigos desses profissionais em que o tema cartas era destaque, a pesquisadora chegou ao entendimento de que os tópicos de relevância, entretenimento, brevidade e autoridade tinham uma maior atenção dos profissionais encarregados de selecionar as cartas enviadas pelos leitores dos periódicos analisados.²⁸⁰

De acordo com Wahl-Jorgensen, embora os editores acreditem e expressem suas visões em relação ao debate democrático, e deles mesmos como guardiões desse debate, o trabalho que realizam sofre inevitavelmente influências do confinamento no espaço em que operam e isso determina, também, seu entendimento sobre o que consideram como notícia. Na análise sobre a questão, outros estudiosos apontaram que para que uma notícia seja válida para publicação, três elementos se sobressaem. Tais elementos encontram-se representados na relevância, utilidade e interesse.²⁸¹ A partir desses elementos e tendo em mente uma audiência específica, os jornalistas utilizam-se de recursos específicos para construir uma história. Para Brooks e seus colegas, esses outros recursos podem ser o

²⁷⁹ Idem, p. 130.

²⁸⁰ Para fazer esse levantamento, Wahl-Jorgensen realizou a leitura de mais de 60 artigos publicados por editores norte-americanos no jornal *The Masthead*, da US National Conference of Editorial Writers. Além disso, a pesquisadora realizou uma série de 23 entrevistas com editores de cartas de diários e semanais localizados na área da Baía de São Francisco, Califórnia, durante os meses de junho e julho de 1999. Cf. WAHL-JORGENSEN, Karin. *Understanding the Conditions for Public Discourse: four rules for selecting letters to the editor*. In: *JOURNALISM STUDIES*, v. 3, n. 1, 2002, p. 69-81. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14616700120107347>. Acesso em: 20/06/2021.

²⁸¹ BROOKS, Brian S. et al. *News Reporting and Writing*. 11 ed. Boston; New York: Bedford/St Martin's, 2014, p. 5.

impacto, o conflito, a novidade, a proeminência, a proximidade (com o fato), atualidade, o engajamento (do público) e a busca por soluções.²⁸²

Na abordagem apresentada por Wahl-Jorgensen, o critério da relevância toma a forma de uma resposta a itens já postos pelo periódico. Embora a participação do cidadão seja algo positivo e esse possa contar com um espaço reservado para a visualização de seus comentários pelos demais cidadãos, fomentando o debate, o mesmo encontra a opção de introduzir novos temas, consideravelmente, reduzida. Levando em consideração o objetivo do debate público, a autora entende que tal procedimento adotado por esses meios de comunicação limita consideravelmente a ação do participante do debate no processo democrático que, teoricamente, permitiria a expressão de opiniões.

O que é relevante para o leitor de um periódico também se insere no interesse pelo que ocorre na área de circulação do mesmo. Tal fenômeno acontece, pois, os leitores estão mais propensos a se identificarem, de forma imediata, com o tópico abordado e com seu escritor. No entanto, a empatia pode representar um engajamento emocional do público leitor regional que pode afastar o discurso puro e simples de interesse apenas pelo que acontece em sua vizinhança.²⁸³

Dando continuidade ao seu pensamento crítico em relação à prática adotada pelos editores de destacarem quase que exclusivamente cartas que tratam de assuntos locais, surgiu a reflexão sobre a exclusão de contribuições que podem vir de fora da região em que opera o meio de comunicação impresso. Tal prática acarretaria, entre outras coisas, o conflito com a visão adotada de que todos merecem ter voz no debate. Nesse contexto, a seletividade torna-se exclusividade em vez de incluir todos aqueles aptos ou interessados na coisa pública.²⁸⁴

Na atualidade, as mídias, no geral, são consideradas cada vez mais peças de entretenimento também. No caso específico de jornais e revistas, é comum encontrar tiras cômicas, caça-palavras e os mais variados jogos e notícias sobre celebridades. No entanto, muitos proprietários de veículos impressos ainda não se atentaram para a necessidade de tornar seus jornais e/ou revistas mais atrativos para um público que também sofre as influências de um mundo em transformação. O entendimento dessa necessidade pode

²⁸² Idem, p. 5-7.

²⁸³ Como exemplo, Wahl-Jorgensen cita o depoimento de um editor sobre os acontecimentos na escola de Columbine, estado do Colorado, em 1999, que deixou 15 mortes. Segundo o depoimento “tudo aquilo com o qual você se identifica torna-se uma questão local”. Cf. Wahl-Jorgensen, 2002, p. 74.

²⁸⁴ Idem.

representar a diferença entre a continuação de um periódico e o sucesso comercial. Atenta a essa questão, a segunda regra que, na visão da autora, configura-se como critério para seleção de cartas para o editor está atrelada a necessidade de entreter o público leitor.

A tendência em direção ao entretenimento do público, tem ocasionado estudos no que diz respeito ao enfraquecimento da discussão pública racional e civilizada em relação à priorização da excitação dos consumidores de jornais e revistas. Como expresso por McNair (2000, p. 198), aqueles mais ortodoxos enxergam shows de debates políticos, por exemplo, como algo sem sentido.²⁸⁵ No entanto, como pontua Wahl-Jorgensen, a utilização de recursos para divertir os leitores passa a ser vista pelos editores como instrumento para fortalecer o interesse para a argumentação de assuntos que dizem respeito à população.²⁸⁶

Editores de cartas têm propensão de escolherem cartas curtas e com tom moderado. Com o espaço do periódico limitado, os editores atualmente preferem possibilitar a participação da maior quantidade de leitores-escritores possível. A quantidade de palavras vista como ideal para os editores gira em torno de 100 a 300. No entanto, alguns profissionais procuram limitar a expressão de opiniões a 150 palavras. Como pode ser notado, a prática privilegia a quantidade em relação à qualidade da expressão individual. Para Wahl-Jorgensen, duas implicações surgem desse fato. Primeiramente, as opiniões que podem ser vistas como mais valiosas para o debate público e que, talvez, demonstrem mais conteúdo são, em grande parte, menosprezadas pelo trabalho de edição que busca inundar as páginas do jornal ou revista de contribuições de seus consumidores. A outra consequência está na dificuldade do leitor em se engajar numa troca de ideias mais detalhada sobre determinada situação. Cartas curtas limitam a discussão. Novamente surge aqui a questão do participante do debate em se focar no que está sendo discutido sem oportunidade de expandir o assunto que pode ter origem ou consequência em outras áreas. Os editores, em sua defesa, argumentam que cartas curtas podem incentivar os leitores a contribuírem para o debate político por despertarem mais interesse que cartas mais extensas. Como descrito por um editor, em outra das entrevistas realizadas pela autora, ao aderir a um debate, alguém só precisa apresentar bem as ideias

²⁸⁵ MCNAIR, Brian. Journalism and Democracy: a millennial audit. In: *JOURNALISM STUDIES*, v. 1, n. 2, 2000, p. 198. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14616700050028208>. Acesso em: 04/05/2019.

²⁸⁶ WAHL-JORGENSEN, 2002, p. 75.

e deixá-las repousar em seus próprios méritos e isso é mais efetivo que algo prolongado.²⁸⁷

A quarta regra, vista como determinante para a seleção de cartas e possível publicação, refere-se ao conhecimento adquirido por determinada pessoa para poder falar sobre um assunto. Embora os editores argumentem que são contrários a qualquer tipo de posicionamento que possa favorecer a publicação de uma ou outra carta, Wahl-Jorgensen aponta que, ainda que inconscientemente, esses profissionais estão inclinados a selecionarem correspondências tendo em vista as tendências do mercado editorial que depende, dentre outros fatores, de eloquência e legibilidade. Tal seletividade segue uma forma de manifestação que é mais visível e outra mais velada. A expressão visível dessa regra da autoridade demonstra que, a inclinação em dar preferência a cartas de pessoas com capacidade para falar de determinado tema, elevaria a excelência da seção de cartas para o editor em relação à capacidade para transcender o interesse próprio e a condição social.²⁸⁸ A segunda manifestação, velada ou oculta, segundo a autora, insere-se na intenção dos profissionais de seleção e edição de cartas para periódicos, em sua predisposição por “cartas que se aderem a padrões culturais de eloquência e expertise”.²⁸⁹ Nesse processo, não basta aos participantes do debate público ter o que falar, mas, também, como falar e, se possível, ser versado no assunto em discussão.

A regra ou critério da autoridade traz consigo dois problemas. Primeiramente, contribui para excluir uma porção considerável de cartas enviadas para a publicação devido à falta de eloquência e bagagem gramatical demonstrada em sua configuração e, posteriormente, por exigir dos colaboradores níveis de competência para argumentar sobre uma questão desejada. Nesse sentido, apesar da retórica da diversidade e do entendimento da seção de cartas como um amplo espaço para exposição e troca de ideias, o que se observa é a prática de se privilegiar pessoas com bagagem intelectual considerada acima da média exigida para a publicação de cartas, revelando, dessa maneira, segundo a autora, “a impossibilidade de deixar inteiramente o status social de fora do fórum público”.²⁹⁰

²⁸⁷ Idem, p. 75-76.

²⁸⁸ Essa prática teria sofrido questionamentos a partir da década de 1990 quando o discurso dos editores era a de incentivar a diversidade do discurso público.

²⁸⁹ WAHL-JORGENSEN, 2002, p. 77.

²⁹⁰ Idem, p. 77.

Outra pesquisadora que também se debruçou sobre a análise da relevância das cartas para o editor é Marisa Torres da Silva. Realizando pesquisas em jornais portugueses, Silva apresenta novas visões e contribuições sobre o tema. Em estudo de caso realizado no jornal *Público*, nos meses de junho e setembro de 2004, a pesquisadora encontrou elementos que corroboram os apontamentos de Wahl-Jorgensen, mas que, também, podem ser questionados.²⁹¹ De acordo com Silva, existem determinações nítidas para que o leitor possa enviar suas opiniões para o jornal como, por exemplo, a exigência de identificação. No entanto, atenta aos procedimentos diários dos profissionais de o *Público*, verificou que boa parte das cartas enviadas por correio ou por fax eram, em sua maioria, excluídas da publicação, dando-se preferência para aquelas enviadas por e-mail. Esse procedimento não está nítido para o leitor-escritor, o que limita consideravelmente a sua participação no debate público. Quanto à extensão das cartas enviadas para consideração, um dado que chama atenção está na pré-disposição do jornal em publicar textos relativamente longos, em comparação ao comentado anteriormente. Segundo análise, 60,3% das correspondências apresentavam de 1500 a 3200 caracteres, revelando, assim, uma abertura do jornal em aprofundar a discussão dos temas em pauta. Ponto de convergência entre as análises está na constatação de que os profissionais do ramo jornalístico dão preferência na escolha de textos escritos por autoridades em determinada área.²⁹²

O que pode ser visto em L4 e em outras correspondências enviadas para *The Crisis* é que, por vezes, sua publicação na seção de cartas não obedeceu necessariamente aos parâmetros mais conhecidos de seleção pelos profissionais responsáveis. Todos os tipos de cartas, com os mais abrangentes assuntos e opiniões, tinham a possibilidade e estiveram nas páginas da revista em determinado momento de sua existência. A carta publicada em junho de 1915, que muito provavelmente teria tudo para ser rejeitada, tendo em vista os parâmetros mais recentes de escolha, foi digna de aparecer nas páginas da

²⁹¹ A metodologia utilizada pela autora consistiu da análise do conteúdo das cartas publicadas ou não, a prática de “observação participante” no jornal, além de entrevistas realizadas com o diretor do jornal e com o editor de correspondências, no intuito de analisar suas percepções sobre a seção, e a análise de discurso que compunham as cartas.

²⁹² SILVA, Marisa Torres da. As “cartas ao director” no jornal *Público*: um estudo de caso. In: LIVRO DE ACTAS-4ª SOPCOM, 2005, p. 1218-1219. Disponível em: <https://bocc.ubi.pt/pag/silva-marisa-cartas-director-jornal-publico.pdf>. Acesso em: 23/01/2017. Em outro trabalho, a pesquisadora apresentou mais detalhadamente critérios utilizados por editores para a publicação de cartas. Para saber mais, ver: SILVA, op. cit., 2014, p. 118-125.

revista. Como se pode ver, a informação contida em suas linhas foi entendida como mais significativa que possíveis erros gramaticais ou erudição requeridos para isso.

Nas demais cartas selecionadas para esse tópico, pode-se atestar também a ocorrência de uma característica questionada quanto à publicação de cartas. A necessidade de identificação dos leitores-escritores de cartas nem sempre era empregada nas correspondências que estamparam as páginas de *The Crisis*. E isso, por mais estranho que pareça, era algo recorrente, não apenas nessa, mas, em outros veículos de imprensa.

Prática considerada regra atualmente, a necessidade das cartas virem com os dados para a identificação dos remetentes, trazendo informações como o nome e o endereço para contato, é vista como um dos aspectos mais básico e essencial para que o jornal ou revista considere uma correspondência apta para ser publicada em suas páginas. Essa medida pode ser entendida como uma forma dos periódicos de evitarem problemas futuros com processos e funciona como mais um argumento que exemplifica o caráter democrático atribuído aos meios de comunicação. Contudo, num período não muito distante de nós, o ato de enviar correspondências para jornais, em que os verdadeiros nomes eram omitidos, era algo considerado como comum. Em grande parte, isso se devia à necessidade de autoproteção em momentos de crise e contestação. Um dos exemplos mais conhecidos está relacionado com alguns do “pais fundadores” dos Estados Unidos, Benjamim Franklin e Thomas Paine. Benjamim Franklin recorreu ao pseudônimo *Silence Dogood* e criticava de forma cômica aspectos da vida nas colônias britânicas. Paine, por sua vez, em vista do clima de tensão que se avolumava, escreveu entre 1775-1776 um panfleto que advogava uma revolta dos colonos com o objetivo de se separarem dos ingleses. Esse panfleto e o pseudônimo utilizado por Paine, *Common Sense*, é considerado o “mais incendiário e popular de toda era revolucionária” por adotar uma linguagem mais simples com vistas a alcançar camadas mais populares da sociedade.²⁹³

Com o passar do tempo e com a relativa garantia do direito de livre expressão, os jornais começaram a regulamentar o envio de cartas que não eram assinadas. De acordo com Reader (2005, p. 65), grandes jornais americanos ainda permitiam cartas sem identificação, caso do *The New York Times*, que executou tal medida, até os anos 1930. Outros, como o *Chicago Tribune* e o *Los Angeles Times*, aceitavam cartas dos leitores

²⁹³ WOOD, Gordon S. *The American revolution: a history*. New York: Modern Library, 2002, p. 55.

apenas com as iniciais, até os anos 1960.²⁹⁴ Contudo, durante os anos 1950 e 1960, editores começaram a publicar artigos que chamavam a atenção para a restrição de cartas anônimas por considerá-las escritas por excêntricos ou desvairados com discursos sem sentido, ou puramente egoístas.²⁹⁵

Mesmo que a tendência não seja mais para a aceitação de cartas anônimas, algumas considerações foram feitas em relação ao conteúdo e utilidade pública que elas podem trazer. Um dos pesquisadores que mais se debruça sobre o tema é Bill Reader. Nas discussões desenvolvidas sobre o tema, o pesquisador argumenta que 35,1% de pessoas que nunca escreveram cartas para o editor, escreveriam se seus nomes não fossem divulgados com suas cartas.²⁹⁶ A exclusão, quase imediata das correspondências, não permite uma análise do conteúdo contido nelas, o que pode contribuir para barrar o desenvolvimento de debates relevantes para o contexto social.

Muitas das práticas que justificam a rejeição de cartas enviadas pelos leitores são entendidas como procedimentos padronizados de ética profissional para manter a sua seção a mais confiável possível. Contudo, de acordo com Reader (2005, p. 64), as justificativas para rejeitar cartas sem identificação, talvez, estejam menos relacionadas com a busca por argumentos apoiados em evidências e mais voltada para um “impulso tendencioso contra opiniões anônimas”.²⁹⁷ Mais uma vez, aqui, pode-se verificar como as atividades realizadas na sala de edição de cartas dos leitores a serem publicadas interferem consideravelmente na retórica da livre expressão de ideias. Não se pode esquecer que os profissionais do jornalismo também estão preocupados com a receptividade e o sucesso de seu empreendimento. Como descrito por um editor, na década de 1960, o leitor comum não aprecia cartas com pseudônimos, como “um cidadão observador” ou “um leitor”. Esse tipo de característica parece transmitir a noção de que o escritor não tem a coragem suficiente para se identificar no momento de expor suas opiniões.²⁹⁸

²⁹⁴ READER, Bill. An Ethical “Blind Spot”: Problems of Anonymous Letters to the Editor. In: *JOURNAL OF MASS MEDIA ETHICS*, v. 20, n. 1, 2005, p. 65. Disponível em: https://doi.org/10.1207/s15327728jmme2001_5. Acesso em: 03/05/2019.

²⁹⁵ Idem, p. 65.

²⁹⁶ READER, Bill; Stempel III, Guido H.; DANIEL, Douglas K. Age, Wealth, Education Predict Letters to Editor. In: *NEWSPAPER RESEARCH JOURNAL*, v. 25, n. 4, Fall, 2004, p. 62. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/073953290402500406>. Acesso em: 03/05/2019.

²⁹⁷ READER, 2005, p. 64.

²⁹⁸ Idem, p. 66.

Ainda que cartas não cheguem assinadas ou com outros tipos de dados para identificação, elas podem ser levadas em conta para a ampliação dos temas que precisam ser debatidos pela sociedade. Segundo seu entendimento, Reader argumenta que tal prática pode ter a capacidade de encorajar cidadãos a discutirem assuntos criticando o governo e, da mesma maneira, possibilitando que uma quantidade maior de pessoas tenha condições de adentrar as esferas de discussão dos assuntos públicos.²⁹⁹ Nesse aspecto, o autor critica e chama atenção para a necessidade de os editores estarem abertos para uma possível consideração em relação às cartas não assinadas. Em entrevistas com editores de diversos jornais dos Estados Unidos, Reader identificou que alguns estão levando em conta a discussão sobre a publicação ou não dessas cartas.³⁰⁰ Determinados motivos podem ser utilizados para que algumas correspondências sejam publicadas sem a devida identificação dos leitores-escritores. As causas estão contidas nos prováveis riscos que o teor de várias cartas traz para seu autor, pois podem ter sido vítimas de crimes ou servidores públicos tentando denunciar irregularidades em suas profissões. Nesse sentido, a possibilidade de cartas ao editor serem publicadas sem dados para verificar a autoria das mesmas apresenta certa simpatia dos profissionais do jornalismo.³⁰¹ Contudo, a tendência ainda é para a aversão a cartas não assinadas.

Cartas sem identificação não transmitem respeitabilidade tanto para os editores quanto para os leitores. Cartas anônimas são entendidas como algo sem importância, escritas pelos mais diversos tipos de pessoas consideradas, atualmente, como “mal resolvidas”, sempre dispostas a reclamarem de tudo e exporem suas ansiedades e deficiências. Entretanto, outra percepção que permeia as argumentações dos editores de cartas é que aqueles que merecem participar do discurso público são pessoas que estão dispostas a se exporem e fortalecer os preceitos democráticos, pois, conforme a resposta de um editor, “parte do debate é quem eles são” e isso se configura em “uma parte

²⁹⁹ Ibidem.

³⁰⁰ Em sua discussão, Reader faz uma distinção entre cartas anônimas, aquelas sem identificação, mas que o autor não faz menção alguma sobre o motivo da ausência de dados, e cartas não assinadas, que são aquelas que podem conter a identificação do escritor, mas que este por algum motivo não quer que seja divulgado. Cf. Idem, *ibidem*, p. 68.

³⁰¹ READER, 2005, p. 68. Em trabalho anterior, Reader (e outros colaboradores) já havia apontado para características que dificultavam a participação dos leitores em escreverem cartas para o editor. Dentre os grupos que apresentavam restrições em participar do debate público estavam mulheres (mais suscetíveis a sofrerem discriminação no local de trabalho, assédio sexual e violência doméstica), pessoas mais jovens (pelo temor de prejudicarem sua vida profissional) e moradores de grandes cidades (por receio de passarem por algum tipo de represália pelo alto índice de criminalidade nelas). Cf. READER, et al., 2004, p. 64.

importante da democracia”.³⁰² Além dessas questões, existe a afirmação pela credibilidade e responsabilidade que, segundo o entendimento de alguns editores, faz com que cartas com identificação encorajem os possíveis escritores a utilizarem argumentos sérios, plausíveis e passíveis de verificação.³⁰³

O tema sobre a necessidade de identificação nas cartas enviadas para jornais e revistas com a finalidade de expor opiniões dos leitores é problemático. Como podemos ver, alguns profissionais do jornalismo discutem e aparentam “relevar” essa defasagem em determinadas situações, dentre elas, aquelas que podem trazer risco para o autor ou considerando as suas “boas” intenções. Contudo, a maioria não segue o mesmo caminho e prefere evitar maiores preocupações, excluindo de imediato as cartas impossibilitadas de identificação enviadas para os periódicos em que trabalham. Essa medida, pode contribuir para não proporcionar o desenvolvimento de debates relevantes no que se trata da análise da sociedade. Não muito tempo atrás, era aceitável a publicação de cartas sem dados sobre seus autores ou com a utilização de pseudônimos. Tal procedimento se dava em épocas de questionamentos em que a própria vida dos escritores poderia ser ameaçada. Ainda que a liberdade de expressão tenha se estendido ao longo dos anos, ninguém está completamente isento de sofrer algum tipo de coação e esse fator deve ser considerado ainda que contrariando o posicionamento dominante.

Nas três primeiras cartas trabalhadas no tópico, pode-se atestar a vigência dessa prática, sendo uma apresentando um pseudônimo, (L1 – An Episcopal Clergyman), e outras duas em que os nomes dos escritores foram omitidos, de maneira que em L3, o autor tenha solicitado o fato. Em L4, que apresenta a escrita mais problemática, o nome veio impresso juntamente a carta.

Como mencionado, correspondências publicadas sem identificação nas páginas de *The Crisis* eram ocorrências constantes. Na impossibilidade de se apresentarem integralmente e desejando expressar suas queixas, opiniões ou outras intenções, cidadãos encontraram em veículos de imprensa como a revista da NAACP uma maneira de chegar às residências de pessoas que poderiam estar passando pelos mesmos problemas que eles ou que tivessem a capacidade de proporcionar algum tipo de alívio para seus males. Ainda que, acreditamos, diversas outras cartas tenham deixado de estampar as páginas da revista, o fato de não serem esteticamente elaboradas não era o determinante primordial

³⁰² READER, 2005, p. 69.

³⁰³ Idem.

para que sua inclusão não tenha acontecido. Nesse processo, seu valor intrínseco precisa ser tomado como a significação máxima de sua existência e os responsáveis pela seção de cartas, naquele momento, podem ser tidos como mais interessados em seu conteúdo que em sua forma, fazendo valer as prerrogativas contidas na razão de ser da revista estabelecida no Editorial de seu primeiro número, em que dizia: “O objetivo dessa publicação é expor aqueles fatos e argumentos nos quais mostram os perigos do preconceito racial, como particularmente manifestado hoje em direção ao povo negro”.³⁰⁴

³⁰⁴ DU BOIS, W. E. B. The Crisis. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 1, p. 10, Nov. 1910.

Capítulo 3 - O trabalhador afro-americano no Sul: cartas de desespero e esperança

3.1 – Peonagem: os persistentes grilhões da escravidão

Quando o afro-americano Pink Franklin, até então com 25 anos, entrou em contato com a secretária da jovem NAACP, Frances Blascoer, em 5 de dezembro de 1910, para saber do andamento de seu caso, ele não tinha ideia do que a sua situação, apenas mais uma de exploração do trabalho Negro, teria para a Associação. O jovem trabalhador rural, condenado pouco mais de três anos antes por matar um homem da lei, Henry Valentine, tinha como intenção se livrar do nó sufocante destinado a ele no cadafalso. Porém, os motivados ativistas da Associação tinham uma visão mais ampla e empreenderam uma militância que seria histórica para eles e para a sociedade estadunidense com um todo.

As poucas, confusas e amistosas palavras de Franklin para Blascoer refletiam a esperança de que em pouco tempo ele estaria de volta aos braços de sua família e amigos. Dentre os rabiscos que podem ser identificados de sua carta escrita da prisão estadual de Colúmbia, estado da Carolina do Sul, tem-se uma ideia de como o afro-americano ansiava pela definição de sua sentença. Após as saudações com que se dirigiu à Blascoer, Franklin pareceu informar que não estava tão bem no momento, mas que ainda tinha vida e esperava que, assim que aquela carta chegasse as mãos da secretária da NAACP, a encontrasse em boa saúde. Em sua humildade, Franklin informou que se sentia como um servo de Blascoer e se desculpou caso tenha “falado” de forma errônea. Caminhando para o fechamento da correspondência e devido à falta de coerência em se expressar, duas suposições podem ser levantadas. A primeira, talvez, uma espécie de alerta a si mesmo para que não deixasse de incluir um dado em sua carta e a segunda, uma vontade de esquecer de contar algo (“... *i like to forget to tell you...*”). Esse dado seria a visita que recebeu de duas pessoas, uma delas, ao que tudo indica, foi Claude Sawyers, advogado branco que se juntou ao caso e contribuía com a NAACP para reverter a sentença de Franklin. Suas palavras de encerramento parecem indicar que ele tinha consciência de que seu tempo estava próximo.

A resposta enviada pela secretária da NAACP, Frances Blascoer, como não poderia deixar de ser, tinha a dupla função de esclarecer sobre os procedimentos que estavam sendo tomados para a preservação de sua vida, mas, também, a intenção de amenizar a angustiante espera que significava literalmente, para Franklin, sua vida ou sua

morte. Dentre suas palavras, Blascoer teria esperado, até aquele momento, para escrever, pois, aguardava informações mais positivas para reportar ao trabalhador afro-americano. Contudo, desejou que o ano que estava por se iniciar lhe trouxesse uma nova esperança de vida. Blascoer, numa informação que pode ser vista como excessivamente esperançosa para um homem que aguardava definições acerca de seu direito de viver, transmitiu à Franklin que o governador do estado, na época, Martin F. Ansel, tinha a tendência a comutar a pena antes de deixar o cargo, no início de janeiro do próximo ano. Outras informações deixavam claro que várias pessoas estavam fazendo o seu melhor para a conquista do objetivo proposto e que ela esperava ouvir do próprio Franklin que ele estava muito bem.

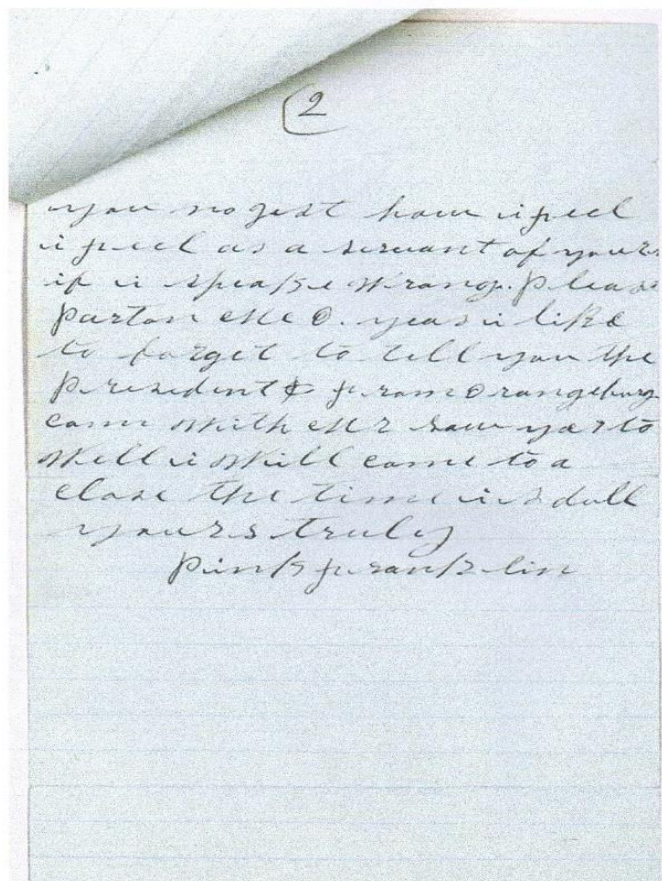
Imagem 15: Primeira parte da carta enviada por Pink Franklin para a secretária da NAACP, Frances Blascoer, em 05 de dezembro de 1910.

F

Columbia S.C.
 December 5 - 1910
 Miss Frances Blascoer
 New York City
 20 Emy Street
 Miss Frances My dear
 friend I sat my self to
 write you a few lines to
 let you know how I am get
 ting along I am not so
 well at present but I
 am up still going and
 I do hope when these few
 words reach you's hands
 it will find you all
 well and in good health
 and tell all my friends
 Hardy for me and I also
 see Mr. Sawyer an
 man. 30 Miss Frances

Fonte: www.loc.gov/exhibits/naacp/founding-and-early-years.html#obj13.

Imagem 16: Segunda parte da carta enviada por Pink Franklin para a secretária da NAACP, Frances Blascoer, em 05 de dezembro de 1910.

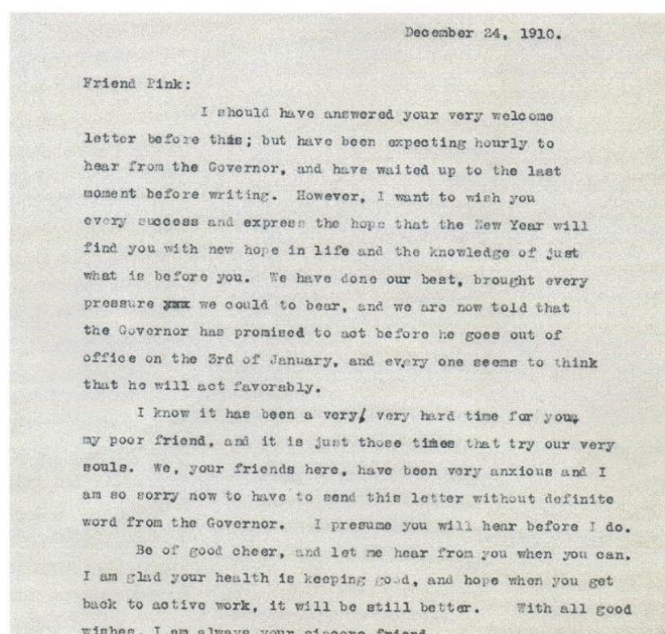


2

you no just have i feel
 i feel as a servant of yours
 if i please arrange please
 parton the 0. year i like
 to forget to tell you the
 president & from Orangeburg
 came with the saw yard to
 shell i still came to a
 class the time i dull
 yours truly
 Pink Franklin

Fonte: www.loc.gov/exhibits/naacp/founding-and-early-years.html#obj13.

Imagem 17: – Carta enviada pela secretária da NAACP, Frances Blascoer, para Pink Franklin, em 24 de dezembro de 1910.



December 24, 1910.

Friend Pink:

I should have answered your very welcome letter before this; but have been expecting hourly to hear from the Governor, and have waited up to the last moment before writing. However, I want to wish you every success and express the hope that the New Year will find you with new hope in life and the knowledge of just what is before you. We have done our best, brought every pressure ~~you~~ we could to bear, and we are now told that the Governor has promised to act before he goes out of office on the 3rd of January, and every one seems to think that he will act favorably.

I know it has been a very, very hard time for you, my poor friend, and it is just those times that try our very souls. We, your friends here, have been very anxious and I am so sorry now to have to send this letter without definite word from the Governor. I presume you will hear before I do.

Be of good cheer, and let me hear from you when you can. I am glad your health is keeping good, and hope when you get back to active work, it will be still better. With all good wishes, I am always your sincere friend

Fonte: www.loc.gov/exhibits/naacp/founding-and-early-years.html#obj14.

Mas como o afro-americano Pink Franklin foi submetido a uma situação tão extenuante e desesperadora como a que ele estava enfrentando? A resposta para essa pergunta está inserida na existência de uma das formas de trabalho compulsório que se espalharam pelo Sul dos Estados Unidos após a Guerra de Secessão e, apesar de terem sido estabelecidas medidas para contê-la, estendeu-se até, no mínimo, a primeira metade do século XX. Essa forma de trabalho compulsório, conhecida como peonagem, teria se originado primeiramente entre as colônias espanholas, encontrando no México um dos seus maiores expoentes.³⁰⁵

O sistema de trabalho compulsório conhecido como peonagem pode ser basicamente descrito como uma forma de trabalho em que o débito ou o endividamento está na base do processo.³⁰⁶ Seu início se dá a partir do momento em que um indivíduo se apropria de um adiantamento em dinheiro ou um bem e em troca se prontifica a exercer determinado serviço a fim de sanar a dívida. Porém, devido a fatores que, muitas vezes, não estão sob seu controle, é incapaz de quitar o montante adquirido.³⁰⁷ O endividamento se desenrola em uma espiral sem precedentes. Surge, então, uma condição em que o trabalhador parece estar atrelado formal ou informalmente ao seu empregador, de maneira que deixar tal condição se torna quase impossível. Mais do que se apropriar de uma força de trabalho sempre disponível a exercer suas determinações, os empregadores contam com grande liberdade para definir todas as prerrogativas que condicionam o efetivo exercício da atividade laboral do trabalhador, dando contornos a uma espécie de relação de servidão.

Os Estados Unidos tiveram sua experiência com o sistema de peonagem bem antes do conflito civil. A incorporação dos territórios do Novo México e da Califórnia, em 1848, decorrentes da vitória sobre o México na Guerra Mexicano-Americana, ocorrida entre os anos de 1846-1848, apresentou ao país algumas das características que seriam empregadas mais tarde pelos estados sulistas. Já em posse do governo norte-americano, esses territórios foram “agraciados” com normas e leis que procuraram regulamentar a

³⁰⁵ Para saber mais sobre o desenvolvimento desse sistema de trabalho compulsório na América do Norte, ver: RESÉNDEZ, Andrés. North American Peonage. In: *JOURNAL OF CIVIL WAR ERA*, v. 7, n. 4, Crises of Sovereignty in the 1860s: A Special Issue, Dec. 2017, pp. 597-619. University of North Carolina Press. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.2307/26381478>. Acesso em: 16/08/2021.

³⁰⁶ CARPER, N. Gordon. Slavery Revisited: Peonage in the South. In: *PHYLON (1960-)*, v. 37, n. 1, 1st Qtr., 1976, p. 85. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/274733>. Acesso em: 17/08/2021.

³⁰⁷ Os fatores podem variar desde condições climáticas adversas ou juros extremamente altos que contribuem para a inadimplência dos trabalhadores submetidos a esta condição de trabalho.

prática de servidão, durante a década de 1850. Como exemplos, na Califórnia, qualquer cidadão, geralmente branco, podia denunciar nativos que fossem vistos perambulando e visivelmente sem condições de se manter. Os mesmos seriam disponibilizados a um contratante que oferecesse a maior quantia e deveriam prestar serviços por um determinado prazo. No Novo México, após o estabelecimento de um contrato, tido como voluntário por ambas as partes, a lei exerceria sua função em garantir os direitos dos senhores que podiam, até mesmo, requisitar a captura de um servo em todo o território nacional caso esse quebrasse o contrato.³⁰⁸

Após a Guerra Civil Americana, os estados sulistas se apoiaram muito nas prerrogativas que já existiam no México para se readequar as novas realidades trazidas pela derrota no conflito. Os Códigos Negros foram uma primeira tentativa para manter a mão-de-obra negra sob o domínio dos senhores de terras sulistas, com limitações, dentre outras, em sua liberdade de circular em determinados horários sem uma devida autorização de seu patrão.³⁰⁹ Contudo, o estabelecimento da Décima Terceira Emenda, em 1865, e a aprovação de uma legislação que tratava especificamente da peonagem, a *Peonage Act*, de 1867, demandaram muita habilidade para que os sulistas não contrariassem diretamente essas duas determinações.³¹⁰ Para isso, procuravam trabalhar nas possíveis brechas que essas leis deixaram, como a prerrogativa de que um cidadão não poderia ser submetido a trabalhos compulsórios a menos que tenha sofrido o devido processo legal.³¹¹ A partir de então, uma série de determinações estaduais se proliferou pelo Sul do país objetivando a exploração de indivíduos menos afortunados, mas que com o passar do tempo, visivelmente tinha como alvo os afro-americanos.

As estruturas que possibilitaram a proliferação da peonagem no Sul dos Estados Unidos foi o resultado inegável de eventos históricos. A economia de *plantation* que contava com a necessidade de mão-de-obra escrava resultou no domínio do indivíduo branco sobre o negro. Ainda que o sistema escravista tivesse sido abolido, graves problemas se espalharam pela região de maneira que, mesmo com suas instituições destruídas, precisava se adequar aos ditames do sistema capitalista industrial que não leva

³⁰⁸ RESÉNDEZ, op. cit. p. 602-603.

³⁰⁹ MCCASLIN, Nancy A. Black Codes In: ALEXANDER, Leslie M.; RUCKER, Walter C. (Eds.). *Encyclopedia of African American History*. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2010, p. 651-652.

³¹⁰ Para conhecer mais sobre essa legislação, ver: *Anti-Peonage Act of 1867*. Disponível em: https://www.statutesandstories.com/blog_html/peonage-act-of-1876/.

³¹¹ RESÉNDEZ, op. cit., p. 608.

muito em conta a divisão racial quando o objetivo é a exploração. As questões raciais e os sentimentos remanescentes da guerra contribuíram para o cenário pelo qual o Sul seria lembrado até os dias de hoje.³¹²

Mesmo que fatores históricos tenham sua responsabilidade para a configuração e fortalecimento da peonagem no Sul dos Estados Unidos, deve-se levar em conta que os costumes locais também têm forte papel não apenas nessa categoria de trabalho compulsório, mas em várias outras que estiveram presentes na região. De acordo com Cohen (1976), a convivência da sociedade sulista foi determinante para que indivíduos e governantes locais pudessem compelir o trabalhador negro estadunidense a realizar trabalhos contrários à sua vontade, mesmo sem as devidas justificativas legais. E isso incluía a ausência de débito para a existência de uma condição de servidão.³¹³ Para o autor, peonagem era apenas mais uma dimensão de um sistema maior de servidão involuntária que tinha suas raízes em leis e permaneceu como a mais relevante.³¹⁴

A condição de peonagem, como foi apresentada, tem como elemento constituinte a prerrogativa de alguma espécie de débito do empregado devida ao empregador. Num primeiro momento, tem-se a impressão de que o processo se desenrola de maneira direta entre esses dois principais interessados. Porém, o que se observou, nas décadas finais do século XIX, no Sul dos Estados Unidos, foi a aplicação de um sistema que contava com diversos elementos e instituições para fazer com que o afro-americano passasse a ser visto apenas como uma ferramenta de trabalho. Empresários, fazendeiros, políticos, autoridades judiciais e policiais se uniram em um dos esquemas mais sórdidos de exploração de seres humanos. A combinação entre diferentes tipos de estratégias, como o estabelecimento de leis de vadiagem (*vagrancy laws*), presentes nos estados sulistas antes mesmo da secessão e reestruturados nas décadas seguintes, e o sistema de fiança (*surety system*), também com raízes que remontam ao período anterior ao conflito civil, proporcionou mais um meio para que o trabalhador caísse nas garras da servidão involuntária. Por meio dessa maquinação, indivíduos processados por delitos leves eram

³¹² CARPER, op. cit., p. 87.

³¹³ COHEN, William. Negro Involuntary Servitude in the South, 1865-1940: A Preliminary Analysis. In: *THE JOURNAL OF SOUTHERN HISTORY*, v. 42, n. 1, Feb., 1976, p. 31-32. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2205660>. Acesso em: 16/08/2021.

³¹⁴ Idem, p. 53. O autor expõe diversos outros tipos de trabalhos coercitivos e muitos que, de uma forma ou outra, conduziam à condição de peonagem. Algumas das estratégias utilizadas tinham como objetivo não apenas limitar a liberdade de opções de trabalhadores negros, mas de brancos, também, como restrições ao aliciamento de trabalhadores.

submetidos a consideráveis multas que eram pagas por pessoas interessadas em obter uma fonte de trabalho barata por meio de um contrato em que o trabalhador se comprometia a ressarcir o montante empregado em sua soltura.³¹⁵

Com o passar do tempo, os casos de peonagem foram se avolumando e os mais absurdos relatos chamaram a atenção de autoridades federais dispostas a torná-los públicos e a debater sua existência. Dois dos casos mais repugnantes aconteceram nos estados da Flórida e da Geórgia, entre os anos de 1921 e 1922. Na Flórida, o negócio de terebentina, comandado por Alston Brown, tinha como maior número de trabalhadores, afro-americanos conseguidos pelo esquema de *convict-lease*, em que o trabalhador era literalmente “arrendado” para um empresário, ou por peonagem. Durante o processo de investigação, foi constatada a participação do juiz do Condado de Dixie, W. H. Matthis, que auxiliava Brown no recrutamento de homens e mulheres inocentes. Dentre os relatos obtidos de trabalhadores e seus familiares, verificou-se que, apesar de anos trabalhando, alguns ainda deviam quantias consideráveis e que caso trabalhadores morrerem no local, seriam enterrados ali mesmo sem que os familiares tivessem qualquer conhecimento. Agressões e estupros, inclusive de adolescentes, também fizeram parte do tratamento dispensado aos trabalhadores no empreendimento de Alston Brown.³¹⁶

O outro caso, ocorrido no Condado de Jasper, foi resultado de investigações mais incisivas e sentenças mais concretas do governo federal em acabar com as práticas de peonagem e outras estratégias de apropriação do trabalho afro-americano. Temendo ser condenado por práticas de peonagem, o fazendeiro, John S. Williams, juntamente com seu homem de confiança, o afro-americano, Clyde Manning, colocaram em prática um plano que ocasionou o assassinato de onze trabalhadores negros. Após as investigações, os dois foram condenados por assassinato e sentenciados à prisão perpétua.³¹⁷

Casos anteriores já haviam sido reportados a diversos órgãos federais, resultando em decisões que demonstravam notoriamente as violações legais. Contudo, nem sempre os vereditos, por mais certos que pudessem parecer, significavam a condenação dos criminosos. Artimanhas orquestradas pela imprensa sulista e homens de negócios locais,

³¹⁵ Ibidem.

³¹⁶ CARPER, op. cit., p. 94-96.

³¹⁷ COHEN, op. cit., p. 54-55. Para saber mais sobre esse ocorrido, ver: FREEMAN, Gregory A. *Lay this body down: the 1921 murder of eleven plantation slaves*. Chicago: Laurence Hill Books, 1999 e THORBURN, Mark. *John S. Williams and Clyde Manning Trials: 1921*. Encyclopedia.com. 2019. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/law/law-magazines/john-s-williams-and-clyde-manning-trials-1921>.

muitas vezes, conseguiram livrar os acusados das condenações.³¹⁸ Para que um caso tivesse mais probabilidade de encontrar êxito nos tribunais, era necessário que demandasse consideráveis recursos financeiros e despertasse a atenção para a situação de peonagem e outras formas de trabalho que subjugavam a liberdade do afro-americano. Nesse aspecto, o caso de maior destaque foi o de Alonzo Bailey, que se iniciou em 1908 e terminou em 1911 com a decisão na Suprema Corte dos Estados Unidos ratificando a legalidade do Ato Anti-Peonagem, de 1867. O caso de Bailey deveria ser aquele a exemplificar que a prática de peonagem no país era ilegal. Porém, os exemplos descritos acima, que remontam a década de 1920, demonstram como a atividade estava em vigor apesar dos esforços para combatê-la. Essa prática também chamou a atenção da NAACP, dos colaboradores de *The Crisis* e de seu público leitor, que externou suas considerações em cartas enviadas para a revista.

3.1.1 – Peonagem em destaque: Pink Franklin e outros relatos de uma questão nacional

A peonagem por débito e demais eventos que a circundavam foram objeto de atenção dos membros da NAACP desde seus anos iniciais e estiveram presentes nas primeiras páginas do órgão de publicidade da Associação. O caso que mais permeou as primeiras edições de *The Crisis* foi justamente o de Pink Franklin, ocorrido na Carolina do Sul, em julho de 1907.

Pink Franklin, como vários outros trabalhadores afro-americanos do Sul do país, apenas contava com sua força de trabalho para suprir suas necessidades e de sua família. Foi então que, em 1906, Franklin e o fazendeiro Jake Thomas firmaram um acordo para que o trabalhador exercesse suas atividades em sua propriedade. Porém, Thomas teria exigido que o afro-americano assinasse um contrato de trabalho.

Após a colheita e um novo plantio de algodão na propriedade de Thomas, os dois não chegaram a um acordo sobre questões econômicas, pois Thomas não estava disposto a adiantar mais alimentos ou dinheiro a Franklin, naquele momento. Franklin, então, decidiu partir e trabalhar para o agricultor Charles Spires que já era conhecido da família de Franklin. Pouco tempo depois, em 25 de maio de 1907, Thomas entrou com uma

³¹⁸ CARPER, op. cit., p. 91.

solicitação para que Franklin fosse preso alegando que o afro-americano tinha rompido o contrato de trabalho deixando dívidas pendentes. Suas argumentações foram atendidas obedecendo ao código criminal do estado estabelecido em 1904. Em 29 de julho, dois policiais foram ao encontro de Franklin. Um deles, Henry Valentine, invadiu sua casa, foi ao quarto do casal, deu a ordem de prisão e atirou. Franklin foi atingido no ombro direito, mas revidou o ataque ferindo mortalmente Valentine. Franklin fugiu alegando que não conhecia a pessoa que tinha alvejado. Sua fuga também significava preservar sua vida, pois tamanha audácia de um afro-americano, mesmo em legítima defesa, significava morte certa nas mãos de brancos que procuravam manter a ordem social vigente.³¹⁹

Franklin foi convencido pelo ex-senador Stanwix Mayfield a se entregar. Começava então uma verdadeira batalha para que o afro-americano fosse mantido vivo tanto antes quanto depois do julgamento. Nesse processo, um notável exército de indivíduos influentes e outros nem tanto se formou para expor a questão da opressão em que estava submetido o afro-americano naquela região do país. Figuras políticas como o próprio Mayfield, o governador do estado na época, Martin F. Ansel, os advogados afro-americanos Jacob Moorer e John Adams foram os primeiros a simpatizarem com a causa. Posteriormente outras pessoas de renome e instituições se interessaram pelo caso e deram suas contribuições. Dentre eles estavam o ex-procurador Geral dos Estados Unidos, Charles J. Bonaparte, a Constitution League, fundada em 1904, cujo propósito era questionar e reverter possíveis transgressões à Constituição Federal, e a recém-formada NAACP.

Em um julgamento rápido, Franklin foi condenado a morrer pela força, em 25 de outubro de 1907. Por apelações contra o veredito, a sentença foi sendo adiada até que foi repassada para a Suprema Corte do país, que manteve a condenação de Franklin, por considerar que nenhuma lei federal tinha sido desrespeitada.³²⁰ Não restando alternativas, os membros da NAACP começaram a articular uma petição para que a pena fosse convertida. De acordo com Burke, importante papel para essa articulação foi de Frances Blascoer que teria viajado para o estado da Carolina do Sul e entrado em contato com

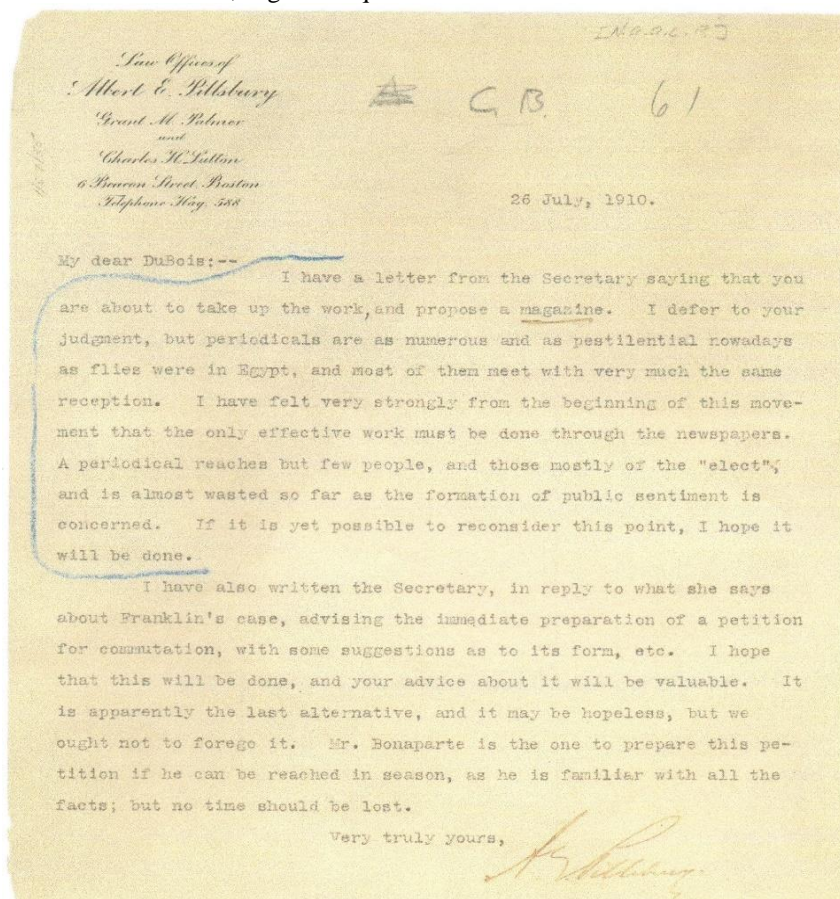
³¹⁹ BURKE, W. Lewis. Pink Franklin v. South Carolina: The NAACP's First Case. In: *AMERICAN JOURNAL OF LEGAL HISTORY*, v. 54, n. 3, p. 265-302, 2014. Disponível em: https://scholarcommons.sc.edu/law_facpub. Acesso em: 30/06/2022.

³²⁰ Para saber mais sobre as decisões da Suprema Corte do estado da Carolina do Sul e da Suprema Corte dos Estados Unidos no caso de Pink Franklin, ver respectivamente: <https://www.casemine.com/judgement/us/5914cee8add7b0493481da87#> e <https://tile.loc.gov/storage-services/service/ll/usrep/usrep218/usrep218161/usrep218161.pdf>.

lideranças regionais, jornalistas, o próprio Franklin e seus advogados para persuadi-los a deixarem o caso, pois se acreditava teriam mais chances de obterem o resultado maior, que era preservar a vida de Franklin, se eles não estivessem envolvidos.³²¹ Após um breve, mas intenso momento de apreensão, o governador Ansel reverteu a sentença para prisão perpétua, em 5 de janeiro de 1911. Através de novas campanhas e ações de outros governadores, Franklin passou à liberdade condicional em janeiro de 1919.

Sejam por motivos religiosos e talvez paternalistas, como os de Mayfield, questionamentos sobre a privação de direitos como os pretendidos por Moorer, dentre outros, todos esses sujeitos superaram suas desavenças para manter a vida de Franklin. Para a jovem instituição de menos de dois anos, foi um tremendo aprendizado, pois significou uma primeira evidência da força de cooperação entre brancos e negros.³²²

Imagem 18: Carta enviada por Albert E. Pillsbury para Du Bois, solicitando seu auxílio para a elaboração de uma petição com o objetivo de comutar a pena do afro-americano Pink Franklin. Nota-se também, na primeira parte do documento, a opinião contrária de Pillsbury sobre a criação de uma revista para a NAACP, sugerindo que Du Bois reconsiderasse o ato.



Fonte: <http://credo.library.umass.edu/view/full/mums312-b004-i007>.

³²¹ BURKE, op. cit., p. 294.

³²² Idem, p. 300.

Essa primeira experiência também pode ter deixado sua marca no que se refere às intenções da NAACP em procurar atingir objetivos de maneira mais pacífica, diferente de outras instituições do período. Ao se alcançar o que foi inicialmente pretendido – a alteração da pena e a garantia de que Franklin continuaria vivo –, seus integrantes, grande parte progressistas e pacifistas procuraram não convulsionar ainda mais as relações raciais no país, preferindo agir por meios legais, passeatas, encontros anuais, panfletagens, exposição via matérias publicadas em *The Crisis*, etc. Talvez por isso, também, sua imagem tenha sido relacionada a abordar questões de classe média sendo, muitas vezes, criticada como pacífica demais como relatado no caso sobre os protestos contra o filme *O Nascimento de Uma Nação*, de 1915.

O caso Pink Franklin já estava em andamento quando a NAACP e a revista *The Crisis* foram estabelecidas. Contudo, apesar de o resultado ter saído três meses após a sua fundação, o caso apareceu por diversas vezes na revista. E não apenas esse evento esteve presente. Os mais diversos relatos de peonagem e a participação dos leitores contribuíram para evidenciar como a situação era conhecida e alarmante no país, no início do século XX.

A história de Pink Franklin apareceu na revista *The Crisis* em seu número de estreia. Ela veio acompanhada de outro relato de violência ligado às questões trabalhistas e as duas apareceram na seção “The Burden”. O texto intitulado “Steve Green’s Story” (“A História de Steve Green”), semelhante ao de Franklin, foi muito mais detalhado e mereceu meia página, enquanto a de Franklin, que recebeu o nome de “The Pink Franklin Case” (“O Caso Pink Franklin”), teve que dividir o restante da página com mais dois pequenos textos.³²³ Acreditamos que o relato mais detalhado do caso de Steve Green, ocorrido no Arkansas, no início de março de 1910, tenha merecido maior atenção pelo fato de Green ter vivenciado uma odisséia em sua fuga. Além de ter sido alvejado três vezes e de ter matado seu antigo patrão, conseguiu ajuda de afro-americanos durante sua fuga até alcançar proteção na cidade de Chicago, no mês de agosto. Lá, ele foi denunciado, por incrível que pareça, por outro afro-americano, mas a considerável comunidade negra de Chicago se uniu para contratar advogados, conseguir um *habeas corpus* e telegrafar por todo o caminho, enquanto Green estava sendo reconduzido para o

³²³ No total, o relato sobre Steve Green contou com 61 linhas enquanto a de Franklin ficou condensada em apenas 20. Os outros dois textos da seção não receberam títulos. Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 1, p. 14, Nov. 1910.

Arkansas, onde uma multidão enfurecida o esperava. Foi nesse processo que o xerife da cidade de Cairo, Fred D. Nellis, reconduziu Green em segurança até Chicago. Ao que tudo indica, Green teria conseguido chegar ao Canadá com ajuda de membros negros da cidade. O que pode ter contribuído, também, para uma maior atenção nesse caso em particular, é a participação de Ida B. Wells-Barnett, membro influente da comunidade afro-americana de Chicago, ativista e uma das fundadoras da NAACP, que estava por dentro dos fatos.³²⁴

No pequeno relato sobre Franklin, foram apresentadas as informações mais relevantes, tais como a prerrogativa de que se um trabalhador, no estado da Carolina do Sul, deixasse seu patrão, ainda com dívidas, ele recaía em uma ofensa criminal, o conflito na residência de Franklin e a alegação de que ele não sabia que o homem era um enviado da lei, as ameaças de linchamento e a sentença de morte. Chama atenção, a alegação explícita de que mesmo a Suprema Corte tendo conhecimento do processo, ela não teria dado nenhum auxílio. O texto terminou com a mensagem de que esforços estavam sendo feitos para convencer o governador a suspender a pena de morte.³²⁵

A edição de dezembro de 1910 de *The Crisis* evidenciou como a jovem Associação e a revista estavam realmente interessadas em discutir a questão da peonagem no país. Nesse número da revista, podem ser encontrados quatro textos que abordaram o tema, fazendo referência, até mesmo, ao evento mais conhecido sobre aquele tipo de exploração do trabalho negro. Os fatos que circundam o julgamento de Alonzo Bailey e que, como mencionado acima, deveria ser a referência para a proibição da peonagem no território estadunidense.

Esse primeiro texto, que apareceu na seção “Along the Color Line”, descreveu como as leis sulistas estavam sendo colocadas à prova, pois elas reduziam os

³²⁴ Em sua autobiografia, Wells-Barnett comentou sobre sua participação no caso Green e os procedimentos para manter a sua segurança. O fato contou com a participação de integrantes da *Negro Fellowship League* (Liga da Sociedade Negra) fundada, em 1908, por Wells-Barnett e seu marido Ferdinand Barnett. Comentários foram feitos sobre a não menção de Wells-Barnett na matéria que foi impressa em *The Crisis*. Acreditamos que isso tenha acontecido com o intuito de não gerar questionamentos sobre os métodos polêmicos empregados por Wells-Barnett e seus outros associados e que poderiam comprometer a imagem da NAACP. Em outra situação, a ativista, até mesmo, questionou o empenho da NAACP para evitar que o filme *O Nascimento de Uma Nação* fosse exibido em Chicago. Cf. Steve Green and “Chicken Joe” Campbell. In: DUSTER, Alfreda M. (Ed.). *Crusade for Justice: the autobiography of Ida B. Wells*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1970, p. 335-344. Ver também: GRIFFITH, Nancy Snell. *Steve Green (1862? - ?)*. Encyclopedia of Arkansas. Disponível em: <https://encyclopediaofarkansas.net/entries/steve-green-13560/>.

³²⁵ *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 1, p. 14, Nov. 1910.

trabalhadores rurais afro-americanos a uma virtual condição de peonagem.³²⁶ O texto continuou afirmando que o fato era um recurso de um trabalhador do estado do Alabama que alegava ter sido reconduzido à condição de servidão devido a um débito existente. As leis contratuais trabalhistas não apenas desse, mas de diversos outros estados, presumiam que se um trabalhador decidisse romper um contrato, ele já demonstrava sua intenção em realizar tal ato em determinado momento após a assinatura do documento. O termo jurídico é conhecido como *prima facie* ou à primeira vista. Sendo assim, o trabalhador era imediatamente culpado, o que contrariava a presunção de inocência que é uma das maiores bases do Direito. O fato chamou a atenção do Departamento de Justiça, pois essas práticas contrariavam leis federais mencionadas acima. O texto terminou afirmando sobre o interesse do governo federal e a expectativa de um pronunciamento definitivo sobre o tema.³²⁷ A conclusão esperada no caso Bailey foi de extrema importância para todos aqueles envolvidos direta ou indiretamente. De acordo com Daniel (1970, p. 654), o caso não apenas serviu para evidenciar o esquema de peonagem e tudo de podre que vivia sob ele, como jogou luz sobre a vida secreta do líder afro-americano Booker T. Washington, mais conhecido por sua política de acomodação no que se refere ao clima tenso das relações raciais do período. As articulações empreendidas por Washington para conseguir um resultado vitorioso e acabar de vez com a exploração do trabalho negro demonstram sua contribuição para os Direitos Civis.³²⁸

Outro texto que apareceu nesse número de dezembro de 1910 recebeu o título de “Pink Franklin” e estava inserido na seção “The Burden”.³²⁹ O relato extenso é uma descrição, mais detalhada, do evento ocorrido na Carolina do Sul, trazendo a data em que o mandado de busca foi expedido para a captura de Franklin (25 de maio de 1907), a data do conflito que resultou na morte do oficial encarregado de efetuar a prisão (29 de julho), o fato de Valentine ser uma pessoa popular na área e seus amigos e vizinhos estarem

³²⁶ *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 2, p. 7, Dec. 1910.

³²⁷ *Idem*.

³²⁸ DANIEL, Pete. Up from Slavery and Down to Peonage: The Alonzo Bailey Case. In: *THE JOURNAL OF AMERICAN HISTORY*, v. 57, n. 3, Dec., 1970, p. 654. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1917908>. Acesso em: 17/08/2021. Para saber mais sobre o caso Bailey e a decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos, ver: U.S. Reports: Bailey v. State of Alabama, 219 U.S. 219 (1911). Disponível em: <https://tile.loc.gov/storage-services/service/ll/usrep/usrep219/usrep219219/usrep219219.pdf>.

³²⁹ O texto se inicia com um tom que pode ser entendido como irônico ao expor a contradição contida na afirmação de que Franklin havia sido sentenciado a morrer dois dias antes do Natal. Tendo um entendimento do que se tornaria a revista, posteriormente, somos tentados a considerar esse elemento que a acompanharia durante tantos anos. Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 2, p. 26-27, Dec. 1910.

dispostos a vingar sua morte linchando Franklin são alguns pontos apresentados. Contudo, outros detalhes sugestivos foram abordados. Dentre eles, está a afirmação de que uma testemunha, o afro-americano Tony Jerry, havia sido forçada a dar falso testemunho alegando que Franklin teria dito no dia anterior que “nenhum homem poderia prendê-lo”, demonstrando que ele sabia da existência de tal intensão pelas autoridades.³³⁰ Uma questão levantada foi a menção das datas entre a expedição do mandado e sua execução. Como pode ser verificado, há a existência de mais de dois meses de diferença, além do fato de Franklin não ter ido para tão longe que as autoridades não tenham tido conhecimento de seu paradeiro. Esse fato foi levantado por Burke alegando que a demora nas ações, estava relacionada a intensão de Thomas de reconduzir o trabalhador na época da colheita de seu algodão, quando seria preciso mais braços para realizar o trabalho e ficando desobrigado a arcar com pagamentos durante o período de espera.³³¹

Os dois outros pequenos relatos que evidenciaram a existência da peonagem e de como o sistema recaía sobre os trabalhadores negros ou aqueles menos afortunados, apareceram nas seções “Along the Color Line” e “The Burden”, respectivamente. No primeiro caso, o texto apareceu na subseção “Foreign” (“Estrangeiro”) e foi o relato de um membro da organização English Aborigines Society que expressava sua indignação sobre a existência daquela condição no México, em especial no estado de Iucatã. Segundo o enviado, era possível comprovar aquela forma de exploração por meio de diversas fontes, como o testemunho de mercadores, missionários, viajantes e jornalistas apoiados por evidência fotográfica.³³²

“The Case of Blackwell” (“O Caso de Blackwell”), pode ser entendido como mais um caso de injustiça e de como as leis eram mais duras contra os afro-americanos, bem como o aparato judicial apenas esperava uma ação fora do comum, empreendida por uma pessoa negra, para mostrar seu vigor. O agricultor negro Blackwell havia sido preso sem direito à fiança por ferir um homem, provavelmente um fugitivo, que se recusou a deixar sua propriedade quando solicitado.³³³ A questão que rondou o fato e foi motivo de crítica, primeiramente do jornal *The State*, de Colúmbia, Carolina do Sul, era a de que Blackwell era um produtor de algodão bem-sucedido que produzia em média 100 fardos de algodão

³³⁰ Jerry afirmou posteriormente que havia sido ameaçado por pessoas brancas e forçado a dar a declaração.

³³¹ BURKE, op. cit., p. 270.

³³² *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 2, p. 10, Dec. 1910.

³³³ *Idem*, p. 27.

por ano (o equivalente a 21.772 kg, aproximadamente).³³⁴ A hipótese que pode ser levantada é a do interesse de tirar Blackwell do negócio, pois seu sucesso representava uma afronta para os brancos da região. O questionamento do *The State* se resumiu na hipótese de que um homem branco, agindo como o afro-americano agiu, teria sido preso sem direito à fiança. A resposta apresentada foi um enfático “Não!”.³³⁵

Nos estados e condados que os compunham existia toda uma estrutura para fazer com que a engrenagem que movimentava o esquema que permitia a apropriação do trabalho afro-americano funcionasse conforme os interesses dos homens de negócios regionais. Tendo em observação as leituras realizadas e o entendimento de como operava o processo, é sugestivo e atraente considerá-la mesmo que não fosse explicitamente divulgada. Porém, ainda que esse esquema estivesse à espreita esperando o melhor momento para se lançar contra a população negra, algumas significativas vitórias foram conquistadas e renovavam as esperanças de seus membros. O início do ano de 1911 representou um desses momentos de vitórias, e as matérias em *The Crisis* foram uma mistura de júbilo e sobriedade. Atentos às decisões judiciais de janeiro, a edição de fevereiro esteve recheada de posicionamentos e reflexões sobre as mesmas.

A subseção “The Courts” (“As Cortes”), contida na seção “Along the Color Line”, trouxe diversas matérias que tinham sido decididas ou que estavam com processo em andamento.³³⁶ “The Courts” começou informando sobre o caso de Alonzo Bailey, decidido pela Suprema Corte do país, em 03 de janeiro de 1911. Em sua sentença inicial, a nota demonstrou o que parecia ser a crença, talvez, inocente demais, de que as coisas estavam começando a pender para um melhor tratamento do cidadão afro-americano ao afirmar que o registro dos tribunais, que tinham questões relacionadas àquela parcela da população, demonstrava-se extraordinariamente promissor. A nota continuou informando

³³⁴ Cf. <https://www.convertunits.com/from/bale/to/kg>.

³³⁵ O levantamento dessa hipótese não se dá de forma aleatória e serve para demonstrar que intensões como essa sempre estiveram presentes nas relações entre brancos e negros. Em outubro de 1916, um outro produtor rural negro e bem-sucedido chamado Anthony Crawford, foi linchado em Abbeville, também no estado da Carolina do Sul, por ter discordado sobre o preço muito baixo oferecido ao seu algodão. A discussão com um possível comprador branco foi motivo para ser linchado por uma multidão de mais de 200 pessoas. Cf. Anthony Crawford. *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 2, p. 67, Dec. 1916. Ver também: JOHNSON, Doria Dee. Anthony Crawford – Father, Husband, Wealthy-Landowner, Farmer. *ABHM: American’s Black Holocaust Museum*. 2011. Disponível em: <https://www.abhmuseum.org/anthony-crawford/>.

³³⁶ Ao todo, estiveram presentes cinco matérias incluindo duas decididas pela Suprema Corte dos Estados Unidos, duas que tratavam da separação entre brancos e negros em viagens ferroviárias e uma sobre a decisão do governador do estado de Kentucky de perdoar onze afro-americanos detidos por um incidente de legítima defesa durante um distúrbio racial. Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 4, p. 6-7, Feb. 1911.

que a lei que rebaixava trabalhadores à condição de servidão, no estado do Alabama, foi entendida como contrária à Constituição Federal. Após uma breve explicação de como funcionava o esquema, terminou afirmando que o estado não podia reduzir uma pessoa à servidão involuntária de maneira indireta, fazendo sua falha em pagar um débito um crime.³³⁷

O otimismo resultante das decisões judiciais com destaque para a decisão da Suprema Corte continuou na seção “Opinion”, mais relacionada a comentar notícias que eram primeiramente veiculadas em outros órgãos de imprensa. Dentre as diversas análises da seção estava a pouca atenção dada pela imprensa a uma decisão considerada de extrema importância para o país. “Peonage” (“Peonagem”) apresentou os comentários dos jornais *The New York Evening Post* e *The Chicago Record-Herald*.³³⁸ Para o *Evening Post*, a decisão foi uma tentativa de encontrar as dificuldades causadas pela instabilidade do trabalho negro e a de que ela seria muito bem-vinda pelos sulistas liberais, pois eles teriam a percepção de que por mais vexatório que fosse o problema, a solução se encontrava em outras direções que não a servidão involuntária. Da mesma maneira, a decisão significava mais do que aparentava, devido à revisão que ela provocaria em estatutos com pretensões similares ao do estado do Alabama. O *Record-Herald* também apresentou visões muito positivas e otimistas para o veredito no caso de Alonzo Bailey. Para o jornal, a confiança dos afro-americanos seria fortalecida, a legislação trabalhista no Sul seria não apenas revisada, mas tornaria menos provável que transgressões às leis seguissem impunes.³³⁹

Quanto ao caso de Pink Franklin, o relato da suspensão de sua pena de morte mereceu um tópico isolado e descrição no Índice como forma de reverenciar a conquista. “The Pink Franklin’s Reprieve” (“A Moratória de Pink Franklin”) apresentou uma descrição orgulhosa de como a petição destinada ao governador do estado da Carolina do Sul teve o êxito almejado.³⁴⁰ Nesse texto, podemos verificar com mais clareza as conexões empreendidas pela NAACP e o interesse de figuras influentes de não ter em suas mãos o sangue de mais um cidadão norte-americano vitimado pelo racismo e opressão que existia no país. A rede de conexões passava por educadores como Thomas

³³⁷ Idem, p. 6.

³³⁸ Ibidem, p. 11.

³³⁹ Idem, ibidem, p. 11.

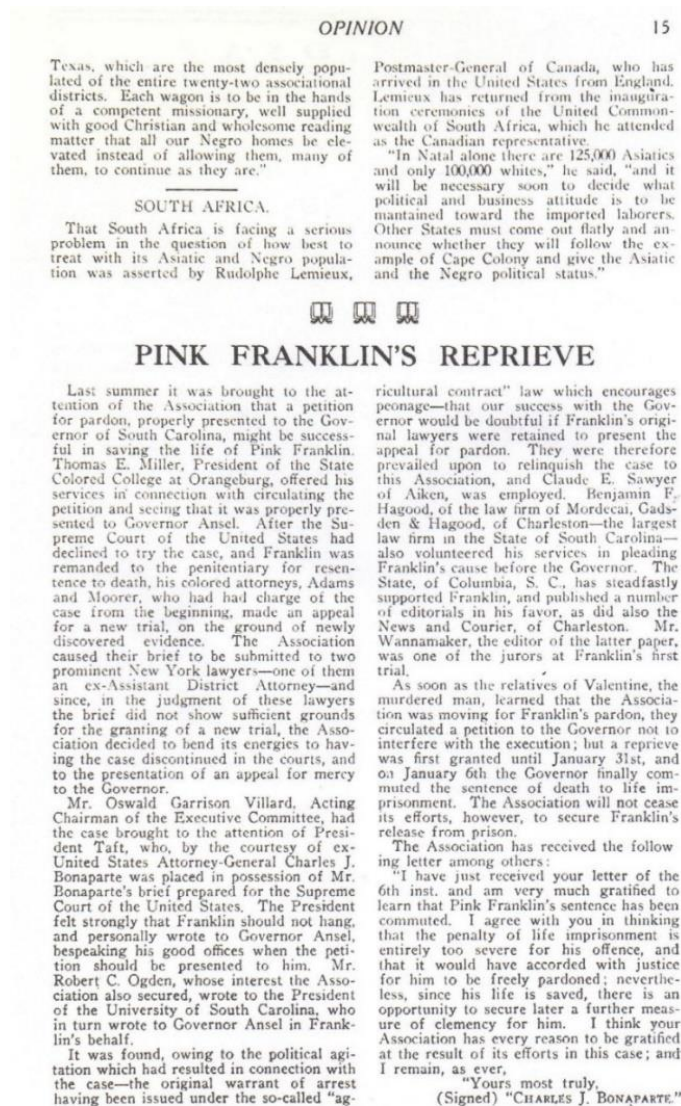
³⁴⁰ Idem, ibidem, p. 15.

E. Miller, antigo presidente do que é hoje a South Carolina State University³⁴¹, advogados da maior firma de advocacia daquele estado sulista, jornalistas e editores favoráveis à Franklin. O topo da lista, pode-se dizer, chegava até ao ex-presidente dos Estados Unidos, William Howard Taft (1909-1913), que escreveu para o governador Ansel para que revertesse a sentença. Chama atenção no texto, a informação de que após o conselho de dois renomados advogados de Nova Iorque, que não encontraram base para tentar um novo julgamento, a NAACP preferiu dedicar seus esforços no apelo de clemência ao governador. Além disso, também é possível verificar que a associação estava recebendo inúmeras correspondências sobre o feito alcançado.³⁴²

³⁴¹ O nome anterior dessa instituição era Colored Normal, Industrial, Agricultural, and Mechanical College of South Carolina, fundada em 1896. Ela faz parte de um grupo de colégios e universidades destinadas principalmente à estudantes negros conhecido como *Historically Black Colleges and Universities (HBCUs)*. O termo foi estabelecido após a década de 1960, resultado do processo que eliminou a segregação racial no sistema de ensino no país com o caso *Brown v. Board of Education of Topeka* (1954) e a Lei dos Direitos Civis, de 1964. Estimativas apontam 110 instituições classificadas como Faculdades e Universidades Historicamente Negras. Para saber mais, ver: STENTIFORD, Barry M. *Historically Black Colleges and Universities*. In: BROWN; STENTIFORD, op. cit., p. 376-379.

³⁴² Pink Franklin's Reprieve. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 4, p. 15, Feb. 1911.

Imagem 19: Matéria informando sobre o êxito no pedido de solicitação de comutação de pena de Pink Franklin para prisão perpétua.



Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 4, p. 15, Feb. 1911.

3.1.2 – Peonagem: militância e crítica

O objetivo atingido por meio da militância da NAACP e dos demais envolvidos, sem dúvida alguma, é digno de ser louvável. Em uma época de notável recrudescimento nas relações raciais, a conversão da pena de um afro-americano condenado por assassinato de um oficial da lei branco em um estado sulista, mereceu ser muito comemorada e noticiada. Contudo, posicionamentos mais comedidos também estiveram nas páginas da revista. Grande parte dos comentários, não tão entusiasmados, veio do editor de *The Crisis*.

Du Bois era um hábil escritor e jornalista. Um homem com uma ampla bagagem no que se referia aos diversos aspectos das condições de vida dos afro-americanos. E, além disso, ele era um homem negro vivendo nos Estados Unidos em um dos períodos mais árduos para um afro-americano existir. Suas percepções no que se trata às conquistas adquiridas pelo grupo no país, com raríssimas exceções, eram exteriorizadas apresentando contrapontos que faziam com que aqueles mais exacerbados permanecessem com os pés no chão. Essa característica foi o resultado de anos de estudos, pesquisas e de suas experiências de vida.

Como elementos que contribuíram para a configuração de sua forma de pensar e de agir estão questões pessoais, portanto, mais íntimas, e situações advindas de sua trajetória acadêmica. Seu primeiro contato com o racismo, quando ainda era criança, mostrou-lhe a existência de um “véu” que parecia separar o mundo branco do mundo negro.³⁴³ Já na fase adulta, dois incidentes fizeram com que o jovem homem refletisse mais enfaticamente a complexidade das relações raciais. O primeiro, em 1899, foi o brutal linchamento de Sam Hose, ocorrido no estado da Geórgia, e o segundo foi o distúrbio racial que atingiu a cidade de Atlanta, no mesmo estado, em setembro de 1906. Segundo o próprio Du Bois, duas considerações se fizeram presente para ele, após 1899. A primeira era que não se podia ser “um cientista calmo, frio e distante enquanto os negros eram linchados, assassinados e passavam fome” e, em segundo lugar, não havia uma demanda definida para o trabalho científico que ele estava fazendo e tinha presumido que seria facilmente realizável.³⁴⁴

No que trata a vida acadêmica do primeiro editor de *The Crisis*, significativas influências moldaram a maneira de se abordar a vida do afro-americano e a exposição de estratégias para se buscar uma vida mais digna para o grupo. Ainda como estudante, Du Bois contou com a tutoria de grandes nomes das ciências como William James, um dos nomes mais conhecidos do Pragmatismo que, resumidamente, prega a importância dos fatos e não a sua especulação. O jovem acadêmico presenciou e contribuiu, também, para

³⁴³ DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. Tradução Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed. 1999, p. 53.

³⁴⁴ DU BOIS, W. E. B. *Dusk of Dawn: an essay toward an autobiography of a race concept*. New York: Oxford University Press, 2007, p. 34. Sobre os distúrbios raciais ocorridos na cidade de Atlanta, em 1906, e os possíveis efeitos sobre Du Bois, ver: CAPECI JR., Dominic J.; KNIGHT, Jack C. Reckoning with Violence: W. E. B. Du Bois and the 1906 Atlanta Race Riot. In: *THE JOURNAL OF SOUTHERN HISTORY*, v. 62, n. 4, Nov., 1996, p. 727-766. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2211139>. Acesso em: 24/05/2014.

a estruturação da teoria social durante e após seus anos de estudo na Universidade de Berlim, entre 1892-1894, além de outros procedimentos científicos como a doutrina empírica e a busca da verdade a todo custo.³⁴⁵ Narrativa essa que, por diversas vezes, trouxe situações desconfortáveis para ele e para outros indivíduos a sua volta, como apresentado no primeiro capítulo quanto ao periódico *Washington Bee*. Enquanto estava desenvolvendo sua pesquisa no que seria um dos mais importantes trabalhos do campo sociológico dos Estados Unidos, o já mencionado *Philadelphia Negro*, relatou um pouco de sua aparentemente desagradável passagem pela cidade, morando em um dos piores bairros, não tendo contato com outros estudantes do Departamento de Sociologia da Universidade da Pensilvânia e recebendo o título de Instrutor Assistente, pois seus membros não estavam acostumados a trabalhar com um afro-americano com uma graduação tão elevada. Especulações sugerem que Du Bois tenha exagerado um pouco, mas esses elementos evidenciam os árduos desafios enfrentados e certa desconfiança ao trabalhar e esperar algo dos indivíduos brancos.³⁴⁶

Tendo um amplo espaço e relativa liberdade para expor seus argumentos e opiniões, Du Bois também se pronunciou, ao seu modo, quanto ao resultado não apenas do caso envolvendo Pink Franklin, mas de diversos outros resultados positivos para os afro-americanos. O texto “Pink Franklin”, do Editorial, refletiu seu posicionamento centrado e suas conclusões afiadas.

Du Bois iniciou o texto com a alegação de que a comutação da pena de morte em prisão perpétua era o mais recente movimento, mas não o último, de uma surpreendente tragédia americana.³⁴⁷ Após dar uma descrição sobre a vida e a criação de Franklin, demonstrou, com indignação, que o trabalhador foi preso, por uma lei declarada inconstitucional tanto pelas cortes supremas do estado quanto do país. Dentre as questões levantadas estão os fatos de que um homem branco não seria considerado culpado nas mesmas condições em que Franklin foi e que a sentença de prisão perpétua ainda era quase tão dura quanto a de pena de morte para um homem inocente. O editor de *The Crisis* fez questão de elogiar a coragem do governador Ansel, que pelo ato estaria muito perto

³⁴⁵ Para saber mais, ver: TAYLOR, Paul C. William Edward Burghardt Du Bois. In: RITZER, G.; STEPNIISKY, J. (Ed.). *The Wiley-Blackwell Companion to Major Social Theorists*, Vol. 1, Classical Theorists. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011, p. 426-447. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781444396621.ch13>. Acesso em: 16/10/2016.

³⁴⁶ BALTZELL, E. Digby. Introduction to the 1967 Edition. In: DU BOIS, W. E. B. *The Philadelphia Negro: a social study*. New York: Schocken Books, 1967, p. xix.

³⁴⁷ DU BOIS, W. E. B. Pink Franklin. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 4, p. 17, Feb. 1911.

de sacrificar sua carreira política, e fez uma menção a periódicos como o *The State*, que ajudaram na causa. Contudo, Du Bois terminou o texto da mesma forma que começou ao questionar uma civilização que fazia da mais escassa justiça um heroísmo moral.³⁴⁸

Vemos nesse relato do editor, a maneira como enxergava resultados como aquele. Apesar de reconhecer ser uma façanha a contribuir, pelo menos teoricamente, para a melhoria da condição de vida do afro-americano, Du Bois a entendia como uma circunstância que deveria ser considerada normal e aplicada a todas as pessoas sem ser remetida a elementos excludentes. Pode ser estabelecido que, segundo seu entendimento, ações ou resultados daquele tipo deveriam ser considerados básicos para a promoção de uma sociedade mais avançada e digna de se viver. Novamente, tal forma de pensamento remonta a suas experiências passadas e a sua necessidade de se alcançar resultados mais rápidos para os afro-americanos.³⁴⁹

“Victory” (“Vitória”) foi o editorial que se seguiu ao texto sobre Pink Franklin. Ele trouxe outras decisões recentemente pronunciadas pelos mais diversos tribunais do país. No total, foram quatro menções.³⁵⁰ A nota se iniciou com a constatação de que os afro-americanos estavam tão acostumados à derrota que eles dificilmente reconheciam uma vitória quando ela surgia ou não sabiam como anunciá-la. Isso também era resultado de um silêncio tão impassível que não distinguia nem exaltação ou desespero. Era como um estado de permanente apatia. O autor deixou transparecer um breve momento de otimismo ao expor que um dia um grande triunfo faria o povo negro explodir em tamanha alegria que surpreenderia a todos. Contudo, novamente, voltou a ser ponderado ao dizer que o dia não era aquele, mas, mesmo assim, pistas dessa grande vitória começavam a se evidenciar. No caso, as quatro decisões judiciais citadas.³⁵¹

³⁴⁸ Idem.

³⁴⁹ Tais características podem ser conferidas na Declaração de Princípios do Movimento Niágara, em 1905, órgão que Du Bois ajudou a fundar, que estipulava, dentre outras metas, que o protesto deveria continuar enquanto os Estados Unidos forem injustos com os afro-americanos. Cf. *Niagara Movement – Declaration of Principals*. Disponível em: <https://credo.library.umass.edu/view/full/mums312-b004-i092>.

³⁵⁰ DU BOIS, W. E. B. Victory. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 4, p. 17 e 20, Feb. 1911. As decisões citadas se referiam à proibição de cancelar aquisições de imóveis pelo fato dos compradores serem negros (Suprema Corte de Washington), a inconstitucionalidade de forçar uma pessoa ao trabalho por causa da existência de um débito (Suprema Corte dos Estados Unidos), a restrição em uma ação impedindo a venda de propriedade a pessoas negras em qualquer momento futuro era nula e inválida (Tribunal de Apelações de Circuito dos Estados Unidos) e que os danos causados a um carregador negro acusado erroneamente foram tão intensos e sem sentido que estavam para ser revertidos pela Divisão de Apelação do Supremo Tribunal de Nova Iorque.

³⁵¹ Idem, p. 17.

O relato, que apresentou um tom poético, é uma mescla entre o entusiasmo e a indignação sobre a necessidade de noticiar questões que deveriam ser consideradas elementares. Como pode ser verificado, aquelas vitórias carregavam um senso de vergonha por serem vistas como óbvias e, mesmo assim, precisarem passar pelos tribunais para serem confirmadas. O editor, contudo, terminou com um agradecimento e demonstrando que os tribunais estavam tocando no âmago do problema racial e se voltando para a justiça, dando a esperança de um novo alvorecer para o afro-americano.³⁵²

As correspondências enviadas para a NAACP e para *The Crisis*, primeiramente, tinham como intuito reverenciar seus integrantes e simpatizantes pela conquista tão esperada. Carta publicada se referindo ao caso de Franklin foi enviada pelo Ex-Procurador Geral dos Estados Unidos e colaborador da Associação, Charles J. Bonaparte, ainda no artigo “Pink Franklin Reprieve”, na edição de fevereiro de 1911. Na correspondência, Bonaparte afirmou que a pena atribuída a Franklin era considerada severa demais e que teria sido mais justo se ele tivesse sido perdoado completamente. Acrescentou informando que uma vez que a vida de Franklin foi salva, havia uma oportunidade para empreender um futuro pedido de clemência para ele. Bonaparte terminou o texto salientando o importante papel da NAACP no caso e reafirmando seu apoio à Associação.³⁵³

Durante o restante do ano de 1911, outras correspondências sobre o esquema de peonagem foram publicadas na revista, assim como outros artigos que se referiam ao tema. No número de agosto, a seção destinada às cartas dos leitores foi aberta por uma correspondência em que um leitor-escritor procurava explicar como o sistema funcionava no sul do país.

³⁵² Idem, *ibidem*, p.20.

³⁵³ Idem, *ibidem*, p. 15.

Imagem 20 e 21 - Carta enviada por um escritor anônimo relatando como se operava o esquema de peonagem no sul dos Estados Unidos.

-166

THE CRISIS



THE MOSQUE AT JENNE

exploited in the plantations of the New World the cities of the desert have been laid waste by enemies, who, if they did not have more courage than their black opponents and certainly were morally their inferiors, were able to conquer them by superiority of weapons. When the black man was weakened by perpetual warfare against such tremendous odds, the roving tribes of the empire of Morocco preyed on him still further. Only within recent years has he learned how to defend himself. It is safe to prophesy that now he has learned a lesson,

the march of progress in the Soudan will be startlingly rapid.

The railway will put the country in touch with modern ideas and the French are willing to be fair with the people. Although they may fall short of their ideal of liberty, equality, fraternity, it is still an ideal. They are still ashamed when it is violated.

The black Soudanese of the West is coming into his own again. Before very long there may be re-established along the yellow waters of the Niger the old civilization and perhaps even the old power.

SOME LETTERS

FROM THE SOUTH.

May 8, 1911.

KIND SIR:

I am not an educated man. I will give you the peonage system as it is practised here in the name of the law.

If a colored man is arrested here and hasn't any money, whether he is guilty or not, he has to pay just the same. A man of color is never tried in this country. It is simply a farce. Everything is fixed before he enters the courtroom. I will try to give you an illustration of how it is done:

I am brought in a prisoner, go through the farce of being tried. The whole of my fine may amount to fifty dollars. A

kindly appearing man will come up and pay my fine and take me to his farm to allow me to work it out. At the end of a month I find that I owe him more than I did when I went there. The debt is increased year in and year out. You would ask, "How is that?" It is simply that he is charging you more for your board, lodging and washing than they allow you for your work, and you can't help yourself either, nor can anyone else help you, because you are still a prisoner and never get your fine worked out. If you do as they say and be a good Negro, you are allowed to marry, provided you can get some one to have you, and of course the debt still in-

SOME LETTERS

167

creases. This is in the United States, where it is supposed that every man has equal rights before the law, and we are held in bondage by this same outfit.

Of course we can't prove anything. Our work is nothing. If we state things as they are, the powers that be make a different statement, and that sets ours aside at Washington and, I suppose, in Heaven, too.

Now, I have tried to tell you how we are made servants here according to law. I will tell you in my next letter how the lawmakers keep the colored children out of schools, how that pressure is brought to bear on their parents in such a manner they cannot help themselves. The cheapest way we can borrow money here is at the rate of twenty-five cents on the dollar per year.

Your paper is the best I have read of the kind. I never dreamed there was such a paper in the world. I will subscribe soon. I think there are a great many here that will take your paper. I haven't had the chance to show your paper to any yet, but will as soon as I can. You know we have to be careful with such literature as this in this country.

What I have told you is strictly confidential. If you publish it, don't put my name to it. I would be dead in a short time after the news reached here.

One word more about the peonage. The court and the man you work for are always partners. One makes the fine and the other one works you and holds you, and if you leave you are tracked up with bloodhounds and brought back.

FROM A UNITARIAN CLERGYMAN.

PHILADELPHIA.

To the Editor of THE CRISIS: I cannot forbear expressing my hearty sympathy, not only with the work you are doing, but with the way you are doing it. The five numbers of your magazine so far received have been to me of great value—I drew on them somewhat for my Memorial Sunday address on the "Aftermath of Slavery." It is well to have the issue made clear, to know where America stands to-day. For all our disappointment, it may help to awaken all lovers of true Democracy and the work begun a century ago. Here in Philadelphia—such at least is my impression—race antagonism is relatively slight. Nor has the spirit which inspired the anti-slavery movement wholly died out. Yet even here your appeal is needed—on the one hand for character, on the other for justice and brotherhood. The earlier Abolitionists may have solved

or thought to solve the race problem too easily. Neither emancipation nor enfranchisement could suddenly overcome the handicaps of long centuries of semi-barbarism or generations of slavery. Yet real progress has been made; and I believe there are hundreds of thousands whose hearts will respond to your challenge to keep wide open the door of industrial opportunity, of intellectual progress and of social recognition. We want no helot race in this twentieth century. Negro inferiority, if real, is not something to be rejoiced in, but to be overcome, ere it drags us down. And to this end—well, among many things—the children of the freedman, I believe, must not only develop still more widely efficiency and culture and self-control—but be prepared to contend more strenuously for their rights as men. Whatever the faults of the "white man," he has as a rule more respect for the man who knows what he wants and will fight for it.

"Oh," said a colored girl to Dr. Howe on that black day when Burns was marched down State Street, back into slavery, "Oh, if he only had the courage to commit suicide!"

Suicide is not called for to-day—but frankly, I believe the role of suffering servant has been a bit overdone.

So keep up the good fight.

Fraternally yours,

K. E. EVANS.

A FRIEND OF THE CRISIS.

Before I close I want to express my deep interest and pleasure in THE CRISIS. There is no better way to keep up one's enthusiasm and to learn more regarding any subject than to take some fair-minded periodical devoted to the subject; for no matter how far away duty or pleasure may take us between times, the regular arrival of the magazine calls us back and common courtesy demands that we at least say "How do you do?" by running over the pages, thereby getting an idea of the contents, and even in the briefest glance always something to stimulate fresh thought. The June Crisis is perhaps the finest yet, there being so many interesting illustrations, while the reading matter maintains the high standard set in the first number. It is impossible to overestimate the influence for good exercised by such a periodical, dealing as this does so fearlessly and yet so fairly with this great problem of our national life.

May we not sometime have pictures of the offices of the association? I feel sure I am not the only subscriber who would welcome them among the other fine things presented from month to month.

Very truly yours,

KATHERINE TIFFANY SPRAGUE.

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 4, p. 166-167, Aug. 1911.

A carta intitulada "From the South" ("Do Sul"), impressa na seção "Some Letters" ("Algumas Cartas"), foi enviada por um autor anônimo que teria sido, ele próprio, uma vítima daquela situação. O autor iniciou o seu relato deixando claro que não era um homem educado, no sentido de escolaridade, mas mesmo assim, apresentaria o sistema de peonagem da forma que era praticado no Sul em nome da lei.³⁵⁴ Resumidamente, informou que se um homem negro fosse detido, sendo inocente ou não, deveria pagar a fiança. O esquema que transformava o indivíduo em um servo já estava estruturado antes mesmo de entrar nos tribunais e os afro-americanos não passavam por um julgamento

³⁵⁴ *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 4, p. 166-167, Aug. 1911.

justo.³⁵⁵ No caso desse leitor de *The Crisis*, sua fiança de cinquenta dólares foi paga por um indivíduo que o levou para trabalhar em sua fazenda e ao final de um mês o trabalhador tinha um débito ainda maior devido aos gastos como transporte e acomodação. Explicou também que uma das maneiras de se criar um serviçal era deixando as crianças negras fora das escolas, algo que estava sendo feito pelos legisladores. O autor expressou seu sarcasmo ao se referir a um dos lemas do país de que todos os homens têm direitos iguais perante a lei, mas aquela mesma estrutura os colocava na servidão. Elogiou a revista *The Crisis* se referindo a ela como a que melhor tratava das questões raciais e solicitou que seu nome fosse mantido em sigilo, pois seria morto tão logo as notícias chegassem ao local onde morava. Terminou informando que os tribunais e os homens que pagavam as fianças eram parceiros no esquema.³⁵⁶

A publicação dessa correspondência, sete meses após os resultados de Pink Franklin e Alonzo Bailey, demonstra como essas decisões não teriam sido suficientes para se criar uma completa atmosfera de otimismo e a crença de que o problema estaria definitivamente solucionado. O que pode ser confirmado com o passar do tempo. Além disso, podemos nos indagar sobre a possibilidade de a correspondência ter sido enviada bem antes e não ter sido publicada tão perto de seu recebimento.³⁵⁷ Levando em conta a forma de trabalho adotada pelo editor no que se trata a imagens, por exemplo, quando após um texto com uma mensagem positiva se seguiam fotografias, às vezes, apresentando explícitos casos de violência para chocar o público e chamar atenção para o problema, a publicação de textos e diversos outros escritos também podem ser considerados como carregando o mesmo propósito.³⁵⁸

Anos após aqueles importantes resultados nos tribunais, a violência e o entendimento de que um trabalhador negro literalmente pertencia ao seu empregador branco ainda eram exemplos nas relações trabalhistas no Sul dos Estados Unidos. No

³⁵⁵ Idem, p. 166.

³⁵⁶ Ibidem, p. 166-167.

³⁵⁷ Casos assim não são tão surpreendentes, pois os editores aguardam o melhor momento para publicar uma correspondência tendo em vista o seu interesse, a publicidade e o quanto de debate isso pode gerar. A própria *The Crisis*, já realizou procedimento parecido.

³⁵⁸ Trabalhos sobre a justaposição de imagens e de imagens e textos demonstram que sua principal função é causar desconforto e fazer com que o público seja levado a refletir sobre determinada situação para além da contemplação. Sua intenção é proporcionar uma espécie de engajamento contra determinado estado de coisas. Essa circunstância, também, teria sido um dos elementos mais valiosos de *The Crisis* sob a editoração de Du Bois. Cf. CARROLL, Anne Elizabeth. *Word, image, and the New Negro: representation and identity in the Harlem Renaissance*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2007, p. 27-28.

número de maio de 1913, mais um caso envolvendo a mão-de-obra negra e os senhores de terra para quem trabalhavam contribuíram para preencher as páginas de *The Crisis*.

O primeiro texto da seção “The Burden”, que recebeu o nome de “Life” (“Vida”), relata o caso envolvendo o trabalhador afro-americano Tom Law e seu patrão, apresentado apenas como Davis. Conforme a carta, enviada por um remetente anônimo do estado da Flórida, Law trabalhava para Davis há cerca de onze anos e era um exímio conhecedor no trato da fazenda. Certo dia, Law ficou doente e não pode comparecer ao trabalho. Temendo não contar mais com as habilidades de Law, Davis e seu filho foram armados à casa do trabalhador para forçá-lo a voltar ao trabalho. O afro-americano informou estar realmente doente. Davis, enfurecido, teria dito que se Law não trabalhasse para ele, não trabalharia para mais ninguém. Agressões por parte de Davis começaram culminando com esse e seu filho atirando várias vezes no trabalhador, enquanto ele implorava por sua vida. A carta terminou com as descrições sobre as características físicas dos principais envolvidos, apontando Davis como bem mais alto que Law.³⁵⁹

Correspondências acerca do entendimento da existência e crítica da peonagem e das diversas formas de trabalho que pretendiam colocar o afro-americano em uma condição semelhante à escravidão continuaram a aparecer nas páginas da revista nessa primeira década de existência. Em setembro de 1914, uma carta endereçada à Oswald Garrison Villard, foi publicada na seção “The Burden”. Ela recebeu o título de “From a White Southerner” (“De um Sulista Branco”) e teria sido enviada por um proeminente sulista que solicitou que seu nome fosse mantido em sigilo. A carta foi incentivada por um discurso proferido por Villard, em Baltimore, no estado de Maryland. O autor parabenizou Villard pelo discurso e as verdades que teriam sido ditas para o público, mas afirmou que ele apenas permaneceu nas cercanias de tudo que merecia ser revelado.³⁶⁰ Descreveu-se como descendente de uma antiga família de escravocratas, porém se sentia grato “aquele Poder no qual emana a energia e inteligência do mundo por possuir um espírito de justiça que não é comum no sul”.³⁶¹ O remetente informou trabalhar como secretário comercial e estava a par da situação que envolvia o afro-americano no Sul, tendo acesso direto às fontes. De acordo com ele, uma forma de peonagem, não definida em lei, existia por toda a região. Seu trabalho o teria permitido ter acesso a locais, nomes

³⁵⁹ *THE CRISIS*, New York, v. 6, n. 1, p. 40, May 1913.

³⁶⁰ *THE CRISIS*, New York, v. 8, n. 5, p. 250, Sept. 1914.

³⁶¹ *Idem*.

e momentos que renderiam centenas de colunas jornalísticas sobre o tema. Como vivia no Sul, não podia desenvolver o trabalho naquele instante, mas visualizava o dia em que a condição degradante que subjuguava o negro teria um fim.³⁶²

Relato semelhante também esteve presente na edição seguinte, geralmente dedicada às crianças. A carta apareceu na seção “Letter Box” e foi destinada novamente à Villard, mas dessa vez como resposta a uma carta recebida em 21 de maio. O teor da nota é tão parecido com a anterior que indagamos e somos levados a considerar como sendo da mesma pessoa. Sua semelhança está presente nas questões sobre o discurso realizado em Baltimore, o qual o remetente teria recebido uma cópia completa, o fato do discurso apenas ter pincelado a terrível condição em que vivia o afro-americano no Sul, a afirmação de que o avô do escritor da carta teria libertado, em 1853, setenta escravos de sua propriedade. Novamente, existe a argumentação de que o escritor da carta seria um conhecedor da problemática sulista a compreendendo psicológica e comercialmente.³⁶³ Contudo, ele acrescentou outras informações de cunho pessoal e críticas ferrenhas à sociedade sulista. Em seu relato, teria contado em sua criação com o auxílio de uma babá, mais conhecida pelo termo *mammy* (mamãe) – um termo pejorativo que durante a escravidão designava a serviçal dócil e desprovida de sexualidade, mas que após a guerra civil, passou a ser a empregada doméstica e a babá –, que o teria ensinado sua primeira oração. No entanto, no tempo em que escrevia a carta, era-lhe dito que as mulheres negras eram bestas luxuriosas em forma humana.³⁶⁴ O escritor teceu críticas ao afirmar que o abuso do homem negro era a podridão que se encontrava na raiz do desenvolvimento do Sul, sendo ele a grande força industrial da região.³⁶⁵ Outras questões como recolhimento de impostos usados para educar as crianças brancas e a violência sexual contra a mulher negra também foram levantadas.³⁶⁶

Com o tempo, cartas referentes à questão da peonagem no país, e principalmente no Sul, foram ficando mais escassas durante os primeiros dez anos da revista. Uma das últimas correspondências a tocar no assunto foi impressa na edição de abril de 1920. A correspondência que recebeu o título de “Zeal Vs. Common Sense” (“Zelo Vs. Senso Comum”) apareceu na seção “The Looking Glass” (“O Espelho”) e foi enviada por um

³⁶² Ibidem.

³⁶³ *THE CRISIS*, New York, v. 8, n. 6, p. 301, Oct. 1914.

³⁶⁴ Idem.

³⁶⁵ Ibidem.

³⁶⁶ Idem, *ibidem*, p. 301-302.

assinante da revista que informou estar escrevendo um livro com o título *The Negro Exodus (O Êxodo Negro)*. Conforme o autor, o prospecto do livro, enviado para *The Crisis*, foi impresso em um estabelecimento pertencente a indivíduos brancos, em Memphis, Tennessee. Pouco tempo depois, ele teria sido detido e uma proibição teria sido colocada em sua obra.³⁶⁷ Contudo, a ideia proposta para a obra, com autorização do autor, fez parte dessa edição da revista da NAACP. Como era de se supor, o pequeno relato fazia menção a onda migratória dos afro-americanos sulistas para o Norte. Alguns pontos foram sugeridos visando de manter os afro-americanos no Sul e proporcionar a volta daqueles que tinham migrado. Dentre os polêmicos apontamentos estão o possível estabelecimento de um decreto penalizando um condado, no estado do Mississippi, que pouco tempo antes teria promovido um linchamento e a ruptura do sistema de peonagem que ainda vigorava nas regiões do delta do Rio Mississippi.³⁶⁸ O relato terminou afirmando que a Democracia era hipocrisia e “*mobocracia*” quando ela não era governada pela lei e pela cristandade.³⁶⁹

Ainda no ano de 1920, “*Peonage in Georgia*” (“*Peonagem na Geórgia*”), fez parte das páginas que compunham a revista no número de julho e detalhou as características do sistema no estado. O relato pareceu ter sido feito por um observador de fora da região, mas que contava com familiares que ainda moravam no local.³⁷⁰ Várias características do processo foram detalhadas por ele, como o fato dos fazendeiros se beneficiarem da ignorância dos agricultores no momento da assinatura de um contrato, o adiantamento de bens feito no início de um plantio e assim que a colheita estava quase realizada os trabalhadores eram desligados. Uma nova característica apresentada referia-se ao aumento crescente dos aluguéis de pequenas porções de terra decorrentes da Primeira Guerra Mundial. Para manter os trabalhadores na região, os fazendeiros melhoraram seus ganhos. Contudo, após o conflito o aluguel estava aumentando na mesma proporção que os salários, deixando os trabalhadores praticamente nas mesmas condições de antes da guerra. Outras questões sobre a falta de diversidade no plantio e o que acontecia com quem tentava romper um contrato são mencionadas.³⁷¹

³⁶⁷ *THE CRISIS*, New York, v. 19, n. 6, p. 328, Apr. 1920.

³⁶⁸ *Idem*.

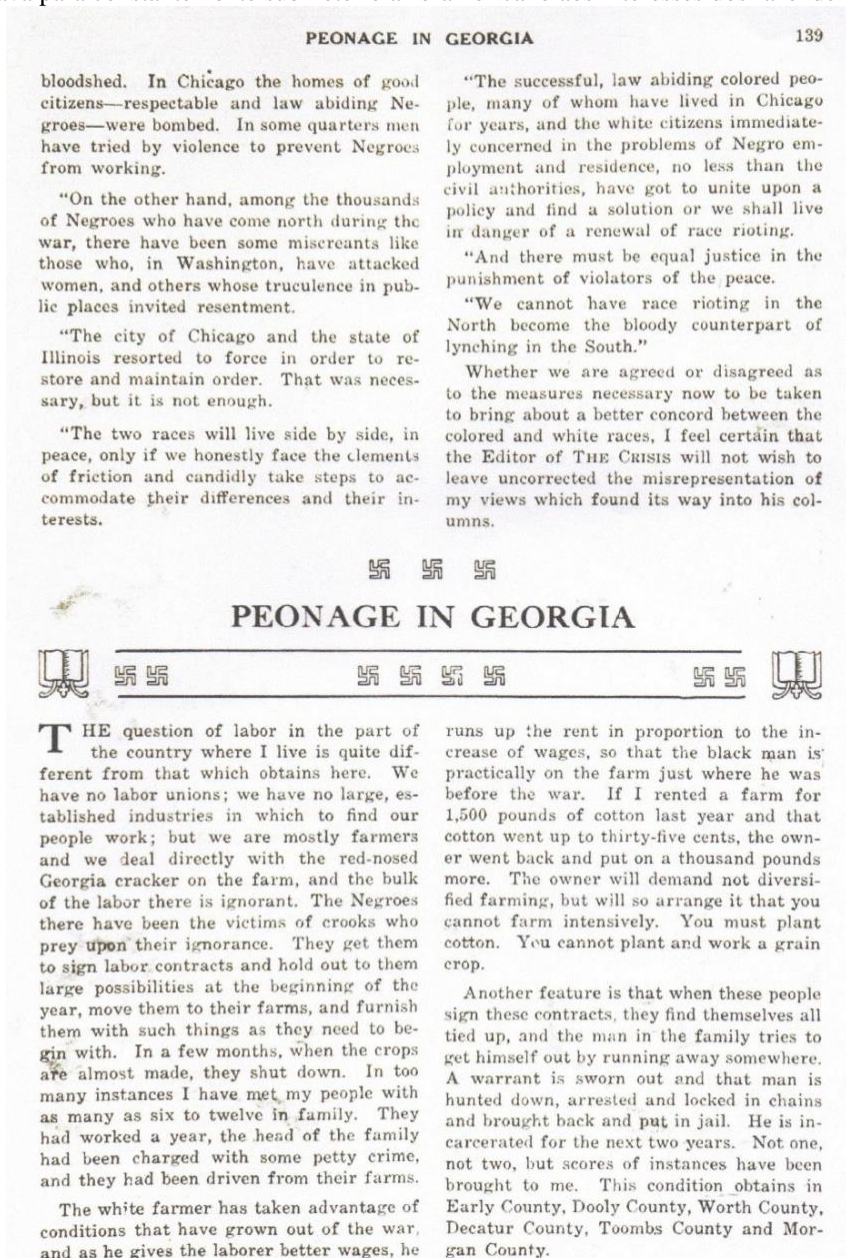
³⁶⁹ *Ibidem*. O termo apresentado foi *mobocracy* que pode ser entendido como a regra ou o governo das multidões, na maior parte das vezes, irracionais e ensandecidas. Cf. <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/mobocracy>.

³⁷⁰ *THE CRISIS*, New York, v. 20, n. 3, p. 139, July 1920.

³⁷¹ *Idem*.

Ainda que a publicação de cartas com o tema peonagem tenha se tornado escassa, provavelmente por uma nova estratégia de abordagem do tema, para a próxima década que se iniciava, a atenção da NAACP e de seus colaboradores e colaboradoras continuou voltada para a questão. A forma de divulgação da problemática englobou diversos meios de exposição dentro e fora das páginas de *The Crisis*. Mencionaremos apenas algumas notícias, editoriais e ações desenvolvidas pela Associação para fazer com que o sistema fosse conhecido, debatido e eliminado dos Estados Unidos.

Imagem 22 - Relato de um observador de fora do estado da Geórgia de como o sistema de peonagem funcionava para constantemente submeter o afro-americano aos interesses dos fazendeiros locais.



Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 20, n. 3, p. 139, July 1920.

No mesmo ano em que as decisões sobre Alonzo Bailey e Pink Franklin tornaram-se de conhecimento do público, diversas outras situações envolvendo a peonagem foram transmitidas por *The Crisis*. Na edição de julho de 1911, duas matérias sobre a questão estiveram na subseção “Judicial” da seção “Along the Color Line”. Na primeira matéria, foi noticiado que um júri da cidade de Macon, no estado da Geórgia, tinha inocentado quatro ricos fazendeiros locais, mesmo com as alegações apresentadas pelo juiz federal, Emory Speer, de que aquele sistema de trabalho involuntário era contrário à Constituição dos Estados Unidos. De acordo com a nota, os próprios acusados teriam confirmado a prática que, mesmo assim, não foi suficiente para convencer o júri para a irritação de Speer. A nota terminou como uma espécie de consideração pelo ato do juiz, informando que, apesar de ser um georgiano e de ter servido no exército confederado, ele estava preocupado em processar a Ku Klux Klan.³⁷² A nota seguinte, bem menor, referiu-se a oito fazendeiros do Condado de Conecuh, detidos na cidade de Mobile, Alabama, sob acusações de peonagem. Os indivíduos teriam mantido trabalhadores rurais nessa condição por muitos meses.³⁷³

No número do mês de agosto de 1911, o primeiro texto da subseção “Political”, trouxe uma decisão do presidente Taft que parecia contrariar as medidas adotadas por ele quanto ao caso Franklin e a peonagem em si. O autor da nota informou que o presidente tinha ordenado a soltura de três oficiais de uma grande empresa madeireira do Alabama que estavam cumprindo sentença na penitenciária de Atlanta por crime de peonagem. O pedido de clemência teria sido solicitado por um senador do estado da Flórida. Era esperado que dois outros indivíduos punidos com o mesmo crime, também, fossem incluídos no ato. A prática realizada pelos homens foi de levar trabalhadores estrangeiros de Nova Iorque para o Alabama e detê-los forçosamente no local. Devido ao ato do presidente Taft, o autor da nota relatou uma história que teria acontecido na cidade de Nova Iorque em que uma garotinha, ao descobrir que um amigo rico da família foi sentenciado, teria dito que “Pessoas ricas não deveriam estar na cadeia”.³⁷⁴

Diversos outros relatos permearam as páginas da revista ao longo dos anos.³⁷⁵ São incontáveis as matérias que abordaram o tema indiretamente. Mais diretamente, o editor,

³⁷² *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 3, p. 96, July 1911.

³⁷³ *Idem*.

³⁷⁴ *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 4, p. 139, Aug. 1911.

³⁷⁵ Outras ocorrências envolvendo o sistema de peonagem podem ser conferidas nas seguintes edições: *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 3, p. 100-101, Jan. 1912, p. 100-101; *THE CRISIS*, New York, v. 7, n. 3, p.

por sua vez, pronunciou-se sobre a questão em seus editoriais. O texto “Peonage”, da edição de abril de 1916, é um relato dramático da situação no estado da Geórgia.³⁷⁶ O texto iniciou com o informe de que a imagem contida na página seguinte era autêntica e retirada de uma fotografia. A figura apresentava cinco homens afro-americanos que tinham sido mortos por uma multidão após resistirem a uma “prisão” (grifos do autor). Nesse processo, o xerife foi morto. Os homens foram detidos, retirados da cadeia do Condado de Worth e levados para o Condado de Lee, onde foram assassinados. Uma fotografia foi tirada e enviada para um distinto homem da região. Em um momento de distração, seu empregado negro repassou a fotografia para um agente de *The Crisis* que fez a cópia e devolveu a fotografia. De acordo com Du Bois, só havia uma resposta para aquela ocorrência e outra que aconteceu em dezembro do ano anterior no Condado de Early: a peonagem. Em um relato longo, criticou a postura adotada pelo governo dos Estados Unidos que, segundo Du Bois, tinha mais interesse em evitar a peonagem cometida contra italianos até que se deparou com a situação em que os afro-americanos estavam submetidos. Contudo, após alguns processos casuais, o ex-presidente Taft começou a silenciar a questão.³⁷⁷ Pelo fato dos três condados pertencerem à região conhecida como *black belt* (cinturão negro)³⁷⁸, era considerado impossível para os brancos exercerem sua autoridade nas plantações e extrair o máximo de trabalho possível dos serviços negros obedecendo à lei.³⁷⁹

Em outro texto, de julho de 1920, resultado da conferência anual promovida pela NAACP, em Atlanta, Du Bois novamente se apresentou como um observador que, apesar de reconhecer avanços nas relações raciais, mantinha uma postura mais comedida. “In Georgia” (“Na Geórgia”), que apareceu na seção “Opinion of W. E. B. Du Bois” (“Opinião de W. E. B. Du Bois”), o equivalente ao “Editorial”, o autor revelou a conquista da Associação em realizar uma reunião no centro da Região Sul do país onde demandas como descentes condições de trabalho e salários foram debatidas. Embora tenha estipulado que, de 15.000 pessoas, em quatro dias de reuniões, menos de 50 brancos

116-117, Jan. 1914; *THE CRISIS*, New York, n. 8, n. 3, p. 116, July 1914; *THE CRISIS*, New York, v. 8, n. 5, p. 220, Sept. 1914; *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 1, p. 14, May 1916.

³⁷⁶ DU BOIS, W. E. B. Peonage. *THE CRISIS*, New York, v. 11, n. 6, p. 302-305, Apr. 1916.

³⁷⁷ Idem, p. 304.

³⁷⁸ Área do Sul dos Estados Unidos densamente povoada por afro-americanos que englobava os estados de Louisiana, Mississippi, Alabama e Geórgia. Sua característica econômica estava voltada para a produção de algodão e outras monoculturas. É o que se convencionou chamar de *Deep South* ou Sul Profundo.

³⁷⁹ Ibidem.

sulistas tenham comparecido, afirmou que a conferência marcou época, pois as lideranças sulistas perceberam que não era sábio impedir os negros de expressarem suas queixas e revelou para o país que não havia distinção de objetivos entre os afro-americanos do Sul e do Norte.³⁸⁰ Dentre as várias questões salientadas, afirmou o compromisso e o apoio da NAACP e de *The Crisis* com os brancos simpatizantes para a promoção dos direitos civis. Contudo, finalizou o texto com uma postura desafiadora ao sustentar seu posicionamento de que aqueles contrários à causa dos direitos civis enfrentariam uma luta com um final amargo.³⁸¹

Nesses dois textos, dos diversos escritos pelo editor, que abordavam a questão trabalhista do afro-americano no Sul dos Estados Unidos, podemos atestar a sua relutância em mergulhar completamente na crença de que o problema das relações envolvendo brancos e negros teriam uma solução rápida.³⁸² Além disso, verificamos como Du Bois alimentava suas críticas remontando a episódios passados, mas que reverberavam nas questões presentes em seu tempo, com destaque ao papel desempenhado pelo ex-presidente Taft, em 1911, quando da soltura de indivíduos acusados de peonagem lembrados no texto de abril de 1916. Por vezes, somos levados a acreditar que o editor tenha escrito alguns textos, ou alguns trechos, mais otimistas, a contragosto com a finalidade de passar para os leitores que por mais difíceis que as coisas fossem, elas poderiam ser mudadas. Atitude que novamente demonstra o compromisso e como a NAACP, Du Bois e os apoiadores estavam dispostos a renunciar a determinadas posturas para levar adiante o esforço em prol de todos os afro-americanos. E nesse processo, a NAACP demonstrou uma postura louvável em sua luta para a promoção de melhores condições de vida para o negro norte-americano.

Membros ligados à instituição procuraram trabalhar em diversas frentes com o propósito de avançar suas demandas. Exemplos podem ser encontrados nas abordagens aos partidos políticos e seus planos para solucionar ou atenuarem o problema das relações raciais. Jane Addams – sufragista, assistente social, pacifista e uma das fundadoras da NAACP – escreveu, em 1912, o texto “The Progressive Party and the

³⁸⁰ DU BOIS, W. E. B. In Georgia. *THE CRISIS*, New York, v. 20, n. 3, p. 117, July 1920.

³⁸¹ Idem, p. 118.

³⁸² Outros exemplos em que Du Bois abordou o tema da peonagem estão nos textos “The Immediate Program of the American Negro” (“O Programa Imediato do Negro Americano”), contida em *THE CRISIS*, New York, v. 9, n. 6, p. 310-312, Apr. 1915 e “Resolutions of the Washington Conference” (“Resoluções da Conferência de Washington”) em *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 2, p. 59-60, June 1917.

Negro” (“O Partido Progressista e o Negro”).³⁸³ O artigo foi derivado de reflexões sobre possíveis incidentes que teriam ocorrido na convenção do partido, em agosto, na cidade de Chicago.

O longo texto se inicia com a exposição de rumores sobre uma suposta proibição da participação de representantes negros em convenções do partido. Após apuração dos fatos, foi constatado que o relato não procedia e que a participação de delegados contava não apenas com estados do Norte como Rhode Island, mas também de estados do Sul como Virgínia do Oeste, Maryland, Tennessee e Kentucky. Esse fato parece ter alertado para os limites do autogoverno pregado no Sul e que “somente quando homens brancos e negros se engajarem em problemas políticos comuns, o homem negro deixará de ser visto como um problema”.³⁸⁴ Addams fez críticas à ideia de que existia uma proteção do Partido Republicano em relação aos afro-americanos. Essa proteção não deveria ser considerada, pois, durante vários anos de governo federal do partido, os negros foram privados de vários de seus direitos pelos democratas na região. Segundo a ativista, os progressistas não adotavam os pontos de vista desses dois partidos e desafiavam seus lemas mais tradicionais de indicação de cargos federais, no caso dos Republicanos, e de intimidação, no caso dos Democratas.³⁸⁵ A ativista chegou a cogitar uma interferência federal para cuidar de questões como peonagem aos moldes das Convenções de Haia (1899 e 1907), pois, segundo sua explicação, muitos dos desacordos tidos como internacionais tinham uma perspectiva inter-racial.³⁸⁶

Ainda no que se refere à obtenção do comprometimento de políticos para a causa afro-americana, a NAACP tinha o hábito de enviar questionários para os candidatos a cargos políticos e divulgar suas respostas nas páginas da revista *The Crisis*. Na campanha presidencial de 1916, a organização publicou uma carta enviada para o candidato pelo Partido Republicano, Charles Evans Hughes, em 28 de setembro. “Presidential Candidates” (“Candidatos Presidenciais”), trouxe informações sobre o interesse da NAACP nas eleições daquele ano, além de expor que pelo fato do Partido Republicano ter traído os interesses dos afro-americanos, na eleição anterior, vários membros da

³⁸³ ADDAMS, Jane. The Progressive Party and the Negro. *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 1, p. 30-31, Nov. 1912. Para conhecer mais o papel das mulheres no processo de fundação da NAACP, Ver: MOORE, Linda S. Women and the Emergence of the NAACP. In: *JOURNAL OF SOCIAL WORK EDUCATION*, v. 49, n. 3, Summer, 1913, p. 476-489. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/42000194>.

³⁸⁴ Idem, p. 30.

³⁸⁵ Ibidem.

³⁸⁶ Idem, ibidem, p. 31.

Associação aconselharam os afro-americanos a votarem no Partido Democrata.³⁸⁷ Contudo, a confiança e as expectativas não foram devidamente atendidas.³⁸⁸ Outras informações como o fenômeno do linchamento, apontado como, talvez, a maior tragédia do país, foram levantadas. A correspondência solicitava também mais detalhes sobre como Hughes trataria o linchamento, a privação de direitos políticos e o ódio racial. Os dados seriam determinantes para se definir a opção de voto. Após a apresentação dos membros que redigiram a carta, uma nota informou que a correspondência não tinha sido respondida, até então.³⁸⁹

Outra correspondência, nessa mesma edição, apresentou as respostas de Senadores e Congressistas sobre as questões raciais. A carta, assinada pelo Presidente do Conselho de Diretores, J. E. Spingarn, apresentava uma pergunta padrão – “Você, se eleito em novembro, usará os poderes de seu cargo e votará” – e diversas opções que a completavam. Dentre essas opções, estava uma sobre peonagem, mais especificamente, “Para suprimir a peonagem por meio da execução do Artigo XIII da Constituição?”.³⁹⁰ As repostas daqueles que enviaram o questionário foram apresentadas em um quadro que continha o estado, o partido, o distrito e seu nome. A consideração para com os leitores e eleitores era tamanha que, caso os nomes de seus representantes políticos não se encontrassem no quadro, eles poderiam entrar em contato com a NAACP para que a Associação enviasse a resposta tão logo ela fosse recebida.³⁹¹

Como pode ser verificado, em seus primeiros anos de existência, uma ampla rede de ação se fez presente para discutir e combater o sistema de trabalho involuntário conhecido como peonagem. Ainda que a NAACP ao longo do tempo fosse caracterizada como um órgão que procurava agir por meios legais e mais voltados a classe média, sua atenção em relação às diversas formas de opressão que submetiam os afro-americanos foram bastante divulgadas em seus encontros anuais e conferências. Nessa busca por sanar os problemas das relações raciais nos Estados Unidos, papel de destaque deve ser atribuído à revista *The Crisis*.

³⁸⁷ Presidential Candidates. *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 1, p. 16, Nov. 1916.

³⁸⁸ O próprio Du Bois foi um dos membros que deu um voto de confiança ao candidato democrata Woodrow Wilson que pouco fez para o avanço nas relações raciais. Estudos, até mesmo, indicam que a segregação no governo Wilson teria aumentado numa escala impressionante. Para saber mais, ver: WOLGEMUTH, Kathleen L. Woodrow Wilson and Federal Segregation. In: *THE JOURNAL OF NEGRO HISTORY*, v. 44, n. 2, Apr., 1959, p. 158-173. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2716036>.

³⁸⁹ *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 1, p. 17, Nov. 1916.

³⁹⁰ Idem, p. 18.

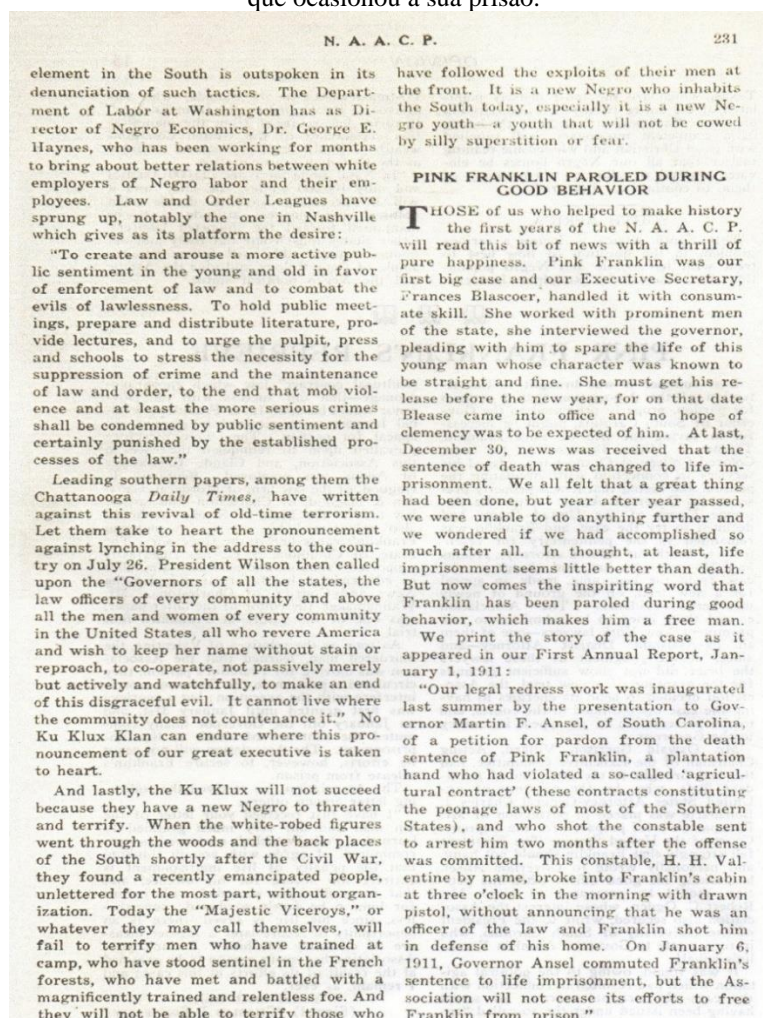
³⁹¹ Ibidem.

Nas páginas da revista *The Crisis*, as mais variadas temáticas foram objeto de discussão, não apenas envolvendo os membros diretamente ligados à produção da revista. Simpatizantes, grande parte deles com considerável projeção nacional e internacional, tinham espaço para expor suas opiniões. Mas não apenas eles contavam com esse espaço. Os leitores-escritores de *The Crisis*, também, tinham suas queixas e exposição da situação do abuso nas questões trabalhistas no Sul, reveladas para o país inteiro. Muitos dos casos que chegaram à revista foram obtidos em primeira-mão pelos relatos dos assinantes que, até mesmo, arriscando suas vidas, contribuíram para divulgar os absurdos exemplos apresentados. Obviamente que um problema como o da peonagem, advindo de um processo histórico relativamente longo no tempo, não teve um fim repentino ou no prazo de tempo de uma década de militância. Ainda hoje somos surpreendidos com histórias semelhantes em diversas partes do mundo. Contudo, a participação da NAACP, *The Crisis* e dos simpatizantes da causa afro-americana merece destaque e reconhecimento.

O engajamento e o resultado de seu primeiro caso envolvendo a peonagem, iniciado em 1910, embora não tenha agradado a todos os envolvidos, revelou que o sistema era mais resistente de se combater do que se pensava. Mesmo assim, a exposição e o debate se seguiram com o objetivo de sempre. Nesse percurso, o ano de 1919, mostrou-se como um incentivo a mais no combate àquela tentativa de reconduzir o negro estadunidense a uma condição semelhante à escravidão. Mil novecentos e dezenove foi o ano em que Pink Franklin recebeu a sua liberdade condicional por bom comportamento. Sua soltura foi apresentada no texto “Pink Franklin Paroled During Good Behavior” (“Pink Franklin em Liberdade Condicional Durante Bom Comportamento”). O relato descreveu os passos da jovem Associação, com destaque para Frances Blascoer, e a reflexão de que apesar de terem feito algo extremamente importante, no momento, se algo mais poderia ter sido feito por Franklin.³⁹² A história prova que se deve trabalhar dentro de certos limites.

³⁹² Pink Franklin Paroled During Good Behavior. *THE CRISIS*, New York, v. 17, n. 5, p. 231, Mar. 1919.

Imagem 23 - Notícia, em *The Crisis*, reportando a libertação de Pink Franklin, doze anos após o incidente que ocasionou a sua prisão.



Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 17, n. 5, p. 231, Mar. 1919

3.2 – Convict-Lease System e Chain Gang System: “um morre, pegue outro”

A forma de exploração da mão-de-obra afro-americana na Região Sul do país apresentou as mais variadas facetas. Esse processo criativo de subjugação do indivíduo negro mostrou-se presente desde o imediato pós-guerra civil e foi ao longo do tempo – um curto espaço de tempo, na verdade – ganhando contornos que chocaram, até mesmo, aqueles que estavam inseridos e compactuavam com a sua funcionalidade.

Como mencionado acima, não apenas empresários ou proprietários rurais articularam-se para se beneficiarem do trabalho exercido pelos afro-americanos. Importantes autoridades judiciais e políticas estavam no esquema e algumas fizeram consideráveis fortunas com o que se assemelhou a uma servidão pós-escravidão inserida

nos limites territoriais dos estados sulistas. Preocupados em manter sua força de trabalho subserviente e em como reestruturar a região, as autoridades estabeleceram leis e procedimentos extralegais para garantir que o cidadão negro fosse o responsável por reerguer, através de seu suor, a, até então, civilização sulista. Autoridades federais procuraram minar as intenções sulistas. Suas medidas surtiram efeito por um curto período, mas o que se seguiu foi desastroso e contou, em certa medida, com a conivência do próprio governo federal.

Como se não bastassem os processos que estiveram relacionados à peonagem, outros esquemas de confinamento de trabalhadores estiveram presentes no Sul durante o período de reconstrução e, após a reconquista de poder político que o seguiu, a redenção. Para que esses esquemas pudessem funcionar, o sistema prisional da região foi um alicerce poderoso e que ainda preserva algumas de suas características.³⁹³

O sistema penal que existia nos estados sulistas antes do conflito civil foi motivo de debates ao longo da historiografia. Alguns estudiosos, como Green (1969, p. 274), apresentaram uma perspectiva de que a forma como se tratava os condenados, em muito se assemelhava com o sistema de punição existente no Norte.³⁹⁴ De acordo com ele, existiam três principais formas de se empregar o trabalho dos prisioneiros. O *Public Account* (Conta Pública), em que o estado gerenciava e supervisionava o trabalho dos condenados nas prisões e, algumas vezes, fora também. Ou seja, os condenados trabalhavam para o estado e não para uma empresa privada. O *Contract System* (Sistema de Contrato), considerado o mais prevalente, onde licitações eram abertas para o emprego dos presos. O maior lance garantia o contrato. Por vezes, a prisão ou o estado forneciam maquinário e ferramentas. Os presos eram mantidos dentro dos muros e os estados não renunciavam ao seu direito de controle sobre eles. E o *Convict Lease System* (Sistema de Arrendamento de Prisioneiro), em que se arrendava parte ou todos os condenados por uma soma fixa. O contratante detinha todos os gastos de gerenciamento, incluindo

³⁹³ Em análise do início do século XXI, Browne expõe que as raízes para a grande proporção de afro-americanos inseridos no sistema prisional estão relacionadas à questão racial que define todos os seus aspectos desde quais são seus principais alvos até as taxas de condenação. De acordo com o autor, os homens afro-americanos com idade entre 20 e 39 anos representavam quase 1/3 de todos os prisioneiros sentenciados. Essas características são compreendidas como uma trágica herança da escravidão e todos os elementos que se seguiram. Cf. BROWNE, Jaron. Rooted in Slavery: Prison Labor Exploitation. In: *RACE, POVERTY & THE ENVIRONMENT*, v. 14, n. 1, Spring 2007, p. 42-44. (Just Jobs? Organizing for Economic Justice). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41555136>. Acesso em: 09/08/2022.

³⁹⁴ GREEN, Fletcher M.; COPELAND, J. Isaac (Ed.). *Democracy in the Old South: and other essays*. Kingsport, Tennessee: Vanderbilt University Press, 1969, p. 274.

hospedagem, proteção, alimentação, etc. O sistema permitia ao locatário exercer completa autoridade no controle e punição dos detentos sujeitos aos termos do contrato e podiam, até mesmo, subarrendá-los. Dessa forma, o estado estava liberado de toda obrigação e responsabilidade e os pagamentos eram lucros garantidos para o estado.³⁹⁵

Em uma perspectiva mais crítica, Adamson (1983, p. 555) aponta elementos que descrevem a forma de se punir brancos e negros na Região Sul do país. Esse esquema, baseado no costume e na tradição, revelou-se crucial para se atestar a brutalidade empregada contra o afro-americano no pós-guerra. Segundo o autor, o sistema penal, no período anterior à Guerra Civil, estava voltado para a punição de indivíduos brancos, já que a punição dos escravos se dava no local onde prestavam trabalho e ficava a cargo de seu senhor e demais indivíduos que trabalhavam com ele.³⁹⁶ Embora existisse o sistema de arrendamento de prisioneiros fora da Região Sul, essa característica ficou quase que arraigada nos estados da região e sua argumentação não se dava apenas pela questão fiscal, mas como uma forma de substituição da escravidão.³⁹⁷

Como se pode supor, as cadeias e penitenciárias da região contavam com uma população prisional majoritariamente branca que se acreditava tinha tendência a praticar seus delitos tendo por motivação crimes passionais.³⁹⁸ Esse sistema prisional seguia o sistema estabelecido, a partir da década de 1820, na Prisão de Auburn, estado de Nova Iorque, fundada em 1816. Em Auburn, a rigidez e a crença nos valores capitalistas de trabalho se somaram a aplicação de serviços religiosos como forma de regenerar os pecadores que lá viviam. Em seu desenvolvimento, a prisão contava com os mais diversos tipos de empreendimentos onde eram produzidos, dentre outros produtos, sapatos e botões. O sucesso de Auburn foi estrondoso e outros estados começaram a adotar métodos semelhantes. Evidenciava-se, assim, como as penitenciárias podiam se beneficiar com os lucros advindos do trabalho realizado pelos condenados que viviam dentro de seus muros exonerando os contribuintes de arcarem com as despesas de manutenção das prisões.

No sul do país, o estado de Kentucky, estruturou esquema parecido com o arrendamento de prisioneiros, em 1825, quando estabeleceu um contrato pela sua

³⁹⁵ Idem, p. 273-274.

³⁹⁶ ADAMSON, Christopher R. Punishment after Slavery: southern state penal systems, 1865-1890. In: *SOCIAL PROBLEMS*, v. 30, n. 5, Jun., 1983, p. 555. (Thematic Issue on Justice). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/800272>. Acesso em: 16/08/2021.

³⁹⁷ Idem, p. 556.

³⁹⁸ Ibidem, p. 557.

penitenciária por um prazo de cinco anos, recebendo 1.000 dólares por ano. Outros estados seguiram o exemplo e, ao que parece, os abusos em termos disciplinares não eram como os que se verificariam nas décadas após o conflito civil.³⁹⁹

Os quatro anos de embates entre nortistas e sulistas acarretaram uma devastação aterradora para os habitantes da região. Não apenas suas propriedades e plantações estavam em ruínas, como a maioria da infraestrutura local. Ferrovias, pontes, estradas, prédios públicos sentiram a voracidade das tropas da União quando essas passaram pelos estados. Grande destruidor da infraestrutura sulista foi, o já mencionado, general William T. Sherman que pouco se importou com os habitantes locais em sua passagem por Atlanta, estado da Geórgia, e pelas Carolinas em sua Marcha para o Mar. Como consequência, as penitenciárias locais tiveram seu funcionamento pleno prejudicado ou mesmo impraticável.

Os problemas que se seguiram com a contabilidade da Guerra Civil Americana não ficaram restritos às questões materiais. Foi perceptível, também, a questão referente a grande massa de ex-escravos que, de acordo com Green, “tornou-se sujeita à lei civil e criminal assim como o homem branco”.⁴⁰⁰ As animosidades recentes da guerra, os fatores históricos e as negociações políticas que se seguiram fizeram dos afro-americanos os principais alvos quanto ao grupo que se faria mais presente dentro dos muros das penitenciárias.

Impossibilitados de arcar com a manutenção dos prisioneiros e tendo que desenvolver a reconstrução da infraestrutura sulista, os legisladores regionais e, posteriormente, as autoridades federais designadas para dirigir a região no período se utilizaram dos recursos que tinham em mãos para promover tal empreitada. Dessa maneira, os legislativos estaduais e os líderes militares designados para fazer com que o Sul se integrasse ao sistema de mão-de-obra assalariada começaram a arrendar seus prisioneiros para empreitadas capitalistas. Provavelmente, as maiores beneficiárias do esquema foram as ferrovias e empresas de mineração que utilizavam o trabalho dos prisioneiros por um preço extremamente baixo.⁴⁰¹

³⁹⁹ GREEN, *op. cit.*, p. 275.

⁴⁰⁰ *Idem*, p. 276.

⁴⁰¹ Como exemplo, o governador militar da Geórgia e Alabama, general Thomas Howard Ruger, permitiu o arrendamento de cem prisioneiros para uma empresa ferroviária local, por um prazo de um ano, a um custo de \$2.500. A empresa ficaria responsável por todos os cuidados dos trabalhadores. Cf. GREEN, *op. cit.*, p. 277-278.

Em um primeiro momento, isso pode representar um acordo desfavorável para os estados, mas, na verdade eles ficavam desobrigados a fornecer qualquer tipo de assistência para o trabalhador aos cuidados das empresas privadas. E não apenas isso, a vontade dos estados de se livrar dos encargos era tão alta que alguns, até mesmo, não recebiam nenhuma compensação financeira ou pagavam às empresas para administrarem os detentos.⁴⁰²

Com os Democratas assumindo o controle da região, em 1876, e a retirada das tropas federais, o sistema de arrendamento de condenados tomou proporções alarmantes. O que era inicialmente para ser temporário e com condenados cumprindo aquele tipo de servidão por um prazo de tempo bem inferior ao que seria verificado posteriormente, entre um e cinco anos, passou a ser uma máquina de fazer dinheiro à custa dos prisioneiros. Ficou evidenciado, também, o caráter racial que conduziu para uma maior sofisticação do esquema em que os afro-americanos foram os principais alvos dessa política. Nesse processo, é aceita a crítica que relaciona membros do Partido Republicano e sua ânsia de reconstruir o país, e o Sul, principalmente, por meio da expansão e interesses capitalistas de rentáveis negócios na região. Para McKelvey (1935, p. 153-154), a condução da reconstrução empreendida pelos Republicanos Radicais teria agravado seriamente o problema do negro e desestruturado o sistema penal.⁴⁰³ Ainda segundo o autor, a atmosfera de conflito racial, a inquietação e ignorância do afro-americano recém-liberto elevaram os números da população carcerária para aproximadamente 90 por cento.⁴⁰⁴ Estima-se que no estado da Geórgia, em 1878, de 1.239 condenados, cerca de 1.120 eram negros.⁴⁰⁵

Com o desenvolvimento do sistema, estados passaram a estabelecer contratos com ferrovias, mineradoras e demais empresas com prazos a perder de vista. Arkansas estabeleceu contratos de 15 anos e lucros anuais de 25.000 dólares. Louisiana fixou contratos de até 20 anos e conseguiu lucros anuais de 20.000 dólares. O Tennessee chegou a arrendar todos os seus condenados para a empresa *Tennessee Coal, Iron and Railway Company* por um valor anual de 101.000 mil dólares.⁴⁰⁶

⁴⁰² ADAMSON, p. 564.

⁴⁰³ MCKELVEY, Blake. Penal Slavery and Southern Reconstruction. In: *THE JOURNAL OF NEGRO HISTORY*, v. 20, n. 2, Apr., 1935, p. 153-154. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2714642>. Acesso em: 09/08/2022.

⁴⁰⁴ Idem, p. 154.

⁴⁰⁵ GREEN, op. cit., p. 282; ADAMSON, op. cit., p. 565.

⁴⁰⁶ GREEN, op. cit., p. 280.

Não apenas companhias privadas se beneficiaram enormemente da locação de prisioneiros. Importantes personalidades da administração pública regional tornaram-se extremamente ricos com a usurpação do trabalho alheio. Dentre esses dirigentes está o governador da Geórgia, durante a Guerra Civil, Joseph E. Brown. Após o estado abrir licitação para arrendar seus prisioneiros, em 1874, Brown apresentou uma proposta, um dia após o encerramento do prazo, reivindicando cem trabalhadores por um prazo de cinco anos a 11 dólares por ano para cada prisioneiro arrendado. Brown se encarregaria de fornecer roupas e alimentos.⁴⁰⁷ A proposta foi feita alegando que seria para uma empresa do ramo de mineração e ferrovias: a *Dade Coal Company*, no Condado de Dade. As condições de trabalho durante o comando de Brown eram precárias e humilhantes. Durante a realização de um comitê, estabelecido em 1881, responsável por averiguar as condições de trabalho dos prisioneiros no estado, um Senador apontou que os prisioneiros trabalhavam expostos a uma temperatura média de 60 graus com água fria gotejando em cima deles. Além disso, eles eram obrigados a dormir com as mesmas roupas utilizadas no trabalho, estando essas molhadas e cheias de pó de carvão. Apesar dos apontamentos, o relatório concluiu que não havia irregularidades na forma de tratamento nas minas.⁴⁰⁸

O tratamento dispensado aos prisioneiros era extremamente desumano. Açoites e as mais variadas violências físicas, em um esquema muito parecido com os tempos da escravidão, eram vistos como as únicas formas para disciplinar prisioneiros que se revoltavam com a condição em que estavam submetidos. Nos campos de trabalho, relatos informaram que estupros e nascimentos de filhos ilegítimos eram uma constante.⁴⁰⁹ Isso confirma as práticas descritas acima no que se refere à peonagem, evidenciando, também, que a exploração sexual era umas das maneiras mais comuns de exploração dos corpos negros.

Parece ser de entendimento amplo que a Flórida desenvolveu o sistema mais ferrenho de punição e exploração de seus condenados.⁴¹⁰ A Flórida, juntamente com a Carolina do Sul e a Carolina do Norte, não contava com penitenciárias no período anterior à Guerra Civil. Contudo, vivenciou, como todos os estados, o crescimento no número de

⁴⁰⁷ ROBERTS, Derrell. Joseph E. Brown and the Convict Lease System. In: *THE GEORGIA HISTORICAL QUARTERLY*, v. 44, n. 4, Dec., 1960, p. 400. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40578086>. Acesso em: 09/08/2022.

⁴⁰⁸ Idem, p. 405.

⁴⁰⁹ Ibidem, p. 408.

⁴¹⁰ Cf. MCKELVEY, op. cit., p. 159; GREEN, op. cit., p. 280.

detentos. Em 1869, foi concedida autorização para utilizar a construção reservada para a manutenção do arsenal do governo federal, que funcionava em Chattahoochee, como prisão com capacidade para 300 condenados.⁴¹¹ Com o aumento dos custos para a manutenção dos presos e a resistência da população em não querer arcar com as despesas, a população carcerária estadual foi arrendada, em 1880.

O principal empreendimento que se beneficiou do trabalho dos prisioneiros foi o de produção de terebintina – solvente resultante da matéria-prima extraída de pinheiros. O local de extração, embora variasse de campo para campo, era de difícil acesso e, muitas vezes, distante de áreas povoadas. Esses elementos contribuem para explicar o índice de mortalidade existente nos campos de extração, bem como as práticas de punição adotadas.⁴¹² Duas dessas práticas eram a *sweeting* (fazer suar), onde um condenado era colocado em uma caixa com pouca ventilação e iluminação por várias horas e a *watering* (hidratar/regar) em que o prisioneiro era amarrado e um funil era colocado em sua boca. Água era despejada fazendo o estômago se estender, ocasionando dor e, por vezes, a morte.⁴¹³ Em um dos relatos mais chocantes sobre a forma de tratamento dispensada aos presos arrendados do estado, J. C. Powell, um antigo capitão de um dos campos de trabalho, descreveu que a história do regime era de constante barbaridade e que a ausência de registros tornava quase impossível dar uma ideia do estado de coisas, a não ser por casos isolados.⁴¹⁴

As atrocidades cometidas através do sistema de arrendamento de prisioneiros não ficariam escondidas para sempre. Ao longo dos anos, casos foram ficando mais evidentes e revelaram para as autoridades e o público o que eles custaram a questionar no início do processo. No Alabama, em 1886, a morte de um prisioneiro, chamado Jere Ford, que exercia seus trabalhos em uma empresa de alvenaria, esteve em um documento elaborado para inspecionar o tratamento dispensado aos prisioneiros. Após se recusar a trabalhar devido ao calor, Ford foi açoitado pelo supervisor por, pelo menos, cem vezes. No dia

⁴¹¹ DROBNEY, Jeffrey A. Where Palm and Pine are Blowing: Convict Labor in the North Florida Turpentine Industry, 1877-1923. In: *THE FLORIDA HISTORICAL QUARTERLY*, v. 72, n. 4, Apr., 1994, p. 415. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30150422>. Acesso em: 09/08/2022.

⁴¹² Estimativas apontam que a mortalidade dos prisioneiros inseridos no sistema de arrendamento chegava a 25 por cento ao ano na Região Sul do país. Com relação ao estado da Flórida, dados parecem afirmar, com certa satisfação, que os 5 por cento de média anual do estado não era tão ruins em comparação a outros como o Alabama, com uma média de 40 por cento. *Idem*, p. 428.

⁴¹³ *Ibidem*, p. 429.

⁴¹⁴ POWELL, J. C. *The American Siberia: or fourteen years' experience in a southern convict camp*. Chicago: Homewood Publishing Company, 1893, p. 10. Disponível em: <https://ucf.digital.flvc.org/islandora/object/ucf%3A7756#page/9/mode/2up>.

seguinte, ao se recusar novamente a trabalhar por não estar se sentindo bem, ele foi açoitado aproximadamente mais trinta vezes. Após um tempo, Ford veio a morrer. Os testemunhos dos médicos da empresa informaram que a causa da morte do trabalhador, possivelmente, foi insolação ou a combinação de um trabalho duro juntamente com o calor agravado pelo castigo corporal que sofreu.⁴¹⁵

O advento do movimento progressista, a partir da última década do século XIX, investigações desencadeadas por veículos de imprensa, organizações de direitos humanos, movimento trabalhista e relatórios governamentais foram fundamentais para a tentativa de se colocar um fim ao sistema de arrendamento de prisioneiros. Em 1890, uma norma foi incorporada na Constituição do estado de Mississippi com a especificação para proibir o arrendamento de prisioneiros para grupos privados ou públicos. Vários outros estados, ao longo dos anos, passaram a adotar medidas semelhantes e, até 1917, Mississippi, Louisiana, Geórgia, Texas, Arkansas e Tennessee aboliram a prática.⁴¹⁶ Na Flórida, o brutal assassinato de um prisioneiro, Martin Tabert, branco e originário de Dakota do Norte, em 1922, espancado por um guarda onde prestava trabalho, ocasionou uma investigação demandada pelo legislativo de Dakota do Norte. Ao final do processo e das alegações de existência de um esquema com o intuito de punir pessoas por crimes considerados leves, o estado da Flórida aboliu o sistema em 1924.⁴¹⁷

Com a reforma penal desencadeada pelos progressistas, melhorias nas condições de existência dos infratores foram perceptíveis. Na Virgínia foi instituído o *Board of Charities and Correction* (Conselho de Caridade e Inspeção) responsável por examinar, pelo menos, uma vez por ano, as instituições de correção no estado, condados, municípios e de caráter privado.⁴¹⁸ Estados como a Louisiana, passaram a destinar pagamentos

⁴¹⁵ WORGER, William H. Convict Labor, Industrialists and the State in the US South and South Africa, 1870-1930. In: *JOURNAL OF SOUTHERN AFRICAN STUDIES*, v. 30, n. 1, Mar., 2004, p. 73. (Special Issue: Race and Class in South Africa and the United States). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4133858>. Acesso em: 09/08/2022. Ver também: *First Biennial Report of the Inspectors of Convicts to the Governor: From October 1, 1884, to October 1, 1886*. Montgomery, Ala.: Barret & Co., State Printers and Binders, 1886, p. 332. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uiug.30112044298641&view=1up&seq=1>.

⁴¹⁶ ZIMMERMAN, Jane. The Penal Reform Movement during the Progressive Era, 1890-1917. In: *THE JOURNAL OF SOUTHERN HISTORY*, v. 17, n. 4, Nov., 1951, p. 462. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2954512>. Acesso em: 09/08/2022.

⁴¹⁷ Para saber mais sobre os desdobramentos do caso de Martin Tabert e o sistema penal da Flórida, no início do século XX, ver: MILLER, Vivien M. L. Chapter 3 – Cruel and Usual Punishment. In: *Hard labor and hard times: Florida's "Sunshine Prison" and chain gangs*. Gainesville: University Press of Florida, 2012, p. 72-105.

⁴¹⁸ ZIMMERMAN, op. cit., p. 474.

revertidos para os prisioneiros, estabelecendo uma divisão entre trabalhadores de primeira-classe, que receberiam um valor entre 5 e 15 dólares e de 2 e 10 dólares por mês para os de segunda-classe.⁴¹⁹

A gradativa abolição do sistema de arrendamento no Sul do país não significou uma eliminação nos abusos e no tratamento cruel destinado aos prisioneiros. Muito menos foi uma alteração na forma como o afro-americano era submetido. O sistema de arrendamento foi substituído pelo *chain gang* (acorrentamento de prisioneiros) e alguns autores o consideram um sistema ainda mais brutal que seu antecessor.⁴²⁰

A prática consistia em se utilizar da mão-de-obra disponível nos presídios e alocá-la para a realização de trabalhos a serem executados tendo em vista o bem público. Os prisioneiros exerciam suas atividades acorrentados e, muitas vezes, sob a vigilância de guardas armados. A opção pelo sistema de acorrentamento de condenados se desenvolveu em face da crescente inviabilidade de se manter o arrendamento de prisioneiros devido ao seu questionamento pela opinião pública e pela redução de lucros que podiam ser obtidos com ele. Como algumas interpretações sugerem, os estados, cientes da rentabilidade adquirida por companhias privadas com o esquema, passaram a objetivar o mesmo fim. Dessa forma, evidencia-se que a alteração de um sistema por outro não se caracteriza por uma ação humanitária, mas sim uma transferência de bens manufaturados oriundos do trabalho arrendado para o setor público.⁴²¹

Defensores do sistema argumentavam agressivamente que os detentos deveriam retribuir o estado e a comunidade de alguma forma, seja por violarem suas normas ou por serem mantidos pelos contribuintes que seguiam suas leis. Os condenados eram vistos como sendo de propriedade dos estados, assim como os escravos eram propriedade de seus senhores antes da guerra.⁴²²

O processo de transição do sistema de arrendamento, tendo como principal beneficiário o setor privado, para o de acorrentamento cujo interesse seria o do Estado e das pessoas que o mantinha, estende-se desde a última década do século XIX. Contudo, a estruturação do movimento progressista, que buscava reestruturar a sociedade norte-

⁴¹⁹ Idem, p. 290.

⁴²⁰ Cf. GREEN, op. cit., p. 285; BROWNE, op. cit., p. 43-44.

⁴²¹ FISHER-GIORLANDO, Marianne. Prisons. In: BROWN; STENTIFORD, op. cit., p. 636.

⁴²² LICHTENSTEIN, Alex. Good Roads and Chain Gangs in the Progressive South: "The Negro Convict is a Slave". In: *THE JOURNAL OF SOUTHERN HISTORY*, v. 59, n. 1, Feb., 1993, p. 107. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2210349>. Acesso em: 09/08/2022.

americana, em todos os seus aspectos, parece ter contribuído, talvez, contra a sua própria vontade, para a permanência da exploração dos afro-americanos e para a continuação de um sistema penal retrogrado e baseado na violência e exploração.

Quando se fala em *chain gang*, a imagem que mais a descreve é a de prisioneiros acorrentados vigiados por guardas armados e montados em cavalos. Geralmente o trabalho era feito para construção e manutenção de obras públicas como estradas e pontes. Essa imagem está relacionada com o “movimento boas estradas” que ganhou força no início do século XX, alcançando seu auge na década de 1920. Esse processo de modernização tinha como argumento o estabelecimento de uma aproximação mais estreita entre o produtor rural e o comerciante.⁴²³ O desenvolvimento do sistema, a abundância de prisioneiros disponíveis com o abandono do sistema *convict-lease* e as características históricas e psicológicas dos habitantes da região Sul novamente desencadearam um processo de exploração e encarceramento em massa do cidadão afro-americano.

Os elementos que compõe a existência e prática do sistema de acorrentamento de prisioneiros, na virada e nas primeiras décadas do século XX, compreendem uma inesgotável gama de interpretações. De acordo com Lichtenstein, dentre alguns pontos que podem ser mencionados estão as ações dos legislativos estaduais em permitir que os condados solicitassem, em caráter suplementar, prisioneiros do sistema de arrendamento para o trabalho em estradas; uma espécie de conivência do movimento trabalhista, de estados como a Geórgia, em não se pronunciar sobre a questão na crença de que o emprego dos prisioneiros no trabalho público não produziria uma competição injusta com os trabalhadores do setor privado; a argumentação de que as raízes do sistema *chain gang* estão no sistema *convict-lease* com a existência de esquemas que puniam pessoas com duras penas por contravenções consideradas leves e a persistente e horrenda crença de que os afro-americanos eram aptos ao trabalho pesado e pouco qualificado.⁴²⁴

Da mesma maneira que a peonagem e o arrendamento, o sistema de acorrentamento de prisioneiros passou a sofrer duras críticas até ser abolido, em 1955. Contudo, algumas experiências de resgate estiveram presentes em estados como o Alabama (1995-1997). Atualmente, o mais notável caso da permanência do sistema é o do Condado de Maricopa, no estado do Arizona, descrito, muitas vezes, como um campo

⁴²³ Idem, p. 86.

⁴²⁴ Ibidem, p. 88, p. 89, p. 94 e p. 106.

de concentração.⁴²⁵ No local, encontra-se em operação o primeiro exemplo de acorrentamento de prisioneiros destinado exclusivamente às mulheres da história do país. Como mencionado acima, em algumas situações, mulheres e homens compartilhavam o mesmo campo de trabalho, o que dava margem para que ocorrências de violência sexual fossem confirmadas. Porém, não apenas a objetificação das prisioneiras negras como um instrumento de alívio para os desejos humanos estavam presentes no sistema penal sulista. No que se refere à questão de gênero, relacionada ao trabalho, as mulheres negras eram praticamente tratadas como homens. Como discutido por Haley (2013, p. 53), o regime carcerário da Geórgia pode ser entendido como um instrumento que produziu e reforçou construções raciais de gênero e divisões de trabalho por gênero.⁴²⁶ Ainda segundo a autora, esse regime produzia mulheres todos os dias, mas todas as mulheres eram brancas.⁴²⁷

A discussão que compreende os variados métodos de exploração da mão-de-obra negra nos Estados Unidos, com destaque para o Sul do país, é ampla. Nessa parte do país, parece nunca haver existido um programa contundente de incorporação do negro no mercado de trabalho livre em que os direitos de seus membros tivessem sido garantidos. São notórias e espetaculares as maquinações desenvolvidas pelos brancos da região para manter o afro-americano como uma ferramenta de trabalho. Após um breve momento de contestação, no imediato pós-conflito civil, acordos estabelecidos regional e nacionalmente fizeram com que os negros ficassem à mercê dos brancos sulistas. Nesse processo, o sistema penal foi um dos mais ativos aliados dos legisladores e homens de negócios regionais. O esquema era tão escancarado que a mão-de-obra se tornou inimaginavelmente abundante. E essa abundância foi capaz de desencadear o desprezo pelo valor da vida humana. Como um participante do esquema teria afirmado “Se um homem tivesse um bom negro, ele poderia se dar ao luxo de mantê-lo... Mas esses condenados, nós não os possuímos. Um morre, pegue outro”.⁴²⁸

⁴²⁵Cf. FERNÁNDEZ, Valeria. Arizona’s ‘concentration camp’: why was Tent City kept open for 24 years? *The Guardian*, 21/08/2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/cities/2017/aug/21/arizona-phoenix-concentration-camp-tent-city-jail-joe-arpaio-immigration>.

⁴²⁶ HALEY, Sarah. “Like I Was a Man”: Chain Gangs, Gender, and the Domestic Carceral Sphere in Jim Crow Georgia. In: *SIGNS*, v. 39, n. 1, Autumn, 2013, p. 53. (Women, Gender, and Prison: National and Global Perspectives). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/670769>. Acesso em: 09/08/2022.

⁴²⁷ Idem.

⁴²⁸ MANCINI, Mathew J. *One dies, get another: convict leasing in the American South, 1866-1928*. Columbia, SC: University of South Carolina Press, 1996, p. 3.

3.3 – Convict-Lease e Chain Gang em *The Crisis*

A exposição, em *The Crisis*, de casos envolvendo a exploração da mão-de-obra afro-americana proveniente do sistema penal é ampla. Como nos outros tópicos discutidos anteriormente, ela veio de cartas enviadas para a revista, reproduções de matérias publicadas em outros veículos de imprensa, investigações desenvolvidas pela NAACP e seus colaboradores, dentre outras fontes. Essa abertura para a divulgação de um assunto tão problemático de se tratar reforça, mais uma vez, a disposição de seus agentes em relatar a situação, minimizando os possíveis conflitos de interesses que poderiam comprometer a tarefa a ser realizada.

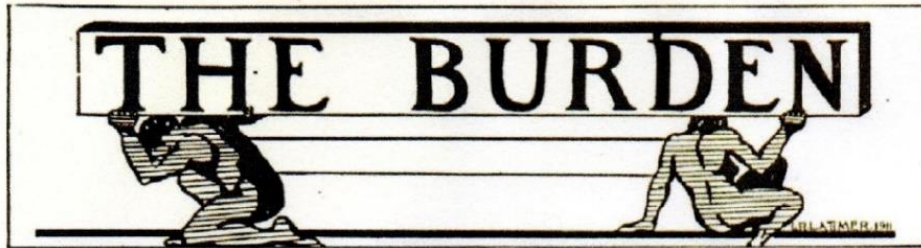
No que se refere às cartas que foram publicadas, temos diversos exemplos de conteúdos que se diferem em termos de escrita e situações, mas que compartilham da mesma essência. Na edição de março de 1912, a reprodução de uma carta, primeiramente veiculada no jornal *Savannah Tribune*, do estado da Geórgia, descreveu a ação da polícia que estava detendo diversos afro-americanos utilizando o argumento da vadiagem.

A carta, que apareceu na seção “The Burden”, iniciou-se com um irônico questionamento sobre a inexistência de “preguiçosos” fora do grupo afro-americano ou o fato do chefe de polícia ter dado uma ordem expressa para deterem pessoas negras somente.⁴²⁹ Apesar do tom irônico inicial, o texto prossegue de forma séria com argumentos que descrevem os motivos para a ocorrência da prática. O autor informou que em pouco mais de uma semana, 108 afro-americanos saudáveis foram presos com aquela argumentação. Os homens trabalhavam todos os dias ou quando tinha trabalho disponível, mas, mesmo assim, a prática foi arbitrariamente realizada. Como argumentação para o fato, o autor expôs que os fazendeiros regionais estavam precisando de catadores de algodão que pudessem trabalhar a um preço baixo e sem garantias. Outro tópico mencionado foi a existência de corridas de carro que estavam para acontecer e a necessidade de braços para deixar tudo preparado para a realização do evento. O autor do texto acrescentou em tom crítico que “o trabalho de condenados, em oposição ao trabalho livre, é necessário para promover o esquema de fazer dinheiro de um corpo de cidadãos empreendedores”.⁴³⁰

⁴²⁹ *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 5, p. 209, Mar. 1912.

⁴³⁰ *Idem*.

Imagem 24 - Carta reimpressa do jornal *Savannah Tribune* relatando a ação da polícia em prender, por suposta alegação de vadiagem, afro-americanos.



**COLORED MEN LYNCHED WITH-
OUT TRIAL.**

1885.....	78	1899.....	84
1886.....	71	1900.....	107
1887.....	80	1901.....	107
1888.....	95	1902.....	86
1889.....	95	1903.....	86
1890.....	90	1904.....	83
1891.....	121	1905.....	61
1892.....	155	1906.....	64
1893.....	154	1907.....	60
1894.....	134	1908.....	93
1895.....	112	1909.....	73
1896.....	80	1910.....	65
1897.....	122	1911.....	63
1898.....	102		
Total.....			1,521

The alleged causes for 1911 were:

Murder	36
Rape	7
Attempted rape.....	7
Insulting women.....	4
Assault to kill.....	3
"Prejudice"	2
"Suspected rape"	1
Threats	1
"Desperado"	1
Robbery	1

63

We give the figures above from the Chicago Tribune. THE CRISIS believes that at least 100 colored people were lynched during the year 1911, and, therefore, we shall, in 1912, keep a careful list ourselves.

☐ Palm Beach, Fla., February 3, 1912.

Dear _____:

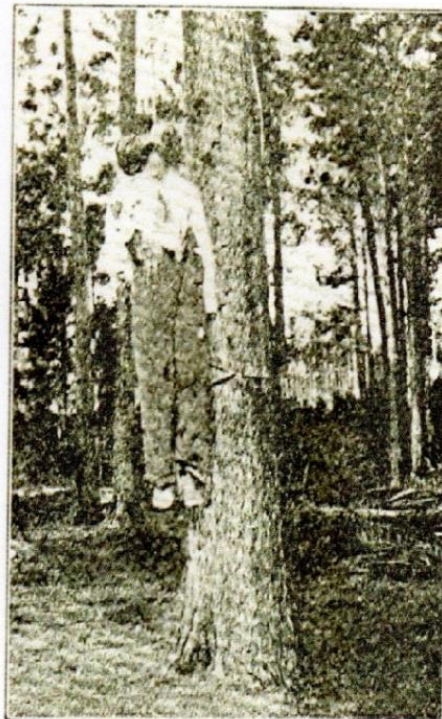
I am sending you a card, which so aroused me until I purchased the entire supply, with the purpose of enlisting your aid in preventing the publication of such cards. I don't know how to begin this work, but with the co-operation of such men as you, we must accomplish something. Trusting you will give this card and the letter serious consideration, I beg to remain,

Very truly yours,

A part of the card is reproduced here. It is printed in colors and marked "Made in Germany, No. 28,293, by the H. L. Co."

☐ A large number of Negroes are being arrested as vagrants. A letter in the Savannah Tribune asks: "Is it because

there are no loafers among the other races? Or is it on account of the explicit order from the chief of police to arrest Negroes only? A week or ten days ago 108 able-bodied men were arrested and detained in the barracks on suspicion—men who are working every day, or at least whenever an opportunity for work is offered. The 'milk in the cocoanut' is that the farmers want cotton pickers at starvation price and worst treatment, and at the same time there will be races with automobiles very soon—convict labor as opposed to free labor is required to further the money-making scheme of a body of enterprising citizens. Why not lease some of these convicts to the M. & M. T. Co. or O. S. So. Co.? The county has no more interest in automobile races than handling of freight by the companies named. Mr. Editor, I believe the police department could find a number of white loiterers whenever they are instructed to look up such."



"LYNCHED"

O que pode ser argumentado, por meio da correspondência mencionada, é o entendimento do autor sobre o esquema de “fabricação” e utilização de condenados para os interesses de empresários e dirigentes regionais que envolvia mais do que o bem público. O objetivo, mascarado pelo discurso de utilizar pessoas que teoricamente não tinham ocupação e não estavam contribuindo para o bem da comunidade, era de movimentar fortunas e status para os grupos dirigentes envolvidos. Na esteira do projeto de boas estradas e o crescimento da indústria automobilística, as corridas de carros começavam a se tornar um passatempo nacional. Para mostrar ao público que o estado, condado ou cidade podia sediar eventos de tal porte, empregou-se a exploração da mão-de-obra negra para preencher os olhos dos expectadores com tamanha grandiosidade. Ao questionar sobre o motivo para não arrendar alguns dos condenados às empresas, sugere que os interesses deixaram de enfatizar empreendimentos privados e passaram a destacar acontecimentos públicos em que um número mais restrito de pessoas se beneficiaria diretamente com o esquema. O autor terminou sua carta, talvez, novamente de forma irônica, ao se dirigir ao editor, no caso o do *Savannah Tribune*, afirmando que o corpo policial encontraria um número considerável de vagabundos brancos em qualquer momento que ele fosse instruído a procurar por eles.⁴³¹

Os relatos no que se refere à participação de oficiais policiais na estratégia de resolver as necessidades de homens de negócio do Sul podem ser novamente mencionados na edição de junho do mesmo ano. A carta que abre a seção “Letter Box”, das sete outras que a completam, foi escrita diretamente para a revista *The Crisis* e para seu editor. A carta foi enviada do Texas e escrita por uma pessoa afro-americana que não quis se identificar. Sabemos que se trata de uma pessoa negra, pois no início da correspondência ela questionou, como uma espécie de súplica, se “haverá tempos melhores no Sul para nós pobres negros ou não”.⁴³²

A carta iniciou com relatos de violência praticados não apenas pela polícia, mas por qualquer homem branco. Mesmo que assassinatos fossem cometidos, por qualquer uma das partes, nada era feito para punir os agressores. Além das ameaças de linchamentos que não excluía nem as crianças, os policiais invadiam as casas, durante a primavera, provavelmente por se um período de plantio ou de colheita, para verificar quem estava trabalhando e quem não estava. O autor do texto destacou a condição de

⁴³¹ Ibidem.

⁴³² *THE CRISIS*, New York, v. 4, n. 2, p. 93, June 1912.

impotência pelo fato de não ser capaz de proteger a si nem os membros de sua família. Além disso, relatou que os negros do local onde morava deveriam se sentir agradecidos por não serem presos a troco de nada.⁴³³ Evidências do desejo de buscar alterar sua condição é o fato do autor ter afirmado que petições foram enviadas para o governador do estado explicando a situação. Contudo, nada tinha sido feito até o momento. Outra atitude tomada pelo leitor-escritor foi o de enviar a correspondência para a revista *The Crisis* e para o editor, Du Bois, e solicitar que enviasse uma cópia da carta para o presidente do país e garantir que ele a recebesse. A esperança do autor era a de que o presidente, na época, William Howard Taft, tivesse conhecimento das ações, auxiliasse e protegesse os afro-americanos regionais.⁴³⁴

Essa correspondência deixa mais uma vez evidente a compreensão do negro norte-americano não apenas sobre as situações de opressão que o sufocava, bem como as diversas estratégias e instrumentos a serem utilizados para melhorar sua condição. Nesse processo, além das petições que ele alegou terem sido enviadas para o governador do estado, as páginas da revista, a menção direta ao editor e a esperança de que o líder máximo do país se posicionasse a seu favor são mais que desejos sem fundamento. Eles representam a crença viva de que a corrente de solidariedade tinha a capacidade de alterar o estado de coisas existente.

Em determinadas situações, matérias ou cartas com um mesmo teor eram destinadas a mais de um membro da NAACP. Esse foi o caso dos eventos que se sucederam às inundações do Rio Mississippi, em 1912, ocasionando perdas de lavouras, destruição de propriedades e deixou milhares de desabrigados.⁴³⁵ Tendo conhecimento, através de reportagens veiculadas em periódicos da cidade de Nova Iorque, sobre o tratamento dispensado aos negros na região e, particularmente, no estado de Louisiana, o Presidente do Conselho de Diretores, Oswald Garrison Villard, enviou um telegrama para o governador do estado para que o mesmo se pronunciasse. A partir de então, uma gama considerável de informações esteve presente nas páginas da revista.

A resposta do governador J. E. Sanders foi a de que tudo estava sendo feito para minimizar os estragos causados pelo desastre natural, que ele e milhares de cidadãos

⁴³³ Idem, p. 94.

⁴³⁴ Ibidem.

⁴³⁵ Para saber mais sobre as inundações de 1912 no Sul dos Estados Unidos, ver: BROWN, Robert M. The Mississippi River Flood of 1912. In: *BULLETIN OF THE AMERICAN GEOGRAPHICAL SOCIETY*, v. 44, n. 9, 1912, pp. 645-657. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/200812>.

estavam trabalhando voluntariamente dia e noite nos diques e não estavam recebendo nada a mais por aquilo. O governador também relatou que os recursos do estado estavam sendo usados para salvar vidas, propriedades e cuidar dos refugiados, nove décimos deles, afro-americanos. A informação que mais chama a atenção em seu relato era a de que todos os homens aptos, independentemente da cor, tinham a opção de trabalhar e comer ou de não fazer nenhum dos dois.⁴³⁶

O conhecimento do teor dos telegramas pelos veículos de imprensa sulista rendeu críticas severas às exigências de Villard. Da cidade de Houston, o jornal *Daily Post* afirmou, dentre outras coisas, que devido à situação, o governador tinha o direito de compelir todos os homens capazes, independentemente da cor, a trabalharem. O periódico encerrou afirmando que o interesse de Villard, naquele tipo de informação, era insolente.⁴³⁷ O jornal *States*, da cidade de Nova Orleans, relatou as condições da cidade de Baton Rouge, umas das mais atingidas pelas inundações e teceu críticas ferrenhas à Villard e aos seus aliados. As observações do jornal sobre a questão da utilização de trabalhadores, ainda que não remunerados, foram apresentadas desde o início do texto ao afirmar que todos os prisioneiros do estado deveriam ser concentrados no local para auxiliar nos trabalhos. Porém, afirmou que a tarefa era de tal magnitude que todos os cidadãos de diversas faixas etárias deveriam contribuir com os serviços.⁴³⁸ Em um tom de crítica que parece responder à Villard de forma indireta e se referir aos afro-americanos, o autor da matéria expôs que seria uma zombaria se uma parte das pessoas que não participava dos esforços desfrutasse da hospitalidade da comunidade, sem prestar algum serviço, no momento de crise, ou fosse colocada na folha de pagamento, enquanto a maioria das pessoas trabalhava por nada.⁴³⁹ No que se refere aos questionamentos do dirigente da NAACP, o jornal foi duro às suposições levantadas. O jornal expôs:

Qualquer tentativa, portanto, de representar a Louisiana como dura ou injusta com as infelizes vítimas negras dessas inundações é caluniosa, e os membros locais da raça devem assumir a responsabilidade de apresentar os fatos verdadeiros ao Sr. Oswald Garrison Villard e seus perturbados associados para que o povo americano conheça os fatos verdadeiros. (Tradução livre)

⁴³⁶ *THE CRISIS*, New York, v. 4, n. 3, p. 127, July 1912.

⁴³⁷ *Idem*.

⁴³⁸ *Ibidem*.

⁴³⁹ *Idem*, *ibidem*.

Apesar dos argumentos apresentados pelo governador da Louisiana e pelos jornais, a história acerca da condução e tratamento dispensado às pessoas negras na região tem outro viés. Três cartas foram publicadas nessa edição sobre o papel sendo ocupado pelos afro-americanos na questão. A primeira, mais curta e endereçada diretamente ao editor, trouxe a informação de que o remetente faria o possível para reunir informações e, se possível, fotografias dos campos de refugiados negros e brancos. O leitor-escritor reconheceu a dificuldade em realizar a tarefa devido às ações das autoridades que estavam desencorajando e proibindo a divulgação de informações do tipo, especialmente, vinculadas às pessoas negras. Segundo o autor, as autoridades não queriam que o mundo soubesse o que acontecia às pessoas que vivam na área todas às vezes que o rio transbordava. De acordo com ele, isso era uma má propaganda.⁴⁴⁰

Em outra correspondência, que indicava a quantidade de pessoas retiradas de seus lares (aproximadamente 50.000 pessoas), a quantidade de afro-americanos levados para campos de refugiados em Baton Rouge (cerca de 6.000) e a escassez de comida, outras informações sobre a rotina de trabalho foram acrescentadas. Conforme o autor, existia um lema durante o caos instalado que era “sem trabalho, sem ração”. Outro dado foi que as pessoas brancas atingidas estavam sendo levadas para asilos, prédios públicos e locais mais confortáveis, enquanto os negros eram levados para igrejas e clubes da comunidade negra. Quanto ao trabalho executado, o escritor, que pediu para ter o nome mantido em sigilo, informou que os brancos estavam sendo colocados para supervisionar as funções realizadas pelos negros e agindo como guardas nos diques.⁴⁴¹

Como foi apresentado, não apenas Du Bois era digno de receber correspondências e a tê-las publicadas em *The Crisis*. Um dos maiores contribuidores da revista, em seus momentos iniciais, e, talvez, aquele que competia com o editor em termos de cartas endereças a um membro ligado à NAACP foi Oswald Garrison Villard. O neto do abolicionista William Lloyd Garrison era um conhecido editor de jornal e responsável pelo texto que convocou pessoas a discutirem a questão racial de maneira mais aprofundada. Em carta enviada para Villard, observa-se no relato a disposição de um leitor em externar as terríveis condições de trabalho no estado de Louisiana.

O leitor-escritor da correspondência enviada para Villard teve conhecimento das questões levantadas pelo dirigente da NAACP por meio de um periódico que circulava na

⁴⁴⁰ Idem, *ibidem*.

⁴⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 127-128.

cidade de Baton Rouge e se sentiu compelido a dar informações sobre a rotina de trabalho executada pelos cidadãos negros. O autor informou que enviou a carta para Nova Iorque para ser postada de lá, provavelmente mais um artifício para garantir seu anonimato e segurança. Dentre as diversas questões apontadas, estão as afirmações de que os homens negros já estavam sendo compelidos a trabalhar vários dias antes de qualquer refugiado ter chegado à cidade, eles estavam sendo presos e colocados para trabalhar nos diques sob a supervisão de um capitão sem salário ou alimentação. Por outro lado, os homens brancos eram colocados nas margens dos rios e exerciam a função de supervisão para manter os afro-americanos no local.⁴⁴² Não apenas Baton Rouge vivenciava aquela situação. Outras localidades como Fort Hudson e Shreveport também tinham exemplos de exploração da mão-de-obra negra que trabalhava na mira de baionetas e vigiada por jovens na faixa de 15 a 18 anos. O autor expressou também a solidariedade e a generosidade dos afro-americanos que estavam levantando dinheiro e conseguindo locais para abrigar os refugiados. Ao encerrar seu relato, o autor pediu que caso Villard fosse respondê-lo, que fosse por meio de um envelope simples e os motivos, que ele deixou claro no início da carta, eram a possibilidade de ter a correspondência aberta, assim que o nome do dirigente da NAACP fosse visto, bem como a censura que estava acontecendo devido às condições vivenciadas no local.⁴⁴³

⁴⁴² Idem, *ibidem*, p. 128.

⁴⁴³ Idem, *ibidem*.

Imagem 25 - Carta endereçada à Villard relatando as diferenças no tratamento entre brancos e negros na cidade de Baton Rouge, Louisiana, durante o desastre natural causado pelas inundações do Rio Mississippi, em 1912.

128

THE CRISIS

word, in any place that will give them shelter at night. Hundreds are together in buildings with nothing to cover with but the scanty floors, and nothing to cover with but the scanty clothes they are in all day. Their food is scant and many of the children are often crying for something to eat, while their fathers are away working for their own rations on the levees under the rule, "no work, no ration," which has been made strict, especially in the case of the colored refugees in the camps.

Many of the refugees will never return to the flooded territory. It is declared that the floods have been "blessings in disguise" to a large number of the refugees, in that the waters brought them where they had no easy way of coming in safety otherwise, on account of the opposition any attempt on their part to leave for better conditions always met. They could not get away before the flood came, and, as it were, rescued them; but now that they are away and the old "debt charge" cannot restrain them, they intend never to go back.

The white refugees in Baton Rouge are being cared for in the asylums, public buildings and the best places obtainable for their comforts, and the work done by the men folk consists mainly in overseeing the working Negroes and acting as guards on the levees in place of the militia which has been withdrawn.

Many of the colored churches and societies in New Orleans are making appropriations for the relief of the Negro flood sufferers, the amounts varying from \$5 to \$25. The colored people hope in this way to alleviate much of the suffering of the unfortunates. In Alexandria and other towns of the State the colored people are taking the same kind of steps to help the sufferers. After the floods, when all will be free to talk, will be the best time to get the whole truth of the present flood situation. Rev. E. D. Sims is chairman of the colored flood committee, the other members being Rev. A. Hubbs, A. Richard, J. Johnson and J. Grandison. Altogether, they carried 10,000 garments to the flood sufferers at Baton Rouge.

N. R.—If you make use of this, do not let my name appear, as it might be used to annoy me.

The third letter runs as follows:

MR. VILLARD:

I am sending this letter to New York to be mailed to you from there. Should you speak of this letter through the papers please don't mention my name, as I am even afraid to mail it to you from here, as it would be opened as soon as they saw your name, as publications are censored before printed in regard to the conditions here.

MR. OSWALD GARRISON VILLARD,
20 Vesey Street, New York City.

DEAR SIR:

I noticed in the afternoon paper published here that you have been making inquiries in regard to the working of the refugees who have sought safety here from the flooded parishes of

this State. I am truly glad that some have interested themselves enough to venture thus far in the matter, and perhaps I can give you some information, as I am a resident here and know the conditions that exist. Now, so far as the working of colored men is concerned, they have been working any colored man they saw in the streets several days before a single refugee came to Baton Rouge. Men were arrested and put to work without pay, and any man—I mean colored man—who had no work was taken to the levee gang captain, and made to work without pay or food; while white men who never worked were crowding the river banks acting as guards to keep them there. Now these poor unfortunate refugees, who have come here famished and exhausted from exposure, from battling with the flood, half naked and sick, are immediately put in charge of a guard with a gun and sent to work throwing up embankments and levees, given some salt meat and corn bread which the United States Government provides for them. They toil until exhausted and are taken back to camp for a few hours and then brought back again to work.

Not only here in Baton Rouge does this exist, but at Fort Hudson, Shreveport, Natchez and all along the river men are made to do this same work that the Government has made appropriations for. Colored men are forced to do it for nothing at the point of a bayonet; boys ranging from 15 to 18 years old have charge of gangs of men. They carry a gun to intimidate and scare them, and they are driven like so many beasts. Don't believe any of that rot about white men being put to work there; they are driving "Niggers," as they say it here.

Something should be done, if possible, for these unfortunate creatures, who have lost home and all their belongings, and in many cases their families. The colored people here have responded very generously and have given shelter to several thousands; every available hall and place of shelter has been turned into a camp for them. On Monday night, at Wesley Chapel, in thirty minutes \$120 was taken up for the relief of the babies and larger children, there being something over 300 of them in the various camps. Everything possible is being done for the comfort of the women and children, while the men must slave on the levees for nothing. I guess I have written about as much as I can at present, so I shall close.

Baton Rouge, La.

P. S.—Should you answer this, address me in plain envelope.

THE CRISIS FLOOD FUND.

The publishers of THE CRISIS will be glad to receive contributions for the victims of the flood and to see to it that this relief is distributed to those most in need. We do not pretend to know the whole truth in regard to this situation, but we are certain that the real story of the wretchedness, suffering and oppression is yet to be told.

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 4, n. 3, p. 128, July 1912

Afro-americanos não eram os únicos a se pronunciarem sobre as condições de trabalho e exploração da mão-de-obra negra no Sul do país. A situação envolvendo os trabalhadores negros era tão revoltante que, por vezes, motivava trabalhadores brancos a exporem suas visões sobre a situação e o apoio aos cidadãos negros.

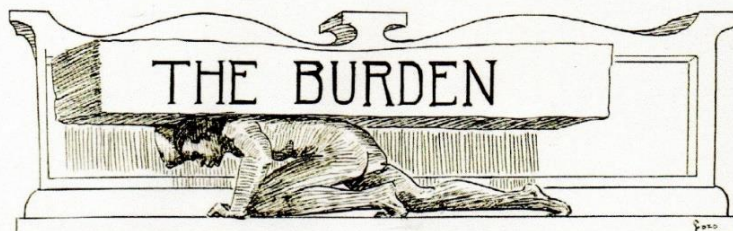
Na edição de abril de 1913, uma carta impressa na seção "The Burden", expressou não apenas a indignação do autor sobre a situação que cercava as condições de vida e trabalho dos indivíduos negros, mas a situação de trabalhadores em escala mais ampla. A carta, que recebeu o título de "From a White Laborer" ("De um Trabalhador Branco"), foi reimpressa do jornal socialista *The Call*, da cidade de Nova Iorque. O autor do texto,

que manteve seu nome em sigilo, começou seu relato com a afirmação de que considerava o estado do Alabama como tendo as piores leis trabalhistas do país.⁴⁴⁴ Dentre suas reclamações, num total de quatro, estão a de que um grevista não tinha direitos e o trabalhador indisciplinado seria enviado para minas de carvão por fazer piquetes ou vagar pela propriedade do patrão. Num contexto mais específico, relatou o processo de “fabricação” de prisioneiros e consequentemente trabalhadores baratos para empresários e fazendeiros locais. Agentes de polícia e juízes participavam do esquema. Segundo o autor da correspondência, no Condado de Clarke, era comum a utilização, pelos fazendeiros, de “agentes provocadores” que se relacionavam com afro-americanos e os faziam praticar delitos como contrabandear bebidas ou se envolver em jogos para, posteriormente, denunciá-los à polícia que prontamente realizava a detenção e contava com o “juiz certo” para aplicar pesadas multas. Após diversos relatos, como a concordância de um contrato de trabalho para se livrar da prisão e a não necessidade do fazendeiro de se preocupar caso um trabalhador fugisse, pois, o xerife seria encarregado de procurá-lo, o leitor-escritor mostrou-se solidário com a situação ao afirmar que poderia preencher várias páginas com relatos verdadeiros de prisioneiros que fariam qualquer homem real ferver o sangue, mas que parecia não afetar o homem sulista.⁴⁴⁵

⁴⁴⁴ *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 6, p. 300, Apr. 1913.

⁴⁴⁵ *Idem*.

Imagem 26 - Trabalhador branco afirmando que o Alabama tinha as piores leis trabalhistas do país. Existia um esquema para a criação de “servos” através da atuação de “agentes provocadores”.



THE NEGRO AND THE TRUST.

THE enterprising colored community at Kowaliga, Ala., is threatened by the water-power trust. Kowaliga was founded forty years ago by John Benson, an ex-slave, and has been recently extended and developed along modern lines by his son, William E. Benson. Not only has Mr. Benson succeeded in concentrating here an investment in lands and industrial plant representing over \$200,000, but he had actually begun the construction of twenty-eight miles of railway from the nearest connecting line through the heart of this settlement in order to transport and market valuable timber, until they were held up pending condemnation proceedings by the Interstate Power Company. This is an English company with millions back of it. It bought out extraordinary rights under a bill slipped through the Alabama legislature ten years ago, and is now proceeding to condemn 60,000 acres of farm land, including Kowaliga. The *Montgomery Advertiser* is helping the steal by headlines like this:

“THE POWER COMPANY, THE NEGRO AND THE RAILROAD!”

Thus the Negro problem having served to put the South into political slavery is now being used to fasten the chains of a trust which, as a Congressman recently said, will make other trusts seem “as mere benevolent societies organized for the dissemination of Christian charity.”

The Kowaliga community has taken the matter to court.



FROM A WHITE LABORER.

I THINK Alabama has the worst labor laws of any in the States. A man can be sent to jail for hiring a worker away from another man. A striking workman, under the law, has no rights; no need for the employer to

get out an injunction in the same troublous manner as the Northern employer has to do; the necessary law is on the statute books now which will send the obstreperous worker to the coal mines for speaking to a scab or picketing or loitering around the master's property.

“Out-of-works are picked up as vagrants by deputy sheriffs for the fees there are in them, and then railroaded to the coal mines or lumber camps for so much a head, where they are worked like slaves. In Clarke County, Ala., it is a common thing for planters to send out agents provocateurs, so it is stated, who get stout, husky-looking ‘Niggers’ into crap games, card games, or sell them a pistol cheap, or get them to boot-leg whiskey; then report them to the sheriff, who promptly arrests them and a ready judge fines them heavily.

“Then the needy planter offers to pay their fine for them if they will make a court contract to work it out with him at from \$5 to \$10 a month. Of course, the poor devils are eager to get out of a jail where they are half starved by those who have the contract at so much per diem to feed them, and they agree.

“The planter then has what are practically, to all intents and purposes, slaves, more securely held than before the war because he does not even have to catch them if they run away. The sheriff does that at so much per head, paid by the county, and if the man or the men die, then the planter ceases his monthly payments on the fine to the county. Could anything be more diabolical?

“I could fill pages with perfectly true stories of convicts on the farms and in the mines and forests of Alabama which would make any real man's blood boil, but this does not seem to affect the Southerner.”—*New York Call*.

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 6, p. 300, Apr. 1913.

Como pode ser verificado, o esquema de peonagem, a fabricação e utilização de prisioneiros seguia a todo vapor mesmo com as decisões judiciais que aconteciam pelo país. Outra questão que chama atenção no texto é a referência à utilização de agentes provocadores. Pessoas infiltradas em movimentos sociais para desqualificar e inviabilizar as ações desses grupos parece ser um fato comum nas relações sociais e raciais estadunidenses, tendo se estendido pelo tempo e sendo recorrentes em momentos de grande contestação das instituições e do *status quo*. Dentre os exemplos que podem ser

mencionados estão à ação em atividades anticomunistas e protesto por direitos civis das décadas de 1960 e 1970.⁴⁴⁶

Outra reprodução de um relato de um homem branco, também do estado do Alabama, apareceu nas páginas da revista *The Crisis*, em março de 1916. A matéria inicialmente veiculada no jornal *Advertiser*, da cidade de Montgomery, referia-se a visão do autor sobre o que ele considerava as bases para o tratamento errôneo dispensado ao negro no país. De acordo com ele, algumas teorias operavam sobre os brancos de uma forma tão impactante que direcionavam as relações entre os dois grupos. Uma dessas teorias estava na ideia de se evitar qualquer tipo de elogio ou motivação aos afro-americanos para que eles não se sentissem acima do papel que deveriam ocupar na sociedade. Acreditava-se que esse tipo de comportamento ameaçaria os brancos. Porém, o escritor argumentou que nos locais onde os cidadãos negros foram tratados com respeito e justiça, eles se revelaram um recurso valioso para a sociedade. Outra teoria mencionada estava na prática do exercício da força ao invés da persuasão como um método de conduta. As práticas utilizadas foram as da ameaça do chicote, da cadeia, do trabalho acorrentado e especialmente da vingança e do linchamento. O autor finalizou seu relato com a menção de que essa forma de agir era reflexo do regime escravista.⁴⁴⁷

A seção “The Outer Pocket”, do mês de janeiro de 1917, trouxe em uma das sete correspondências impressas, o relato do advogado afro-americano R. D. Evans, um dos mais atuantes na questão sobre os direitos civis no Texas.⁴⁴⁸ Evans começou pontuando que na edição de *The Crisis*, de outubro do ano anterior, a informação sobre A. T. Smith, antigo editor do jornal *Paul Quinn Weekly*, era de que ele estava há um mês ou mais na prisão. Em janeiro de 1917, a informação foi atualizada informando que ele estava há mais de quatro meses na cadeia. Conforme a informação, Smith foi indiciado por difamação criminosa devido a uma série de artigos que tinha escrito sobre os horrores do linchamento de Jesse Washington, em maio de 1916, e foi sentenciado a um ano de prisão, restando oito meses de pena. Pouco antes do julgamento, Smith não contava com um advogado e o colégio em que trabalhava não forneceu nenhuma assistência. Como

⁴⁴⁶ Para saber mais, ver: GRIM, Ryan; SCHWARZ, Jon. *Uma breve história dos agentes infiltrados em protestos nos EUA*: Infiltrados pela polícia participam de protestos para torná-los violentos e ajudar a moldar a opinião pública contra os manifestantes e suas demandas. Tradução de Débora Leão, 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/06/07/breve-historia-agentes-infiltrados-protestos-eua/>.

⁴⁴⁷ *THE CRISIS*, New York, v. 11, n. 5, p. 231, Mar. 1916.

⁴⁴⁸ Para saber mais, ver: MARGARITIS, Winston; WENGER, Regina. Richard D. (R.D.) Evans. *Waco History*. <https://wacohistory.org/items/show/213>.

exposto por Evans, “ofereci meus serviços ao invés de vê-lo ir para o abate sem um advogado”.⁴⁴⁹ Após a sentença, Smith foi levado para trabalhar nas estradas do Condado de McLennan como um condenado do estado. Evans fez o que pode para garantir que Smith não fosse levado para a realização de trabalhos forçados e garantiu uma audiência para isso. Ele conseguiu, junto a comunidade negra local, o valor de 34 dólares para manter Smith longe dos trabalhos nas estradas, mas estava preocupado com os próximos meses. O autor pareceu demonstrar certo otimismo em relação à situação. Isso teria acontecido, pois, os artigos escritos por Smith foram lidos em seu julgamento, fazendo as pessoas lembrarem do julgamento que resultou no linchamento de Washington. Evans argumentou que os sentimentos dos brancos tinham se alterado desde o julgamento e estava confiante que outros réus, acusados da mesma ofensa, seriam libertados graças a sua ajuda.⁴⁵⁰

Os relatos e denúncias sobre a exploração da mão-de-obra afro-americana e a suposta criminalidade que a produzia estiveram presentes em vários tipos de textos nas páginas da revista durante o período aqui trabalhado. W. E. B. Du Bois, por exemplo, em um artigo de janeiro de 1912, procurou relacionar crime, linchamento e as condições de tratamento desumano dispensado ao negro nas prisões. Tomando o exemplo de um grupo de prisioneiros que trabalhava acorrentado, no Texas, e o tratamento que recebia, Du Bois argumentou que o processo manufaturava criminosos diariamente. Em determinada parte do texto, o editor não descartou a possibilidade e a tendência de um jovem de praticar crimes, mas ao ser submetido a farsa que circundava o esquema e como era subjugado no sistema penal, a tendência era proporcionar mais males a sociedade até cair nas mãos de uma multidão enfurecida. Para ele, o primeiro passo para acabar com os crimes era acabar com os linchamentos. O segundo passo, era tratar o negro como seres humanos.⁴⁵¹

Matérias em *The Crisis* apresentaram as mais variadas ocorrências e punições desproporcionais envolvendo supostos crimes em que afro-americanos estavam inseridos.⁴⁵² Contudo, revisões em determinados casos também apareceram nas páginas

⁴⁴⁹ *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 3, p. 122, Jan. 1917.

⁴⁵⁰ *Idem*, p. 122-123.

⁴⁵¹ DU BOIS, W. E. B. Crime and Lynching. *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 3, p. 114, Jan. 1912.

⁴⁵² Como exemplo, podem ser citadas matérias nas edições *THE CRISIS*, New York, v. 10, n. 2, p. 64, June 1915; *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 2, p. 94, Dec. 1916; *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 3, p. 145, July 1917; *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 6, p. 316, Oct. 1917 (nesse caso, uma menina negra de onze anos chamada Carrie Christian foi condenada a realizar trabalhos, acorrentada, no estado da Geórgia, por doze meses por ter roubado um anel).

da revista. Para citar apenas alguns desses casos que atravessaram o tempo e que acreditamos foram fruto da militância de várias instâncias envolvidas, estão o perdão, pelo governador de Missouri, de 507 condenados, muitos deles negros, por ocasião de sentenças injustas; o perdão do afro-americano Henry Kearney, de Jackson, Mississippi, condenado por homicídio culposo, após um membro do júri ter confessado que alguns dos jurados o condenaram simplesmente para manter os negros na escala mais baixa da sociedade; o perdão, pelo governador do Alabama, de um homem condenado a cinquenta anos de prisão por roubar cinquenta centavos e que, devido à alegação do juiz, deveria cumprir um ano por cada centavo roubado. O homem tinha sido condenado vinte anos antes do perdão governador.⁴⁵³

⁴⁵³ *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 6, p. 233, Apr. 1912; *THE CRISIS*, New York, v. 7, n. 1, p. 322, Nov. 1913; *THE CRISIS*, New York, v. 9, n. 1, p. 20-21, Nov. 1914, respectivamente.

Capítulo 4 - O trabalhador afro-americano e a grande jornada para o Norte

4.1 – Trabalhando em novos ares

As dificuldades enfrentadas pelas pessoas negras nos Estados Unidos durante e após a escravidão sempre foram motivos para que empreendessem estratégias e ações para melhorarem suas condições de existência e se verem livres da opressão. Dentre as mais significativas práticas de contestação à forma de vida em que estavam submetidos está a migração, cujo fenômeno mais conhecido é o que se popularizou denominar de Grande Migração, que ganhou contornos mais sólidos a partir de 1910 e se estendeu até a década 1970.⁴⁵⁴

A Grande Migração de afro-americanos para os estados do Norte foi descrita como um movimento de massas que não apresentava uma organização central ou liderança específica. Contudo, os membros do grupo se viram em um esforço coletivo maior. Por mais que as questões econômicas sejam tidas como o elemento fundamental na peregrinação do negro estadunidense para fora da Região Sul, a perspectiva de recuperação dos direitos políticos, tão combatidos pelos segregacionistas brancos sulistas, também foi um elemento que fomentou o desejo daquelas pessoas de buscarem novas e melhores oportunidades.⁴⁵⁵

Os dados acerca do montante de afro-americanos que deixaram os estados sulistas e se dirigiram para outras regiões, muitas vezes, não são exatos e variam dependendo do órgão e dos critérios utilizados para sua medição. Porém, o que se pode afirmar é que o contingente foi consideravelmente expressivo. Como descrito por Zieger, os números foram, no mínimo, impressionantes.

⁴⁵⁴ É comumente aceito dois períodos conhecidos como de grandes migrações internas nos Estados Unidos. A primeira, que é a que nos interessa para o desenvolvimento deste trabalho, estende-se da década final do século XIX até 1940. O segundo período, tido como a Segunda Grande Migração, toma proporções com o desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial e vai até 1970. Segundo estimativas, nos anos de 1910-1940 cerca de 1.500.000 afro-americanos deixaram a Região Sul rumo a estados mais ao Norte. Para saber mais, ver: SCOTT, Donald. Great Migration. In: BROWN; STENTIFORD, op. cit., p. 338-344. Ver também: GROSSMAN, James R. *Land of hope: Chicago, Black southerners, and the Great Migration*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1991 e GREGORY, James N. *The southern diaspora: how the great migrations of Black and White Southerners transformed America*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2005.

⁴⁵⁵ REICH, Steven. *A working people: a history of African American workers since emancipation*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2013, p. 75.

Entre 1914 e 1920, algo entre 450.000 e 700.000 afro-americanos do Sul se mudaram para o Norte. Após a recessão de 1920-1921, esse êxodo recomeçou, com mais de meio milhão de migrantes adicionais, em 1930. Entre 1910 e 1930, a Carolina do Sul perdeu 280.000 cidadãos negros, a Geórgia 335.000, o Alabama 150.000 e o Mississippi 200.000. Nessas mesmas décadas, Nova York ganhou 335.000, Pensilvânia 185.000, Michigan 125.000 e Illinois 190.000. (Tradução livre)⁴⁵⁶

Essa grande quantidade de pessoas que migrou em busca de melhores condições de vida apresentou características diferentes de seus antepassados que vivenciaram situação parecida com o fim da Guerra Civil Americana, cerca de cinquenta anos antes. Tais viajantes tinham a tendência a serem jovens adultos, mais ambiciosos, menos avessos aos riscos e mais instruídos do que aqueles que permaneceram no Sul. Outra característica marcante é que, embora tenham crescido em áreas rurais, cerca de metade vivia em áreas urbanas e já tinha experiência com o trabalho assalariado antes mesmo de desembarcarem no Norte.⁴⁵⁷ Em certo sentido, esses trabalhadores buscavam o completo reconhecimento de sua cidadania. Como pontuado por Purdy (2018, p. 183), “a maioria dos imigrantes negros eram jovens da geração Pós-Guerra Civil: insatisfeitos e impacientes, não queriam se acomodar a papéis subservientes”.⁴⁵⁸ Pode-se dizer que essa nova geração de afro-americanos cresceu com os discursos fundados no conceito do que seria conhecido como *New South* (Novo Sul), fomentado na expansão industrial, diversificação agrícola e atração de investimentos vindos do Norte do país. Contudo, o que se observou foi a continuação de uma economia sustentada pela agricultura e atividades extrativistas como a do carvão. Características que se propagaram pelo tempo, como os baixos salários e a fraca atuação dos sindicatos, foram vistos como das maiores estratégias e vantagens de enfrentamento em relação ao Norte.⁴⁵⁹

Ainda que grandes oportunidades tenham aparecido e tenham sido aproveitadas pelos afro-americanos, duras constatações ainda se mantinham presentes e dificultaram a obtenção de maiores ganhos para seus membros. A discriminação no mercado de trabalho, tanto pelos patrões quanto pelos outros companheiros de tarefas, a ação de

⁴⁵⁶ ZIEGER, Robert H. *For Jobs and Freedom: race and labor in America since 1865*. Lexington, Kentucky: The University Press of Kentucky, 2007, p. 70-71.

⁴⁵⁷ REICH, op. cit., p. 79.

⁴⁵⁸ PURDY, Sean. Racismo e a grande migração de afro-americanos. In: KARNAL, Leandro, et. al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 183.

⁴⁵⁹ LICHTENSTEIN, Alex. *New South*. In: ARNESEN, Eric (Ed.). *Encyclopedia of U.S. labor and working-class history*. New York; London: Rutledge, 2007, p. 1001-1002. Para saber mais, ver: WOODWARD, C. Vann. *Origins of the New South: 1877-1913*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1971. (A History of the South)

sindicatos de barrar sua associação e a omissão da maior organização sindical do país contribuíram para que os negros enfrentassem realidades, muitas vezes, comparadas ao estilo que operava no Sul do país. Mesmo assim, como mencionado acima, o ímpeto em alterar suas condições ainda estava presente e com o auxílio de órgãos de imprensa e instituições da comunidade negra continuaram a migrar para o Norte em um processo que alterou para sempre a história de suas vidas e do país. Como descrito por Reich, essas pessoas que chegaram à maioria, depois de 1900, não compartilhavam da fé de seus pais na promessa de um Novo Sul.⁴⁶⁰

4.2 – O afro-americano e a Grande Migração: reflexos de uma guerra interna

Como mencionado no segundo capítulo, o conceito de liberdade para o afro-americano foi entendido e relacionado como o direito de exercer o trabalho livre. Tais concepções não podem ser dissociadas da questão do deslocamento territorial para exercerem suas atividades onde bem entendessem. Uma prática que os afro-americanos procuraram desenvolver ativamente.

Após a decepção sobre a tão esperada distribuição de terras confiscadas pelo governo federal, aos afro-americanos não restaram muitas opções ao não ser estabelecerem contratos de trabalho com seus antigos senhores e com outros fazendeiros da Região Sul. Contudo, mesmo com o endurecimento dessas leis e outras medidas que procuraram manter a mão-de-obra negra sem os mínimos direitos, os trabalhadores afro-americanos ainda transitavam em busca de melhores condições a ponto de aproximadamente 1/3 dos trabalhadores rurais se deslocarem ao final de cada ano agrícola, geralmente para plantações vizinhas, e assinarem novos contratos para o próximo ano.⁴⁶¹ A questão da aquisição de terras era um desejo tão arraigado no entendimento do liberto como um mecanismo para o avanço social que muitos que se inseriram na classe trabalhadora multirracial que se estruturou após o conflito civil, enxergavam o trabalho assalariado como um dispositivo para a aquisição de propriedades rurais ou, no mínimo, o arrendamento de fazendas.⁴⁶²

⁴⁶⁰ REICH, op. cit., p. 79.

⁴⁶¹ Idem, p. 49.

⁴⁶² ZIEGER, op. cit., p. 12.

Como pode ser constatado, a grande maioria dos trabalhadores afro-americanos foram impossibilitados de trabalhar em suas próprias propriedades rurais. Contudo, como empregados, articularam-se com o intuito de não serem submetidos ao tratamento que lhes era dispensado durante a escravidão. Em sua nova condição, os negros do pós-guerra puderam barganhar por algumas melhorias. Eles procuraram manter sua integridade e de suas famílias, resistiram às punições corporais, abandonaram patrões que se recusaram a respeitar diretos. Outras medidas incluíam a exigência de receberem remunerações específicas para determinados trabalhos como consertos de cercas e demais equipamentos e do tratamento de animais que não estavam diretamente ligados ao cultivo da plantação.⁴⁶³ Tais concepções e atitudes iniciais de trabalho livre foram entendidas também como uma percepção de autopropriedade.⁴⁶⁴ Essa condição teria aumentado consideravelmente a forma de barganha do negro livre por ter assegurada a opção de escolher o seu empregador e se locomover de acordo com melhores propostas. Como descrito por Moreno (2006), “a mobilidade física foi o benefício mais importante da emancipação, permitindo que os negros ganhassem salários mais altos, seja mudando-se ou ameaçando se mudar”.⁴⁶⁵ Esse poder de barganha, tolerada a contragosto pelos sulistas, começou a ser severamente combatida, como expressado anteriormente com medidas legislativas e práticas extralegais, em fins do século XIX.

Ainda que o entendimento em relação às condições de liberto trouxesse consigo a disponibilidade de se locomover para onde as vontades e as condições permitissem, pode ser constatado que, ainda durante o conflito civil, os escravos já praticavam um incipiente deslocamento populacional. Durante a década de 1850, observa-se um deslocamento da população negra para o Oeste, deixando estados com grande concentração de escravos, como a Virgínia, e ocupando, por volta do eclodir da secessão, estados como a Geórgia.⁴⁶⁶ Obviamente, essa mobilidade das pessoas negras tinha como característica acompanhar seus senhores ou os negociantes de escravos para terras mais férteis. Contudo, negros livres e escravos se articularam para alcançar terras mais ao norte em um processo bem menor do que se presenciaria posteriormente.⁴⁶⁷

⁴⁶³ Idem, p. 12-13.

⁴⁶⁴ MORENO, op. cit., s.n.

⁴⁶⁵ Idem.

⁴⁶⁶ JOHNSTON, Allan. Being Free: Black Migration and the Civil War. In: *AUSTRALIAN JOURNAL OF AMERICAN STUDIES*, v. 6, n. 1, July, 1987, p. 5. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41053431>. Acesso em: 06/12/2022.

⁴⁶⁷ Idem.

Com o término da Guerra Civil Americana e o reconhecimento legal da Emancipação, a mobilidade que podia ser exercida, apresentou-se de forma esmagadora entre os estados e condados da própria Região Sul. Entre os anos de 1860 e 1910, ao invés de uma migração negra, em grande volume, para outras regiões, o que se pode observar é o deslocamento em um determinado estado ou entre estados sulistas. As explicações para o escasso volume da migração negra para territórios mais distantes estão na ausência de capital material e intelectual, rotas e fluxos bem-definidos para destinos específicos.⁴⁶⁸ Aqueles que decidiram por se mudar escolheram áreas próximas a grandes centros urbanos, de maneira que, locais como Baltimore, Washington, D. C., Richmond, Norfolk, Petersburg, Alexandria, Georgetown e Portsmouth, contendo mais de 10.000 habitantes, tivessem um aumento de 78 por cento de residentes negros, em 1870. Para o mesmo período, o crescimento populacional de indivíduos brancos foi de 23 por cento.⁴⁶⁹

Elemento interessante que se acrescenta a disponibilidade do cidadão negro sulista em procurar outros locais para se fixar e obter uma vida mais digna é, a raramente pronunciada, migração para estados situados mais a oeste. Nesse aspecto, o Arkansas é o local que se destaca na absorção desse contingente populacional. Interpretações apresentam o estado como um elemento chave para o fluxo de migração que definiu as fronteiras do que ficou conhecido como o Novo Sul representando a primeira migração em massa que se deu de forma voluntária entre os afro-americanos.⁴⁷⁰ Durante os anos 1870 e 1910, cerca de mais de 200.000 afro-americanos teriam migrado para o Arkansas, fazendo dele o estado que mais atraiu pessoas, em todo o período.⁴⁷¹ Os impactos do significativo contingente de pessoas negras no Arkansas representaram alterações marcantes tanto no estado como na região. De acordo com Matkin-Rawn (2013, p. 4), o fluxo crescente de afro-americanos para o local foi possível devido a fatores que incluíam a forte representação de negros no Partido Republicano, as alianças entre negros e brancos insatisfeitos e o crescente número de eleitores negros que ameaçaram o controle do Partido Democrata. Contudo, ao mesmo tempo em que uma parcela das pessoas brancas

⁴⁶⁸ Ibidem, p. 6.

⁴⁶⁹ Idem, ibidem, p. 7.

⁴⁷⁰ MATKIN-RAWN, Story. "The Great Negro State of the Country": Arkansas's Reconstruction and the Other Great Migration. In: *THE ARKANSAS HISTORICAL QUARTERLY*, v. 72, n. 1, Spring, 2013, p. 1. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24477528>. Acesso em: 06/12/2022.

⁴⁷¹ VICKERY apud MATKIN-RAWN, p. 3.

locais enxergava com ansiedade as mudanças, entenderam a chegada de afro-americanos como uma possibilidade de crescimento econômico.⁴⁷²

Ainda que o estado, nas primeiras décadas após o fim da Guerra Civil Americana, apresentasse tal atratividade, ele não foi visto como um paraíso para os negros. Como argumentado por Matkin-Rawn (2013, p. 27), os afro-americanos viram o estado como um local de oportunidades econômicas e políticas. Ao investirem seu dinheiro em terras, negócios, organizações fraternais, escolas, igrejas, dentre outros empreendimentos, estavam estabelecendo uma fundação para autonomia e um maior papel no governo.⁴⁷³ Suas perspectivas teriam sido bem-sucedidas não fossem os atos reacionários que se expandiram ao final da década de 1880, mais especificamente, na eleição de 1888, onde pode ser verificada a prática de roubo de urnas e assassinatos de candidatos e de eleitores. Medidas que impediam os fazendeiros de estabelecerem contratos com trabalhadores de fora do estado foram estipuladas, em 1889.⁴⁷⁴ Práticas segregacionistas, que já operavam em outros estados, também estiveram presentes no Arkansas, no final do século XIX, e cerca de 19.000 afro-americanos deixaram o estado na década de 1890. Contudo, de 1900 a 1920, o montante de afro-americanos que chegou ao estado estava em torno de 132.000. Para Matkin-Rawn, “só depois que a Primeira Guerra Mundial abriu a indústria do Norte é que a migração para o Arkansas e o Oeste desapareceu”.⁴⁷⁵

O movimento migratório que se observou durante a segunda década do século XX e intensificado pelas peculiaridades trazidas pela Primeira Guerra Mundial alterou para sempre a configuração populacional dos Estados Unidos.⁴⁷⁶ Ainda que, diversos motivos possam ser salientados como impulsionadores para o fenômeno, tais como a violência e a privação de direitos sociais e políticos que vitimavam, principalmente, os afro-americanos, a força que mais motivou o deslocamento do grupo negro para fora das áreas rurais em sua busca por melhores oportunidades, tanto nas cidades sulistas quanto no industrializado Norte do país, estava ligada à questão econômica.⁴⁷⁷

⁴⁷² MATKIN-RAWN, p. 4.

⁴⁷³ Idem, p. 27.

⁴⁷⁴ Idem, ibidem, p. 36-37.

⁴⁷⁵ Idem, ibidem, p. 38-39.

⁴⁷⁶ MARKS, Carole. Black Workers and the Great Migration North. In: *PHYLON* (1960-), v. 46, n. 2, 2nd Qtr., 1985, p. 148. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/274413>. Acesso em: 08/04/2020.

⁴⁷⁷ FONER, Philip S. *Organized Labor and the Black Worker: 1619-1981*. Chicago, Illinois: Haymarket Books, 2017, p. 129.

A crença na possibilidade de receber uma renda maior e suprir suas necessidades e de suas famílias fez com que um número cada vez maior de trabalhadores se arriscasse em um estilo de vida, muitas vezes, nunca presenciado antes. As demandas proporcionadas pelo conflito na Europa fomentaram também a coragem para cruzarem, pela primeira vez, a linha *Mason-Dixon* e se arriscassem em postos de trabalho nos estados fora da região.⁴⁷⁸ Dados apontam que apenas durante a década 1910 e 1920, mais afro-americanos tenham deixado a Região Sul do que em todo o período de 1870 e 1910. Nesse processo, mais de 450.000 pessoas saíram da área.⁴⁷⁹ Dentre os locais mais procurados estavam as cidades de Chicago, Nova Iorque, Detroit e Filadélfia. Durante a década mencionada acima, a população negra da cidade de Chicago teria aumentado de 44.000 pessoas para 109.000. Nova Iorque presenciou um aumento de 92.000 para 152.000.⁴⁸⁰

O que possibilitou essa política de “portas abertas” para a entrada dos afro-americanos do Sul do país para as demais regiões foi a redução no nível de mão-de-obra barata proveniente de imigrantes europeus que chegavam para satisfazer a produção industrial do Norte dos Estados Unidos. Com a diminuição e, até mesmo, a perda de trabalhadores devido à guerra, os industriais tiveram que se voltar para a massa de trabalhadores ávidos por melhorarem suas condições de vida já inseridos no território estadunidense. E esses trabalhadores eram os negros que viviam, ou sobreviviam, na Região Sul. As estratégias utilizadas pelos empresários para atraírem aquele contingente contou com diversos dispositivos. Agentes recrutadores, a busca pelo auxílio de entidades da comunidade negra e a imprensa voltada para a discussão das necessidades dos afro-americanos foram ferramentas importantes para a obtenção de mão-de-obra no esforço de guerra pretendido pelo país durante aqueles anos.

⁴⁷⁸ *Mason-Dixon Line* foi uma demarcação estabelecida pela coroa britânica para a resolução de conflitos envolvendo as famílias Calvert e Penn que advogaram para si a posse de terras entre os paralelos 39° e 40° de latitude norte. Para resolver a questão foram contratados os matemáticos britânicos Charles Mason e Jeremiah Dixon para estabelecer os limites entre as colônias da Pensilvânia e Maryland. Culturalmente falando, a linha serve como demarcação entre os estados que começaram a abolir a escravidão após o processo de independência, como a Pensilvânia fez por volta de 1781, e aqueles que preservaram o sistema. A linha compreende ainda os estados de Virgínia Ocidental e Delaware. Para saber mais sobre esta demarcação, ver: LAYTON, John. *Exploring the Mason-Dixon Line: walking in the footsteps of history*. Franklin, Tenn.: American History Press, 2010 e DANSON, Edwin. *Drawing the line: how Mason and Dixon surveyed the most famous border in America*. New York: John Wiley & Sons, 2001.

⁴⁷⁹ MARKS, op. cit., p. 148.

⁴⁸⁰ FONER, op. cit., 2017, p. 131.

No que se refere aos agentes recrutadores enviados pelos empresários para a Região Sul em busca de trabalhadores, pode ser verificada uma alteração na prática, pois é entendido como a primeira vez em que o recrutamento tinha como objetivo o negro e não o imigrante branco europeu.⁴⁸¹ As táticas utilizadas para o convencimento dos possíveis trabalhadores variavam desde a propaganda em torno de altos salários a serem obtidos fora da região até a facilitação quanto ao transporte, não apenas dos trabalhadores, como de suas famílias. O papel de agências da comunidade negra, como a National Urban League, também auxiliou na substituição de trabalhadores imigrantes. Essas organizações, além da propaganda que espalhavam nas comunidades negras, ajudavam no ajustamento do afro-americano ao estilo de vida no Norte.⁴⁸²

Uma instituição de extrema importância para os números consideráveis de trabalhadores afro-americanos que deixaram a Região Sul foi a imprensa negra. Parece ser de consenso amplo que o mais importante órgão de imprensa a estimular o processo migratório tenha sido o jornal semanal, da cidade de Chicago, *Defender*.⁴⁸³ O jornal, editado por Robert Abbott, ampliou sua área de atuação no Sul com a chegada dos agentes recrutadores que se prontificaram em propagar a mensagem de melhores condições de trabalho fora daquela região. De acordo com Ottley (1955, p. 138-139 apud Marks, 1985, p. 155), o periódico, através da leitura pública de suas edições, podia ter a capacidade de alcançar cerca de 1.500.000 leitores negros que frequentemente viam não apenas as matérias sobre as oportunidades existentes no norte do país, como também uma propaganda ativa em busca de trabalhadores.⁴⁸⁴ Como pode ser deduzido, outros órgãos de imprensa também advogavam pela migração do afro-americano em sua busca por alterar suas condições de vida. Os ativistas pelos direitos civis e trabalhistas A. Philip Randolph e Chandler Owen, editores do jornal de caráter socialista *The Messenger*,

⁴⁸¹ Idem, p. 130.

⁴⁸² Idem.

⁴⁸³ Ibidem; MARKS, op. cit., p. 155. No contexto de dispersão do indivíduo negro, os trabalhos realizados pelo historiador Flavio Thales Francisco discutem as estratégias do jornal *Chicago Defender* e de seu editor, Robert Abbott, na estruturação de uma política de questionamento à segregação racial e integração dos negros à sociedade norte-americana. Como elemento para a conscientização do público leitor, o jornal apostou na descrição da “realidade” vivida pelos negros em outros países. As experiências dos negros no Brasil e na França, por exemplo, foram descritas como apresentando uma situação muito melhor que a do negro nos Estados Unidos. Cf. FRANCISCO, Flavio Thales Ribeiro. *O Novo Negro na Diáspora: modernidade afro-americana e as representações sobre o Brasil e a França no jornal Chicago Defender* (196-1940). São Paulo: FAPESP; Intermeios, 2016.

⁴⁸⁴ OTTLEY, Roi. *The Lonely Warrior: The Life and Times of Robert S. Abbott*. Chicago: Henry Regnery Company, 1955. In: MARKS, op. cit., p. 155.

referiram-se à migração como uma prática de resposta para o linchamento e o aliciamento de trabalhadores rurais presentes no Sul. Para eles, o fenômeno, seja imigração ou emigração, era um método legítimo e justo de melhorar a condição de existência de alguém em situação de opressão.⁴⁸⁵

No que se referem aos salários, os valores obtidos pelos afro-americanos fora da Região Sul eram consideravelmente maiores. Perspectivas apontam que trabalhadores negros vinculados ao setor agrário obtinham, na véspera da Primeira Guerra Mundial, ganhos diários de apenas 0,75 dólares. Aqueles trabalhadores não qualificados que conseguiam ingressar nas indústrias sulistas tinham ganhos que variavam de 1,5 dólares e 1,75 por dia. Por sua vez, um trabalhador não qualificado, durante o período de guerra, podia obter rendimentos de 3 dólares por dia trabalhando em abatedouros na cidade de Chicago.⁴⁸⁶

Embora essas diferenças salariais fossem consideráveis e a Grande Migração tenha sido um evento transformador da história do afro-americano e dos Estados Unidos, interpretações procuraram discutir alguns elementos que minimizam a possível glamourização entendida quanto aos ganhos adquiridos pelos negros estadunidenses durante o período. Corroborando outros argumentos descritos acima, Marks (1985, p. 150) afirmou que uma porcentagem relativamente grande de imigrantes que saíram do Sul já vivia nas cidades sulistas antes do início da intensificação da onda migratória. Ainda de acordo com ela, as cidades da Região Sul teriam recebido durante os anos 1910 e 1920 mais imigrantes que as regiões Nordeste e Centro-Norte combinadas.⁴⁸⁷

A historiadora apresentou um dado interessante quanto ao procedimento de recrutamento empreendido pelos agentes enviados ao Sul em busca de trabalhadores baratos. Ao contrário do que possa parecer, os recrutadores não selecionavam trabalhadores aleatoriamente. Sua estrutura de seleção incluía a preferência por trabalhadores do sexo masculino, jovens, saldáveis e com alguma experiência. A tentativa de maquiar esses dados era motivo para demissão ou anulação imediata de contratos de trabalho.⁴⁸⁸ As campanhas de recrutamento de trabalhadores, também, parecem ser

⁴⁸⁵ RANDOLPH, Asa Philip; OWEN, Chandler. *The Truth about Lynching*. New York: Cosmo-Advocate Pub. Co., [1917?]. Disponível em: <https://ia904503.us.archive.org/4/items/truthaboutlynchi00rand/truthaboutlynchi00rand.pdf>.

⁴⁸⁶ REICH, op. cit., p. 83.

⁴⁸⁷ MARKS, op. cit., p. 150.

⁴⁸⁸ Idem, p. 155.

distintas do que se costuma pensar sendo, grandemente, realizadas nas áreas urbanas devido à grande concentração de trabalhadores e da existência de linhas de transporte que ligavam a região ao Norte. Até mesmo a maneira de conseguir meios para o deslocamento para outras cidades e regiões foi questionada, pois, muitos trabalhadores foram os responsáveis por pagarem as suas viagens e de suas famílias por meio de poupanças ou da venda de propriedades e utensílios domésticos.⁴⁸⁹

Os trabalhos desenvolvidos pelos imigrantes afro-americanos no Norte do país estavam concentrados em ramos de atividades já conhecidos pelo grupo. No Sul, a maioria desses trabalhadores estava ligada à agricultura, prestação de serviços domésticos e demais atividades qualificadas e semiqualficadas, como na área de transportes, manufatura de tabaco, carpintaria, produção de ferro e aço, dentre outros. Myrdal, em seu maciço estudo sobre o negro nos Estados Unidos, descreveu que apesar do grande volume de pessoas que migraram para o Norte, as opções para avançarem em termos profissionais se revelaram escassas.⁴⁹⁰ Mais realista, ou apresentando um cenário cru ao que a maioria das interpretações está acostumada a retratar, Marks (1985, p. 159) argumentou que os trabalhadores recrutados na região tinham como destino empregos que pagariam salários menores em relação aos padrões do Norte, mas, mesmo assim, maiores aos que eles recebiam no Sul.⁴⁹¹ Ela ainda completa ao afirmar que “para o trabalhador urbano não vinculado à agricultura da era da Grande Migração, a jornada para o Norte não era para uma terra de oportunidade, mas para outra forma de servidão”.⁴⁹²

Ainda que os dados apresentados revelem questionamentos pontuais, é inegável que a migração e as oportunidades criadas pelo contexto de guerra alteraram a configuração da mão-de-obra afro-americana, principalmente, no que se refere a sua entrada em um mercado de trabalho industrializado. As necessidades de expandir a produção de bens fizeram com que ramos de atividades quase que inacessíveis aos negros os empregassem em escala considerável. Produção de veículos e demais componentes, mineração, fundição, construção naval e empacotamento de carnes foram algumas das atividades que empregaram afro-americanos. O aumento no número de trabalhadores

⁴⁸⁹ A autora afirmou que em uma pesquisa realizada pelo Chicago Race Commission, em 1919, aproximadamente 70 por cento dos entrevistados teriam respondido que deixaram a região por meio de recursos próprios. *Ibidem*, p. 156-157.

⁴⁹⁰ MYRDAL, op. cit., p. 294.

⁴⁹¹ MARKS, op. cit., p. 159.

⁴⁹² *Idem* p. 160.

negros na indústria estadunidense, durante a segunda década do século XX, praticamente dobrou, apresentando uma alteração de 551.825 trabalhadores para 901.181. Tal mudança no cenário industrial foi interpretada como o momento em que a primeira classe trabalhadora industrial negra veio à tona.⁴⁹³ Isso demonstrava, em 1920, que 1/3 dos trabalhadores afro-americanos estava inserido na indústria do país.⁴⁹⁴ A inserção do negro estadunidense na indústria e a sua participação para o bem-sucedido esforço de guerra contribuiu para desmistificar a ideia preconceituosa e racista de que os membros do grupo não eram aptos a exercerem atividades industriais em que complexos procedimentos de operação estavam envolvidos.⁴⁹⁵

O processo de permanência e, até mesmo, de ampliação da mão-de-obra negra no setor industrial poderia ter sido ainda mais satisfatório se não fosse a existência de determinados elementos que contribuíram para minar a presença do grupo no setor em posições não relacionadas ao que era entendido como adequadas aos trabalhadores negros. Esses postos de trabalho, vistos como carregando um pesado contexto racial, eram aqueles que os empregadores destinavam aos afro-americanos por acharem que eles eram mais aptos a realizá-los ou que os trabalhadores brancos não aceitariam tão facilmente. Dentre eles estão, a manipulação de ferro e aço próximo aos fornos que, devido às altas temperaturas, eram recusadas pelos brancos, cabendo aos trabalhadores negros executá-los por serem vistos como mais resistentes ao calor.⁴⁹⁶ Contudo, ainda durante o correr do conflito, empregadores, uniões trabalhistas e o governo federal, sob a administração de Woodrow Wilson, estabeleceram acordos que limitavam a contratação e a qualificação de trabalhadores para muito além das tarefas que exerciam comumente. As alegações foram de que era preciso manter um mercado de trabalho estável para o empreendimento que estava sendo realizado.⁴⁹⁷

Após o encerramento do conflito, a situação do afro-americano no imediato pós-guerra começou a se alterar drasticamente. A desmobilização do grande contingente das forças militares que operaram na Europa e a volta dos cidadãos para o país ocasionou a demissão de milhares de empregados nas indústrias. A maioria, trabalhadores negros. Como descrito por Foner, em apenas uma semana, “a American Steel Company, em East

⁴⁹³ FONER, 2017, p. 131.

⁴⁹⁴ Idem, p. 132.

⁴⁹⁵ Ibidem; REICH, op. cit., p. 84.

⁴⁹⁶ REICH, op. Cit., p. 85.

⁴⁹⁷ Idem, p. 77.

Saint Louis, estado de Illinois, reduziu sua força de trabalho de 1.282 pessoas para 25. Quase 700 dos trabalhadores dispensados eram afro-americanos”.⁴⁹⁸ Em abril de 1919, foi reportado que 99 por cento dos veteranos negros da cidade de Chicago estavam desempregados.⁴⁹⁹ Essa situação caótica se estendeu até meados da década seguinte, quando os efeitos de medidas que limitavam a entrada de imigrantes no país, uma de 1921 e outra de 1924, começaram a ser sentidos. Mesmo assim, a Chicago Urban League, órgão que auxiliava pessoas negras a se inserirem no mercado de trabalho, afirmou receber 238 candidatos para cada 100 vagas de emprego abertas.⁵⁰⁰

Ainda que os anos do imediato pós-guerra tenham sido extremamente difíceis, o movimento migratório para fora do Sul continuou. Uma segunda leva de imigrantes chegou aos estados do Norte em um montante de cerca de 500.000 pessoas.⁵⁰¹ As oportunidades de trabalho para esse contingente se diferenciaram daquelas presenciadas durante o esforço de guerra. Os trabalhadores que chegavam às áreas urbanas, e mesmo aqueles que já se encontravam há um tempo no local, tiveram que se contentarem com atividades mais rudimentares, rotinas mais pesadas, os baixos salários e atividades mais perigosas. Dessa forma, não restava ao trabalhador afro-americano muitas alternativas a não ser trabalhar como ascensoristas ou zeladores, mesmo tendo certa qualificação para outras categorias de trabalho.

As condições de trabalho encontradas no Norte, ainda que não fossem as pretendidas pelos trabalhadores negros que chegavam do Sul, podem ser entendidas como relativamente melhores que as presenciadas nessa região. Isso também vale para comparação quanto às condições econômicas encontradas pelo afro-americano nas duas regiões. Contudo, o maior ganho obtido pelo grupo negro, através da Grande Migração, foi a sua entrada de vez no cenário industrial do país, transformando o que era antes uma reserva de trabalho em força de trabalho integral para as maiores indústrias americanas.⁵⁰²

⁴⁹⁸ FONER, 2017, p. 132.

⁴⁹⁹ *Idem.*

⁵⁰⁰ REICH, *op. cit.*, p. 86.

⁵⁰¹ FONER, 2017, p. 133.

⁵⁰² REICH, *op. cit.*, p. 100.

4.3 – Artigos de migração: propaganda e repercussão sobre causas e efeitos

O fenômeno da Grande Migração de afro-americanos para fora dos estados sulistas recebeu considerável atenção dos mais diversos veículos de imprensa do país. Sendo um dos maiores órgãos de informação sobre a comunidade negra, no início do século XX, a revista *The Crisis* não ficou alheia a esse fenômeno não apenas reportando suas características, mas fomentando o seu processo como uma forma de protesto nas mãos e/ou nos pés dos afro-americanos.

A atenção ao desenvolvimento da migração já era foco do periódico antes mesmo do boom que se verificou com o advento da Primeira Guerra Mundial, em 1914. A edição de junho de 1911 trouxe considerações de diversos órgãos de imprensa, do Sul e do Norte, quanto à questão do deslocamento populacional de afro-americanos para outros estados. Ao todo foram cinco periódicos – dois sulistas e três nortistas – que opinaram sobre a mudança de afro-americanos do Sul para outros estados e para fora do país. O artigo chamado “The Northward Migration” (“A Migração para o Norte”) apareceu na seção “Opinion” e começou com a constatação de que o Censo Norte-Americano de 1910 mostraria uma diminuição da população negra nos estados sulistas devido à busca por outros locais para se acomodar. O fluxo incluía o Noroeste estadunidense bem como o Canadá e estava ocasionando ressentimentos.⁵⁰³ Os jornais sulistas que se pronunciaram foram o *The Picayune*, de Nova Orleans, e o *The Sentinel*, da cidade de Knoxville.

Conforme as considerações do *The Picayune*, era notória a migração dos afro-americanos já há certo tempo. Contudo, a onda migratória não se assemelhava como as hordas de imigrantes que entravam nos Estados Unidos, no período, ou com as invasões bárbaras durante os últimos anos da Roma Antiga. Uma característica daquela migração, segundo o jornal, era que os cidadãos negros da região simplesmente desapareciam através das fronteiras.⁵⁰⁴ Para o jornal, a dispersão e distribuição da população negra para os estados do Norte era uma solução apropriada para a relação tensa entre brancos e negros, no que se convencionou chamar de “problema negro”. Na interpretação dos condutores do jornal, a migração para o Norte era uma forma de suavizar as relações

⁵⁰³ The Northward Migration. *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 2, p. 56, June 1911.

⁵⁰⁴ Idem.

raciais na região e não deveria ser criticada, como estava sendo, por vários cidadãos brancos locais. Muito pelo contrário, eles deveriam encorajá-la.⁵⁰⁵

Quanto ao *The Sentinel*, o comentário que veio antes da reprodução da matéria pareceu transmitir certa ironia com o tipo de percepção que o jornal tratava da questão da migração. Em sua crítica ao jornal, o responsável pela seção “Opinion” chamou atenção ao que o jornal identificava como o aumento de “tolerância” do Norte em relação à migração negra. Para o crítico, o que o jornal chamava de tolerância, ele e várias pessoas entendiam como o aumento do preconceito racial. No recorte da matéria do *The Sentinel* publicado por *The Crisis*, lê-se:

Não houve aumento notável da população negra de qualquer estado do Sul durante a última década, tanto quanto a observação e as informações do censo já disponíveis fornecem uma pista. A dispersão dos negros no Norte prestou grande serviço ao Sul. Ensinou ao Norte um pouco do significado do problema racial e tornou o Norte mais tolerante. (Tradução livre)⁵⁰⁶

O que pode ser discutido com essas duas percepções apresentadas é o, até então, descaso em relação à migração negra para fora da Região Sul. O primeiro periódico revela uma espécie de alívio pela diminuição da quantidade de afro-americanos na área, chegando mesmo a criticar brancos sulistas que se mostravam contra o deslocamento da população negra para outros locais do país. A migração foi entendida como um abrandamento do “grande mal” que uma quantidade indesejável de habitantes negros representava para os brancos sulistas. No final da matéria reproduzida há a constatação de que nem todos os afro-americanos iriam migrar e que ainda haveria um número suficiente no local. Obviamente que esse “número suficiente” se referia aos homens e mulheres destinados a realizarem trabalhos costumeiros e a terem uma condição social subserviente. Observa-se, também, uma espécie de confirmação ao que foi mencionado mais acima, no que se refere à falta de liderança quanto à organização da migração. Como apontado pelo *The Picayune*, os afro-americanos pareciam não se preparar para colocar em prática a sua jornada para outros locais. Eles apenas seguiam a sua vontade e cruzavam as fronteiras que limitavam os estados sulistas.

Quanto à nota do jornal *The Sentinel*, a questão que se evidencia é a ironia devido ao fluxo constante de afro-americanos para localidades mais ao norte do país. O jornal,

⁵⁰⁵ Idem, ibidem.

⁵⁰⁶ Idem, ibidem.

ao afirmar que a dispersão estava prestando um grande serviço ao Sul, não se refere apenas à suavização das relações desencadeadas pelo “problema negro”. A afirmação tem como intuito apresentar para o Norte os riscos no tratamento igualitário entre brancos e negros. A menção ao problema racial e a tolerância, embora não evidente, parece não se dirigir a uma real ação de tolerância do Norte para com o negro e sim do Norte para com os estados sulistas. Esse teor sarcástico demonstra uma resposta aos críticos da forma como os afro-americanos eram tratados na região, mas também pode servir como uma maneira de conquistar a simpatia das pessoas que viviam no Norte e que passaram a enfrentar os desafios que começavam a se evidenciar com a chegada de mais pessoas às áreas urbanas dessa região.

Sobre os jornais com base em estados nortistas, a temática selecionada tratou de evidenciar e questionar a existência da discriminação não nos Estados Unidos, mas no país vizinho, o Canadá. Ainda relacionado ao processo de migração para o Norte, afro-americanos estavam cruzando a fronteira e buscando terras no Noroeste canadense. Os jornais selecionados foram o *Chicago Tribune*, o *Pioneer Press*, da cidade de St. Paul, estado de Minnesota e o *The Republican*, de Springfield, Massachusetts. Todos esses jornais trouxeram em suas matérias a existência da discriminação racial de imigrantes estadunidenses para com os negros que também buscavam o Canadá para construir uma nova vida. Como apresentado pelo *Chicago Tribune*, a objeção dos americanos brancos no Canadá não era quanto aos negros exercerem trabalhos, mas sim se tornarem proprietários de terras e membros de destaque na vida local. O *The Pioneer* afirmou que a oposição aos negros não vinha dos canadenses nativos, mas sim de cidadãos que tinham conquistado assentamentos no Oeste do país e que começavam a despertar um novo preconceito contra os vizinhos negros. De mesma opinião foi o *The Republican*, expressando que os nativos canadenses não eram o problema, mas sim os americanos que chegavam ao país e que carregavam com eles o implacável preconceito racial. O periódico terminou a nota afirmando que não havia lugar dentro da influência americana onde o negro poderia viver em paz e com tolerância por parte dos brancos.⁵⁰⁷

Ainda no período anterior à guerra mundial, outros artigos trataram do processo que começava a se intensificar e que despertava ansiedade, até mesmo, de brancos

⁵⁰⁷ Idem, ibidem.

sulistas.⁵⁰⁸ Na edição de fevereiro de 1913, *The Crisis* publicou, também, na seção “Opinion” uma série de observações de veículos de imprensa sobre os trabalhadores afro-americanos, principalmente, vinculados à terra. A matéria que recebeu o nome de “The Negro at Work” (“O Negro no Trabalho”) apresentou três situações distintas envolvendo a vida dos negros no país.⁵⁰⁹ O jornal *The Daily Observer*, de Charlotte, Carolina do Norte, descreveu a história de sucesso do agricultor Sam Powell, como sendo um bem-sucedido produtor de algodão e um dos líderes de sua comunidade, sendo um exemplo para seus vizinhos e apoiado, inclusive, pelo jornal.⁵¹⁰

O *The Post*, da cidade de Charleston, Carolina do Sul, publicou uma carta de um leitor que fazia algumas críticas aos locatários negros do estado. O teor da carta expressou que os negros, da parte continental, foram privados de terras boas e foram submetidos ao trabalho assalariado. Essa prática foi vista como benéfica para os negros, pois estavam mais bem vestidos e alimentados, ou seja, o afro-americano teria aceitado muito bem a situação. O autor da carta questionou o motivo de não se fazer o mesmo com a população negra residente nas ilhas do estado e respondeu que a tarefa seria mais difícil, pois eles possuíam muitas terras na área e que não tinham o interesse da comunidade em mente. O escritor, no que parece ser uma demonstração de indignação, talvez por também ser negro, afirmou duramente que para se realizar essa mudança, a promoção ao progresso do afro-americano deveria se encerrar e que isso seria benéfico para os dois grupos.⁵¹¹ Devido às duras afirmações do leitor e da falta de indícios sobre a qual grupo fazia parte, não somos capazes de informar se ele era uma pessoa branca ou negra.

A outra questão levantada na matéria e que foi a primeira a ser descrita, foi impressa no jornal *Evening Post*, da cidade de Nova Iorque. Ela revelou uma situação

⁵⁰⁸ Na edição de abril de 1912, o artigo “Light on Rural Conditions” (“Luz Sobre as Condições Rurais”) foi publicado na seção “Opinion”. O texto, primeiramente publicado pelo órgão de publicidade da American Missionary Association, elencava algumas soluções para diminuir o fluxo de imigrantes para os centros urbanos. Dentre seus principais elementos estava a aquisição pelos afro-americanos de pequenos lotes de terra, a instalação de escolas em áreas rurais, construção de boas estradas e a igualdade na administração das leis. Cf. Light of Rural Conditions. *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 6, p. 239-240, Apr. 1912.

⁵⁰⁹ The Negro at Work. *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 4, p. 178-179, Feb. 1913.

⁵¹⁰ Um pouco da história controversa do jornal pode ser lido no site NCpedia. Como descrito, o *The Daily Observer* tinha como uma de suas metas promover o desenvolvimento econômico da cidade de Charlotte e áreas vizinhas. Embora advogasse pela ideologia da supremacia branca e da negação de direitos aos afro-americanos, não se abstinha de propagar a história de empreendedores negros que se destacavam. Como pode se supor, seu objetivo maior se sobrepunha às questões raciais. Pelo menos, em certa medida. Para saber mais, ver: WILLIAMS, Wiley J. *Charlotte Observer*. NCpedia. 2006. Disponível em: <https://www.ncpedia.org/charlotte-observer>.

⁵¹¹ *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 4, p. 179, Feb. 1913.

curiosa e conflituosa entre as pessoas brancas do estado da Geórgia. Como apresentado pelo *Evening Post*, uma estranha inconsistência podia ser percebida na forma de tratamento dispensada ao afro-americano na região. Essa inconsistência era a crítica, por parte de um grupo de indivíduos brancos para o governador do estado, sobre a saída de afro-americanos de seis condados. A possível causa daquele êxodo eram as ameaças realizadas pela organização segregacionista Ku Klux Klan que aterrorizava os negros com terríveis punições se não deixassem as áreas. A queixa dos homens brancos para com o governador estava na possibilidade “terrível” de ver suas mulheres e filhas tendo que realizar os trabalhos que os serviçais negros costumeiramente realizavam. Além disso, a questão da falta de mão-de-obra para o trabalho no campo foi, da mesma maneira, mencionada. O jornal ainda afirmou que nem uma única palavra foi proferida pelos queixantes sobre a perda de propriedades ou sofrimento decorrente da fuga dos negros das localidades. Em tom irônico, a descrição da situação vivenciada no estado parecia revelar incongruências nas afirmações que se espalhavam sobre a pessoa negra ser uma maldição para a região e a necessidade de ter essas mesmas pessoas para realizarem as tarefas das ricas famílias que ali viviam.⁵¹²

No contexto de Primeira Guerra Mundial e no esforço para suprir as demandas dos países aliados durante o conflito, o artigo “Industrial Opportunities in the North” (“Oportunidades Industriais no Norte”) apresentou a visão da NAACP sobre como o afro-americano poderia se beneficiar com a situação. O longo texto que apareceu na própria seção reservada à instituição foi descrito como o principal documento da segunda tarde de conferências, realizada em Cleveland, Ohio, entre os dias 30 e 31 de maio de 1916. O artigo foi escrito pelo advogado, ativista e político afro-americano Harry E. Davis e suas percepções se revelaram muito otimistas com relação à produção industrial do país e de como o trabalhador negro poderia se beneficiar daquele momento e posteriormente.⁵¹³

Em seu texto, Davis relatou as características mais perceptíveis, até aquele instante, do conflito. A demanda industrial presenciada pela cidade e região, em que cada fábrica, que tinha instalações capazes de produzir quaisquer suprimentos para a guerra, tinha possibilidades de adquirir enormes lucros e retornos rápidos e a necessidade de trabalhadores comuns – entendido como sem altas qualificações – para suprir a falta de

⁵¹² Idem, p. 178.

⁵¹³ Para saber mais sobre a trajetória de vida e carreira de Harry E. Davis, ver: DAVIS, Harris Edward. Enciclopedia of Cleveland History. Disponível em: <https://case.edu/ech/articles/d/davis-harry-edward>.

trabalhadores europeus, foram alguns dos pontos comentados.⁵¹⁴ Contudo, as previsões para o futuro dos afro-americanos que emergiria do pós-guerra chama atenção pela crença na melhoria de sua condição social. O ativista reconheceu que a intensidade da produção era temporária e que terminaria com o fim do conflito. Porém, ele acreditava em um período de escassez para suprir o mercado de trabalho e que isso duraria alguns anos, pois os países da Europa utilizariam todo o seu contingente para reparar os danos causados pela guerra.⁵¹⁵ E seria nesse momento que os afro-americanos deveriam agarrar a oportunidade. Davis chegou a dizer que a oportunidade já era algo existente e “fora do reino da especulação”.⁵¹⁶

Algumas características podem ser apontadas para o otimismo de Davis além, é claro, do intuito de passar uma mensagem positiva para o grupo negro. O primeiro tópico que ele mencionou estava ligado à força do trabalho organizado em conseguir consideráveis ganhos para o trabalhador. Dentre esses ganhos estavam o aumento de salário, campanhas por redução de horas e melhores condições de trabalho. Em sua visão, esses seriam reflexos do que a escassez de mão-de-obra proporcionava ao mercado. A busca dos empresários por trabalhadores negros em igrejas da comunidade e enviando agentes foram entendidas como uma expressão de que “não há preconceito em uma genuína demanda econômica e que ela não reconhece a linha de cor”. Davis se dirigiu ao público afro-americano afirmando que pela primeira vez ele estava sendo desejado. Dentre outros elementos descritos estava a confiança que os afro-americanos despertavam nos empregadores por serem trabalhadores vigorosos, tratáveis e avessos às greves, paralisações e ao terrorismo industrial. Em um dos pontos mais marcantes do texto, o autor chamou a atenção para a oportunidade de garantir direitos industriais e políticos. Para Davis, naquele momento, não restava aos sindicatos outra alternativa a não ser reconhecer o trabalhador como um competidor que pela razão de sua força numérica deveria ser absorvido por eles.⁵¹⁷

⁵¹⁴ Industrial Opportunities in the North. *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 3, p. 142, July 1916.

⁵¹⁵ Essa crença foi novamente expressada em uma nota da edição de março de 1918, quando o Secretário de Imigração da Y.M.C.A. para a Nova Inglaterra, G. W. Tupper, afirmou diante da Associação Nacional dos Fabricantes de Algodão que, ao menos, 500.000 trabalhadores retornariam para a Europa assim que a guerra terminasse. Esse pronunciamento, quase dois anos após a fala de Davis, demonstra a confiança no processo de oportunidades que estariam disponíveis para os afro-americanos no período. Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 15, n. 5, p. 243, Mar. 1918.

⁵¹⁶ Industrial Opportunities in the North. *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 3, p. 142, July 1916.

⁵¹⁷ Idem.

As questões apresentadas no texto de Davis sobre o que os afro-americanos poderiam ganhar com o contexto de guerra e industrialização eram amplas e mencionavam aspectos de melhoramentos de capacitação profissional, relacionamento com o trabalhador branco e conquistas econômicas. Contudo, ele também se referiu aos problemas acarretados com a migração para as áreas urbanizadas do Norte. Davis acreditava que os imigrantes teriam dificuldades para se ajustarem e assimilarem os ideais e o estilo de vida das cidades. Ele, até mesmo, numa visão consciente sobre ondulações ou ciclos econômicos, argumentou sobre o período de depressão industrial que se seguia aos momentos de prosperidade e de como os imigrantes teriam a tendência a se degenerarem em criminosos.⁵¹⁸ Mesmo com essa possibilidade, a NAACP, todos aqueles envolvidos e os principais interessados, os afro-americanos, não deveriam ser negligentes em face da grande oportunidade que estavam vivenciando. Davis chegou a estabelecer medidas para lidar com a situação e com o fluxo constante de imigrantes. Algumas das soluções apontadas foram a circulação de informações sobre as condições locais para que falsas impressões não se espalhassem, a criação de agências para manter contato com a grande quantidade de imigrantes para que se dirigissem aos canais sociais adequados, tais como igrejas da comunidade negra. A conexão com outras organizações também era uma estratégia a ser realizada tendo como uma de suas funções a representação face aos empresários para dissuadi-los a contratarem trabalhadores sem levar em conta o caráter e a aptidão. O ativista terminou seu texto afirmando que não tinha receio de qualquer aumento substancial de trabalhadores, mas as comunidades, no Norte, esforçaram-se muito para construir uma posição de prestígio e que não poderiam ser prejudicadas.⁵¹⁹

As percepções otimistas de Davis podem ser entendidas. Em seu tempo, a substituição de mão-de-obra e a entrada significativa de trabalhadores negros no setor industrial era algo nunca presenciado. Além disso, as tensões que se evidenciariam posteriormente não eram notadas, apesar de terem mostrado sua face aproximadamente um ano depois em diversos distúrbios de caráter racial, mas atrelados à questão da competição por trabalho. Outros elementos apontados pelo ativista parecem ter sido usados como uma maneira de incentivar e minimizar qualquer tipo de empecilho para a contratação de trabalhadores afro-americanos. Seus argumentos sobre os trabalhadores negros serem avessos às greves ou bloqueios não condizem com a trajetória de militância

⁵¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 143.

⁵¹⁹ Idem, *ibidem*.

e ativismo que o grupo desempenhou ao longo dos anos em busca de melhores condições de trabalho. Porém, estamos cientes que seu discurso tinha o propósito de contribuir para a abertura de maiores oportunidades de trabalho para os afro-americanos.

O editor de *The Crisis*, não ficou alheio às possibilidades criadas pelo contexto de guerra mundial e de como o afro-americano poderia usufruir da situação. Na edição de outubro de 1916, Du Bois publicou um texto curto, mas provocativo sobre o fenômeno migratório para fora do Sul.⁵²⁰ “Migration” (“Migração”) abordou com críticas as atitudes de alguns líderes da comunidade negra do país que não concordavam com o êxodo para o Norte.

A afirmação com que o texto se iniciou, revela que há longa data os líderes da comunidade negra aconselhavam os afro-americanos a ficarem na região. Grande parte desse discurso era apoiada nas afirmações dos brancos sulistas de que eles eram os “melhores amigos dos negros”.⁵²¹ Para o editor, se os negros estadunidenses quisessem ter seus filhos educados e estar em contato com um mundo mais civilizado, eles tinham o dever de sair da Região Sul o mais rápido possível. De acordo com Du Bois, poderia ser considerado tolice desistir de uma boa chance de ganhar a vida diante das oportunidades que estavam aparecendo no Norte. Ele chegou a ser categórico ao afirmar que “todo homem de cor que pode deve tomar vantagem da situação”.⁵²² Da mesma forma como Harry E. Davis se pronunciou meses antes, Du Bois se dirigiu aos afro-americanos já instalados fora dos limites sulistas afirmando que eles deveriam receber calorosamente seus companheiros que estavam escapando da opressão sulista. Ele também se mostrou ciente das dificuldades que surgiriam, mas as classificou como temporárias. No final de seu texto, o editor procurou fazer uma associação com o período de escravidão expressando que “qualquer coisa que signifique liberdade para os escravos negros deveria ser bem-vinda pelos seus irmãos livres do Norte”.⁵²³

⁵²⁰ Antes disso, a questão da migração já tinha sido objeto de discussão do editor. Como exemplo, o artigo “Migration”, de fevereiro de 1914, em que se posicionou contra projetos de migração de afro-americanos para a África afirmando que eram enganação e mereciam a prisão daqueles que os promoviam e o longo artigo “The Immediate Program of the American Negro by W. E. B. DuBois” (“O Programa Imediato do Negro Americano por W. E. B. DuBois”) em que expõe que os afro-americanos lutariam por igualdade política, industrial e social de forma que nada menos que isso era aceitável. Ver, respectivamente: DU BOIS, W. E. B. Migration. *THE CRISIS*, New York, v. 7, n. 4, p. 190, Feb. 1914 e DU BOIS, W. E. B. The Immediate Program of the American Negro by W. E. B. DuBois. *THE CRISIS*, New York, v. 9, n. 6, p. 310-312, Apr. 1915.

⁵²¹ DU BOIS, W. E. B. Migration. *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 6, p. 270, Oct. 1916.

⁵²² Idem.

⁵²³ Ibidem.

Mais de um ano após o encerramento do conflito mundial, os reflexos do período de migração e as conquistas adquiridas pelos afro-americanos ainda reverberavam nos discursos e pronunciamentos da NAACP. A recessão conjecturada anos antes por Davis, na conferência de maio de 1916, não tinha se revelado tão impactante e, mesmo, os distúrbios de caráter racial com forte influência da competição por trabalho não foram suficientes para diminuir o otimismo dos membros da instituição. Pelo menos, até o início de 1920.

“The Success of Negro Migration” (“O Sucesso da Migração Negra”), escrito Walter F. White, publicado na edição de janeiro, descreveu o esforço empreendido pelos afro-americanos em sua peregrinação para o Norte e serem reconhecidos como uma peça fundamental para a economia do país.⁵²⁴ O texto, talvez, o mais detalhado sobre o contexto de migração afro-americana publicado pela revista, apresentou muitos dos conceitos e realidades descritas pelos estudiosos citados mais acima, evidenciando de forma surpreendente as percepções sobre o evento na época.

White iniciou seu texto com uma sentença séria, mas que pode ser entendida também como uma expressão sarcástica da situação primeiramente interpretada pelos sulistas brancos. Segundo o autor, “raramente houve uma mudança de atitude mais interessante do que a do Sul em relação ao movimento migratório de negros durante os últimos quatro anos”. Nessa expressão, White deixou evidente a maneira como a onda migratória foi entendida pelos brancos sulistas e a sua visão tardia sobre as novas realidades que se despontavam a partir da segunda década do século XX. Durante o decorrer do artigo, podem ser destacados vários elementos que descrevem o processo migratório de afro-americanos para o Norte. Primeiramente, White focou em como os brancos sulistas interpretaram o deslocamento populacional, tendo, de início, apreciado a saída do grupo negro. Embora White tenha deixado transparecer que não tinha certeza da sinceridade daquele sentimento dos brancos da região, eles entenderam a migração para fora de suas fronteiras como um passo importante de um grande plano para livrarem o país do indivíduo negro. Intenções essas que há muito tempo eram propagadas, tendo uma possível deportação de negros para o continente africano como uma das ideias mais difundidas como mencionada acima.⁵²⁵

⁵²⁴ WHITE, Walter F. The Success of Negro Migration. *THE CRISIS*, New York, v. 19, n. 3, p. 112-115, Jan. 1920.

⁵²⁵ Idem, p. 112.

Com o correr do processo migratório, a classe mais abastada da Região Sul começou a se preocupar com a situação. Para White, percebendo que não teriam uma quantidade ampla de trabalhadores para explorar e que as esposas teriam que fazer os trabalhos destinados aos serviços, algo também já salientado anteriormente aqui, os homens de negócios sulistas começaram a espalhar notícias falsas sobre como os afro-americanos da região estavam sendo tratados no Norte. Com o fracasso da tentativa, medidas mais duras, como a alta taxação de licenças para os agentes aliciadores, foram adotadas. De acordo com o autor, os sulistas custaram a perceber que o movimento não tinha uma liderança e que sua existência era o resultado da lei econômica de oferta e procura somada a ocorrência da opressão que incentivaram a saída dos afro-americanos que viviam no Sul.⁵²⁶

Muitos outros pontos podem ser mencionados sobre o processo de Grande Migração e seu resultado positivo descrito por White. Contudo, vale mencionar as ações da NAACP para desmistificar algumas questões e contribuir para a continuação da empregabilidade da mão-de-obra negra na indústria nortista. Para isso, o autor utilizou dados de um questionário realizado pela NAACP em grandes centros urbanos como Chicago, Pittsburgh, Detroit e Cleveland. Citando algumas constatações dessas cidades, White afirmou que Chicago tinha recebido cerca de 40.000 homens e 12.000 mulheres afro-americanos desde o começo da migração e os patrões que nunca tiveram experiências anteriores com trabalhadores negros estavam descobrindo que a crença na ineficiência do trabalhador afro-americano era um mito. Em outra cidade, Detroit, registros de uma empresa apontavam que em seis semanas após o estabelecimento de um departamento apenas com trabalhadores negros, a produção de chassis teria passado de 18 para 40 a 50 por dia.⁵²⁷

Como era de se esperar, as previsões de White e de vários membros da NAACP eram das mais otimistas. Os fatores que permitiriam a continuação para a chegada e adaptação dos afro-americanos sulistas para outras regiões estavam na crença de que a migração estava em solo americano. Demais elementos como a eficiência do trabalho, a atitude das uniões trabalhistas e de grupos não sindicalizados, a absorção industrial, econômica e social no estilo de vida do Norte proporcionaria a manutenção do sucesso.⁵²⁸

⁵²⁶ Ibidem.

⁵²⁷ Idem, *ibidem*, p. 113.

⁵²⁸ Idem, *ibidem*, p. 115.

Sabemos que as coisas não aconteceram da maneira como idealizada pelos ativistas ligados ou não à NAACP. Muitas situações se revelaram problemáticas e com tendências a regressão. Grande parte dessa obstrução ao avanço industrial, econômico e social do negro norte-americano foi resultado da ação, ou da falta dela, das uniões trabalhistas, com destaque para a American Federation of Labor e do acirramento pela competição por trabalho entre brancos e negros. Porém, como mencionando por Davis, Du Bois, White e outros, a migração para os estados do Norte continuou por várias décadas e contribuiu para amenizar os julgamentos de que os membros do grupo afro-americanos não eram aptos para o trabalho na indústria.

Capítulo 5 - O trabalhador afro-americano no Norte: o duplo sentido de deslocamento

5.1 – Migração em debate: cartas sobre a mobilidade do povo negro

Relatos sobre a locomoção de afro-americanos estiveram nas páginas de *The Crisis* desde suas primeiras edições e podem servir de paralelos para evidenciar como o tema sempre foi problemático na história do país. No terceiro número da revista, o processo de deslocamento de negros para áreas nobres da cidade de Baltimore, estado de Maryland, despertou a atenção e interesse de diversos órgãos de imprensa ao redor do país. Esses comentários foram reproduzidos na seção “Opinion”, em sua subseção “The Ghetto”, para representar as tentativas de isolar os negros em determinados bairros da cidade.

A matéria se iniciou com a constatação de que a cidade estava colocando em prática uma tentativa para segregar as pessoas negras da localidade e que isso estava gerando muitos questionamentos.⁵²⁹ No total, dezesseis veículos de imprensa teceram notas sobre o tema argumentando sobre o direito dos afro-americanos de se mudarem para onde quisessem e tivessem condições de pagar, bem como do risco que isso gerava em comparação a outras experiências ao redor do mundo, como a segregação russa para com os judeus. O que pode se observar é que a questão central estava na aquisição de grandes propriedades por afro-americanos em locais anteriormente não ocupados por aqueles cidadãos. Como descrito por uma correspondência enviada para o jornal *The New York Sun*, “a invasão negra em Baltimore ocorre principalmente na direção norte e noroeste, compreendendo as seções residenciais mais bonitas, exclusivas e valiosas”.⁵³⁰ A partir de então, o que se desenrolou foi uma rede de comentários que questionava a Câmara Municipal em sua busca por manter os interesses dos moradores brancos locais. Dentre os diversos comentários, o jornal de caráter religioso *Southwestern Christian Advocate*, de Nova Orleans, afirmou que onde existia um bairro negro havia pouca ou nenhuma melhora por parte dos legisladores. O jornal ainda argumentou sobre os negros também serem contribuintes e receberem pouco retorno sobre suas taxas. Segundo a interpretação do jornal, muitos cidadãos negros faziam o possível para não comprar em bairros que

⁵²⁹ *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 3, p. 11-13, Jan. 1911.

⁵³⁰ *Idem*, p. 11.

eram habitados por brancos, mas próximo desses com o intuito de conseguir vantagens como a questão de pavimentação e segurança.⁵³¹

Os atritos envolvendo os afro-americanos nos anos em que a intensificação do processo migratório ainda não era tão evidente estiveram na pauta dos homens e mulheres que conduziram a revista durante seus primeiros anos de existência. Uma das questões que despertou a atenção e questionamentos daqueles que editavam a *The Crisis*, foi o processo de migração não para outros estados do país, mas para fora dos limites territoriais dos Estados Unidos. Dentre as discussões, a migração para o país vizinho, mais ao norte, foi motivo de trocas de correspondências entre membros da revista, altos funcionários do governo e leitores. O processo foi primeiramente exposto através de uma resposta a um inquérito promovido pela revista sobre rumores de que o governo canadense estava rejeitando ou mesmo proibindo a entrada de afro-americanos no país.

“Canada and Colored Folk” (“Canadá e o Povo de Cor”) foi impresso na seção “Along the Color Line” e trouxe os informes explicativos de duas autoridades canadenses, em Winnipeg e Ottawa, respectivamente, sobre os “mal entendidos” relacionados aos afro-americanos que tentavam conquistar uma vida melhor no país. No primeiro informe, o Comissário de Imigração pontuou o recebimento da correspondência, enviada em 4 de março de 1911, e afirmou que as notícias divulgadas pela imprensa estadunidense sobre a proibição da entrada de afro-americanos como colonos não estavam conforme os fatos.⁵³² Sem apresentar muitos detalhes, o comissário afirmou que nenhuma decisão acerca da questão tinha sido tomada e parecia não haver necessidade para tal. Sem se aprofundar no tema, o funcionário do governo canadense salientou que os afro-americanos, assim como qualquer outro grupo populacional, estavam sujeitos as leis de imigração do país e seriam rejeitados caso não cumprissem suas determinações.⁵³³

De maneira mais direta e com maiores apontamentos sobre o tópico, a nota enviada pelo Superintendente de Imigração, apresentou mais detalhes que tendem a mesclar interpretações profissionais e opiniões pessoais. O superintendente iniciou informando que nenhuma regulamentação foi elaborada ou publicada sobre a matéria. Contudo, ele podia confirmar que a então política do governo não era de encorajar o assentamento de afro-americanos no Canadá. A justificativa para tal era a de que existia

⁵³¹ Ibidem, p. 12.

⁵³² Canada and Colored Folk. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 6, p. 11, Apr. 1911.

⁵³³ Idem.

a crença de que o clima e outras condições do país, não eram tão agradáveis aos negros.⁵³⁴ Dentre várias outras características do contingente populacional negro no país, o funcionário expôs existir um movimento migratório de pessoas brancas para as províncias situadas mais a oeste, mas os afro-americanos não eram tão expressivos nesse aspecto, fazendo com que o governo do país acreditasse que aquela região não era tão atrativa para os afro-americanos. A partir dessa suposição e considerando que o afro-americano não seria um grupo que superaria essas adversidades, todas as outras regulamentações, como as relacionadas à saúde e condições financeiras, seriam estritamente impostas. O autor terminou seu relato informando que devido aos fatos descritos acima, uma grande quantidade de afro-americanos seria rejeitada em decorrência da aplicação de tais medidas.⁵³⁵

Outras notas sobre a questão do possível ato de se evitar a entrada de um grande contingente de cidadãos afro-americanos no Canadá estiveram nas páginas da revista *The Crisis* durante os anos em que o tema permaneceu em evidência. Em julho de 1911, uma nota na subseção “Economics” salientou um processo que despertou questionamentos de estudiosos e da imprensa do país. O pequeno texto chamou à atenção para a intenção de barrar a migração de afro-americanos do estado de Oklahoma para o Noroeste canadense.⁵³⁶ Segundo o informe, o processo estava tão acentuado que o governo canadense poderia impor leis para conter o fluxo.⁵³⁷ Algo nesse sentido já estava sendo conduzido por diversas associações comerciais ao redor do país, como a Junta Comercial de Edmonton que aprovou resoluções para protestar contra a continuação da imigração. A Junta Comercial de Winnipeg utilizou o argumento de que os negros estadunidenses não estavam adaptados ao clima e as condições de vida do país.⁵³⁸ Apesar desses atos, nada de mais concreto tinha sido estabelecido. A nota terminou informando – talvez como

⁵³⁴ Ibidem.

⁵³⁵ Idem, ibidem.

⁵³⁶ A relação entre a migração de afro-americanos de Oklahoma para o Canadá foi tão expressiva que rendeu mais algumas considerações e análises. Dentre elas, o artigo já mencionado anteriormente “The Black Man’s Value” (“O Valor do Homem Negro”), de janeiro de 1912, que expõe como seria trágico para o estado se ele perdesse a força de trabalho negra. O autor do texto chega a indagar sobre o que teria acontecido se o Parlamento canadense tivesse decidido por promover a migração de aproximadamente um milhão de afro-americanos sulistas. O título do texto parece transmitir um duplo sentido no fato de que o trabalhador negro era valioso para a região, mas esse valor estava, muitas vezes, associado exclusivamente às questões econômicas. Cf. *The Black Man’s Value*. *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 3, p. 107-108, Jan. 1912.

⁵³⁷ *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 3, p. 98, July 1911.

⁵³⁸ Idem, p. 98-99.

forma de destacar o montante não tão expressivo de afro-americanos no Canadá e como tudo aquilo era demasiado alarmista – a quantidade de residentes negros provenientes dos Estados Unidos. Conforme o texto, o total era de 17.000 pessoas.⁵³⁹

Em fevereiro de 1912, uma pequena nota evidenciou uma ação mais concreta para impedir ou dificultar a entrada de afro-americanos no Canadá. Contudo, a medida não apenas visava o grupo negro, mas tinha como alvos principais pessoas de origem chinesa. De acordo com o informe, a empresa ferroviária Great Northern Railway lançou uma determinação em que ficava proibida a venda de passagens para indivíduos chineses com destino para qualquer localidade do Canadá, Cuba ou para pontos dos Estados Unidos passando pelo Canadá.⁵⁴⁰ Outras imposições destacadas na nota evidenciaram as estratégias para obstruir o processo de imigração de pessoas não desejadas no país. Os estrangeiros não seriam admitidos, exceto se estivessem em trânsito de seus próprios países, desde que fossem naturalizados norte-americanos e tivessem, pelo menos, a quantia de 25 dólares em mãos. O informe terminou com a dura constatação de que “pessoas de cor não seriam admitidas em hipótese alguma”.⁵⁴¹

Em carta enviada para a revista *The Crisis*, um leitor-escritor, não identificado, anexou uma correspondência referente à resposta de um questionamento sobre a migração de afro-americanos no Oeste canadense. A carta teria sido enviada pelo Superintendente de Imigração e como informou o leitor-escritor, possuía tópicos que ele considerava interessantes e dignas de serem compartilhadas. A carta do superintendente, postada em 29 de março de 1912, respondia ao leitor, possivelmente um interessado em migrar para o país vizinho, que talvez não fosse uma boa ideia tentar a vida naquelas terras geladas. Mais especificamente, o superintendente afirmou que “eu não acho que existam boas oportunidades para seu povo no Oeste canadense”.⁵⁴² A carta, que pode ser vista como uma forma de alerta para aqueles afro-americanos que tinham alguma intenção em entrar no país, destacou medidas de fiscalização que resultavam em um número considerável de pessoas enviadas de volta para os Estados Unidos. Segundo o superintendente, o exame médico rigoroso resultava em várias solicitações rejeitadas. Em um comentário ou sugestão mais pessoal, o funcionário governamental expôs que não seria aconselhável

⁵³⁹ Ibidem, p. 99.

⁵⁴⁰ *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 4, p. 145, Feb. 1912.

⁵⁴¹ Idem.

⁵⁴² *THE CRISIS*, New York, v. 4, n. 3, p. 148, July 1912.

que o pretendente a ingressar no país se dirigisse para lá e que ele tinha quase certeza que os afro-americanos teriam mais sucesso em locais com clima mais quente.⁵⁴³

Embora os funcionários do governo canadense reafirmassem, por diversas vezes, que não tinham intenção em barrar a migração de afro-americanos e, por falta de provas mais contundentes, alguém pudesse ficar tentado a levar em conta que suas sugestões tinham em vista a preocupação em relação à adaptação dos afro-americanos no país, pesquisas mais recentes revelaram que o governo canadense estava realmente envolvido em evitar o fluxo de imigrantes negros. Em análise sobre os procedimentos adotados pela administração canadense em evitar a migração de afro-americanos, Shepard (1983, p. 6-7) revelou diversas estratégias adotadas para se alcançar o objetivo. Dentre os procedimentos descritos, estão o não envio de produções literárias de incentivo à migração para pessoas negras, a redução na emissão de certificados de assentamentos, o aumento no rigor dos exames médicos para pretendentes a migração com a possibilidade de suborno para as autoridades médicas.⁵⁴⁴

Interessante observar que duas outras estratégias levadas adiante para conter a migração de afro-americanos contaram com membros da comunidade negra. Líderes religiosos do estado de Oklahoma associados ao médico G. W. Miller foram contratados para espalhar notícias sobre como o Canadá não era atrativo para os afro-americanos. Seus argumentos estavam concentrados nos efeitos do clima sobre os negros, bem como nas grandes distâncias para se encontrar um médico disponível, no preço dos alimentos que era o dobro dos encontrados no estado e na má qualidade do solo.⁵⁴⁵ De acordo com Shepard, devido às medidas, a migração para o país começou a diminuir consideravelmente.⁵⁴⁶ Contudo, uma possível mudança no comportamento das autoridades canadenses pode ser levada em consideração devido a uma pequena nota na edição de *The Crisis*, em maio de 1918. Nesse número da revista, na subseção “Industry”, foi divulgada uma informação de que os oficiais de imigração do país tinham decidido pela importação de pessoas negras provenientes das Índias Ocidentais (Antilhas e Bahamas) em detrimento de chineses para suprir a falta de mão-de-obra local.⁵⁴⁷

⁵⁴³ Idem, p. 148-149.

⁵⁴⁴ SHEPARD, R. Bruce. Diplomatic Racism Canadian Government and Black Migration from Oklahoma, 1905-1912. In: *GREAT PLAINS QUARTERLY*, v. 3, n. 1, Winter 1983, p. 6-7. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/greatplainsquarterly/1738>. Acesso em: 16/01/2023.

⁵⁴⁵ Idem, p. 10-11.

⁵⁴⁶ Ibidem, p. 12.

⁵⁴⁷ *THE CRISIS*, New York, v. 16, n. 1, p. 32, May 1918.

Imagem 27 e 28 - Carta enviada pelo Superintendente de Imigração do Canadá desencorajando a migração de afro-americanos para o país.

LETTER BOX

I am pleased to know that we have such a paper as *THE CRISIS*. If the whole family of colored newspapers were more like it, how much better it would be for our race. There is more trouble between colored and white than between colored and white—a quarrel or fight between the two races being rare. The farmers in each race do not hesitate to exchange work and sit at each others' tables, and they trade as freely as if each were all white or all colored. I have no complaint at home, but let me travel away, then I find that there is a "Race Problem," and that "Race Problem" will have to be settled in some way.

ESAU HARRIS,
Cutler, Ohio.

The January number is splendid. I enjoyed it greatly. I wish those pictures of lynching could be put upon the moving-picture roll. That way, and that way only, will they speak to the multiplied thousands their sad truth. We often see upon the canvas the pictures of Indian cruelty to the white man; can't we turn it around and show them the white man's brutishness to the Negro? We suffer almost anything (except lynching) right here in the beautiful land of sunshine. Civil privileges are here unknown. You can't bathe at the beaches, eat in any first-class place, nor will the street car and sight-seeing companies sell us tickets if they can possibly help it. I am speaking from experience.

Mrs. LOUISE McDONALD,
Los Angeles, Cal.

I have read and kept every issue of your most interesting magazine since its first publication, and I am as pleased to get each fresh copy as a child with its Santa Claus. The covers are always pretty, and I adore those like the "Quadroom" with that bit of delicious verse, and February's, displaying

the flowers of our race, the most. Its pages fill a long-felt want. This, with the problem books and plays, will do much to lift the "awful burden."

MATTHEW BENNETT,
New York City.

I ought also to tell you of the great satisfaction with which I read *THE CRISIS*. It is an admirable publication; I don't see how it could be better. It fills the bill exactly, and I think we ought to thank you for it. I do every month.

CHARLES EDWARD RUSSELL,
New York City.

(In answer to a request for pictures.)

I am thoroughly in sympathy with what you are doing, but find that I cannot arrange to supply you with all that you wish. I consulted our one colored photographer here, and he does not think it possible, or at least practicable, for him to secure any of the photographs except those of the schools and the churches. You know what conditions are in this section, and can readily understand the position this photographer takes. He could hardly get some of those pictures without exciting comment or suspicion, or even being the object of violence. If you will let me know whether you would like to have pictures of the churches and schools I shall notify the photographer, and he will communicate with you.

I enclose a letter I received from the Canadian Superintendent of Immigration in reply to an inquiry about colored people in Western Canada. I think you will find it interesting.

Ottawa, Canada, March 29, 1912.

Sir: I have had referred to me by H. M. Williams, our agent at Toledo, your letter of the 23d inst., and I beg to say in reply that I do not think there are good openings for your people in Western Canada. We have had to send back to the United States quite a number of those who failed to succeed in the West, and on account of this it has been

LETTER BOX

149

found necessary to make a very careful medical examination of all colored people applying for entry, with the result that a great many have been rejected. I do not think it would be advisable for you to come, as I am quite sure that the opportunities for your people are better in the warmer climate.

Your obedient servant,
(Signed) W. W. SCOTT,
Superintendent of Immigration.

PUBLISHERS' CHAT

The August number of *THE CRISIS* will be Vacation Number. It will tell where to rest, and what it will cost, with some consideration of the end and meaning of rest. Then there will be a short story and the pictures will be unusually striking.

CITIES WITHIN THE VEIL—We shall begin in the September number a series of articles on the various cities of the world which have a large colored population. They will treat of the life of these thousands in an interesting way.

BABIES—The October number of *THE CRISIS* will be Children's Number. This is the month of school beginnings and family reunions. We want pictures of colored children of eight years of age or less, especially babies. We shall give three prizes to the three most interesting pictures. Pictures must reach us not later than September 10th.

AGENTS—Some of our agents in returning unsold copies forget to put their names and addresses on the package. Please be careful; remember that *THE CRISIS* has now 315 agents distributed in every State in the Union and in several foreign lands. They are a picked lot, taken only on careful recommendation.

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 4, n. 3, p. 148, July 1912.

Em carta diretamente enviada para o editor de *The Crisis*, o leitor-escritor E. H. Brown, escrevendo de Nova Orleans, expôs, com um exemplo, a sua opinião sobre o incentivo da revista e da NAACP na promoção do processo migratório dos negros sulistas para estados do Norte do país. O escritor iniciou o seu relato destacando o impacto que a edição do mês de janeiro teve sobre ele. Isso se deu devido ao artigo "Migration and Help", citado anteriormente, em que Du Bois afirmou que todos os afro-americanos que tivessem condições de deixarem a região, deveriam proceder sem hesitação.⁵⁴⁸ Brown foi claro ao concordar com Du Bois sobre tal quesito. Porém, o leitor, mais adiante, pareceu distanciar o editor das realidades que vigoravam no Sul e das quais o afro-americano sulista estava submetido. Nas palavras de Brown para o editor, "embora você lide com todos os assuntos que aborda de maneira magistral, nem mesmo você consegue entender as provações que o pobre negro do Sul deve passar apenas por existir".⁵⁴⁹ No longo relato,

⁵⁴⁸ Cf. DU BOIS, W. E. B. Migration and Help. *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 3, p. 115, Jan. 1917.

⁵⁴⁹ *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 1, p. 20, May 1917.

e o próprio Brown reconhece isso, bem como o fato de Du Bois ser uma pessoa ocupada e de que sua narrativa não fosse valiosa para ocupar espaço na revista, foi descrito um caso que o autor considerou ser mais que fatos que circundavam os negros sulistas.

Imagem 29 e 30 - Carta enviada por um leitor-escritor relatando a história de um amigo injustiçado quanto às oportunidades de trabalho apenas por ser negro. O autor incentiva os jovens afro-americanos a usufruírem de todas as chances que tiverem principalmente durante o processo de migração para o Norte.

— 20
 I wish to know my color, I am a Negro woman and there are plenty of people around here who want to go home because they are not treated right here. My friend, who is writing for me, does housework for white people, cleaning seven rooms including the scrubbing and sweeping. She only gets 60 cents a day for all that work and, dear Editor, you know by that, we have to leave this place. We hear of people over in S. C., Ga., and Ala., and we want to go too. If you can get this information before my *CRISIS* you will please send it to me.
 MRS. JOSEPHINE CLEMMONS.
 Muskogee, Okla.

I have just read in your April *CRISIS* a letter in the Outer Pocket, written by Donald W. Moore, Halifax, N. S., in reference to the lynching in Georgia. Yes, it seems most strange to any one who lives in the Northern States and has never had any experience of the life that the colored man in the South has to undergo. They are handicapped in everything, even to the extent of self-protection, and in most instances they are handicapped in practical protest more than anything else. Ninety per cent of the lynching that happens is over before the Negroes know that anything has ever happened, or that any crime has been committed. When the Negroes know it's over, the whites are all prepared to lynch others who make the least protest in any form and accord them the same treatment. If the Negroes (in certain sections) have meetings or form any kind of an organization to perfect a protest, they are lynched for plotting against the white people (just as was done in Early and Worth Counties in Georgia). So you see protest is useless in any form as the State's Militia is white. If they are called out, it's only to protect the white man in his law-breaking, and not to do justice. I would just as soon be in the jungles of Africa bare-handed as to be in a Georgia jail with the Georgia Militia on guard if I had been suspected of doing something or one of the many things that constitutes a crime to be lynched according to their inflamed minds. There is nothing the matter with the colored people in the South. They are not afraid of the lynchers, but they are afraid of the backers. That is the men who uphold them and they are the officials from

THE CRISIS

County Justice of Peace to the Governor of the State.

I think the Negro has the nerve to fight but like all other right thinking people, they know it would be a useless fight with the odds so strong against them and consequently they have decided on the most damaging and best revenge. That is to leave the South. It will be more far reaching than any rebellion. This migration is going to reach every part of the Southland. It's not only going to harm the proprietors but the entire white population from the cradle to the grave, from the poor devils who commit the crime to the rich land-owner who protects him.

I have been living in the South all my life and all I've got is this. My whole life's savings that I worked for is practically lost as I can't sell it for any price. I sold it to get rid of the awful fear of being killed just as Crawford of S. C. was murdered. I have decided to leave everything just as it stands and maybe some day I might realize something from my property. But I doubt it very seriously. Just as I have decided to do thousands have decided to do the same thing. The best thing the Northern Negro can do is to help educate his Southern brother into the Northern ways, for he is here to stay.

The April *CRISIS* is excellent, as good a number as you have ever had. Ma, it and its whole "staff" from the editor down to the humblest office boy thrive and flourish.
 MARIANNA G. BRUBAKER.
 Bird-in-Hand, Pa.

In perusing the January *CRISIS*, I observed an article under the heading "Migration and Help" in which you repeat your argument that the Southern Negro who is assured of employment should continue to go North. Permit me to agree with you and assure you that although you handle every subject you take up in a masterly way, even you cannot understand the trials the poor Southern Negro must undergo merely to exist. I appreciate the fact, sir, that you are a very busy man, but beg that even if you do not deem this narrative worthy of a place in your magazine, or too lengthy for publication, that you will at least peruse it from start to finish. I wish to tell a story here that may serve to give

THE OUTER POCKET

21

you a little more of the actual facts surrounding the Southern Negro.

A young friend of mine was compelled to stop school after finishing the English Course and being transferred to the 1st year Normal of a reputable local high school. As far as he went he finished with honors, having captured the class prize for at least four consecutive terms. Coming out of school he looked around for fitting employment and was employed by a grocer. Began as all around boy at \$1.75 per week and in one month was promoted as driver on a small route at \$3.00 per week. Being eager to get ahead he worked his way on up and after serving the grocer about 18 months, he had filled every position from warehouseman, bill collector, billpayer and clerk to drummer for trade and salesman for goods that no one else could sell at the salary of \$6.00 per week and board. He left this grocer and entered the service of a steamship company as laborer at \$1.50 per day. Was promoted to cooper at same pay. On a certain occasion the company could not secure the services of a white man capable of holding the position of storage clerk for the steamships. This is a very responsible position, the steamship freight manifests being made up from the report of the storage clerk. The agent of the line, having observed that my friend appeared to be intelligent, gave him the position. He made good and asked for more pay, receiving \$2.00 per day on condition that when the ships were not in port he work on the docks at \$1.50 per day as a laborer. At this time he was 18 years of age. A new foreman employed by the company took the clerk's job away from him and gave it to a white man, the white man receiving \$3.00 per day, and my friend's wages being reduced to \$1.50 per day permanently. He left this company's service and went to St. Louis, Mo., being employed in a hotel as elevator man at a salary of \$18 a month and board. The place being a family house, the tips were small and few. Having someone dependent on him and it being absolutely necessary that he get more money, he returned home.

To-day he is a laborer at \$1.50 a day with every good prospect of remaining so. White boys who worked side by side with him as a dock laborer to-day are business

men, pushed along by men already in business. Many of them could scarcely write their names and that was the limit of their education. The agent of the steamship line politely informed him that if he was a white man he would get him a position as clerk or warehouseman at a salary of \$60 or \$75 a month, but as he was a Negro he could do nothing for him.

This story is often repeated in our Southland. The young Negroes will not go to school, and if you tell them it will benefit them, they ask you what benefit is yours to you! What can we answer? Those who are educated, not having enough to travel and pay expenses until they get good employment, become despondent and take to drink, dice and other vices to forget the dreams they once cherished as ideals. This Northern migration offers a splendid opportunity for the Southern Negro of ambition. Our white neighbors here have previously arranged matters so a Negro would never save money enough to get away from his oppressors, and those Negroes who are fortunate enough to rise to some extent have joined hands with the white men in this pleasant occupation. Now, my friend is a young man of age, but discouraged and having responsibility on him he cannot leave home unless already assured of immediate employment. I hope some young man hearing this, in your land of opportunities, may be aroused to appreciation of the opportunities offered him.

New Orleans, La.

E. H. BROWN.

I am very glad to renew my subscription to the *CRISIS*, to the Northern California Branch. I enclose also a small subscription to the Anti-Lynching fund, wishing only that it might be larger. I take every opportunity of speaking privately and in public of the sad situation which distresses every friend of the colored people. I feel that this country can do but little for the safeguarding of the *law of nations* or for international friendship so long as the *law of the land* is so flagrantly flouted and the friendship of different races is so far from realization here. I wish the Association and the *CRISIS* great success in the constructive work of education, conciliation, and defence.
 HAROLD E. B. SPEIGHT.
 Berkeley, Cal.

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 1, p. 20-21, May 1917.

Resumidamente, o relato se refere a um amigo de Brown que, após terminar o colegial, começou a trabalhar em diversos empregos tais como motorista, almoxarife e cobrador. Ele realizava os trabalhos com dedicação e recebia consideráveis comissões. Em determinado momento, esse amigo conseguiu emprego em uma companhia de navios a vapor, recebendo 1,5 dólares por dia. Com a incapacidade da companhia em conseguir um homem branco para ocupar o posto de balconista (de armazenamento), ele ocupou o

cargo recebendo 02 dólares por dia com a condição de que quando não houvesse navios no porto, ele trabalharia nas docas por 1,5 dólares por dia. Com a chegada de um novo encarregado, seu cargo foi retirado e transferido para um homem branco que passou a receber 03 dólares pela função. Ao amigo de Brown, restou o cargo de trabalhador comum com o salário reduzido para 1,5 dólares sem perspectiva de aumento. A indignação apresentada por Brown, além de outras questões, está presente no fato de que jovens brancos que trabalharam com seu amigo, muitos deles, que segundo o escritor, mal conseguiam escrever seus nomes, tornaram-se homens de negócios com a ajuda de outros já inseridos no ramo. Além disso, informou que o agente da empresa de navios a vapor, educadamente, disse ao seu amigo que se ele fosse branco conseguiria um posto de balconista ou de almoxarife com um salário entre 60 e 75 dólares por mês, mas que sendo negro não poderia fazer nada por ele.⁵⁵⁰

O relato na carta revelou ainda uma mensagem negativa transmitida aos jovens negros sulistas que não viam motivos para se dedicarem aos estudos, pois o esforço não valia a pena, visto que o fator cor da pele tinha muito mais influência do que qualquer prerrogativa de qualificação profissional. Para o autor do texto, o que o fenômeno da migração em direção ao norte estava oferecendo era uma oportunidade para os afro-americanos ambiciosos da região. A carta terminou como a informação de que o amigo de Brown já era um homem de idade, com responsabilidades e que não podia se arriscar em um processo de migração sem ter uma perspectiva de ocupação imediata em vista. Por isso, Brown dirigiu-se aos jovens que habitavam “a terra das oportunidades” para apreciassem as oportunidades oferecidas a eles.⁵⁵¹

Questões evidenciadas por essa correspondência confirmam tendências apontadas anteriormente quanto ao processo de seleção de cartas. Uma delas é que raramente uma carta com o tamanho da enviada por Brown seria imprensa em um periódico. Contudo, a noção de utilidade pública foi um requisito que possibilitou a carta estar presente nas páginas da revista. Outros elementos que corroboram o processo de seleção de correspondências para publicação, discutidas pelos profissionais que se dedicam ao estudo, fica evidente nos quesitos sobre a autoridade em falar sobre um determinado tema. Nesse caso, o tema discutido não está relacionado a uma questão que precisa de uma explicação científica ou outro tópico vinculado à necessidade de um especialista versado

⁵⁵⁰ Idem, p. 21.

⁵⁵¹ Ibidem.

em determinado campo profissional. Temos aqui relatos de uma experiência pessoal que, ainda que não seja possível comprovar a sua completa veracidade, contribui para fomentar o debate em torno da migração juntamente a função de dar conselhos, expandindo, assim, o conceito de senso de comunidade entre os envolvidos e aqueles que estavam vivenciando o processo de migração. Outro elemento, esse menos atestado aqui, está no momento de publicação da correspondência. Como visto, o autor informou que a edição que o marcou e que, de certa forma, teria o incentivado a escrever para o editor, foi a edição de janeiro de 1917. Contudo, sua carta só apareceu na edição de maio. Diferente de diversas outras correspondências, essa não deixou evidente a data de envio. Podemos então indagar sobre a possibilidade dessa carta ter sido enviada anteriormente e publicada meses depois em um momento em que o debate sobre a questão da migração tinha que ser fomentado. Como apontado anteriormente, uma estratégia muito utilizada pelos editores.

Inserida no contexto de substituição de trabalhadores em decorrência dos impactos causados pela guerra mundial, os membros ligados à revista decidiram reproduzir uma troca de correspondências entre dois grandes empresários do país. M. Van Gelder, presidente da Empire Mattress Company, e Julius Rosenwald, da Sears-Roebuck & Company. A correspondência, primeiramente impressa na revista *The Literary Digest*, referia-se ao sucesso da substituição de trabalhadores de origem russa e polonesa, na empresa comandada por Van Gelder, por afro-americanos. Para Rosenwald, o presidente da Empire Mattress teceu diversos elogios aos trabalhadores negros.

O texto, que apareceu em *The Crisis* com o título “Colored Laborers” (“Trabalhadores de Cor”), em janeiro de 1919, evidenciou as percepções de Van Gelder sobre o caráter e a forma de trabalhar dos afro-americanos. De acordo com ele, o processo de substituição começou três anos antes, pois algumas características dos trabalhadores russos e poloneses teriam irritado o empresário. Os anteriormente ignorantes trabalhadores europeus, após se adequarem às funções da fábrica e serem decentemente tratados “assumiam um ar insolente de independência e se tornaram irracionais em suas demandas”.⁵⁵² A substituição de mão-de-obra mostrou-se satisfatória e, mesmo que os trabalhadores negros não recebessem mais que os russos e poloneses, o custo de produção foi reduzido bem como os reparos com maquinário que teriam caído para menos da

⁵⁵² Colored Laborers. *THE CRISIS*, New York, v. 17, n. 3, p. 129, Jan. 1919.

metade. Essa experiência teria possibilitado a contratação de afro-americanos em praticamente todos os departamentos da fábrica de colchões. Além disso, como uma forma de substituir o emprego de crianças no setor de tapeçaria, algo que era muito comum, Van Gelder teria levado adiante a contratação de mulheres afro-americanas para operar as máquinas. O empresário transmitiu, com certo orgulho, a sua ação em relação às oportunidades que estava possibilitando às mulheres negras. Segundo ele, “as mulheres de cor são limitadas em suas escolhas de ocupações e me ocorreu que seria um bom plano colocá-las nas máquinas tufting”.⁵⁵³

Seja por um motivo primeiramente voltado para aprimorar a produção e obter mais lucros durante o período de guerra ou por uma mudança de pensamento em relação aos afro-americanos e a ação de contribuir para o seu avanço econômico e social, já que o amigo de Van Gelder, era um conhecido homem de negócios e filantropo tendo contribuído para a promoção educacional de centenas de afro-americanos, o empresário passou a utilizar cada mais cidadãos negros nos processos de produção da empresa. Mulheres afro-americanas estiveram ligadas à tarefas de enchimentos de colchões e no departamento de costura trabalhando com as mulheres brancas sem que nenhum problema tivesse sido constatado. Ao terminar sua carta, Van Gelder revelou que as mudanças superaram suas mais otimistas expectativas e que estava recebendo um dia inteiro de trabalho por um dia inteiro de pagamento. Sobre os afro-americanos empregados em sua companhia, informou que “eles são agradáveis e apreciam as condições em que trabalham e estou satisfeito com a atitude deles tanto quanto com os resultados reais, o aumento da produção com o mesmo custo”.⁵⁵⁴

⁵⁵³ Idem.

⁵⁵⁴ Ibidem.

Imagem 31 - Relato do empresário M. Van Gelder sobre sua experiência positiva na substituição de trabalhadores russos e poloneses por afro-americanos.

THE LOOKING GLASS 129

of some southern people, for while the Negro has many civil rights and educational privileges in the North denied him at the South, there is often less of sympathy for the individual of the race and the same tolerance with the weaknesses and failings of an untutored people, unused to freedom, than is found among the better classes in the South. While this attitude does not find expression so frequently in violent outbursts, yet it often manifests itself in contempt of spirit and in harshness of word. And it is a fact, observed over the years, that the southern people in general are persistent propagandists of their views as to the Negro. There is such positive assertion of their attitude and enforcement of their views, often the outcome of race feeling and prejudice, that northern people, too, often not only surrender, but adopt narrow and false views.

Only a little later the writer got into conversation with the Negro soldier on the Pullman and learned that he was on his way to the hospital, wounded and with weakened lungs through being gassed in the mighty conflict on the Champagne front, and that out of 225 of his regiment only sixteen remained alive or without wounds.

It looks as though the bishop might go further and observe that the outstanding synonym for the old hateful term is "hero."

COLORED LABORERS

MR. VAN GELDER, of the Empire Mattress Company, which manufactures mattresses for Sears-Roebuck & Company, tells an interesting story of his success in substituting Negro labor for that of Russians and Poles. He says, according to the *Literary Digest*, in a letter to Julius Rosenwald:

Beginning with three years ago, the employees consisted mainly of Russians and Poles, whom we had taught different branches of the work and who had worked for me, in most cases from their immigrant stage, varying from four to twenty-four years. They were an ignorant lot, cringing in their servility and totally unaccustomed to being treated decently. However, as they were taught the work and received good treatment they assumed an insolent air of independence and became unreasonable in their demands.

After the war had been in progress for some time and immigration ceased, conditions became critical so I looked about for a solution. While I was South on a buying trip, I heard of a colored machinist whom I forthwith saw and hired at a much higher salary, of course, than he was getting South. He proved satisfactory to such a degree that I hired all colored men for the felting department and placed him at the head of same. While he and the other men receive high wages (much higher than they hoped for), yet the cost of production has decreased considerably and the repairs on machinery is less than half it was under the old régime, who were not getting any more wages, but were not giving maximum production and in their carelessness broke the machinery, thereby increasing the cost of the product.

* * *

This was the first step. Gradually Mr. Van Gelder found it to his advantage to hire colored mattress-makers and to place colored men in practically all departments side by side with white employees. Their wages ranged from \$18 per week for common hustlers to \$30 for mechanics. Then came an opening for colored women. He continues:

There is one branch of the work known as tufting, which is done by machinery. The operation of these machines is so simple and easy that any one can do it, and we had boys on them. We were beginning to have trouble in securing boys. American boys were in general demand and foreign boys were not to be had, so in looking over the situation I suddenly saw a large field I could draw from. Colored women are limited in their choice of occupations and it occurred to me that it would be a good plan to place them on the tufting machines. This experiment proved as successful as my experience with the men. I then placed colored women on the mattress-filling machines, which require deftness and considerable judgment.

The success of the entire project so encouraged me that I took a step further and placed colored women in the sewing department among white women, and things are running very nicely without a hitch anywhere.

He concludes, significantly:

They are pleasant and appreciate the conditions they are working under and I am pleased with their attitude as much as with the actual results, that of increased production at the same outlay. The improvement made by the change surpasses my most sanguine expectations, in other words we are receiving a full day's work for a full day's pay.

* * *

In another part of the country, however, there have been made deliberate efforts to check development of Negro labor. The United States Employment Service has boldly misused its authority in this respect. The Washington, D. C., *National Republican* reports the speech of Clifford Williams, Director:

"No more Negro labor must go to Hog Island, where it is being ruined by the

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 17, n. 3, p. 129, Jan. 1919.

Até o final da década, inúmeras matérias continuaram a permear as páginas de *The Crisis* tendo como foco o processo migratório para fora do Sul e a substituição de trabalhadores. Contudo, o fenômeno começou a apresentar um esgotamento e atritos foram reportados pelos mais diversos órgãos de imprensa do país. Em maio de 1919, uma reportagem em *The Crisis*, não apenas demonstrava como o problema da competição por empregos se acentuava, mas, também, evidenciou críticas à forma de tratamento de alguns empresários que poderiam fomentar a simpatia pelo bolchevismo em processo de implementação na Rússia. O texto tinha como pano de fundo a cidade industrial, já mencionada anteriormente, de Coatesville, na Pensilvânia. "Pennsylvania Capitalists"

(“Capitalistas da Pensilvânia”), teceu comentários e queixas sobre como os trabalhadores brancos e negros estavam sendo tratados com a redução da produção industrial anteriormente impulsionada pela guerra.

O texto começou justamente com as informações de que uma ação tinha proporcionado um ímpeto ao sistema que estava sendo implantado com a revolução que se desenrolava na Rússia. Essa ação era a expulsão sumária de vários trabalhadores, brancos e negros, cujo único crime era o de não estarem empregados na localidade.⁵⁵⁵ De acordo com a matéria, reproduzida de dois outros jornais, *The New York Call* e *The New York Evening Post*, a cidade teria recebido um contingente considerável de imigrantes sulistas e com a redução da atividade industrial, tanto brancos quanto negros, estavam se aglomerando nas ruas e bares. O corpo policial local, denominado pelo *Evening Post* como “os nobres soldados dos barões” (empresários ligados à extração de carvão mineral), deteve, até então, mais de cinquenta pessoas. Aqueles trabalhadores incapazes de provar serem residentes a, pelo menos, um ano ou que não estavam empregados eram conduzidos aos limites territoriais da parte sul de Coatesville e deveriam deixar a cidade. Quem não tinha condições de pagar pelo transporte ferroviário, teria que fazer o caminho andando. O texto ainda informou sobre as organizações cívicas da cidade que não estavam fazendo absolutamente nada para protestar contra a arbitrariedade. Dentre outras questões, o artigo deixou claro o quanto os trabalhadores podiam ser considerados uma classe descartável com a evidência de que a “linha de cor” que separava brancos e negros era inexistente quando se tratava de rejeitar pessoas que não estavam contribuindo para a riqueza material dos empresários.⁵⁵⁶

Como pode ser visto, o texto explorou elementos que começavam a despontar no tratamento em relação aos trabalhadores afro-americanos que migraram e continuavam a migrar para as demais regiões do país e a tensão que se evidenciaria de maneira mais impactante com o evento conhecido como *Red Summer*. Interessante observar também que o texto faz uma menção a possível atração que o sistema de governo popular trabalhista que tentava se firmar na Rússia podia ter sobre os trabalhadores nos Estados Unidos, grande parte relacionada à forma de tratamento que os empresários norte-americanos dispensavam a seus empregados.

⁵⁵⁵ Pennsylvania Capitalists. *THE CRISIS*, New York, v. 18, n. 1, p. 31, May 1919.

⁵⁵⁶ Idem.

As matérias que se seguiram durante os anos imediatos ao fim do boom proporcionado pela necessidade de se fomentar a produção industrial mesclou o incentivo à continuação da migração com relatos de que algo deveria ser feito para contê-la. Matéria da edição de agosto de 1919 informou que imigrantes da cidade de Chicago estavam procurando outros locais para se instalar. Esses locais seriam as áreas de empresas automobilísticas do estado de Michigan e outras regiões industriais e agrícolas de Missouri, Kansas e Colorado. De acordo com a organização The Chicago Urban League, a taxa de migração para fora da cidade estava em cerca de 1.000 pessoas por semana.⁵⁵⁷ Sobre essa informação, vale indagar se o fluxo constante de migração para fora de uma das cidades que mais recebia imigrantes negros está relacionado aos tumultos que castigaram Chicago, entre os dias 27 de julho e 03 de agosto. Embora essa edição do mês de agosto provavelmente já estivesse pronta para ser lançada no final de julho, o espectro de um possível embate entre brancos e negros, fomentado, muitas vezes, por veículos de imprensa locais, começava a ser sentido pela população.

Interessante observar que a edição seguinte, intitulada como “Labor Number” (“Edição de Trabalho”), dedicou-se inteiramente às questões sobre o mercado de trabalho. Tópicos sobre os embates que aconteceram em Chicago, em Washington, D. C., nessa localidade entre os dias 19 e 24 de julho de 1919, e em outras partes do país estiveram também na pauta da edição. As investigações sobre as possíveis causas dos eventos foram levadas a efeito pela NAACP e apresentadas no artigo “The Riots: An N.A.A.C.P. Investigation” (“Os Distúrbios: Uma Investigação da NAACP”).⁵⁵⁸ Em outras partes da edição de setembro podem ser observadas outras tentativas de se explicar as causas dos enfrentamentos. O artigo “Race War” (“Guerra Racial”) apresentou diversos pontos de vista de alguns dos maiores jornais do país. Para o *Evening Sun*, da cidade de Baltimore, estado de Maryland, os afro-americanos que voltaram da guerra na Europa inflamaram a população negra de Washington, D. C. com relatos de igualdade nas relações sociais, enquanto o *The New York Times* culpou a ideologia bolchevique que estava se expandindo entre a população negra.⁵⁵⁹ Sobre os acontecimentos em Chicago, o Secretário do Conselho de Trabalho dos Currais afirmou ser a própria classe trabalhadora que estava se matando. Ele ainda deixou claro que estava considerando uma reunião com representantes

⁵⁵⁷ *THE CRISIS*, New York, v. 18, n. 4, p. 204-205, Aug. 1919.

⁵⁵⁸ The Riots: An N. A. A. C. P. Investigation. *THE CRISIS*, New York, v. 18, n. 5, p. 241-244, Sept. 1919.

⁵⁵⁹ Race War. Idem, p. 247.

sindicais brancos e negros para discutirem a besteira que era para os trabalhadores se eles perseguissem seus companheiros com armas e facas.⁵⁶⁰

Em meio a esse processo ambíguo de incentivo à migração, mesmo com o acirramento das relações trabalhistas e raciais, o editor de *The Crisis* ainda mantinha sua opinião sobre quão benéfico era a saída do negro da Região Sul do país. O longo texto que apareceu na sessão reservada ao editor, nomeada de “Opinion of W. E. B. Du Bois”, em janeiro de 1920 e comentado de forma breve, anteriormente, foi um claro pedido para que os afro-americanos continuassem o processo migratório, ainda que adversidades fossem encontradas. “Brothers, Come North” (“Irmãos, Venham para o Norte”) evidenciou os motivos que faziam daquela parte do país atrativa para os desalentados negros sulistas. Em sua primeira frase, o editor afirmou que a migração do negro do Sul para o Norte continuava e deveria continuar.⁵⁶¹ Como Du Bois comentou, os distúrbios raciais do ano anterior foram terríveis, mas foram rapidamente controlados e as cidades estavam mais seguras do que antes. Ao contrário do Norte, aqueles eventos aconteciam diariamente no Sul e eram mantidos pela determinação dos brancos em sujeitar e governar os negros, bem como mantê-los o mais próximo possível da escravidão.⁵⁶² Dentre diversos elementos pontuados pelo editor para que os afro-americanos fizessem o seu caminho em direção ao norte estava a liberdade de votar e ser eleito para cargos públicos, os melhores salários, tratamento decente, moradias saudáveis e escolas.⁵⁶³ Ao final de seu texto, Du Bois deixou uma espécie de conselho para os brancos sulistas. Para ele, se o Sul estava realmente interessado em manter o afro-americano na região, deveria proporcionar o direito ao voto, o fim da prática do linchamento, justiça nos tribunais, a eliminação das divisões existentes no transporte público e o estabelecimento de um sistema de educação livre e compulsório. Para Du Bois, nada menos que isso era aceitável.⁵⁶⁴

“Brother, Come North”, pode ser visto como um excelente produto de propaganda. Embora possa ser que Du Bois tenha exagerado alguns aspectos, pois, como vimos, a oferta de trabalho tanto para a mão-de-obra branca quanto para a afro-americana estava passando por um processo de estagnação que se aguçaria nos primeiros anos da década que estava por se iniciar. Contudo, seguindo a política da NAACP de fomentar a

⁵⁶⁰ Ibidem, 248.

⁵⁶¹ DU BOIS, W. E. B. Brothers, Come North. *THE CRISIS*, New York, v. 19, n. 3, p. 105, Jan. 1920.

⁵⁶² Idem.

⁵⁶³ Ibidem.

⁵⁶⁴ Idem, ibidem, p. 106.

migração, o editor de *The Crisis*, também cooperou com o processo para mostrar que o estilo de vida permitido aos negros nos estados do sul era extremamente degradante. Como foi pontuado anteriormente, ainda que a migração não resolvesse todos os problemas dos negros, a possibilidade de fazer mais dinheiro e usufruir direitos quase impensados no Sul alimentaram o desejo dos afro-americanos em deixar a região. Como expresso por Du Bois, em seus “conselhos” para os sulistas, algo deveria ser feito para manter os negros na região. A atenção à contínua mobilidade dos afro-americanos sulistas não passou sem ser percebida. Ainda durante a década, ações e tentativas de conter a migração, por parte dos brancos sulistas, foram noticiadas em *The Crisis*. Como exemplo disso, uma nota revelou que na cidade de Canton, Mississippi, cartazes colocados nas principais ruas da cidade buscavam atingir um consenso. Como reportado na edição de outubro de 1920, um desses cartazes trazia a seguinte mensagem: “Venham, brancos e Negros, vamos nos Unir!”.⁵⁶⁵

5.2 – O afro-americano e o mercado de trabalho organizado: algumas considerações

A trajetória da participação dos afro-americanos como membros integrantes do trabalho organizado e de uniões trabalhistas nos Estados Unidos, sempre se mostrou tensa e conflituosa, seja antes ou após o período de escravidão. Durante o período de escravidão, mesmo no Sul do país, trabalhadores brancos se articularam para evitar que empresários sulistas contratassem escravos para exercerem atividades principalmente ligadas à indústria. Em Richmond, Virgínia, empregados da Tredegar Iron Works foram processados por “conspiração” contra seus empregadores por entrarem em greve para impedir o uso crescente de escravos.⁵⁶⁶

Os homens negros livres, ainda que dotados de habilidades para exercerem determinado ofício, enfrentaram discriminação e eram, em sua grande maioria, excluídos dos sindicatos por intermédio da ação de seus colegas brancos que não admitiam trabalhar ao seu lado. Por todo o país, não eram raros os casos em que os afro-americanos enfrentaram a determinação dos trabalhadores brancos para mantê-los longe do trabalho organizado e dos ganhos que poderiam ser obtidos com ele face às disputas trabalhistas com a classe patronal. Durante as décadas que antecederam a Guerra Civil Americana,

⁵⁶⁵ *THE CRISIS*, New York, v. 20, n. 6, p. 291, Oct. 1920.

⁵⁶⁶ FORNER, 2017, p. 7.

trabalhadores brancos elaboraram petições para fazer com que os legislativos proibissem os escravos de aprimorarem habilidades tendo como finalidade o monopólio e o aumento no número de trabalhadores brancos qualificados. Por diversas vezes, empregados prometiam não exercer suas atividades se seus patrões contratassem trabalhadores negros. Exemplo disso foi a cidade de Colúmbia, Pensilvânia, em que, em 1834, trabalhadores brancos boicotaram empresários que empregavam pessoas negras.⁵⁶⁷ A animosidade em torno da competição por trabalho era tão intensa que uma das causas apontadas para os distúrbios que varreram as ruas da cidade de Filadélfia, no mesmo ano, recaiu na possível competição entre negros e imigrantes de origem irlandesa.⁵⁶⁸

Após o conflito civil e as tentativas dos antigos senhores de escravos em procurar manter o controle sobre a mão-de-obra negra, como já vimos, mostrou-se necessário um projeto mais estruturado e preocupado em englobar os trabalhadores afro-americanos em um mercado de trabalho mais amplo que se despontava bem como em estratégias para que aquela mão-de-obra não caísse nas garras de patrões inescrupulosos interessados apenas na exploração desenfreada dessa força de trabalho. Nesse período de reconstrução do país, a National Labor Union (Sindicato Nacional dos Trabalhadores) é considerada a primeira tentativa de uma cooperação inter-racial da classe trabalhadora.⁵⁶⁹ As bases da NLU estavam estruturadas nas percepções de líderes trabalhistas que entenderam que para conquistar direitos mais amplos, como o estabelecimento de oito horas de trabalho, não era suficiente fortalecer as organizações locais. Era preciso uma instituição permanente com secretarias locais, encontros anuais e um comitê executivo para empreender estratégias de longo prazo. Foi então que, em 1866, 77 delegados de diferentes ofícios, como moldadores, pedreiros e cocheiros, reuniram-se em Baltimore, estado de Maryland, para levar a ideia adiante.⁵⁷⁰

Embora os dirigentes da NLU concordassem em diversos pontos a serem trabalhados, como o estabelecimento do limite de trabalho diário em oito horas e o aumento do poder de barganha dos sindicatos, eles se dividiram em como deveria ser a estrutura da nova organização. Ideias foram discutidas focando-se em tornar a NLU uma

⁵⁶⁷ MORENO, 2006, s.n.

⁵⁶⁸ Para saber mais sobre o distúrbio racial ocorrido na cidade, ver: RUNCIE, John. "Hunting the Nigs" in Philadelphia: the race riot of August 1834. In: *PENNSYLVANIA HISTORY: A JOURNAL OF MID-ATLANTIC STUDIES*, v. 39, n. 2, April, 1972, p. 187-218. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27772015>. Acesso em: 11/02/2023.

⁵⁶⁹ KELLY, Bryan. South. In: ARNESEN, 2007, p. 1289.

⁵⁷⁰ MESSER-KRUSE, Timothy. National Labor Union. In: ARNESEN, 2007, p. 969.

união trabalhista com forte centralização, outras optaram por uma federação que dava autonomia organizacional para suas afiliadas e outras, ainda, por uma instituição que tinha a característica de um partido político procurando alcançar suas metas por meio da barganha e na participação direta na criação de leis. Ao final, esse elemento de caráter reformador foi o que conduziu a breve existência da NLU.⁵⁷¹

Um dos aspectos mais notórios da instituição, e de certa forma, de várias outras associações que vieram depois, estava em sua ambiguidade em tratar da organização sindical de indivíduos que faziam parte das minorias da sociedade estadunidense. Com relação ao negro, a nova realidade proporcionada pelo conflito civil e a entrada de aproximadamente 4.000.000 de novos trabalhadores assalariados colocou na pauta da NLU a necessidade de buscar uma cooperação entre seus indivíduos. William Sylvis, um dos fundadores da união e alinhado à tendência reformadora, procurou evidenciar o interesse em buscar a cooperação com os trabalhadores negros para fortalecer o movimento trabalhista. Contudo, opiniões oriundas de lideranças sindicais, ainda praticantes da exclusão e divisão entre brancos e negros, mostraram-se resistentes e dificultaram o estabelecimento de uma ajuda mútua mais coerente.⁵⁷² Apesar dos atritos, uma tentativa de aproximação interracial no campo trabalhista foi realizada na convenção de 1869, quando a NLU convidou lideranças afro-americanas para participarem. Dentre os que aceitaram o convite estava o trabalhador da construção naval, ativista e ligado a diversas outras atividades, Isaac Myers.

O objetivo de Myers ao aceitar o convite e discursar perante os presentes na convenção era o estabelecimento de um relacionamento interracial permanente, minimizando os temores dos sindicalistas brancos em relação à competição com os trabalhadores negros, afirmando que esses apenas queriam elevar as condições do trabalho, tornando-o mais respeitado.⁵⁷³ Ainda assim, a desconfiança dos membros integrantes da NLU não possibilitou a entrada definitiva dos afro-americanos nos sindicatos representativos das categorias profissionais. Em seu discurso, a NLU fomentava a formação de uniões trabalhistas conduzidas por afro-americanos, mas não estavam dispostos a entrarem em disputas mais acirradas para combater a discriminação

⁵⁷¹ Idem, p. 970.

⁵⁷² Ibidem.

⁵⁷³ ARNESEN, Eric. Myers, Isaac (January 13, 1835-January 26, 1891): African-American Labor Organizer and Activist. In: ARNESEN, 2007, p. 932.

nas organizações sindicais. Myers, como grande agitador e ativista, não esperou tanto para organizar a sua própria união de trabalhadores e contribuiu para estabelecer a Colored National Labor Union (Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Cor), ainda em 1869.

Após a formação da CNLU, as disparidades entre as duas uniões ficaram mais evidentes. Enquanto a NLU não agia conforme o que pregava, não apenas em relação aos trabalhadores negros, mas também em relação à participação de mulheres, a CNLU chegou a ser interpretada como, em teoria, a mais inclusiva organização trabalhista dos primeiros anos pós-guerra civil.⁵⁷⁴ Isso não quer dizer que a NLU não tenha em seu currículo conquistas para os trabalhadores ou ocorrências de destaque. É atribuída a ela, por exemplo, a campanha para estabelecer de oito horas de trabalho para os empregados federais e a primeira tentativa de uma organização trabalhista americana de afiliação a um órgão internacional, no caso, a International Workingmen's Association (Associação Internacional dos Trabalhadores).⁵⁷⁵ Contudo, dentre as diretrizes estabelecidas pelas lideranças da CNLU estavam a união entre o trabalho e o capital, a oposição da discriminação no mercado de trabalho, o treinamento vocacional e a educação pública e outros pontos tidos como mais democráticos.⁵⁷⁶

Provavelmente, um dos pontos em que os dois grupos mais se divergiam e que está relacionado ao desaparecimento precoce de ambos é o alinhamento político que as duas buscaram seguir. Como era uma espécie de tendência do período, os afro-americanos alinharam-se ao Partido Republicano e suas orientações. Durante o período em que ala mais radical do partido conduziu o processo de reconstrução, a partir de 1867, algumas medidas ou propostas, como redistribuição de terras, foram suficientes para minar o apoio do setor mais moderado e rico, tanto no Sul quanto no Norte. Somam-se a isso outras situações como o acirramento das questões raciais e da violência nos processos eleitorais culminando na diminuição das atividades da CNLU, por volta de 1872. Quanto a NLU, por ser uma organização de caráter reformista para o campo trabalhista, sua ala política procurou estruturar, em 1872, um partido visando atingir seus objetivos. O National Labor Reform Party (Partido Nacional de Reforma Trabalhista) escolheu como seu candidato à presidência o juiz da Suprema Corte, David Davis, que agradeceu o convite,

⁵⁷⁴ ZIEGER, op. cit., p. 25.

⁵⁷⁵ MESSER-KRUSE, op. cit., p. 971.

⁵⁷⁶ ARNESEN, op. cit., p. 932.

mas despertou dúvidas se levaria a sério a campanha. A condução e o resultado do pleito que elegeu Ulysses S. Grant para presidente evidenciaram ainda mais as divisões e a fragilidade da organização.⁵⁷⁷

Embora essas primeiras tentativas de organização dos trabalhadores em um novo cenário tenham se mostrado conturbadas e falhando em estabelecer projetos mais realistas diante da configuração do mercado de trabalho estadunidense, na segunda metade do século XIX, elas evidenciaram que o interesse na organização da classe trabalhadora era um elemento de deveria e iria fazer parte da sociedade do país. Ainda que os primeiros anos do pós-guerra tenham refletido um cenário confuso no mercado de trabalho, de igual maneira, apresentou um renovado ativismo, de forma que as mais variadas associações procuraram conduzir, ao seu modo, a relação entre a ampla gama de trabalhadores do país. E isso englobou, também, uma tímida e, até então, não muito expressiva sociedade secreta denominada Noble and Holy Order of the Knights of Labor (Nobre e Sagrada Ordem dos Cavaleiros do Trabalho), ou como ficou mais conhecida Knights of Labor.

Fundada em 1869 por profissionais do ramo de alfaiataria, a KOL passou a admitir, por volta de 1876, trabalhadores industriais não qualificados de Pittsburgh e mineradores de carvão do estado da Pensilvânia. Esse procedimento e a ascensão de Terence Powderly, trabalhador ligado ao ramo ferroviário, ao posto mais alto da organização, em 1878, alterou completamente o funcionamento da KOL deixando a condição de sigilo, em 1882, e procurando organizar os trabalhadores industriais de diversas das principais cidades do país.⁵⁷⁸ O cenário que proporcionou a alteração de caráter da KOL e sua ascensão, principalmente durante a segunda metade de 1880, estava atrelado ao descontentamento dos trabalhadores de diversos ramos de atividade com as condições deploráveis de trabalho do período. Horas extenuantes de atividades, salários baixos, patrões irredutíveis em conceder algum tipo de melhoria estavam frustrando a ideologia americana de que todos poderiam ascender à liberdade econômica tão profundamente pregada. Nessa perspectiva, “muitos trabalhadores se juntaram a KOL para evitar que seus patrões os mantivessem em um estado de dependência ou os transformassem em escravos assalariados”.⁵⁷⁹ Contudo, muitos dos procedimentos da federação não se mostraram tão efetivos em produzir as conquistas almejadas pelos

⁵⁷⁷ MESSER-KRUSE, op. cit., p. 971.

⁵⁷⁸ ENYEART, John. Knights of Labor. In: ARNESEN (Ed.), 2007, p. 745.

⁵⁷⁹ Idem, p. 744.

trabalhadores afiliados. Como descrito por Zieger (2007, p. 26), “a KOL era menos uma organização sindical coerente e voltada para uma agenda do que um repositório das esperanças, aspirações e queixas de inúmeros trabalhadores americanos”.⁵⁸⁰

Assim como a NLU, a KOL era formada por uma profusão de ideologias que seus líderes buscavam acomodar argumentando que a luta por um mercado de trabalho mais justo era o objetivo maior a ser alcançado. Isso teria, até mesmo, dado à organização o rótulo de união trabalhista mais racialmente igualitária até o aparecimento da Congress of Industrial Organizations (CIO) que, durante a Segunda Guerra Mundial, apoiou a demissão de trabalhadores brancos que desrespeitavam a política de não discriminação da organização e criação de uniões trabalhistas birraciais.⁵⁸¹ Porém, uma característica vista como mais significativa do que seu posicionamento em relação à questão racial estava em sua estrutura como organização e em sua forma de lidar com greves e paralisações.⁵⁸² A KOL era contrária ao uso indiscriminado das greves como ferramenta de ação e, paradoxalmente, sua rápida ascensão em número de associados e seu enfraquecimento, ainda durante a década de 1880, estavam ligados ao seu comprometimento, ou não, nesse tipo de ação.

Um dos principais fatores para o destaque que a KOL conquistou foi o enfrentamento ao magnata das estradas de ferro, Jay Gould, quando uma das companhias controladas por ele, a Wabash Railroad, decidiu por demitir um afiliado da KOL, em 1885. A solidariedade se expandiu e diversos outros trabalhadores se recusaram a exercer seus trabalhos. Gould e seus parceiros foram incapazes de convocar trabalhadores para romper a greve e tiveram que fazer concessões como não praticar perseguições aos

⁵⁸⁰ ZIEGER, op. cit., p. 26.

⁵⁸¹ Originalmente fundada com o nome de Committee for Industrial Organization, em 1935, a instituição tinha como objetivo sindicalizar os trabalhadores das indústrias voltadas para a produção em massa. Sua proposta incluía trabalhadores não qualificados e, por consequência, estava aberta à entrada de afro-americanos. Tais concepções eram contrárias às políticas da American Federation Labor (AFL), principal federação trabalhista do país que tinha como meta à organização de trabalhadores qualificados. Como uma ala pertencente à AFL, a organização se separou, em 1938, sendo renomeada. A CIO obteve importantes vitórias desde seus anos iniciais. Uma das primeiras foi a greve dos trabalhadores da GM, entre 1936-1937. Seu resultado “passou a simbolizar a solidariedade e a militância da CIO, mobilizando não apenas os trabalhadores automotivos, mas todos os trabalhadores”. Com o sucesso, vieram também os problemas como a repressão policial, dissidências internas, recessão econômica e aumento do desemprego. O advento da Segunda Guerra Mundial deu uma nova vida à CIO, mas o pós-guerra modificou a sua estrutura e as diferenças entre a AFL e a CIO praticamente não existiam mais. Em 1955, as duas se fundiram formando a AFL-CIO. Cf: KANNENBER, Lisa. Congress of Industrial Organization. In: ARNESEN, 2007, p. 307-311.

⁵⁸² MORENO, 2006, s. n.

afiliados da organização.⁵⁸³ A partir dessa vitória, os trabalhadores viram na KOL uma organização em que podiam depositar suas aspirações e o que se verificou foi um aumento no número de associados estimado entre 700.000 e 1.000.000 de membros, por volta de 1886.⁵⁸⁴ Contudo, os eventos de Haymarket Square, em Chicago, no início de maio de 1886, onde, durante uma manifestação e, posteriormente, repressão policial, trabalhadores foram condenados à morte por atentarem fatalmente contra policiais, arruinaram a confiança dos membros na KOL que buscou não se envolver na questão e não protestar contra o veredito.⁵⁸⁵ A partir desse evento, desavenças e oposição aos líderes da instituição provocaram a queda vertiginosa no número de membros associados. Estimativas apontam que em 1890 seus membros estavam em torno de 100.000, tornando-a praticamente inefetiva durante o correr da década.⁵⁸⁶ Tal situação também abriu margem para que outras associações, inclusive que faziam parte da KOL, ganhassem força e se tornassem mais destacadas que ela, com atenção especial para a American Federation of Labor (Federação Americana do Trabalho).

Com relação ao trato com os afro-americanos, a KOL mostrou-se promissora. Seus principais líderes, Uriah Stephens, fundador da federação, e Terence Powderly defendiam ideias abolicionistas e favoráveis à organização dos trabalhadores afro-americanos. Além disso, pregavam também a inclusão de mulheres e imigrantes em suas fileiras, ainda que, com relação aos trabalhadores chineses, a KOL se mostrasse combativa e excludente. Embora a KOL tivesse um perfil mais receptivo à inclusão de negros, muito dessa estratégia estava concentrada no quão prejudicial poderia ser para o movimento trabalhista se aquela massa de trabalhadores fosse utilizada com o objeto para fazer frente às manifestações organizadas pela instituição ou como ferramenta para que os salários se mantivessem em um patamar baixo. Como expressou Moreno, “a necessidade de incluir os negros decorreu tanto do princípio igualitário quanto da necessidade prática de controlar sua competição”.⁵⁸⁷

⁵⁸³ ENYEART, op. cit., p. 745. Ver também: MARONEY, James C. Great Southwest Strike. Texas State Historical Association (TSHA). 2020. Disponível em: <https://www.tshaonline.org/handbook/entries/great-southwest-strike>.

⁵⁸⁴ FONER, 2017, p. 47.

⁵⁸⁵ Para saber mais sobre o ocorrido, ver: GREEN, James. *Death in the Haymarket: a story of Chicago, the first labor movement and the bombing the divided gilded age America*. New York: Anchor Books, 2006, p. 400 e MESSER-KRUSE, Timothy. *The trial of the Haymarket Anarchist: terrorism and justice in Gilded Age*. New York: Palgrave Macmillan, 2011, p. 236.

⁵⁸⁶ ENYEART, op. cit., p. 747.

⁵⁸⁷ MORENO, 2006, s. n.

Ainda que o contato entre a KOL e os líderes dos trabalhadores afro-americanos fosse mais amistoso, ambos sempre se mantiveram céticos e entenderam os limites que o ativismo interracial trabalhista podia alcançar. Da parte das lideranças da KOL, sobretudo com Powderly, desafiar aberta e deliberadamente a discriminação de associações locais que integravam a KOL não era o principal objetivo da federação. Seu discurso fomentava a união entre brancos e negros ao mesmo tempo, em que pregava organizações locais separadas.⁵⁸⁸ Por parte dos membros mais destacados da comunidade afro-americana, muitos pregavam que os negros não deveriam integrar uniões trabalhistas e sim buscar se beneficiarem das oportunidades de trabalho criadas pelas greves protagonizadas pelos brancos.⁵⁸⁹ Porém, um dos maiores méritos da KOL foi, como expressou Foner (2017, p. 47), trazer “pela primeira vez, um grande número de trabalhadores negros qualificados e não qualificados para o movimento trabalhista predominantemente branco”.⁵⁹⁰ Por meio da KOL, assembleias contendo apenas trabalhadores negros como, também, brancos e negros fossem implementadas. Em cidades, até mesmo no Sul do país, trabalhadores compartilhavam as mesmas fábricas e desfilavam em paradas e eventos festivos.⁵⁹¹ Da mesma forma que o evento em Haymarket Square reduziu o número de membros totais da KOL, a onda de anarquia e violência nas manifestações trabalhistas afastou os trabalhadores negros temerosos por serem os principais alvos daqueles tempos turbulentos no mercado de trabalho estadunidense.

5.3 - O afro-americano, a American Federation of Labor e o trabalho organizado em *The Crisis*

Como uma união trabalhista oriunda da KOL, a AFL é entendida como a mais bem sucedida de uma série de tentativas de se criar organizações sindicais, durante o século XIX.⁵⁹² Devido aos atritos existentes dentro da KOL e a crescente oposição aos métodos de seu presidente, um grupo de representantes de ofícios especializados, tendo

⁵⁸⁸ Idem.

⁵⁸⁹ Ibidem.

⁵⁹⁰ FONER, 2017, p. 47.

⁵⁹¹ Idem, p. 48-50.

⁵⁹² REES, Jonathan. American Federation of Labor. In: ARNESEN, 2007, p. 74.

em Samuel Gompers, dos fabricantes de charutos, o seu principal expoente, decidiu por fundar, em dezembro de 1886, uma organização com características diversas à KOL.⁵⁹³

A proposta dessa nova federação era sindicalizar preferencialmente os trabalhadores mais bem qualificados e que, por isso, recebiam maiores salários. Além disso, outros elementos foram apontados como contribuidores para o duradouro sucesso da AFL. Dentre eles estão, a adoção de uma postura política conservadora e, muitas vezes, alinhada aos interesses dos empresários. Tal estratégia possibilitou que a federação não fosse taxada de radical e sofresse duras repressões por parte da burguesia.⁵⁹⁴ Dessa maneira, a estrutura da organização procurava deixar claro que o seu interesse limitava e/ou mesmo excluía a sindicalização de determinados grupos menos qualificados do mercado. Com a fundação da AFL “os delegados criaram uma organização destinada a promover os interesses dos sindicatos e de seus membros, evitando a ampla visão social da KOL” tendo em vista “garantir salários mais altos, jornadas mais curtas e melhores condições de trabalho”.⁵⁹⁵

Desde os momentos iniciais de sua fundação, a AFL, por meio de seu presidente, Samuel Gompers, que ocupou o posto de 1886 até sua morte em 1924, com exceção de apenas um ano, 1895, pregava a sindicalização de todo trabalhador apto, ou seja, qualificado, sem qualquer tipo de impedimento baseado em raça, cor, credo ou nacionalidade.⁵⁹⁶ Essa era uma ideia que a AFL trouxe de sua predecessora, a FOTLU, e é entendida por historiadores como uma estratégia legítima de seu presidente. Contudo, tal posicionamento não era sinônimo de reconhecimento de que todos os seres humanos eram iguais ou algo do tipo. Gompers, durante seus anos de atividade, tinha um entendimento pragmático quando o assunto era o movimento trabalhista, seja em relação às mulheres, afro-americanos ou imigrantes. Para ele, o objetivo principal era fortalecer os sindicatos e as condições econômicas dos trabalhadores associados. No que se refere

⁵⁹³ As raízes para uma instituição como a AFL foram plantadas em 1881 quando foi criada a Federation of Trades and Labor Unions (FOTLU). As características que levaram à criação da FOTLU que influenciaram os primeiros anos da AFL estão na menor preocupação em relação à reforma social e centralização organizacional como era pregada pela KOL e a não intromissão em instâncias que as uniões sindicais consideravam de sua alçada. Devido à escassez de fundos, a FOTLU rapidamente se tornou uma organização sem muito poder para fazer frente à KOL. Cf. GREENE, Julie. *Pure and simple politics: The American Federation of Labor and political activism, 1881-1917*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004, p. 32-34.

⁵⁹⁴ REES, op. cit., p. 74.

⁵⁹⁵ ZIEGER, op. cit., p. 27.

⁵⁹⁶ Nessa visão, os trabalhadores de origem chinesa não estavam contemplados, pois, segundo Gompers, em um entendimento racista e preconceituoso, eles não podiam ser sindicalizados.

à organização dos trabalhadores negros, sua preocupação estava esmagadoramente centrada na utilização dos mesmos como indivíduos que poderiam ser usados como fura-greves. Em discurso proferido em Mobile, Alabama, em 1895, ele afirmou que a melhoria dos salários dos trabalhadores brancos, também passava pela sindicalização dos trabalhadores negros. Como ele teria dito, “ajude-o a se organizar. Não quero que vocês dancem com ele, ou durmam com ele, ou os beije, mas quero que vocês se organizem com ele”.⁵⁹⁷

Nos anos iniciais da AFL, seu presidente e demais dirigentes procuraram realizar algumas ações para romper o resistente estigma racial imposto pelas uniões sindicais que se recusavam a admitir trabalhadores afro-americanos. Muitas dessas medidas, até mesmo, contrariavam determinações pelas quais a AFL seria associada tempos depois, como na questão da autonomia de suas afiliadas, pregada por Gompers, diversas vezes, para se esquivar de tomar medidas mais enérgicas contra sindicatos que praticavam a segregação quase que abertamente. Entre os anos de 1890 e 1891, a AFL se recusou a permitir a permanência da National Association of Machinists quando essa manteve em sua constituição determinações que buscavam admitir somente trabalhadores brancos. Em 1891, foi estabelecida uma nova associação que procurou organizar trabalhadores brancos e negros. A International Machinists Union of America tinha como propósito evidenciar uma mudança no que consistia ao relacionamento interracial entre trabalhadores e, assim que os objetivos tivessem sido alcançados, as duas associações seriam combinadas possuindo uma mesma estrutura.⁵⁹⁸

Como mencionado anteriormente, o interesse de Gompers em pregar a sindicalização de trabalhadores qualificados afro-americanos estava aquém da intenção de promover a igualdade racial com os brancos. Como teria sido pronunciado, ele se despia de todas as considerações sentimentais quanto ao recrutamento de negros e estava preocupado apenas ao que melhor iria beneficiar os interesses trabalhistas.⁵⁹⁹ Nesse aspecto, sua postura estava condizente com o que era pregado, de forma geral, pelo movimento trabalhista norte-americano. Isso quer dizer, por mais que determinadas

⁵⁹⁷ Cf. *Mobile Daily Register*, May 18, 1895, “Organized Labor,” *Gompers Papers*, 4:26. In: GREENE, 2004, p. 39.

⁵⁹⁸ FONER, 2017, p. 64-65.

⁵⁹⁹ ZIEGER, op. cit., p. 29.

uniões trabalhistas fossem discriminatórias, em essência, o movimento não deveria ser visto como racista em relação aos negros.⁶⁰⁰

Apesar de Gompers e da AFL empreenderem um discurso e ações esporádicas que pareciam demonstrar uma ferrenha disposição em eliminar a discriminação dentro das uniões trabalhistas associadas à Federação, por volta da virada do século XIX para o XX houve um gradual abandono nas práticas da instituição. Com o crescente número de uniões trabalhistas manifestando claramente suas preferências por reservar suas fileiras aos trabalhadores brancos, como a Brotherhood of Locomotive Firemen, a International Association of Machinists, antiga National Association of Machinists, readmitida à federação, em 1895, mesmo adotando práticas que excluía trabalhadores negros, e a Brotherhood of Railway Trackmen, Gompers decidiu que a melhor solução para os trabalhadores negros e brancos e para o movimento trabalhista, como um todo, era a segregação.⁶⁰¹

As práticas não condizentes com os discursos emanados por Gompers foram objeto de atenção das páginas de diversos órgãos de imprensa do país e estiveram, também, em *The Crisis*, desde seus primeiros números. A primeira menção ao presidente da AFL apareceu em sua segunda edição, em uma pequena nota, e se referia à repercussão de um discurso proferido por Gompers em St. Louis, Missouri, na convenção realizada em novembro. Segundo a nota, a fala do dirigente da Federação foi relatada de diversas maneiras. Contudo, o que parecia ser uma crença dentro dos bastidores de *The Crisis* e cientes de como era o trato de Gompers para com os trabalhadores afro-americanos, os responsáveis pela publicação tinham a tendência a acreditar que o presidente da AFL teria desencorajado a inclusão de pessoas negras em sindicatos. Conforme a nota, Gompers teria enviado um telegrama para a revista *The Crisis* afirmando que não havia se pronunciado da maneira como seu discurso foi veiculado.⁶⁰²

No mês seguinte a essa publicação, um longo texto intitulado “Gompers” esteve presente na seção “Opinion” como uma forma de esclarecer a situação ocorrida no evento da AFL, em novembro, e na nota transmitida pela revista. O texto começou com a indicação de que o presidente da AFL tinha sido, até certo sentido, citado erroneamente no que se referia à questão do Problema Negro no movimento trabalhista. De acordo com

⁶⁰⁰ Idem.

⁶⁰¹ FONER, 2017, p. 69-73.

⁶⁰² *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 2, p. 9, Dec. 1910.

o texto, uma versão oficial foi dada pelo religioso e membro ativo nas questões sobre movimento sindical, Charles Stetzle. Segundo ele, o tema do problema racial surgiu na convecção não por escolha dos delegados que estavam presentes, mas sim pelo discurso de Gompers se referindo a alguns grupos humanos considerados menos evoluídos de forma que, teria dado margem à interpretação de que não se poderia esperar que os afro-americanos alcançassem um ideal para si como o já alcançando pelos brancos.⁶⁰³ Na manhã seguinte, um determinado jornal, não divulgado em *The Crisis*, havia publicado que o dirigente da AFL praticamente estava pregando pela não aceitação de trabalhadores negros em uniões trabalhistas quando, segundo Stetzle, Gompers, na verdade, estava advogando o contrário. Gompers teria aproveitado a situação para se corrigir da má impressão causada.

O fato rendeu comentários de vários periódicos pelo país com a suposição de que os sindicatos estavam estabelecendo uma divisão racial na forma de organização de seus membros. O jornal *Chicago Post*, escreveu que Gompers, durante muito tempo, pregou a união e organização dos trabalhadores independentemente de credo, cor, sexo, nacionalidade ou orientação política. Além disso, reconheceu que a AFL tinha se posicionado contra sindicatos que procuravam exercer algum tipo de exclusão em suas fileiras, como no caso dos maquinistas. O órgão de imprensa relatou também que mesmo a AFL tendo afrouxado suas determinações a ponto de admitir sindicatos que eram fechados aos negros, Gompers ainda mantinha a convicção de que o movimento sindical continuava a dar boas-vindas ao trabalhador afro-americano.⁶⁰⁴ Outro periódico da cidade de Chicago, o *The Chicago Daily News*, entendeu a questão expondo que o presidente da AFL tinha sido interpretado em seu discurso se referindo a negros e asiáticos como se fossem problemas semelhantes. O que, de fato, não eram. Consoante a publicação, o trabalhador negro era um americano nato e seu desejo, na medida de suas habilidades, era participar da vida do país. O jornal ainda citou progressos na educação e no setor industrial, de maneira que negar aos seus membros a oportunidade de ingressar em sindicatos, quando eles atendiam aos padrões exigidos, era uma atitude considerada antiamericana.⁶⁰⁵

⁶⁰³ Gompers. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 3, p. 13, Jan. 1911.

⁶⁰⁴ Idem.

⁶⁰⁵ Idem, *ibidem*.

Menção a situação de asiáticos no mercado de trabalho do país pode ser verificada no Relatório de Procedimentos da convenção da AFL, do ano de 1910. Em dois tópicos do documento, “Immigration, General and Asiatic” (“Imigração, Geral e Asiática”) e “Asiatic Exclusion” (“Exclusão Asiática”), Gompers demonstrou concordar com os procedimentos que estavam sendo discutidos pelas instâncias políticas para impedir o fluxo constante de imigrantes para o país tendo os chineses, japoneses coreanos, hindus e malaios seus principais alvos. Como pode ser visto nos textos, principalmente no segundo, houve participação ativa da AFL para que as propostas virassem leis.⁶⁰⁶

Os relatos sobre o possível mal-entendido envolvendo o representante da maior federação trabalhista do país deu margem para as mais diversas manifestações de opinião, sobre o papel, não apenas do trabalhador negro, mas do indivíduo negro no mercado de trabalho do país. Como acontecia na maioria das vezes, jornais sulistas pareciam ter mais vontade em comentar sobre os supostos diferentes níveis de capacidade existentes entre brancos e negros. Da Carolina do Sul, o *Charleston News and Courier* foi descrito como complacente as possíveis falas de Gompers. Mais do que complacente, acreditamos que o jornal vociferou um entendimento sobre o afro-americano que, ainda, estava muito ligado às pesquisas que procuravam definir os seres humanos tendo por base elementos biológicos. Segundo o *News and Courier*, o alarde sobre o discurso de Gompers não parecia nada de mais enquanto todos tinham conhecimento da tensão racial existente. Após expressar sua constatação, o jornal pontuou características racistas relacionadas aos afro-americanos, como sua ignorância, suas muitas fraquezas, sua estrutura fisiológica que impediam o seu reconhecimento como socialmente iguais. Esses elementos também eram suficientes para que fossem eliminados dos sindicatos controlados por dirigentes brancos. Conforme o jornal, essa exclusão era uma sequência natural das coisas.⁶⁰⁷

⁶⁰⁶ *Report of Proceedings of the Thirtieth Annual Convention of the American Federation of Labor: Held at St. Louis, Missouri, November 14 to 26, Inclusive 1910.* Washington, D. C.: The Law Reporter Printing Company, 1910, p. 38. Disponível em: <https://archive.org/details/ProceedingsOfTheAnnualConventionOfTheAmericanFederationOfLabor/>. Acesso em: 24/02/2023.

⁶⁰⁷ Gompers. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 3, p. 13, Jan. 1911. O entendimento exposto pelo *News and Courier*, por mais cruel que possa parecer, ainda era condizente com os diversos estudos que procuravam explicar as diferenciações sociais utilizando preceitos fenotípicos. Exemplo de argumentação semelhante é o estudo de Frederick L. Hoffman, *The Race Traits and Tendencies in American Negro*, de 1896. Através de dados estatísticos diversos, Hoffman argumentou que qualquer prática que visasse o auxílio em direção ao negro, seja em relação à educação ou por meios filantrópicos, tinha se mostrado um notável fracasso e chegou à conclusão de que a completa extinção da raça negra era apenas uma questão de tempo. Cf. HOFFMAN, Frederick L. *The Race Traits and Tendencies in the American Negro*. In: *PUBLICATIONS*

Contudo, o último comentário sobre a questão procurou destacar pontos positivos e animadores acerca da força do trabalhador afro-americano e do horizonte que estaria aberto para suas realizações. O pequeno relato foi veiculado pelo jornal *The New York Evening Post*, administrado por um dos fundadores da NAACP, Oswald Garrison Villard. Dentre os pontos mencionados estão as afirmações de que mesmo que a existência de uma política de exclusão estivesse ganhando força, ela seria incapaz de manter os afro-americanos afastados do setor industrial. Além disso, ficou evidenciado a crença de que as únicas pessoas que poderiam manter os negros em uma posição econômica e social inferior eram eles próprios. Outro ponto mencionado foi a afirmação de que mesmo com todas as adversidades superadas, ao longo do tempo, os afro-americanos não deveriam ser contidos por uma organização de trabalhadores, por mais poderosa que ela fosse.⁶⁰⁸

Interessante observar as diferentes maneiras com que os periódicos citados procuraram interpretar a situação possivelmente ocorrida. Alguns deles demonstraram certa confiança de que o presidente da AFL teria sido erroneamente interpretado, crenças de que o mesmo estava agindo, até mesmo, contra forças maiores para promover a inclusão do maior número de trabalhadores negros nas fileiras das uniões trabalhistas que possuíam majoritariamente trabalhadores brancos. Outros preferiram comentar sobre a questão da competição entre trabalhadores negros e estrangeiros de origem oriental. Por mais que fosse um tópico sensível, a discussão estava baseada na absorção da mão-de-obra entendida como pertencente e já inserida à cultura e ao estilo de vida norte-americano. Ainda que os dois grupos – afro-americanos e asiáticos – fossem grupos minoritários sujeitos à discriminação, havia uma preferência e certo esforço de Gompers em abrir espaço para trabalhadores negros no sindicalismo do país. Da mesma forma, representantes da comunidade negra não discordavam completamente da política de exclusão de trabalhadores provenientes de outros países que poderiam acirrar a competição por vagas de emprego nos Estados Unidos.⁶⁰⁹

OF THE AMERICAN ECONOMIC ASSOCIATION, v. 11, n. 1/3, Jan. – Mar. – May, 1896, pp. 1-329. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2560438>. Acesso em: 02/07/2013.

⁶⁰⁸ Gompers. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 3, p. 13, Jan. 1911.

⁶⁰⁹ Desde a segunda metade do século XIX, as opiniões entre os representantes da comunidade negra sobre a permanência ou não de imigrantes asiáticos no país, mostraram-se controversas. Na convenção da NLU, em 1870, a National Labor Bureau of Colored Men instruiu seus representantes a se oporem à importação de trabalhadores chineses já contratados, mas não concordava com as políticas de restrições para imigrantes chineses livres que entravam no país. Com o passar do tempo, outras medidas para restringir a imigração para os Estados Unidos foram implementadas e elogiadas. O ativista pelos Direitos Cívicos, A. Philip Randolph, teria questionado a Lei de Imigração de 1924, por ser insuficientemente restritiva de maneira que o ideal, segundo ele, era reduzir a migração de alemães, indianos, chineses e, até mesmo, negros das

Como não poderia deixar de ser, argumentos que ficavam mais centrados em outros aspectos que não o que representasse o puramente trabalhista ainda eram corriqueiros e utilizados como mais um elemento para fortalecer o discurso cujo propósito era manter, na maior extensão possível de tempo, o negro estadunidense em uma posição social abaixo daquela atingida pelo branco. Nesse aspecto, não se pode descartar que vários periódicos buscassem mesclar uma crença legítima na suposta inferioridade do afro-americano com a intenção de não ceder um centímetro sequer ao objetivo dos negros em alcançar melhores condições de vida. Contudo, a exposição que encerrou o texto demonstrou um posicionamento centrado e não tão confiante de que o discurso de Gompers teria sido inteiramente equivocado. A nota divulgada pelo *The New York Evening Post* pareceu criticar indiretamente a ação da AFL e de seu presidente quanto à morosidade em agir de maneira mais enérgica para a inclusão de mais afro-americanos em uniões trabalhistas. Isso pode ser indagado a partir dos trechos sobre a existência de uma política de exclusão que dificultaria a ascensão dos trabalhadores em muitos setores. Porém, a crítica, em tom desafiador, de que nenhuma organização, por mais poderosa que fosse, seria capaz de mantê-los em uma condição abaixo dos trabalhadores brancos parece-nos um elemento que demonstra que nem todos os periódicos do país estavam assim tão suscetíveis em aceitar tão facilmente os discursos retóricos da AFL e de seu presidente.

Ainda no ano de 1911, em sua edição do mês de outubro, foi divulgada uma nota na subseção “Economics”, a qual se referia ao processo de sindicalização de trabalhadores afro-americanos pela AFL na área de Pittsburgh. A nota teria sido divulgada pelo secretário da instituição, Frank Morrison, e informava que outro representante da AFL estava sindicalizando trabalhadores negros em uma união trabalhista diretamente afiliada à Federação e, assim que um alvará fosse expedido, o sindicato teria todos os direitos que uma afiliada dispunha. Contudo, Morrison chamou a atenção para uma cláusula na Constituição da AFL, mais precisamente o Artigo XI, Seção 6, que se referia à possibilidade de criação de sindicatos em locais de funcionamento separados ou segregados. Essa possibilidade era existente se o Conselho Executivo da AFL entendesse como aconselhável e atendesse ao melhor interesse do movimento trabalhista.⁶¹⁰ O

Índias Ocidentais à zero. Cf. FONER, 2017, p. 36 e GRAHAM JR., Otis L. *Unguarded Gates: A History of America's Immigration Crisis*. Lanham, Md.: Rowman and Littlefield Publishers, Inc., 2004, p. 47.

⁶¹⁰ *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 6, p. 229, Oct. 1911.

detalhe não passou sem ser comentado pelos membros de *The Crisis*, que interpretaram a menção ao artigo como mais uma ação no processo de exclusão de trabalhadores negros de uniões trabalhistas. Porém, em um tom entendido como sarcástico, o escritor da nota argumentou que a ação era, de modo geral, reconfortante, embora devesse ser notado que os negros não estavam sendo admitidos em uniões trabalhistas majoritariamente brancas.⁶¹¹

As críticas e desconfianças da NAACP e de *The Crisis* pela discrepância entre os discursos e os métodos adotados pela AFL, personificada em seu presidente, continuaram ao longo de sua primeira década de existência. Nesse aspecto, até mesmo manifestações de solidariedade entre trabalhadores brancos e negros, algo que Gompers já chegou a elogiar em situações esporádicas, foram objeto de questionamentos entre os organizadores da revista editada por Du Bois. No artigo intitulado “Labor Alliances” (“Alianças Trabalhistas”), tem-se a informação de que membros de um sindicato de carpinteiros brancos de Key West, Flórida, entraram em greve em solidariedade a dois trabalhadores negros que haviam sido dispensados.⁶¹² A história foi motivo para comentários dos periódicos *The New York Nation* e do *The Boston Transcript*. O *Nation*, também sob a administração de Oswald Garrison Villard, informou que os trabalhadores negros foram restituídos aos cargos e que eles e os trabalhadores brancos estavam em melhores condições após o ocorrido. O órgão de imprensa ainda fez comentários sobre greves anteriores ocorridas em outros estados, como a Geórgia, em que trabalhadores brancos se articularam para evitar que trabalhadores negros ocupassem postos acima dos considerados reservados a eles de maneira que o que estavam presenciando, naquele momento, deveria ser motivo para alegria. Continuando a exposição, o *Nation* questionou as ações que estavam se sucedendo no Norte do país, onde o processo de exclusão parecia estar a todo vapor. O processo estava desencadeando um duplo erro do ponto de vista do sindicalismo, como tornar os afro-americanos aptos a agirem como fura-greves e mostrar que o discurso de solidariedade era um argumento sem sentido. A crítica ao presidente da

⁶¹¹ Idem. Alguns historiadores interpretaram a inclusão desse tópico na Constituição da AFL, em 1900, como uma sanção oficial da organização à política Jim Crow e um entendimento mais acentuado de que Gompers e a federação não iriam se esforçar tanto para enfrentar a segregação nas uniões trabalhistas afiliadas. Cf. FONER, Philip S. *History of the Labor Movement in the United States*. Volume III: The Policies and Practices of the American Federation of Labor, 1900-1909. New York: International Publishers, 1977, p. 235.

⁶¹² Labor Alliances. *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 2, p. 63, Dec. 1911.

AFL foi representada no fato de que para ele, mesmo diante de tais tópicos, era difícil ser eloquente sobre os mesmos.⁶¹³

Quanto ao texto do *Boston Transcript*, ele foi entendido como apresentando uma mensagem de encorajamento às relações entre trabalhadores brancos e negros. De acordo com a nota, a aliança descrita acima foi um dos motivos que fizeram do ano de 1911 um daqueles para ficar eternizado, pois, outra ocorrência, dessa vez envolvendo a Georgia & Florida Railroad, mostrou que a solidariedade entre trabalhadores negros e brancos, mesmo no Sul do país era possível. Sobre esse caso, os *firemen* – operadores de caldeiras a vapor – afro-americanos saíram em solidariedade a seus colegas brancos que paralisaram em busca de melhores salários.⁶¹⁴

Pode-se observar nesse primeiro ano de existência de *The Crisis* uma forma de questionar as injustiças que acometiam os afro-americanos que se orientava em todas as direções possíveis. Por mais que vários membros da NAACP e de sua revista já tivessem uma longa trajetória no ramo jornalístico, com alguns conduzindo jornais e revistas que tratavam do tema sobre a vida do negro nos Estados Unidos, como o próprio Du Bois já havia feito, o empreendimento no qual estavam envolvidos apresentava um leque mais amplo e, devido à natureza de seus membros, com ligações em diversos círculos de poder, uma influência que tinha a capacidade de ser bem mais extensa. Grande contribuidor nos primeiros anos de existência da NAACP foi a figura de Oswald Garrison Villard que, por ter um passado com ligações que remetem ao abolicionismo, procurou expor a situação degradante em que vivia o afro-americano, no início do século XX, como uma missão. Como foi apresentado, Villard em seus outros empreendimentos, como o *The New York Evening Post* e o *The New York Nation*, abriu espaço para que ocorrências envolvendo o negro norte-americano se tornassem de conhecimento do maior número de pessoas possível. Os relatos vinculados nesses veículos de imprensa e reproduzidos em *The Crisis* formavam uma rede maior de informação com o propósito de criar constrangimento, indignação, empatia, etc.

Talvez, a reprodução das matérias que vinculavam a solidariedade entre trabalhadores brancos e negros possa ser vista hoje com menos entusiasmo que nos momentos em que os fatos ocorreram. Contudo, para os que viviam no país em uma era de grande segregação, todo tipo de manifestação em que brancos e negros

⁶¹³ Idem.

⁶¹⁴ Ibidem.

compartilhavam das mais diversas ações, num mesmo sentido, podia ser entendido como uma perspectiva de que a divisão entre os dois grupos tinha tudo para ser superada com menos esforço do que o pregado por homens, como Du Bois, mais cientes dos problemas envolvendo as questões raciais. A matéria “Alianças Trabalhistas” é um reflexo de que era possível chegar a um entendimento não apenas no que se referia ao universo trabalhista, mas numa concepção mais ampla. A dificuldade era superar a falta de disposição de outras instâncias para fazer com que brancos e negros trabalhassem juntos.

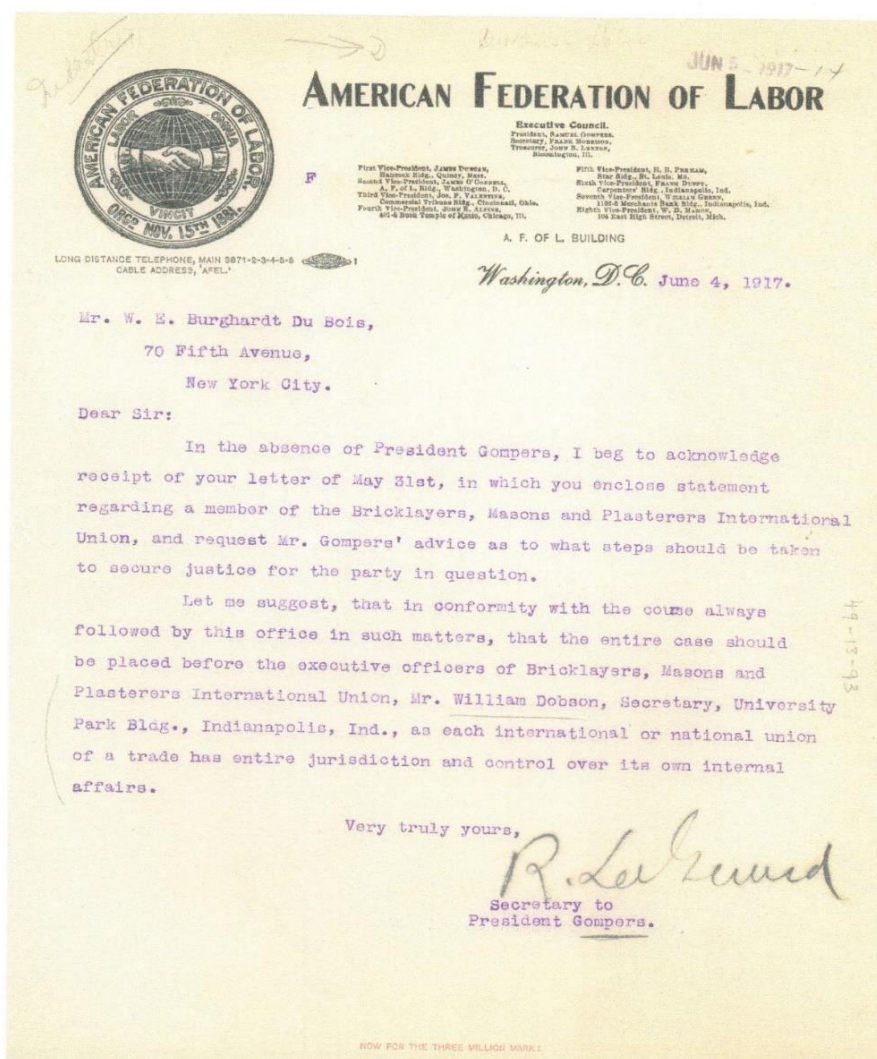
A última menção que conseguimos identificar sobre a AFL em relação ao trabalhador afro-americano está na edição do mês de fevereiro de 1917 e diz respeito diretamente ao processo de migração de negros para o Norte do país. A pequena nota apareceu na subseção “Industry” e apenas expôs que devido ao fluxo de afro-americanos provenientes do Sul do país, a AFL tinha decidido admitir trabalhadores negros como membros.⁶¹⁵ A informação divulgada por *The Crisis* evidenciou como o processo de aceitação e abertura para a inclusão de afro-americanos em uniões trabalhistas afiliadas se arrastou pelo tempo. Torna-se evidente, da mesma forma, o impacto que a industrialização para a guerra estava causando no mercado de trabalho do país a ponto de fazer com que a AFL divulgasse a notícia de que estava finalmente procedendo à inserção de trabalhadores negros nos sindicatos afiliados. Contudo, pesquisas indicam que a Federação não havia compreendido de fato o poder que a Grande Migração de afro-americanos estava causando à história do país. O fato da última menção à AFL e a Gompers ter aparecido, dentre os anos que compreendem essa pesquisa, no mês de fevereiro de 1917, antes mesmo da entrada oficial dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, ocorrida em abril, abre margem para suposição de que a revista *The Crisis* e a NAACP procuraram cooperar com o esforço de guerra empreendido pelo país e, pelo tempo que durasse o conflito, não iriam produzir um clima de instabilidade no mercado de trabalho estadunidense. Uma pesquisa sobre as correspondências não publicadas pela revista durante o período ajudaria a responder os motivos.

Tendo acesso a uma correspondência entre a AFL e Du Bois, datada de 4 de junho de 1917, tem-se uma confirmação, até meados daquele ano, de como a AFL agia em relação à busca de garantias para os trabalhadores negros em sindicatos ou que estavam encontrando problemas para exercerem suas atividades devido aos mesmos. A carta em

⁶¹⁵ *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 4, p. 190, Feb. 1917.

resposta a uma correspondência previamente enviada pelo editor de *The Crisis*, em 31 de maio, trouxe informações de que Du Bois estava solicitando aconselhamentos sobre quais procedimentos deveriam ser tomados para a resolução de um conflito entre um trabalhador e a Bricklayers, Masons and Plasterers International Union. O responsável pelo envio da correspondência não foi Gompers, mas sim sua secretária, R. Lee Guard. A resposta da secretária foi o argumento padrão utilizado para situações do tipo. Nesse caso, a questão deveria ser remetida para os dirigentes da Bricklayers, pois “cada união internacional ou nacional de um ofício tem inteira jurisdição e controle sobre seus próprios assuntos internos”.

Imagem 32 - Correspondência enviada pela AFL em resposta a uma solicitação de Du Bois sobre o posicionamento da federação para a resolução de um conflito envolvendo um afiliado da Bricklayers, Masons and Plasterers International Union.



Fonte: <http://credo.library.umass.edu/view/full/mums312-b010-i003>.

5.4 – East St. Louis: a questão do trabalho em um distúrbio racial

A NAACP e a revista *The Crisis*, em seus anos iniciais, não apenas acompanharam de perto notícias envolvendo os muitos casos de violência que castigavam os afro-americanos, seja pela simples suspeita de terem cometido alguma contravenção contra a ordem social vigente, muitas vezes vinculada a possíveis atentados sexuais contra a honra da mulher branca norte-americana, ou por questões menos importantes, mas, mesmo assim, perigosas se fossem realizadas por um afro-americano. Contudo, além dessas ocorrências, a NAACP também procurou, por conta própria, investigar e levar respostas sobre os diversos casos de atritos envolvendo trabalhadores brancos e negros no país. Das dezenas de enfrentamentos que envolveram os dois grupos, um foi consideravelmente reportado nas páginas de *The Crisis*. Tal evento foi o distúrbio de caráter racial com forte cunho trabalhista em East St. Louis, no estado de Illinois, em 2 julho de 1917.⁶¹⁶

O evento ocorrido em East St. Louis, no início de julho de 1917, foi considerado o mais violento do tipo no período da Primeira Guerra Mundial.⁶¹⁷ Algumas características contribuem para explicar o porquê desse caso, em particular, ter alcançado a proporção que teve. De acordo com Rudwick, esse foi o momento em que, pela primeira vez, um grande número de afro-americanos, no Norte, demandaram incondicional e agressivamente seus direitos. Em contrapartida, também foi o momento em que muitas pessoas brancas tiveram contato pela primeira vez com imigrantes negros que começaram a competir por trabalho e a fazer demandas ilimitadas por questões limitadas como moradias, transportes e locais de recreação.⁶¹⁸ Contudo, uma série de fatores que foram se acumulando com o tempo também ajudam a entender o distúrbio racial que tomou conta da cidade naquela segunda-feira.

East St. Louis apresentava uma atividade industrial efervescente com muitas empresas de processamento de carne, embalagens e fundições. Além disso, a cidade tinha uma intensa malha ferroviária que facilitava o deslocamento de pessoas e mercadorias. Até o advento do conflito mundial, os negros na cidade não eram considerados um problema, pois existia a crença de que eles deveriam se acomodar a cargos e a condição

⁶¹⁶ Iremos discorrer apenas sobre esse evento por estar inserido na efervescência industrial atingida pelo país naquele momento.

⁶¹⁷ RUDWICK, Elliot M. *Race riot at East St. Louis, July 2, 1917*. Urbana: University of Illinois Press, 1982, p. 4. (Blacks in the New World).

⁶¹⁸ Idem, p. 3-4.

de subordinados. Segundo Rudwick, apesar da cidade estar localizada no estado de Illinois, os brancos da localidade gostavam de pensar que eles tinham alguma ligação com o Sul.⁶¹⁹ Durante a Grande Migração, a cidade atraiu um considerável número de afro-americanos provenientes do Sul que eram empregados pelas grandes empresas dividindo o mesmo espaço com os trabalhadores brancos. Não apenas os locais de trabalho precisavam ser compartilhados, mas, algumas vezes, vizinhanças com suas condições precárias de vida começaram a representar um sinal visível de degradação social.⁶²⁰ Além desses aspectos, outros, no período que circundaram o tumulto, de julho de 1917, podem se assinalados. Um dos mais importantes pode ser relacionado à eleição presidencial e para o Congresso do ano anterior.

A disputa presidencial, de 1916, foi utilizada pelos Democratas do estado como uma forma de divulgar a ideia de que a migração tinha o propósito de fortalecer o poder do Partido Republicano. Em East St. Louis, os Democratas se empenharam para derrotar o candidato Republicano ao Congresso, William Rodenberg, alegando, dentre outras coisas, que o partido estava comprando votos e que estavam importando 2.000 imigrantes negros antes das eleições de outubro.⁶²¹ No processo de divulgação de notícias fantasiosas com o intuito de moldar a opinião pública, o *East St. Louis Journal*, que tinha ligações com os Democratas, foi um dos instrumentos mais ativos de desinformação. Foram incontáveis as matérias que o periódico espalhou, fomentando, lentamente, a aversão do público em relação aos imigrantes afro-americanos. Dentre elas estavam o aumento no número de crimes perpetrados por negros nas semanas que antecederam a eleição, a ideia de que Rodenberg espalhava a informação de que os imigrantes sulistas poderiam fazer o que bem entendessem na cidade e a história de que um líder político local, o dentista Le Roy Bundy, era o responsável pelo processo de “colonização” negra na cidade. Contudo, reportagens em outros periódicos não conferiram credibilidade às do *Journal*. O *Belleville News-Democrat* informou que a quantidade de presos na cadeia de East St. Louis era a menor se comparada aos anos anteriores. Com relação às supostas ações de Bundy, que tinha sido detido em Chicago, nada foi comprovado e ele foi liberado por não ter nenhuma evidência sobre seus atos. Mesmo assim, o *East St. Louis Journal* custou a admitir o

⁶¹⁹ Ibidem, p. 6.

⁶²⁰ Idem, ibidem, p. 5.

⁶²¹ RUDWICK, Elliott M. East St. Louis and the “Colonization Conspiracy” of 1916. In: *THE JOURNAL OF NEGRO EDUCATION*, v. 33, n. 1, Winter, 1964, p. 36. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2294512>. Acesso em: 02/03/2023.

fato.⁶²² O desfecho da eleição mostrou que os Republicanos tiveram a maioria de votos, assim como Rodenberg. Porém, os Democratas conseguiram vencer em East St. Louis.⁶²³

Para além da questão política, outras análises procuraram interpretar o evento, de 02 de julho de 1917, em East St. Louis, cujo principal elemento é o contexto de conflito industrial, considerando o momento exato de sua deflagração e o importante papel dos diversos rumores que o antecederam. Nessa perspectiva, trabalhos importantes são de McLaughlin que, apesar de respeitar os trabalhos de Rudwick, acrescentou outros elementos discutindo, até mesmo, a mudança de percepção psicológica daqueles que participaram do tumulto. Nesse caso, os da comunidade branca.⁶²⁴

Para McLaughlin, situações imediatamente anteriores ao distúrbio racial de julho são importantíssimas. A greve da maior empresa da cidade, a Aluminum Ore Company, entre outubro de 1916 e abril de 1917, em que afro-americanos começaram a ser contratados, em grande número, resultou em protestos contra a chegada de mais imigrantes negros à cidade. Em 28 de maio, um comício desencadeou um pequeno tumulto em que vários afro-americanos ficaram feridos. Durante o mês de junho, casos esporádicos de violência aconteceram na cidade envolvendo jovens brancos e negros e rumores de que afro-americanos estavam planejando insurgir contra os brancos, no feriado de 04 de julho, espalharam-se.⁶²⁵ O estopim para a concretização da onda de violência, foi o assassinato involuntário de dois detetives brancos, por homens negros, que estavam protegendo sua vizinhança de atiradores. A notícia da morte dos dois policiais enfureceu a comunidade branca, que se apropriou do incidente, afirmando que a ação tinha sido proposital, para descontar suas ansiedades e frustrações nos integrantes da comunidade negra local.⁶²⁶ O que se sucedeu foi uma onda de selvageria, que tirou mais vidas do que em Chicago, em 1919.⁶²⁷

Dentre as suas críticas ao trabalho de Rudwick, McLaughlin argumentou que não havia evidência de que os líderes trabalhistas fomentaram qualquer tipo de atrito entre os

⁶²² Idem, p. 36-38.

⁶²³ Idem, p. 41.

⁶²⁴ MCLAUGHLIN, Malcolm. *Power, community, and racial killing in East St. Louis*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

⁶²⁵ MCLAUGHLIN, Malcolm. Reconsidering the East St. Louis Race Riot of 1917. In: *INTERNATIONAL REVIEW OF SOCIAL HISTORY*, v. 47, n. 2, Aug., 2002, p. 188. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44582696>. Acesso em: 02/03/2023.

⁶²⁶ Idem.

⁶²⁷ No tumulto racial ocorrido em Chicago, no verão de 1919, o número de mortes foi estipulado em 38. Em East St. Louis, 39 mortos eram afro-americanos. O número total de mortes em East St. Louis foi estipulado em 48 pessoas.

trabalhadores negros e brancos, no encontro de 28 de maio. De acordo com ele, Rudwick reconheceu que existia algum esforço dos líderes trabalhistas para promover a sindicalização de afro-americanos, contribuindo em reuniões realizadas com a presença de representantes da comunidade negra. Porém, como questiona McLaughlin, Rudwick teria exposto que nenhum líder trabalhista teria se posicionado contra atos de violência, sendo que vários pediram para que os trabalhadores brancos não agissem daquela maneira.⁶²⁸

No que se refere aos eventos imediatamente próximos ao distúrbio de 2 de julho, podem ser citados o objetivo dos cidadãos brancos de atrair para seu lado a Guarda Nacional e os policiais, chamados para suprimir atos grevistas e garantir o funcionamento das empresas, após os rumores de que afro-americanos estavam planejando um ataque contra os brancos da cidade, numa clara manifestação de clamor a uma suposta “irmandade branca” contra a ameaça representada pelos negros. Rumores envolvendo, novamente, o dentista Le Roy Bundy se espalharam pela localidade, afirmando que ele estava escondendo um arsenal em sua residência para ser usado no 4 de julho.⁶²⁹ Já no decorrer do conflito, outros elementos podem ser entendidos como um anúncio de que aquele evento tinha tudo para ser um dos mais mortais da história do país. Alguns membros da Guarda Nacional foram atraídos pelo discurso da branquitude e começaram a dar assistência às ações dos brancos que participavam do distúrbio.⁶³⁰ Outros rumores de que os afro-americanos estavam espalhando doenças, como a varíola, foram responsáveis por mais atos de atrocidades relatados pelas testemunhas que disseram que os corpos das vítimas estavam sendo atirados ao fogo. Esse ato foi interpretado por McLaughlin como uma representação de que os brancos estavam realizando uma espécie de limpeza do lugar em que viviam.⁶³¹ Diversas outras questões apontadas por McLaughlin podem ser comentadas sobre o evento. Dentre elas, a distinção que ele procurou apresentar entre os espectadores e os líderes das ações e de como elas inspiraram pessoas tidas como comuns a agirem como desordeiros.⁶³² Contudo, uma análise do discurso das pessoas que estiveram presentes no distúrbio também se faz necessária e, para isso, o papel da NAACP e de *The Crisis* mostra-se extremamente significativo.

⁶²⁸ MCLAUGHLIN, 2002, p. 191.

⁶²⁹ Idem, p. 197.

⁶³⁰ Ibidem, p. 198.

⁶³¹ Idem, ibidem, p. 201.

⁶³² Idem, ibidem, p. 203.

A publicidade dada pela NAACP e por *The Crisis* ao tumulto racial ocorrido em East St. Louis pode ser considerada como uma das mais longas dos seus primeiros dez anos. O interesse pelo evento esteve registrado desde a edição de julho de 1917, mês do acontecimento, até, ininterruptamente, a edição de setembro de 1918. A abordagem ao assunto retornaria em novembro e estaria presente, dentro do espaço de tempo em que esse trabalho se concentra, em mais onze edições, aparecendo pela última vez em abril de 1920.⁶³³ A primeira menção ao acontecimento se refere ao “Editorial” intitulado “Memphis or East St. Louis?” (“Memphis ou East St. Louis?”) em que foi discutido tanto o ocorrido em East St. Louis quanto o evento ocorrido em Memphis, Tennessee, em 22 de maio. O caso de Memphis abordava o terrível linchamento do afro-americano Ell Person acusado de assassinar Antoinette Rappal, uma garota branca.⁶³⁴ O editorial, iniciado com o estilo literário característico do editor, afirmava-se que aparentemente era possível ouvir quatro vozes sobre ambos os distúrbios raciais que pareciam gritar quatro perguntas: “Por que os Negros serão fura-greves?”, “Por que os Negros ficarão no Sul?”, “Como podemos parar a migração negra?” e “Onde os Negros podem ser tratados com justiça?”.⁶³⁵ As quatro questões foram respondidas com exemplos de situações reais apresentadas pelo autor do texto.

Destacando-se a primeira resposta, estava a exposição, por meio de uma carta, do trabalhador da construção civil, Charles Augustono, da cidade de Camden, Nova Jersey. Como membro sindicalizado da Bricklayer, Mason and Plasterers’ International Union of America conseguiu um contrato de trabalho em Glassboro, no mesmo estado. Após pagar um valor em dinheiro por estar trabalhando em um setor que não se referia ao de origem, Charles encontrou resistência dos demais trabalhadores brancos que não o queriam por perto.⁶³⁶ O elemento que responde, embora não explicitamente a primeira questão, está contido na afirmação do trabalhador de que, mesmo pagando pelos seus direitos, ele era

⁶³³ Ao todo, notícias sobre o episódio podem ser encontradas em vinte e sete edições. As menções englobaram os mais variados assuntos, tais como investigações conduzidas pelo governo federal, protestos, trabalhos sociais e fundos levantados para ajudar os desabrigados no ocorrido. Dentre as últimas referências ao fato, destaca-se a atuação do governador de Kentucky, Edwin P. Morrow, que usou a Guarda Nacional para evitar o linchamento de um afro-americano que estava sendo julgado por assassinato. Tanto Morrow quanto os soldados foram muito elogiados por não deixarem a lei ser conduzida por uma multidão enfurecida como ocorrido em East St. Louis. Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 19, n. 6, p. 327, Apr. 1920.

⁶³⁴ O evento em Memphis demandou de *The Crisis* uma edição suplementar com 04 páginas em que foi descrita, de maneira crua e direta, a prisão, o processo de confissão, preparativos e o anúncio para o ato de “justiça popular”. Cf. *THE CRISIS*, v. 14, n. 3, Supplement to *The Crisis*, July 1917.

⁶³⁵ DU BOIS, W. E. B. Memphis or East St. Louis?. *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 3, p. 112, July 1917.

⁶³⁶ *Idem*, p. 112, 114.

incapaz de usufruir livremente de seu ofício para ganhar a vida restando para ele, e milhares de outros trabalhadores, adentrar nas empresas como substitutos de empregados que, muitas vezes, encontravam-se envolvidos em situação de greve.⁶³⁷ As demais questões podem ser respondidas pelas explicações de que atitudes parecidas de uniões trabalhistas e de trabalhadores do Norte contribuíam para manter boa parte dos afro-americanos no Sul, de que era preciso oferecer melhor tratamento aos negros, inclusive com o aprimoramento de escolas voltadas para cursos agrícolas e que, mesmo com uniões trabalhistas hostis e multidões violentas fora dos limites do Sul, o trabalhador negro ainda encontraria leis e elas tinham a tendência a serem fortalecidas, respectivamente.⁶³⁸

Outras referências ao evento, nessa edição, podem ser encontradas no texto contido na seção “The Looking Glass”, “The Flight into Egypt” (“A Fuga para o Egito”), que descreveu, principalmente, as razões que motivavam os afro-americanos a deixarem a parte Sul e que contou com trechos de reportagens de seis periódicos situados em vários locais do país. Apesar do tema base ser o êxodo em busca de melhores condições de vida, como exposto pelo jornal voltado para a comunidade negra *Nashville Globe*, os argumentos sobre o fenômeno foram variados. O *New Orleans States*, por exemplo, revelou que os grandes plantadores de cana-de-açúcar do estado estavam propondo, até mesmo, a proibição da migração, por três meses, nos períodos em que a colheita deveria ser realizada. Um escrito no *Philadelphia Bulletin* argumentou que se um afro-americano aceitasse todas as condições injustas e degradantes impostas a ele pelos cidadãos brancos, ele era considerado um “Bom Negro”. Contudo, se ele começasse a criticar a sua condição e a buscar melhores oportunidades, a narrativa de que ele se tornou arrogante começava a se espalhar.⁶³⁹ Sobre o acontecimento em East St. Louis, o jornal *St. Louis Globe Democratic* apresentou a constatação de que os afro-americanos que estavam saindo da cidade, de acordo com o número descrito até aquele momento, em torno de 1.000, eram ótimos trabalhadores, consumidores e que pagavam seus gastos em dinheiro. Conforme a estimativa apresentada, os donos de terras e mercadores da cidade esperavam uma redução em torno de 18.000 mil dólares semanais no comércio local. Em tom sarcástico,

⁶³⁷ Somos levados a indagar se a situação divulgada como exemplo nessa edição refere-se à troca de mensagens entre Du Bois e a AFL apresentada na carta da federação anexada acima. Como pode ser evidenciado, o primeiro envio de correspondência partiu de Du Bois, em 31 de maio. A resposta da AFL foi em 04 de junho deixando claro que a instituição não atuava em assuntos internos de suas afiliadas. No caso da correspondência, a afiliada era a mesma do caso narrado no “Editorial” de julho de 1917.

⁶³⁸ DU BOIS, W. E. B. Memphis or East St. Louis?. *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 3, p. 114, July 1917.

⁶³⁹ Idem, p. 136.

a publicação argumentou que nenhum participante do tumulto mostrou disposição para fazer daquela redução algo proveitoso e nem para preencher as vagas disponibilizadas com a saída dos afro-americanos.⁶⁴⁰

A última referência ao acontecimento apareceu na subseção de “The Horizon”, “Ghetto”. A breve nota procurou apresentar para o público que mais um caso de embates entre brancos e negros tinha acontecido no país. É nitidamente perceptível que os fatos sobre o ocorrido ainda não eram de conhecimento mais amplo. Informações sobre os afro-americanos terem sido usados como fura-greves nas empresas de empacotamento e a afirmação de que a chegada da milícia estadual garantiu a ordem, depois que aproximadamente 1.500 afro-americanos deixaram a cidade, foram acrescentadas.⁶⁴¹

Contudo, ao contrário da pequena nota, a edição de setembro trouxe uma análise extensa sobre o caso. Em 20 páginas que compõem o texto elaborado pela própria NAACP, pode-se ter uma noção mais detalhada do clima e das atrocidades que acometeram os afro-americanos durante um dos maiores distúrbios raciais da história do país. “The Massacre of East St. Louis” (“O Massacre de East St. Louis”) foi o resultado de um trabalho de investigação que incluiu a tomada de depoimentos de testemunhas oculares e interpretação de documentos que contribuíram para mostrar ao público um pouco dos bastidores que representaram o antes, o durante e o depois do evento.⁶⁴² Para a realização do trabalho, o editor de *The Crisis*, W. E. B. Du Bois, e a sufragista, ativista pelos direitos civis e contribuidora da Associação, Martha Gruening, foram enviados para a localidade.⁶⁴³

O significativo texto faz transparecer o trabalho árduo e o empenho dos envolvidos em procurar ir a fundo nos problemas que os afro-americanos tinham que enfrentar para sobreviver no país em um dos períodos mais tensos dos Estados Unidos. Em análise do texto, podem ser identificados quatro temáticas centrais que conduziram sua escrita. A primeira delas está focada em apresentar para os leitores as bases ou o contexto do acontecimento e os seus resultados. Nessa parte, elementos como a

⁶⁴⁰ Ibidem.

⁶⁴¹ Ibidem, p. 145.

⁶⁴² National Association for the Advancement of Colored People: The Massacre of East St. Louis. *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 5, p. 219-238, Sept. 1917.

⁶⁴³ Para saber mais sobre a vida de Martha Gruening, ver: GREEN, Michael. *Idealist-on-the-Hudson: Martha Gruening's 'Libertarian' School*. New York Almanack. 2017. Disponível em: <https://www.newyorkalmanack.com/2017/04/idealist-on-the-hudson-martha-gruenings-libertarian-school/>.

convocação para a reunião de 28 de maio, publicada pela Central Trades and Labor Union, o equívoco que resultou no assassinato dos policiais em uma vizinhança negra e que foi o evento imediato para a explosão de violência e os efeitos dos enfrentamentos com a divulgação de que, pelo menos, 400.000 dólares em propriedades haviam sido destruídos e a estimativa de que 6.000 afro-americanos tinham saído de suas residências foram apresentadas. Interessante observar que os autores do texto tomaram cuidado em não afirmar que o tumulto de julho surgiu da convocação para o comício de maio, mas que ele ganhou força por meio daquela atitude, foi entendido como tendo ligação.⁶⁴⁴

A segunda temática que conseguimos observar está relacionada à percepção da imprensa quanto ao andamento das situações que fomentaram o evento e as ocorrências que se apresentaram durante o mesmo. Ao todo podem ser elencadas matérias de cinco periódicos que também divulgaram suas interpretações sobre o ocorrido. Esses órgãos de imprensa foram o *St. Louis Globe-Democrat*, o *St. Louis Post-Dispatch*, o *The St. Louis Republic*, o *St. Louis Star* e o *Boston Journal*. Esse último, contando com uma matéria escrita pela própria Martha Gruening. O teor das matérias, como não poderia deixar de ser, foi extremamente tenso, mas, como deixado evidente, verdadeiro. Acreditamos que esse alerta tenha sido escrito pelo editor, por conhecer o seu estilo de escrita e por sua retórica de busca, identificação e revelação da verdade acima de qualquer outra coisa. Dentre as explicações apresentadas pelos jornalistas desses periódicos, chama-nos atenção o relato de Carlos F. Hurd, em matéria publicada, em 03 de julho, para o *St. Louis Post-Dispatch*. Hurd, testemunha ocular do distúrbio racial, destacou o papel da liderança em conduzir uma multidão a perpetrar ações que, aos olhos da maioria, podem ser consideradas desumanas. De acordo com Hurd, “a multidão é apaixonada, uma multidão segue um homem ou alguns homens cegamente; uma multidão, às vezes, se arrisca”.⁶⁴⁵ Segundo seu relato, um afro-americano com um corte profundo na cabeça, provocado por uma pedra, teve uma corda colocada em seu pescoço. Comentários em tons de brincadeira sobre se a corda suportaria o peso do homem foram feitas. A corda não suportou o peso, mas a multidão logo conseguiu outra.⁶⁴⁶

⁶⁴⁴ National Association for the Advancement of Colored People: The Massacre of East St. Louis. *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 5, p. 220, Sept. 1917.

⁶⁴⁵ *Idem*, p. 221.

⁶⁴⁶ *Ibidem*, p. 222.

Tal percepção acerca do papel de lideranças, também discutida por McLaughlin, em seu artigo, demonstra novamente como por meio de um trabalho psicológico, fomentado por uma abundância de notícias falsas e situações conflitantes do dia a dia, um grupo de pessoas é levado a agir de maneira que suas normas e regras cotidianas desapareçam, mesmo que, por um determinado período de tempo. Ao contrário de situações mais duradouras, como movimentos sociais, greves, revoluções e movimentos políticos, o acontecimento em East St. Louis, em julho de 1917, pode ser relacionado a uma abordagem que leva em conta a “norma emergente” para o comportamento coletivo.⁶⁴⁷ Nessa configuração, o comportamento de um pequeno número de pessoas, mas que atua com vigor e consistência tende a moldar as ações da maioria de maneira a proceder com cada vez mais violência. A tendência à conformidade, descrita por McLaughlin, demonstra que os indivíduos aceitam as normas de comportamento de uma pretensa maioria sendo levada a concordar com seus atos.⁶⁴⁸

A tendência de um grupo de pessoas, em uma situação atípica e estressante, em agir consoante a vontade de um número limitado, que se passa pela maioria, deve ser levada em conta. Contudo, acreditamos que por mais “espontâneos” que os eventos possam ser ou parecer, é preciso que exista consciente ou inconscientemente uma não tão imperceptível tendência a praticar tais atos violentos. É possível considerar as interpretações de McLaughlin como pertinentes, pois concordamos com a ideia de que as pessoas costumam ser levadas a praticar determinadas atitudes quando são motivadas e quando se sentem confortáveis em praticá-las. Porém, a afirmação do historiador de que, em East St. Louis, os brancos foram “pegos pelo clima” do motim, precisa ser discutida. Ainda que pessoas tidas como comuns tenham participado ativamente do tumulto, acreditamos que elas carregavam algum tipo de entendimento e crença racista que deram aval para extravasarem, em ações, os seus preconceitos. As ações presenciadas e divulgadas pelos mais diversos veículos de imprensa e, nos trabalhos de estudiosos como Rudwick e McLaughlin, não podem ser entendidas como um evento que surge de um determinado momento. Talvez, o mais assertivo seria entendê-las como um processo que ganha força em situações como as apresentadas na cidade naquele dia, ou seja, o sentimento sempre esteve presente e quando encontrou uma brecha se fez palpável.

⁶⁴⁷ MCLAUGHLIN, 2002, p. 204.

⁶⁴⁸ Idem, p. 205.

O terceiro elemento que os autores de “The Massacre of East St. Louis” utilizaram para compor o texto é o relato das testemunhas afro-americanas que estiveram no olho do furacão, em 2 de julho de 1917. Os depoimentos foram obtidos diretamente pelos enviados da NAACP e, novamente, o aviso de que eles seriam publicados da maneira em que foram contados pelas testemunhas se fez presente. Ao todo foram vinte e oito relatos de homens e mulheres que abrangeram vários tipos de situações vivenciadas e que permitiram sua sobrevivência. Devido à quantidade de histórias registradas, mencionaremos algumas que consideramos aquelas que resumem a intensidade do tumulto.

Muitos dos depoimentos tomados por Du Bois e por Gruening tinham relação com o papel dos soldados da Guarda Nacional e dos policiais que deveriam atuar para evitar agressões e outras manifestações de violência. Dentre os relatos, estavam os de Samuel J. Green, de 34 anos. Green nasceu no Alabama e estava morando na cidade, com sua esposa, desde outubro de 1916. Ele tinha se mudado em busca de um salário melhor e melhor tratamento das pessoas brancas. De acordo com ele, antes do tumulto, as coisas pareciam muito bem. No dia do evento, Green estava voltando para casa à noite e quando desceu do carro encontrou uma multidão enfurecida. O trabalhador afro-americano correu enquanto a multidão o perseguia atirando em sua direção. A descrição de Green apontou que ele teria visto soldados estaduais ajudando os arruaceiros a baterem nas pessoas negras. O depoimento terminou informando que o afro-americano ficaria na cidade por mais um tempo, mas que iria se mudar para mais ao Norte.⁶⁴⁹

Outro depoimento, o de Salena Hubble, de 42 anos, foi muito parecido com o de Green. Hubble, uma viúva, viveu em East St. Louis por cinco anos e estava na cidade para cuidar de sua filha doente. Da mesma maneira, descreveu o relacionamento entre brancos e negros como amigável. Na noite do distúrbio racial, os arruaceiros alertaram os moradores de onde estava que iriam queimar o quarteirão inteiro. De acordo com a senhora, o aviso se deu porque os participantes teriam pensado que ela era uma mulher branca e, por isso, avisaram para que saísse do local. Ao pedir conselhos para uma vizinha, essa, sim, uma mulher branca, Hubble partiu em direção a uma ponte que ficava na área. No caminho, disse ter visto soldados que não ofereceram assistência alguma para os afro-americanos, nem mesmo, quando um havia sido baleado. Fato que chama a

⁶⁴⁹ *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 5, p. 237, Sept. 1917.

atenção foi ela ter visto um grupo de soldados entrarem em um *saloon* (bar) e começarem a beber cerveja. Outro grupo conduzia afro-americanos pelas ruas enquanto esses permaneciam com as mãos levantadas acima de suas cabeças. De acordo com ela, as atitudes das mulheres brancas eram tão cruéis quanto às dos homens.⁶⁵⁰

Os relatos apresentados e os demais exemplos assinalados corroboram, em grande parte, a percepção de que os agentes de segurança não mais se atentaram aos seus afazeres legais e procuraram contribuir, ao seu modo, para o andamento do massacre. Tais ações podem ser vistas como não tendo outra explicação a não ser a questão da branquitude ou, como mencionado pelo próprio McLaughlin, uma branquitude comum.⁶⁵¹ Contudo, essa mesma branquitude comum, sempre presente quando se trata de relacionamento racial nos Estados Unidos, deve ser considerada quando se menciona ações de violência perpetradas pelos brancos para com os negros. Sendo ela onipresente, afirmar que os brancos foram “pegos pelo clima” tenso que desencadeou o evento tem que ser abordada com ponderação. Entendemos essa branquitude comum como algo ainda mais poderoso e para além do puramente palpável. Para isso, a questão, talvez, devesse ser melhor discutida tendo como norteador o conceito *racecraft*, trabalhado pelas historiadoras Karen E. Fields e Barbara J. Fields.

As autoras, em seu trabalho, objetivaram discutir como um grupo reduzido de noções racistas ganhou sustentação permanente no estilo de vida norte-americano.⁶⁵² Para isso, fazem uso do termo que se soma e se diferencia a outras duas concepções presentes e definem o relacionamento entre brancos e negros no país. Essas duas outras concepções são a raça e o racismo. Diferente de raça, entendida como um conceito biológico em que se pode nomear uma população estatisticamente definida por meio da diferença na sequência de alelos e de racismo, visto como uma prática social, “o que significa que é uma ação e uma justificativa para a ação, ou ambos ao mesmo tempo”, *racecraft* apresenta uma concepção mais profunda que molda as interações entre os americanos. Conforme as autoras,

⁶⁵⁰ Idem. Outros relatos que citam ações envolvendo soldados da Guarda Nacional ou de policiais são os de Mary Edwards, Mose Campbell, William Seawood, Troy Watkins, Mineola McGee (que afirmou ter sido baleada por um soldado ou por um policial, tendo seu braço amputado), a Família Kendricks, Beatrice Deshong e Jerry Mayhorn.

⁶⁵¹ MCLAUGHLIN, 2002, p. 198.

⁶⁵² FIELDS, Karen E.; FIELDS, Barbara J. *Racecraft: the soul of inequality in American life*. London; New York: Verso, 2012, p. 2.

Distinto de *raça* e *racismo*, *racecraft* não se refere a grupos ou a ideias sobre traços de grupos, por mais estranhos que ambos possam parecer em close-up. Em vez disso, refere-se ao terreno mental e à crença generalizada. Como o terreno físico, o *racecraft* existe objetivamente; tem características topográficas pelas quais os americanos navegam regularmente e não podemos parar de atravessá-lo prontamente. Ao contrário do terreno físico, o *racecraft* não se origina na natureza, mas na ação e imaginação humanas; não pode existir de outra maneira. [...] Finalmente, *racecraft* não é um substituto eufemístico para o racismo. É uma espécie de evidência digital de que o racismo está em cena. (Tradução livre)⁶⁵³

Como definido, *racecraft* é um conceito que contribui para explicar determinados procedimentos que se revelam no difícil relacionamento entre brancos e afro-americanos. Sua construção se dá na prática, nas ações cotidianas que tomam uma configuração de caráter racial. Porém, o termo também precisa da imaginação como um meio que o faz ser caracterizado como uma verdade vívida. Uma crença. Em comparação com *witchcraft* (bruxaria), *racecraft* precisa ser imaginado, posto em prática, e reimaginado de maneira que, a ação e a imaginação se mostrem inextricavelmente entrelaçadas.⁶⁵⁴ Para ilustrar sua teoria, as pesquisadoras expõem vários exemplos de incidentes que ocorreram no país. Um deles, foi o assassinato por engano de um policial negro – que perseguia um ladrão de carros – por um policial branco que o tomou por criminoso. A impressão que o caso pode ter sobre as pessoas, segundo as historiadoras, é que os policiais negros, em situações semelhantes, são mortos devido à cor de suas peles. Contudo, policiais negros não têm a tendência a assassinar policiais brancos, mesmo que esses estejam vestidos como bandidos. Como discutido por elas, foi o policial branco e não a cor da pele do policial negro que o matou. Embora nesse caso, as autoras reconheçam que o policial branco não teve nenhuma intenção, argumentando que “o racismo não exigiu um racista”, na fração de segundo antes de atirar fatalmente, o policial branco entrou em uma espécie de zona crepuscular do *racecraft* estadunidense.⁶⁵⁵

No que se trata à conduta de soldados da Guarda Nacional, policiais e da maioria das pessoas que participaram ativamente do distúrbio racial em East St. Louis, em 1917, o conceito de *racecraft* pode ser, até mesmo, melhor considerado. O assassinato dos dois detetives em uma vizinhança negra e o desejo dos brancos em irem à desforra fez vir à

⁶⁵³ Idem, p. 18-19.

⁶⁵⁴ Ibidem, p. 19.

⁶⁵⁵ Idem, ibidem, p. 27.

tona, a nosso ver, um sentimento já contido na mente daquelas pessoas. Nesse aspecto, acreditamos que os atos sádicos de violência não encontrariam tanto poder se não existisse uma vontade prazerosa de infligir dor a alguém ou de subjugá-lo de alguma forma. De acordo com um repórter, Richard L. Stokes, escrevendo para o *St. Louis Globe-Democrat*, toda a antipatia em relação ao afro-americano não estava confinada a East St. Louis, mas podia ser percebida nos soldados que foram enviados para o local e que saíram da região central e norte do estado. Como ele teria escrito, “não foram poucos os que declararam sentir que entendiam que não estavam aqui para proteger os negros contra os brancos, mas para proteger os brancos contra os negros”.⁶⁵⁶ Tal sentimento, fomentado por ações, interações, discursos, textos e histórias, fictícias ou não, contribuiu para a configuração do fenômeno *racecraft*.

Justiça precisa ser feita em relação aos membros da milícia estadual que protegeram algumas vítimas de agressão. No relato do repórter, já mencionado, Carlos F. Hurd, para o *St. Louis Post-Dispatch*, dois ou três soldados formaram uma barreira com suas armas para preservar a vida de uma mulher afro-americana que estava sendo ameaçada por um grupo de mulheres brancas. Apesar do ato, a ferocidade das mulheres que tentaram, até mesmo, arrancar as armas dos soldados foi tão grande que elas conseguiram ferir a afro-americana.⁶⁵⁷ O *St. Louis Republic* informou que duas garotas brancas tiraram uma mulher negra de seu assento em um carro e começaram a espancá-la com os sapatos. A mulher estava sangrando quando foi resgatada por homens da milícia estadual que não se preocuparam em prender as garotas.⁶⁵⁸ O que chama a atenção é que os soldados da Guarda Nacional, nos relatos tanto de jornalistas quanto de afro-americanos agredidos que estiveram presentes no artigo “The Massacre of East St. Louis”, salvaram a vida de vítimas que já estavam muito machucadas. Em alguns casos, os soldados assistiram tranquilamente os afro-americanos, homens e mulheres, sendo agredidos pela multidão.

Em seu trabalho para a NAACP, Gruening, após passar alguns dias colhendo depoimentos de membros da Guarda Nacional, prontificou-se a identificar dois deles que a tinham confidenciado não terem agido da maneira como deveriam. Os representantes da Comissão de Inquérito Militar não se mostraram muito entusiasmados com a

⁶⁵⁶ *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 5, p. 224, Sept. 1917.

⁶⁵⁷ *Idem*.

⁶⁵⁸ *Ibidem*.

proposta.⁶⁵⁹ Tais ações demonstram que, como assinalado por McLaughlin, “o destacamento da Guarda Nacional, em 2 de julho, promoveu, assim, nas mentes dos trabalhadores brancos, a resolução da fratura na comunidade branca” originada no contexto de greve meses antes.⁶⁶⁰

Para além das escassas evidências da manifestação de auxílio das chamadas forças de segurança para proteger os afro-americanos, civis procuraram contribuir para salvaguardar a vida de afro-americanos. Um desses casos, talvez, atípico e inusitado, estava no relato de Nathaniel Cole, de 22 anos, trabalhador de uma fundição de aço que estava chegando à cidade vindo de Alton, também em Illinois. Após o veículo de transporte coletivo em que estava ter sido parado, Cole e outro afro-americano foram retirados dele e começaram a sofrer agressões. Após a multidão ter ido embora, Cole tentou entrar novamente em um veículo, mas foi retirado pelo condutor. Assustado e sem conhecer bem a cidade, correu em direção a uma vizinhança branca, onde foi perseguido. Cole foi alcançado em um beco e cercado em um jardim onde um carpinteiro realizava seus trabalhos. O carpinteiro solicitou aos agressores que não batessem no homem, mas que o levassem para a polícia caso tivesse feito algo que merecesse. A resposta dos homens foi categórica ao dizer que “o negro pega o emprego do homem branco” ou de uma maneira mais agressiva “The nigger takes the white man’s job”. Após as agressões, Cole foi levado desacordado para um hospital.⁶⁶¹

Através do relato de Cole, pode ser constatado que nem todas as pessoas brancas estavam tão ávidas em participar do martírio imposto aos afro-americanos naquele dia. Embora a ação do carpinteiro não ter sido a de intervir diretamente no ato dos agressores, sua sugestão precisa ser considerada e entendida como válida em evitar que mais atos violentos tenham sido cometidos contra Cole. Pode ser, até mesmo, que ele tenha indicado a localização do afro-americano para que ele recebesse os cuidados necessários no hospital ou que ele o tenha levado até lá. As informações contidas no relato não mencionam nada do tipo. Outros exemplos de auxílio proporcionado por pessoas brancas foram descritos no relato de Mary Bell White, de 59 anos, que afirmou ter recebido ajuda de um homem branco que escondeu não apenas ela, mas aproximadamente 100 outras pessoas em uma construção que servia como local de armazenamento; Thomas

⁶⁵⁹ Idem, *ibidem*, p. 226.

⁶⁶⁰ MCLAUGHLIN, 2002, p. 198.

⁶⁶¹ *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 5, p. 231, Sept. 1917.

Crittenden, de 46 anos e morador de East St. Louis há 5 anos que graças ao seu patrão, que ficou sabendo do distúrbio racial na segunda-feira à noite, permaneceu juntamente com um colega de trabalho escondido o restante da noite. Na manhã seguinte, descobriu que o local em que morava tinha sido queimado e sua mulher levada para Cleveland, Ohio, após ter sido agredida por mulheres brancas e o de Beatrice Deshong, de 26 anos, que afirmou ter recebido ajuda de um homem que a deixou se esconder em seu armazém.⁶⁶²

Dentre os diversos relatos publicados, questões que também chamam a atenção são as participações de outros personagens que normalmente não incluiríamos em atos desse tipo. A participação de mulheres incentivando agressões físicas e procedimentos mais extremos podem ser constatados nos relatos de Hattie House, em que uma mulher branca, denominada Irene, ajudou a matar um senhor negro que implorou por sua vida. A mulher, aparentemente, começava a sentir remorso pelo feito.⁶⁶³ Contudo, crianças também estavam envolvidas nas manifestações, como no caso de Cole, em que, após o primeiro homem negro ter sido retirado do veículo de transporte coletivo, uma criança branca teria avisado aos participantes do tumulto que “há outro negro” (“There’s another nigger”).⁶⁶⁴ Ações desse tipo, fazem-nos considerar a influência que o momento tem sobre o comportamento das pessoas, mas sem deixar de levar em conta que os discursos e práticas cotidianas são essenciais para alimentar e moldar o psicológico de maneira que o indivíduo se sinta confortável em agir de determinadas formas.

Depoimentos ainda mais impactantes e cruéis fizeram parte do artigo elaborado. Muitos deles corroboram a explanação de McLaughlin sobre o intuito de se fazer uma limpeza ou purificação da cidade em relação à presença dos afro-americanos nela. Em alguns relatos, sobreviventes afirmaram ter visto afro-americanos sendo enforcados e outros sendo jogados nas chamas das casas enquanto pegavam fogo. Crianças negras não foram poupadas. Porém, as atrocidades vivenciadas e as notícias que se espalharam sobre o evento não foram suficientes para garantir que coisas daquele tipo não mais aconteceriam na cidade.

O quarto elemento que estrutura o artigo refere-se justamente a ideia de que aquele não seria o último enfrentamento, ou melhor, massacre, tendo brancos e negros como

⁶⁶² Idem, p. 235 e 237.

⁶⁶³ Ibidem, p. 231.

⁶⁶⁴ Idem, ibidem.

personagens principais. Como descrito pelos autores do artigo, os brancos da cidade não pareciam arrependidos, embora demonstrassem receio de que a imagem do que aconteceu pudesse prejudicar os negócios. De acordo com Gruening, em suas entrevistas, pessoas influentes da cidade, dentre eles editores, descreveram alguns motivos para a ira das pessoas brancas. O difundido discurso da insolência dos afro-americanos quando migravam para o Norte e o relacionamento e convívio mais próximo entre eles e a mulher branca foram duas das questões assinaladas.⁶⁶⁵

O artigo “The Massacre of East St. Louis” terminou resgatando os problemas envolvendo as questões trabalhistas e a utilização de afro-americanos como fura-greves e o benefício que isso trazia para os capitalistas locais pelo fato deles não serem sindicalizados. Citando um pronunciamento do Promotor Distrital, no *St. Louis Post-Dispatch*, grande parte da culpa pelos ânimos exaltados recaiu sobre a Câmara de Comércio e a Central Trades and Labor Union. Segundo a transcrição da fala do promotor, antes da situação ser tranquilizada, os grandes empresários locais iriam convencer os trabalhadores brancos de que eles tinham preferência pelos trabalhadores negros e que fariam uso de tropas para manterem as empresas funcionando. Com aquele tipo de situação, e o promotor fez questão de afirmar que não estava justificando as ações daqueles que participaram do tumulto, mais confrontos poderiam ser esperados. Da parte dos autores do artigo, deixaram o alerta de que o preconceito nas mãos dos sindicatos tinha um potencial para se tornar algo, ainda, mais perturbador. Como descrito, a Central Trades and Labor Union de East St. Louis estava perpetrando uma brincadeira sombria.⁶⁶⁶

Como previamente comentado, os resultados e as notícias do ocorrido em East St. Louis, em 2 de julho de 1917, propagaram-se por muito tempo. O evento desencadeou protestos, campanhas, investigações e o acompanhamento sobre o que estava sendo feito para punir possíveis responsáveis. E como não poderia deixar de ser, correspondências dos leitores revelando suas percepções e indignação sobre o acontecimento também estiveram nas páginas de *The Crisis*. Em outubro de 1917, B. F. Seldon, escrevendo de Cambridge, Massachusetts, apresentou a sua sugestão para que a revista pudesse aumentar o número de assinantes e sua influência. De acordo com Seldon, uma boa opção para que a revista estivesse em toda biblioteca pública até o Natal, daquele ano, seria, pelo menos, um afro-americano assinar a revista por um ano, investindo um dólar, e doar

⁶⁶⁵ Idem, ibidem, p. 238.

⁶⁶⁶ Idem, ibidem.

os exemplares para as bibliotecas públicas das localidades onde moravam. Dessa maneira, não apenas o número de assinantes aumentaria como a revista poderia chegar a outros olhos que não conheciam nada sobre ela.⁶⁶⁷ Em seu ímpeto de que o projeto desse certo, solicitou resposta do editor e estava disposto a enviar o seu dólar para a biblioteca da cidade. Ele informou que a primeira edição que enviaria para a biblioteca seria justamente a que retratava o incidente em East St. Louis.⁶⁶⁸

⁶⁶⁷ *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 6, p. 318, Oct. 1917. Pode ser constatado, também, o impacto que a edição de setembro, com toda a sua descrição sobre o distúrbio racial em East St. Louis, teve sobre os leitores da revista. Um deles foi Charles F. Thwing, clérigo e educador norte-americano, na época, presidente da Western Reserve University, hoje Case Western Reserve University. Thwing era ativo em seu apoio para a causa dos direitos civis dos negros americanos. Em sua breve nota, que veio antes da de Seldon, Thwing deixa evidente que a edição de setembro era de valor oportuno e duradouro.

⁶⁶⁸ *Idem*.

Imagem 33 - Carta em que o autor sugere que os leitores comprassem edições da revista e doassem para as bibliotecas públicas das cidades em que moravam.

318

THE CRISIS ADVERTISER

THE OUTER POCKET



YOUR September number is of timely and lasting value. May I thank you for it?

Ever yours,

CHARLES F. THWING,

President of Western Reserve University.

I have in mind an idea by which the subscription and the influence of *THE CRISIS* can be increased. Why not have *THE CRISIS* in every public library by Christmas? How? Without doubt there must be in every town and city in America at least one colored person who possesses one dollar's worth of race pride and loyalty. If so then he or she can express his or her loyalty in donating a year's subscription of *THE CRISIS* for the city in which he or she lives. However, this does not mean that their own yearly subscription will be dropped. By this plan the subscription will not only be increased but the magazine will come before the eyes of many who know nothing of it. If you think well of this idea let me know at once and I shall send my dollar for the Cambridge library to begin with the East St. Louis number.

B. F. SELDON,
Cambridge, Mass.

Ought we not start a movement that would bombard the White House with a million letters from a million Negroes showing how we feel?

If it did no good there it would certainly do us good to unite once in our lives in a nation wide protest, which we have never done.

WILLIAM H. HOLLOWAY,
Talladega College, Ala.

The September *CRISIS* has just come to me and I have found a poem in it I wish to use in the 1917 Anthology. It is "Negro Soldiers," a fine thing; something I want to put on the opposite page to Untermeyer's poem on the Jewish soldier, "Ishmael." Will you give me formal consent to reprint it? . . . *THE CRISIS* grows wonderfully—and so do *THESE TIMES*. There's going to be a wonderful flowering of our claims before this war is over. The race is suffering the pains which any seed suffers before it breaks above the soil.

W. S. BRAITHWAITE,
Cambridge, Mass.

The Journal of Negro History

Published Quarterly

100 Pages

Edited by CARTER G. WOODSON

THE JOURNAL OF NEGRO HISTORY is the official organ of the *Association for the Study of Negro Life and History*, which is now trying not to promote an isolated research into the history of the black race but to show how civilization has been influenced by contact with the people of color. This publication aims to popularize the movement to save and make available the scattered historical materials bearing on the Negro. In it appear scholarly articles and valuable documents giving information generally unknown. It is concerned with facts, not with opinions.

Subscription price, \$1.00 per year. Foreign subscriptions, 25 cents extra. Single numbers, 25 cents; 30 cents by mail.

Checks should be made payable to *THE JOURNAL OF NEGRO HISTORY* and addressed to

CARTER G. WOODSON

1216 You St., N. W.

Washington, D. C.

The Disgrace of Democracy

An

Open Letter to President Wilson

By

KELLY MILLER

Professor Kelly Miller has written a remarkable open letter to President Wilson.—*N. Y. Evening Post*.

A constructive proposal for suppression of lynching and race riots.—*The Springfield Republican*.

A very fair, temperate and strong letter on a most important matter.—Senator John Wesley Jones.

Agents Wanted Everywhere

10c. the Copy

Terms to Agents:

5c. per copy on orders over 10.

Address: Kelly Miller,

Howard University, Washington, D. C.

O interesse de Seldon em contribuir de alguma maneira com a causa era louvável. Provavelmente influenciado pelas atrocidades ocorridas na cidade de East St. Louis, sentiu-se motivado a procurar uma forma para que mais pessoas tivessem acesso aos escritos e a propaganda difundida pela revista, bem como seu discurso para tentar reduzir acontecimentos como os de julho. Talvez não fosse de conhecimento de Seldon, o que não acreditamos, pois o mesmo era conhecido de longa data de W. E. B. Du Bois, mas a revista *The Crisis* já circulava entre universidades e colégios pelo país.⁶⁶⁹ Evidência disso, são os carimbos encontrados em edições da revista que indicam a posse em universidades como de Indiana. Outra menção pode ser identificada por meio de uma correspondência em nome de Harry H. Jones, de Oberlin, estado de Ohio. A carta, publicada em abril de 1913, informou que a revista estava dando frutos, pois era uma das mais procuradas da biblioteca do colégio.⁶⁷⁰

Outras correspondências sobre o tumulto racial de East St. Louis não foram tão amigáveis quanto a anterior. Já na edição de janeiro de 1918, cartas publicadas demonstraram a indignação quanto à violência que castigava os afro-americanos no país. A carta enviada pelo leitor-escritor Frederick Hart Williams, de Winnipeg, Canadá, transpareceu sua ira e amargura tanto com a ação dos envolvidos com a revista quanto dos demais afro-americanos. Essa correspondência e as demais que a seguiram apareceram na seção “The Outer Pocket” e receberam o título de “Cowards?” (“Covardes?”).⁶⁷¹ Tal denominação, no sentido de interrogação, parece ter sido pensada em questionamento a carta enviada por Williams e a discordância com seu ponto de vista. Em sua correspondência, o autor se perguntou o que tinha acontecido aos homens afro-americanos.⁶⁷² Outro questionamento, ainda mais impactante, referia-se à indagação e, pela forma como foi colocada, concepção de que os afro-americanos seriam eternamente

⁶⁶⁹ Troca de correspondência entre Seldon e Du Bois pode ser constatada desde, pelo menos, 1905. Em uma carta enviada de Exeter, New Hampshire, Seldon se prontificou em trabalhar para divulgar a obra de Du Bois, “As Almas da Gente Negra”, publicada, em 1903. Para Seldon, todo afro-americano deveria ter a posse de um exemplar e ele gostaria de ser o agente para a realização daquele feito. Cf. <http://credo.library.umass.edu/view/full/mums312-b005-i083>.

⁶⁷⁰ Para conferir as indicações de carimbo demonstrando a entrada da revista na biblioteca da Universidade de Indiana, ver: *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 4, Feb. 1913 e *THE CRISIS*, New York, v. 6, n. 5, Aug. 1913. Para conferir o informe sobre a procura da revista em uma biblioteca de colégio na cidade de Oberlin, Ohio, ver: *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 6, p. 301, Apr. 1913.

⁶⁷¹ *THE CRISIS*, New York, v. 15, n. 3, p. 125-127, Jan. 1918.

⁶⁷² É possível considerar que Williams era um homem negro, pois, em diversos momentos do texto, ele faz referências sobre a diferenciação entre brancos e negros e qual o seu grupo étnico. Tais indicações apresentadas são “our race” (nossa raça), “outrages upon my people” (ultrajes sobre meu povo) e “men of my race” (homens da minha raça).

um povo de covardes. Sua crítica à revista *The Crisis* estava em seus argumentos sobre a mesma pregar a lealdade dos cidadãos afro-americanos ao país em face aos problemas enfrentados naquele período.⁶⁷³ Em seu relato, informou que tinha lido sobre o que aconteceu aos negros, em East St. Louis, na noite anterior à escrita de sua carta. É possível perceber como ele havia sido tomado por um sentimento de raiva ao se referir aos afro-americanos que sofreram na cidade, no dia do ocorrido, chegando a afirmar que “se eu fosse um desses, mil mortes teria sofrido antes de virar as costas para aqueles abutres brancos”.⁶⁷⁴ No trecho que pode ser considerado o mais forte do texto, solicitou que fosse dado mais coragem para que os afro-americanos pudessem revidar os ataques e que se tivessem que morrer que fosse como homens e não como animais caçados.⁶⁷⁵

Imagem 34 - Primeira parte, de três, da seção de cartas da edição de janeiro de 1918. A correspondência que abre a seção foi extremamente provocativa e crítica em relação aos afro-americanos e à revista *The Crisis*.

THE OUTER POCKET 125

and from life how best to deal with the little ones entrusted to my care.

I will live with my children not merely for them; since such companionship is worth more than divergent ways, marked by needless sacrifices on the one side and a growing selfishness on the other.

I will respect the individuality of my children, and not try to change their temperaments, furnish their opinions, nor choose their callings—nor their mates, when the time comes for such selection.

I will do whatever lies in my power to give my children sound bodies, for physical vigor is an asset, the value of which scarcely can be overestimated.

I will provide for my children both work and play, believing as I do that they are equally essential to a full and harmonious development.

I will lead my children not only to love the best in books and art, but, likewise, to rejoice in all the beauty of earth and sea and sky—in the song of the bird, the glitter of the dewdrop upon the grass, the murmur of the wind among the trees, the quiet tints of the greyest day, as well as the glowing colors of the most brilliant sunset.

I will impart to my children the facts of life, that they may look with reverence upon their bodies; thinking God's thoughts after Him as they learn of human relations, and, in the years to come, labor for the enlightenment of those who sit in darkness.



I will aim to keep ever before me the great truth that the mother's responsibility begins long before her babe is placed in her arms; and, consecrating myself anew to the glorious calling of motherhood, I will endeavor so to live and grow that should other children come to me, they may be dowered with a richer heredity.

The Outer Pocket

COWARDS?

Winnipeg, Canada.

TELL me, what have become of the MEN amongst our race? Are we forever to be a race of cowards? I am astonished that THE CRISIS, a magazine which I have always read and admired because of its boldness and courage in raising the issue of the white man's (particularly the Southerner) injustice toward our people, advocates the continued loyalty of the Negro in the present crisis that faces the world to-day. How can the men who are interested in the publication of your magazine plead for a nation that shows us so little favor? Only to-night I have just read of the further outrages upon my people in East St. Louis.

If I had been one of that number, rather a thousand deaths would I have suffered ere I had turned my back on those white vultures. God! Give the men of my race the courage to fight back, and if they must die, let them die as MEN and not as hunted animals.

FREDERICK HART WILLIAMS.

In relating the East St. Louis incident to a colored religious gentleman, to get his ideas of the crimes committed, I was told by him that had he been there he would have just prayed to the Lord to save him. Enough said he would have been numbered with the slain. Fifteen hundred National Guardsmen sent to quell the riot reported

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 15, n. 3, p. 125, Jan. 1918.

⁶⁷³ Vale lembrar que o contexto era de Primeira Guerra Mundial e a NAACP e *The Crisis* advogavam pela participação do afro-americano no conflito como forma de evidenciar sua lealdade ao país e aos preceitos democráticos pregados. A confiança de que após o conflito, os afro-americanos e os demais povos não brancos ao redor do mundo encontrariam um ambiente mais favorável à sua existência era algo verdadeiro.

⁶⁷⁴ *THE CRISIS*, New York, v. 15, n. 3, p. 125, Jan. 1918.

⁶⁷⁵ *Idem*.

É possível compreender a indignação sentida por Williams. Saber do massacre de uma população inocente é terrível. Ter conhecimento do massacre de seu próprio povo é pior ainda. Contudo, em sua crítica, Williams, naquele momento, não levou em consideração os anos de luta dos afro-americanos para melhorarem sua condição de vida, os esforços que brancos e negros estavam empreendendo para alterar a situação dos negros no país com a fundação de associações e organizações como a NAACP e que o sistema de segurança, ou repressão, era um artifício que estava nas mãos de dirigentes brancos que compartilhavam, em maior ou menor escala, concepções de que eram unidos por um atributo que era a cor da pele. Entende-se que ele tenha exagerado em suas declarações. Até mesmo o fato de escrever de fora do país pode ser mais um elemento que tenha contribuído para que professasse palavras tão duras e sua disposição em agir com veemência às agressões que poderiam recair sobre ele.

A correspondência seguinte parece contestar, em parte, os pronunciamentos da carta anterior. A carta enviada por um autor que não quis se identificar, utilizando apenas o pseudônimo de “A Friend” (“Um Amigo”), levantou críticas em relação ao comportamento de alguns afro-americanos, assim como dos soldados enviados para acalmar os ânimos em East St. Louis. Políticos também não foram poupados. O autor começou sua carta informando sobre uma conversa que teve com um homem religioso afro-americano sobre os acontecimentos ocorridos na cidade, no mês de julho, ao passo que esse homem teria respondido que, em uma situação como aquela, apenas teria orado para que o “Senhor” salvasse a sua vida. Como descrito pelo escritor da carta, aquele homem religioso seria mais um a ser contado como morto.⁶⁷⁶ O desabafo continuou com a crítica aos soldados presentes no local e de como foram incapazes de lidar com a situação, alguns sendo, até mesmo, desarmados por garotas e mulheres. Em um tom de deboche, questionou sobre o que o dirigente alemão, o Kaiser, pensaria do Exército Norte-Americano se soubesse desses incidentes. Em seu entendimento, o envio de um terço de soldados negros da milícia estadual ou de regimentos federais, em relação aos enviados para East St. Louis, seria considerado suficiente para reprimir aquele tumulto ou qualquer outro que começasse no país. Para o autor, a bravura dos homens brancos somente era mostrada quando estavam em maioria. Em um trecho de seu relato, a ligação com a carta anterior parece ser bem evidente, ao passo que para o escritor da carta, “a resposta para

⁶⁷⁶ Ibidem.

onde o homem negro pode obter tratamento justo está bem aqui nos Estados Unidos, mas você tem que lutar por isso como o homem vermelho e os outros homens que têm o direito de viver".⁶⁷⁷

Imagem 35 - Segunda parte da seção de cartas que descreve situações que oprimiam os afro-americanos ao mesmo tempo em que revela que a alteração de sua condição de vida seria alcançada pela luta.

126

THE CRISIS

that they were helpless to cope with the mob and were disarmed by young girls and women—some class for the uniform, wonder what cousin Bill (The Kaiser) would say to see that in print, and the glorious American Army coming over to fight him. The State of Illinois has colored militia, the Federal Government has colored regiments, but it would be a shame to send one of these regiments to quell a race riot, the girls and women wouldn't be so successful and only a third of the number sent to East St. Louis would be necessary to quell any race riot that starts in America.

The bravery of the white man is only shown where he is in the majority, then he is a lion; and to hear him boast would make one think when angered he would move mountains, but if he sees death staring him in the face he is as meek as a lamb. During my many years of service in the Army I have had the pleasure of witnessing a great deal of the white man's bravery on the battlefield. But the answer to where can the black man get just treatment is right here in the United States, but you have got to fight for it like the red man and other men that have a right to live. This old pleading and praying at the hands of a murderous mob don't save you, and the talk of getting the right man in office has got to be a fish tale, a white man is a white man, many good promises are given you until he has secured the office then he forgets you exist.

A FRIEND.

The Europeans want the black people, all right. They are eager for their labor, for their fields, even for their women, but they do not want them to learn the use of firearms and be trained as soldiers. The British want the Hindus, their labor, their money, their markets, their services, but not as fellow citizens. The Americans and the Europeans are now after the Chinese, though international jealousies and the political position of Japan have made it impossible for them to grab China and treat it altogether as their property.

America has gone to war to crush Germany, to make the world safe for Anglo-Saxon supremacy. The great humanitarian who rules at the White House and gives long sermons on the rights of small nationalities, on the blessings of democracy, and on abstract notions of right and justice al-

ways excludes the African and the Asiatic from his calculation. The nations of Europe, the peoples of Europe and America, the organized nations of the world, are the objects of his love and solicitude. The blacks, the yellows and the Hindus (who are neither the one nor the other) are out of consideration. They do not fall in his purview. He has no thought for them. He wants them to continue as beasts of burden for the benefit of his fellow whites. He has not a word of sympathy for the black victims of his white countrymen. He is mum about Memphis and East St. Louis.

But he is mistaken. The European dominance over Asia and Africa is not more than 200 years old and by the grace of God it shall not last for more than a century at the most. And then the day of retribution will come. The future is with the colored people. They are able-bodied, brave and industrious. They do not lack in brains and are eager to learn. They are still virgin. Let them keep away from the vices of civilization. Let them unite and organize.

A VOICE FROM THE ORIENT.

Franklin, Pa.

I wonder why, in your enumeration of Negro military leaders, on page 60 of the June CRISIS, you do not mention the very greatest of them all, Antonio Maceo, the Cuban general? I know he is sometimes spoken of as "part Negro," but, as a matter of fact, I greatly doubt if he had a drop of white blood in his veins. I never saw any sign of it.

I had the honor to command in the Cuban Army of Liberation a corps known as the "Black Rifles." I organized it in the army of General Gomez, at first with a few white men in it, and later eliminated them, and it was entirely composed of Negroes. I commanded that corps under Gomez; for a few weeks under Maceo, again under Gomez, and finally, until the close of the war, under Garcia. In all, we were under fire a hundred and forty-six times in seventeen months, and in a hundred and twenty-six actual fights. Never once during that time did a single soldier of the colored troops prove himself anything other than a good soldier and a brave man.

During the few weeks when we served under General Maceo I came to respect him very highly. Given the opportunity, he would have proved himself a very great

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 15, n. 3, p. 126, Jan. 1918.

⁶⁷⁷ Idem, *ibidem*, p. 126.

A publicação dessa correspondência e sua localização, imediatamente, após uma carta que criticou a postura dos afro-americanos como seres humanos capazes de aceitar as situações de violência e várias outras que rebaixavam a sua condição de cidadãos não nos parece aleatória. Como foi algumas vezes descrito no andamento desse trabalho, a seleção e configuração do espaço reservado às cartas dos leitores obedecem a determinados critérios que contribuem para fomentar o discurso, assim como apresentar posicionamentos a favor e contra certos temas. Essa configuração apresentada na seção reservada às cartas dos leitores, em tal edição, pode ser entendida como uma contra crítica em que elementos contidos na correspondência enviada pelo leitor, “A Friend”, servem para responder à carta anterior. Até mesmo a indicação de que a luta para que os afro-americanos conquistassem um melhor tratamento deveria ser travada nos Estados Unidos parece ser uma indireta para Williams, que escrevia de outro país.⁶⁷⁸

A correspondência apresentou, ainda, duas pequenas críticas. A primeira em relação ao homem religioso do início da correspondência. Diretamente, a questão de ir à luta para conquistar seus direitos se refere à contestação da ação daquele homem que, ao invés de enfrentar os riscos que o ameaçavam se colocaria a rezar para que se livrasse da situação. Segundo o escritor da carta, “esta velha súplica e oração nas mãos de uma multidão assassina não salva você”. O outro questionamento se refere à ideia de que não se deveria acreditar nas histórias propagadas sobre colocar o político certo no cargo. Em sua descrença acerca de tal tópico, no que parece ser uma referência direta ao presidente Woodrow Wilson, já mencionado como um dos que menos fez para promover a causa afro-americana, afirmou que “um homem branco é um homem branco, muito boas promessas são dadas a você até que ele se assegure no cargo, então ele esquece que você existe”.⁶⁷⁹

Outras correspondências publicadas nessa seção, na edição de janeiro de 1918, trazem menções aos desafios que os afro-americanos e pessoas negras ao redor do mundo enfrentavam para conseguir melhorar suas condições. Como pode ser visto, das dez cartas que a compõe, quatro fazem referências à East St. Louis. Apenas citando parte de seus conteúdos, a carta enviada por “A Voice From the Orient” (“Uma Voz do Oriente”), expôs europeus e norte-americanos e sua dominação na Ásia e na África. Sobre o

⁶⁷⁸ Como foi evidenciado mais acima, a NAACP e/ou *The Crisis* e seus associados não eram contra a migração dos afro-americanos para locais em que pudessem conseguir uma vida melhor.

⁶⁷⁹ *THE CRISIS*, New York, v. 15, n. 3, p. 126, Jan. 1918.

distúrbio racial na cidade, declarou que nem uma palavra de simpatia pelas vítimas foi dita. De maneira otimista, afirmou que a dominação europeia não duraria mais nem cem anos e que o dia da retribuição estava por chegar. Mais especificamente, “o futuro está com as pessoas negras. Eles são fisicamente aptos, corajosos e trabalhadores”. Em uma menção que não necessariamente tem relação com a questão trabalhista, suplicou para que os negros conseguissem se unir e se organizar.⁶⁸⁰

Os desafios enfrentados pelos afro-americanos em seu deslocamento para o Norte do país foram enormes. Sua presença, mesmo antes da guerra civil que dividiu o país, foi contestada, mas aturada até que o volume de estrangeiros, imigrantes irlandeses e alemães, principalmente, causasse atritos em importantes cidades da região. Com o fim do conflito, houve uma necessidade em organizar os novos trabalhadores assalariados que se somaram ao mercado de trabalho livre do país. Uniões trabalhistas como a NLU, CNLU, Knights of Labor e a AFL se arriscaram no processo. Umas demonstraram mais ímpeto e vontade em unir brancos e negros à causa trabalhista. Outras sustentaram seu discurso por um relativamente curto espaço de tempo, até que seus interesses se assemelhassem com os de empresários e não mais se preocupassem tanto com a sindicalização de afro-americanos. Questionamentos e atritos se expandiram. Em uma época em que ocorreu um decréscimo no número de trabalhadores negros qualificados e onde as portas estavam fechadas para cursos de capacitação, a forma encontrada para adentrar nas indústrias era como substitutos daqueles que estavam em greves ou paralisações. Com as opções limitadas, tais ações contribuíram para propagar a ideia de que os afro-americanos não tinham consideração pelo trabalho organizado. Por todos os lados, ele era discriminado. Nesse ambiente hostil, é notória a relação entre embates que não ficaram restritos à questão racial. Analisando mais a fundo a situação, torna-se complicado indicar qual o principal elemento a fomentar tumultos violentos em áreas urbanizadas. Certamente, a competição por trabalho é um dos fatores determinantes. Em seu trabalho, a NAACP, *The Crisis*, Du Bois e os leitores foram importantes protagonistas para evidenciar a preocupação com os trabalhadores submetidos as mais diversas situações injustas.

⁶⁸⁰ Idem.

Capítulo 6 - Trabalhadores Negros do Mundo, Uni-vos!

6.1 – Trabalhadores negros do mundo: uma preocupação internacional

O interesse da NAACP e de *The Crisis* em se pronunciar sobre as diversas situações em que os trabalhadores afro-americanos estavam submetidos esteve presente na estruturação de ambas desde o início. A primeira correspondência publicada, vinda de trabalhadores holandeses, demonstrou solidariedade com a causa negra e a primeira correspondência sobre violência contra o negro estadunidense, ocorrida em Coatesville, Pensilvânia, divulgada em setembro de 1911, tinha relação com o acirramento por postos de trabalho na cidade. Contudo, a situação do trabalhador negro em outras áreas do mundo também passou a ser assunto nas páginas da revista conforme se fortalecia com a NAACP.

Notícias sobre greves, opressão e conquistas permearam as páginas da revista durante sua primeira década de atividades. Foram tantas as matérias que algumas poderiam passar sem serem noticiadas de tão triviais que e mesmo assim, foram dignas de serem divulgadas, demonstrando que até os mínimos ganhos para o povo negro, entendido como todo aquele que não era branco, deveriam ser mencionados. E essa forma de exposição incluía tanto aqueles que viviam próximos aos Estados Unidos quanto os extremamente distantes. Notícias de toda a África, Ásia e Oceania chegavam ao conhecimento dos organizadores de *The Crisis* e fortaleciam sua rede de comunicação e divulgação dos problemas que envolviam a exploração capitalista sobre os indivíduos dessas áreas ou em outros locais. Dos povos do Oriente, Índia e China tiveram destaque. Obviamente que grande parte disso estava relacionada ao domínio inglês sobre esses dois países, mas, também, pode-se acrescentar a grande incidência de trabalhadores oriunda dessas localidades nos Estados Unidos e demais países da América.

Sobre os chineses, notícias reais e outras que se intercalavam com a ficção fizeram parte do portfólio que ajudou a explicar sua posição no mundo e no mundo do trabalho. Na edição de setembro de 1913, foi divulgada a notícia de que a na China, durante o ano de 1912, várias sentenças de prisão, de até vinte anos, estavam punindo trabalhadores agrários chineses, conhecidos pejorativamente como “coolies”, por motim e tentativa de assassinar proprietários de terras europeus.⁶⁸¹ A maioria das ocorrências envolvia a falta

⁶⁸¹ *THE CRISIS*, New York, v. 7, n. 1, p. 322, Sept. 1913.

de pagamentos na data correta e o abuso de poder quando os trabalhadores ameaçavam parar suas atividades. Apesar de uma medida ter sido estabelecida para garantir os pagamentos em dia, a retaliação dos trabalhadores agrícolas resultou em prisões.⁶⁸²

Não apenas matérias do tipo estamparam as páginas da revista da NAACP. Cartas procuravam interpretar a visão dos europeus e norte-americanos brancos sobre os povos negros. Uma prévia pôde ser vista no capítulo anterior na correspondência anônima “A Voice From the Orient” (“Uma Voz do Oriente”) que mencionava os acontecimentos em East St. Louis. Contudo, mais especificamente, o autor destacou o verdadeiro interesse de ingleses e norte-americanos, principalmente, sobre chineses e indianos. Segundo o leitor-escritor, os europeus queriam os negros mais pelo seu trabalho, seus campos e até suas mulheres. Quando se tratava de ensiná-los a manusear armas de fogo ou outros treinamentos, a história era diferente. Acerca dos britânicos, informou que seu interesse nos indianos era pelo seu trabalho, dinheiro, mercados e serviços e não como concidadãos. Dentre outros pontos assinalados, destacou que os Estados Unidos tinham como principal propósito tornar o mundo um lugar seguro para a supremacia anglo-saxônica, visando o benefício de seus companheiros brancos.⁶⁸³

Correspondência enviada por escritor de origem oriental também esteve presente na edição de agosto de 1917. Na ocasião, a carta foi publicada na seção reservada ao editor, o que denota uma consideração a mais pelo ato e o total apoio pelo conteúdo da correspondência. A carta que recebeu o título de “A Protest From The Orient” (“Um Protesto do Oriente”) expressou, além de outras coisas, suas percepções sobre os distúrbios raciais que aconteciam pelo país e eram pouco comentados pelos veículos de imprensa.⁶⁸⁴ Conforme as informações expressas no documento, seu autor era um exilado e se desculpou por não ser capaz de fazer algo mais substancial para aliviar a dor dos afro-americanos que padeciam em meio aquela situação.⁶⁸⁵ Como uma maneira de comparar a situação vivida pelas pessoas do seu país de origem com a dos afro-americanos, o leitor-escritor afirmou que os trabalhadores do campo eram, muitas vezes, tratados como os negros nos Estados Unidos. Isso parecia não ter o irritado tanto, pois ele não acreditava

⁶⁸² Idem.

⁶⁸³ *THE CRISIS*, New York, v. 15, n. 3, p. 126, Jan. 1918. O conteúdo completo da correspondência pode ser visto mais à frente nas imagens 35 ou 41.

⁶⁸⁴ A Protest from the Orient. *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 4, p. 163-164, Aug. 1917.

⁶⁸⁵ Idem, p. 164.

em discursos sobre “civilização, na fraternidade universal e no amor pela democracia, que os descendentes de europeus se revestem”.⁶⁸⁶

Imagem 36 e 37 - Carta enviada por um homem asiático expressando sua indignação ao tratamento dispensado aos negros nos Estados Unidos e como as pessoas de seu país também eram tratadas de maneira semelhante.

THE CRISIS

Vol. 14—No. 4 AUGUST, 1917 Whole No. 82

Editorial

THE WORLD LAST MONTH

THIS is the day of graduation. Nearly five hundred of us march from college, followed by fully 2,500 colored high school graduates. How splendid a showing. Their pictures came to us so fast that we have to apologize for omitting those of the professional men and most of the high school students.—The Spingarn camp at Des Moines is in full blast. All honor to the man who proposed it.—The war is on. The nation's life is up-turned. We do our bit in spite of discrimination on all hands.—The “Ear Sinister” is another attempt to bring the Negro problem into the moving pictures. It, of course, leaves something to wish, but it is the finest and fairest yet.—A report on education for Negroes is announced by the U. S. Bureau of Education. With rare forethought the review is sent out before the books are published, which is one way to arrange public opinion.—National prohibition is coming. Let it come.—The United States is attempting to deny Asia to the Asiatics, but it is only attempting. The demands of Japan will yet be recognized and China is not fool enough to regard the United States as her friend with the Chinese exclusion act on her statute books.

A PROTEST FROM THE ORIENT.

IHAVE been deeply affected by the account of the racial riots in the mid-west. During my visit to this country, within the last three years I have seen many evidences of blind race and color prejudice of the worst possible kind, but the present has exceeded all precedents. To think of women and girls maltreating, beating with shoes, dragging and otherwise belaboring their sisters of the colored community, simply because of their color, is something for which even I was not prepared. It has shocked me beyond description. In my country, men in the country have many times been treated as if we belonged to your community, but that never angered me so much, as I have never had much faith in the veneer of civilization and universal brotherhood and love for democracy, which the people of European descent put on. In my humble judgment, the people have yet to learn the meaning of MANLINESS. At present, intoxicated with power, brute force in their eyes stands for manliness. Just think of numbers of men attacking, shooting and burning stray men and women in one's and two's. That is modern chivalry and bravery. Armed men killing unarmed men and women, girls of seventeen and eighteen beating in public the aged members of their own sex. CIVILIZED MEN AND WOMEN burning people alive. I am afraid, being an alien and being here only by courtesy, I cannot raise my voice against these brutalities openly. It has shocked me very much to find that so far, with the exception of the *Evening Post*, the Press has taken no editorial notice of the outrage. Of course the best minds of the country will condemn the wrong, but I wonder if the attitude of the Press would have been the same if the victims had been the whites instead of the colored. Oh for the cursed vandalism! There can be no democracy and no

164 THE CRISIS

peace in the world so long as the color and race prejudice reign supreme as they do now. Yet the colored men of Asia, Africa and America, all, at this moment, engaged in fighting for the allies and the United States in making the world safe for democracy! Oh! the hypocrisy of the whole thing! It burns my very soul. I am sorry my personal means and the fact that I am a forced exile from home, prevent my doing anything substantial to relieve the distress caused to your people by the conduct of your white countrymen, yet even as a stranger I feel that I must be among the first to send you a monetary contribution. Please accept the enclosed check as an expression of my deep sympathy. I am enclosing another check on account of my subscription for the *CRISIS*, and will be glad to know if you accept aliens as members in your organization. Believe me to be one with you in your struggle for your rights as members of the human race.

Sincerely yours,
AN ASIATIC GENTLEMAN.

ROOSEVELT

GREETING, Theodore Roosevelt! Forgotten is Brownsville! Forgotten is the mis-birth of the Progressive Party! We only remember to-day that of all Americans mouthing of Liberty and Justice and a world “free for Democracy” you alone had the courage to stand and condemn the murder and riot in East St. Louis. All honor to you and all shame to that silent man in the White House who wants Home Rule for Ireland, Freedom for Poles, and Justice for Armenians, but has no single word for the 3,000 American citizens lynched North and South, principally by the South which he is crowding more and more “into the Saddle.” You have gained the votes of twelve million Americans, Theodore Roosevelt, by one strong word.

EXTRACT FROM AN OPEN LETTER TO THE PRESIDENT

WHAT you have treated as a special group of Americans — now twelve million strong—have had and still have for this country, in spite of the country's attitude toward them, the love that bears all things, endures all things, even hopes all things. We need not remind you, who are a historian, that there has never been in this country a war, from Revolutionary days until now, in which the American Negro has not served with honor. The historians, at least, know that, even though by their silence they deny it. In this most terrible war of all they are offering their service, those who reason as well as those who follow the crowd. But how whole-hearted, Mr. President, would your service be if this country, instead of giving you the biggest honor it has to give to any man, denied you the right to serve, even in the humblest capacity, as other Americans serve? Perhaps you say you have won that honor; even so, your country gave you the opportunity to win; and that it denies us.

That we are ready to serve our country—for it is ours by every tie that gives a man a country—this country knows, for even in this crisis of its need it has refused the service we have offered. The Red Cross has refused to register colored trained nurses. Until conscription came, the army and navy refused our men. And now that conscription makes it necessary to take some notice of us, here in the nation's capital, we are asked to tear off the corners of our registration cards. The Irish, the German even, is treated as any other citizen. We, alone, are in this, as in everything else, segregated.

Before this war is over we are going to need, at least we dare not disregard the possibility of needing, the whole-hearted, loyal co-operation

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 4, p. 163-164, Aug. 1917.

A revista *The Crisis*, além de ser uma revista crítica, foi espaço para que vários escritores pudessem mostrar os seus trabalhos ligados ao campo literário. Assim como o editor, que também fez valer o seu talento para contar histórias que mesclavam a realidade e a ficção, outros escritores usaram suas páginas para mostrarem seus talentos em

⁶⁸⁶ Ibidem, p. 163.

produções que, embora não exclusivamente, tinham as questões raciais como contexto.⁶⁸⁷ Como expressado por Du Bois, em abril de 1920, *The Crisis* desde seu início se empenhou para promover os talentos de jovens afro-americanos principalmente na literatura e nas artes. Lucian Watkins e Jessie Fauset são alguns dos exemplos que tiveram vários trabalhos publicados ao longo dos anos na revista.⁶⁸⁸ Ainda que, nesse aspecto, a revista tenha se dedicado a promover os talentos de artistas afro-americanos, as oportunidades para todos que tivessem algo a dizer sobre o quão danoso era o preconceito racial também estavam abertas. Um que aproveitou a chance foi o poeta Nicholas Vachel Lindsay que, em novembro de 1914, teve o texto “The Golden-Face People: A Story of the Chinese Conquest of America” (“O Povo de Rosto Dourado: Uma História da Conquista Chinesa da América”). Apesar de Lindsay ter se envolvido mais com as questões africanas e afro-americanas, esse texto representa o crescimento da influência chinesa nos Estados Unidos.⁶⁸⁹

Ainda que o texto tenha tratado de expor o racismo e a violência cometida não apenas contra afro-americanos, mas contra imigrantes, em geral, sendo, muitas vezes, vítimas de ações sem sentido, o que pesou para a sua publicação na revista, ele contém elementos que podem ser interpretados com duplo sentido e que parecem ter potencial para acarretar mais atritos. A maior parte do texto, que em muito se parece com uma ficção científica, passa-se nos Estados Unidos, ainda que não esteja explícito, no ano de 2809, em uma época em que os chineses influenciaram tanto a sociedade do país que passaram a dominá-la. Referências à história norte-americanas são explícitas. Na história, os habitantes estão prestes a comemorar o aniversário de um emancipador descrito como Lin-Kon, em uma clara referência ao ex-presidente Abraham Lincoln, nascido em 1809. Contudo, na história o personagem é retratado como o emancipador do homem branco.⁶⁹⁰ Outras questões como a mestiçagem, pois grande parte dos personagens foram retratados como eurásianos, demonstrando a mistura entre anglo-saxões e asiáticos, bem como termos como linha de cor também podem ser encontrados. O longo texto que, apesar de

⁶⁸⁷ Para saber mais sobre os aspectos literários nas obras de Du Bois, ver: CARLISLE, Anthony Todd. *The Black Press and the Shaping of Protest in African American Literature, 1840-1935*. Dissertation (Doctor of Philosophy). The School of Graduate Studies and Research Department of English. Indiana University of Pennsylvania, 2009.

⁶⁸⁸ DU BOIS, W. E. B. Negro Writers. *THE CRISIS*, v. 19, n. 6, p. 298-299, Apr. 1920.

⁶⁸⁹ LINDSAY, N. V. The Golden-Faced People: A Story of the Chinese Conquest of America. *THE CRISIS*, v. 9, n. 1, p. 36-42, Nov. 1914.

⁶⁹⁰ Idem, p. 37.

ter como personagens principais brancos e chineses, pode ser interpretado, da mesma forma, como uma “previsão” de uma possível guerra racial esperada que colocaria brancos e negros como rivais. Na obra, conflitos envolvendo chineses e brancos são retratados.⁶⁹¹

Anos depois da publicação de “The Golden-Faced People”, Du Bois teceu duros comentários sobre outra obra de Lindsay. A obra foi o poema, de 1915, “The Congo: A Study of Negro Race” (“O Congo: Um Estudo da Raça Negra”) que apesar de tentar valorizar a cultura afro-americana retratou os africanos como selvagens, valendo-se de termos como o canibalismo.⁶⁹² De acordo com Du Bois, em sua crítica, Lindsay conhecia apenas duas coisas sobre o negro que eram o ritmo de sua música e o lado feio de seus bêbados e párias e, partir disso, tentava fazer uma contribuição à literatura negra.⁶⁹³ Apesar de reconhecer que o autor tinha talento sua forma de se expressar poderia ser perigosa.⁶⁹⁴

Outros textos sobre questões raciais envolvendo europeus e países da Ásia e da Oceania podem ser verificados nas edições de novembro de 1915 e dezembro de 1919. No primeiro caso, uma reprodução do jornal *New York Evening Post* recebeu o título de “In Far Fiji: The New Leader Apolosi” (“Na Distante Fiji: O Novo Líder Apolosi”) que contava a ascensão de Apolosi Nawai como uma liderança para seu povo e mesmo após ter fundado um empreendimento destinado a promover os produtores do país foi taxado como radical e nacionalista. Após a criação da Viti Company, Apolosi foi deixado de fora do negócio que passou a ser comandado por brancos.⁶⁹⁵ No segundo texto, o editor William Marion Reedy, escrevendo para o *Reedy's Mirror*, de St. Louis, teve um artigo que descrevia a dominação inglesa na Índia publicado na seção “The Looking Glass”. O texto, que recebeu o título de “Great Britain and India” (“Grã-Bretanha e Índia”) apresentou, entre outras coisas, a forma de tratamento dispensado pelos ingleses para com os súditos indianos e a cumplicidade norte-americana no caso. O autor foi extremamente crítico em relação aos discursos pregados sobre democracia ao mesmo tempo, em que indianos eram deportados dos Estados Unidos por pregarem a liberdade das amarras

⁶⁹¹ Ibidem, p. 41.

⁶⁹² Para saber mais, ver: WARD, John. Chapman. Vachel Lindsay Is “Lying Low”. In: *COLLEGE LITERATURE*, v. 12, n. 3, Fall, 1985, p. 233-245. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25111670>. Acesso em: 02/06/2023.

⁶⁹³ THE CRISIS, New York, v. 12, n. 4, p. 182, Aug. 1916.

⁶⁹⁴ Idem.

⁶⁹⁵ In Far Fiji: The New Leader Apolosi. *THE CRISIS*, New York, v. 11, n. 1, p. 17-18, Nov. 1915.

inglesas. Reedy, para finalizar seu texto, utilizou o argumento de que os deportados estavam fazendo o que os chamados “pais fundadores”, as figuras mais célebres do processo revolucionário norte-americanos, fizeram para libertar o país do domínio estrangeiro.⁶⁹⁶

Textos que retratavam as relações de dominação e a preocupação para com o africano sob o jugo europeu também circularam consideravelmente em *The Crisis*. Novamente a região do Congo, visto como um dos que mais sofreram com a dominação europeia, notadamente belga, no continente recebeu atenção de especialistas e dos leitores. “Blacks and Whites in the Congo” (“Negros e Brancos no Congo”), descreveu mais do que uma relação de dominação de colonizador e colonizado. O relato é uma descrição crua de subjugação do ser humano, desconsiderando todos os elementos que poderiam ser considerados como elementos comuns entre os dois. De autoria de George Hardy, o texto foi escrito para a *International Socialist Review* e apresentou uma forte crítica à exploração desenfreada provocada pelo capitalismo.⁶⁹⁷ O texto é o testemunho de Hardy sobre sua experiência na área, relatando como a empresa Compagnie Belge Maritime du Congo tratava os trabalhadores nativos. Informações como o salário pago aos trabalhadores, cerca de 0,20 centavos por dia, as horas trabalhadas, das 4 horas da manhã até às 10 horas da noite, e o alimento concedido aos carregadores que, nas palavras de Hardy era composto de “ração de arroz e carne salgada tão podres que seriam desprezados por um cachorro faminto” estão presentes em seu relato.⁶⁹⁸ Além das horas extenuantes de trabalho, ganha destaque em sua descrição a violência perpetrada contra os trabalhadores nativos que eram punidos por demonstrarem olhares questionadores ou pegos descansando durante o trabalho.

As atrocidades cometidas no Congo foram questionadas não apenas por leitores como pelas próprias autoridades europeias. Em relatório de 1904, o revolucionário e humanista irlandês Roger Casement, trabalhando para o governo britânico, revelou o tratamento cruel que os belgas dispensavam aos habitantes locais. A divulgação do estudo foi danosa para a imagem da Bélgica, que procurou se redimir enviando uma comissão própria que constatou as irregularidades sob do domínio do rei Leopoldo II.⁶⁹⁹ Em 1908,

⁶⁹⁶ Great Britain and India. *THE CRISIS*, New York, v. 19, n. 2, p. 78, Dec. 1919.

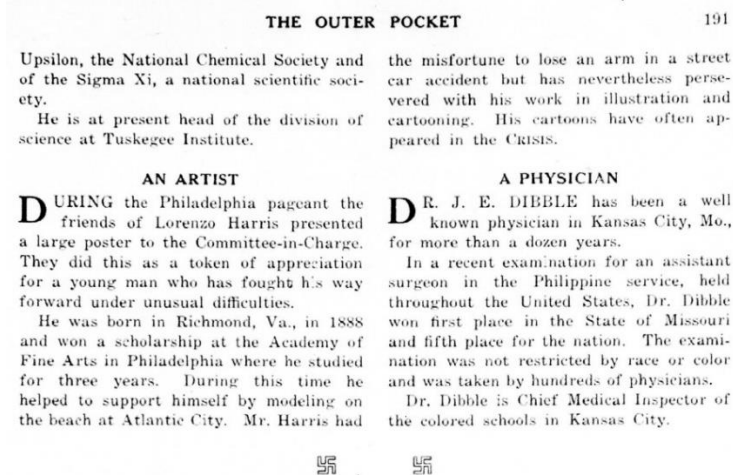
⁶⁹⁷ Blacks and Whites in the Congo. *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 4, p. 177, Feb. 1917.

⁶⁹⁸ Idem.

⁶⁹⁹ Cf. BOLFARINE, M. Roger Casement e o Congo Belga: o trauma do imperialismo na ficção. In: *REVISTA PORTO DAS LETRAS*, v. 6, n. 4, p. 21, 2020. Literaturas em Língua Inglesa: diversidades

o Estado Livre do Congo, nome oficial na época, deixou de ser uma propriedade privada de Leopoldo II e passou a ser do estado belga. Como pode ser visto, mesmo com essa mudança de posicionamento, as violações aos direitos humanos continuaram. Contudo, o reconhecimento pelo esforço de Casement foi reconhecido pelo governo britânico e por leitores, como pode ser verificado na correspondência abaixo.

Imagem 38 - Correspondência enviada de Miami, Flórida, reconhecendo o papel desempenhado por Casement na exposição de maus-tratos contra os negros e solicitando clemência por sua vida.



The Outer Pocket

CASEMENT

SIR ROGER CASEMENT deserves the lasting gratitude of the Negro race for having been the first British official to fearlessly expose the merciless atrocities of the Congo and bring about their cessation. Why not take the initiative among millions of grateful Negroes (some even now on battlefields in Europe defending Belgium) and request the British Ambassador to forward urgent plea for exercise of Royal clemency in favor of the benefactor of our race?

ALONZO P. E. HOLLY,
Miami, Fla.

FROM NEW YORK

WOULD you kindly send me a few copies of the Waco supplement of your current number? I am wounded and horrified beyond expression by the recital of that fiendish atrocity and want to give it the largest publicity I can. If you could send me copies of original photographs or clear proofs of cuts, I should like to send them to French and Italian dailies which, I am sure, would eagerly reproduce them.

Texas has rehabilitated all war atrocities.
ARTURO GIOVANNITTI.

FROM SELMA, ALABAMA

MY brother was shot twice, one bullet taking effect in his arm and the other in the back of his head, and I think they say that it either came through his forehead, or lodged somewhere in his jaw, as he tried to dodge. He lived only two hours after and could not utter a word after he was hurt. The physicians were not in the least hopeful and told uncle that there was only one chance in a thousand for him to live, but that they would do what they could. He died while they were operating.

The white man who shot him had come from Marion, a place just about thirty miles from Selma. My brother was to deliver a package to him at the station. There is a law here that porters must not go on trains to deliver packages, they must not cross a certain line, but customers when leaving must go to the porters and call for their packages. But this one demanded that my brother should come on the train and hand him his package. My brother told him that he would not do so, as it was against the law. They continued to argue until it was nearly time for the train to go. Then he got off and wanted to get the package and not sign for it. My brother would not do

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 4, p. 191, Aug. 1916.

essenciais.

Disponível

em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/10067/17636>. Acesso em:

03/06/2023. Ver também: The 1916 Rising: Personalities & Perspectives. Roger Casement. Internet

Archive Wayback Machine. 2008. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20080228100752/http://www.nli.ie/1916/pdf/5.pdf>.

Na carta enviada por Alonzo P. B. Holly, o leitor-escritor agradeceu o papel de Casement como o primeiro oficial britânico a expor as crueldades realizadas no Congo. Holly conclamou os negros a demonstrarem agradecimento solicitando ao embaixador britânico que encaminhasse um apelo pelo perdão de sua vida.⁷⁰⁰ Na época, Casement estava sendo julgado por traição por promover a independência da Irlanda. Se o apelo foi enviado, não sabemos, mas Casement foi executado, ainda, em agosto de 1916.

Diversas outras matérias podem ser indicadas sobre a exploração dos trabalhadores africanos e a exposição de seus casos. Exemplos estão nos textos “The Restless South African” (“O Inquieto Sul-Africano”) presente na edição de março de 1919, “Europe in Africa” (“Europa na África”) de dezembro de 1919 e “Nationalism and Egypt” (“Nacionalismo e Egito”) do número de abril de 1920.⁷⁰¹ A discussão, como pode ser vista, teria a capacidade para se estender por muitas páginas ainda. Porém, consideramos importantes apresentar as considerações de um leitor-escritor de Cabo Verde. A carta de P. E. Pereira, intitulada “The Afro-Portuguese” (“O Afro-Português”) tem em sua frase inicial a afirmação de que ele estava preocupado, interessado e unido em espírito com a causa defendida pela NAACP.⁷⁰² Dentre outras características descritas de sua sociedade, Pereira expressou que as pessoas de Cabo Verde ficariam chocadas e escandalizadas caso precisassem pisar em terras norte-americanas onde existia a divisão racial, leis Jim Crow e linchamentos. Apesar de a situação poder ser considerada menos agressiva em seu país de origem, os caboverdianos tinham noção da situação que as pessoas negras enfrentavam nos Estados Unidos e reconheciam que a luta da NAACP, *The Crisis*, Du Bois e todos aqueles envolvidos com a justiça também era a sua luta.⁷⁰³

⁷⁰⁰ *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 4, p. 191, Aug. 1916.

⁷⁰¹ Cf. The Restless South African. *THE CRISIS*, New York, v. 17, n. 5, p. 238-239, Mar. 1919; Europe in Africa. *THE CRISIS*, New York, v. 19, n. 2, p. 74-75, Dec. 1919 e Nationalism and Egypt. *THE CRISIS*, New York, v. 19, n. 6, p. 310-316, Apr. 1920.

⁷⁰² PEREIRA, P. E. The Afro-Portuguese. *THE CRISIS*, New York, v. 16, n. 1, p. 13, May 1918.

⁷⁰³ Idem.

Imagem 39 - Carta enviada por um leitor-escritor de Cabo Verde reconhecendo que a luta da NAACP e de *The Crisis* também era a sua luta.

THE AFRO-PORTUGUESE



By P. E. PEREIRA



I AM a colored man from the Cape Verde Islands (Afro-Portuguese, you would say) and certainly am concerned, interested and united in spirit with the cause for which the N. A. A. C. P. defends and stands.

In the Cape Verde Islands (I suppose you have met some of the fellows from there) we are made up of three races, the African, the Brazilian and the Caucasian (Portuguese). Either of these three bloods may run in our veins to a greater or lesser extent in a variety of cases, because the first distribution of the first colons was not evenly made; but a study of the pedigree will find the three stuff there surely. The first black contingent, some of them, were under bond of slavery, but they, notwithstanding, got mixed up with the other two races, or rather the Brazilians and the whites got mixed up with the Negroes. The mixture with the Indian mulatto (Brazilian) and the whites increased much after the emancipation. One thing peculiar was that some islands were first colonized with a greater number of whites, some with a greater number of blacks, and yet some with a greater number of mulattoes. So true is this that if you meet the average man from the Island of Brava and the average man from the Island of Sam Thiago, you would soon notice these extremes. The mixing up of the trio race is uneven up to this day. One thing we never heard of until we landed in America is the color line. If ever there was a racial prejudice in our islands, it was between the free people (black, white or Brazilian) and the slaves or their offspring. In some instances the free people (some black among these) objected to intermarriage with the slaves and their progeny, but this at no time ever developed to such a thing as racial or color line, because, as you see, it was not a matter of color or race, but simply a civic status, if I may call it this way. In every country and in ours there has always been a distinction between the rich and the poor, the educated and the uneducated; and as a rule these classes do not associate together. If you happen to be colored in my country and you have education and wealth, you

will associate with the higher class of the same standing, say the whites, and no one would dream of your complexion and much less mention it. It would cause an earthquake!

From the foregoing explanation you can imagine how shocked, how scandalized a man from my country would feel when he first sets his feet on your land and learns of the color lines, of Jim Crow Law, of lynching and racial hatred. You can just imagine. One thing is sure, when we are come, we cast our lot with American colored people, and make up our minds, there and then, to shoulder the cross of our adventures.

It may be true that the majority of us are not able to take part intellectually in the race fight, because, having grown under an autocratic and poor government (old Portuguese Kingdom) we were not blessed with the advantages of an education. And those of us who had any education received it in the Portuguese language and even if by personal application we have learned and understand a little English, it may not be enough to enable us to express our views intelligibly and forcibly to be of any help to you. It may be true also that being brought up under a Latin government, speaking the language of a Latin nation and imbued with the traditions of a Latin race—we Cape Verdians must be of a different bent of mind and different not only in our domestic habits but, perhaps, in many other respects from the average American Negro, whose feeling has been hurt by a dint of injustice; whose attitude is one of constant defense, because of persistent, unjust prosecution. These differences, however, do not prevent us from learning quickly what is the real situation, the situation that is facing us on account of our dark skin in America. In you we recognize our dark brothers. Your fight is legitimately our fight. We must stand by you shoulder to shoulder; and, if you have the patience to guide us, you knowing the way better, we will march every inch of the ground with you, and mark well, **YOU WILL FIND US THERE.**

6.2 – O trabalhador negro nas Américas

Se a NAACP, seus associados e departamentos demonstravam interesse pelo que acontecia às pessoas negras para muito além das fronteiras dos Estados Unidos, não era de se admirar que em suas pautas e nas páginas de sua revista, as diversas situações que circundavam os negros no continente americano tivessem atenção e destaque. E essa atenção e, muitas vezes, preocupação, não se dava apenas em apresentar relatos de ocorrências em países com forte presença negra, como o Brasil ou o Haiti, mas, também, em outros territórios em que a existência do elemento negro, como se está acostumada a entender, era relativamente baixa.

A exposição de matérias tendo como principal elemento o negro no mercado de trabalho dos países do continente americano, América Latina, para ser mais específico, nos primeiros anos da revista *The Crisis* foi relativamente baixa. Muitas das matérias estavam concentradas nas possibilidades de negócios disponíveis para os afro-americanos dispostos a se arriscarem em direção ao sul da fronteira com o México. Um exemplo disso, pode ser visto no quinto número da revista que anunciou, ainda com uma aparente incerteza, a tentativa de ricos afro-americanos das cidades de Denver e de Pueblo, que apesar do nome também se encontra no estado de Colorado, de colonizar terras no México. O empreendimento denominado Southern Land Development Company teria adquirido terras ao longo do Rio Champotón, descrito na matéria como Champton, no estado de Campeche e divido a área em pequenos lotes agrícolas.⁷⁰⁴ Algumas edições mais à frente, pode-se ter uma noção mais detalhada do negócio que estava sendo implementado pelos afro-americanos das duas cidades, através de uma propaganda que apareceu nas páginas da revista em outubro de 1911. Na grande peça de publicidade, informações como o valor do empreendimento, descrito como de 2.500.000 de dólares, a área incorporada de 167.402 acres e o valor por acre, de 10 dólares, anunciavam a oportunidade de investimentos e lucros.⁷⁰⁵ Outros dados, como os produtos que eram cultivados na localidade tais como laranja, milho, algodão e, talvez, o mais lucrativo deles, o henequén, planta da mesma família do sisal, apontado com estimativa de lucro de 70 a 80 dólares por acre também podem ser constatados. Interessante observar que na propaganda, além das informações do clima propício para o cultivo dos produtos, consta

⁷⁰⁴ *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 5, p. 9, Mar. 1911.

⁷⁰⁵ *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 6, p. 259, Out. 1911.

o dado de que era possível encontrar mão-de-obra barata, mesclando-se com a possibilidade do afro-americano se tornar rico e adquirir independência.⁷⁰⁶

Reportagens sobre oportunidades de crescimento em localidades em que a população negra era mais elevada também estiveram nas páginas da revista e evidenciaram uma espécie de missão a ser realizada pelo negro norte-americano nos países latinos. Reproduzindo um artigo publicado no *Commercial*, da cidade de Nova Iorque, foi apresentado como os afro-americanos poderiam se beneficiar das oportunidades existentes principalmente nas ilhas caribenhas. O texto, que recebeu o nome de “For Pioneers” (“Para Pioneiros”), foi escrito por H. E. Aughinbaugh e compilado na revista da NAACP. Conforme o longo relato de Aughinbaugh, a maior parte dos negros que viviam em locais como Martinica, Jamaica e Barbados era de sangue puro ou parcialmente. Além disso, eram inteligentes, corteses, hospitaleiros e comerciantes responsáveis.⁷⁰⁷ Dentre os diversos elementos descritos pelo autor, ele acreditava existir menos preconceito social e comercial em relação aos negros nas ilhas caribenhas e na América Latina do que em qualquer outro lugar em que já esteve chegando a afirmar que praticamente não existia a chamada “linha de cor”.⁷⁰⁸

Aughinbaugh expôs suas percepções de que o negro americano com educação universitária e familiarizado com o espanhol teria grandes chances de fazer negócios em muitos locais da América Latina. Na matéria, foi aconselhado que o Haiti, apesar da língua francesa, era um dos melhores locais para a ascensão do afro-americano. Contudo, o que chama a atenção em suas “dicas” e que não parece ter sido questionada pelos membros de *The Crisis*, é a sua visão de progresso que os negros dos Estados Unidos levariam para a região. Mais especificamente, “um negro americano não apenas teria a oportunidade de desfrutar de prosperidade comercial ou profissional, mas também atuaria como um centro de infecção para os ideais americanos”. O relato ainda seguiu com a afirmação de que “de muitas outras maneiras óbvias, aumentaria o prestígio americano entre seus vizinhos e, ao mesmo tempo, elevaria seus padrões de vida”.⁷⁰⁹

⁷⁰⁶ Idem.

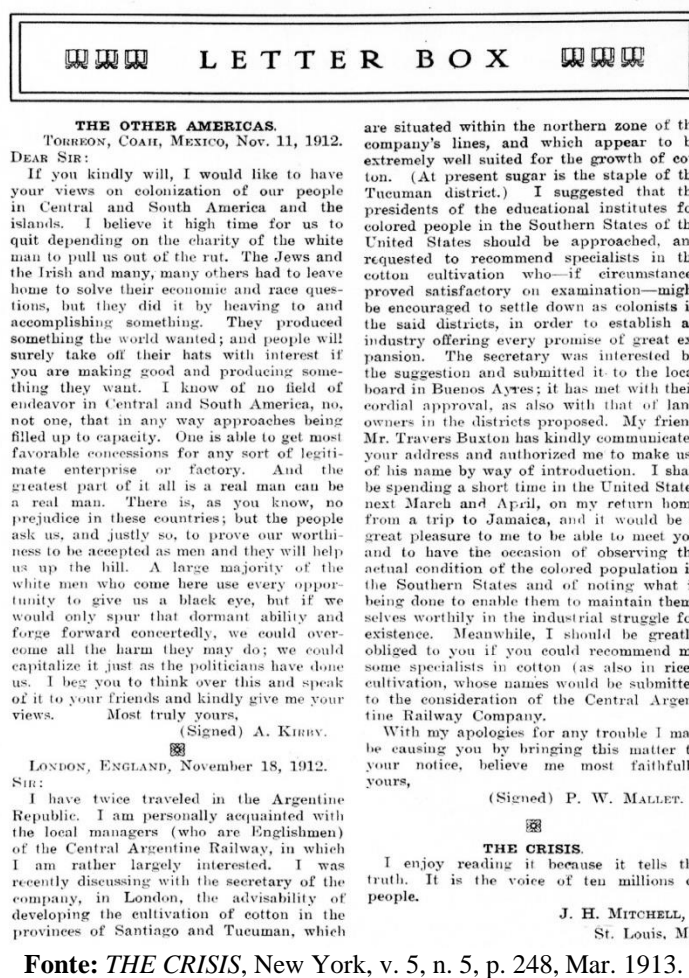
⁷⁰⁷ For Pioneers. *THE CRISIS*, New York, v. 18, n. 3, p. 148, Jul. 1919.

⁷⁰⁸ Idem.

⁷⁰⁹ Ibidem. Vale destacar que as edições da revista do mês de julho eram dedicadas às realizações educacionais dos jovens afro-americanos deixando claro que a seleção, publicação e a denominação do artigo tinham o propósito de fomentar a migração intelectual dos negros para além das fronteiras dos Estados Unidos.

Pode ser visto nessa passagem, após mais de dez anos de existência da NAACP, uma confluência de pensamento de que o afro-americano se mostrava como o mais capacitado a expandir um ideal de progresso para os demais indivíduos negros do continente. Contudo, como será visto mais adiante, esse pensamento não pareceu estar em acordo no que se refere às formas de atuação direta dos Estados Unidos em diversos dos países da América. Durante o percurso da primeira década de existência de *The Crisis*, as críticas às ações do governo norte-americano se fizeram mais presentes, revelando que, nesse aspecto, tal missão deveria ficar a cargo dos afro-americanos e de pessoas que realmente entendiam as suas necessidades e a dos negros como um todo.⁷¹⁰ Um pouco da forma como os outros habitantes do continente se entendiam pode ser vista na carta abaixo.

Imagem 40 - Carta enviada para o editor solicitando sua opinião sobre o processo de colonização afro-americana entre os países da América Central e do Sul.



⁷¹⁰ Outros relatos de empreendimentos de afro-americanos em países da América Latina podem ser vistos em *THE CRISIS*, v. 16, n. 4, p. 189, Aug. 1918 e *THE CRISIS*, New York, v. 20, n. 1, p. 49, May 1920.

A correspondência enviada de Torreón, estado mexicano de Coahuila, procurou, além de questionar o editor sobre o que ele achava do processo de colonização da parte central, sul e das ilhas do continente, fomentar um processo de empreendimento mútuo visando obter mais independência para os negros americanos. A carta, assinada por A. Kirby, apresentou em suas primeiras linhas sua indignação quanto à necessidade de sempre solicitar auxílio do homem branco para resolver os problemas que assolavam o continente.⁷¹¹ Citando a trajetória de judeus e irlandeses no que parece ser uma opinião agressiva e radical, Kirby afirmou que esses povos tiveram que sair de seus locais de origem para resolver suas questões econômicas e raciais. De acordo com seu entendimento, aqueles povos produziram algo que o mundo necessitava e isso teria feito com que uma maior autonomia fosse conquistada por eles. Visando algo semelhante em terras da América Latina, o escritor expressou que não conhecia nenhuma área de empreendimento que estivesse nem próxima de estar saturada e que seria muito fácil conseguir concessões para fábricas legítimas.⁷¹² Em uma explanação que se tornou recorrente para os que não viviam na parte do continente que falava as línguas derivadas do latim afirmou que em tais países não havia a ocorrência do preconceito racial. Contudo, as pessoas que viviam em tais locais demandavam que os de fora mostrassem o seu valor e, assim que o tivessem comprovado, eles mesmos os auxiliariam para o crescimento de ambos. Novamente, Kirby criticou a ação predatória da maioria dos homens brancos que sempre procuravam tirar vantagem dos povos menos favorecidos.⁷¹³

O relato de Kirby revela que o mesmo estava disposto a fomentar uma espécie de projeto migratório para áreas do continente americano onde ele considerava a inexistência do preconceito racial. Utilizando os exemplos de judeus e irlandeses que teriam saído de seus locais de origem para ascender econômica e racialmente, a jornada para o sul do Rio Grande seria uma das melhores opções para o afro-americano se ver livre da opressão que existia sobre o grupo. Como uma forma de justificar o empreendimento, informações como a facilidade em se conseguir concessões para a implantação de empresas, as amplas oportunidades de bens que poderiam ser produzidos e a conquista da confiança dos povos que já habitavam a área tornariam o projeto plausível. Outro elemento que ele utilizou para justificar o plano estava em uma capacidade adormecida do afro-americano de

⁷¹¹ The Other Americans. *THE CRISIS*, New York, v. 5, n. 5, p. 248, Mar. 1913.

⁷¹² *Idem*.

⁷¹³ *Ibidem*.

superar todas as adversidades que os brancos poderiam lhes causar. Interessante observar que ele fez questão de citar que essa capacidade, não manifestada pelo negro, teria sido capitalizada e utilizada, em outros tempos, por políticos na condução das vidas dos afro-americanos. Tal afirmação demonstra, mais uma vez, o desejo de se tornar mais independente e autossuficiente, fazendo com que o grupo deixasse de ser usado como objeto de interesses de outrem. Kirby finalizou sua carta solicitando a opinião do editor e de seus associados sobre o que eles pensavam do empreendimento a ser realizado em terras latino-americanas.

Apesar de não terem sido encontradas menções que indiquem uma resposta direta para as indagações de Kirby, a mera publicação da correspondência e das outras que a seguiram, como brevemente apresentado mais acima, deixam transparecer que a NAACP e *The Crisis* não pareciam fazer frente as tentativas de expansão de afro-americanos e de empreendimentos de negros dos Estados Unidos nos países vizinhos. Por diversas vezes, a revista não apenas se esforçou para fazer com que os afro-americanos conseguissem melhores condições de existência no país. A publicação contou com diversas páginas que propagandearam uma imagem com a qual o negro estadunidense não sonharia nem em seus melhores sonhos.

De modo geral, as notícias divulgadas pela revista, em sua primeira década de existência, mostravam uma América Latina nos moldes como ela ficaria associada durante muito tempo. Essa imagem estava relacionada a um local em que as pessoas não eram tão significativamente taxadas por sua cor de pele e as possibilidades de ascensão social se dava de uma maneira mais fácil do que a presenciada nos Estados Unidos. Ainda em março de 1911, um artigo com o título bastante sugestivo evidenciou a categoria de concepção a ser divulgada sobre as outras nacionalidades do continente. O texto “The Land of ‘Social Equality’” (“A Terra da ‘Igualdade Social’”) apresentou o relato de um ex-diplomata e representante da, até então, Pan-American Union e suas impressões sobre os países latino-americanos. No comentário que introduziu o texto, o crítico da revista *The Crisis* mencionou que aqueles norte-americanos que propagavam ideias de que uma degradação moral, econômica, política e religiosa se seguiria com o estabelecimento da igualdade social pregada por indivíduos e organizações como a NAACP, talvez

encontrariam esses elementos na América do Sul. Contudo, o dirigente da Pan-American Union, em sua entrevista para um sindicato de imprensa, não as encontrou.⁷¹⁴

Em um relato de certa forma bastante impactante, o dirigente, John Barrett, afirmou que existia uma impressão equivocada entre os norte-americanos de que os países da América Latina estavam atrasados quanto à civilização. Para ele, em determinados aspectos, os principais países da região e algumas parcelas de outros menos expressivos tinham pontos de maior desenvolvimento e progresso do que os encontrados nos Estados Unidos. Como exemplo, ele citou a questão da administração municipal que em cidades como Buenos Aires, Rio de Janeiro e Havana superavam em muito as de algumas cidades do país. De acordo com Barrett, a corrupção existente nas cidades sul-americanas era bem menor que as dos Estados Unidos, sendo mais fácil administrar uma cidade como Buenos Aires do que San Francisco com metade do tamanho.⁷¹⁵ Com relação à questão racial, o dirigente afirmou que nos países da região, a população, ricos ou pobres, não estava desenvolvendo o que ele denominou de suicídio racial com a indicação de que as famílias no Brasil, Argentina e Chile tinham uma média de filhos de dois a três vezes a de famílias norte-americanas. Barrett, tentou indicar que a causa estava na religião adotada na América do Sul e sem seus ensinamentos ou, no que pode ser visto como uma concepção equivocada, para não dizer outra coisa, devido a uma psicologia racial.⁷¹⁶

As afirmações de Barrett, que já contava com longos anos de diplomacia servindo como ministro em países como Argentina, Panamá e Colômbia, podem ser vistas como, no mínimo, surpreendentes por criticar a administração e a corrupção de importantes centros urbanos estadunidenses. Em um período em que as concepções de civilização ficavam basicamente restritas à América do Norte e a parte mais Ocidental da Europa, Barrett se mostrou mais preocupado em realizar um trabalho que contribuísse para o bom relacionamento entre os Estados Unidos e os países latino-americanos. Estamos cientes que tal atitude também fazia parte do jogo diplomático com a abertura de opções para futuros empreendimentos comerciais de ambos os lados, mas a menção de que as famílias de importantes países do continente não estavam empenhados em um suicídio racial merece ser considerado.

⁷¹⁴ The Land of "Social Equality". *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 5, p. 14, Mar. 1911.

⁷¹⁵ *Idem.*

⁷¹⁶ *Ibidem.*

Em outra matéria, *The Crisis* publicou um longo trecho de uma entrevista da escritora e sufragista canadense Hilda M. Ridley⁷¹⁷ para o jornal londrino *The African World*. O artigo apareceu no jornal de Londres com o nome de “Is the Negro Coming?” (“O Negro Está Vindo?”) e apresentou as visões de Ridley sobre como ela via o relacionamento entre os Estados Unidos e os países da América Latina. No longo relato, a escritora afirmou, dentre outras coisas, a crescente intenção dos norte-americanos de estreitarem relações com seus vizinhos. Contudo, o Pan-Americanismo idealizado estava mais centrado em questões comerciais e econômicas do que em qualquer outra coisa.⁷¹⁸ A escritora também assinalou o receio dos povos sul-americanos em confiar nas intenções estadunidenses para com eles, revelando, assim, que os habitantes desses países tinham ciência do tratamento dispensado aos negros e dos demais grupos humanos não considerados brancos.

Ainda que existissem diversos entraves para fortes laços de amizade, os relacionados a questão racial era o que mais se destacavam. De acordo com Ridley, os latinos americanos não viam na questão da branquitude um elemento que tornava o norte-americano superior a eles. Porém, qualquer elemento de sangue negro era suficiente para serem socialmente banidos e colocado no mesmo nível do afro-americano que era linchado, segregado e privado de direitos.⁷¹⁹ Um exemplo teria sido citado pela autora de que marinheiros brasileiros em visita aos Estados Unidos não teriam recebido o mesmo tratamento que os oficiais brancos em um restaurante. Outro exemplo foi o de latino-americanos cultos separados de seus companheiros brancos quando utilizavam os bondes de uma cidade.

Da mesma forma como expressado por Barrett, anteriormente citado, a escritora pontuou que os latino-americanos tinham orgulho de sua configuração e aqueles mais cultos se voltavam mais para a França, Alemanha e Inglaterra do que propriamente para os vizinhos da América do Norte. No trecho mais provocativo do documento, a escritora teria afirmado que no que se tratava à literatura, artes e música, os latino-americanos não apenas reivindicavam superioridade como, em relação à literatura, negavam que os Estados Unidos tivessem qualquer expressão digna do nome. Outro elemento que também

⁷¹⁷ Para saber mais, ver: WRIGHT, Daryn; HUENEMANN, Karyn. Hilda Ridley (1881-1960). CWRC. Canada's Early Women Writers. 2018. Disponível em: <https://cwrc.ca/islandora/object/ceww%3A0da4ff7b-3891-42d7-8497-a47937536bcc>.

⁷¹⁸ *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 3, p. 133, July 1917.

⁷¹⁹ Idem.

representou a falta de civilidade dos norte-americanos estava em sua incapacidade de punir legalmente os infratores, praticamente os entregando à ação de linchadores.⁷²⁰

Como pode ser constatado, o entendimento de Ridley sobre o posicionamento dos latino-americanos em sua relação com os Estados Unidos refletia uma concepção de igualdade em termos culturais e raciais, com alguns elementos vistos como mais bem estruturados e avançados do que o do país mais ao norte. Embora a questão econômica representasse uma das maiores diferenças entre os Estados Unidos e o restante dos países da América e a escritora procurou ser sucinta no assunto afirmando que as dificuldades internas desses países eram causadas pela ganância de investidores norte-americanos e europeus, os habitantes dos territórios de latino-americanos não se viam como inferiores. A publicação desses relatos na revista *The Crisis* demonstra que seus organizadores estavam muito atentos as essas questões e imbuídos em um programa de expansão de alianças entre os demais habitantes não brancos do continente.

No que se trata a descrever questões de países específicos, muitos dos relatos em *The Crisis* pareciam levar em conta a longa história de relacionamento que o governo norte-americano adotou para com os mesmos durante anos. Sendo mais específico, quando a relação entre os Estados Unidos foi de harmonia, ou aparente harmonia, as matérias seguiam tal lógica. Quando o relacionamento entre os países era conflituoso, as notas nas páginas da revista evidenciavam essa questão. Porém, o mais interessante é que a revista da NAACP não se mostrava tanto ao lado do governo norte-americano, mas sim dos demais países do continente. As matérias sobre Cuba, por exemplo, estavam muito relacionadas às intervenções militares no país caribenho. Algumas poucas exceções podem ser vistas em edições como a de setembro de 1911, em que protestos contra a contratação de jogadores profissionais de beisebol descendentes de espanhóis despertou a ira de torcedores dos Reds por pensarem que os jogadores eram cubanos.⁷²¹ Interessante observar que a nota descreveu os cubanos como não sendo negros e que apesar de serem bem recebidos em qualquer lugar do mundo, parecia existir um sentimento contra eles em determinados setores.⁷²²

⁷²⁰ Ibidem.

⁷²¹ *THE CRISIS*, New York, v. 2, n. 5, p. 187, Sept. 1911.

⁷²² Idem. Outra matéria envolvendo a liga principal de beisebol apareceu na edição de abril de 1917. Na ocasião, o arremessador afro-americano John Donaldson tinha recusado uma oferta de 10.000 dólares para se passar, justamente, por um cubano. Cf. *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 6, p. 301, Apr. 1917.

Ainda sobre Cuba, a maioria das reportagens divulgaram questões de caráter militar. As principais delas estavam relacionadas com a rápida rebelião ocorrida em 1912, que tinha a finalidade de estabelecer melhores condições de vida e trabalho para os habitantes da ilha, principalmente negros, que trabalhavam nas indústrias açucareiras do país. A rebelião conduzida pelo Partido Independente de Color precisou enfrentar, além dos militares cubanos, uma força militar dos Estados Unidos enviada para proteger diversos empreendimentos de cidadãos estadunidenses. A divulgação das notícias sobre esse conflito apresentou certo pesar por envolver afro-cubanos que estavam procurando melhorar suas condições de existência. Alguns exemplos de divulgação podem ser constatados na edição de julho de 1912 de *The Crisis* que reproduziu uma matéria do *New York Evening Mail*. A nota, em *The Crisis*, que recebeu o título de “The Saddest of Rebellions” (“A Mais Triste das Rebeliões”) iniciou com a afirmação de que o *Evening Mail* sempre defendeu a justiça para os negros e via aquela rebelião como a mais triste que se tinha notícia.⁷²³ Após um relato sobre o processo de independência de Cuba, que contou com indivíduos brancos e negros, fazendo questão de destacar que o principal líder do processo foi o negro Antonio Maceo, morto em 1896, informou que aos poucos os negros foram deixados de lado nos cargos do governo e sendo substituídos, até mesmo, por combatentes inimigos apenas pelo fato de serem brancos. O *Evening Mail* deixou evidente que não podia apoiar a rebelião, pois ela estava destruindo propriedades norte-americanas, mas expressou haver um traço de tristeza naquele caso. O pesar do escritor do relato pode ser evidenciado por meio das palavras de que os envolvidos no conflito pertenciam “a uma raça corajosa, que sempre soube morrer. E por aqueles que caem antes que sua pobre revolução seja suprimida, podemos deixar cair a lágrima que já caiu sobre o túmulo daquele que preferiu a morte à degradação”.⁷²⁴ Outras matérias que envolvem o tema podem ser encontradas nas edições de agosto de 1912 e outubro de 1912.⁷²⁵

Em carta enviada de Franklin, Pensilvânia, o leitor-escritor Guillermo Mac Fergus se disse surpreso pelo nome de Antonio Maceo não ter sido incluído na lista de principais líderes militares negros da história que apareceu na edição de junho de 1917. Na época, a NAACP e *The Crisis* estavam batalhando para que um campo de oficiais negros fosse

⁷²³ The Saddest of Rebellions. *THE CRISIS*, New York, v. 4, n. 3, p. 124, July 1912.

⁷²⁴ *Idem*.

⁷²⁵ Americans and Cubans. *THE CRISIS*, New York, v. 4, n. 4, p. 175-176, Aug. 1912 e The Cuban Revolution. *THE CRISIS*, New York, v. 4, n. 6, p. 301-302, Oct. 1912. Para saber das impressões de um jornal cubano sobre linchamentos em Kentucky, ver: *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 2, p. 87, Dec. 1916.

implementado para colocar militares negros em posições de liderança. Dentre os militares citados na ocasião, estavam Toussaint L'Ouverture, expoente da Revolução Haitiana (1791-1804) e Charles Young, na época o afro-americano de maior patente com o posto de Tenente-Coronel.⁷²⁶

Em sua explanação, Fergus destacou que serviu com Maceo na guerra que resultou na independência de Cuba e que ele era o maior militar de todos.⁷²⁷ O escritor ainda afirmou que comandou um corpo de soldados negros conhecido como Black Rifles (Fuzileiros Negros) e que durante o seu tempo de serviço foram atacados 146 vezes em sete meses. Fergus acrescentou que, em todas às vezes, nem um único soldado negro deixou de cumprir as suas funções com coragem.⁷²⁸ Outros pontos comentados estavam na explicação que Maceo deu a alguns soldados que pareciam desmotivados sobre o que ganhariam com todo o esforço que estava sendo realizado, o que teria respondido que as crianças do país teriam um futuro melhor e a informação de que Fergus ainda esperava participar do conflito que se desenrolava na Europa comandando soldados negros.⁷²⁹

⁷²⁶ Officers. *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 2, p. 60-61, June 1917.

⁷²⁷ *THE CRISIS*, New York, v. 15, n. 3, p. 126, June 1918.

⁷²⁸ *Idem*.

⁷²⁹ *Ibidem*, p. 127.

Imagem 41 e 42 - Carta enviada por um veterano da guerra de Independência de Cuba elogiando a coragem do general cubano Antonio Maceo e a ausência de seu nome na lista de maiores militares negros. da história.

126

THE CRISIS

that they were helpless to cope with the mob and were disarmed by young girls and women—some class for the uniform, wonder what cousin Bill (The Kaiser) would say to see that in print, and the glorious American Army coming over to fight him. The State of Illinois has colored militia, the Federal Government has colored regiments, but it would be a shame to send one of these regiments to quell a race riot, the girls and women wouldn't be so successful and only a third of the number sent to East St. Louis would be necessary to quell any race riot that starts in America.

The bravery of the white man is only shown where he is in the majority, then he is a lion; and to hear him boast would make one think when angered he would move mountains, but if he sees death staring him in the face he is as meek as a lamb. During my many years of service in the Army I have had the pleasure of witnessing a great deal of the white man's bravery on the battlefield. But the answer to where can the black man get just treatment is right here in the United States, but you have got to fight for it like the red man and other men that have a right to live. This old pleading and praying at the hands of a murderous mob don't save you, and the talk of getting the right man in office has got to be a fish tale, a white man is a white man, many good promises are given you until he has secured the office then he forgets you exist.

A FRIEND.

The Europeans want the black people, all right. They are eager for their labor, for their fields, even for their women, but they do not want them to learn the use of firearms and be trained as soldiers. The British want the Hindus, their labor, their money, their markets, their services, but not as fellow citizens. The Americans and the Europeans are now after the Chinese, though international jealousies and the political position of Japan have made it impossible for them to grab China and treat it altogether as their property.

America has gone to war to crush Germany, to make the world safe for Anglo-Saxon supremacy. The great humanitarian who rules at the White House and gives long sermons on the rights of small nationalities, on the blessings of democracy, and on abstract notions of right and justice al-

ways excludes the African and the Asiatic from his calculation. The nations of Europe, the peoples of Europe and America, the organized nations of the world, are the objects of his love and solicitude. The blacks, the yellows and the Hindus (who are neither the one nor the other) are out of consideration. They do not fall in his purview. He has no thought for them. He wants them to continue as beasts of burden for the benefit of his fellow whites. He has not a word of sympathy for the black victims of his white countrymen. He is mum about Memphis and East St. Louis.

But he is mistaken. The European dominance over Asia and Africa is not more than 200 years old and by the grace of God it shall not last for more than a century at the most. And then the day of retribution will come. The future is with the colored people. They are able-bodied, brave and industrious. They do not lack in brains and are eager to learn. They are still virgin. Let them keep away from the vices of civilization. Let them unite and organize.

A VOICE FROM THE ORIENT.

Franklin, Pa.

I wonder why, in your enumeration of Negro military leaders, on page 60 of the June Crisis, you do not mention the very greatest of them all, Antonio Maceo, the Cuban general? I know he is sometimes spoken of as "part Negro," but, as a matter of fact, I greatly doubt if he had a drop of white blood in his veins. I never saw any sign of it.

I had the honor to command in the Cuban Army of Liberation a corps known as the "Black Rifles." I organized it in the army of General Gomez, at first with a few white men in it, and later eliminated them, and it was entirely composed of Negroes. I commanded that corps under Gomez; for a few weeks under Maceo, again under Gomez, and finally, until the close of the war, under Garcia. In all, we were under fire a hundred and forty-six times in seventeen months, and in a hundred and twenty-six actual fights. Never once during that time did a single soldier of the colored troops prove himself anything other than a good soldier and a brave man.

During the few weeks when we served under General Maceo I came to respect him very highly. Given the opportunity, he would have proved himself a very great

THE OUTER POCKET

127

man, not only as a soldier but as a statesman. I shall never forget a remark he made one night when some of his officers were raising the question, "What will we get out of it?" He was sitting by the fire listening to them and suddenly he lifted himself and said: "I'll tell you what we shall get out of it. We shall get a country where little children will laugh as they play around the cabin door and sing as they toddle on their way to school."

It was less than a week after that when he was killed leading a charge. I have never ceased to regret that before that day the Black Rifles were separated from him and sent back to Gomez, for, had we ridden with him (we were mounted) as we did in more than one fight, the outcome would have been different.

I expect to take part in the present war and I have told the War Department of my willingness and desire to command colored troops, not because I think colored troops should necessarily have white officers, but because I know I can make magnificent soldiers out of Negroes.

GUILLERMO MAC FERGUS.

HAMPTON.

New York City.

HAVING been a student at Hampton for five years, I thank you for your letter to Miss J. E. Davis.

(From a Student).

Wilkes-Barre, Pennsylvania.

Your letter on the Hampton situation makes the matter very clear and convincing to me. I find myself puzzling over the possible—or impossible—reasons for so strange an attitude on Hampton's part. The white people supporting it are most generous with their purses, but singularly narrow, it would seem, in their intellectual and social vision.

(From a White Woman.)

"With the Colors."

The coming generation is bound to demand a different policy of Hampton Institute.

Sir, your editorial on Hampton is excellent. . . .

As I am a graduate of Hampton, I trust you will not glean from my words that I am disloyal to my Alma Mater. I am not. I am ready to fight for Hampton's welfare. Nevertheless, I must congratulate you for putting into words the thought of thousands in regard to Hampton.

(FROM A GRADUATE)

Woodmere, L. I.

Your article on Hampton in the November CRISIS is positively the truth. It is the best summing up of that institution that I have yet seen.

It would take some time to discuss at length the many reasons I have for the above statement; however, I might say that I have studied—silently—for sometime the methods, the teachers, and general aims of Hampton; and have, also, had personal contact with some of her most generous donors of the North. It grieves me to say that I have gradually come to realize "the truth about Hampton." It is hard to have one's confidence so sadly shaken, and very bitter to speak the truth against one's Alma Mater, but for the sake of those coming after me, I cannot sit in untruthful silence to what I feel is an injustice to the ambitious and talented members of our race. My own personal struggle in trying to make college entrance in New York is proof enough for your statement regarding the actual time and money that is practically wasted in order to make good.

(A Hampton Graduate).

THE MEMPHIS SUPPLEMENT.

Memphis, Tennessee.

SAY "NIGGER" YOU HAVE SAID LOTS MORE THAN A BRUTE SHOULD SAY. COME DOWN; WE WILL SHOW YOU WHERE THE EL PERSON TREE IS. NO FIRE THERE NOW—JUST PLENTY ROPE. COME NIGGER, AND SEE. YOU CAN GO AWAY EASY. WE WILL SEE TO IT.

(ANONYMOUS.)

THE SILENT-PROTEST-PARADE.

Atlanta, Georgia.

HAVE read with inspiration reports of the "Silent Protest Parade." I think it is wonderful and wish that it might be repeated in many northern and border cities, then the southern cities.

We must now very speedily become free, or saddle slavery upon ourselves for the next one hundred years. The ability of us United States Negroes to break the shackles now will answer to a large extent what will be the rating of Negroes the world over, and what will be the fate of the Negro in Africa, for he will necessarily become the great burden bearer of European exploitation after the war. Shall we make him a free burden bearer or a slave?

JOHN HOPE.

Fonte: THE CRISIS, New York, v. 15, n. 3, p. 126-127, June 1918.

Outro país muito comentado nas páginas da revista *The Crisis*, foi o Brasil. Ao contrário do que era divulgado sobre territórios como Cuba, México ou Haiti, na época enfrentando graves problemas de rebeliões e tentativas de revoluções, o maior país sul-americano recebeu considerável atenção dos editores da revista. Mesmo assim, as primeiras menções ao Brasil estavam relacionadas às conquistas militares de duas importantes figuras para a história não só do país, mas, como destacado pela revista, mundial. O primeiro foi Henrique Dias, um dos principais responsáveis pela expulsão dos holandeses do Brasil, no século XVII, e colocado no mesmo patamar de líderes como Bolívar, George Washington e Toussaint L'Ouverture. E o segundo foi o marinheiro líder

do que ficou conhecido como A Revolta da Chibata, em novembro de 1910, João Cândido, que recebeu o apelido de Toussant L'Ouverture da Marinha Brasileira.⁷³⁰

Imagem 43 - Matéria que apresentou as ações de alguns militares negros para a história mundial. O Brasil foi referenciado com Henrique Dias e com João Cândido, assinalado na imagem com um X.

THE NEGRO AS A SOLDIER

25

the plains of Addis-Abeba, annihilated an Italian army of 30,000 men, taking 1,000 prisoners of war. Cetewayo, the indomitable Zulu chief, measured arms with the ablest English commanders, and although his military resources were antiquated, he was never conquered. In Brazil, a full-blooded Negro, Henry Diaz, wrested his country from the iron grip of the Dutch. Maceo in Cuba, David Thomas Dumas in France, division general under the First Napoleon, and Gen. Alfred Dodds, to-day the idol of the French army, refute the charge that Negroes lack military capacity to lead.

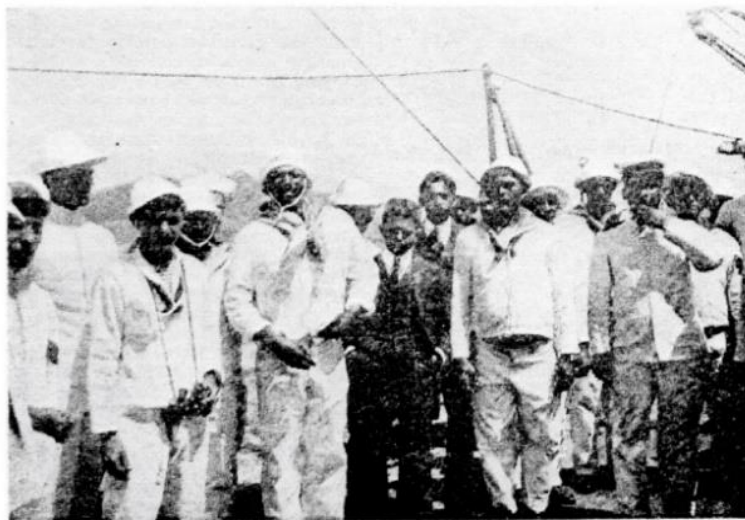
CAPABLE NEGRO OFFICERS.

In our own country much of the desperate fighting at Port Hudson was done by those Negro soldiers, under the leadership of Negro officers in those regiments recruited in Louisiana, which became popularly known as the Corps D'Afrique. In the Cuban campaign, many of the companies of Negro soldiers were led by Negro non-commissioned officers, and there is no doubt that, among the 300 Negro officers of volunteers commissioned during the war with Spain, there were men who would have measured up well in an emergency.

The story of Diaz's organization of a black regiment, officered entirely by men of his own race, his brilliant campaigns against the Dutch, make one of the important chapters in the history of the western hemisphere, for this man emancipated his country from the hard hand of a stubborn, masterful race, and his countrymen have deservedly placed him in the class with Bolivar, Washington, and L'Ouverture, the great liberators and founders of states in the western world.

In conclusion, I take pride in naming to you the greatest soldier, white or black, in ancient or modern wars—the Negro Hannibal. Field Marshal Von Moltke, of the German army, the eminent military critic, says: "Hannibal is the greatest military genius in history." I will not detain you by going into details of how Hannibal landed his little army of 37,000 Carthaginians in the heart of the Roman Empire and battled successfully for seventeen long years with the veteran legions of Rome. I will sum it all up in these words:

"When Hannibal flashed his sword from its scabbard, the boundaries of the broad empire of Rome oscillated on the map. He was the Archangel of War."



X

Courtesy of the Literary Digest.

JOAO CANDIDO (X) THE TOUSSAINT L'OUVERTURE OF THE BRAZILIAN NAVY.

In the mutiny of the Brazilian navy against the unfair treatment of the government, Joao Candido, a black man, was chosen leader. The mutineers gained the desired concessions, but a number of them, including Candido, have since mysteriously died.

Fonte: THE CRISIS, New York, v. 1, n. 4, p. 25, Feb. 1911.

⁷³⁰ The Negro as a Soldier. *THE CRISIS*, New York, v. 1, n. 4, p. 23-25, Feb. 1911.

A matéria veiculada em *The Crisis*, apenas quatro meses após a publicação de seu primeiro número, informou que os marinheiros negros do Brasil tinham se amotinado contra o tratamento injusto fornecido pelo governo. Após conseguirem alguns ganhos, os marinheiros encerraram a rebelião. Pode ser verificado na nota que a revista *The Crisis* anunciou, erroneamente, que alguns marinheiros, incluindo João Cândido, tinham morrido de maneira misteriosa.⁷³¹ A notícia foi corrigida mais de dois anos depois em outra matéria sobre o país, dessa vez, por meio do correspondente José Clarana, que divulgou a notícia de que João Cândido estava vivo e satisfeito pelo seu ato e de seus companheiros ter encerrado os abusos físicos os quais estavam submetidos e ter garantido um pagamento maior que o fornecido ao marinheiro norte-americano de categoria correspondente. Contudo, ele se mostrava descontente pelas reformas na Marinha que dispensou vários homens experientes e os substituiu por jovens.⁷³²

A partir do primeiro relato na edição de *The Crisis* de fevereiro de 1911, as matérias sobre o Brasil basicamente o descreviam como um país livre do preconceito racial. Até mesmo a matéria de setembro de 1913, intitulada “Getting Off the Color Line” (“Saindo da Linha de Cor”), tem como sua primeira frase a afirmação de que “O Brasil é um país onde não há linha de cor”. Clarana chegou a dar alguns esclarecimentos para que as relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos fossem tão diferentes. Essas explicações contavam com os rumos tomados com as emancipações de escravos que no Brasil não criou animosidades como a presenciada com a Guerra Civil Americana. O autor chegou a dizer que a república brasileira começou com um propósito de ordem, progresso e que Deodoro da Fonseca, o primeiro presidente do país, era um homem negro. Para o correspondente, o Brasil não poderia traçar uma “linha de cor” porque não saberia por onde começar.⁷³³

Cinco anos após a sua matéria, José Clarana teve uma carta publicada na edição de abril de 1918. Atendendo aos pedidos de que seu relato fosse o mais breve possível, o escritor reafirmou, em uma correspondência de quase três páginas, sua concepção de que no Brasil não existiam problemas relacionados a cor da pele. Contudo, dessa vez, ele foi mais específico, declarando que a pele negra não era uma porta aberta para as mais diversas oportunidades disponíveis, mas, também, que um homem não era

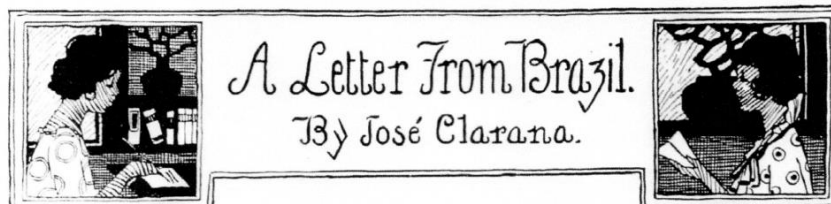
⁷³¹ Idem, p. 25.

⁷³² Cf. CLARANA, José. Getting Off the Color Line. *THE CRISIS*, New York, v. 6, n. 5, p. 246, Sept. 1913.

⁷³³ Idem, p. 244.

necessariamente negro porque sua pele não era tão branca quanto a de outra pessoa.⁷³⁴ Além disso, deixou claro que a mera posse de uma pele branca não conferia à pessoa direitos e oportunidades superiores e que nem o aumento da pigmentação condenava o seu dono à condição de excluído.⁷³⁵

Imagem 44 - Primeira das três páginas da carta enviada por José Clarana dando mais detalhes sobre as questões raciais no Brasil.



IN ACCEDING to your request that I send you "one or two letters about the color problems in Brazil," I keep within the limitations of my capacity and comply with your admonition that I "make them as short as possible," by writing one letter with the simple statement that there is no color problem in Brazil.

By way of explanation, however, I must add that this does not mean that a black skin is an open-sesame to any and every drawing-room and a shibboleth of easy access to the heart of any maiden and the purse of her father. It means, for one thing, that a man is not necessarily black because his skin is not so white as somebody's else skin. In the terms of the "social equality," which the telegrams say that German spies have been trying to obtain for the not-quite-white-enough in Alabama, it means that the color of the pelts in a drawing-room is the exclusive business of the people who wear them, and that if the son of some gentleman violates the servant girl there is no law to prevent him from marrying her because she does not come up to the popular specifications as to complexion. In a word, in Brazil the mere possession of a white skin does not entitle a man to superior civil rights and opportunities, nor does an increased pigmentation condemn its owner to the status of a pariah.

Occasionally an attempt is made in Brazil to establish a standard of whiteness to which all aspirants to a life of the greatest usefulness must conform. Generally, if not always, these attempts to divide the Brazilian people are made by foreign residents. For instance, the son of a colored teacher was not long ago refused admittance to a college conducted by Belgian priests. I do not know how this affair ended, but the action of the rector of the school was severely criticized by the newspapers. A striking contrast to the

attitude of the Belgian friar is the fact that recently one of the largest and wealthiest churches in Rio was crowded with people attending a mass of intercession for the early triumph of the ideals of the Allies, including, of course, those valiant defenders of the rights of oppressed peoples who used to cut off the hands of the natives on the rubber plantations in the Congo. Most of the worshippers at that mass were altogether white and many of them were distinguished foreigners. The celebrant was a colored man, who, when he is not saying mass or singing in the choir of a church, conducts a school whose students are nearly all white.

Americans, of course, are not slow in attempting to establish caste discrimination, especially when they first come here. A friend of mine told me, shortly after he arrived here, that the Negroes ought to be separated from the whites in public places. I do not know whether he got that notion so much from having resided in Alabama as from reading *The Outlook*, which is ashamed to tell the American public that, in trying to show how superior they are to the "niggers," white people have disgraced their civilization by committing acts of savagery unexcelled by the lowest tribes in the heart of Africa. It does not mind libeling the colored people of the States by characterizing as "envy" the natural desire of a decent man to sit in a clean railway carriage or to enter a restaurant without fear of buying a steak fried with spit or sharing the fate of the colored Georgian who, in neutral Chicago, was killed for the crime of unwittingly seating himself at the side of a Texan at a public lunch counter.

I got the Chicago story from an eyewitness, the son of a Confederate officer, who told it, with the greatest *sang froid*, at lunch in a Brazilian boarding-house. I mention it here in the hope that some of

Fonte: *THE CRISIS*, v. 15, n. 6, p. 276, Apr. 1918

⁷³⁴ CLARANA, J. A Letter from Brazil. *THE CRISIS*, v. 15, n. 6, p. 276, Apr. 1918.

⁷³⁵ Idem.

A ideia de que o Brasil era uma “democracia racial” estava tão arraigada no imaginário de negros e brancos norte-americanos que podem ser encontradas mais referências em outros periódicos, como o *Richmond Planet*, voltado para a comunidade negra, que se empenhou em relacionar diversas ocupações que podiam ser exercidas pelos negros no país tais como as de maquinistas, capitães de navios e, até mesmo, a de presidente.⁷³⁶ Menos modesto que o *Planet* foi o representante do *Statistician*, Roger W. Babson, que, novamente, afirmou que não havia “linha de cor” no país. Além disso, garantiu que homens e mulheres eram julgados por sua capacidade de ganhos independentemente da cor.⁷³⁷ Interessante observar a diferenciação para se definir brancos e negros nos Estados Unidos e no Brasil. Ao contrário do que acontecia no país norte-americano em que aquela pessoa com 1/8, ou mesmo 1/16, de sangue negro era considerado negro, no país sul-americano essa proporção contribuía para marcar a pessoa com branco.

Ainda que se possa estender a discussão para as relações raciais entre os norte-americanos e outros países do continente, destacando a questão das oportunidades de trabalho para afro-americanos e o interesse exercido pelos Estados Unidos em locais como o México e o Haiti, no que se trata à questão trabalhista, propriamente dita, o Panamá pode ser compreendido como o que mais apareceu nas páginas de *The Crisis*.⁷³⁸ Durante essa primeira década de existência, foram inúmeras as matérias que retrataram as dificuldades sofridas pelos trabalhadores do país sob a influência estadunidense. E nesse processo, os organizadores da revista se colocaram ao lado dos panamenhos. Em uma das primeiras matérias sobre o país da América Central que tratava do assunto, foi reportado, junto a outras ocorrências, que trabalhadores negros de bondes do país estavam em greve e outros trabalhadores ameaçavam seguir o mesmo caminho.⁷³⁹ Para o Panamá, as notícias sobre protestos de trabalhadores foram as que mais se destacaram nas páginas de *The Crisis*, nesses anos.⁷⁴⁰

⁷³⁶ *THE CRISIS*, New York, v. 3, n. 5, p. 187, Mar. 1912.

⁷³⁷ *THE CRISIS*, New York, v. 10, n. 5, p. 224, Sept. 1915.

⁷³⁸ Vale ressaltar que reportagens sobre o país já haviam sido noticiadas, como pode ser visto nas edições de julho de 1911, maio de 1913 e fevereiro de 1914. Nessa última, por exemplo, foi descrito que chineses estavam resistindo a opressão realizada por brancos locais. O editor aproveitou o evento para opinar afirmando que o caso era um bom sinal tanto para o oprimido como para o opressor e que a melhor solução era que a discriminação deveria ter um fim. Cf. DU BOIS, W. E. B. Resistance. *THE CRISIS*, New York, v. 7, n. 4, p. 190, Feb. 1914.

⁷³⁹ *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 2, p. 89, Dec. 1916.

⁷⁴⁰ Outras notícias sobre paralisação de trabalhadores negros no país podem ser vistas nas edições de junho de 1917, anunciando que 100 dos 800 trabalhadores negros da Cristobal Dry Dock estavam reivindicando

Não apenas as queixas e greves estiveram nas páginas de *The Crisis* nesse período. A organização dos trabalhadores em sindicatos também foi tema que exigiu atenção da NAACP e seus associados. Uma primeira menção a sindicalização de trabalhadores esteve presente na edição de fevereiro de 1917, quando trabalhadores negros da área do Canal e da Ferrovia do Panamá estavam se empenhando na formação de uma organização permanente como a que existia na cidade de Colón.⁷⁴¹ Outra matéria, alguns meses depois, informou sobre a inauguração do edifício que serviria como a nova sede da União Trabalhista Federal de Colón. Na ocasião, cerca de sete mil pessoas estiveram presentes, incluindo o presidente do país. A nota terminou com a informação de que a maioria das pessoas que estiveram no local era negra.⁷⁴²

O interesse da NAACP e de *The Crisis* para com os trabalhadores negros no Panamá não estava apenas restrito em reportar suas ações. A Associação norte-americana procurou agir ativamente nesse e em vários outros países do continente.⁷⁴³ Na edição de julho de 1918, na seção reservada a NAACP, foi exposto que 18 novas afiliadas foram estabelecidas e, para o período, a única fora do país ficava em Isthmian, na Zona do Canal, que contava com 27 membros.⁷⁴⁴ Na edição do mês seguinte, pode-se verificar que o número de membros subiu para 30 e o que fez o autor do relatório informar com aparente orgulho que a NAACP tinha se tornado uma instituição internacional com seções no Canadá e no Panamá.⁷⁴⁵

No que se refere à militância da NAACP, a afiliada da Associação no país da América Central informou que um homem negro tinha sido renomeado ao cargo de juiz na região do canal.⁷⁴⁶ Além disso, a Associação juntamente a outros órgãos como o Slater Fund, o Jeanes Fund e o Instituto Tuskegee pressionaram a AFL para que se empenhasse

maiores salários e em janeiro de 1918 quando aproximadamente dois mil trabalhadores negros protestaram ao prefeito da Cidade do Panamá, Julio Arjona, sobre o valor alto dos aluguéis que eram obrigados a pagar. O prefeito teria garantido que investigaria o fato. Ver, respectivamente: *THE CRISIS*, v. 14, n. 2, p. 91, June. 1917 e *THE CRISIS*, v. 15, n. 3, p. 145, Jan. 1918.

⁷⁴¹ *THE CRISIS*, New York, v. 13, n. 4, p. 190, Feb. 1917.

⁷⁴² *THE CRISIS*, New York, v. 15, n. 2, p. 91, Dec. 1917.

⁷⁴³ No número de outubro de 1920, Du Bois deixou evidente que a NAACP estava empenhada em garantir a liberdade do Haiti que, desde 1915, estava sob ocupação norte-americana visando garantir os interesses empresariais no país. Du Bois criticou o então presidente norte-americano, Woodrow Wilson, e desejou um futuro melhor para o país e para a Liga das Nações quando Wilson e seus lacaios, termo usado por Du Bois, deixassem a presidência. Cf. DU BOIS, W. E. B. Haiti. *THE CRISIS*, New York, v. 20, n. 6, p. 261, Out. 1920. Sobre a história do Haiti e intervenção norte-americana, ver: *THE CRISIS*, New York, v. 20, n. 5, Sept. 1920.

⁷⁴⁴ *THE CRISIS*, New York, v. 16, n. 3, p. 122, July 1918.

⁷⁴⁵ *THE CRISIS*, New York, v. 16, n. 4, p. 173-174, Aug. 1918.

⁷⁴⁶ *THE CRISIS*, New York, v. 17, n. 6, p. 282, Apr. 1919.

na admissão de afro-americanos em uniões trabalhistas. Contudo, como divulgado no relatório de setembro de 1919, a tarefa não era tão simples. Como exemplo, foi informado que dois recrutadores da AFL foram enviados para o Panamá, mas encontraram resistência de trabalhadores brancos que não queriam que os trabalhadores negros tivessem a condição que a Federação lhes daria. Uma tentativa foi feita para deportar os enviados, mas o recrutamento continuou. Como descrito na nota, a NAACP estava crente na intenção da Federação Americana do Trabalho de fornecer auxílio ao trabalhador negro local.⁷⁴⁷ A questão trabalhista para a NAACP, *The Crisis*, Du Bois e todos os envolvidos com o empreendimento de proporcionar uma vida mais decente para os afro-americanos era algo muito sério. Porém, como foi pontuado, o sindicalismo não iria resolver todos os problemas, mas ajudava a diminuir o preconceito racial e tornava a democracia mais forte.⁷⁴⁸

Diversas outras matérias podem ainda ser discutidas sobre a atuação da NAACP e de *The Crisis* quanto sua prática militante para com o negro fora dos Estados Unidos. Textos como “American Democracy in the Panama Canal Zone” (“Democracia Americana na Zona do Canal do Panamá”) e “American ‘Benefits’” (“Benefícios Americanos”), sobre a justificativa para a intervenção estadunidense no Haiti, revelaram um pouco das críticas que permearam as páginas da revista e o comprometimento não apenas para com o afro-americano, mas para com as pessoas oprimidas em todos os cantos do continente.⁷⁴⁹ Nesse processo, diversos artifícios foram utilizados para espalhar o propósito e a criatividade do editor foi muito útil para isso. Em carta fictícia em nome de Woodrow Wilson, Du Bois repetiu os argumentos utilizados pelo Secretário de Estado, Robert Lansing, sobre os efeitos da Revolução Mexicana que se desenrolava sobre as propriedades norte-americanas e as pessoas que viviam perto da fronteira entre os dois países. No “Editorial”, intitulado “Two Letters” (“Duas Cartas”), Du Bois, repetindo quase que sentença por sentença a correspondência enviada por Lansing para o governo mexicano, imaginou a situação hipotética de uma correspondência enviada pelo presidente Wilson para o governador do estado da Geórgia se queixando de o estado ter

⁷⁴⁷ The Negro and the Labor Union: An N.A.A.C.P. Report. *THE CRISIS*, New York, v. 18, n. 5, p. 240-241, Sept. 1919.

⁷⁴⁸ *Idem*, p. 241.

⁷⁴⁹ Ver, respectivamente: PATTERSON, H. T.; SAINT, T. C. American Democracy in the Panama Canal Zone. *THE CRISIS*, v. 20, n. 2, p.83-86, June 1920 e JOHNSON, J. W. The Truth About Haiti: An N.A.A.C.P. Investigation. *THE CRISIS*, New York, v. 20, n. 5, p. 217-224, Sept. 1920.

“permitido” o sacrifício de 56 pessoas linchadas, propriedades destruídas e lares violados.⁷⁵⁰

Imagem 45 - Primeira parte do Editorial reproduzindo um documento enviado para o governo mexicano sobre os desdobramentos da revolução que se desenrolava no país e sua contraparte fictícia sobre a desordem que se desenrolava na Geórgia.

THE CRISIS

Vol. 12—No. 4

AUGUST, 1916

Whole No. 70

Editorial

TWO LETTERS

THE ONE WHICH WAS WRITTEN TO MEXICO:
The Secretary of State to the Secretary of Foreign Relations of the De Facto Government of Mexico:

The Government of the United States has viewed with deep concern and increasing disappointment the progress of the revolution in Mexico. Continuous bloodshed and disorders have marked its progress. For three years the Mexican republic has been torn with civil strife; the lives of Americans and other aliens have been sacrificed; vast properties developed by American capital and enterprise have been destroyed or rendered non-productive; bandits have been permitted to roam at will through the territory contiguous to the United States and to seize, without punishment or without effective attempt at punishment, the property of Americans, while the lives of citizens of the United States who ventured to remain in Mexican territory or to return there to protect their interests have been taken, in some cases barbarously taken, and the murderers have neither been apprehended nor brought to justice. It would be difficult to find in the annals of the history of Mexico conditions more deplorable than those which have existed there during these recent years of civil war. . . . If the Mexican Government is unwilling or unable to give its protection by preventing its ter-

(Continued on page 164, first column)

TWO LETTERS

THE ONE WHICH WAS NOT WRITTEN TO GEORGIA:
The President of the United States to the Governor of the State of Georgia:

The Government of the United States has viewed with deep concern and increasing disappointment the progress of civilization in Georgia. Continuous bloodshed and disorders have marked its progress. For three years the State of Georgia has been torn with lawlessness. The lives of Americans and other aliens have been sacrificed. *Fifty-six persons have been lynched, property has been destroyed and homes violated. Peaceful citizens have been systematically driven from their homes and occupations.* It would be difficult to find in the annals of the history of Georgia conditions more deplorable than those which have existed there during these recent years.

If the State Government is unwilling or unable to give its protection by preventing its territory from being the rendezvous and refuge of murderers and plunderers that does not relieve this Government from its duty to take all the steps necessary to safeguard American citizens on American soil. The United States Government cannot and will not allow bands of lawless men to establish themselves within its borders with liberty to kill, burn and plunder American citizens with impunity, and when accused to seek safety within state lines, relying

(Continued on page 164, second column)

Fonte: THE CRISIS, New York, v. 12, n. 4, p. 163, Aug. 1916.

⁷⁵⁰ DU BOIS, W. E. B. Two Letters. *THE CRISIS*, New York, v. 12, n. 4, p. 163, Aug. 1916.

6.3 – A questão do trabalho negro na Primeira Guerra Mundial em *The Crisis*: raça e trabalho

O eclodir do conflito mundial, a partir de 1914, trouxe para os principais países beligerantes questionamentos acerca do relacionamento que mantinham com os povos que subjugavam. Tomando como exemplo os ingleses, esses não se importaram tanto para convocar tropas e outras categorias de trabalhadores não brancos inseridos nos limites de seu imenso império colonial. Na verdade, essa prática já era adotada pelos britânicos desde a segunda metade do século XIX. Como descrito por Killingray (1989, p. 483-485), a maioria das campanhas modernas na África tropical, como guerras de conquista, expedições punitivas para impor a lei estrangeira e a Primeira Guerra Mundial, foi travada em locais cujo terreno, clima e estradas inadequadas, por exemplo, impossibilitava o uso de animais de carga enquanto o transporte mecânico só se tornou usual a partir de 1940. Para sustentar as linhas de suprimento e os combatentes foram utilizados carregadores que eram “convocados” para tal tarefa. Ainda segundo o autor, os trabalhadores africanos não ficaram restritos ao continente de origem. Eles, muitas vezes, eram utilizados como reserva de trabalho, sendo enviados para a França, Grécia, Mesopotâmia, norte e oeste da África. Nativos de Madagascar foram, até mesmo, enviados para a França servindo como um corpo de suprimento na Frente Ocidental.⁷⁵¹

Com relação à utilização de tropas constituídas por pessoas negras oriundas das possessões francesas, é entendido que essas foram as primeiras a serem aceitas por uma grande potência colonial.⁷⁵² Isso teria se dado devido às atitudes mais positivas dos franceses para com os seus súditos em relação a outros países como Alemanha ou Grã-Bretanha. Contudo, segundo Andrew e Kanya-Forstner (1981, p. 5 apud MARTIN, 1997, p. 32) destacam a possível relutância do Estado Maior Francês e de políticos em recorrer às suas escassas tropas posicionadas na fronteira alemã no teatro de guerra no norte da

⁷⁵¹ KILLINGRAY, David. Labour Exploitation for Military Campaigns in British Colonial Africa 1870-1945. In: *JOURNAL OF CONTEMPORARY HISTORY*, v. 24, n. 3, July, 1989, p. 483-485. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/260671>. Acesso em: 24/03/2023. Para saber mais sobre a dependência das autoridades militares e coloniais britânicas em relação à necessidade de grandes quantidades de carregadores durante a Primeira Guerra Mundial, ver: KILLINGRAY, David; MATTHEWS, James. Beasts of Burden: British West African Carriers in the First World War. *CANADIAN JOURNAL OF AFRICAN STUDIES/REVUE CANADIENNE DES ÉTUDES AFRICAINES*, v. 13, n. 1/2, p. 7-23, 1979. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/484636>. Acesso em: 24/03/2023.

⁷⁵² MARTIN, Gregory. German and French perceptions of the French North and West African contingents, 1910-1918. *MILITÄRGECHICHTLICHE ZEITSCHRIFT*, v. 56, n. 1, p. 31, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1524/mgz.1997.56.1.31>. Acesso em: 21/05/2023.

África. O lobby para a utilização dos africanos em operações militares e a relativa indiferença da opinião pública sobre o que acontecia para além das fronteiras francesas contribuíram para a aceitação do uso militar dos povos que habitavam o norte do continente bem como dos senegaleses.⁷⁵³ Quanto aos alemães, esses por muito tempo ficaram atentos a sua superioridade numérica no continente europeu e negligenciaram qualquer tipo de recrutamento envolvendo suas minguadas possessões na África. Apesar dos relatos das autoridades militares sobre o recrutamento de povos coloniais pela França, os meios de comunicação retrataram esse posicionamento como um ato de fraqueza e decadência.⁷⁵⁴ Como apresentado por Davis (1934, p. 127-128 apud MARTIN, 1997, p. 62), as fortes concepções racistas alemãs também contribuíram para a derrota do país no conflito com afirmações de que 200.000 tropas coloniais eram equivalentes a 500.000 tropas europeias, deixando nítida a ideia de selvageria atribuída aos habitantes de fora da Europa.⁷⁵⁵

Ainda distante de qualquer menção à participação direta norte-americana no conflito, o advento de um mundo em guerra foi interpretado como um confronto que tinha como principal objetivo a redefinição da exploração econômica de continentes como a África e Ásia. Nesse aspecto, isso significava uma reestruturação no caráter de exploração sobre a maioria dos povos não brancos do planeta.

Bem no início do conflito, Du Bois publicou uma série de artigos em *The Crisis* e em outros veículos de imprensa que procuraram mostrar para o público os interesses que regiam as ações dos principais países em guerra e sua proximidade com o que era vivenciado nos Estados Unidos. Dentre os textos analisados, um, especificamente, parece sintetizar os elementos mais característicos que se apresentavam, naquele momento, tanto em termos internos quanto externos. Em “World War and the Color Line” (“Guerra Mundial e Linha de Cor”) o editor fez questão de destacar que muitos afro-americanos e pessoas interessadas em suas causas estavam cometendo o erro de considerar que a guerra não tinha relação com o grave problema racial que assolava o país e esperavam que, por um momento, o problema fosse esquecido. Aguardar tal atitude era um erro, pois o que estava se desenrolando na Europa era um desastre ocasionado pelo preconceito racial e

⁷⁵³ ANDREW, C. M.; KANYA-FORSTNER, A. S. *France overseas: the great war and the climax of French imperial expansion*. London: Thames & Hudson, 1982.

⁷⁵⁴ MARTIN, op. cit., p. 35.

⁷⁵⁵ DAVIS, S. C. *Reservoirs of men: a history of the black troops of French West Africa*. (Thèse, Université de Genève), Chambourg, 1934.

de cor e prenunciava desastres maiores no futuro.⁷⁵⁶ Segundo Du Bois, a maior causa da guerra podia ser entendida como a busca selvagem pela expansão imperial sobre os povos negros por parte da Alemanha, Inglaterra e França, em primeiro lugar, e Bélgica, Itália, Rússia, e Áustria-Hungria, em menor escala.

Com uma mistura de ironia em meio a seriedade da situação, evidenciou que os alemães, incapazes de adquirir colônias rentáveis, tentaram conseguir algo no continente americano, mas acabaram esbarrando na Doutrina Monroe, que basicamente limitava a exploração dos povos que viviam no continente aos norte-americanos. Mesmo atrasada na corrida por locais onde explorar, conseguiu na África algumas possessões que o editor destacou como “uma boa colônia, um deserto e dois pântanos”.⁷⁵⁷ Contudo, não satisfeita, passou a cobiçar territórios no norte do continente africano, entrando em conflito com Inglaterra e França.⁷⁵⁸ O editor ainda citou algumas características das colônias britânicas, francesas e o interesse alemão sobre elas. O fato de estarem em terras dominadas pelos climas tropical, subtropical e povoadas por populações majoritariamente negras, morenas e amarelas (orientais), tornavam tais territórios propícios para o confisco de terras, a utilização do trabalho dos nativos a um custo baixo e com perspectivas de lucros gigantescos para as manufaturas baratas provenientes do continente europeu. Du Bois mencionou diversos exemplos de ultrajes ocasionados pela exploração branca em variados locais do mundo, chegando mesmo a citar a extração da borracha na Amazônia.⁷⁵⁹

Refletindo sobre esses exemplos, o editor de *The Crisis* expôs para seus leitores que os povos não brancos foram universalmente considerados inferiores e suas aspirações por direitos foram, em grande medida, desprezados nos mais importantes centros culturais do período. Esses elementos influenciaram ainda mais o já existente preconceito de cor e ódio racial norte-americano. O que os países civilizados estavam fazendo era lutar pelo direito de possuir e explorar os outros povos.⁷⁶⁰ Ainda que evidenciando tais questões e deixando claro que todos os países tinham sua culpa na exploração dos povos negros, argumentou sobre o motivo pelo qual seus leitores deveriam apoiar os países da Entente.

⁷⁵⁶ DU BOIS, W. E. B. World War and Color Line. *THE CRISIS*, New York, v. 9, n. 1, p. 28, Nov. 1914.

⁷⁵⁷ Os territórios que faziam parte do Império Colonial Alemão, em 1913, eram o Togo, Camarões, Namíbia e Tanzânia.

⁷⁵⁸ DU BOIS, W. E. B. World War and Color Line. *THE CRISIS*, New York, v. 9, n. 1, p. 28, Nov. 1914.

⁷⁵⁹ Idem.

⁷⁶⁰ Ibidem.

Com relação ao tratamento dispensado pelos ingleses, como colonizadores, destacou que eles foram os principais responsáveis pela escravidão nos Estados Unidos, a miséria da Índia e o tráfico de ópio na China. Porém, nenhum outro país desempenhava um tratamento mais justo para com os povos dominados do que a Inglaterra. Sobre a França, argumentou que o país era um administrador de colônias menos eficiente e responsável por muitas negligências e injustiças. O que pesava a favor dos franceses era que eles se mostraram mais gentis em suas relações pessoais com os povos negros, com Du Bois chegando a afirmar que não traçavam limites baseados na cor e os franceses negros amavam o país.⁷⁶¹ Demais considerações foram pontuadas à Bélgica, Rússia e Japão.

Ao contrário das interpretações menos ácidas em relação aos países citados, a exposição sobre a Alemanha não foi nada amigável. Em uma afirmação, entendida até como cômica, o editor destacou que “comparada com a Alemanha, a Inglaterra é um anjo de luz”.⁷⁶² Du Bois salientou, dentre outras coisas, que o triunfo dos alemães e sua tendência ao militarismo, governo autocrático, centralizado e teorias que exaltavam tudo que era alemão significaria crucifixar os povos negros em um nível nunca presenciado na história. O editor fez questão de deixar evidente que não tinha uma tendência puramente antialemã. Vale lembrar que entre os anos de 1892 e 1894, Du Bois viveu no país europeu e considerou o período como um dos melhores de sua vida a ponto de sentir que não mais existiam barreiras raciais.⁷⁶³ No entanto, mesmo na época em que estava estudando no país, percebeu que o fascínio com o que era de caráter militar já era sentido e o nacionalismo exacerbado prussiano atiçava a imaginação do país.⁷⁶⁴

Novamente, o editor fez um paralelo com os Estados Unidos ao comparar esse momento histórico com o que era presenciado no país norte-americano ao especificar que os alemães “estavam começando no mesmo caminho que os sulistas brancos em direção ao desdém pelos seres humanos e à crença de sua superioridade sobre todas as outras raças”.⁷⁶⁵ O longo texto ainda continuou com a exposição de que os sentimentos sobre superioridade racial não se aplicavam particularmente aos povos negros, mas que

⁷⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 28-29.

⁷⁶² Idem, *ibidem*, p. 29.

⁷⁶³ DU BOIS, W. E. B. *The Autobiography of W. E. B. Du Bois: A Soliloquy on Viewing My Life from the Last Decade of Its First Century*. New York: International Publishers, 1988, p. 157.

⁷⁶⁴ DU BOIS, W. E. B. World War and Color Line. *THE CRISIS*, New York, v. 9, n. 1, p. 29, Nov. 1914.

⁷⁶⁵ Idem.

caminhavam para aquela concepção com a abertura do campo científico para autores que pregavam de forma livre tais teorias.

Refletindo sobre os riscos que poderiam recair sobre as pessoas negras se o preconceito racial exaltado pelos alemães saísse triunfante do conflito, o editor de *The Crisis* expressou que sua simpatia e a de seus leitores deveriam estar com ingleses e franceses, pois esses países estavam percebendo os custos e os males que ele acarretava. Caminhando para o encerramento do texto, numa expressão que nos parece uma forma de minimizar os contínuos elogios feitos a ingleses e franceses e como uma maneira de mostrar que ainda era um ávido defensor da ascensão dos povos não brancos e de sua força, Du Bois argumentou que se o conflito que estavam vivenciando foi fomentado pelo ciúme e ganância de roubar e oprimir pessoas consideradas inferiores pelos países civilizados, um conflito ainda mais mortal tinha a tendência a acontecer caso os povos subjugados do mundo (negros, pardos e amarelos) se insurgissem e demandassem seu reconhecimento como homens. Dessa forma, suas condolências deveriam estar com as nações cujo triunfo final poderia adiar ou, até mesmo, mostrar a inutilidade de uma guerra mundial entre as raças.⁷⁶⁶

O longo texto escrito por Du Bois, poucos meses após o início das hostilidades na Europa, sintetiza bastante as ações e formas de pensamento que conduziriam as práticas e comportamento dos afro-americanos e do país durante o conflito. A perspicácia do texto revela e confirma como o autor era um dos homens mais astutos quanto à análise das relações raciais que dividiam os Estados Unidos e, com a deflagração da guerra, o mundo. Suas constatações, embora possam ser entendidas como algumas sendo mais evidentes que outras, expõe décadas de dominação branca sobre outros grupos humanos e o rearranjo de interesses e poder que romperam imparcialidades e arrastaram os países mais desenvolvidos da época para um conflito armado.

Acerca do texto “World War and the Color Line”, pode-se argumentar que, mesmo tendo a questão racial como foco e se referir mais ao contexto mundial, ele parece se expandir e abranger muito pontualmente situações internas. Sua pregação de que os afro-americanos deveriam se posicionar ao lado dos países constituintes da Tríplice Entente, ainda que para se evitar que um futuro mais trágico recaísse sobre os negros com a possível vitória alemã, confirma as ligações mais estreitas entre o povo norte-americano

⁷⁶⁶ Ibidem.

e países como Inglaterra e França. Como pontuado por Nevins e Commager, “centenas de laços de cultura, tradição, instituições comuns e pontos de vista compartilhados existiam em relação aos britânicos” e “a lembrança da ajuda francesa na Revolução” eram inegáveis e faziam a balança pender para um lado.⁷⁶⁷ Vale ressaltar novamente que Du Bois não parecia nutrir tanta simpatia pelos ingleses, chegando mesmo a afirmar em sua autobiografia intitulada *Darkwater*, de 1920, que tinha “uma enxurrada de sangue negro, uma linhagem de francês, um pouco de holandês, mas, graças a Deus, não de ‘anglo-saxão’”.⁷⁶⁸ Tal afirmação deixa evidente que as simpatias em torno do desempenho da Inglaterra na guerra mundial estavam restritas a apoiar o lado que menos poderia trazer problemas para os indivíduos negros seja nos Estados Unidos como em outras partes do mundo.

Carta publicada mais de um ano após a divulgação do texto expressou a confluência de ideias entre os argumentos levantados por Du Bois e o público. A carta enviada por Marie R. Perrin, de Paris, foi impressa na seção “The Letter Box”, no número de janeiro de 1916. Apesar do longo período de intervalo, as referências ao texto são nítidas, contribuindo para reforçar, mais uma vez, a informação de que uma prática dos editores é de manter várias correspondências em seu domínio e publicá-las quando o momento mais apropriado surja ou quando a quantidade de correspondências enviadas para o periódico esteja reduzida.

A leitora-escritora informou que, em vez de ficar chocada com o comentário de Du Bois sobre a Bélgica – no caso, expressando que o país era tão impiedoso e ganancioso quanto a Alemanha e merecia todo o sofrimento pelo qual estava passando como uma forma de justiça às atrocidades cometidas no Congo –, ela se divertiu muito com a indignação de alguns brancos com o envio de tropas constituídas por homens negros para ajudar os Aliados. Uma clara referência à indignação alemã com tal atitude de ingleses de franceses.⁷⁶⁹ Perrin destacou também que essas tropas foram muito ovacionadas pelas ruas de Paris, mas informou que a expressão “Linha de Cor” não foi entendida pelas


⁷⁶⁷ NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. *Breve História dos Estados Unidos*. Tradução de Luiz Roberto de Godoi Vidal. São Paulo: Editora Alfa-Omega LTDA., 1986, p. 432-433.

⁷⁶⁸ DU BOIS, W. E. B. *Darkwater: Voices from within the Veil*. Mineola, New York: Dover Publication, Inc., 2012, s. n. (Dover Books on Literature and Drama)


⁷⁶⁹ *THE CRISIS*, New York, v. 11, n. 3, p. 146, Jan. 1916. Outra menção a indignação alemã sobre o uso de tropas não brancas por parte de ingleses, por exemplo, pode ser constatada no tópico da seção “Opinion”, chamado “World War: The Color Line” (“A Guerra Mundial: A Linha de Cor”) do número de novembro de 1914.

peças. Ela informou também que ver aquelas tropas tirou um peso de seu coração, tendo, porém, o receio de que aqueles soldados pudessem ter ficado de alguma forma desmoralizados com os comentários de algumas das nações tidas como civilizadas. A autora terminou seu relato com uma mensagem direta para o editor, ao expressar que ela se interessava pela causa negra, mas não podia negligenciar a causa das pessoas brancas que também eram oprimidas.⁷⁷⁰

Imagem 46 - Carta enviada por Marie R. Perrin tecendo comentários sobre o texto escrito por Du Bois na edição de novembro de 1914. A autora viu o emprego de tropas negras com grande júbilo e expressou o seu respeito e da população da cidade para com elas.



THE LETTER BOX



I HAVE been completely captured by the last number of *THE CRISIS* dedicated to the babies and children. I do not see how anyone can resist the appeal of these little people. This is just meant as a word of appreciation and thanks.

JOHN LOVEJOY ELLIOTT,
New York City.

☞

"The Drop Sinister" is the finest and truest "thrust" at the wickedness of American race prejudice that I have ever seen in *THE CRISIS*. That's saying a "heap!"

WILLIAM PICKENS,
Baltimore, Md.

☞

I have read every copy of your publication, *THE CRISIS*, (from the first copy up to the present issue) and I wish to inform you of a little discussion occurring a few days since among a few of the young Negro men and women of this vicinity. The subject was "THE CRISIS."

All agree that the publication serves a great need of the Negro as it is brilliantly edited, well printed, nicely illustrated and correctly worded, but those of us who have followed its pages for years feel that it (always) presents a horribly blue outlook. There seems to be a continued "howling" and "whining" because the white man does not give the Negro employment, allow the Negro the accommodation of his hotels, churches, places of amusement and other social and semi-social institutions. Since race prejudice actually exists why not deal with it from a constructive viewpoint?

M. ROY,
Braddock, Pa.

☞

God bless you for the November editorial.

WILLIAM RICHARD BROWN,
St. Louis, Mo.

☞

A word of congratulation on the increasing success and value of *THE*

CRISIS. As I have been very frank in criticism when I thought criticism deserved. I want to be equally frank in expressing my increasing interest in and approval of the magazine. Keep up the good work.

GEORGE G. BRADFORD,
Boston, Mass.

☞

If I was amazed at your bitterness against the Belgians I was amused at the indignation expressed by many of my white brethren at the sending of colored troops to the help of the Allies. I saw many thousands of these black soldiers on their march through Paris—splendid fellows and true Frenchmen. The population greeted them like brothers. I assure you the words "Color Line" would not have been understood. I must confess that the presence in France of these colored troops helped to lift some of the weight which lay on my heart—I had but one fear for them, and that was that they might become demoralized by the example set by some of our highly civilized friends. . . .

My interest in your cause is very sincere even though I do not think of it as separate from the cause of the oppressed white people.

MARIE R. PERRIN,
Paris, France.

☞

Enclosed please find one dollar for my subscription to *THE CRISIS*. I appreciate very much the general make-up of your magazine. Especially am I pleased at the absence of bitterness against those of our race who differ with you or who advocate principles not in line with your own. I regret that certain other periodicals do not measure up to this tone of general liberality.

Wishing that your lists may reach the 100,000 mark or that point which will give you full scope for your noble work,

J. R. REYNOLDS,
Baldwin, La.

Fonte: *THE CRISIS*, New York, v. 11, n. 3, p. 146, Jan. 1916.

⁷⁷⁰ Idem.

Ainda sobre o texto, outros dois elementos que associavam os norte-americanos defensores da segregação e os alemães estão nas afirmações de que naquele período, início da década de 1890, os dois grupos estavam compartilhando as mesmas crenças raciais e estruturando medidas, como as leis Jim Crow, para excluir parcelas populacionais consideradas inferiores. Sobre a estruturação das leis Jim Crow, nos Estados Unidos, interpretações apontam para a sua configuração já em fins do período conhecido como Era da Reconstrução, em 1877, quando a escolha do candidato Republicano, Rutherford B. Hayes, para presidente, teria selado o destino dos negros no Sul do país deixando-os à mercê dos membros do Partido Democrata. Outra linha de interpretação descreve a privação legal de direitos como um processo que ganhou força na última década do século XIX, como uma medida para resolver conflitos econômicos e políticos entre os brancos sulistas.⁷⁷¹ O discurso acerca do crescimento de questões envolvendo a pretensa superioridade racial de alemães e o que era pregado pelos sulistas nos Estados Unidos pode ser verificado em algumas edições de *The Crisis*.

A seção “Opinion”, da edição de dezembro de 1914, trouxe em seu texto inicial as argumentações do fisiologista e biólogo alemão naturalizado norte-americano, Jacques Loeb. No texto intitulado “World War: Causes and Effects” (“Guerra Mundial: Causas e Efeitos”), foram expostas as análises que o cientista revelou para a revista de caráter socialista *The New Review*, que contava com a cooperação de vários integrantes da NAACP, tais como William English Walling, Mary White Ovington e Du Bois.⁷⁷²

O tema selecionado por *The Crisis* foi o problema racial envolvido no conflito. As considerações de Loeb referiam-se à ideia inculcada na mentalidade daquela jovem geração de alemães de que eles eram pertencentes a uma civilização superior e nem mesmo os mais esclarecidos estavam livres de tais pregações.⁷⁷³ Loeb ressaltou o papel do governo alemão em difundir a ideia de que sua civilização e seus lares estavam sendo ameaçados pelos russos, considerados bárbaros. Esse processo, teria eliminado a liberdade de vontade, com exceção a de obedecer cegamente aos seus líderes militares

⁷⁷¹ Para saber mais sobre essas duas interpretações, ver respectivamente: LOGAN, Rayford W. *The Betrayal of the Negro: From Rutherford B. Hayes to Woodrow Wilson*. New York: Da Capo Press, [1965] 1997 e WOODWARD, C. Vann. *The Strange Career of Jim Crow*. Oxford: New York: Oxford University Press, [1955] 2002.

⁷⁷² O texto completo publicado na *The New Review* foi intitulado “Freedom of Will and War” (“Liberdade de Escolha e Guerra”) e esteve presente na edição de novembro de 1914. Para ter acesso ao texto completo, ver: LOEB, J. Freedom of Will and War. *THE NEW REVIEW*, v. 2, n. 11, p. 631-636, Nov. 1914. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/usa/pubs/newreview/1914/v2n11-nov-1914.pdf>.

⁷⁷³ LOEB, J. The World War: Causes and Effects. *THE CRISIS*, v. 9, n. 2, p. 69, Dec. 1914.

em uma missão para salvar sua civilização e seus lares.⁷⁷⁴ Sobre suas percepções acerca do que acontecia nos Estados Unidos, o acadêmico destacou que o fetiche da antipatia racial – termo utilizado pelo autor – e da superioridade racial estava assumindo dimensões ameaçadoras e uma grande causa de preocupação era o fato de sindicatos de trabalhadores se recusarem a admitir asiáticos e negros utilizando aquele argumento. Loeb fez questão de reforçar que o princípio do movimento trabalhista era de fraternidade, de maneira que os sindicatos deveriam, em relação aos trabalhadores excluídos, “influenciá-los, educá-los se necessário e, nesse processo, aprender a apreciá-los e respeitá-los”.⁷⁷⁵

O autor mencionou o que entendia por antipatia racial, sendo um fator que tinha a tendência a prosperar quando a indiferença e a falta de conhecimento se faziam presentes. De acordo com Loeb, os sulistas, por conhecerem os afro-americanos, não demonstravam ter antipatia racial, mas arrogância social, embora ambas fossem baseadas na alegação de superioridade de raça.⁷⁷⁶ Dentre outros elementos discutidos, como a crescente impressão de que cada país estava elaborando suas próprias teorias de superioridade racial, o acadêmico profetizou que ao promover ou tolerar tal fetiche, facilitava-se a um futuro governo militarista induzir os habitantes do país a lutarem contra japoneses, por exemplo.⁷⁷⁷ Como sabemos, a história se mostrou um pouco diferente, em termos de país agressor, mas o ímpeto em combater um povo entendido como completamente diferente aos seus costumes e tradições fomentou os norte-americanos a empreenderem uma luta que carregou muitos dos preceitos raciais que mantinham em relação aos asiáticos.

Como pode ser verificado, textos e artigos em *The Crisis* procuravam alertar para a dramática situação racial que o país norte-americano presenciava. E o que parece mais surpreendente é a relação próxima entre as concepções raciais germânicas e norte-americanas.

Discussão entre as similaridades de pensamentos e ações de sociedades abertamente racistas foi realizada por Fredrickson em sua obra de 2002, que além de destacar a trajetória de construção de políticas segregacionistas na Alemanha e no Sul dos Estados Unidos, também tratou de englobar a África do Sul.⁷⁷⁸ Em sua definição sobre o termo, que remonta aos séculos XIV e XV, expressou que “não é apenas uma atitude ou

⁷⁷⁴ Idem

⁷⁷⁵ Ibidem.

⁷⁷⁶ Idem, ibidem.

⁷⁷⁷ Idem, ibidem.

⁷⁷⁸ FREDRICKSON, George M. *Racism: a short history*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2002.

um conjunto de crenças; ela também se expressa nas práticas, instituições e estruturas que um senso de profunda diferença justifica ou valida”.⁷⁷⁹ Segundo o autor (2002, p. 9), o racismo conta com dois elementos sendo a diferença, entendida como permanente e intransponível, e poder, visto como a vantagem de tratar o outro, considerado diferente, de uma maneira que seria injusta ou cruel se aplicada ao grupo em que o detentor do poder faz parte.

Com relação à construção dessas concepções nos Estados Unidos e na Alemanha durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, Fredrickson destacou diversos elementos que vão de concepções biológicas, religiosas, políticas, dentre outros. Citando Horsman (1981 apud Fredrickson, 2002, p. 73-74), está a questão do amor à liberdade e à aptidão ao autogoverno, não como um traço universal humano, mas como uma tradição criada pelos ancestrais anglo-saxões nas florestas alemãs, levadas para a Inglaterra e que desembarcaram depois no que seriam os Estados Unidos.⁷⁸⁰ Como um projeto político, o racismo procura uma configuração nacional que leva em conta a busca por identidade, coesão e experiências históricas de cada país. Nos Estados Unidos e na Alemanha, durante os séculos citados acima, projetos políticos tentaram reverter ou limitar a emancipação de negros, no primeiro, e de judeus, no segundo.⁷⁸¹ Outro elemento que pode ser destacado, dentre as similaridades e diferenças entre os dois países, mas que conduzem para a estruturação de ações racistas, da mesma maneira, está na industrialização e o crescimento econômico verificado por ambos a partir de 1870. De acordo com van den Berghe (1967 apud Fredrickson, 2002, p. 82), foram surgindo situações em que membros constituintes da parcela dominante da população tiveram que competir ou se sentir competindo com integrantes que estavam na outra ponta da sociedade por melhores oportunidades econômicas, algo que era entendido como inconcebível anteriormente.

Diversas outras comparações são assinaladas por Fredrickson em sua análise sobre o fenômeno do racismo Ocidental e especificamente no Sul dos Estados Unidos e na Alemanha. Contudo, para o caso norte-americano, o autor destacou que o uso feito do conceito de supremacia branca foi uma espécie de grito de guerra utilizado pelos

⁷⁷⁹ Idem, p. 6.

⁷⁸⁰ HORSMAN, Reginald. *Race and manifest destiny: The origins of American racial Anglo-Saxonism*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1981.

⁷⁸¹ FREDRICKSON, op. cit., p. 75.

Democratas sulistas sempre que os brancos pobres da região procuravam protestar contra a sua condição social, ameaçando e desafiando os poderes dos fazendeiros e empresários que controlavam os governos estaduais e locais que eram utilizados para seus interesses.⁷⁸²

Durante o percurso do conflito, os afro-americanos ainda tiveram que lidar com planos de sabotagens que buscavam minar o reconhecimento de sua participação direta e/ou indiretamente para o esforço de guerra do país. Uma dessas estratégias estava na propagação de rumores de que os afro-americanos estavam sendo aliciados por alemães e tinham a tendência a se aliarem com os inimigos. Para combater tais informações, o editor de *The Crisis* publicou um artigo que procurava reforçar o compromisso do afro-americano para com o país ao mesmo tempo, em que, novamente, aproximava as teorias alemãs de superioridade racial com as dos sulistas norte-americanos.

Em “Loyalty” (“Lealdade”), da edição de maio de 1917, Du Bois buscou refutar as alegações sulistas utilizando argumentos que os associavam a sua mentalidade escravista. De acordo com sua argumentação, os ganhos que estavam sendo obtidos pelos afro-americanos estavam deixando os brancos segregacionistas da Região Sul do país com medo de não terem mais a quem explorar. A propagação dos rumores teria o objetivo de criar uma situação no país que acarretaria lei marcial, fazendo a migração ser interrompida.⁷⁸³ Com afirmações duras, Du Bois expressou que os afro-americanos eram mais leais ao país e aos seus ideais do que os brancos sulistas, pois nunca foram rebeldes, nunca lutaram pela escravidão e nunca anularam os princípios democráticos pelo ódio que nutriam contra quem tinham feito mal. O autor ainda destacou que apesar de tudo que recaía sobre os negros, eles sabiam que aquele era o seu país, pois ajudaram a fundá-lo, lutaram por suas liberdades e sempre defenderam seus ideais.⁷⁸⁴ Du Bois terminou seu texto afirmando que nenhuma tentação em confiar no ódio racial alemão havia sido oferecida e, se oferecida, não seria considerada. Para ele, alemães e sulistas brancos estadunidenses eram similares a ponto de expressar que “atrás da máscara alemã está o esqueleto sorridente do capataz de escravos sulista”.⁷⁸⁵

⁷⁸² Idem, p. 84.

⁷⁸³ DU BOIS, W. E. B. Loyalty. *THE CRISIS*, New York, v. 14, n. 1, p. 8, May 1917.

⁷⁸⁴ Idem.

⁷⁸⁵ Ibidem.

As referências que procuravam estabelecer ligações em termos de ideologias e ações entre os defensores da pretensa superioridade branca defendida por alemães e grande parte da população branca que vivia no Sul dos Estados Unidos eram perceptíveis e se tornaram objetos dos mais variados comentários. Nesse processo, até mesmo Booker T. Washington, conhecido por manter um discurso mais cauteloso e apaziguador quanto às relações envolvendo brancos e negros, procurou expor suas argumentações sobre os principais fatores que fizeram os países europeus irem para a guerra. Contudo, suas percepções acerca da suposta superioridade entre diferentes grupos humanos, foram ajustadas a sua tradicional maneira de expor temas controversos e, enquanto a maioria das interpretações associava a relação entre a exploração dos trabalhadores negros, ao redor do mundo, e as alegações de que as diferenças raciais poderiam ser consideradas determinantes na justificativa para tais ações, Washington preferiu outro viés.

A edição de *The Crisis* de junho de 1915 trouxe na seção “Opinions” trechos de dois textos escritos por Booker T. Washington e Du Bois, respectivamente, e recebeu o título de “The Great War: Two Articles” (“A Grande Guerra: Dois Artigos”).⁷⁸⁶ O trecho referente a Washington, reproduzido da revista *The North American Review*, procurou tratar das questões sobre as suspeitas ou as alegações de que os povos considerados inferiores, dentre eles povos de pele escura e eslavos, tinham a tendência a repetir os gestos dos países que os subjugavam e estavam apenas aguardando o momento adequado para se sublevarem mostrando ao mundo que eram iguais, quiçá superiores.⁷⁸⁷ O educador acrescentou que esse tipo de discurso era propagado por agitadores chegando mesmo a salientar que eles existiam entre brancos e negros, mas por considerar existirem mais entre os brancos, o discurso parecia ser mais adequado e um método padrão. Essa crença, de acordo com Washington, nas relações raciais era o que fomentava as mais cruéis medidas para manter os povos considerados inferiores em sua posição de inferioridade.⁷⁸⁸ Contudo, Washington, em uma exposição que não buscou tratar dos argumentos de superioridade racial que contribuíram para a eclosão da guerra e dominação de um povo pelo outro, preferiu destacar que existiam outras maneiras de um grupo ser superior aos demais. Elas consistiam em executar atividades com maior habilidade que as outras

⁷⁸⁶ The Great War: Two Articles. *THE CRISIS*, New York, v. 10, n. 2, p. 75-77, June 1915.

⁷⁸⁷ Idem, p. 75-76.

⁷⁸⁸ Ibidem, p. 76.

pessoas, podendo ser, por exemplo, cultivando algodão ou escrevendo um livro.⁷⁸⁹ Dentre outras argumentações que distinguiam os povos e nações abordando esse tipo de pensamento, Washington destacou que “a superioridade no futuro dependerá mais da excelência em algum serviço para o bem comum e menos do sucesso no campo de batalha”.⁷⁹⁰

Com o exposto, fica evidente que Washington preferiu não tocar no assunto sobre questões raciais e de sua influência para a situação que o país e o mundo vivenciavam naquele momento. O que pode ser interpretado é que a questão do trabalho ou das habilidades de um grupo em executar determinada tarefa melhor que outro definiam o conceito de superioridade e inferioridade entre os mesmos. Em uma perspectiva otimista, talvez excessiva, destacou que o que poderia equilibrar as coisas ou diferenciar pessoas e nações no que tange à superioridade ou maestria eram suas capacidades para fazer determinada função. Entendemos que Booker T. Washington, nesse trecho selecionado, preferiu não jogar mais lenha na fogueira quanto ao assunto sobre a exploração do trabalho alheio, tendo o fator raça como elemento. Contudo, embora sutil, o trecho parece questionar os argumentos utilizados por Du Bois no texto “World War and the Color Line”, principalmente quanto aos termos utilizados por Washington, como a existência de agitadores entre os negros e a ideia de que em algum momento os povos considerados inferiores iriam se revoltar contra seus dominadores. Tendo acesso ao texto completo de Washington, publicado em *The North American Review*, as indiretas se mostraram mais nítidas.

O texto publicado por Booker T. Washington, em *The North American Review*, recebeu o título de “Inferior and Superior Races” e esteve presente na edição de abril de 1915. No texto, pode-se ter uma ideia do quão comedido Washington foi ao expor suas considerações afirmando que, observando toda a destruição causada pela guerra, ele tinha motivos para agradecer a Deus por não fazer parte de uma raça superior e da satisfação “em pertencer a uma raça cuja esperança de sucesso no mundo consiste em se fazer útil para o mundo”.⁷⁹¹ Para Washington, mais do que a redefinição do mundo em termos de quais povos explorar, desencadeada por Inglaterra e Alemanha, principalmente, o que

⁷⁸⁹ Idem, ibidem, p. 76.

⁷⁹⁰ Idem, ibidem.

⁷⁹¹ BOOKER, T. Washington. Inferior and Superior Races. In: *THE NORTH AMERICAN REVIEW*, Boston, v. 201, n. 713, Apr., 1915, p. 539. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25108427>. Acesso em: 01/04/2023.

estava por trás do conflito era a obtenção de uma posição de superioridade e o medo em perder essa posição de superioridade.⁷⁹² Sua percepção do fato vai de encontro com os argumentos utilizados por Du Bois para se referir ao contexto de guerra exposto no artigo publicado em novembro de 1914. A questão se mostra mais evidente quando ele expressou que algo relacionado à guerra o impressionou e que aquela coisa era a insinuação de que o conflito era, em primeiro lugar, uma guerra racial. Os demais argumentos descritos, parecem questionar as alegações de Du Bois.

É interessante observar também que Washington não apenas parece ter tecido críticas aos comentários do editor de *The Crisis*. É possível verificar, no texto de Washington, referências ao próprio texto de Jacques Loeb, “World War: Causes and Effects”, que apareceu em dezembro de 1914. Suas considerações tocaram no assunto sobre uma possível guerra com o Japão e que devido ao clima criado sobre o tema faria com que tudo dito ou feito pelo país oriental fosse visto com apreensão pelos norte-americanos.⁷⁹³

O outro artigo que completou o tópico “The Great War: Two Articles”, escrito por Du Bois, teve seus trechos reimpressos do texto “The African Roots of War” publicado na revista *The Atlantic Monthly*, hoje *The Atlantic*, em maio de 1915.⁷⁹⁴ O texto reforçou basicamente os argumentos de Du Bois sobre a exploração do trabalho de povos considerados inferiores pelos países europeus. O trecho selecionado começou com a constatação de que a guerra era o resultado de ciúmes gerados pela ascensão de associações nacionais armadas de trabalho e capital cujo objetivo é a exploração da riqueza do mundo principalmente fora do círculo europeu de nações.⁷⁹⁵ Para Du Bois, o movimento de expansão capitalista acarretou diversos problemas internos e externos. Mesmo com as crescentes demandas dos trabalhadores brancos por salários e condições melhores, eles foram apaziguados por tentativas de socialismo de estado e por ameaças de competição com os trabalhadores negros. Outras medidas foram as ameaças de verem o capital inglês enviado para outros locais ou pela competição com trabalhadores negros

⁷⁹² Idem, p. 538.

⁷⁹³ Ibidem, p. 539.

⁷⁹⁴ Para ter acesso ao texto completo, ver: DU BOIS, W. E. B. The African Roots of War. In: PROVENZO, JR., Eugene F; ABAKA, Edmund (Eds.). *W. E. B. Du Bois on Africa*. London; New York: Routledge, 2012, p. 53-63.

⁷⁹⁵ The Great War: Two Articles. *THE CRISIS*, New York, v. 10, n.2, p. 76, June 1915.

nos Estados Unidos. Por meio de atos do tipo, uma paz industrial foi conquistada ao custo da guerra no exterior.⁷⁹⁶

Du Bois argumentou ainda que, a união entre trabalho e capital estava dando margem para uma espécie de pirataria mundial que destinava os despojos do capital a uma pequena parcela ou, como ele classificou, a uma aristocracia do trabalho constituída pelos trabalhadores mais inteligentes, sagazes e astutos. Esse esquema, por sua vez, contribuía para o crescimento numérico de trabalhadores menos qualificados e potencialmente revolucionários em países desenvolvidos.⁷⁹⁷ Reforçando seus argumentos da ligação conflituosa entre raça e trabalho, exemplificou como os trabalhadores brancos estavam dispostos a oprimir trabalhadores chineses e negros como medida para manterem seus empregos. Para o realista editor de *The Crisis*, por todo o planeta, existiam discursos e ações prontos para justificar a alegação de que se os homens brancos não sufocassem os homens negros, a China, a Índia e a África fariam com a Europa o que a Europa fez e continuava a fazer a eles. O trecho selecionado terminou com a afirmação de que os povos dominados pelo imperialismo estavam questionando sua própria condição e o privilégio do homem branco de poder se locomover para qualquer local onde a oportunidade acenasse enquanto eles viviam em condições precárias para o ganho dos países europeus.⁷⁹⁸

Por meio desse texto de Du Bois compreende-se mais significativamente a importância que ele dava para a conexão entre a questão racial e de trabalho/capital como influenciadores para os conflitos não apenas nos Estados Unidos, mas ao redor do mundo. Quanto aos elementos internos, o editor fez menção à ligação estreita que precisava existir entre mercado de trabalho e capital para que uma mínima estabilidade fosse possível de forma que os interesses a serem conquistados em outros países fossem garantidos. Esses interesses, materializados em todos os bens que poderiam ser obtidos dos países dominados pelos brancos europeus, com destaque para os do continente africano, descrito por ele como a causa principal para o advento do conflito, foram entendidos como tendo uma divisão desproporcional, tendo Inglaterra e França como principais beneficiárias.

Na leitura do longo texto publicado na revista *The Atlantic Monthly*, em maio de 1915, pode-se ter uma compreensão de como o editor entendia todas as articulações entre

⁷⁹⁶ Idem.

⁷⁹⁷ Ibidem, p. 76-77.

⁷⁹⁸ Idem, ibidem, p. 77.

capital e trabalho que com discursos sobre superioridade racial justificavam o controle de povos dominados. Um dos elementos que mais nos chama a atenção está na questão da Democracia como uma aliada dos países imperialistas para o sucesso de sua empreitada no exterior. Para o editor de *The Crisis*, a ampliação da Democracia nos países dominantes e a intenção crescente de mais pessoas participarem do que era conquistado por eles desviou seus olhares para o que poderiam conquistar fora de suas fronteiras. Para isso, o papel do trabalhador branco foi alterado e ele foi convidado a participar da exploração de outros grupos humanos. Se antes o monopólio da exploração ficava com a aristocracia ou a classe patronal, com as mudanças que atingiram a Europa, a partir do século XVIII, era a nova nação democrática composta da união entre capital e trabalho que organizava o empreendimento.⁷⁹⁹ Outros elementos surpreendentes descrevem demais relações conflituosas previstas pelo editor, não apenas no espaço de tempo próximo aos seus escritos, como a intenção do Japão em ser reconhecido como um dos países dominantes levantando suspeitas de alemães e norte-americanos, mas, também, mais distantes no tempo como em relação aos chineses que “mostraram recentemente sinais inesperados de independência e autonomia, o que pode tornar necessário levá-los em consideração daqui a algumas décadas”.⁸⁰⁰

De acordo com Du Bois, a questão de superioridade racial era um dos elementos primordiais que desencadearam a guerra que a humanidade estava vivenciando. Diferentemente das interpretações de Booker T. Washington, que considerou como superioridade habilidades de um indivíduo ou grupo de indivíduos em realizar determinada tarefa com mais destreza que outro, as análises do editor de *The Crisis* recaíram diretamente sobre o entendimento dos povos brancos em se considerar em um estágio de desenvolvimento humano acima dos demais. Tal elemento associado à vontade de conquistar riqueza material forneceu combustível para a exploração do trabalho alheio e sua justificativa. Concepções de superioridade racial e ganância se uniram para promover a exploração de indivíduos por indivíduos. Nesse jogo, a África permaneceu em desvantagem, pois enquanto na Ásia o que começava a prevalecer era uma corrida por esferas de influência econômica, reduzindo o conflito direto entre os países europeus, no continente africano as possibilidades de ganhos de exploração eram quase que

⁷⁹⁹ PROVENZO, JR.; ABAKA (Eds.). op. cit., p. 56-57.

⁸⁰⁰ Idem, p. 58.

ilimitadas.⁸⁰¹ Isso traduz a sua percepção sobre as raízes escondidas da Primeira Guerra Mundial e de outras guerras no futuro estarem no continente africano.⁸⁰²

Três comentários sobre o texto de Du Bois foram reimpressos de outros periódicos. Os comentários foram atribuídos aos jornais *The Evening Telegraph*, que consideramos ser o *The Evening Telegraph*, da cidade de Filadélfia, o *Boston Herald* e o *The Washington Observer*, da cidade de Washington, Pensilvânia. As considerações desse último periódico descreveram o texto como o mais profundo dos artigos controversos sobre o tema por tratar dos problemas raciais por um ângulo diferente ao examinar a questão em parte pelo ponto de vista socialista, imperialista e comercial, não subordinando os temas à questão racial puramente.⁸⁰³

Outros textos procuraram abordar a problemática racial e sua influência para o eclodir e a condução do conflito mundial. Um desses artigos foi “Race Superiority” (“Superioridade Racial”) cujos trechos foram extraídos do jornal *The Independent*, que dentre outras coisas questionou o excessivo idealismo alemão sobre ser um povo acima dos demais, suas atrocidades no trato de suas colônias na África, a simpatia que as teorias alemãs despertavam em boa parte dos norte-americanos e a guerra mundial ser um conflito de toda a humanidade contra um inimigo comum que era considerado inimigo de todos os povos.⁸⁰⁴ Contudo, outro elemento que também chama a atenção está relacionado à ira alemã quanto ao emprego de tropas não brancas pelas potências europeias. Com isso, surge a questão sobre o que se esperava para os povos negros com o fim do conflito.

6.3.1 – A questão do trabalho negro no Pós-Primeira Guerra Mundial em *The Crisis*: raça e trabalho

Ainda durante o primeiro ano de embates, visões sobre como seria o futuro tratamento dos negros, não apenas nos territórios dominados pelas potências europeias, mas também do afro-americano, começaram a aparecer nas páginas de jornais por todo o país. Os argumentos transpareciam o otimismo de alguns comentaristas com as experiências de tempos passados e que resultaram em como eram tratados na época. Num

⁸⁰¹ Ibidem.

⁸⁰² Idem, *ibidem*, p. 54.

⁸⁰³ The Great War: Two Articles. *THE CRISIS*, New York, v. 10, n.2, p. 77, June 1915.

⁸⁰⁴ Race Superiority. *THE CRISIS*, New York, v. 17, n. 1, p. 24, Nov. 1918.

contexto mais geral, abordando tanto o que se pretendia ser alcançado pelos africanos e afro-americanos, o tópico “The War: Effect on Prejudice” (“A Guerra: Efeito sobre o Preconceito”) trouxe importantes percepções de autoridades acostumadas a tratar do tema sobre as questões raciais. O primeiro dos quatro comentários extraídos de jornais do continente americano, num total de três (*The Southern Workman*, de Hampton, Virgínia, o *New York Evening Mail* e o *The Globe*, da cidade de Toronto, Canadá) e africano (o *Ilanga Lase Natal*, da África do Sul), foi escrito pelo jornalista indiano, reconhecido por trabalhos em jornais dos Estados Unidos, Canadá e o Reino Unido, Saint Nihal Singh.⁸⁰⁵ De acordo com Nihal Singh, a necessidade de utilizar tropas negras no continente europeu seria um golpe devastador nos preconceitos baseados em raça.⁸⁰⁶ Com o cuidado para expressar que não estava glorificando a crueldade da guerra, procurou deixar claro que a guerra, vista como um conflito entre os homens brancos, poderia ter o efeito de reconciliá-los com os outros povos.⁸⁰⁷

Apesar do emprego de povos coloniais fomentar a perspectiva de que após o conflito teriam uma nova posição e reconhecimento nos impérios europeus em que faziam parte, outros comentaristas não se mostraram tão confiantes com uma mudança significativa em sua condição. Escrevendo para o *New York Evening Mail*, o jornalista e escritor Joseph Edgar Chamberlin expressou sua descrença quanto uma alteração cabal na relação de dominação entre brancos e negros. Vindo de uma família com tradição abolicionista, Chamberlin procurou fazer uma associação com o que foi alcançado pelos afro-americanos num espaço de tempo relativamente curto após a Guerra Civil Americana. Com uma argumentação que pareceu ser uma resposta as previsões de Nihal Singh, expôs que as tropas constituídas por soldados negros já realizaram feitos semelhantes antes e que eles não foram tão impactantes para o avanço de suas condições sociais.⁸⁰⁸ O exemplo mais nítido dado pelo comentarista estava na aquisição do direito de voto do afro-americano, uma recompensa pela bravura nos campos de batalha durante a guerra de 1861-1865, que, no momento em que escrevia seu artigo, foi subtraído em cerca da metade do país. Chamberlin chegou a demonstrar simpatia pelo tratamento

⁸⁰⁵ Para saber mais, ver: KUMAR, Anu. The Trailblazers: How a runaway from Punjab with little ‘knowledge of English’ became a coveted writer for US papers. Scroll.in. 2020. Disponível em: <https://scroll.in/global/976357/how-a-runaway-from-punjab-with-little-knowledge-of-english-became-a-coveted-writer-for-us-papers>.

⁸⁰⁶ The War: Effect on Prejudice. *THE CRISIS*, New York, v. 10, n. 3, p. 125, July 1915.

⁸⁰⁷ Idem, p. 126.

⁸⁰⁸ Ibidem.

dispensado pela França em relação às colônias que empregava no conflito. Essa era uma tendência que começava a ser difundida tanto durante quanto após a guerra. Contudo, utilizando praticamente as mesmas palavras de Nihal Singh, para contestá-lo, afirmou que “no mundo branco com um todo, nenhum golpe devastador será dado ao preconceito racial como resultado disso”.⁸⁰⁹

Os dois outros comentários, embora menores, expressaram suas interpretações sobre o papel exercido pelos países imperialistas sobre suas colônias ou territórios em que mantinham um forte controle político, como o Canadá pelos britânicos. O *The Globe*, último a ser listado no tópico, de uma maneira geral, mas também refletindo sobre a própria condição do país, procurou se manifestar alegando que não deveria existir uma liderança global e, da mesma forma como Du Bois, expressou alívio sobre não ter sangue anglo-saxão, demonstrou a mesma repulsa por um domínio inglês mundial.⁸¹⁰ Resumidamente, deixou evidente que nenhum povo estava tão perto da perfeição para exercer domínio sobre a civilização.

Como pode ser observado, o impacto da guerra mundial, ainda que em seus momentos iniciais, desencadeou uma série de interpretações sobre o futuro a ser desempenhado pelos povos negros ao redor do mundo. Grande parte das interpretações tinha em seus argumentos que o essencial auxílio das colônias lhes garantiria uma maior autonomia na condução de suas próprias vidas. Essa perspectiva apenas aumentou com o passar dos anos. Porém, mesmo nas localidades ainda sob domínio de europeus, as queixas ou demonstrações por parte dos governados também começavam a ser manifestadas. Tal atitude pode ser verificado por meio da nota emitida pelo quarto periódico que compôs o tópico citado. O *Ilanga Lase Natal*, jornal sul-africano, editado em língua Zulu, fez referência ao trabalho executado pelos trabalhadores africanos para o esforço de guerra britânico. Como demonstrado pelo jornal, grandes quantidades de ouro estavam sendo enviadas para a Inglaterra e alterando materialmente o curso do conflito, chegando mesmo a ser mencionado, pelo responsável pelas finanças do Reino Unido, David Lloyd George, como uma ajuda substancial.⁸¹¹ Ainda que demonstrando apreciação por ajudar a derrotar os alemães, considerados, novamente, os inimigos da paz mundial, o jornal fez questão de destacar que o resultado da extração do mineral vinha do

⁸⁰⁹ Idem, ibidem.

⁸¹⁰ Idem, ibidem.

⁸¹¹ Idem, ibidem.

esforço dos trabalhadores africanos e que aquele grande esforço merecia ser notado. A nota pareceu terminar com uma crítica argumentando que os britânicos, por uma razão, não especificada na nota, não desejavam fomentar a mesquinhez.⁸¹² Pode-se interpretar, talvez, certo receio por parte do governo britânico em expressar qualquer tipo de elogio mais significativo aos sul-africanos, pois poderia ter o efeito de reduzir o ímpeto da realização do trabalho da maneira como estava sendo realizado fazendo com que os trabalhadores se sentissem como tendo, naquela situação dramática, poder de barganha para demandar um tratamento mais favorável à sua existência.⁸¹³

Com o passar do tempo e o acirramento do conflito, outras interpretações acerca das relações futuras entre os povos africanos, principalmente, e europeus foram ganhando novas vertentes. Exemplos de comentários podem ser confirmados nas edições de *The Crisis* de setembro de 1917, junho de 1918 e fevereiro de 1919. No primeiro caso, o escritor H. G. Wells, escrevendo para a revista inglesa *Cassells*, apresentou suas previsões para o pós-guerra. Para Wells, que além de escritor, adotava uma postura pacifista e crítica ao governo britânico, o período de expansão europeia estava chegando ao fim e os indícios de uma nova configuração mundial podiam ser sentidos através de ações de países como Japão e China. O autor também citou o continente americano, livre da dominação europeia há cerca de um século. Com relação ao tema central do tópico, o continente africano, sendo “The War in Africa” (“A Guerra na África”) o seu título, Wells expôs que a África seria o último continente a ver o fim do domínio imperialista, mas que ele também estava próximo de acontecer. Demais previsões se referiram às questões relacionadas à expansão das línguas latinas, com destaque para a francesa, e a adoção da religião islâmica como a mais apta para as necessidades dos africanos.⁸¹⁴ As interpretações apresentadas por H. G. Well fizeram parte de uma compilação sobre o que ele esperava para a configuração do mundo após o conflito mundial. Elas foram lançadas em 1916, e constituíram uma série de considerações políticas intitulada *What is Coming? A Forecast of Things After the War*. Os trechos selecionados para compor o tópico em

⁸¹² Idem, *ibidem*.

⁸¹³ É difícil estabelecer com o máximo de exatidão o que o jornal quis transmitir com essa ideia, sem ter acesso ao exemplar em que o texto completo foi escrito ou um contexto mais específico. Pesquisas no intuito de solucionar a questão foram tentadas. Exemplares digitalizados podem ser encontrados através do site da National Library of South Africa. Porém, eles compreendem, com interrupções, os anos de 1936 a 1990. Cf. <https://cdm21048.contentdm.oclc.org/digital/collection/p21048coll31/search>.

⁸¹⁴ The War in Africa. THE CRISIS, New York, v. 14, n. 5, p. 244-245, Sept. 1917.

The Crisis, fizeram parte do artigo “The White Man’s Burthen” ou o mesmo que “O Fardo do Homem Branco”.⁸¹⁵

A pequena nota que apareceu na edição de junho de 1918, recebeu o título de “Africa” e como o item citado, previamente, contribuiu para compor a seção “The Looking Glass”. O tópico foi uma reprodução de uma matéria reimpressa da revista *New Republic* e tratou de divulgar algumas considerações acerca do que se esperava para os trabalhadores e países africanos ao fim do conflito. As considerações foram fruto da Inter-Allied Labor Conference ou mais especificamente Inter-Allied Labour and Socialist Conference, realizada em Londres, em 22 de fevereiro de 1918. As considerações apresentadas pelos membros integrantes, publicadas no recorte em *The Crisis*, ressaltavam a condenação de “qualquer ideia imperialista que transforme esses países em espólios de uma ou várias nações”, bem como sua exploração visando o lucro capitalista e interesses militares de seus governantes.⁸¹⁶ Além dessas propostas, outras três se referiram mais especificamente a soberania dos povos nativos do continente e as estratégias para melhorarem suas condições de vida atentos às vontades da população em cada localidade, a garantia da propriedade da terra e a completa destinação dos rendimentos para o bem-estar e desenvolvimento das, até então, colônias.⁸¹⁷

O documento completo sobre os objetivos do encontro foi publicado pela American Association for International Conciliation, em junho de 1918. Uma organização ampla que contava com correspondentes inclusive na América do Sul e que se destinava a promoção da boa convivência mundial. Embora essa Associação deixasse claro que se esforçava para evitar questões contenciosas, principalmente relativas à política interna de qualquer país, o documento publicado tinha claro viés trabalhista e Socialista, tanto pelo memorando sobre a conferência realizada em Londres, quanto pelo outro documento que o compôs: o *The Allied Cause is the Cause of Socialist Internationalism: Joint Manifesto of the Social Democratic League of America and the Jewish Socialist League*. Sobre esse último, deixou evidente o apoio à decisão do governo norte-americano em participar do conflito e, numa posição até mesmo controversa, destacou que, apesar do Capitalismo fomentar as rivalidades comerciais que

⁸¹⁵ Para conferir o texto completo, ver: WELLS, H. G. *What is Coming? A Forecast of Things After the War*. Good Press, 2022. E-book.

⁸¹⁶ Africa. *THE CRISIS*, New York, v. 16, n. 2, p. 72, June 1918.

⁸¹⁷ Idem.

intensificaram o ódio e criaram um terreno fértil para a guerra, a barbárie que estavam vivenciando não foi devido ao sistema capitalista, mas ao imperialismo dinástico. A explicação se concentrou nas percepções de que a guerra não era lucrativa para as classes capitalistas envolvidas. Por outro lado, as dinastias que governavam a Alemanha usaram a Áustria para alcançarem seus objetivos. De acordo com seus autores, esse pensamento era o consenso que os socialistas chegaram durante uma conferência que reuniu partidos de diversos países, em fevereiro de 1915.⁸¹⁸

Acerca do tema apresentado no artigo que apareceu em *The Crisis*, no número de junho de 1918, as resoluções discutidas e aceitas na reunião realizada em Londres fizeram parte do tópico “Territorial Questions” que tratava de discutir as reparações e novas configurações que deveriam constituir o mapa mundial com o fim do conflito. As diretrizes deveriam ser discutidas respeitando-se os interesses dos povos de determinar os seus próprios destinos sob os auspícios da Liga das Nações. Preocupada em como se daria a questão acerca dos interesses dos povos, os conferencistas deixaram claro que nem raça, nem identidade de língua poderia ser usados como fornecendo mais do que uma presunção em favor de uma federação ou unificação. Dessa maneira, possíveis ajustes de limites deveriam basear-se exclusivamente no desejo das pessoas envolvidas.⁸¹⁹ Ao todo, nove principais interesses sobre definições territoriais foram pontuados, sendo que a África foi discutida no item “The Colonies and Dependencies”. Condenando a política dos governos capitalistas, os conferencistas afirmaram que “o tratado de paz deveria assegurar aos nativos em todas as colônias e dependências, proteção efetiva contra os excessos do colonialismo capitalista”. Dentre outras determinações, estava ainda a concessão de autonomia administrativa a todos os grupos de pessoas que demonstravam certo grau de “civilização” e para todas outras uma participação progressiva no governo local.⁸²⁰

Em meio a proliferação de manifestações de interesses relacionados não apenas aos afro-americanos, mas, também, aos africanos, a NAACP demonstrou suas concepções sobre o futuro dos povos que sofriam com a opressão dos europeus no continente. Tais

⁸¹⁸ Cf. *International Conciliation Special Bulletin*. New York City: American Association for International Conciliation, June, 1918, p. 23-25. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=loc.ark:/13960/t3417nr9x&view=1up&seq=4>. Acesso em: 11/04/2023.

⁸¹⁹ Idem, p. 9-10.

⁸²⁰ Ibidem, p. 14.

demonstrações não ficaram restritas à publicação de artigos e previsões sobre o assunto. Elas se voltaram para a participação efetiva em encontros e reuniões acerca do tema. No encontro anual realizado pela organização, em janeiro de 1919, aspectos sobre o domínio europeu sobre o continente, a afirmação de que um esforço para eliminar a repressão sofrida pelos afro-americanos nos Estados Unidos e perspectivas do que deveria ser feito para uma ampla liberdade dos africanos foram discutidos. Um resumo acerca dos temas tratados na reunião de 06 de janeiro esteve presente na edição de fevereiro de *The Crisis* e constituiu o tópico “Africa and the World Democracy: A Report” (“África e a Democracia Mundial: Um Relatório”). A primeira frase do resumo deixou claro o que os membros ligados à NAACP esperavam para o continente africano com o recente fim da guerra mundial ao afirmar que a “África deve definitivamente retornar para os africanos”.⁸²¹

No informe, foram destacadas menções a seis membros que tiveram seus discursos brevemente pontuados no texto. Dentre eles estavam John R. Shillady, Secretário da Associação, o professor e filósofo Horace Meyer Kallen e o Secretário de Campo da NAACP, James Weldon Johnson. Du Bois, em viagem à Europa, teve o texto “The African Roots of War”, mencionado anteriormente, discutido pela recém-eleita presidente da NAACP, Mary White Ovington, em um texto intitulado “The Future of Africa” (“O Futuro da África”) que já havia aparecido nas páginas da edição de janeiro da revista.⁸²² Com relação aos aspectos econômicos discutidos, o professor Kallen destacou que as atrocidades no continente era fruto de ganância dos comerciantes europeus que não vendiam produtos capazes de levar a felicidade aos nativos e uma vez que esses percebiam estarem sendo usados como meios de exploração empreendiam resistência, mas eram vencidos dando origem a mais uma colônia. Com uma preocupação mais enfática nas colônias que pertenciam aos alemães, Kallen argumentou que a Europa não estava realmente ganhando nada com sua exploração na área, pois as pessoas brancas não se dirigiam para a África Central para estabelecerem residência, preferindo a América (Estados Unidos) ou Austrália. Para o palestrante, o barateamento do trabalho dos nativos era uma ameaça, pois funcionava em detrimento da própria mão-de-obra europeia. O trecho destacado do discurso de Kallen, salientou que as ex-colônias alemãs deveriam ser

⁸²¹ Africa and the World Democracy: A Report. *THE CRISIS*, New York, v. 17, n. 4, p. 173, Feb. 1919.

⁸²² Cf. DU BOIS, W. E. B. The Future of Africa. *THE CRISIS*, v. 17, n. 3, p. 119-121, Jan. 1919.

consideradas pelas pessoas justas como um local de confiança e encorajada pela Liga das Nações a atingir seu autodesenvolvimento.⁸²³

O trecho do discurso proferido por Horace Kallen reimpresso em *The Crisis* tratou de destacar os aspectos econômicos que fomentavam o cruel tratamento dispensado aos africanos, principalmente nas colônias alemãs e belgas. Contudo, o pronunciamento completo, impresso pela NAACP, trouxe os principais discursos da noite, com destaque para os de Kallen e o de Johnson. Outros elementos que estiveram presente na fala de Kallen, intitulada “The Future of Africa and the League of Nations” (“O Futuro da África e a Liga das Nações”) evidenciaram com mais detalhes a conexão entre o capitalista que se dirigia ao continente africano para fazer fortuna e o papel dos governantes de seu país em auxiliá-lo na empreitada. De acordo com Kallen, “quando os comerciantes descobriam que não podiam lidar com os homens negros, convidaram seus governos para fazer o trabalho por eles”.⁸²⁴ Dessa forma, a responsabilidade era passada para os Estados. Por meio do discurso completo de Kallen é possível compreender sua visão sobre a preferência dos europeus por outros locais para viverem. Para ele, os principais interessados no continente eram os banqueiros e os financiamentos para que povos europeus, como os alemães, permanecessem no local tinham fracassado, pois, aqueles que se dirigiam para o local se chocavam com os interesses dos povos africanos. Completando sua percepção sobre o aspecto, afirmou que toda a conversa difundida de que a fundação de colônias era para o benefício das populações excedentes em países europeus era uma forma de mentira atribuída pela diplomacia.⁸²⁵

Dentre outros tópicos salientados por Horace Kallen em seu discurso, como a necessidade do reconhecimento da África e, principalmente, da África Central como uma parte integral do mundo, sendo necessária uma comissão internacional para promover sua reestruturação, comissão essa que deveria contar com especialistas sobre a vida e o trabalho do continente englobando os próprios africanos no empreendimento, a sua explanação acerca do mercado de trabalho e da influência do movimento trabalhista como um elemento que influenciou a exploração em outros países chama a atenção. Sobre a

⁸²³ Africa and the World Democracy: A Report. *THE CRISIS*, New York, v. 17, n. 4, p. 174, Feb. 1919.

⁸²⁴ Address by Prof. Horace Meyer Kallen. The Future of Africa and a League of Nations. *AFRICAN IN THE WORLD DEMOCRACY*. National Association for the Advancement of Colored People. New York: NAACP, 1919, p. 7. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/102483128>. Acesso em: 26/04/2023.

⁸²⁵ Idem.

questão, é preciso deixar claro que o fortalecimento do movimento trabalhista é algo positivo e um dos principais fatores para a conquista de melhores condições de vida e trabalho da classe operária. A sua distorção e manipulação pelos capitalistas e comerciantes é o que constituiu um dos males que proporcionou a exploração de trabalhadores para fora das fronteiras onde as uniões trabalhistas haviam conquistado e continuavam a conquistar vantagens para seus membros.

Em uma explicação rápida sobre como os trabalhadores eram levados a se organizarem para melhorarem suas condições de vida por intermédio da estruturação de sindicatos, Kallen apresentou o que seria um revés que era o desinteresse dos empregadores em investir seu capital no país de origem, procurando outros destinos devido ao que foi denominado “o alto custo do trabalho”. Segundo a explicação de Kallen, os capitalistas definiam esse termo como se ele fosse uma *commodity*, uma mercadoria que se podia negociar como um bem manufaturado. Em suas próprias palavras, “O trabalho, obviamente, não é uma mercadoria. Quando um homem vende seu trabalho, ele vende a si mesmo e o alto custo do trabalho nada mais é do que o alto custo da vida humana”.⁸²⁶ É possível perceber, na explanação do professor, sua repulsa e preocupação quanto à participação dos capitalistas, interessados apenas no lucro, no futuro do continente africano afirmando, como já mencionado, que sua reconfiguração, como um interesse mundial, não deveria estar nas mãos de financiadores, mas de pessoas mais simples.⁸²⁷

Ainda existem muito mais elementos que poderiam ser discutidos no discurso proferido por Kallen na noite de 6 de janeiro de 1919, no Carnegie Hall, em Nova Iorque. Contudo, os pontos apresentados contribuem para reforçar que a NAACP, *The Crisis*, seus membros e colaboradores estavam interessados em discutir a questão do mercado de trabalho e das condições dos trabalhadores não apenas afro-americanos, mas africanos também. Muito mais que isso. O interesse da Associação estava voltado para a melhoria das condições de vida de todos que podiam ser considerados negros em qualquer parte do mundo. Essa foi uma das proposições que estiveram presentes no outro discurso que recebeu destaque nas publicações da NAACP. O discurso de James Weldon Johnson.

As interpretações de Johnson, da mesma maneira que a de Kallen, estiveram presentes nas páginas de *The Crisis*, na edição de fevereiro de 1919. Dentre o que foi

⁸²⁶ Ibidem, p. 9.

⁸²⁷ Idem, ibidem.

mencionado sobre o discurso do até então Secretário de Campo da NAACP, estavam as três razões para o interesse da Associação no futuro do continente. Essas três razões, encontravam-se no fato de que nenhuma outra nação estava suscetível de trazer o tema à tona, que o que aconteceria com a África era uma questão de caráter internacional, corroborando a justificativa de Du Bois de que futuras guerras e conflitos poderiam se originar no continente e a terceira razão focada no interesse da NAACP em estar atenta a tudo que circundava o homem negro em qualquer lugar do planeta.⁸²⁸ Os elementos contidos no trecho referente à Johnson, que esteve presente no número de fevereiro da revista, procuraram não se aprofundar em tópicos referentes à África, mas no estabelecimento de direitos dos afro-americanos. Para Johnson e vários outros integrantes da NAACP, uma batalha de dimensões gigantescas também deveria ser travada no país e, além da questão econômica, o combate ao amargo ódio racial e à apatia e indiferença nacional, com essa última sendo a mais desastrosa, era o que deveria guiar a instituição para aquele ano que se iniciava.⁸²⁹

Observando o discurso proferido por Johnson naquela noite de janeiro de 1919, o mais amplo contido no documento impresso pela NAACP, com onze páginas, pode-se verificar que ele também estava atento ao que deveria ser alcançado pela África e pelos africanos. Em seu relato, cinco páginas e meia foram destinadas à defesa do continente africano com a exposição de que a NAACP, como uma organização do tamanho que era se encarregou de enviar um especialista no assunto – Du Bois – para a Europa com a finalidade de levantar a questão sobre o futuro do continente africano durante a conferência de paz, pois, como mencionado mais acima, países fora do continente não demonstrariam interesse de o fazer.⁸³⁰ Estava contido em seu discurso, também, a defesa da longa história africana como o berço da humanidade chegando a mencionar a

⁸²⁸ Africa and the World Democracy: A Report. *THE CRISIS*, New York, v. 17, n. 4, p. 176, Feb. 1919.

⁸²⁹ *Idem*.

⁸³⁰ Relatos de Du Bois acerca de sua viagem para a França foram impressas na edição de fevereiro de 1919 e foram enviadas nos dias 08 e 14 de dezembro de 1918. Na primeira, o editor relatou um pouco de sua rotina dentro do navio de transporte USS Orizaba que passaria ao governo brasileiro, em 1945, com o nome de Duque de Caxias. Du Bois informou sobre os desafios que precisou enfrentar para conseguir uma credencial, o quanto apreciou a viagem e as palestras que deu para outros correspondentes. Na segunda, enviada de Paris, a primeira informação foi que ao chegar à cidade de Brest, na manhã do dia 09 de dezembro, o navio foi abordado por centenas de estivadores negros que trabalharam a noite inteira descarregando a carga de aveia, utensílios da Cruz Vermelha, dentre outros produtos. Du Bois fez questão de destacar que uma das coisas surpreendentes da guerra foi a transferência de mercadorias dos Estados Unidos e o trabalho realizado pelos negros. Algo que ele já sabia. Essas poucas informações podem parecer triviais, mas revelam como o editor de *The Crisis* estava sempre atento às atividades exercidas pelas pessoas negras, em geral. Cf. Letters from Dr. Du Bois. *THE CRISIS*, New York, v. 17, n. 4, p. 163-164, Feb. 1919.

existência de uma espécie de conspiração cujo objetivo era retirar todo o crédito africano para o desenvolvimento da civilização.⁸³¹ Contudo, o próprio autor afirmou que o principal interesse da NAACP “apesar de sua ampla simpatia por todos os povos oprimidos, não está na África e nos africanos, mas na América e nos americanos de cor”.⁸³²

Num primeiro momento, seu posicionamento pode soar egoísta, mas Johnson procurou expor as suas justificativas para tal. Suas explicações procuraram se centrar na proximidade do problema e no caráter nacional que ele apresentava. Para ele, os países europeus não tinham nenhuma intenção em mudar leis em estados como a Georgia ou Alabama. A luta pela democracia para os africanos e a luta pela democracia para os afro-americanos não podiam ser colocados em um mesmo patamar, pois os negros nos Estados Unidos não pertenciam a uma raça subjugada e não aceitavam o rótulo. Eles eram cidadãos do país e tinham direitos garantidos pela Constituição. Por outro lado, outros povos estavam lutando para que seus direitos fossem escritos nas leis de seus respectivos países, configurando assim uma característica internacional. Na explanação de Johnson, o afro-americano e a NAACP estavam batalhando para fazer valer o que já estava nas leis do país.⁸³³

Para aqueles que consideravam que o problema era puramente econômico, explicando o tópico selecionado em *The Crisis*, o autor deixou evidente que não se tratava de uma simples questão de exploração da mesma forma como ocorria na África pelos europeus. A situação no país podia ser considerada mais problemática devido ao ódio racial e da inércia. Essa última extremamente difícil de se alterar. Eram nesses aspectos que a NAACP deveria se focar e procurar combater. Johnson se mostrou muito realista e, da mesma maneira que Joseph Edgar Chamberlin, anteriormente citado, não acreditou que a lealdade dos soldados afro-americanos traria resultados satisfatórios no que se referia à conquista de direitos para o grupo. Para conquistar ganhos realmente palpáveis, os envolvidos com a NAACP deveriam empreender um protesto inteligente e, ao mesmo, tempo agressivo para despertar a consciência da nação “até induzi-la a compreender que sabemos o que queremos, sabemos a que temos direito e que estamos determinados por

⁸³¹ Address by James Weldon Johnson. Africa at the Peace Table and the Descendants of Africans in Our American Democracy. AFRICAN IN THE WORLD DEMOCRACY, op. cit., p. 14-16.

⁸³² Idem, p. 18.

⁸³³ Ibidem, p. 18-19.

tudo o que é sagrado a tê-lo e ficar satisfeitos com nada menos”.⁸³⁴ Demais elementos do texto podem ser, da mesma maneira, citados, como sua crítica ao presidente Woodrow Wilson ou o seu clamor para que todos os homens e mulheres independentemente da cor se juntassem na jornada.

Por intermédio de tais discursos, reuniões e participações diretas em conferências têm-se uma pequena amostra da disposição da NAACP e de seus associados e simpatizantes em discutir as questões que oprimiam os povos negros não apenas nos Estados Unidos ou na África, mas outras partes do mundo. Em suas publicações, em especial a revista *The Crisis*, evidencia-se o interesse em protestar por formas que pudessem alterar a condição dos trabalhadores negros, fomentando melhores condições de trabalho, salários melhores e participações em sindicatos como meios que garantirem seus direitos. Nesse aspecto, os anos que compreendem a ocorrência da Primeira Guerra Mundial e o imediato pós-guerra, foram extremamente importantes para o amadurecimento da Associação por colocar em pauta novos procedimentos a serem adotados e a perspectiva de uma visão mais ampla sobre como proceder quanto ao ativismo e a conquista de direitos para os afro-americanos, principalmente. Tal disposição evidencia o interesse deixado claro no subtítulo da revista, “*A Record of the Darker Races*” (“Um Registro das Raças de Cor”), comentado pelo historiador Gerald Horne, como um local em que os problemas relativos aos povos não considerados brancos poderiam ser discutidos e abordados.⁸³⁵

Como era de se supor, perspectivas sobre como seria o papel a ser desempenhado e conquistado pelos Negros, não ficaram restritos à África e aos africanos. O tratamento que o afro-americano deveria obter no país, da mesma maneira, permearam as páginas da revista da NAACP. Na mesma edição de fevereiro de 1919, um longo texto escrito por Mary White Ovington preencheu quatro páginas e meia da revista. Mencionando outros povos e nacionalidades que estavam batalhando para conquistarem seus direitos, como os judeus e os irlandeses, Ovington procurou se focar e descrever como a situação do afro-americano era ainda mais árdua de superar, mesmo estando em seu próprio país.

O artigo denominado “Reconstruction and the Negro” (“Reconstrução e o Negro”), apresentou e discutiu propostas que deveriam ser empreendidas para que o afro-

⁸³⁴ Idem, *ibidem*, p. 20.

⁸³⁵ HORNE, Gerald. *W. E. B. Du Bois: A Biography*. Santa Barbara, California; Dever, Colorado; Oxford, England: Greenwood Press, 2010, p. 62.

americano, que serviu tão lealmente o país durante a guerra, pudesse usufruir das conquistas que todos acreditavam ser possíveis de acontecer.⁸³⁶ No início de sua exposição, Mary White Ovington destacou determinados grupos que estavam se empenhando para conseguir conquistar algo de valor para si com o fim do conflito. Dentre os grupos mencionados e demonstrando como a atenção da NAACP estava voltada para a melhoria das condições em que viviam, o primeiro foi o dos trabalhadores que estava “esculpindo a fortuna dos outros enquanto ele próprio permanecia na pobreza”.⁸³⁷ Outros grupos como o das mulheres, as pequenas nacionalidades e aqueles considerados “raças inferiores” (grifo do autor) também foram mencionados. Contudo, para Ovington, nenhum grupo que estava demandando mais direitos no planeta tinha um caminho mais difícil que o afro-americano, em 1919.

Com o intuito de responder a sua própria questão sobre que modelo de reconstrução o negro norte-americano demandava para o período, Ovington recorreu a um discurso proferido por J. R. Hawkins em uma reunião na filial da NAACP no Distrito de Colúmbia. Na ocasião, Hawkins elaborou um texto análogo ao do presidente Wilson contendo catorze pontos para exemplificar o que o afro-americano desejava para aquele ano. Dentre esses pontos, seis poderiam englobar tanto brancos quanto negros e os oito restantes se referiam exclusivamente a esses últimos.⁸³⁸ No que se refere aos seis primeiros, três chamam atenção por se referir exclusivamente as questões relacionadas ao trabalho e a mão-de-obra. Esses eram a completa remoção do sistema de peonagem no Sul, um salário compatível tanto para brancos e negros, e melhores condições de moradia para os funcionários negros nas fábricas.⁸³⁹ Interessante observar que na perspectiva assinalada, as questões que tratam do trabalho não apenas tem como destaque o afro-americano, apesar de ser ele quem mais precisava ser auxiliado, pois, como descrito por

⁸³⁶ Obviamente que não podemos deixar de levar em conta que o clima pós-guerra, com suas perspectivas de um mundo mais justo e solidário, estava nos pensamentos e crenças da maioria das pessoas demonstrando que algo de novo, em termos de relacionamento entre as nações, teria que ser estruturado.

⁸³⁷ OVERTON, M. W. Reconstruction and the Negro. *THE CRISIS*, New York, v. 17, n. 4, p. 169, Feb. 1919.

⁸³⁸ Os tópicos que se referiam unicamente aos negros eram o direito ao voto, melhores condições em instalações educacionais, abolição do sistema Jim Crow, fim da discriminação em departamentos do governo federal, o mesmo treinamento militar dispensado aos brancos, um julgamento justo e imparcial, o direito do afro-americano em participar de tribunais e um tratamento justo com as mesmas oportunidades que a dos brancos. Cf. *Idem*, p. 169-170.

⁸³⁹ Os outros três elementos se resumem na eliminação de um prazo imaginário para o reconhecimento da aptidão para promoção no serviço militar e naval, melhores condições sanitárias em certas localidades de cidades e municípios e a reforma no sistema penal na região Sul. *Ibidem*, p. 169.

Ovington, existia mais um fator que poderia ser acrescentado, que era a discriminação racial, que teria de ser superada.⁸⁴⁰

Limitando-nos apenas as proposições trabalhistas, a autora destacou que nesse programa de correção de erros, os afro-americanos deveriam se unir às forças progressistas da comunidade e trabalhar com elas para a aquisição dos objetivos propostos. Consequentemente, Ovington fez questão de destacar que nem mesmo na região que exercia a mais rígida segregação em relação aos afro-americanos, a união entre esses e os trabalhadores brancos, era impossível. A autora salientou, características já mencionadas aqui em capítulos anteriores, a disposição do grupo em trabalhar com os trabalhadores brancos, a ideia de que a incapacidade do negro de operar máquinas não passava de um mito e os altos índices de produtividade alcançados pelos trabalhadores pertencentes ao grupo. E para encerrar sua descrição sobre o aspecto do trabalho, destacou, assim como vários outros membros da NAACP anteriormente citados, a essencialidade da solidariedade entre a classe trabalhista. Como descrito por ela, “até que o Negro reconheça a solidariedade do trabalho, nem ele, nem o homem branco pode assegurar permanentemente seus direitos industriais e humanos.”⁸⁴¹

Ovington teceu comentários sobre todos os catorze elementos destacados como de suma necessidade para uma melhor existência do afro-americano no país. Contudo, as argumentações presentes em seu texto e as recorrências nos discursos de outros membros integrantes da NAACP e seus simpatizantes da necessidade de solidariedade trabalhista demonstra, mais uma vez, a relação estreita que deveria existir entre a luta pela garantia de direitos civis, no geral, e direitos econômicos, em particular, como elementos quase que indissociáveis. Da mesma maneira, a autora entendia o período como um momento extremamente propício para a ação mais enfática, por parte dos afro-americanos e seus apoiadores, para se atingir o que pretendiam, chegando mesmo a afirmar que o negro deveria lutar pelo seu direito de se unir às uniões trabalhistas que representavam seus ofícios ou formar as suas próprias uniões caso lhes fosse negado o direito de filiação.⁸⁴²

Como pode ser verificado, o interesse da NAACP em relação ao afro-americano ia muito além do combate ao linchamento e da conquista de direitos políticos. Esses dois, sendo dos temas mais recorrentes nos discursos da instituição e de suas publicações como

⁸⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 170.

⁸⁴¹ Idem, *ibidem*.

⁸⁴² Idem, *ibidem*.

a revista *The Crisis*. Embora estivesse atenta a essas demandas, a situação do trabalhador negro norte-americano era uma das maiores preocupações a serem discutidas e divulgadas pela Associação em seus primeiros anos de existência. Grande parte desse foco estava relacionada à compreensão de determinados fatores que se propagaram por décadas e que, devido ao contexto progressista que se estruturou paradoxalmente com o acirramento da segregação, permitiu a abordagem de tais questões.

A preocupação da instituição acerca da ampliação de melhores oportunidades para os trabalhadores afro-americanos, não permaneceu restrita aqueles que permaneceram no país e contribuíram para satisfazer a demanda industrial que o país exigia. A aproximação do retorno daqueles que serviram diretamente na Europa também foi um elemento que passou a ser discutido e divulgado nas publicações da NAACP. “Negro Soldiers and Labor” (“Os Soldados Negros e o Trabalho”), publicado em março de 1919, foi um artigo compilado de um texto publicado no *Public Ledger*, jornal da cidade de Filadélfia, escrito por S. P. Thorpe. O artigo, publicado em *The Crisis* um mês após as explanações de James Weldon Johnson e Mary White Ovington, apenas para citar alguns, demonstra a conexão de pensamentos e propostas entre aqueles que professavam uma nova perspectiva no tratamento a ser dispensado ao afro-americano.

O texto de Thorpe, compilado em *The Crisis*, expressou a vontade mostrada pelo negro e demais norte-americanos de várias nacionalidades de contribuir para o esforço de guerra seja, no campo militar ou na indústria. As palavras de Thorpe, em um tom que mais parece um sermão, demandava que, naquele momento, as portas que permitiram a entrada dos afro-americanos no setor industrial e em diversas outras oportunidades permanecessem abertas ao grupo.⁸⁴³ Outros tópicos, como a concretização de uma justiça imparcial e respeito, também foram citados. Porém, o que chama a atenção no texto publicado é o seu encerramento quando, após todas as proposições para proporcionar ao afro-americano uma existência como ele merecia usufruir, Thorpe afirmou, não como uma resposta para as indagações de Johnson e Ovington, mas como uma complementação às reflexões dos dois ativistas que se as medidas sugeridas fossem seguidas, “a questão de qual posição o Negro ocupará durante o período será perdida no espírito altruísta e democrático de serviço sincero que será uma segunda benção para as pessoas da terra”, sendo a primeira benção, o nascimento de Cristo.⁸⁴⁴

⁸⁴³ Negro Soldiers and Labor. THE CRISIS, New York, v. 17, n. 5, p. 239, Mar. 1919.

⁸⁴⁴ Idem.

Novamente, como pode ser verificado ou, no mínimo, sugerido, a compatibilidade de reflexões sobre as perspectivas de uma nova forma de relação a ser estruturada para a sociedade estadunidense, com o fim da sua participação na guerra mundial, era um sentimento firmemente arraigado por ativistas nos mais diversos cantos do país. Mais que isso, esses homens e mulheres que dedicaram boa parte de suas vidas para a promoção de um convívio mais justo e humano entre as diferentes e diversas camadas inseridas nos limites territoriais dos Estados Unidos estavam atentos ao que seus compatriotas discutiam e publicavam e, através de textos, além da efetiva ação, mostravam seu apoio e fortaleciam o discurso.

Ações concretas da NAACP para romper a discriminação e a segregação racial no campo trabalhista podem ser constatadas por meio das realizações alcançadas por suas afiliadas durante o ano de 1918. Em um relatório curto de cinco páginas publicado em *The Crisis*, na edição de abril de 1919, correspondentes da Associação divulgaram algumas das atividades realizadas pelos seus membros. O documento contou com dez seções com tópicos tais como “Legislation” (“Legislação”) e “Education” (“Educação”). Porém, o tópico “Labor” é extremamente interessante por apresentar as batalhas enfrentadas pelos dirigentes e funcionários para conseguir condições mais dignas para as atividades que os trabalhadores afro-americanos desempenhavam durante o conflito. Dentre os ganhos obtidos por meio da militância estão as informações de que o Navy Yard (Arsenal da Marinha), em Charleston, Carolina do Sul, não queria contratar trabalhadoras negras e que com a intermediação da afiliada local, com a ajuda do presidente da afiliada do Distrito de Colúmbia, conseguiram fazer com que 250 mulheres fossem empregadas no local. Em San Antonio, Texas, a filial local garantiu a contratação de 300 mulheres negras na Reclamation Station (Estação de Recuperação). Outra atividade bem sucedida foi realizada na cidade de Charleston, dessa vez, na Virgínia do Oeste, onde a seção local da NAACP garantiu que dois encanadores negros fossem reintegrados aos seus empregos mesmo com a recusa de seus colegas brancos. Muitas outras ações foram descritas em localidades como Detroit, Augusta, na Geórgia e em Little Rock, Arkansas.⁸⁴⁵

Quanto aos leitores, poucas correspondências relacionadas ao assunto podem ser encontradas nas páginas da revista da NAACP. Uma delas, a correspondência enviada

⁸⁴⁵ National Association for the Advancement of Colored People: The Stories of the Branches for 1918. *THE CRISIS*, New York, v. 17, n. 6, p. 281-285, Apr. 1919.

pela leitora-escritora Eleonora A. Smith, esteve presente na seção “The Outer Pocket” e traduziu um pouco do sentimento de gratidão pelo esforço desempenhado pelos afro-americanos na Europa e principalmente na França.

A autora demonstrou sua apreciação pela forma como os franceses trataram não apenas os afro-americanos, mas os povos negros, no geral, confirmando, mais uma vez, a percepção de que os franceses mereciam ser lembrados pelo tratamento que dispensaram a esses povos, ainda que sua maneira de agir tenha sido intensificada pela necessidade de auxílio que eles poderiam oferecer. Smith, além disso, criticou as práticas dos próprios norte-americanos brancos das Forças Armadas do país, em uma referência nítida às práticas segregacionistas do Exército. Smith sugeriu que devido à forma cordial com que o afro-americano foi tratado pelos franceses, um memorial permanente fosse considerado pelo governo francês para que as futuras gerações pudessem lembrar dos negros norte-americanos, assim como eles lembravam de *La Fayette*, militar francês que auxiliou as tropas revolucionárias na Guerra de Independência dos Estados Unidos.⁸⁴⁶

⁸⁴⁶ *THE CRISIS*, New York, v. 21, n. 1, p. 20-22, Nov. 1920.

ordenaram o seu recolhimento e a queima, contribuíram para aumentar a simpatia pelos franceses várias vezes expostos em matérias de *The Crisis*.⁸⁴⁷

Além da menção aos empecilhos enfrentados pelos negros norte-americanos enquanto serviam no teatro de guerra europeu, está a questão da elaboração de um monumento permanente para que tanto o bom relacionamento dispensado ao afro-americano quanto ao esforço negro não se perdesse no tempo e servisse de exemplo para as futuras gerações, parece ter sido influenciado por esse número da revista. Tal argumentação se faz pertinente pelo fato de que a capa da edição de maio de 1919, traz um soldado afro-americano, ainda em seu uniforme, apressando-se para deixar registrado os sentimentos que o guiaram durante o conflito: a lealdade, o valor e a conquista.⁸⁴⁸ Esses elementos, bem como os distúrbios raciais que ocorreram no país, ainda em 1919, e o aumento do desemprego entre os veteranos afro-americanos, talvez, fomentaram os comentários da leitora-escritora Smith. Não devemos deixar de considerar também que a autora da carta a tenha enviado em um espaço de tempo mais próximo da edição de maio de 1919 e por interesse do editor a correspondência tenha sido publicada apenas em novembro de 1920.

⁸⁴⁷ Cf. Documents of the War: Collected by W. E. Burghardt DuBois. *THE CRISIS*, New York, v. 18, n. 1, p. 16-21, May 1919.

⁸⁴⁸ Cf. Cover. Drawing By Lorenzo Harris. *THE CRISIS*, New York, v. 18, n. 1, p. 1, May 1919.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante aqueles que podem ser considerados seus anos mais intensos, a revista *The Crisis* e os membros envolvidos com ela presenciaram um país e um mundo em rápido processo de modificação. Tais alterações, como não poderia deixar de ser, refletiram não apenas na forma de relacionamento entre os diversos grupos que coexistiam nos Estados Unidos, durante a segunda década do século XX, mas impactaram sobremaneira o mercado de trabalho em que estavam inseridos ou tentavam se inserir. Como pode ser afirmado, em nenhum outro local a questão ou as questões envolvendo trabalho tiveram tamanha proporção quanto no país norte-americano. Obviamente que essa problemática não caminhou sozinha. Ela foi intensificada pelo fator racial que colocava de lados opostos brancos e negros de forma que, até mesmo, cooperações em prol de ganhos comuns, ainda que existissem, eram consideravelmente difíceis de se estabelecerem.

Atentos às situações de competitividade e exclusão, leitores da revista da NAACP assumiram outro papel que era o de escritores de cartas e procuravam expressar suas queixas e, por vezes, suas percepções sobre as diversas situações envolvendo questões trabalhistas que se avolumavam pela sociedade do país. Situações de exploração, seja no meio urbano ou rural, falta de oportunidades, denúncias sobre ações de órgãos governamentais que se aproveitavam da força de trabalho dos afro-americanos, ameaças para que membros do grupo negro deixassem determinado local ou a efetivação das ações por meio de atos de violência cometidos por membros da comunidade branca são alguns dos exemplos que podem ser citados. Com relação a essas últimas, em particular, embora sejam classificadas como *race riots* ou distúrbios raciais, elas parecem carregar consigo um elemento a mais que é o da competição por trabalho. Como apresentado durante a discussão, seja por menção ou discutindo com mais detalhe, várias ocorrências não podem ser classificadas apenas considerando um fator. E essa característica tem suas raízes, até mesmo, durante a Guerra Civil Americana, quando o discurso passou a englobar também a Emancipação dos escravos. Já, diante da perspectiva de verem a competição por posto de trabalho aumentar, muitos indivíduos protestaram com veemência. Uma espécie de costume sobre o que se sucederia.

Fatores positivos também podem ser mencionados. Ainda que a pesquisa trate da exposição das percepções dos leitores de *The Crisis*, por meio das cartas que enviavam

principalmente para o editor da revista, o intelectual e militante negro W. E. B. Du Bois, observa-se também o empenho e a conexão não apenas da Associação que a regia, a NAACP, mas de uma ampla gama de indivíduos, instituições e de outros periódicos que, a sua maneira, estavam dispostos a colaborar para a causa dos direitos civis dos afro-americanos. Embora suas ações abarcassem diversos pontos, as questões que envolviam os casos trabalhistas, o que se trata essa pesquisa, fomentaram a colaboração direta e indireta de diversas pessoas. Casos, como a garantia de proteção para trabalhadores afro-americanos que por alguma situação estiveram ameaçados de perderem suas vidas em meio a uma multidão enfurecida, envolveram profissionais das mais diversas áreas visando torná-los mais evidentes. As correspondências entre os membros da NAACP e a publicação de correspondências de indivíduos ligados à Associação demonstram o quanto estavam interessados na situação. As conexões, mesmo que nos bastidores, mostraram-se válidas.

A seção de cartas na revista *The Crisis*, o interesse e exposição de situações em que os trabalhadores negros estavam inseridos não deve ser dissociada. Como foi visto, a primeira correspondência publicada na seção foi de um grupo de trabalhadores demonstrando solidariedade para com os negros e para com os trabalhadores negros. Outro elemento que se revela importante, é o fato dessa primeira correspondência ter sido enviada de fora do país, o que contribui para evidenciar que as relações e as preocupações com os trabalhadores não apresentavam fronteiras e não deveriam ser limitadas pela tão conhecida “linha de cor”. Mais do que um interesse pelas condições dos trabalhadores afro-americanos, há o interesse pelo ser humano e a expectativa de que ele alcançasse melhores dias. Durante anos, as informações sobre o que acontecia em outras partes do mundo tendo o negro como personagem foram apresentadas e discutidas na revista.

Quando se trata das correspondências enviadas para o editor de *The Crisis*, as temáticas variaram bastante. daquelas que foram publicadas, a maioria tinha como objetivo elogiar o trabalho e o empenho dos seus integrantes. Algumas também apresentaram um discurso agressivo e sustentavam a diferenciação entre as pessoas. Como apresentado na discussão sobre os procedimentos adotados pelos editores para a seleção de cartas atualmente, diversas das que estiveram nas páginas da revista da NAACP não seriam vistas pelo público da maioria dos jornais de nossos tempos. Correspondências longas, com uma gramática precária, que exigiam anonimato, dentre outras características, não são mais tão suscetíveis de serem aceitas para publicação.

Contudo, a revista de *The Crisis* tinha um objetivo claro. A exposição das situações que envolviam preferencialmente os afro-americanos e questões sobre adequações e termos de qualidade poderiam ser, de certo modo, negligenciadas. No início de suas atividades, tanto a NAACP quanto a revista *The Crisis* estavam procurando o que pode ser entendido como uma fórmula para discutir e expor os temas que tornavam as vidas dos afro-americanos degradantes. Nesse processo, todos os tipos de tópicos foram abordados como pode ser visto na seção “Along the Color Line” em que as mais diversas matérias, por vezes, tão corriqueiras, eram divulgadas para o público. Uma maneira de evidenciar que as conquistas estavam acontecendo.

A imagem do editor, Du Bois, como alguém que poderia trazer respostas para as queixas apresentadas foi umas das que mais permeou a crença dos leitores, que investiram um pouco do seu tempo para escrever suas notas e percepções sobre o que os rodeava. Embora ele não fosse o único a receber correspondências, o entendimento da maioria do público que o via como a um igual, ainda que ele não fosse em sua amplitude, deu margem para que diversos tipos de solicitações chegassem a sua mesa. Motivados muitas vezes por situações desesperadoras, esses leitores procuravam abertamente obter ajuda de um dos mais brilhantes porta-vozes do negro norte-americano como se ele tivesse todas as respostas. Cientes ou não dos estudos anteriores de Du Bois sobre a situação do trabalhador negro e do quanto se empenhava para a conquista de mais direitos e oportunidades, esses leitores enxergaram no editor de *The Crisis*, inserido em importantes instituições e escrevendo livros e artigos em múltiplos veículos de imprensa, a pessoa certa para aumentar suas oportunidades na vida. Ao contrário das solicitações, as respostas não foram impressas nas páginas da revista. Outros leitores-escritores procuraram, por sua vez, contribuir para o debate sobre a situação precária dos trabalhadores afro-americanos relatando como determinada situação se iniciava e se expandia, tal como na peonagem, ou em relatos mais pessoais por meio de exemplos sentidos na própria pele, ou que tinham conhecimento.

Em seu trabalho, por meio de seus artigos, Du Bois fomentou a ação do negro norte-americano para que não aceitasse mais as condições em que estava submetido. Em seus textos que trataram diretamente sobre o tema, repetidas vezes incentivou a migração do afro-americano para as demais regiões do país. Como uma forma de ponderação, alertava que, se possível, a transição fosse feita após uma pesquisa prévia sobre as características da localidade desejada. Artigos que pareciam mais denúncias também

tinham o propósito de jogar luz sobre as ocorrências que limitavam a mobilidade e a situação precária do homem do campo. Em diversos textos exemplificados na pesquisa, Du Bois alertou para as tentativas de impedir que o agricultor negro adquirisse a posse de terras e que permanecesse como um servo, tendo apenas a sua força de trabalho para vender. Como apresentado por ele, esses discursos eram fomentados por pessoas que ficavam incomodadas com o sucesso do negro que ao adquirir um pedaço de terra investia mais e obtinha rendimentos maiores que grande parte dos agricultores brancos, como pode ser visto nos artigos “The Negro and the Land” e “Land Segregation”. Nesses dois textos, criticou a atuação de um editor de revista voltada para o setor agrário que incentivava os seus leitores a enviarem cartas apoiando o seu projeto de segregação no campo. Como descrito pelo editor segregacionista, as cartas estavam chegando as centenas. Por essas e outras que a militância do editor de *The Crisis*, durante os anos abordados, era tão necessária.

A militância de Du Bois e o interesse dos leitores-escritores em exporem as questões envolvendo o afro-americano em seu árduo desafio de conseguir meios para se sustentar não teriam a efetividade que tiveram se não contassem também com o empenho da NAACP e de seus Associados. Nessa pesquisa, conseguimos ter uma noção mais detalhada de como homens e mulheres se empenharam para conquistar algo novo para a sociedade estadunidense de início de século XX. Suas atitudes não podem ser consideradas imparciais ou desprovidas de emoção quanto à busca por melhores condições de vida para o negro no país. Os membros da instituição se empenharam para além da formalidade e trataram de problemáticas ultrapassando os limites de suas responsabilidades. Correspondência enviada para um condenado à morte com o intuito de lhe dar esperança, como a enviada pela secretária Blascoer, ou a utilização de seus próprios meios pessoais para divulgar uma campanha ou uma decisão judicial, como as empreendidas por Villard ou, ainda, o risco existente em exigir explicações de membros que coordenavam um grupo militar, como as de Martha Gruening e do próprio Du Bois, para citar alguns, demonstram que aqueles relacionados com a NAACP estavam realmente querendo fazer a diferença.

Ainda que a pesquisa não tenha a possibilidade de mensurar a quantidade de cartas que não foram impressas, seja pelo fato dos envolvidos com a revista terem esperado, talvez demais, por uma oportunidade para sua publicação ou por ter um conteúdo indevido, as que foram mostradas representam um entendimento sobre as mais diversas

questões e, essencialmente, sobre as limitações a que os trabalhadores negros estavam submetidos. No meio urbano ou rural, em fábricas ou residências, os afro-americanos sempre se empenharam por mudar a sua condição. Os relatos daqueles que se comoviam com sua luta ou que também estavam inseridos na situação, mostram-se extremamente válidos para reforçar a noção de que por mais que a rígida estrutura da sociedade estadunidense os subjugasse, tinha o interesse em se organizar e enfrentar seus problemas. Em sua jornada contaram com o auxílio de pessoas que se empenharam para verem realizadas suas pretensões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

Edições da revista *The Crisis* obtidas do projeto The Modernist Journals Project. Disponível em: <https://modjournal.org/journal/crisis/>.

Fotografia de Du Bois, Correspondências envolvendo Du Bois fora de *The Crisis*, Declaração de Princípios do Movimento Niágara como parte da coleção da W. E. B. Du Bois Papers, 1803-1999 (bulk 1877-1963). Disponível em: <https://credo.library.umass.edu/view/collection/mums312>.

Artigo convocando pessoas interessadas em discutir o problema racial (“The Call”) e Troca de correspondência entre o afro-americano Pink Franklin e a Secretária da NAACP, Frances Blascoer como parte da exibição NAACP: A Century in the Fight for Freedom (Founding and Early Years). Disponível em: <https://www.loc.gov/exhibits/naacp/founding-and-early-years.html>.

Documentos e resoluções

Publications of the International Association of Unemployment and of Its National Sections. *MONTHLY REVIEW OF THE U.S. BUREAU OF LABOR STATISTICS*, v. 2, n. 4, Apr. 1916, pp. 85-91. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41822968>.

Fourteenth Census of the United States Taken in the Year 1920. Population 1920, Occupations. Department of Commerce: Bureau of the Census, V. 4, p. 358-359. Disponível em: <https://www2.census.gov/library/publications/decennial/1920/volume-4/41084484v4ch04.pdf>.

Anti-Peonage Act of 1867. Disponível em: https://www.statutesandstories.com/blog_html/peonage-act-of-1876/.

Decisão da Suprema Corte da Carolina do Sul no Caso Pink Franklin. Disponível em: <https://www.casemine.com/judgement/us/5914cee8add7b0493481da87#>.

Decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos no Caso Pink Franklin. Disponível em: <https://tile.loc.gov/storage-services/service/ll/usrep/usrep218/usrep218161/usrep218161.pdf>.

Decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos no Caso Alonzo Bailey. Disponível em: <https://tile.loc.gov/storage-services/service/ll/usrep/usrep219/usrep219219/usrep219219.pdf>.

First Biennial Report of the Inspectors of Convicts to the Governor: From October 1, 1884, to October 1, 1886. Montgomery, Ala.: Barret & Co., State Printers and Binders, 1886, p. 332. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uiug.30112044298641&view=1up&seq=1>.

RANDOLPH, Asa Philip; OWEN, Chandler. *The Truth about Lynching*. New York: Cosmo-Advocate Pub. Co., [1917?]. Disponível em: <https://ia904503.us.archive.org/4/items/truthaboutlynchi00rand/truthaboutlynchi00rand.pdf>.

Report of Proceedings of the Thirtieth Annual Convention of the American Federation of Labor: Held at St. Louis, Missouri, November 14 to 26, Inclusive 1910. Washington, D. C.: The Law Reporter Printing Company, 1910, p. 38. Disponível em: <https://archive.org/details/ProceedingsOfTheAnnualConventionOfThAmericanFederationOfLabor/>.

The 1916 Rising: Personalities & Perspectives. Roger Casement. Internet Archive Wayback Machine. 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080228100752/http://www.nli.ie/1916/pdf/5.pdf>.

LOEB, J. Freedom of Will and War. *THE NEW REVIEW*, v. 2, n. 11, p. 631-636, Nov. 1914. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/usa/pubs/newreview/1914/v2n11-nov-1914.pdf>.

BOOKER, T. Washington. Inferior and Superior Races. In: *THE NORTH AMERICAN REVIEW*, Boston, v. 201, n. 713, Apr., 1915, p. 539. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25108427>.

International Conciliation Special Bulletin. New York City: American Association for International Conciliation, June, 1918, p. 23-25. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=loc.ark:/13960/t3417nr9x&view=1up&seq=4>. OK

Address by Prof. Horace Meyer Kallen. The Future of Africa and a League of Nations. *AFRICAN IN THE WORLD DEMOCRACY*. National Association for the Advancement of Colored People. New York: NAACP, 1919, p. 7. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/102483128>.

The Call: Disponível em: <https://www.loc.gov/exhibits/naacp/founding-and-early-years.html#obj2>.

Livros

ALEXANDER, Leslie M.; RUCKER, Walter C. *Encyclopedia of African American history*. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2010.

ANDREW, C. M.; KANYA-FORSTNER, A. S. *France overseas: the great war and the climax of French imperial expansion*. London: Thames & Hudson, 1982.

APTHEKER, Herbert (Ed.). *The correspondence of W. E. B. Du Bois*: Volume 1, selections 1877-1934. Amherst, Massachusetts: The University of Massachusetts Press, 1973.

ARNESEN, Eric (Ed.). *Encyclopedia of U.S. labor and working-class history*. New York; London: Routledge, 2007.

ASCOLI, Peter M. *Julius Rosenwald: the man who built Sears, Roebuck and advanced the cause of Black education in the American South*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2006.

BLIGHT, David W (Ed.). *Passages to Freedom: The Underground Railroad in History and Memory*. Washington, D. C.: Smithsonian Books, 2004.

BROOKS, Brian S. et al. *News Reporting and Writing*. Boston; New York: Bedford/St Martin's, 2014.

BROWN, Nikki L. M; STENTIFORD, Barry M. (Eds.). *The Jim Crow Encyclopedia*. Westport, Connecticut; London: Greenwood Press, v. 1, 2008.

BRUNDAGE, W. Fitzhugh. *Lynching in the New South: Georgia and Virginia, 1880-1930*. Urbana: University of Illinois Press, 1993.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, MARIA Lúgia. *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal "O Estado de São Paulo"*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

CARRIGAN, William D.; WEBB, Clive. *Forgotten dead: mob violence against Mexicans in the United States, 1848-1928*. New York: Oxford University Press, 2013.

CARROLL, Anne Elizabeth. *Word, image, and the New Negro: representation and identity in the Harlem Renaissance*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2007.

CARSON, Mina. *Settlement folk: social thought and the American settlement movement, 1885-1930*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

CROLY, Herbert. *The Promise of American Life*. New York: Cosimo Classics, 2005.

CRIPPS, Thomas. *Slow fade to black: the Negro in American film, 1900-1942*. Oxford; New York: Oxford University Press, 1993.

DANSON, Edwin. *Drawing the line: how Mason and Dixon surveyed the most famous border in America*. New York: John Wiley & Sons, 2001.

DOWNEY, Denny B; HYSER, Raymond M. *No crooked death: Coatesville, Pennsylvania, and the lynching of Zachariah Walker*. Urbana: University of Illinois Press, 1991. OK

_____. *Coatesville and the lynching of Zachariah Walker: death in a Pennsylvania steel town*. Charleston: The History Press, 2013 (E-book).

DU BOIS, W. E. B. *The Philadelphia Negro: a social study*. New York: Schocken Books, 1967.

_____. *The autobiography of W. E. B. Du Bois: a soliloquy on viewing my life from the last decade of its first century*. New York: International Publishers, 1988.

_____. *As almas da gente negra*: Tradução Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed. 1999.

_____. *Dusk of Dawn*: an essay toward an autobiography of a race concept. New York: Oxford University Press, 2007.

_____. *Darkwater*: Voices from within the Veil. Mineola, New York: Dover Publication, Inc., 2012, s. n. (Dover Books on Literature and Drama).

DUSTER, Alfreda M. (Ed.). *Crusade for Justice*: the autobiography of Ida B. Wells. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1970.

FIELDS, Karen E.; FIELDS, Barbara J. *Racecraft*: the soul of inequality in American life. London; New York: Verso, 2012.

FONER, Philip S. *History of the Labor Movement in the United States*: Volume III: The Policies and Practices of the American Federation of Labor, 1900-1909. New York: International Publisher, 1977.

FONER, Philip S. *Organized Labor and the Black Worker*: 1619-1981. Chicago, Illinois: Haymarket Books, 2017.

FREDRICKSON, George M. *Racism*: a short history. Princeton, N.J: Princeton University Press, 2002.

FREEMAN, Gregory A. *Lay this body down*: the 1921 murder of eleven plantation slaves. Chicago: Laurence Hill Books, 1999.

GRAHAM JR., Otis L. *Unguarded Gates*: A History of America's Immigration Crisis. Lanham, Md.: Rowman and Littlefield Publishers, Inc., 2004.

GREEN, Fletcher M.; COPELAND, J. Isaac (Ed.). *Democracy in the Old South*: and other essays. Kingsport, Tennessee: Vanderbilt University Press, 1969.

GREEN, James. *Death in the Haymarket*: a story of Chicago, the first labor movement and the bombing the divided gilded age America. New York: Anchor Books, 2006.

GREENE, Julie. *Pure and simple politics*: the American Federation of Labor and political activism, 1881-1917. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004.

GREGORY, James N. *The southern diaspora*: how the great migrations of Black and White Southerners transformed America. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2005.

GROSSMAN, James R. *Land of hope*: Chicago, Black southerners, and the Great Migration. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1991.

HALL, Stuart; CRITCHER, Chas et al. *Policing the crisis*: mugging, the State, and law and order. London: The Macmillan Press Ltd., 1978.

HARRIS, Leslie M. *In the shadow of slavery: African Americans in New York City, 1626-1863*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2004.

HENDERSON, George; OLASIJI, Thompson. *Migrants, immigrants, and slaves: racial and ethnic groups in America*. Laham, Maryland: University Press of America, 1995.

HIGGS, Robert. *Competition and coercion: blacks in the American economy, 1865-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

HIRSHSON, Stanley P. *Grenville M. Dodge: Soldier, Politician, Railroad Pioneer*. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

HOFFMAN, Frederick L. The Race Traits and Tendencies in the American Negro. In: *Publications of the American Economic Association*, v. 11, n. 1/3 (Jan. – Mar. – May, 1896), pp. 1-329.

HORNE, Gerald. *W.E.B. Du Bois: a biography*. Santa Barbara, Ca. Greenwood Press, 2010.

HORSMAN, Reginald. *Race and manifest destiny: The origins of American racial Anglo-Saxonism*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1981.

JONAS, Gilbert. *Freedom's sword: the NAACP and the struggle against racism in America, 1909-1969*. New York; London: Routledge, 2005.

JONES, Angela. *African American civil rights: early activism and the Niagara Movement*. Santa Barbara, California: Praeger, 2011.

KARNAL, Leandro, et. al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

KELLOGG, Charles Flint. *NAACP: a history of the National Association for the Advancement of Colored People*. Vol.1 (1909-1920), Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press, 1973.

KIRSCHKE, Amy Helene. *Art in crisis: W. E. B. Du Bois and the struggle for African American identity and memory*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2007.

LAYTON, John. *Exploring the Mason-Dixon Line: walking in the footsteps of history*. Franklin, Tenn.: American History Press, 2010.

LEWIS, David Levering. *W. E. B. Du Bois: biography of a race, 1868-1919*. New York: Owl Books, 1993.

LOGAN, Rayford W. *The Betrayal of the Negro: From Rutherford B. Hayes to Woodrow Wilson*. New York: Da Capo Press, 1997.

MANCINI, Mathew J. *One dies, get another: convict leasing in the American South, 1866-1928*. Columbia, SC: University of South Carolina Press, 1996.

MCDUFFIE, Erik S. *Sojourning for Freedom: Black Women, American Communism, and the Making of the Black Left Feminism*. Durham; London: Duke University Press, 2011.

MCLAUGHLIN, Malcolm. *Power, community, and racial killing in East St. Louis*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MESSER-KRUSE, Timothy. *The trial of the Haymarket Anarchist: terrorism and justice in Gilded Age*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

MILLER, Vivien M. L. *Hard labor and hard times: Florida's "Sunshine Prison" and chain gangs*. Gainesville: University Press of Florida, 2012.

MORENO, Paul D. *Black Americans and Organized Labor: a new history*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006. E-book.

MORRIS, Aldo D. *The scholar denied: W. E. B. Du Bois and the birth of the modern sociology*. Oakland, California: University of California Press, 2015.

MYRDAL, Gunnar. *An American Dilemma: the negro problem and modern democracy*. New York; London: Harper & Brothers Publishers, 1944.

NEVIS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. *Breve História dos Estados Unidos*. Tradução de Luiz Roberto de Godoi Vidal. São Paulo: Editora Alfa-Omega LTDA., 1986.

NICHOLS, Christopher McKnight; UNGER, Nancy C. (Eds.). *A companion to the Gilded Age and Progressive Era*. Chichester, West Sussex, UK: Wiley Blackwell, 2017.

OUBRE, Claude F. *Forty Acres and a Mule: The Freedmen's Bureau and Black Land Ownership*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1978.

PETTY, Reginald; LEE, Tiffany. *Legendary East St. Louisans*. East St. Louis: TiffanyRose Publishing, 2016.

PIOTT, Steven L. *Daily life in the progressive era*. Santa Barbara: Greenwood, 2011.

POWELL, J. C. *The American Siberia: or fourteen years' experience in a southern convict camp*. Chicago: Homewood Publishing Company, 1893.

PROVENZO, JR., Eugene F; ABAKA, Edmund (Eds.). *W. E. B. Du Bois on Africa*. London; New York: Routledge, 2012.

REICH, Steven. *A working people: a history of African American workers since emancipation*. Lanham, Maryland: Rowman&Littlefield Publishers, Inc., 2013.

RUDWICK, Elliot M. *Race riot at East St. Louis, July 2, 1917*. Urbana: University of Illinois Press, 1982. (Blacks in the New World).

SENECHAL DE LA ROCHE, Roberta. *In Lincoln's shadow: the 1908 race riot in Springfield, Illinois*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2008.

SILVA, Marisa Torres da. *As cartas dos leitores na imprensa portuguesa: uma forma de comunicação e debate do público*. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

SLAUGHTER, Thomas P. *Bloody Dawn: the Christiana riot and the racial violence in the antebellum North*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1991.

SMITH, Shawn Michelle. *Photography on the Color Line: W. E. B. Du Bois, Race, and Visual Culture*. Durham; London: Duke University Press, 2004.

RUDWICK, Elliot M. *Race riot at East St. Louis, July 2, 1917*. Urbana: University of Illinois Press, 1982, p. 4. (Blacks in the New World).

RITZER, G.; STEPNIISKY, J. *The Wiley-Blackwell Companion to Major Social Theorists*, Vol. 1, Classical Theorists. Malden, MA: Wiley-Blackwell.

VOSS, Carl Hermann. *A Summons Unto Men: An Anthology of the Writings of John Haynes Holmes*. New York: Simon and Shuster, 1972.

WASHBURN, Patrick S. *The African American newspaper: voice of freedom*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2006.

WELLS, H. G. *What is Coming? A Forecast of Things After de War*. Good Press, 2022. E-Book.

WILSON, Sondra Kathryn (Ed.). *The Crisis Reader: stories, poetry, and essays from N.A.A.C.P.'s Crisis magazine*. New York: The Modern Library, 1999.

WONHAM, Henry B. *Playing the races: ethnic caricature and American literary realism*. New York: Oxford University Press, 2004.

WOOD, Gordon S. *The American revolution: a history*. New York: Modern Library, 2002. OK

WOODLEY, Jenny. *Art for equality: the NAACP's cultural campaign for civil rights*. Lexington, Kentucky: University Press of Kentucky, 2014.

WOODWARD, C. Vann. *The Strange Career of Jim Crow*. Oxford: New York: Oxford University Press, [1955] 2002.

WOODWARD, C. Vann. *Origins of the New South: 1877-1913*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1971. (A History of the South)

ZIEGER, Robert H. *For Jobs and Freedom: race and labor in America since 1865*. Lexington, Kentucky: The University Press of Kentucky, 2007.

Artigos

ADAMSON, Christopher R. Punishment after Slavery: southern state penal systems, 1865-1890. In: *SOCIAL PROBLEMS*, v. 30, n. 5, Jun., 1983, p. 555-569. (Thematic Issue on Justice).

ASTHON, Susanna. Du Bois's "Horizon": Documenting Movements of the Color Line. In: *MELUS*, v. 26, n. 4, Winter, 2001, p. 3-23. (African American Literature).

BOLFARINE, M. Roger Casement e o Congo Belga: o trauma do imperialismo na ficção. In: *REVISTA PORTO DAS LETRAS*, v. 6, n. 4, 2020, p. 15-32. Literaturas em Língua Inglesa.

BRACEY JR., John H. The NAACP as a Reform Movement, 1909-1965: To Reach the Conscience of America". In: *THE JOURNAL OF SOUTHERN HISTORY*, v. 59, n. 1, Feb., 1993, p. 3-30.

BROWN, Robert M. The Mississippi River Flood of 1912. In: *BULLETIN OF THE AMERICAN GEOGRAPHICAL SOCIETY*, v. 44, n. 9, 1912, pp. 645-657.

BROWNE, Jaron. Rooted in Slavery: Prison Labor Exploitation. In: *RACE, POVERTY & THE ENVIRONMENT*, v. 14, n. 1, Spring 2007, p. 42-44. (Just Jobs? Organizing for Economic Justice).

BURKE, W. Lewis. Pink Franklin v. South Carolina: The NAACP's First Case. In: *AMERICAN JOURNAL OF LEGAL HISTORY*, v. 54, n. 3, p. 265-302, 2014.

CAPECI JR., Dominic J.; KNIGHT, Jack C. Reckoning with Violence: W. E. B. Du Bois and the 1906 Atlanta Race Riot. In: *THE JOURNAL OF SOUTHERN HISTORY*, v. 62, n. 4, Nov., 1996, p. 727-766.

CARPER, N. Gordon. Slavery Revisited: Peonage in the South. In: *PHYLON (1960-)*, v. 37, n. 1, 1st Qtr., 1976, p. 85-99.

COHEN, William. Negro Involuntary Servitude in the South, 1865-1940: A Preliminary Analysis. In: *THE JOURNAL OF SOUTHERN HISTORY*, v. 42, n. 1, Feb., 1976, p. 31-60.

DANIEL, Pete. Up from Slavery and Down to Peonage: The Alonzo Bailey Case. In: *THE JOURNAL OF AMERICAN HISTORY*, v. 57, n. 3, Dec., 1970, p. 654-670.

DROBNEY, Jeffrey A. Where Palm and Pine are Blowing: Convict Labor in the North Florida Turpentine Industry, 1877-1923. In: *THE FLORIDA HISTORICAL QUARTERLY*, v. 72, n. 4, Apr., 1994, p. 411-434.

DU BOIS, W. E. B. (Ed.). *Some Efforts of American Negroes For Their Own Social Betterment*. Report of an investigation under the direction of Atlanta University; together

with the proceedings of the Third Conference for the study of the Negro Problems, held at Atlanta University, May 25-26, 1898. Atlanta, Ga.: University of Atlanta Press, 1898.

_____. *The Negroes of Farmville, Virginia: A social study.* In: Bulletin of the Department of Labor. N. 14, January, 1898. Washington: Government Printing Office.

_____. *The Philadelphia Negro: a social study.* New York: Schocken Books, [1899] 1967.

_____. *The Negro in Business. Report of a Social Study Made Under the Direction of Atlanta University; Together with the Proceedings of the Fourth Conference for the Study of the Negro Problems, Held at Atlanta University, May 30-31.* Atlanta, Ga., 1899.

_____. *The Negro Landholder of Georgia.* In: *Bulletin of The Department of Labor*, v. 6, n. 35, July, 1901. Washington: Government Print Office.

_____. *The Negro Artisan: Report of a Social Study Made under the Direction of Atlanta University; Together with the Proceedings of the Seventh Conference for the Study of Negro Problems, Held at Atlanta University, on May 27th, 1902.* Atlanta, Ga.: Atlanta University Press, 1902.

_____. *The Negro Farmer.* In: *Department of Commerce and Labor. Bureau of Census, Negroes in the United States. Bulletin 8.* Washington: Government Printing Office, 1904, p. 69-98.

_____. *The Economic Future of the Negro.* In: *Publications of the American Economic Association*, 3rd. Series, v. 7, n. 1, Feb., 1906, p. 219-242.

_____; DILL, Augustus G. *The Negro American Artisan: A Social Study made by Atlanta University, under the patronage of the Trustees of the John F. Slater Fund.* Atlanta, Ga.: The Atlanta University Press, 1912.

DZANOUNI, Lamia; LE DANTEC-LOWRY, H el ene; PARFAIT, Claire. From One Crisis to the Other: History and Literature in The Crisis from 1910 to the Early 1920s. In: *EUROPEAN JOURNAL OF AMERICAN STUDIES*, v. 11, n. 1, 2016, p. 1-24. (Special Issue: Intimate Frictions: History and Literature in the United States from the 19th to 21st Century).

EISENBERG, Bernard. Only for the Bourgeois? James Weldon Johnson and the NAACP, 1916-1930. In: *PHYLON (1960-)*, v. 43, n. 2, 2nd Qtr., 1982, p. 110-124.

FRANKLIN, V. P. W. E. B. Du Bois as a Journalist. In: *THE JOURNAL OF NEGRO EDUCATION*, v. 56, n. 2, Spring, 1987, p. 240-244.

FRANKLIN, V. P. Introduction: Documenting The NAACP'S First Century – From Combating Racial Injustices to Challenging Racial Inequalities. In: *THE JOURNAL OF*

AFRICAN AMERICAN HISTORY, v. 94, n. 4, Fall, 2009, p. 453-463. (Special Issue: "Documenting the NAACP's First Century").

HALEY, Sarah. "Like I Was a Man": Chain Gangs, Gender, and the Domestic Carceral Sphere in Jim Crow Georgia. In: *SIGNS*, v. 39, n. 1, Autumn, 2013, p. 53-77. (Women, Gender, and Prison: National and Global Perspectives).

HYNDS, Ernest C. Editorial Page Editors Discuss Use of Letters. In: *NEWSPAPER RESEARCH JOURNAL*, Fall 1991, p. 124-136.

JOHNSTON, Allan. Being Free: Black Migration and the Civil War. In: *AUSTRALIAN JOURNAL OF AMERICAN STUDIES*, v. 6, n. 1, July, 1987, p. 3-21.

KILLYNGRAY, David; MATTHEWS, James. Beasts of Burden: British West African Carries in the First World War. *CANADIAN JOURNAL OF AFRICAN STUDIES/REVUE CANADIENNE DES ÉTUDES AFRICAINES*, v. 13, n. 1/2, p. 7-23, 1979.

KILLINGRAY, David. Labour Exploitation for Military Campaigns in British Colonial Africa 1870-1945. In: *JOURNAL OF CONTEMPORARY HISTORY*, v. 24, n. 3, July, 1989, p. 483-501.

LICHTENSTEIN, Alex. Good Roads and Chain Gangs in the Progressive South: "The Negro Convict is a Slave". In: *THE JOURNAL OF SOUTHERN HISTORY*, v. 59, n. 1, Feb., 1993, p. 85-110.

MARKS, Carole. Black Workers and the Great Migration North. In: *PHYLON* (1960-), v. 46, n. 2, 2nd Qtr., 1985, p. 148-161.

MARTIN, Gregory. German and French perceptions of the French North and West African contingents, 1910-1918. *MILITAERGESCHICHTLICHE ZEITSCHRIFT*, v. 56, n. 1, 1997, p. 31-68.

MATKIN-RAWN, Story. "The Great Negro State of the Country": Arkansas's Reconstruction and the Other Great Migration. In: *THE ARKANSAS HISTORICAL QUARTERLY*, v. 72, n. 1, Spring, 2013, p. 1-41.

MCCORKLE, JR. James L. The Louisiana "Buy-A-Bale" of Cotton Movement, 1914. In: *LOUISIANA HISTORY: THE JOURNAL OF LOUISIANA HISTORICAL ASSOCIATION*, v. 15, n. 2, Spring, 1974, pp. 133-152.

MCKELVEY, Blake. Penal Slavery and Southern Reconstruction. In: *THE JOURNAL OF NEGRO HISTORY*, v. 20, n. 2, Apr., 1935, p. 153-179.

MCLAUGHLIN, Malcolm. Reconsidering the East St. Louis Race Riot of 1917. In: *INTERNATIONAL REVIEW OF SOCIAL HISTORY*, v. 47, n. 2, Aug., 2002, p. 187-212.

MCNAIR, Brian. Journalism and Democracy: a millennial audit. In: *JOURNALISM STUDIES*, v. 1, n. 2, 2000, p. 197-211.

MOORE, Linda S. Women and the Emergence of the NAACP. In: *JOURNAL OF SOCIAL WORK EDUCATION*, v. 49, n. 3, Summer, 1913, p. 476-489.

NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. Uma Era de contradições: segregação e resistência afro-americana no período progressista, 1890-1920. In: *REVISTA ELETRÔNICA DA ANPHLAC*, n. 27, p. 103-143, Ago./, Dez., 2019.

NOVAES, Ana Maria Pires. O discurso dialógico no gênero cartas do leitor. In: *e-escrita: REVISTA DO CURSO DE LETRAS DA UNIABEU*, Nilópolis, v. 3, n. 2, Mai.-Ago., 2012, p. 1-12.

PARTINGTON, Paul G. The Moon Illustrated Weekly – The Precursor of The Crisis. In: *THE JOURNAL OF NEGRO HISTORY*, v. 48, n. 3, July 1963, p. 206-216.

PRASCH, Robert E. W. E. B. Du Bois's Contributions to U. S. Economics (1893-1910). In: *DU BOIS REVIEW: SOCIAL SCIENCE RESEARCH ON RACE*, v. 5, n. 2, Fall, 2008, p. 309-324. (W. E. B. Du Bois Institute for African and African American Research).

READER, Bill; Stempel III, Guido H.; DANIEL, Douglas K. Age, Wealth, Education Predict Letters to Editor. In: *NEWSPAPER RESEARCH JOURNAL*, v. 25, n. 4, Fall, 2004.

_____. An Ethical “Blind Spot”: Problems of Anonymous Letters to the Editor. In: *JOURNAL OF MASS MEDIA ETHICS*, v. 20, n. 1, 2005, p. 62-76.

RESÉNDEZ, Andrés. North American Peonage. In: *JOURNAL OF CIVIL WAR ERA*, v. 7, n. 4, Crises of Sovereignty in the 1860s: A Special Issue, Dec. 2017, pp. 597-619. University of North Carolina Press.

ROBERTS, Derrell. Joseph E. Brown and the Convict Lease System. In: *THE GEORGIA HISTORICAL QUARTERLY*, v. 44, n. 4, Dec., 1960, p. 399-410.

RUDWICK, Elliott M. W. E. B. Du Bois and the Atlanta University Studies on the Negro. In: *THE JOURNAL OF NEGRO EDUCATION*, v. 26, n. 4, Autumn, 1957b, p. 466-476.

_____. W. E. B. Du Bois in the Role of Crisis Editor. In: *THE JOURNAL OF NEGRO HISTORY*, v. 43, n. 3, Jul., 1958a, p. 214-240.

_____. Du Bois' Last Year as Crisis Editor. In: *The Journal of Negro Education*, v. 27, n. 4, autumn 1958b, p. 526-533.

_____. East St. Louis and the “Colonization Conspiracy” of 1916. In: *THE JOURNAL OF NEGRO EDUCATION*, v. 33, n. 1, Winter, 1964, p. 35-42.

RUNCIE, John. “Hunting the Nigs” in Philadelphia: the race riot of August 1834. In: *PENNSYLVANIA HISTORY: A JOURNAL OF MID-ATLANTIC STUDIES*, v. 39, n. 2, April, 1972, p. 187-218.

SHEPARD, R. Bruce. Diplomatic Racism Canadian Government and Black Migration from Oklahoma, 1905-1912. In: *GREAT PLAINS QUARTERLY*, v. 3, n. 1, Winter 1983, p. 5-16.

SILVA, Marisa Torres da. As “cartas ao director” no jornal *Público*: um estudo de caso. In: LIVRO DE ACTAS-4ª SOPCOM, 2005, p. 1213-1222.

_____. As cartas dos leitores no Público e no Diário de Notícias. In: *OBSERVATÓRIO*, n. 5, 2008, p. 263-279.

_____. A imprensa e o seu público: a visão dos directores e jornalistas sobre as cartas dos leitores. In: SOPCOM, 6, 2009.

SOTILLO, Susana M.; STARACE-NASTACI, Dana. Political discourse of a working-class town. In: *DISCOURSE & SOCIETY*, v. 10, n. 3, 1999, p. 411-438.

WAHL-JORGENSEN, Karin. Letters to the Editor as a Forum for Public Deliberation: Modes of Publicity and Democratic Debate. In: *CRITICAL STUDIES IN MEDIA COMMUNICATION*, v. 18, n. 3, Sep. 2001, p. 303-320.

_____. *Understanding the Conditions for Public Discourse: four rules for selecting letters to the editor*. In: *JOURNALISM STUDIES*, v. 3, n. 1, 2002, p. 69-81

WARD, John. Chapman. Vachel Lindsay Is “Lying Low”. In: *COLLEGE LITERATURE*, v. 12, n. 3, Fall, 1985, p. 233-245.

WOLGEMUTH, Kathleen L. Woodrow Wilson and Federal Segregation. In: *THE JOURNAL OF NEGRO HISTORY*, v. 44, n. 2, Apr., 1959, p. 158-173.

WORGER, William H. Convict Labor, Industrialists and the State in the US South and South Africa, 1870-1930. In: *JOURNAL OF SOUTHERN AFRICAN STUDIES*, v. 30, n. 1, Mar., 2004, p. 63-86. (Special Issue: Race and Class in South Africa and the United States).

ZIMMERMAN, Jane. The Penal Reform Movement during the Progressive Era, 1890-1917. In: *THE JOURNAL OF SOUTHERN HISTORY*, v. 17, n. 4, Nov., 1951, p. 462-492.

Teses e Dissertações

ARNDT, Murray Dennis. *The Crisis Years of W. E. B. Du Bois, 1910-1934*. Dissertation (Language and Literature, modern), Duke University, Ph. D., 1971.

DAVIS, S. C. *Reservoirs of men: a history of the black troops of French West Africa*. (Thèse, Université de Genève), Chambourg, 1934.

KIMBROUGH, Marvin Gordon. *W. E. B. DUBOIS as Editor of The Crisis*. Dissertation (Doctor of Philosophy), The University of Texas at Austin, Ph. D., 1974.

NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. *Representando o “Novo” Negro Norte-Americano: W. E. B. Du Bois e a Revista The Crisis, 1910-1920*. Dissertação de Mestrado em História Social, FFLCH-USP, São Paulo, 2015.

Artigos Consultados de Websites

GRIFFITH, Nancy Snell. *Steve Green (1862? - ?)* In: Encyclopedia of Arkansas. Disponível em: <https://encyclopediaofarkansas.net/entries/steve-green-13560/>.

GRIM, Ryan; SCHWARZ, Jon. *Uma breve história dos agentes infiltrados em protestos nos EUA*: Infiltrados pela polícia participam de protestos para torná-los violentos e ajudar a moldar a opinião pública contra os manifestantes e suas demandas. Tradução de Débora Leão, 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/06/07/breve-historia-agentes-infiltrados-protestos-eua/>.

KUMAR, Anu. How a runaway from Punjab with little ‘knowledge of English’ became a coveted writer for US papers. Disponível em: <https://scroll.in/global/976357/how-a-runaway-from-punjab-with-little-knowledge-of-english-became-a-coveted-writer-for-us-papers>.

JOHNSON, Doria Dee. Anthony Crawford – Father, Husband, Wealthy-Landowner, Farmer. In: *ABHM: American’s Black Holocaust Museum*. 2011. Disponível em: <https://www.abhmuseum.org/anthony-crawford/>.

MARONEY, James C. Great Southwest Strike. In: *Texas State Historical Association (TSHA)*. Disponível em: <https://www.tshaonline.org/handbook/entries/great-southwest-strike>.

THORBURN, Mark. *John S. Williams and Clyde Manning Trials: 1921*. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/law/law-magazines/john-s-williams-and-clyde-manning-trials-1921>.

Sites

<https://www.britannica.com/topic/The-Crisis-American-magazine>.

<https://www.casemine.com/judgement/us/5914cee8add7b0493481da87#>.

<https://cdm21048.contentdm.oclc.org/digital/collection/p21048coll31/search>.

<https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/mobocracy>.

<https://case.edu/ech/articles/d/davis-harry-edward>.

<https://credo.library.umass.edu/view/pageturn/mums312-b005-i083/#page/1/mode/1up>.

<https://www.newyorkalmanack.com/2017/04/idealist-on-the-hudson-martha-gruenings-libertarian-school/>.

<https://www.thecrisismagazine.com/>.

<https://www.theguardian.com/cities/2017/aug/21/arizona-phoenix-concentration-camp-tent-city-jail-joe-arpaio-immigration>.

<https://tile.loc.gov/storage-services/service/l/usrep/usrep218/usrep218161/usrep218161.pdf>.

<http://explorepahistory.com/hmarker.php?markerId=1-A-3DB>.

<http://www.legalnews.com/detroit/1429501>.

<https://www.ncpedia.org/charlotte-observer>.

<https://wacohistory.org/items/show/213>.